Alfredo Boulos

7

História
Sociedade & Cidadania

MANUAL DO PROFESSOR

Maracatu

FTD

História
Sociedade & Cidadania

7

ALFREDO BOULOS JÚNIOR

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo. Lecionou na rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares. É autor de coleções paradidáticas. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

MANUAL DO PROFESSOR

DIVULGAÇÃO
PNLD 2020
FTD

Ensino Fundamental – Anos Finais

Componente curricular: História

4ª edição – São Paulo – 2018

FTD

Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2018.

Diretor editorial	Antonio Luiz da Silva Rios
Diretora editorial adjunta	Silvana Rossi Júlio
Gerente editorial	Flávia Renata P. A. Fugita
Editor	João Carlos Ribeiro Jr.
Editores assistentes	Bárbara Berges, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Rui C. Dias
Assistente editorial	Carolina Bussolaro Marciano
Gerente de produção editorial	Mariana Milani
Coordenador de produção editorial	Marcelo Henrique Ferreira Fontes
Gerente de arte	Ricardo Borges
Coordenadora de arte	Daniela Máximo
Projeto gráfico	Sergio Cândido
Projeto de capa	Carolina Ferreira
Foto de capa	Ricardo Teles/Pulsar Imagens
Supervisor de arte	Vinícius Fernandes
Editor de arte	Edgar Sgai, Felipe Borba
Diagramação	Claritas Comunicação
Tratamento de imagens	Ana Isabela Pithan Maraschin, Eziquiel Racheti
Coordenadora de ilustrações e cartografia	Marcia Berne
Ilustrações	Carlos Bourdiel, Editoria de Arte, Getulio Delphim, HECTOR GOMEZ, Manzi, Marcelo Camacho/Conexão, Mozart Couto, Osvaldo Sequetin, Renato Bassani
Cartografia	Allmaps, Maps World, Studio Caparroz
Coordenadora de preparação e revisão	Lilian Semenichin
Supervisora de preparação e revisão	Viviam Moreira
Revisão	Adriana Périco, Camila Cipoloni, Carina de Luca, Célia Camargo, Felipe Bio, Fernanda Marcelino, Fernanda Rodrigues, Fernando Cardoso, Heloisa Beraldo, Iracema Fantaguci, Paulo Andrade, Pedro Fandi, Rita Lopes, Sônia Cervantes, Veridiana Maenaka
Supervisora de iconografia e licenciamento de textos	Elaine Bueno
Iconografia	Amanda Loos Von Losimfeldt, Caio Mazzilli, Daniel Cymbalista, Priscilla Liberato Narciso
Licenciamento de textos	Erica Brambila, Vanessa Trindade
Supervisora de arquivos de segurança	Silvia Regina E. Almeida
Diretor de operações e produção gráfica	Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boulos Júnior, Alfredo
História sociedade & cidadania : 7º ano : ensino fundamental : anos finais / Alfredo Boulos Júnior. — 4. ed. — São Paulo : FTD, 2018.

"Componente curricular: História."
ISBN 978-85-96-01976-7 (aluno)
ISBN 978-85-96-01977-4 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

18-20755 CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB–8/9427

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Imagem de capa:

A fotografia registra um momento do maracatu rural de Aliança, no estado de Pernambuco, em 2015. O maracatu rural é uma manifestação cultural afro-brasileira que costuma ocorrer entre o Carnaval e a Páscoa. Também conhecido como maracatu de baque solto ou maracatu de orquestra, ele é formado pela associação de dança, música e poesia.

Esse tipo de maracatu foi criado pelos trabalhadores rurais da Zona da Mata de Pernambuco, na virada do século XIX para o século XX. A proximidade temporal com a abolição faz com que os pesquisadores considerem essa festa uma brincadeira do negro liberto. Desde 2014, o maracatu rural é considerado patrimônio imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.
Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

SUMÁRIO

1. METODOLOGIA DA HISTÓRIA IV

1.1 Visão de área IV
1.2 Correntes historiográficas V
1.3 Pressupostos teóricos VII
1.4 Objetivos para o ensino de História VIII
1.5 Conceitos-chave da área de História VIII

2. METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM XI

2.1 O conhecimento histórico escolar XI
2.2 A nova concepção de documento XII
2.3 O trabalho com imagens fixas XIII
2.4 O trabalho com imagens em movimento (O cinema na sala de aula) XVI
2.5 O Pisa e a competência leitora XVIII
2.6 A contribuição da História para a formação de leitores/escritores XX
2.7 A contribuição da História para a promoção da cidadania XXI
2.8 Textos de apoio XXIII

3. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O CONTEXTO ATUAL XXVI

3.1 A Legislação que dá suporte à BNCC XXVI
3.2 A BNCC e a busca por equidade XXVI
3.3 BNCC e currículos XXVII
3.4 BNCC e a elaboração de currículos XXVII
3.5 O poder transformador da educação XXVIII
3.6 A nossa coleção e a BNCC XXVIII
3.7 As 10 competências gerais propostas pela BNCC XXVIII

4. AS SEÇÕES DO LIVRO XXIX

4.1 Página de abertura de capítulo XXIX
4.2 Corpo do capítulo XXIX
4.3 Boxes XXX
4.4 Atividades XXX
4.5 Materiais de apoio ao professor XXXII

5. PROJETOS DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR XXXII

5.1 O que é um Projeto de trabalho? XXXII
5.2 Projeto de trabalho interdisciplinar XXXIV

6. AVALIAÇÃO XLI

6.1 Orientações para a avaliação XLIII

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS XLIII

8. QUADRO DE CONTEÚDOS, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES XLIV

ORIENTAÇÕES DA PARTE ESPECÍFICA 1

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Em nossos dias, já ninguém duvida de que a história do mundo deve ser reescrita de tempos em tempos. Esta necessidade não decorre, contudo, da descoberta de numerosos fatos até então desconhecidos, mas do nascimento de opiniões novas, do fato de que o companheiro do tempo que corre para a foz chega a pontos de vista de onde pode deitar um olhar novo sobre o passado...

GOETHE. Geschichte der Farbenlehre. In: SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 267.

1. METODOLOGIA DA HISTÓRIA

1.1 VISÃO DE ÁREA

Vivemos hoje imersos em um presente contínuo (presentismo), que tende a tornar invisíveis as relações entre a nossa experiência presente e o passado público. Vivemos também em um universo mediado por imagens, no qual uma avalanche de personagens, fatos e processos chega até nós por meio das representações que deles são produzidas. Por isso, e cada vez mais, "substituímos nossas experiências pelas representações dessas experiências" (SALIBA, 1998b, p. 117).

Vivendo imersos nesse mundo virtual e apreendendo o que "aconteceu" por meio dos telejornais com frases sintéticas e imagens fragmentadas, os jovens são levados a identificar aquilo que estão vendo com a "verdade" e a explicar o presente com base nele próprio. Ocorre que o complemento desse presentismo avassalador é a destruição do passado, o que pode afetar muito, e negativamente, as novas gerações. Veja o que diz sobre o assunto o historiador britânico Eric Hobsbawm:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca [...]. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 13.

Se a destruição do passado pode resultar em uma tragédia para as novas gerações, a alienação dela decorrente pode facilitar a emergência e a imposição de ditaduras brutais, como as que vitoriaram nas décadas de 1930 e 1940 em países da Europa Ocidental e Oriental. Ademais, a consciência de que o passado se perpetua no presente é fundamental para o nosso sentido de identidade. Saber o que fomos ajuda-nos a compreender o que somos; o diálogo com outros tempos aumenta a nossa compreensão do tempo presente. Como observou um estudioso:

O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já os experimentamos (LOWENTHAL, 1998).

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 160. (Explorando o ensino, v. 21).

Quanto ao modo de abordar o passado, consideramos importante evitar o anacronismo[1] e, seguindo a recomendação de Georges Duby, lembrar que, para conhecer uma determinada sociedade do passado, é importante nos colocarmos na pele das pessoas que viveram naqueles tempos. Essa

1 Anacronismo: consiste em atribuir aos agentes históricos do passado razões ou sentimentos gerados no presente, interpretando-se, assim, a história em função de critérios inadequados, como se os atuais fossem válidos para todas as épocas (BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2012: História. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2011. p. 15).

EDUCAÇÃO PNLD 2020 FTD

postura, sugerida por ele na abordagem do medievo ocidental, é, a nosso ver, uma postura útil no trabalho com qualquer sociedade humana, independentemente de tempo ou lugar.

Como lembra Marc Bloch no seu clássico **Apologia da História ou o ofício de historiador**, além de prejudicar o conhecimento do presente, a ignorância do passado compromete também a nossa ação no presente. Assim sendo, não é demais lembrar que a História tem um duplo compromisso: com o passado e com o presente, bem como com as relações entre um e outro. Dissertando sobre esse duplo compromisso da História, Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky observaram:

> Compromisso com o presente não significa, contudo, presentismo vulgar, ou seja, tentar encontrar no passado justificativas para atitudes, valores e ideologias praticados no presente (Hitler queria provar pelo passado a existência de uma pretensa raça ariana superior às demais). Significa tomar como referência questões sociais e culturais, assim como problemáticas humanas que fazem parte de nossa vida, temas como desigualdades sociais, raciais, sexuais, diferenças culturais e sociais, embates políticos, problemas materiais e inquietações relacionadas a como interpretar o mundo, lidar com a morte, organizar a sociedade, estabelecer limites sociais, mudar esses limites, contestar a ordem, consolidar instituições, preservar tradições, realizar rupturas...
>
> Compromisso com o passado não significa estudar o passado pelo passado, apaixonar-se pelo objeto de pesquisa por ser a nossa pesquisa, sem pensar no que a humanidade pode ser beneficiada com isso. Compromisso com o passado é pesquisar com seriedade, basear-se nos fatos históricos, não distorcer o acontecido, como se esse fosse uma massa amorfa à disposição da fantasia de seu manipulador. Sem o respeito ao acontecido a História vira ficção. Interpretar não pode ser confundido com inventar. E isso vale tanto para fatos como para processos.
>
> PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 23-24.

Vale dizer ainda que o historiador se volta para o passado a partir de questões colocadas pelo presente. Depois de estabelecer um determinado recorte, ele transforma o tema em problema e seleciona o conjunto de variados documentos históricos (materiais e imateriais). A partir daí, trata-o com base em instrumentos e métodos próprios da História. Por isso se diz que toda narrativa histórica está relacionada a seu tempo e também é objeto da História.

1.2 CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS

Se por um lado "toda a história é filha do seu tempo", por outro é preciso lembrar que ela é o fruto de várias tradições de pensamento que se materializam em diferentes correntes historiográficas. No texto a seguir, a professora Sandra Regina Ferreira de Oliveira apresenta em linhas gerais, e de modo resumido, os pressupostos de três importantes escolas historiográficas, que podem ser úteis à nossa reflexão e docência. A familiaridade com essas correntes pode, por exemplo, ajudar a reconhecer a opção teórica do autor do material didático que estamos analisando e o lugar de onde ele fala.

> [...] São três as correntes mais discutidas: Positivismo, Materialismo Histórico e Nova História.
>
> Positivismo é o nome de uma corrente filosófica originada no século XVIII, no contexto do processo de industrialização da sociedade europeia. Para os pensadores positivistas cabe à história fazer um levantamento descritivo dos fatos. "A história por eles escrita é uma sucessão de acontecimentos isolados retratando, sobretudo, os feitos políticos de grandes heróis, os problemas dinásticos, as batalhas, os tratados diplomáticos etc." (BORGES, 1987, p. 32-33). Neste sentido, os documentos oficiais são as principais fontes de investigação, assim como as ações do Estado são as eleitas para constituírem a narrativa histórica. A concepção de tempo nesta forma de abordagem histórica é caracterizada pela linearidade (sucessão) dos fatos porque são os fatos o objeto de estudo da história.
>
> Com a efetivação do capitalismo na sociedade europeia do século XIX, proliferam-se as críticas à sociedade burguesa e outra teoria explicativa para a realidade foi elaborada buscando a superação da mesma – o materialismo dialético. Karl Marx e Friedrich Engels podem ser destacados como os principais pensadores desta corrente filosófica para a qual a necessidade de sobrevivência do ser humano impele-o a transformar a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo numa relação dialética. Essa ação humana não se dá de forma isolada, mas em conjunto. Portanto, o "ponto de partida do conhecimento da realidade são as relações que os homens mantêm com a natureza e os outros homens" (BORGES, 1987, p. 35), analisadas a partir das condições materiais de existência.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

A investigação histórica realizada a partir dos pressupostos do materialismo dialético considera que a realidade é dinâmica, dialética e repleta de contradições, gerada pela luta entre as diferentes classes sociais. Portanto, a concepção de tempo que podemos identificar nesta corrente de pensamento busca explicar o passado, não somente a partir do tempo do acontecimento, mas da contradição que pode ser encontrada em todo fato e, para compreender a contradição, faz necessário deslocar-se temporalmente, intentando como determinados fatos se constituíram historicamente e por que se apresentam de tal forma aos homens e mulheres no presente.

Ainda que com o materialismo histórico tenha se constituído uma forma diferente de investigação sobre o passado e, consequentemente, provocado mudanças na narrativa histórica, foi com a Nova História, mais precisamente com a Escola dos Annales, em 1929, que a concepção de tempo na historiografia sofre significativas alterações.

A alteração na concepção de tempo deve ser compreendida a partir da concepção de História, ou melhor, de como se constrói a narrativa histórica para os pensadores da Nova História. Para estes, todos os acontecimentos humanos poderiam ser entendidos como temáticas para a construção da História e não somente a narrativa dos feitos de alguns homens relacionados à história política de seus países. Da mesma forma, toda produção humana seria passível de ser entendida enquanto fonte para a pesquisa do historiador, e não somente os documentos oficiais.

Esta forma de se entender a História rompeu com a ideia do tempo do acontecimento, com a concepção de que a humanidade caminha de forma irreversível para algum ponto preestabelecido e também com a noção de um progresso linear e contínuo. O papel do historiador, nesta perspectiva, é considerar o tempo da duração nas análises dos acontecimentos. Para alcançar tal intento, não basta estudar os fatos a partir de sua organização cronológica, mas considerar também os movimentos de continuidade e mudança.

Fernand Braudel é quem anuncia a importância de considerarmos as diferentes temporalidades na investigação histórica. Para ele, há o tempo do acontecimento (breve duração), da conjuntura (média duração) e da estrutura (longa duração). Bittencourt (2008, p. 206), explicando essas diferentes concepções, afirma que:

> [...] o acontecimento (fato de breve duração) corresponde a um momento preciso: um nascimento, uma morte, a assinatura de um acordo, uma greve etc.; a estrutura (fato de longa duração), cujos marcos cronológicos escapam à percepção dos contemporâneos: a escravidão antiga ou moderna, o cristianismo ocidental, a proibição do incesto etc.; a conjuntura (fato de duração média) que resulta de flutuações mais ou menos regulares no interior de uma estrutura: a Revolução Industrial inglesa, a ditadura militar brasileira, a Guerra Fria etc.

A concepção de tempo apresentada pelos historiadores da Escola dos Annales nos indica que deve ser considerada, na construção da História, a simultaneidade das durações, assim como os movimentos de permanências e mudanças que ocorrem em uma sociedade ao longo de um determinado período. Para realizar esta abordagem, não é possível considerar somente a cronologia como ponto de partida para a compreensão do tempo histórico.

Os conteúdos e as metodologias apresentados nos livros didáticos relacionam-se diretamente com estas concepções historiográficas apresentadas aqui de forma sucinta. Nos manuais destinados aos professores, os autores explicitam suas opções teóricas, o que merece ser destacado e contribui na melhoria da qualidade das obras, visto que é ponto pacífico entre os historiadores que todos os sujeitos falam de determinados lugares sociais e que são influenciados pelas características destes lugares. Estas informações são valorizadas nas resenhas que compõem o Guia do PNLD porque é importante que o professor identifique de que "lugar" o autor fala.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira apud OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 42-45. (Explorando o Ensino, v. 21).

DIVULGAÇÃO PNLD 2023 FTD

Nesta coleção, pautamo-nos por alguns referenciais teóricos da História Nova, daí entendermos a História como um conhecimento em permanente construção; por isso tomamos o documento como ponto de partida e não de chegada na construção do conhecimento e, além disso, incorporamos a ação e a fala das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos operários e de outros sujeitos históricos antes relegados ao esquecimento.

Ao longo da obra, utilizamos também a história social inglesa, recorrendo mais de uma vez aos trabalhos de Christopher Hill, E. P. Thompson e Hobsbawm para compreender episódios decisivos na formação do mundo atual, como a Revolução Inglesa, a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, o imperialismo, o movimento operário, entre outros. Por fim, é preciso dizer que demos maior ênfase

ao conhecimento da história política e do passado público, sem prejuízo para momentos de ênfase na história cultural, por considerarmos que neste nível de ensino isso é decisivo para o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte do aluno. Com essa consciência, ele pode orientar sua prática como cidadão, exercitando a construção de saberes balizados pela:

> [...] capacidade de comunicação e diálogo, instrumento necessário para o respeito à pluralidade cultural, social e política, bem como para o enfrentamento de circunstâncias marcadas pela tensão e pelo conflito. A lógica da palavra, da argumentação, é aquela que permite ao sujeito enfrentar os problemas e propor soluções com vistas à superação das contradições políticas, econômicas e sociais do mundo em que vivemos.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2017. p. 396.

Em um artigo importante sobre o assunto, a historiadora Maria de Lourdes Mônaco Janotti chama a atenção para o perigo de se valorizar o privado em detrimento do público:

> A História não é terreno do "interessante" e do mundo privado enquanto tal. Este cresce em relação direta à redução das atividades da vida pública e à consciência da cidadania, como tão bem explicou Hannah Arendt, podendo levar, como o fez nos anos 1920 e 1930, à privatização do próprio Estado pelas ditaduras nazifascistas. Tal experiência deu-se no Brasil em um passado muito próximo, durante a ditadura getulista e a ditadura militar, por mais de 45 anos, neste século. Mesmo considerando [...] fundamentais os estudos sobre a vida privada no passado e no presente [...] é fundamental rever determinada prática da investigação e do ensino da História que, inspirada em uma estreita leitura da Nova História com seus novos objetos e abordagens, acaba por não estabelecer nenhuma "relação orgânica com o passado público da época em que vivemos" (HOBSBAWM).
>
> JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco apud BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 43-44. (Repensando o ensino).

1.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A seguir, vamos expor de modo simplificado os pressupostos teóricos que pautaram a nossa escrita e que, até certo ponto, se tornaram consenso entre os historiadores atuais.

1º) **É impossível resgatar episódios do passado tal qual ocorreram**. O passado está morto e não se pode "desenterrá-lo", só se pode conhecê-lo por meio de vestígios deixados pelos seres humanos na sua passagem pela Terra.

2º) **Só se pode investigar o passado por meio de questões colocadas pelo presente**. De tempos em tempos, formulam-se novas questões sobre o passado que conduzem a novas pesquisas, das quais resultam novas reescritas da História. Ou seja, cada época coloca novos problemas, e é a partir deles que nos debruçamos sobre o passado para investigar, crivar as fontes, comparar, analisar e construir uma versão dos fatos. Buscando romper com uma visão passadista da História, entendemos que o presente também é suscetível de conhecimento histórico, desde que o ancoremos na própria História.

3º) **Todo conceito possui uma história**. A cidadania na cidade de Atenas durante a Antiguidade, por exemplo, era muito diferente da cidadania no Brasil de hoje. A consciência disso é fundamental na educação histórica, seja para a construção do conceito de cidadania, seja para a sua contextualização espaço-temporal. Facilitar isso ao aluno ajuda-nos a evitar a formulação de juízos anacrônicos consubstanciados no senso comum, tais como: "o tempo passa e nada muda", "os políticos são todos iguais" e outras frases do gênero.

4º) **O conhecimento histórico é algo construído com base em um procedimento metodológico**. A História é, ela própria, uma construção. Durante muito tempo se acreditou que os historiadores chegavam a verdades definitivas. Hoje se sabe que a História produz verdades parciais. Depois da coleta, seleção e crítica dos vestígios, seguem-se a análise destes e a produção de uma versão possível sobre o fato ou processo em questão. As conclusões a que chegam os historiadores devem, por isso mesmo, ser relativizadas. Como observou um estudioso, as Ciências Humanas hoje estão convencidas de que:

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

[...] ao término de suas investigações, não é a verdade que irão encontrar, mas verdades, descobertas após um longo e penoso processo de produção histórica.

SALIBA, Elias Thomé. **A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica**. São Paulo: FDE: Diretoria Técnica, 1992. p. 12. (Lições com cinema).

5º) **O conhecimento histórico é limitado**. Atualmente é consenso entre os historiadores que a História não é um saber acabado. O conhecimento histórico é algo construído com base em um método e em um conjunto de procedimentos pertinentes ao ofício do historiador. Enfim, atualmente, historiadores com diferentes perspectivas admitem que a História é uma construção e que o conhecimento histórico é parcial e incompleto, daí a necessidade de a História ser reescrita constantemente, à luz das novas pesquisas que vão sendo realizadas.

Contribuindo com esse debate, o historiador Holien Gonçalves Bezerra afirmou:

Ciente de que o conhecimento é provisório, o aluno terá condições de exercitar nos procedimentos próprios da História: problematização das questões propostas, delimitação do objeto, exame do estado da questão, busca de informações, levantamento e tratamento adequado das fontes, percepção dos sujeitos históricos envolvidos (indivíduos, grupos sociais), estratégias de verificação e comprovação de hipóteses, organização dos dados coletados, refinamento dos conceitos (historicidade), proposta de explicação para os fenômenos estudados, elaboração da exposição, redação de textos.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 42.

1.4 OBJETIVOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Nesta obra didática, levamos em conta a perspectiva do Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica (Saeb) no tocante aos objetivos para o ensino de História, seja para nortear a nossa compreensão da História, seja para balizar a nossa prática docente. Segundo as matrizes curriculares de referência para o Saeb, os objetivos do ensino da História são:

- facilitar a construção, por parte do educando, da capacidade de pensar historicamente, sendo que esta operação engloba uma percepção crítica e transformadora sobre os eventos e estudos históricos;
- favorecer a aquisição de conhecimentos sobre diferentes momentos históricos, a fim de desenvolver a habilidade de coordenação do tempo histórico;
- contribuir para a compreensão dos processos da História, através da análise comparada das semelhanças e diferenças entre momentos históricos, de forma a perceber a dinâmica de mudanças e permanências;
- propiciar o desenvolvimento do senso crítico do educando, no sentido de que este seja capaz de formar uma opinião possível sobre os eventos históricos estudados;
- possibilitar a integração dos conteúdos cognitivos com os aspectos afetivos e psicomotores do educando, valorizando as características relacionais nas atividades de ensino-aprendizagem.

PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá et al. **Matrizes curriculares de referência para o Saeb**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999. p. 63.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Atingir esses objetivos, ainda que parcialmente, pode ajudar o aluno a interpretar situações concretas da vida social, posicionar-se criticamente diante da realidade vivida e construir novos conhecimentos.

1.5 CONCEITOS-CHAVE DA ÁREA DE HISTÓRIA

A disciplina História, nos anos finais do Ensino Fundamental, segundo os PCN, não pretende fazer do aluno um historiador. Seu compromisso maior é com a facilitação ao aluno do acesso à construção do conhecimento histórico, por meio do uso e do cruzamento de fontes variadas e de diferentes tipos de documento (BRASIL, 2017, p. 396). Nesta obra, trabalhamos alguns conceitos-chave na nossa disciplina – como o de História, tempo, cronologia, cultura, patrimônio cultural, identidade, memória, política e

cidadania. A seguir, organizamos uma espécie de glossário com esses conceitos, que pode ser útil ao trabalho do professor na preparação de sua aula.

História: Marc Bloch define a História como o estudo das sociedades humanas no tempo. Para ele:

O historiador nunca sai do tempo [...], ele considera ora as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessam, longitudinalmente, a duração, ora o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências.

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 135.

Seguindo a trilha aberta por Bloch, o historiador Holien Bezerra afirma que a História busca desvendar "as relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços" (BEZERRA apud KARNAL, 2003, p. 42). Outra definição de História:

[...] A história é a arte de aprender que o que é nem sempre foi, que o que não existe pôde alguma vez existir; que o novo não o é forçosamente e que, ao contrário, o que consideramos por vezes eterno é muito recente. Esta noção permite situarmo-nos no tempo, relativizar o acontecimento, descobrir as linhas de continuidade e identificar as rupturas.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 18. (Explorando o ensino, v. 21).

Há autores atuais, como Hayden White, por exemplo, que entendem a História como um gênero da literatura e querem reduzi-la à ficção. Nós discordamos dessa visão e ressaltamos que a História, ao contrário da Literatura, tem compromisso com a evidência e, parafraseando Marc Bloch, lembramos ainda que, diferentemente do literato, o historiador só pode afirmar aquilo que tem condições de provar.

Tempo: conceito-chave em História. É uma construção humana, e o tempo histórico, uma construção cultural dos povos em diferentes tempos e espaços. As principais dimensões do tempo são: duração, sucessão e simultaneidade. Isso pode ser trabalhado em aula apresentando-se as diferentes maneiras de vivenciar e apreender o tempo e de registrar a duração, a sucessão e a simultaneidade dos eventos – tais conteúdos tornam-se, portanto, objeto de estudos históricos. O tempo que interessa ao historiador é o tempo histórico, o tempo das transformações e das permanências. O tempo histórico não obedece a um ritmo preciso e idêntico como o do relógio e/ou dos calendários. Por isso o historiador considera diferentes temporalidades/durações: a longa, a média e a curta duração.

Cronologia: sistema de marcação e datação baseado nas regras estabelecidas pela ciência astronômica que tenta organizar os acontecimentos em uma sequência regular e contínua.

Cultura: entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas "formas de criar, fazer e viver" (Constituição Federal de 1988, art. 216). A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

Segundo os PCN:

[...] cultura é um conjunto de crenças, conhecimentos, valores, costumes, regulamentos, habilidades, capacidades e hábitos construídos pelos seres humanos em determinadas sociedades, em diferentes épocas e espaços.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias: História. Brasília: SEB, 2002. p. 71-72.

DIVULGAÇÃO FTD 2020

Sobre esse conceito, o professor Holien Gonçalves Bezerra afirma:

[...] Cultura não é apenas o conjunto de manifestações artísticas. Envolve as formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos, das religiões, das festas etc. Assim, o estudo das identidades sociais, no âmbito das representações culturais, adquire significado e importância para a caracterização de grupos sociais e de povos.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 46.

Patrimônio cultural: segundo uma estudiosa:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial [...] nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 134. (Repensando o ensino).

Identidade: pode ser definida como a construção do "eu" e do "outro" e a construção do "eu" e do "nós", que têm lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social. Essa construção baseia-se no reconhecimento de semelhanças/diferenças e de mudanças/permanências. Sobre o assunto, disse uma ensaísta:

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituídas pela História escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial. A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 121. (Docência em formação).

A construção de identidades está relacionada também à memória.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Memória: segundo Pedro Paulo Funari:

A memória [...] é uma recriação constante do presente, do passado enquanto representação, enquanto imagem impressa na mente.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 16.

Memória pode ser definida também pelo modo como os seres humanos se lembram ou se esquecem do passado; já a História pode ser vista como a crítica da memória. Em sociedades complexas, como esta em que vivemos, a memória coletiva dá origem a lugares de memória, como museus, bibliotecas, espaços culturais, galerias, arquivos ou uma "grande" história, a história da nação. A memória nos remete à questão do tempo.

Política: o termo "política" teve sua origem na Grécia antiga e foi sendo ressignificado ao longo do tempo. A palavra "política" está estreitamente relacionada à ideia de poder. Segundo Nicolau Maquiavel (1469-1527), o fundador da política como ciência, a política é a arte de conquistar, manter e exercer o poder. Já para Michel Foucault (1926-1984), o poder não se concentra somente no Estado, mas está distribuído por todo o corpo social. Seguindo essa trilha, dois estudiosos observaram que:

Há relação de poder entre pais e filhos, alunos e professores, governantes e governados, dirigentes de partido e seus filiados, patrões e empregados, líderes de associações sindicais e seus membros, e assim por diante. A verdade é que tais relações são, no mais das vezes, sutis, móveis, dispersas e de difícil caracterização.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 335.

Cidadania: o conceito de cidadania – chave na nossa proposta de ensino de História – tem como base as reflexões do historiador Jaime Pinsky:

Afinal, o que é ser cidadão?

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9.

A compreensão da cidadania em uma perspectiva histórica de lutas, confrontos e negociações, e constituída por intermédio de conquistas sociais de direitos, pode servir como referência para a organização dos conteúdos da disciplina História. Vale lembrar ainda que os conceitos possuem uma história, e que esta variou no tempo e no espaço. Cientes disso, evitamos visões anacrônicas, a-históricas ou carregadas de subjetividade.

2. METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O trabalho com História na sala de aula é uma construção coletiva e se faz com base no saber aceito como legítimo pela comunidade de historiadores. Antes de tudo, porém, é preciso considerar que esse saber acadêmico não deve ser confundido com o conhecimento histórico escolar, embora lhe sirva de suporte.

2.1 O CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR

Para Bittencourt, o conhecimento histórico escolar:

[...] não pode ser entendido como mera e simples transposição de um conhecimento maior, proveniente da ciência de referência e que é vulgarizado e simplificado pelo ensino. [...] "Nenhuma disciplina escolar é uma simples filha da 'ciência-mãe'", adverte-nos Henri Moniot, e a história escolar não é apenas uma transposição da história acadêmica, mas constitui-se por intermédio de um processo no qual interferem o saber erudito, os valores contemporâneos, as práticas e os problemas sociais.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 25. (Repensando o ensino).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Para a construção do conhecimento em sala de aula, a historiadora Margarida Maria Dias de Oliveira propõe que sejam dados os seguintes passos:

1. elege-se uma problemática (tema, período histórico);
2. tem-se o tempo como categoria principal (como o assunto em estudo foi enfrentado por outras sociedades);
3. dialoga-se com o tempo por meio das fontes (utilizam-se o livro didático, mapas, imagens, músicas [...]);
4. utilizam-se instrumentos teóricos e metodológicos (conceitos, formas de proceder);
5. constrói-se uma narrativa/interpretação/análise (pede-se um texto, um debate, uma peça teatral, uma redação, uma prova).

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 11. (Explorando o ensino, v. 21).

Em outras palavras, seleciona-se o tema e transforma-o em problema por meio de um conjunto de questões. Estuda-se, então, o passado para entrar em contato com as experiências dos seres humanos de outros tempos no enfrentamento desse problema e retorna-se ao presente.

2.2 A NOVA CONCEPÇÃO DE DOCUMENTO

Na visão positivista da História, o documento era visto, sobretudo, como prova do real. Aplicada ao livro escolar, essa forma de ver o documento assumia um caráter teleológico – o documento cumpria uma função bem específica: ressaltar, exemplificar e, sobretudo, dar credibilidade à argumentação desenvolvida pelo autor. Na sala de aula isso se reproduzia: o documento servia para exemplificar, destacar e, principalmente, confirmar a fala do professor durante a exposição.

Com a Escola dos Annales, fundada pelos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, adveio uma nova concepção de documento que nasceu da certeza de que o passado não pode ser recuperado tal como aconteceu e que a sua investigação só pode ser feita com base em problemas colocados pelo presente. Essa nova corrente historiográfica, que se formou a partir da crítica ao positivismo, propôs um número tão grande e significativo de inovações que o historiador Peter Burke referiu-se a ela como "a Revolução Francesa da historiografia".

Contrapondo-se à escola positivista, tributária do pensamento do filósofo alemão Leopold von Ranke, que via o documento como prova do real e capaz de falar por si mesmo, a Escola dos Annales propunha uma ampliação e um novo tratamento a ser dado ao documento. Eis o que diz Jacques Le Goff, um dos teóricos da Nova História:

> A História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos[2], fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a História Nova, documentos de primeira ordem [...].
>
> LE GOFF, Jacques apud MARTINS, Ronaldo Marcos. **Cuidado de si e educação matemática**: perspectivas, reflexões e práticas de atores sociais (1925-1945). Tese (Doutorado). Rio Claro: Unesp, 2007. p. 23.

DIVULGAÇÃO FTD 2020

Mas se, por um lado, é consensual entre os historiadores que estamos vivendo uma "revolução documental"; por outro, a reflexão sobre o uso de documentos em sala de aula merece, a nosso ver, uma maior atenção. Com base nas reflexões daqueles que pensaram sobre o assunto e na nossa experiência docente, recomendamos que, ao trabalhar com documentos na sala de aula, o professor procure:

a) evitar ver o documento como "prova do real", procurando situá-lo como ponto de partida para se construírem aproximações em torno do episódio focalizado;

b) ultrapassar a descrição pura e simples do documento e apresentá-lo aos alunos como matéria-prima de que se servem os historiadores na sua incessante pesquisa;

c) considerar que um documento não fala por si mesmo. É necessário levantar questões sobre ele e a partir dele. Um documento sobre o qual não se sabe por quem, para que e quando foi escrito é como uma fotografia sem crédito ou legenda: não tem serventia para o historiador;

d) levar em conta que todo documento é um objeto material e, ao mesmo tempo, portador de um conteúdo;

e) considerar que não há conhecimento neutro: um documento tem sempre um ou mais autores e ele(s) tem(têm) uma posição que é necessário identificar. Visto por esse ângulo, o trabalho com documentos tem pelo menos três utilidades:

- facilita ao professor o desempenho de seu papel de mediador. A sala de aula deixa de ser o espaço onde se ouvem apenas as vozes do professor e a do autor do livro didático (tido muitas

2 Nomes dos historiadores franceses por meio dos quais a história metódica, mais conhecida como positivista, chegou ao seu auge na segunda metade do século XIX.

vezes como narrador onisciente, que tudo sabe e tudo vê) para ser o lugar onde ecoam múltiplas vozes, incluindo-se aí as vozes de pessoas que presenciaram os fatos focalizados;

- possibilita ao aluno desenvolver um olhar crítico e aperfeiçoar-se como leitor e produtor de textos históricos;
- diminui a distância entre o conhecimento acadêmico e o saber escolar, uma vez que os alunos são convidados a se iniciarem na crítica e na contextualização dos documentos, procedimento importante para a educação histórica.

2.3 O TRABALHO COM IMAGENS FIXAS

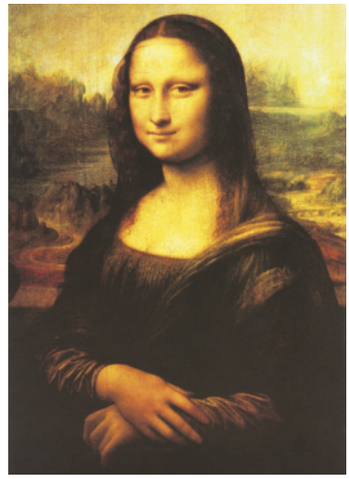
Vivemos em uma civilização da imagem. Uma grande quantidade de imagens é posta diante dos olhos dos nossos alunos todos os dias, em uma velocidade crescente, constituindo importante fonte para o conhecimento da História, o que, certamente, pode ajudar na formação de um leitor atento, crítico e autônomo: um leitor capaz de receber criticamente os meios de comunicação; capaz de perceber que a imagem efêmera que a mídia veicula como verdadeira pode ser – e quase sempre é – a imagem preferida, a que se escolheu mostrar. Esse fato não passou despercebido pelos professores, que, reconhecendo o potencial pedagógico das imagens, passaram a utilizá-las com frequência no ensino de História.

2.3.1 Cuidados ao trabalhar com imagens

Ao se decidir pelo uso de imagens fixas na sala de aula, o professor deve levar em conta que essa prática pedagógica requer vários cuidados, alguns dos quais listaremos a seguir.

A imagem é polissêmica

Misto de arte e ciência, técnica e cultura, a imagem é polissêmica. Até um simples retrato admite várias interpretações. Exemplo disso é ver um álbum de fotografias em família: uma foto que desperta alegria ou satisfação nos avós pode ser causa de inibição ou vergonha para os netos. Outro exemplo dessa característica da imagem é **Mona Lisa**, certamente o quadro mais conhecido do mundo. Já se afirmou que, se estivermos melancólicos, temos tendência a ver, no sorriso enigmático da personagem retratada, melancolia; se estivermos alegres, ela nos parecerá contente. Ou seja, ela expressa os nossos sentimentos no momento em que a vemos.



MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Mona Lisa, pintura de Leonardo da Vinci, c. 1503-1505.

A imagem é uma representação do real

De natureza polissêmica, a imagem é uma representação do real e não a sua reprodução. Sobre isso, relata Pierre Villar que certa vez perguntou a seus alunos: "O que é Guernica?". Eles lhe responderam imediatamente: "Guernica é um quadro!". Daí comenta o arguto historiador Pierre Villar:

> Efetivamente, [...] **Guernica** – no espírito de muita gente que não tem mais o cuidado de saber exatamente de onde isto surgiu – é um quadro de Picasso. [...] Guernica tornou-se a representação de um fato preciso. O fato preciso está esquecido, a representação continua.
>
> VILLAR, Pierre apud D'ALESSIO, Marcia Mansor et al (Org.). **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 30. (Prismas).

O fato preciso a que o historiador está se referindo é, como se sabe, o bombardeio da pequenina cidade espanhola de Guernica pela aviação nazista, a mando de Hitler, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O fato, o bombardeio, ocorrido em 26 de abril de 1937, foi esquecido; a representação produzida por Picasso, um óleo sobre tela, com o nome de **Guernica**, permaneceu marcando gerações. Não é demais repetir: quando o professor perguntou: "O que é Guernica?", os alunos lhe responderam: "Guernica é um quadro!".

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

A imagem possui um efeito de realidade

COLEÇÃO PARTICULAR

Retrato de D. Pedro I feito pelo artista Simplício Rodrigues de Sá, c. 1826.

MUSEU IMPERIAL, PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO

Retrato de D. Pedro II feito por Pedro Américo, 1873.

O que torna mais escorregadio o terreno para quem se decide pelo uso de imagens na sala de aula é justamente o fato de a imagem possuir um efeito de realidade, ou seja, a capacidade de se parecer com a própria realidade.

Se apresentarmos ao aluno a imagem de Dom Pedro I e a de Dom Pedro II e perguntarmos qual deles é o pai e qual é o filho, muitos dirão, provavelmente, que Dom Pedro I é filho de Dom Pedro II.

Sobre a construção das imagens de Dom Pedro I, como jovem, e de Dom Pedro II, como velho, observou uma estudiosa:

> A ilustração do pai jovem e do filho velho tem causado certa perplexidade aos jovens leitores e falta a explicação do aparente paradoxo. A imagem de um D. Pedro II velho foi construída no período pós-monárquico e demonstra a intenção dos republicanos em explicar a queda de uma monarquia envelhecida que não teria continuidade. É interessante destacar a permanência dessas ilustrações na produção atual dos manuais, reforçando uma interpretação utilizada pelos republicanos no início do século XX, mesmo depois de variadas pesquisas e publicações historiográficas sobre os conflitos e tensões do período.
>
> BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 80. (Repensando o ensino).

Ver não é sinônimo de conhecer

Vivemos em um tempo em que se busca reduzir o acontecimento à sua imagem, em vez de explicá-lo e contextualizá-lo historicamente, isto é, em uma época em que querem nos fazer crer que ver é sinônimo de conhecer. No entanto, é preciso que se repita à exaustão: "eu vi" não significa "eu conheço". Assim, ver no noticiário televisivo um episódio do conflito no Oriente Médio não significa conhecer aquele conflito, seus motivos, seu contexto, o teatro de operações etc. Sobre isso, disse um estudioso:

PIVILEGIADO FNLD 2020 FTD

> Os historiadores se deparam hoje com este fenômeno histórico inusitado: a transformação do acontecimento em imagem. [...] Não se busca mais tornar politicamente inteligíveis uma situação ou um acontecimento, mas apenas mostrar sua imagem. Conhecer se reduz a ver ou, mais ainda, a "pegar no ar", já que a mensagem da mídia é efêmera. [...]
>
> SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo de imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 122. (Repensando o ensino).

Um equívoco recorrente quando o assunto é imagem é a afirmação de que a imagem fala por si mesma. Como lembrou uma ensaísta:

> É ilusório pensar-se que as imagens se comuniquem imediata e diretamente ao observador, levando sempre vantagem à palavra, pela imposição clara de um conteúdo explícito. Na maioria das vezes, ao contrário, se calam em segredo, após a manifestação do mais óbvio: por vezes, [...] em seu isolamento, se retraem à comunicação, exigindo a contextualização, única via de acesso seguro ao que possam significar. Por outro lado, são difíceis de se deixarem traduzir num código diverso como o da linguagem verbal.
>
> LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993. p. 12. (Texto e Arte, v. 9).

De fato, a imagem é captada pelo olho, mas traduzida pela palavra. Tomá-la como fonte para o conhecimento da História envolve vê-la como uma representação, uma estratégia, uma linguagem com sintaxe própria. Para obter as informações a partir dela é indispensável desnaturalizá-la e contextualizá-la, interrogando-a com perguntas, tais como: por que, por quem, em que contexto foi produzida. É indispensável, enfim, perceber que a imagem não reproduz o real. Ela congela um instante do real, "organizando-o" de acordo com uma determinada estética e visão de mundo.

2.3.2 Imagens fixas na sala de aula

O trabalho com imagens pode ajudar no desenvolvimento da competência de ler e escrever a partir do registro visual, bem como estimular as habilidades de observar, descrever, sintetizar, relacionar e contextualizar. Além disso, contribui decisivamente para a "educação do olhar", para usar uma expressão cunhada por Circe Bittencourt.

Com base nas reflexões de alguns estudiosos e na nossa experiência didática, e cientes de que essa tarefa não é das mais fáceis, propomos a seguir alguns **procedimentos** para introduzir a leitura de imagens fixas na sala de aula:

Passo 1: apresentar ao aluno uma imagem (fotografia, pintura, gravura, caricatura etc.) sem qualquer legenda ou crédito. A seguir, pedir a ele que observe a imagem e **descreva livremente** o que está vendo. A intenção é permitir ao aluno que associe o que está vendo às informações que já possui, levando em conta, portanto, seus **conhecimentos prévios**. Nessa leitura inicial, o aluno é estimulado a identificar o tema, as personagens, suas ações, posturas, vestimentas, calçados e adornos, os objetos presentes na cena e suas características, o que está em primeiro plano e ao fundo, se é uma cena cotidiana ou rara. Enfim, estimular no aluno a capacidade de observar, identificar e traçar comparações.

Passo 2: buscar com os alunos o máximo de informações **internas** e **externas** à imagem.

Para obter as **informações internas** (quando o destaque forem as pessoas), fazer perguntas como: quem são? Como estão vestidas? O que estão fazendo? Quem está em primeiro plano? E ao fundo? Já quando o destaque for um objeto, perguntar: o que é isto? Do que é feito? Para que serve ou servia? Onde se encontra?

Quanto às **informações externas**, perguntar: quem fez? Quando fez? Para que fez? Em que contexto fez?

Passo 3: de posse das informações obtidas na pesquisa, pedir que o aluno, ele próprio, produza uma legenda para a imagem. A legenda pode ser predominantemente descritiva, explicativa, analítica e/ou ainda conter uma crítica.

Professor, na produção da legenda pelo aluno estaremos trabalhando principalmente as habilidades de reconhecer, descrever, associar, relacionar, sintetizar e, por fim, contextualizar; levar os alunos a contextualizar o oceano de imagens que seus olhos absorvem a todo instante numa velocidade crescente talvez seja um dos maiores desafios do professor de História.

Por fim, uma pergunta: por que trabalhar com imagens em sala de aula?

Trabalhamos com imagens na sala de aula com três propósitos: a) educar o olhar; b) contribuir para a formação ou consolidação de conceitos; c) estimular a competência escritora.

Na nossa prática docente, nós, professores de História, habitualmente propomos um texto, interrogamos o texto e, assim, estimulamos o alunado a produzir textos a partir de um texto. O que estamos propondo é, além de continuar estimulando a produção de textos a partir de um texto, levar o alunado a produzir um texto a partir da imagem (texto para ela, sobre ela, a partir dela).

Quando usar uma imagem na aula de História? O trabalho com imagens em História pode ser feito:

a) No início de um bloco de conteúdos, para introduzir um assunto e estimular o interesse do aluno. Por exemplo, pode-se usar uma imagem atual de uma votação em sala de aula para introduzir o trabalho com o conceito de democracia na Grécia Antiga e também para evidenciar os laços que unem o passado ao presente.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

BELMONTE

Tirinha de Belmonte, **História de um governo**, na qual aparecem diversas caricaturas de Getúlio Vargas.

b) Durante a exposição dialogada, como forma de elucidar um aspecto do conteúdo. No caso da prática do contrabando/desvio nas Gerais do século XVIII, por exemplo, imagens dos santos ilustram um dos recursos usados pela população das Minas para burlar o fisco, fazendo o ouro e os diamantes passarem pelas autoridades.

c) No início e no final de um bloco de conteúdos. Um exemplo é a imagem intitulada **História de um governo**, de Belmonte. No início, pode ser utilizada para provocar o aluno a falar sobre o que ele sabe ou imagina saber a respeito da personagem e sobre a relação entre a expressão fisionômica desta em cada um dos quadrinhos e as datas que aparecem neles. No final, pode ser usada para cotejar as hipóteses levantadas inicialmente pelo aluno com o conhecimento construído durante o estudo do tema.

2.4 O TRABALHO COM IMAGENS EM MOVIMENTO (O CINEMA NA SALA DE AULA)

Ao se decidir pelo uso de filmes ou vídeos em sala de aula, o professor deve levar em conta que o cinema é um misto de arte e técnica, um artefato construído para agradar e vender, que envolve equipes numerosas e altos custos de produção. Seu compromisso, muitas vezes, é com o espetáculo e não com a verdade. O ritmo com que as imagens se sucedem, e tudo o mais, é cuidadosamente pensado para esse fim. Mas o cinema é também um produto e uma expressão cultural do modo como a sociedade se vê, uma forma de lazer e de informação universal cotidianamente consumida.

2.4.1 O cinema serve ao professor de História?

Sim, certamente, mas de uma maneira muito peculiar. Daí a necessidade de tomarmos alguns cuidados ao utilizá-lo.

Primeiro, é preciso levar em conta que toda imagem cinematográfica é testemunho de uma presença: a da câmera e a da equipe que realizou a filmagem. O que vemos na tela é um registro fotomecânico, reproduzido por um projetor. Essa evidência geralmente não é percebida pelo espectador comum, ou simplesmente não interessa a ele, que busca no filme diversão e emoção por algumas horas ou minutos. Já o professor de História vê o mesmo filme com outros olhos, pois o que pretende é tratar o cinema como uma das fontes para o seu trabalho de construção/reconstrução da História.

Todo filme, seja ele ficcional ou documental, é uma fonte a ser considerada pelo historiador, pois o que se vê na tela é um tipo de registro do que aconteceu em algum lugar, em algum momento.

No gênero ficcional, temos o registro de atores, figurinos, cenários, luzes etc., filmados numa ordem diversa da que vemos na tela. A ordenação das sequências é arranjada depois, no momento da montagem. No filme documental, a câmera registra imagens selecionadas pelo documentarista, previamente ou no calor da hora. Depois de revelados os negativos, o realizador os monta, corta o que não lhe agrada, coloca-os em uma determinada ordem, dá-lhes certo ritmo, insere trechos de outros filmes, depoimentos etc. A isso se chama editar. Se ele não age assim, não temos filme, mas o que os profissionais chamam de "material bruto", algo parecido com um automóvel inteiramente desmontado que não serve a nenhum motorista.

O filme editado expressa a visão de um indivíduo ou grupo que quer nos convencer da versão que arrumou para mostrar na tela (ou no vídeo).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020

No filme **O menino do pijama listrado**, o diretor quis mostrar que a amizade entre duas crianças pode superar todas as barreiras (sociais, políticas, culturais…) e que o ódio pode ferir mortalmente aquele que odeia. Nessa obra, o filho de um oficial nazista veste uma roupa listrada para entrar, sem ser notado, onde está o seu amiguinho judeu, e acaba sendo morto pelos nazistas liderados por seu pai. Ao fazer uso do filme ficcional, sugerimos lembrar ao estudante que se está diante de uma versão, de uma representação, e não dos fatos históricos tal como eles ocorreram.

Mas nem por isso a ficção "de época" deve ser tratada como uma mentira inconsequente, interesseira. Ela é uma narrativa que procura transformar em imagens verossímeis o acontecido, ou imaginar como pode ter acontecido, servindo-se dos meios disponíveis na ocasião em que o filme foi realizado. Assim, desqualificar um filme porque não apresenta a "verdade" é uma ingenuidade. Ora: o que é uma verdade acabada do ponto de vista histórico?

O MENINO DO PIJAMA LISTRADO. MARK HERMAN. IMAGEM FILMES. EUA, 2008.

Cartaz do filme **O menino do pijama listrado**, 2008.

Geralmente, o filme histórico revela mais sobre a época em que foi feito do que sobre a época que pretendeu retratar. Um exemplo: **Danton, o Processo da Revolução** (1983), de Andrzej Wajda, é um filme sobre a Revolução Francesa de 1789, mas a obra que Wajda realiza é mais uma crítica ao autoritarismo e ao clima de medo vivido na Polônia dos anos 1980 (lugar e tempo em que o diretor viveu) do que uma narrativa sobre o episódio vivido pelos franceses em 1789 (época em que o filme foi ambientado).

2.4.2 Alguns outros cuidados...

O uso de filmes na sala de aula exige:

a) muitas horas de preparo. Decidindo por um filme, o professor deve assistir a ele pelo menos duas vezes. Na segunda, deve marcar, com muita atenção, as principais sequências, cenas e planos, para saber repeti-los no momento adequado da aula, comentando-os;

b) clareza da parte do professor sobre a época em que o filme foi realizado, os objetivos dos responsáveis por sua realização, sua inserção como produto de cultura entre outros do mesmo período. Chamando a atenção do aluno para essas informações, você o estará estimulando a ver os filmes com outros olhos;

c) consciência de que o filme ficcional se comunica por meio de procedimentos artísticos. O educador deve libertar-se de um costume muito presente na atividade didática que é o de tratar o romance, a poesia, a pintura e mesmo o cinema como meros suportes de um conteúdo. Caso contrário, o espectador ficará preso apenas ao enredo e não prestará atenção à forma como este lhe foi apresentado;

d) percepção de que o sentido de um filme narrativo está no modo como ele conta a história, seu ritmo, a duração e a sucessão dos planos, o posicionamento da câmera, os tipos de luz e de fotografia escolhidos, o uso ou não da música, o estilo de interpretação dos atores, e assim por diante. Tudo isso muito bem amarrado é que nos dá a significação e o prazer de um bom filme. Um bom livro não se transforma necessariamente em um bom filme.

Concluindo, cada forma de arte possui procedimentos e linguagem específicos. Por isso, o educador que faz uso do cinema e de outros recursos audiovisuais deve levar em conta todos esses aspectos. Somente assim o cinema pode ser aproveitado duplamente: como arte espetacular e como fonte para o conhecimento da História.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Sugestões de leitura

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. **O olhar europeu**: o negro na iconografia brasileira do século XIX. São Paulo: Edusp, 1994.

D'ALESSIO, Márcia Mansor (Org.). **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996. (Ofício de Arte e Forma).
KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios).
LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.
NAVES, Rodrigo. **A forma difícil**: ensaios sobre a arte brasileira. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.
REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo: ANPUH, v. 18, n. 35, 1998.
SALIBA, Elias Thomé. **As imagens canônicas e o ensino de História**. Texto preparado para a mesa-redonda "Linguagens e ensino de história". In: III ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA. Curitiba: UFPR, 1998. Mimeografado.
SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

2.5 O PISA E A COMPETÊNCIA LEITORA

O Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos – tradução da sigla em inglês) é um exame que busca medir o conhecimento e a habilidade em leitura, matemática e ciências de estudantes com 15 anos de idade. Ele é organizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e ocorre de três em três anos. O critério de correção obedece à Teoria de Resposta ao Item, o mesmo utilizado na correção do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), e a posição dos participantes é definida em relação à média.

Na primeira edição do Pisa, em 2000, o Brasil obteve 396 pontos em leitura; na quinta, ocorrida em 2012, atingiu a casa dos 410 pontos. Na edição de 2015, a média dos estudantes brasileiros foi a 407 pontos, um pequeno recuo em relação ao exame de 2012. É certo que houve uma melhoria desse indicador em relação à primeira edição, quando o resultado do Brasil foi de 396 pontos, mas essa elevação, segundo critérios da OCDE, não é estatisticamente relevante. Portanto, a situação de dificuldade com a competência leitora entre nossos estudantes tem permanecido estável por muito tempo, por isso o assunto merece atenção.

Sabendo que o Pisa constrói as questões das provas de leitura com o objetivo de medir a compreensão e a interpretação de textos e imagens e o grau de autonomia do aluno para compreender a realidade e reconhecê-la por meio da representação gráfica, conclui-se que nossos alunos precisam muito desenvolver tanto a competência leitora quanto a escritora. Daí a ênfase que demos a esse trabalho.

Apresentamos, a seguir, alguns textos que subsidiam a nossa decisão de assumir que ler e escrever também são compromissos da área de História.

Texto 1

Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas

O que seria ler e escrever nas diferentes áreas do currículo escolar? Esse é um dos objetivos que estabelecemos para este livro: desconfinar a discussão sobre leitura e escrita, ampliando o seu âmbito desde a biblioteca e a aula de português para toda a escola. E um dos méritos desse desconfinamento foi a descoberta da leitura e da escrita como confluências multidisciplinares para a reflexão e ação pedagógica.

[...]

Temos claro que ler e escrever sempre foram tarefas indissociáveis da vida escolar e das atribuições dos professores. Ler e escrever bem forjam o padrão funcional da escola elitizada do passado, que atendia a parcelas pouco numerosas da população em idade escolar. Ler e escrever massiva e superficialmente tem sido a questão dramática da escola recente, sem equipamentos e estendida a quase toda a população.

A sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. Todo estudante deve ter acesso a ler e escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história, merece respeito e atenção quanto as suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer estudante, como são o ler e o escrever.

NEVES, Iara C. Bitencourt (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 15-16.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto 2

Para uma boa formação, os alunos precisam entender bem o que leem e saber pensar e escrever.

Não basta ensinar História

Ensinamos História por dois motivos principais: iniciar os jovens no conhecimento da história da humanidade (ou de parte dela) e transmitir-lhes informações indispensáveis à construção da tão desejada cidadania, ou seja, a formação de uma sociedade de indivíduos conscientes, responsáveis, autônomos. Este ideal, não por acaso, está expresso no artigo 2º da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, como também é enfatizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, instrumento criado pelo Ministério da Educação para orientar os professores a aperfeiçoar os currículos escolares. [...]

Gostaria de tratar aqui particularmente desse princípio – educar para cidadania –, sempre reafirmado por aqueles que refletem sobre educação, mas talvez ainda não suficientemente compreendido e desenvolvido. Felizmente não precisamos mais imaginar, como muitos de nós fazíamos em tempos de ditadura, que o ensino de História destina-se a formar rebeldes, nem acreditar que o seu objetivo, segundo antigos pressupostos conservadores, seria estimular o amor à pátria e aos seus heróis.

[...] Num país onde a grande maioria da população não sabe ler, ou mal entende o que lê (logo não sabe também escrever), o ensino de História, e de outras disciplinas, deve, em consequência, vir acompanhado de investimentos permanentes em leitura, redação e reflexão – competências que as aulas expositivas e o tradicional sistema de perguntas e respostas não ajudam a desenvolver.

[...] Ao reduzir o aprendizado a uma série de questões isoladas umas das outras, o método não favorece a compreensão da dinâmica histórica, isto é, do todo formado pelas múltiplas relações entre situações, acontecimentos, agentes sociais e suas respectivas motivações, período histórico, ou seja, a complexidade e a lógica inerentes ao fato histórico. [...]

Há muitas formas de orientar os alunos a ler o texto histórico, desviando-os da terrível decoreba. Um exemplo, à maneira de um jogo de desconstrução e reconstrução, é propor-lhes que identifiquem, a partir de uma espécie de "perguntas-chaves", as informações básicas existentes, digamos, num capítulo do livro didático: o acontecimento principal e os secundários (o quê?); os agentes históricos envolvidos – grupos sociais, instituições, indivíduos e seus respectivos interesses e motivações (quem?); o período histórico e as datas mais importantes (quando?); o lugar geográfico, político, social (onde?). Com base nessas respostas, que mais adiante serão enriquecidas com respostas de outras perguntas (como? e por quê?), o aluno poderá redigir seu texto-resumo, no qual irão figurar as informações essenciais. Essa sinopse do fato histórico é o "esqueleto", o núcleo desse fato, e é também o que vai possibilitar ao aluno se situar no tempo, no espaço, na história, é o seu "chão" histórico, é a base para argumentação.

Outro procedimento importante é levar os alunos a diferençar as noções **gerais** das **particulares**, operação mental que os ajuda a hierarquizar os fatos. O modo mais simples de trabalhar tais noções é, neste caso também, orientar a leitura. Num texto em que o assunto, por exemplo, seja **mudanças**, pedir que registrem os tipos de mudanças (econômicas, políticas, culturais); em seguida, que identifiquem ou detalhem as inúmeras mudanças e as enquadrem nos tipos gerais. É preciso ainda deixar claro para os alunos que o texto histórico, como qualquer texto científico ou didático, contém uma série de categorias de análise e conceitos próprios ao conhecimento. São **condições do conhecimento**. Determinar que façam um glossário, consultando o próprio livro e o dicionário, ao invés de se limitarem ao vocabulário existente em alguns livros, é outra forma de enfatizar que cabe a eles o ato de conhecer.

Longe de dificultar a aprendizagem, tais procedimentos desenvolvem e valorizam a inteligência dos alunos, fazendo-os se sentir pensantes, produtivos, capazes de compreender, reproduzir, e até mesmo refazer, na forma de textos, uma certa lógica da história. Os primeiros textos, redigidos sob a orientação do professor, são o primeiro ponto de chegada, que se tornará novo ponto de partida quando os alunos sentirem-se em condições de escrever com mais autonomia, já tendo assimilado os conceitos necessários, já estando mais familiarizados com o texto histórico e, estimulados pelo professor, cada vez mais aptos a fazerem suas próprias deduções, seus questionamentos à própria História etc.

"Escrever para aprender", lembra Gisele de Carvalho, que assim recupera algumas das grandes tarefas do educador: "Se [...] escrever significa registrar os caminhos da reflexão, parece que nós, professores, independentemente da matéria que ensinamos, temos uma tarefa em comum [...]: se todos nós, de uma forma ou de outra, ensinamos a pensar, logo todos nós ensinamos a escrever...".

Admiramos hoje a desenvoltura com que os jovens manejam seus computadores, navegam nesses mares antes inimagináveis da Internet, criam seus *blogs*, repaginam-se permanentemente, enviam e recebem mensagens

DIVULGAÇÃO PRELIMINAR FTD

em tempo real (usando uma língua um tanto estranha, é bem verdade!). Aparentemente nenhum mistério os detém, e eles nos dão demonstrações diárias de habilidade, curiosidade, criatividade. Nosso desafio, prepará-los nessa era planetária para a grande aventura do conhecimento e da lucidez, talvez seja mais fácil de superar do que pensamos.

Trechos do artigo de: RIBEIRO, Marcus Venicio. Não basta ensinar história. **Nossa História**, ano 1, n. 6, p. 76-78, abril de 2004.

Texto 3

O texto a seguir é de Fernando Seffner, mestre em Sociologia e doutor em Educação pela UFRGS.

O que se espera que o aluno escreva em história?

A leitura e a escrita de textos históricos devem levar em conta a necessidade de explicação e utilização de conceitos. Conceitos entendidos aqui como ferramentas de análise, e como possibilidade de universalizar uma discussão. Trabalhamos em história sempre com a análise de situações determinadas. Discutir a qualidade da escrita histórica envolve analisar os recursos conceituais utilizados, as fontes consultadas, a problemática construída, as questões propostas e o estilo narrativo.

Digamos que a situação em estudo seja o 31 de março de 1964 no Brasil. O professor seleciona questões e prepara atividades de leitura sobre o tema, a partir de trechos de livros didáticos, notícias de jornais da época, depoimentos colhidos pelos alunos com seus pais, parentes e vizinhos, observação e descrição de fotos e imagens do movimento militar, trechos de discursos e outras falas de época e trechos de filmes que transitam por este acontecimento. Enriquecida a discussão com essa variedade de material, o professor busca com os alunos os conceitos que melhor podem expressar a análise do período estudado. Nesse caso, uma possibilidade seria trabalhar os conceitos de mudança e permanência (o que deveria mudar, na opinião de cada um dos grupos envolvidos no episódio? O que deveria permanecer como estava, na opinião de cada um dos grupos envolvidos?), e os conceitos de golpe militar, revolução e contrarrevolução.

Finalizando a discussão, o professor pode propor a cada aluno uma produção escrita, analisando a situação estudada. Essa análise deve ser feita a partir dos conceitos estudados e questões discutidas. Uma boa proposta é pedir ao aluno que relacione o 31 de março de 1964 com outros episódios da história brasileira, nomeados como revolução ou golpe, nos quais também houve um tensionamento entre grupos que propunham mudanças ou permanências na estrutura política brasileira. Dessa maneira, a escrita de textos de análise histórica pelo aluno possibilita operar com conceitos que permitem a comparação entre características de diferentes períodos históricos.

Ler é compreender o mundo, e escrever é buscar intervir na sua modificação. Ao pedir que o aluno escreva um texto de análise histórica, estaremos sempre buscando extrair dele uma posição frente à discussão. Portanto, estamos trabalhando no sentido de que cada aluno desenvolva uma capacidade argumentativa própria, utilizando conceitos claros, num ambiente democrático de troca de ideias e convívio de opiniões diferenciadas. Isso colabora para a formação da identidade política de cada aluno. O que não podemos permitir é que as atividades de leitura e escrita na aula de história se transformem num ritual burocrático, em que o aluno lê sem poder discutir, responde questionários mecanicamente e escreve texto buscando concordar com o professor para ter sua boa nota assegurada. Aqui, vale parodiar a frase de Dante Alighieri, ao descrever as diferentes partes do inferno: "os níveis mais baixos do inferno estão reservados para aqueles que, em tempos de crise moral, se mantiveram neutros ou indiferentes". Temos que lutar para a construção de uma postura crítica e filosófica frente aos textos, fugindo da leitura instrumental ou dogmática, que termina sempre em "decoreba". Uma postura que exija do aluno leitor uma posição, uma opinião fundamentada. Buscamos formar alunos que elaborem seu projeto de vida, posicionando-se frente às questões polêmicas da vida social, construindo alternativas políticas viáveis e manifestando com clareza e argumentação coerente suas opiniões.

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. In: NEVES, Iara C. Bitencourt (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 119-120.

2.6 A CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES/ESCRITORES

O desenvolvimento da competência leitora e escritora é responsabilidade de todas as áreas de conhecimento e não somente da área de Língua Portuguesa. A História, importante ciência humana, pode e deve dar uma contribuição decisiva nesse processo, e uma das condições para isso é o trabalho

planejado com diferentes tipos de textos e com uma diversidade de linguagens (cinematográfica, fotográfica, pictórica; a dos quadrinhos, a do desenho, a da charge, entre outras).

Boa parte do que os alunos aprendem em História na escola é resultado da leitura (de textos e imagens), daí a importância de familiarizá-los também com os procedimentos de leitura, específicos e diferenciados, adequados a cada um desses registros. Sem adentrarmos na discussão teórica sobre o assunto, é importante lembrar que imagem e texto possuem estatutos diferentes e demandam tratamentos e abordagens diferenciadas.

Sabendo-se que a leitura possibilita o acesso a conteúdos e conceitos históricos, a tarefa de ensinar a ler e escrever deve ser vista como parte integrante da disciplina História durante os anos finais do Ensino Fundamental. Ao receberem um tratamento adequado, os textos e as imagens deixam de servir só para ilustrar ou exemplificar um determinado tema e passam a ser materiais a serem interrogados, confrontados, comparados e contextualizados.

Com esse objetivo, estimulamos a leitura de diferentes gêneros de texto e exploramos de forma sistemática a leitura e interpretação de imagens fixas. Além disso, incentivamos a escrita, inclusive porque ler e escrever são competências interdependentes e complementares. Daí termos usado na obra textos historiográficos, históricos, literários, oficiais, biográficos, científicos, depoimentos, entrevistas, notícias, obras de arte, fotografia, desenho, charges, caricaturas, tiras de quadrinhos, mapas, gráficos, tabelas, cartazes de propaganda, entre outros.

Mas somente o trabalho sistemático e planejado permite aos alunos leitores e escritores, com a mediação do professor, conquistar autonomia para ler e contextualizar textos e imagens.

2.7 A CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA PARA A PROMOÇÃO DA CIDADANIA

Como vimos, com base na reflexão de Jaime Pinsky, o termo "cidadania" pode ser definido como condição de quem possui direitos civis, políticos e sociais. Para uma maior compreensão do conceito e da prática da cidadania na história recente do Brasil, vamos apresentar de modo breve uma importante experiência cidadã da nossa história: a luta do Movimento Negro pela inserção da África nos currículos escolares.

2.7.1 Por que estudar a temática afro e a temática indígena?

Desde 1981, o mais destacado dos movimentos sociais de defesa dos direitos das populações negras no Brasil já reivindicava a inserção da História da África e dos afro-brasileiros nos currículos escolares, o que, por si só, evidencia sua importância nas conquistas posteriores envolvendo legislação e Estado. Nas décadas seguintes, o Movimento Negro manteve-se ativo e, juntamente com seus aliados da sociedade civil, conseguiu uma grande conquista em 2003, quando, coroando uma luta de décadas, foi promulgada a Lei n. 10.639/2003, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileiras.

A Lei n. 11.645/2008 modificou a Lei n. 10.639/2003 e acrescentou a obrigatoriedade de também se estudar história e cultura dos povos indígenas no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

Então, perguntamos nós, é por obediência à lei que se deve estudar a temática afro e a temática indígena?

Não só, pois, além de obedecer à lei e contribuir, assim, para a construção da cidadania, há razões para se trabalhar a temática afro e a indígena na escola que merecem ser explicitadas, a saber:

a) o estudo da matriz afro e indígena é fundamental à construção de identidades;

b) esse trabalho atende a uma antiga reivindicação dos movimentos indígenas e dos movimentos negros: "o direito à história";

c) o estudo dessas temáticas contribui para a educação voltada à tolerância e ao respeito ao "outro" e, assim sendo, é indispensável a toda população brasileira, seja ela indígena, afro-brasileira ou não.

DIVULGAÇÃO FTD

Cabe lembrar também que a população indígena (817 mil pessoas), segundo o Censo do IBGE (2010), vem crescendo e continua lutando em defesa de seus direitos à cidadania plena. Já os afro-brasileiros (pardos e pretos, segundo o IBGE) constituem cerca de metade da população brasileira. Além disso, todos os brasileiros, independentemente da cor ou da origem, têm o direito e a necessidade de conhecer a diversidade étnico-cultural existente no território nacional. Sobre esse assunto, o historiador Itamar Freitas disse:

> Em síntese, nossos filhos e alunos têm o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. E mais, que a diferença e a diversidade são benéficas para a convivência das pessoas, a manutenção da democracia, e a sobrevivência da espécie. [...]
>
> FREITAS, Itamar apud OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 161. (Explorando o ensino, v. 21).

2.7.2 Festival Afro-Arte: Expressões culturais Afro-brasileiras no ambiente escolar

Apresentamos a seguir uma ação pedagógica implementada no âmbito do Festival Afro-Arte, realizado anualmente desde 2010 nas escolas do município de Maracanaú (CE). A proposta deste festival é colaborar para um projeto pedagógico que promova o respeito à diversidade e à diferença, em perspectiva interdisciplinar.

Construir o Álbum Cultura, Memória e Identidade

O Álbum Cultura, Memória e Identidade é um mostruário da expressão cultural escolhida pelo grupo mobilizador da escola para representá-la nas próximas etapas de seleção e participação da culminância do IX Festival Afro-Arte: Expressões Culturais Afro-brasileiras no Ambiente Escolar. No álbum pode conter todos e quaisquer materiais complementares úteis para uma avaliação detalhada do trabalho realizado na escola. Referimo-nos a tudo aquilo que pode ilustrar e acrescentar informações à experiência; tais como: as atividades desenvolvidas pelos alunos, registros escritos, fotográficos, registros em vídeos, áudio e outras formas de registro que demonstrem como é a expressão e o que a constitui, como cores, sons, figurino, instrumentos, objetos utilizados, o envolvimento dos alunos e comunidade escolar.

PRISCYLA ARAUJO DE OLIVEIRA

Uma das ações do Festival Afro-Arte é o projeto "saias que contam". Fotografia de alunas da rede pública participantes desse projeto. Maracanaú, CE. 2018.

Considerando a diversidade de expressões culturais possíveis, não há um modelo padrão para a confecção do álbum. Cada escola irá definir a melhor forma de documentar a expressão cultural selecionada, usando sua criatividade, mas informando de modo bastante preciso como ela é e como se apresenta na região. A ficha de identificação da expressão cultural será anexada ao álbum.

Para a construção do álbum (Portfólio), os passos são:

- Fotografar, filmar e gravar a expressão cultural selecionada.
- Arquivar, separadamente, as fotos, produções textuais de diversos gêneros (dissertação, cordel, poesias...) e gravação.
- Selecionar o material que fará parte do álbum.
- Definir a forma de apresentação dos registros.
- Organizar o álbum de forma ordenada e lógica.
- Preencher e anexar a ficha de identidade da expressão cultural.

Monitorando e avaliando

Durante todo o processo, as ações desenvolvidas serão monitoradas e avaliadas pelos/as participantes, podendo ser redirecionadas, sempre que necessário. No final, uma avaliação geral também pode ser feita, para dimensionar os resultados alcançados, as dificuldades, as ações futuras, os ganhos relacionados ao trabalho desenvolvido em torno da valorização dos conhecimentos e da cultura afro-brasileira na comunidade escolar do município.

PUBLICAÇÃO PILOTO FEDF

A mobilização cultural pode se transformar em uma ação forte e poderosa de educação das relações étnico-raciais, bem como as atividades do IX Festival Afro-Arte no Ambiente Escolar no município de Maracanaú. É muito importante que esta mobilização contribua para o desenvolvimento de políticas públicas que afirme direitos historicamente negados, ao mesmo tempo em que desmobilizem preconceitos, desigualdades e discriminação de toda ordem. Por isso, é fundamental que todo o processo seja documentado e o material produzido colocado à disposição da comunidade escolar em feiras culturais nas escolas, bibliotecas e demais lugares públicos no município, inclusive na internet.

É preciso também monitorar os efeitos gerados e dar continuidade à mobilização cultural nesta proposta. Essas medidas pretendem estabelecer uma cultura de respeito à diversidade de afirmação dos direitos de todas as pessoas no Brasil, independente da etnia ou cor da pele.

GRANGEIRO, Ilza (Coord.); BRAGA, Marigel; LIMA, Glaudia de; MIRANDA, Marcos; MURILO, Sérgio. **Guia metodológico para preparação do IX Festival Afro-Arte**: expressões culturais afro-brasileiras no ambiente escolar. Diretoria de Educação: Coordenadoria de desenvolvimento curricular: Maracanaú, 2018. p. 9-10.

2.8 TEXTOS DE APOIO

O objetivo desta seção é oferecer alguns textos relevantes sobre História e ensino de História.

Texto 1

O conhecimento

O conhecimento antigamente era estável, as transformações ocorriam muito lentamente. Para obter conhecimento, o homem se dedicava a uma série de exercícios mentais que se repetiam em livros, na sala de aula e no cotidiano. Podíamos memorizar uma série de informações, aprender regras de retórica, decorar tabuadas e seríamos reconhecidos pela comunidade como homens cultos, ponderados nas decisões, prováveis "vencedores". Nesse mundo marcado pela tranquilidade, pela repetição, pelas relações sensoriais e não virtuais, nesse mundo antigo sobrava tempo até para amar. Os ancestrais deixavam como herança modelos que serviam de modelo para uma vida. Não era dinheiro mas gerava tranquilidade. Existia nesse velho mundo um horizonte seguro para onde devíamos caminhar.

Hoje é assim?

Não.

Como as mudanças eram lentas, o homem podia perpetuar formas de comportamento, podia ensinar fórmulas, sugerir procedimentos ou ainda contar fábulas exemplares. Casamento era para a vida toda, emprego público significava segurança na velhice, diploma, um eterno seguro-desemprego.

Como cada coisa ocupava, por muito tempo, o mesmo lugar nós podíamos ensinar uma receita adequada para o sucesso: estude! Tenha um diploma! Vá para a cidade! Tome Biotônico Fontoura! A relação entre expectativa e resultado era, quase, linear.

[...]

E agora como ficam os modelos?

Primeiro, nós temos que descobrir o que são modelos. E isso representa um longo aprendizado, tarefa para um professor.

[...]

Se não sabemos colocar o problema, observar uma situação por diferentes ângulos, trabalhar inúmeras variáveis, estabelecer relações, discutir as premissas, não encontraremos o campo da provável solução. Se não sabemos questionar hipóteses também não saberemos enfrentar mudanças.

Como enfrentar a mudança?

Identificando, comparando, relacionando, traduzindo e abstraindo.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-53.

DIVULGAÇÃO PNLD 2023 FTD

Texto 2

O papel do professor de História

É necessário [...] que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperarmos – a melhorar o mundo em que vivem.

Para isso, é bom não confundir informação com educação. Para informar aí estão, bem à mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação... Exatamente porque a informação chega aos borbotões, por todos os sentidos, é que se torna mais importante o papel do bom professor.

[...]

Mais do que livro, o professor precisa ter conteúdo. [...] É inadmissível um professor que quase não lê. Se o tempo é curto, se as condições de trabalho são precárias, se o salário é baixo, se o Estado não cumpre sua parte, discuta-se tudo isso nas esferas competentes e lute-se para melhorar a situação dos docentes, em vez de usar isso tudo como desculpa para a falta de empenho pessoal em adquirir conhecimento, entrar em contato com uma bibliografia autorizada, conhecer novas linhas de pensamento e discutir com os colegas estratégias para melhor operacionalizar nas salas de aula o patrimônio cultural e histórico.

[...]

Valendo-se dessas considerações, é preciso que o professor tenha claro o que e como ensinar.

Pela volta do conteúdo nas aulas de História

O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente.

Compromisso com o presente não significa, contudo, presentismo vulgar, ou seja, tentar encontrar no passado justificativas para atitudes, valores e ideologias praticados no presente [...]. Significa tomar como referência questões sociais e culturais, assim como problemáticas humanas que fazem parte de nossa vida [...].

[...] Compromisso com o passado é pesquisar com seriedade, basear-se nos fatos históricos, não distorcer o acontecido, como se esse fosse uma massa amorfa à disposição da fantasia de seu manipulador. Sem o respeito ao acontecido a História vira ficção. Interpretar não pode ser confundido com inventar. E isso vale tanto para fatos como para processos. [...]

Afirmações baseadas apenas em filiações ideológicas são, no mínimo, desprezíveis, podendo tornar-se perigosas quando, além de não verdadeiras, acabam se tornando veículos do preconceito e da segregação. É o caso de, por exemplo, "verdades" como "os índios não são bons trabalhadores", "as mulheres são inferiores", "os jovens são sempre revolucionários" [...].

[...] Defendemos, pois, a "volta" do conteúdo às salas de aula, da seriedade. E, do óbvio: a tentativa de interpretação deve, necessariamente, ser precedida pelo entendimento do texto.

[...]

Um modo mais construtivo (sem trocadilhos) seria adotar como postura de ensino (que se quer crítico) a estratégia de abordar a História a partir de questões, temas e conceitos. [...]

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 22-25.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto 3

Exploração do espaço e dos objetos

Os projetos de Educação em ambientes de museus sistematizaram uma metodologia cujas etapas podem ser sintetizadas em: *observação, registro, exploração e apropriação [...]*. Essas etapas não precisam ser trabalhadas separadamente. É possível realizar uma abordagem simultânea ou enfatizar um dos aspectos, o que dependerá dos objetivos definidos, da faixa etária dos alunos e do tempo e dos recursos disponíveis para a atividade.

Construção do conhecimento

A finalização do trabalho deve ocorrer, necessariamente, com produções dos alunos. Nessas produções, os estudantes deverão sintetizar o processo vivenciado e avaliar tanto a experiência como a si mesmos em relação ao desenvolvimento da atividade. Assim, sugerimos a produção de caderno de textos, desenhos, gráficos, painéis, jornal-mural, vídeos e a organização de uma exposição com objetos e imagens. A seguir, propomos duas atividades que podem ser realizadas em grupos e por diferentes faixas etárias:

- Colagem com recortes de revistas e papel colorido, além de desenho e pintura para criar uma imagem a respeito da visita da turma à exposição.
- Elaboração de uma história com os objetos da exposição que suscitaram mais interesse.

- Em grupo: Se pudessem criar um museu, como ele seria? Sobre qual tema? Que elementos – objetos e imagens – escolheriam para uma exposição?

ABUD, Kátia Maria. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 141-143. (Coleção Ideias Em Ação, coordenada por Anna Maria Pessoa de Carvalho).

Texto 4

Visita a museu

A partir de nossa experiência como educadores de museu, gostaríamos de apresentar alguns pontos fundamentais que devem ser levados em conta no planejamento de uma visita:

- Definir os objetivos da visita;
- Selecionar o museu mais apropriado para o tema a ser trabalhado; ou uma das exposições apresentadas, ou parte de uma exposição, ou ainda um conjunto de museus;
- Visitar a instituição antecipadamente até alcançar uma familiaridade com o espaço a ser trabalhado;
- Verificar as atividades educativas oferecidas pelo museu e se elas se adéquam aos objetivos propostos e, neste caso, adaptá-las aos próprios interesses;
- Preparar os alunos para a visita através de exercícios de observação, estudo de conteúdos e conceitos;
- Coordenar a visita de acordo com os objetivos propostos ou participar de visita monitorada, coordenada por educadores do museu;
- Elaborar formas de dar continuidade à visita quando voltar à sala de aula;
- Avaliar o processo educativo que envolveu a atividade, a fim de aperfeiçoar o planejamento das novas visitas, em seus objetivos e escolhas.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 114.

Texto 5

Orientações para o uso da internet

Se a utilidade da internet é consenso entre os educadores, os procedimentos para seu uso têm sido alvo de acalorados debates. Uma das questões que mais têm preocupado os educadores é que, se por um lado a internet facilita o acesso a um leque amplo de textos e imagens, por outro, pode criar o hábito de buscar o "trabalho pronto", usando o famoso copiar/colar/imprimir; ou seja, encerrando a pesquisa naquele que deveria ser o seu primeiro passo. No que tange ao nosso campo de atuação, a questão pode ser resumida na seguinte pergunta: a internet serve ao professor de História?

Sim, certamente; para isto sugerimos alguns procedimentos:

a) Definir previamente os objetivos da pesquisa e solicitar aos alunos que, enquanto estiverem pesquisando, não desviem a atenção da proposta inicial, entrando em salas de bate-papo ou locais para ouvir música ou jogar.

b) Encorajar a problematização dos materiais encontrados na rede; depois de localizar os *sites* que tratam de um mesmo assunto ou tema, estimular o alunado a questionar as fontes em que os *sites* se apoiam, identificar as ausências de informações significativas sobre o assunto, confirmar a veracidade das informações veiculadas, e, por fim, estimular o posicionamento crítico frente às informações e análises ali disponíveis.

c) Sugerir ao aluno que relacione os *sites* encontrados a outros materiais sugeridos em aula, favorecendo a percepção de que *sites*, livros, revistas científicas e entrevistas são fontes complementares. Isto poderá facilitar a percepção de que um tema histórico pode ser melhor compreendido se recorrermos a diferentes fontes e à crítica das mesmas.

d) Alertar o alunado para o fato de que nem tudo o que está na Rede é verdade e que as *homepages* são por vezes muito pouco consistentes. Por isso, a indicação do tema deve vir acompanhada de perguntas que orientem o aluno a investigar. Sugerimos, quando possível, oferecer um conjunto de *sites* confiáveis sobre o assunto.

e) Incentivar os alunos a trocarem informações com colegas de outras escolas do Brasil e/ou de outros países via redes sociais. Através delas, os alunos poderão também entrar em contato com autores, órgãos governamentais, instituições privadas, *blogs* de professores, entre outros. Esse acesso a informações/versões significativas é, com certeza, útil à educação histórica.

PNLD Ação PNLD 2021

Assim utilizada, a internet pode ajudar os educandos a desenvolverem competências e habilidades que lhes permitam apreender as várias durações temporais nas quais os diferentes atores sociais desenvolveram ou desenvolvem suas ações, condição básica para que sejam identificadas semelhanças/diferenças, mudanças/permanências e dominações/resistências existentes no processo histórico.

Texto do autor.

3. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O CONTEXTO ATUAL

Esta coleção, que agora oferecemos à leitura, foi escrita no contexto de um amplo debate nacional em torno da construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens essenciais a que todos os alunos devem ter direito ao longo da Educação Básica.

3.1 A LEGISLAÇÃO QUE DÁ SUPORTE À BNCC

A BNCC está respaldada em um conjunto de marcos legais. Um deles é a Constituição de 1988, que, em seu Artigo 210, já determinava que: "serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais"[3].

Outro marco é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996), que no Inciso IV de seu Artigo 9º, afirma:

> cabe à União [...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum[4].

A LDB determina também que as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos.

Esta relação entre o básico-comum e o que é diverso está presente no Artigo 26 da LDB, que diz que "os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos"[5].

Disto decorre que o currículo a ser construído deve, então, ser contextualizado. Entende-se por contextualização: a inclusão e a valorização das diferenças regionais, ou mesmo locais, e o atendimento à diversidade cultural[6]. Isso é coerente com o fato de que o foco da BNCC não é o ensino, mas a aprendizagem como estratégia para impulsionar a qualidade da Educação Básica em todas as etapas e modalidades.

3.2 A BNCC E A BUSCA POR EQUIDADE

A busca por equidade na educação demanda currículos diferenciados e afinados com as inúmeras realidades existentes no país. A equidade leva em conta também a variedade de culturas constitutivas da identidade brasileira. E, além disso, reconhece a diversidade de experiências que os alunos trazem para a escola e as diferentes maneiras que eles têm de aprender.

DIVULGAÇÃO FNDE 2020 FTD

3 BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 22 out. 2018.

4 BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 out. 2018.

5 BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

6 Outro marco legal em que a BNCC se apoia é na Lei n. 13.005 de 2014, que promulgou o Plano Nacional de Educação: BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

A busca por equidade visa também incluir grupos minoritários como indígenas, ciganos, quilombolas e o das pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola. E se compromete com alunos portadores de deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei n. 13.146/2015).

A busca por equidade quer, enfim, propiciar igualdade de oportunidades para que todos possam ingressar, aprender e permanecer na instituição escolar. Uma escola pensada e organizada com base nesse princípio estará aberta à pluralidade e à diversidade, garantindo, assim, que todos possam desenvolver habilidades e competências requeridas no mundo contemporâneo. E conseguirá acolher e estimular a permanência dos estudantes na instituição escolar, independentemente de etnia, religião ou orientação sexual.

3.3 BNCC E CURRÍCULOS

A BNCC e os currículos estão afinados com os marcos legais citados no item 3.1 deste manual e têm papéis complementares. E, para cumprirem tais papéis, o texto introdutório da BNCC propõe as seguintes ações:

> - contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares [...];
> - decidir sobre as formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares [...];
> - selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas [...];
> - conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
> - construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou resultado [...];
> - selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos [...];
> - criar e disponibilizar materiais e orientações para os professores [...];
> - manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular [...];
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2017. p. 16-17.

A implementação da BNCC deverá levar em conta, então, os currículos elaborados por estados e municípios, bem como por escolas. Além de incorporar essas contribuições, a BNCC recomenda contemplar também temas relevantes para o mundo em que vivemos e dar a esses temas um tratamento interdisciplinar. Entre esses temas, merecem especial atenção:

- Direitos das crianças e adolescentes (Lei n. 8.069/1990);
- Educação para o trânsito (Lei n. 9.503/1997);
- Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741/2003);
- Preservação do meio ambiente (Lei n. 9.795/1999);
- Educação alimentar e nutricional (Lei n. 11.947/2009);
- Educação em direitos humanos (Decreto n. 7.037/2009).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

3.4 BNCC E A ELABORAÇÃO DE CURRÍCULOS

No aspecto pedagógico, os conteúdos curriculares deverão estar a serviço do desenvolvimento de competências. Competência pode ser definida como possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem sua aplicação para tomar decisões pertinentes.

Não é demais lembrar que a elaboração de currículos com base em competências está presente em grande parte das reformas curriculares de diversos países do mundo. É esta também a abordagem adotada nas avaliações internacionais da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês).

3.5 O PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

Por acreditarmos no poder transformador da educação, buscamos somar nossos esforços aos dos educadores preocupados com igualdade, equidade, definição de aprendizagens essenciais a que todos devem ter direito, além de respeito à diversidade e às histórias e culturas locais.

Nesse contexto, acreditamos que, se tais princípios e pressupostos pautarem a construção dos currículos nos níveis estadual e local, vão colaborar para a formação integral do ser humano, posicionando-o como protagonista no processo complexo de construção do conhecimento. E podem, além disto, contribuir também para aumentar a capacidade do alunado de mobilizar esse conhecimento e aplicá-lo na busca de soluções para os desafios que lhe são postos pela realidade.

Sabemos que, em educação, toda mudança é um processo longo e complexo, que envolve vários atores sociais. Mas esperamos que esse esforço conjunto, do qual nos dispusemos a participar, empreste maior qualidade à educação e ajude a equalizar oportunidades e reduzir as desigualdades hoje existentes no nosso país.

3.6 A NOSSA COLEÇÃO E A BNCC

Nesse contexto pautado por reflexão, debates e mudanças, e valendo-nos de uma experiência com a escrita da História acumulada ao longo dos anos, buscamos produzir materiais impressos e digitais alinhados aos pressupostos da BNCC, tais como: respeito à pluralidade e à diversidade; busca por equidade e alinhamento a uma educação voltada para a inclusão.

Durante a escrita da nossa coleção didática de História, buscamos afinar a nossa sensibilidade a essas intenções nas escolhas iconográficas, nas abordagens culturais e na seleção de conteúdos, oferecendo assim à leitura uma obra capaz de contribuir efetivamente para a formação integral do ser humano, independentemente de sua origem ou condição social.

É um dos propósitos da nossa obra que esses princípios cheguem à carteira do aluno, de norte a sul do país, em forma de textos, imagens e atividades escolares. E, assim, somar nossos esforços aos dos educadores, pensadores e professores que, de fato, querem contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Acreditamos que essas escolhas vão impactar positivamente a aprendizagem dos alunos. E isso não é pouco quando se sabe que os leitores (alunos e professores) são a razão principal da nossa existência. Voltando-nos aos nossos colegas professores, criamos o Livro do professor com formato em "U" e orientações página a página, que incorporam experiências e reflexões oriundas da pesquisa acadêmica e do dia a dia da sala de aula.

Por fim, vale dizer que Austrália, Chile, Reino Unido e Estados Unidos construíram e implementaram uma base curricular nacional que tem favorecido a diminuição das discrepâncias educacionais e a melhoria da qualidade da educação. Por que nós não havemos de conseguir?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

3.7 AS 10 COMPETÊNCIAS GERAIS PROPOSTAS PELA BNCC

Alinhados à preocupação com o desenvolvimento global do estudante, elencamos a seguir as 10 competências gerais presentes na BNCC que subsidiaram a produção da coleção de História que ora oferecemos à leitura:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2017. p. 9-10.

4. AS SEÇÕES DO LIVRO

A coleção é composta de quatro volumes que buscam apresentar os conteúdos relativos à História do Brasil e à História Geral de forma integrada. Disse uma historiadora que:

> O objetivo central da História Integrada reside na superação da divisão entre História Geral, das Américas e História do Brasil. Nessa perspectiva, a História Integrada busca fornecer um estudo que possibilite ao aluno entender a simultaneidade dos acontecimentos históricos em espaços diferentes. Pode-se perceber, entre outros aspectos, que em um mesmo tempo histórico foram vivenciadas situações diferentes em diversas sociedades. Assim, enquanto em parte da Europa desenvolvia-se o sistema feudal e sedimentava-se o cristianismo, na América, povos como os maias e incas organizavam-se em sociedades com características próprias, construindo cidades e templos, com outra lógica religiosa.
>
> BITTENCOURT, Circe. Desafios da História Integrada. **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas**, São Paulo, v. 1, p. 5, 2001.

DIVULGAÇÃO PNLD 2025 FTD

Os livros estão organizados em unidades temáticas que abrigam um conjunto de capítulos. Vejamos sua estrutura.

4.1 PÁGINA DE ABERTURA DE CAPÍTULO

Cada capítulo se inicia com uma página de abertura, que cumpre a função de introduzir a exposição dialogada. Esta página tem funções semelhantes às da página de abertura de unidade, sendo o seu foco voltado para o assunto a ser trabalhado no capítulo.

4.2 CORPO DO CAPÍTULO

Construímos o corpo do capítulo entrelaçando texto e imagem e intensificando a exploração pedagógica do registro visual, que está no cerne de nossa proposta de ensino-aprendizagem. Nesta coleção, a imagem não serve apenas para reforçar o texto ou dialogar com ele, mas também para a formação de conceitos.

No corpo do capítulo buscamos também adotar uma linguagem e um tamanho de letra e de entrelinhamento adequados aos anos finais do Ensino Fundamental. Atentos ao fato de que muitos alunos têm chegado ao 6º ano com menos de 10 anos de idade e que a maturidade de um aluno de 6º ano é bem diferente da de um aluno de 9º ano, trabalhamos com diferentes corpos de letra e entrelinhamentos variados. Assim, no texto principal do 6º e do 7º anos trabalhamos com corpo 12,5 e entrelinhamento 18; no 8º e 9º anos trabalhamos com corpo 11,5 e entrelinhamento 17.

Buscamos também fundamentar o texto didático com uma produção historiográfica qualificada. Nossa preocupação não foi incorporar ao texto didático a última pesquisa acadêmica publicada sobre cada assunto abordado na obra, mesmo porque isto seria impossível, mas incorporar um conhecimento consolidado e reconhecido pela comunidade de historiadores profissionais e pesquisadores do ensino de História.

Entre os exemplos desse esforço de atualização historiográfica podemos citar a incorporação que fizemos da crítica de Cláudia Viscardi ao conceito de "política do café com leite" e de sua proposta de se pensar a força de outros quatro estados, além de São Paulo e Minas Gerais, na política da Primeira República; da crítica de Jorge Ferreira ao conceito de populismo e de sua instigante e original interpretação do golpe civil-militar de 1964; da interpretação de Ângela de Castro Gomes sobre o significado político da morte de Vargas, entre outras. Do questionamento posto pelo historiador e antropólogo britânico Jack Goody (*Renascimento ou Renascimentos?*), bem como sua análise das raízes históricas e culturais do Renascimento italiano, e dos outros renascimentos havidos à época em outras partes do mundo; do novo olhar sobre a conquista espanhola da América, presente na obra **Sete Mitos da Conquista Espanhola**, do historiador inglês Matthew Restall; da perspectiva inovadora do historiador David Abulafia, que desloca sua câmera da terra firme para as águas salgadas, a fim de ver e escrever a partir do Mediterrâneo uma obra monumental: **O grande mar: uma história humana do Mediterrâneo**. E, por fim, mas não menos importante, do instigante **Dicionário da escravidão e liberdade**, que reúne brilhantes estudiosos das histórias e das culturas que atam a África ao Brasil.

4.3 BOXES

Intercalados ao texto principal inserimos os boxes **Dialogando**, **Para refletir** e **Para saber mais**, os dois primeiros são acompanhados de questões objetivas e/ou reflexivas.

Dialogando

Este boxe é um convite à participação oral dos alunos; estes são desafiados a responder a uma questão objetiva, a opinar, a interpretar uma imagem, um gráfico, uma tabela, um texto etc. Essa interrupção do texto principal funciona como uma oportunidade para os alunos colocarem-se como sujeitos do conhecimento e para dinamizar a aula.

Dica!

Sugestões de vídeos ao longo da obra para ampliar a abordagem do assunto estudado.

Para saber mais

Neste boxe são apresentados textos e imagens com o objetivo de ampliar ou detalhar um assunto derivado do tema principal que possa interessar ao aluno.

Para refletir

Este boxe traz textos e imagens sobre os conteúdos estudados que, acompanhados de questionamentos diretos, estimulam os alunos a refletir e discutir sobre os temas abordados.

4.4 ATIVIDADES

Aprender História depende da leitura e da escrita. E ler e escrever implicam compreensão, análise e interpretação de uma diversidade de gêneros de textos e de imagens fixas (pintura, fotografia, charge) e em movimento (filmes), além de gráficos, tabelas e mapas. As atividades desta coleção visam, sobretudo, auxiliar o aluno a desenvolver as competências leitora e escritora, que são complementares e interdependentes, e a capacitar o alunado para o exercício da cidadania. As imagens podem ser mais bem exploradas com a leitura do texto instrucional sobre o assunto contido nestes Materiais de Apoio ao Professor.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

As atividades estão distribuídas em quatro seções, que consideramos importantes no nosso alinhamento à tese de que ler e escrever é um compromisso de todas as áreas. São elas:

I. Retomando

As questões variadas desta seção, apresentada em todos os capítulos, visam retomar e organizar o estudo do tema abordado.

II. Leitura e escrita em História

a) Leitura de imagem

Esta seção visa à educação do olhar, à formação de conceitos e ao estímulo à produção escrita (escrever a partir da imagem).

b) Leitura e escrita de textos

Visa familiarizar o aluno com diferentes gêneros textuais e estimulá-lo a perceber quem está falando, de que lugar fala, e capacitá-lo a identificar, relacionar e a contextualizar (habilidades das mais importantes em História). Dividimos esta seção em dois itens:

- **Vozes do passado**, que dá voz aos sujeitos históricos que viveram as experiências sociais de outros tempos e espaços;
- **Vozes do presente**, em que geralmente convidamos um(a) especialista a falar sobre um dos assuntos relacionados ao tema eleito.

Partindo do pressuposto de que qualquer documento possui autoria, público e objeto específico, apresentamos a seguir um roteiro construído a partir de nossas reflexões e da nossa prática docente.

Roteiro para leitura e análise de documentos escritos

1. Título e fonte de onde foi extraído.
2. Tipo de documento [carta, artigo de jornal, legislação, entrevista etc.].
3. Quando, por quem e onde foi produzido.
4. Quem fala [o(a) autor(a)].
5. De onde fala [posição que ocupa na sociedade].
6. Para quem fala? [Para o público em geral? Para seus pares? Para os seus subalternos? Para as autoridades?].
7. Principais ideias e conceitos no texto.
8. Conclusões a que a leitura permite chegar, considerando-se o que está explícito.
9. Conclusões a que a leitura permite chegar, considerando o que está implícito (lembrar que os silêncios de um texto podem ser tão ou mais importantes do que aquilo que é dito).
10. Cruzar com outras fontes sobre o mesmo assunto.
11. Relacionar o texto com o contexto, salientando a importância dele para o estudo de determinada questão ou época.
12. Outras conclusões e/ou observações sobre o texto que se considere importante registrar.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Com esse roteiro espera-se ajudar o aluno a conhecer as condições de produção do texto em foco, o lugar de onde se fala, o que foi dito e o que deixou de ser dito, e, aos poucos, permitir que ele(a) vá percebendo a História como construção. Ao mesmo tempo, espera-se que o alunado consiga contestar versões que apresentam verdades acabadas e definitivas sobre o assunto estudado.

c) Cruzando fontes

Esta seção apresenta diferentes tipos de fontes históricas visando introduzir o alunado na análise e comparação de fontes, aproximando-o ao modo de construção do conhecimento histórico; lembre-se aqui de que a crítica e cruzamento das fontes é um procedimento inerente ao ofício do historiador.

III. Integrando com...

Com a seção Integrando com..., nos esforçamos para dar um passo, ainda que tímido, em direção à adoção de uma perspectiva interdisciplinar. As atividades desta seção estimulam o aluno a mobilizar conhecimentos e conceitos de outras disciplinas, como Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, Arte, entre outras.

IV. Você cidadão!

Esta seção quer estimular o aluno: **a)** a traçar paralelos entre o passado e o presente; **b)** a interrogar o presente, debater e, sobretudo, a se posicionar diante de uma questão social, ajudando-o a se preparar para o exercício da cidadania.

Nesta coleção, o número de atividades – incluindo as das várias seções – é propositadamente grande, com vistas a oferecer ao educador um leque amplo de possibilidades de escolha. Sabemos que não há tempo hábil para que os alunos se dediquem a todas elas em sala de aula. Sugerimos, então, que o professor escolha as atividades mais adequadas à sua proposta de ensino-aprendizagem, ao projeto político-pedagógico da escola e à quantidade de horas-aula de que dispõe.

4.5 MATERIAIS DE APOIO AO PROFESSOR

As orientações pedagógicas presentes neste Manual do Professor também contam com uma parte específica, que diz respeito a cada um dos volumes da coleção.

A parte específica é organizada em formato "U" e nela constam as indicações de habilidades da BNCC que serão trabalhadas em cada capítulo; encaminhamentos para ajudar o professor a desenvolver os conteúdos e a destacar aquilo que merece especial atenção; textos de apoio que visam complementar e enriquecer a aula; atividades complementares e indicações de vídeos.

A coleção apresenta também material complementar, em formato digital, com Planos de desenvolvimento bimestrais, Projetos integradores, Sequências didáticas e Propostas de acompanhamento de aprendizagem. Cada bimestre deste material corresponde a uma das unidades do livro impresso. A coleção oferece também audiovisuais com acadêmicos renomados explorando aspectos relevantes dos temas abordados.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

5. PROJETOS DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR

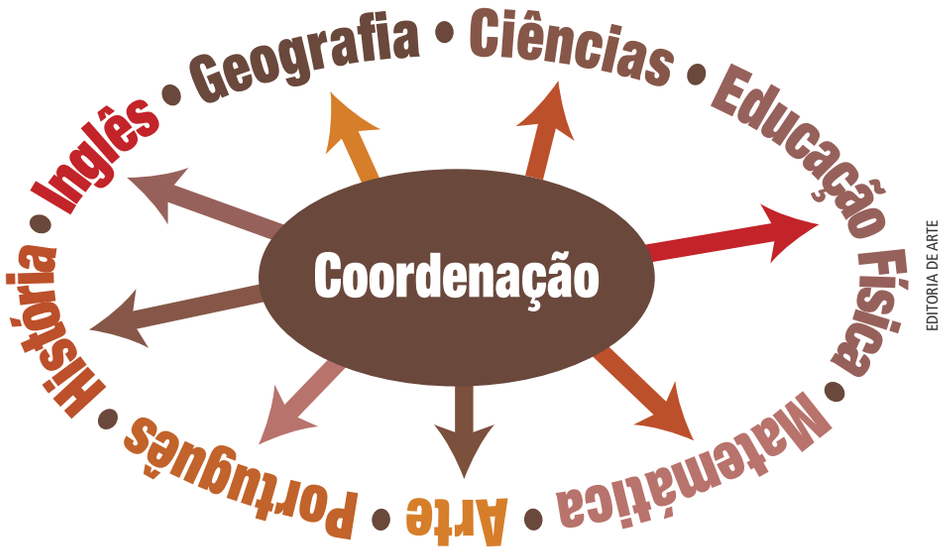
Com o objetivo de colaborar para a aplicação de um Projeto de Trabalho Interdisciplinar na escola elaboramos: **a)** um texto com orientações para a confecção de um Projeto Interdisciplinar; **b)** um Projeto que pode ser aplicado pelos professores desde que adaptado à realidade da escola onde lecionam. O trabalho com Projetos permite: superar a representação do conhecimento como algo fragmentado e distanciado das vivências dos alunos; levar em conta o que acontece no mundo social e do conhecimento; receber criticamente a avalanche de informações disponibilizadas pelos meios de comunicação.

5.1 O QUE É UM PROJETO DE TRABALHO?

Segundo o educador espanhol Fernando Hernández, um dos precursores do ensino por projetos, o projeto de trabalho é um percurso por um tema-problema, que favorece a análise, a interpretação e a crítica (como contraste de pontos de vista), além de uma atitude interdisciplinar. A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma proposta de trabalho coletivo em que cada disciplina observa o mesmo objeto de estudo a partir de seus referenciais sem, no entanto, perder suas especificidades. Como disse um estudioso:

> A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa.
>
> NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001. p. 143.

A figura a seguir é uma representação esquemática e simplificada da interdisciplinaridade.



Orientações para a elaboração de um Projeto de trabalho interdisciplinar

O primeiro passo é compor uma equipe interdisciplinar que coordenará o Projeto. Essa equipe deverá ajudar a integração e a correlação das disciplinas envolvidas, bem como o desenvolvimento das múltiplas inteligências (MIs) dos alunos. Formada por profissionais de diferentes áreas, essa equipe deverá reunir-se regularmente com os seguintes propósitos: delimitar o tema e definir como cada disciplina pode contribuir para investigá-lo; estabelecer os objetivos e coordenar o processo; desafiar e apoiar os alunos, estimulando a troca de informações entre eles e propondo novas questões; avaliar o processo e auxiliar na avaliação das aquisições dos alunos; estimular o professor a ver-se como pesquisador e produtor do saber escolar (e não como divulgador de um conhecimento produzido na universidade).

- Etapas de um Projeto

Grosso modo, o Projeto pode ser desenvolvido em quatro etapas:

a) Escolha do tema ou objeto de estudo:

Esta escolha deve ser feita por meio de um amplo debate com os alunos, incorporando seus desejos e interesses, pois o sucesso do Projeto dependerá, em boa parte, do envolvimento deles no processo. Para a escolha do tema, propomos que se adotem os seguintes critérios:

1. É relevante, do ponto de vista do aluno?
2. Estimula a adoção de uma atitude investigativa?
3. Facilita o trabalho com valores e atitudes?

Sugestão: escolhido o tema, afixar uma faixa ou painel na entrada da escola com o título do Projeto, com o objetivo de manter a comunidade externa informada e estimular sua participação.

b) Planejamento efetivo do Projeto, que inclui:

- **definir** as áreas de estudo. Envolver o maior número de disciplinas possível, estimulando as trocas, a integração e a correlação das disciplinas no interior do Projeto;
- **delimitar** o tempo requerido. O tempo poderá variar de um bimestre a um ano letivo;
- **estabelecer** os objetivos gerais. Os objetivos devem contemplar o estímulo à troca, à pesquisa, à reciprocidade, à curiosidade e ao compromisso diante do saber;
- **fixar** os objetivos específicos por área. Os objetivos específicos de cada disciplina devem manter relação estreita com o tema do Projeto;
- **planejar** e propor ações para envolver professores, alunos e comunidade externa.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Professores – Selecionar e oferecer aos professores textos científicos, jornalísticos e literários, acompanhados de imagens, visando provocar a curiosidade e o interesse deles pelo tema e estimular seu posicionamento frente ao assunto. Este material poderá também ser afixado em quadros situados na sala dos professores, na sala da coordenação, na secretaria da escola. Posteriormente, então, convidá-los para trabalhar com esta temática.

Alunos – Debater o tema com os alunos em sala de aula, realizar entrevistas e coletar dados. O debate pode ser estimulado pela visita de um palestrante ou alguém da comunidade, que venha à escola falar aos alunos sobre o tema. Podem-se também espalhar pela escola frases curtas, interrogativas e/ou reflexivas, questionando o que se sabe sobre o tema, instigando os alunos a quererem conhecê-lo melhor.

Comunidade externa – Ao longo do trabalho, pedir aos alunos que elaborem cartazes e folhetos explicativos à comunidade externa, mostrando a importância do tema e solicitando a participação dela no Projeto.

c) Elaboraração de um Roteiro de Trabalho:

O Roteiro – construído coletivamente a partir das demandas dos alunos e sob a supervisão da equipe interdisciplinar – compreende as atividades a serem desenvolvidas, deve contemplar o uso de diferentes linguagens e prever atividades extraclasse. Deverá também ser flexível o suficiente para ser alterado/reelaborado de acordo com novos problemas colocados pela pesquisa.

d) Apresentação/exposição do Projeto:

• Exposições científicas e/ou artísticas, abertas à comunidade, onde se exibirão cartazes, vídeos, *slides*, maquetes, mapas, histórias em quadrinhos, charges, tabelas, gráficos, estatísticas, fotos, textos, cartilhas, encenações e outros trabalhos de autoria dos alunos; apresentação oral, conduzida pelos próprios alunos, dos trabalhos realizados por eles (individuais ou em grupo).

5.2 PROJETO DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR

PUBLICAÇÃO PILOT 2010 FTD

Título: Paz, Respeito e Tolerância

Em um mundo assombrado pela intolerância, pelo desrespeito entre pessoas e povos e por diferentes tipos de guerra, o debate sobre violência, desrespeito e intolerância torna-se decisivo para a formação de uma cultura da paz. Partimos do suposto de que só o conhecimento e a reflexão permanente podem inspirar atitudes de respeito e de tolerância e difundir a cultura da paz.

Como o tema é muito amplo, a escola poderá trabalhar o que considerar mais interessante ou necessário: priorizar, por exemplo, o desrespeito e a intolerância entre pessoas e/ou etnias; ou a violência entre povos e Estados Nacionais; as agressões dos seres humanos à flora/fauna/mares e rios. Cada um desses subtemas pode ser transformado no tema de um novo Projeto. Seja qual for a abordagem e o recorte temático, é importante historiar o tema e contextualizá-lo, levando em conta, portanto, as dimensões tempo e espaço.

Este nosso Projeto foi pensado para os anos finais do Ensino Fundamental. E pode ser dividido em dois momentos; num primeiro momento, os alunos dos quatro anos vão trabalhar a violência, o desrespeito e a intolerância na sua sala de aula, na sua escola e no seu bairro; num segundo momento, os alunos do 6º ano vão investigar o tema no município; os do 7º ano, no âmbito do estado, os do 8º ano, no país como um todo, e os do 9º ano, no âmbito mundial.

- Equipe interdisciplinar

O Projeto deve ser coordenado por uma equipe interdisciplinar composta de 4 a 5 pessoas de diferentes áreas, que devem atuar integrando atividades e procedimentos de modo a facilitar a troca e o diálogo entre os envolvidos. Escolhido o tema, passa-se para a segunda etapa, isto é, o planejamento efetivo do Projeto, que inclui:

Áreas de estudo

Neste Projeto, previu-se o trabalho para as seguintes disciplinas: História, Ciências, Educação Física, Português, Arte, Matemática, Geografia, Informática, Inglês e Espanhol. O ideal é planejar ações para envolver o máximo possível de disciplinas.

Tempo requerido

Um semestre ou um ano, a depender da decisão conjunta dos envolvidos.

Objetivos gerais

1. Ressaltar e estudar os casos de violência, desrespeito e intolerância nos espaços propostos pelo Projeto;
2. Favorecer atitudes de tolerância e respeito e difundir a cultura da paz tal como proposta pela ONU (Organização das Nações Unidas);
3. Questionar o uso da violência para a solução de problemas entre pessoas, povos e Estados Nacionais;
4. Conscientizar para o fato de que vivemos em uma sociedade multicultural e pluriétnica e incentivar o respeito pelas culturas e artes dos diferentes grupos étnicos que viveram e vivem no território onde é hoje o Brasil;
5. Conhecer e respeitar as culturas dos diferentes povos da Terra;
6. Facilitar a percepção de que é o conhecimento que favorece o respeito e a tolerância e de que não há cultura superior à outra.

- Objetivos por área de estudo

História:

- situar a violência, o desrespeito e a intolerância no tempo e no espaço;
- trabalhar os conceitos de paz, respeito, tolerância; mudanças/permanências; preconceito, discriminação e racismo;
- estimular o repúdio a todos os tipos de preconceito (de raça, de classe, de gênero, de religião etc.).

Ciências:

- compreender a saúde como bem individual e coletivo que deve ser promovido pela ação de diferentes agentes;
- desenvolver o autocuidado, a autoestima e o respeito pelo próprio corpo e pelo do outro;
- reconhecer que a violência e o alto nível de estresse desencadeiam doenças, como hipertensão, síndrome do pânico, entre outras.

Educação Física:

- compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, como fator de integração social e de formação da identidade;
- reconhecer a importância de atitudes pacíficas e do espírito de equipe para o crescimento individual e coletivo durante a prática do esporte;
- participar de atividades coletivas, sendo solidário com os companheiros e cultivando o respeito ao adversário.

Língua Portuguesa:

- incentivar a leitura, a interpretação e, sobretudo, a produção de textos de diversos gêneros;
- desenvolver o trabalho com diferentes linguagens (escrita, oral, gestual, visual etc.);
- selecionar, organizar e confrontar informações textuais relevantes sobre o tema do Projeto para interpretá-las e avaliá-las criticamente.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Arte:

- Estimular a educação do olhar e a produção artística, pondo os alunos em contato com a arte de povos que constituíram o que é hoje o Brasil, incentivando o alunado a se expressar por meio de desenhos, maquetes, pinturas, esculturas, peças teatrais, criações musicais etc.

Matemática:

- Desenvolver ou acompanhar cadeias de raciocínios;
- Lidar com cálculos e números;
- Resolver problemas lógicos, produzir e interpretar tabelas e gráficos.

Geografia:

- Levantar hipóteses sobre as possíveis razões da violência no meio urbano e rural;
- Discutir a situação da flora e da fauna;
- Trabalhar os conceitos de espaço, cidade, fauna, flora, desenvolvimento sustentável e degradação ambiental e estimular a alfabetização cartográfica.

Informática:

- Conhecer e praticar o uso da internet, como ferramenta aplicada à comunicação, à pesquisa escolar e ao desenvolvimento do conhecimento.

Inglês/espanhol:

- Conhecer e usar as línguas inglesa/espanhola como instrumento de acesso a informações sobre diferentes culturas e grupos sociais;
- Estimular nos alunos a produção oral e escrita e a interpretação nestas duas línguas.

- Roteiro de trabalho

O roteiro de trabalho proposto a seguir pode e até mesmo deve ser adaptado às necessidades de cada escola. Ele contém dois tipos de atividades: **parte 1**: atividades destinadas a alunos de todos os anos; **parte 2**: atividades diferenciadas para cada um dos anos, visando investigar, mapear e debater o tema. Durante este processo os alunos irão testar suas hipóteses e sugerir soluções para os problemas levantados.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

PARTE 1 – ATIVIDADES DESTINADAS A TODOS OS ANOS

Atividades	Áreas das Múltiplas Inteligências (MIs) trabalhadas	Disciplinas envolvidas
1. Concurso de elaboração de um logotipo para o Projeto.	Espacial	Arte e Informática
2. Pesquisa e registro do significado dos substantivos "paz", "respeito" e "tolerância" em português/inglês e/ou espanhol.	Linguística	Português, Inglês e Espanhol
3. Reflexão individual e/ou em grupos: "Sou uma pessoa preconceituosa? E tolerante? Por quê?".	Intrapessoal e Linguística	História e Português
4. Entrevista com alunos da classe seguidas de relatos de casos de violência e/ou desrespeito havidos entre eles (brigas, xingamentos, apelidos) • As pessoas têm respeitado seu próprio corpo e o das outras pessoas? Tem havido respeito pessoa/pessoa na sala de aula? Na escola? No bairro? • O ser humano tem apresentado respeito e tolerância em relação à fauna, à flora e ao planeta? • Como você está contribuindo ou pode contribuir para ajudar melhorar a situação atual?	Linguística, Interpessoal e Naturalista	Português, Ciências, História e Geografia

Atividades	Áreas das Múltiplas Inteligências (MIs) trabalhadas	Disciplinas envolvidas
5. Pesquisa e tradução de textos em inglês e/ou espanhol envolvendo preconceitos vivenciados ou presenciados.	Linguística e Interpessoal	Português, Inglês e Espanhol
6. Elaboração de histórias em quadrinhos sobre a prática da violência, do desrespeito e da intolerância na atualidade. A história pode ser feita em grupo. Um aluno faz o papel de roteirista; outro, de desenhista; outro responde pelo preenchimento dos balões de fala; outro faz o papel de editor (comenta/critica a obra, a fim de aperfeiçoá-la).	Linguística, Espacial e Naturalista	Arte/Português e Ciências
7. Coleta de dados sobre a violência no bairro/lugar onde a escola está situada; organizá-los na forma de tabela.	Lógico-matemática e Interpessoal	História, Geografia e Matemática
8. Levantamento das espécies animais e vegetais que correm risco de extinção no Brasil; apontar as razões principais deste fenômeno.	Naturalista e Linguística	Ciências e Português
9. Levantamento das indústrias mais próximas da escola causadoras de poluição do ar e/ou rios, indicando por escrito quais são os agentes poluidores e as consequências e prejuízos causados por eles às pessoas e ao ambiente.	Lógico-matemática, Naturalista e Linguística	Matemática, Ciências, Geografia e Português
10. Transformação dos dados coletados nas questões 7 a 9 em porcentagens e gráficos na forma de *pizza*, barras ou colunas que poderão ser expostos nas paredes da sala de aula e/ou da escola.	Lógico-matemática, Matemática e Informática	Matemática e Informática
11. Elaboração e encenação de uma peça sobre a violência, o desrespeito e a intolerância, situando a questão no tempo e no espaço.	Lógico-matemática, Naturalista e Linguística	Matemática, Ciências, Geografia e Português
12. Pesquisa de letras de músicas em português, inglês ou espanhol que falem de paz, tolerância e respeito, explorando os recursos estilísticos, semânticos, gramaticais e poéticos presentes nas letras das canções. Promoção de um festival com prêmios para melhor intérprete, melhor música, melhor arranjo.	Linguística e Musical	Português, Arte, História e Geografia
13. Concurso para premiar o melhor texto contendo um pedido de paz ao mundo.	Linguística	Português
14. Produção e exposição de um painel fotográfico sobre diferentes tipos de violência, desrespeito e intolerância ocorridos na História. As fotos deverão conter o nome do fotógrafo, data e legenda.	Espacial e Linguística	Arte, História e Português
15. Investigação da situação da vegetação típica do estado onde se encontra a escola. Elaborar dois mapas: um indicando a área de ocorrência desse tipo de vegetação em 1500 e outro mostrando sua situação no presente. Levantar hipóteses e formular explicações sobre o que levou a isso e o que tem sido feito em favor do desenvolvimento sustentável no estado.	Espacial, Naturalista e Lógico-matemática	Geografia, História e Matemática
16. Investigação das doenças com grande incidência no Brasil, causadas por poluição do ar (como a asma) e das águas (como o cólera e a leptospirose), e o que pode ser feito para evitar ou minimizar o problema.	Linguística, Espacial, Interpessoal e Naturalista	Ciências, Português, Arte, Informática e História

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Atividades	Áreas das Múltiplas Inteligências (MIs) trabalhadas	Disciplinas envolvidas
17. Entrevista com alunos com deficiência, procurando conhecer e aprender um pouco mais sobre cada uma de suas limitações e registrar por escrito se já sofreram algum tipo de preconceito. Qual? Onde? Como?	Linguística	Português e História
18. Interpretação e comentário do artigo 208, inciso III, da Constituição Federal, que determina que: "o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino".	Linguística e Naturalista	Português, Ciências e História
19. Campanha de conscientização, contendo material escrito e iconográfico, para incentivar a comunidade externa a ter atitudes de respeito e solidariedade com as pessoas com deficiência.	Espacial, Linguística e Interpessoal	Arte e Português
20. Debate sobre a afirmação do Barão de Coubertin que sintetiza o espírito olímpico: "O essencial não é vencer, mas competir com liberdade, cavalheirismo e valor". Depois responder e comentar se este princípio tem presidido a prática do esporte nos Jogos Olímpicos da atualidade.	Linguística	Português, Educação Física
21. Organização de uma olimpíada escolar, resgatando o espírito olímpico, ressaltando o respeito entre os atletas e a tolerância entre as diferentes torcidas. Elaboração de um jornal escolar sobre o evento.	Cinestésica-corporal e Linguística	Educação Física e Português
22. Elaboração de coreografias inspiradas em músicas e danças do folclore brasileiro, resgatando a diversidade cultural existente no Brasil, registrando por meio de vídeos, fotos, textos, as diferenças entre elas e chamando a atenção para a sua beleza.	Cinestésica-corporal, Musical e Linguística	Arte, Educação Física e Português
23. Promoção de um amplo debate sobre o estatuto do torcedor, Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003*, no que se refere aos direitos e deveres dos torcedores e à atitude das torcidas organizadas dentro e nas imediações dos estádios. Apresentar o resultado do debate e fornecer sugestões em cartazes com fotos legendadas, mapas e comentários sobre a violência nos estádios, suas razões e as formas de evitá-la.	Linguística, Espacial e Interpessoal	Português, História, Geografia e Arte

*Observação: para colher elementos e comentários sobre o estatuto do torcedor, pesquise em: BRASIL. **Estatuto de Defesa do Torcedor**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em: 19 out. 2018.

DIVULGAÇÃO PNED 2020 FTD

PARTE 2 – ATIVIDADES ESPECÍFICAS

Atividades	Áreas das Múltiplas Inteligências (MIs) trabalhadas	Disciplinas envolvidas
1. Pesquisar e debater os problemas causados aos seres humanos pela ocorrência dos mais variados tipos de violência (social, econômica, política, simbólica, étnica etc.). O 6º ano pesquisará a situação no município; o 7º ano no estado; o 8º ano no país; e o 9º ano no mundo.	Linguística	Português, História e Geografia
2. Elaborar um mapa da violência no município (6º ano), no estado (7º ano), no Brasil (8º ano) e no mundo (9º ano).	Espacial, Lógico-matemática e Linguística	Geografia, Matemática e Português
3. Produzir um boletim informativo sobre a evolução da violência contra pessoas no município (6º ano); no estado (7º ano); no Brasil (8º ano); e no mundo (9º ano). Apresentar à classe na forma de um jornal falado as notícias e os dados pesquisados.	Linguística e Interpessoal	Português, História e Informática

4. Governante por um dia: que medidas você proporia para solucionar o problema da violência, do desrespeito e da intolerância? Os alunos do 6º ano vão se colocar no lugar do(a) prefeito(a); os do 7º ano no lugar do(a) governador(a); os do 8º ano no lugar do(a) presidente(a) da República; e os do 9º ano no lugar do(a) Secretário(a)-Geral da ONU.	Linguística, Interpessoal e Intrapessoal	História, Geografia e Português

Atividade-síntese do Projeto

Elaborar *slogans*, *folders*, *banners*, cartazes, fotos, mapas, tabelas, gráficos, panfletos, cartilhas e vídeos objetivando uma grande campanha de conscientização sobre a necessidade de desenvolver atitudes de respeito e de tolerância no relacionamento com as pessoas. A campanha deverá enfatizar também a importância do respeito pelo patrimônio cultural[7].

O 6º ano trabalhará a intolerância e o desrespeito na sala de aula, na escola e no bairro; o 7º, as diversas formas de desrespeito a grupos humanos historicamente discriminados no Brasil, como negros, mulheres e índios; o 8º, a agressão e o desrespeito à fauna e à flora; o 9º, a necessidade de paz, respeito e tolerância entre os povos e os Estados Nacionais.

Apresentação/exposição do Projeto:

FICHA nº 1 – Modelo de ficha de observação e avaliação dos educadores

Nome da escola: _____

Tema do Projeto: _____

Período de realização: _____

Ano: _____ Turma: _____ Responsável pedagógico: _____

1. Escolha do tema – você o considerou satisfatório? Por quê?
2. Planejamento (foi amplo, detalhado e flexível?).
3. Envolvimento (foi intenso?).
4. Flexibilidade (houve correção do rumo quando necessário?).
5. Desempenho da Equipe Interdisciplinar durante o processo (foi satisfatório?).
6. A Equipe Interdisciplinar cumpriu a missão de guardiã do processo?
7. Adotou uma postura interdisciplinar e favoreceu a mediação, a pesquisa e o diálogo?
8. O que você aprendeu participando do desenvolvimento de um Projeto Interdisciplinar?
9. Que sugestões críticas você daria para melhorar o planejamento, a execução, a apresentação e a avaliação do próximo Projeto?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

7 Segundo o artigo 216 da Constituição brasileira, constituem patrimônio cultural os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I. as formas de expressão;

II. os modos de criar, fazer e viver;

III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

FICHA nº 2 – Modelo de ficha de observação e avaliação dos alunos

Nome da escola: _____

Tema do Projeto: _____

Período de realização: _____

Ano: _____ Turma: _____ Responsável pedagógico: _____

1. Participação do(a) aluno(a):
   - **a)** na elaboração e execução das atividades;
   - **b)** no desenrolar do processo;
   - **c)** na criação e confecção de produtos e materiais para o Projeto;
   - **d)** na apresentação;
   - **e)** nas atividades que mais exigiam cooperação e solidariedade.

2. Desempenho do(a) aluno(a):
   - **f)** diante de diferentes situações-problema;
   - **g)** quanto à aquisição de conteúdos conceituais e procedimentais;
   - **h)** quanto à atitude;
   - **i)** nas diferentes avaliações;
   - **j)** quanto à capacidade de argumentação, oral e escrita;
   - **k)** quanto à resolução de problemas.

Obs.: Convém verificar também o tipo de inteligência em que o(a) aluno(a) mostrou a maior desenvoltura e aquele no qual mostrou a menor e, ao mesmo tempo, os tipos de estímulo de que necessita.

Autoavaliação

A autoavaliação é um aprendizado fundamental para a construção da autonomia do aluno; além disso, democratiza o processo, pois envolve diferentes pontos de vista.

Sugestão de perguntas para a autoavaliação.

1. Você considerou interessante o trabalho realizado durante o Projeto?
2. Tinha conhecimentos anteriores que o auxiliaram na realização?
3. Foi fácil ou difícil? Se foi difícil, saberia dizer por quê?
4. Como você avalia sua participação no grupo? (realizou tarefas que contribuíram para o trabalho? Sugeriu formas de organizar o trabalho? Colaborou com seus colegas na realização de suas tarefas?).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

6. AVALIAÇÃO

Sabe-se que o processo de construção do conhecimento é dinâmico e não linear, assim, avaliar a aprendizagem implica avaliar também o ensino oferecido. É importante que toda a avaliação esteja relacionada aos objetivos propostos e, para atingi-los, é indispensável que os alunos aprendam mais e melhor. Assim sendo, os resultados de uma avaliação devem servir para reorientar a prática educacional e nunca como um meio de estigmatizar os alunos.

Para pensar a avaliação, cuja importância é decisiva no processo de ensino-aprendizagem, lançamos mão das reflexões de César Coll e dos PCNs. Para César Coll, a avaliação pode ser definida como uma série de atuações que devem cumprir duas funções básicas:

- **diagnosticar** – ou seja, identificar o tipo de ajuda pedagógica que será oferecida aos alunos e ajustá-la progressivamente às características e às necessidades deles.
- **controlar** – ou seja, verificar se os objetivos foram ou não alcançados (ou até que ponto o foram).

Para diagnosticar e controlar o processo educativo, César Coll recomenda o uso de três tipos de avaliação:

	Avaliação Inicial	Avaliação Formativa	Avaliação Somatória
O que avaliar?	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Os progressos, dificuldades, bloqueios etc., que marcam o processo de aprendizagem.	Os tipos e graus de aprendizagem que estipulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) a propósito dos conteúdos selecionados.
Quando avaliar?	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
Como avaliar?	Consulta e interpretação do histórico escolar do aluno. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos ante perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999. p. 151. (Fundamentos).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

A **avaliação inicial** busca verificar os conhecimentos prévios dos alunos e possibilita a eles a tomada de consciência de suas limitações (imprecisões e contradições dos seus esquemas de conhecimento) e da necessidade de superá-las.

A **avaliação formativa** visa avaliar o processo de aprendizagem. A avaliação formativa pode ser feita por meio da observação sistemática do aluno, com a ajuda de planilhas de acompanhamento (ficha ou instrumento equivalente em que se registram informações úteis ao acompanhamento do processo). Cada professor deve adequar a planilha de acompanhamento às suas necessidades.

A **avaliação somatória** procura medir os resultados da aprendizagem dos alunos confrontando-os com os objetivos que estão na origem da intervenção pedagógica, a fim de verificar se estes foram ou não alcançados ou até que ponto o foram.

Note-se que os três tipos de avaliação estão interligados e são complementares. Por meio deles o professor colhe elementos para planejar; o aluno toma consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades; a escola identifica os aspectos das ações educacionais que necessitam de maior apoio. A avaliação, portanto, deve visar ao processo educativo como um todo, e não ao êxito ou fracasso dos alunos.

Oferecemos para leitura um texto sobre metacognição, conceito que nos auxilia a pensar de que forma as progressões de conteúdo nos capítulos, unidades e anos podem ser avaliadas durante o ciclo dos anos finais do Ensino Fundamental.

A metacognição

Deve ser ressaltada a importância do trabalho com a metacognição, o qual consiste, fundamentalmente, no processo de autorreflexão por parte do aluno acerca da relação que estabeleceu com os conteúdos específicos de cada unidade ou capítulo. O objetivo da metacognição é que o aluno seja capaz de identificar o que aprendeu, comparando com o que já sabia, informando o que considerou mais significativo na aprendizagem, além de destacar os pontos mais ou menos positivos.

Elementos históricos	Indicadores de compreensão pelo aluno
Cronologia	Tem experiências no estabelecimento de limites históricos, como antes de Cristo e depois de Cristo, geração, década e século. É capaz de: estabelecer sequência de datas e períodos; determinar sequência de objetos e imagens; relacionar acontecimentos com uma cronologia.
Testemunhos	É capaz de compreender tipos de testemunho que o historiador utiliza. Distingue fontes primárias de fontes secundárias. É consciente da necessidade de ser crítico na análise de documento. Tem consciência de como os historiadores empregam os testemunhos para chegar a uma explicação do passado.
Linguagem	Compreende o significado de determinadas palavras num contexto histórico.
Semelhança e diferença	Estabelece comparações simples entre passado e presente com referência a uma diversidade de períodos, culturas e contextos sociais.
Continuidade e mudança	Entende que a História é tanto um estudo da continuidade como da mudança. Compreende que um acontecimento histórico pode responder a uma multiplicidade de causas.
Identificação	É capaz de se identificar com pessoas que viveram no passado e cujas opiniões, atitudes, cultura e perspectiva temporal são diferentes das suas.

O desenvolvimento de múltiplas e diferentes atividades de avaliação pode substituir a antiga prática de avaliar apenas a memorização do conteúdo com testes. Entre as atividades sugeridas para avaliação em História, podem ser citadas:

- atividades realizadas em sala de aula – trata-se de avaliar diariamente, se possível, a participação e o esforço do aluno em sala de aula. Nesse caso, incluem-se os trabalhos produzidos individualmente ou em grupo, os quais são apresentados em sala de aula, seja oralmente, seja por escrito.
- atividades que indiquem capacidades de síntese e redação – nesse caso, são definidos, essencialmente, os aspectos formativos dos critérios, ou seja, a capacidade do aluno para organizar e produzir sua narrativa histórica.
- atividades que expressem o domínio do conteúdo – trata-se de verificar a capacidade do aluno de comunicar o conteúdo que domina e o grau em que desempenha essa comunicação.
- atividades que expressem a aprendizagem – procura-se, aqui, analisar o desenvolvimento das capacidades cognitivas do aluno. Por exemplo, quando a proposta de avaliação se referir a um tema tratado no curso, pode ser solicitado ao aluno que:
  - faça uma apresentação o mais geral possível do tema, a qual pode ser empregada para avaliar sua capacidade de explicação e conceituação;
  - referencie o tema estudado do ponto de vista temporal, aplicando noções de tempo como duração, sucessão e simultaneidade;
  - faça uma análise do tema proposto, partindo de questões mais gerais para outras mais específicas e avaliando o estabelecimento de relações de causalidade.
- atividades que explicitem procedimentos – trata-se de evidenciar procedimentos como aqueles que permitem verificar se o aluno adquiriu a capacidade de leitura de linguagens contemporâneas, como o cinema, a fotografia e a televisão.

Essa perspectiva de avaliação permite, inclusive, que se analise a capacidade do aluno para lidar com os processos de produção do conhecimento histórico. Trata-se, por exemplo, de avaliar se ele compreende um documento, ou seja, se ele sabe identificar tipos de documento, explicar seus conteúdos, analisar a forma como o documento apresenta o tema, elaborar questões baseadas no documento, sugerir outras fontes ou documentos que possam ser utilizados para complementar o tema e elaborar conclusões pessoais com base nos documentos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

É importante que se construam procedimentos e estratégias para avaliar se o aluno adquiriu conteúdos e construiu procedimentos e estratégias relativas ao conhecimento histórico. Ademais, torna-se necessário verificar se ele aprendeu a formular hipóteses historicamente corretas; processar fontes em função de uma temática e segundo as hipóteses levantadas; situar e ordenar acontecimentos em uma temporalidade histórica; levar em consideração os pontos de vista, os sentimentos e as imagens próprias de um passado; aplicar e classificar documentos históricos segundo a natureza de cada um; usar vocabulário conceitual adequado; e construir narrativas históricas baseadas em marcos explicativos (de semelhanças e diferenças, de mudança e permanência, de causas e consequências, de relações de dominação e insubordinação).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009. p. 186-187, 189.

6.1 ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO

Recomendamos que se empreguem na avaliação:

a) **observação sistemática**: visa trabalhar as atitudes dos alunos. Para isso, pode utilizar o diário de classe ou instrumento semelhante para fazer anotações. Exemplo: você pediu que os alunos trouxessem material sobre a questão do meio ambiente, e um aluno, cujo rendimento na prova escrita não havia sido satisfatório, teve grande participação na execução desta tarefa; isto deverá ser levado em consideração na avaliação daquele bimestre.

b) **análise das produções dos alunos**: busca estimular a competência do aluno na produção, leitura e interpretação de textos e imagens. Sugerimos levar em conta toda a produção, e não apenas o resultado de uma prova, e avaliar o desempenho em todos os trabalhos (pesquisa, relatório, história em quadrinhos, releitura de obras clássicas, prova etc.). Note-se que, para o aluno escrever ou desenhar bem, é necessário que ele desenvolva o hábito.

c) **atividades específicas**: visam estimular, sobretudo, a objetividade do aluno ao responder a um questionário ou expor um tema. Exemplo de pergunta: Pode-se dizer que no dia 22 de abril de 1500 o Brasil foi descoberto? Resposta: Não, pois as terras que hoje são o Brasil eram habitadas por milhões de indígenas quando a esquadra de Cabral aqui chegou. Complemento da resposta: 22 de abril foi o dia em que Cabral tomou posse das terras brasileiras para o rei de Portugal.

d) **autoavaliação**: visa ajudar o aluno a ganhar autonomia e a desenvolver a autocrítica. O aluno avalia suas produções, bem como os critérios usados nas avaliações.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia Maria. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Ideias Em Ação / Coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. (Docência em formação).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da História**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática. 1999. (Fundamentos).

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

GRANGEIRO, Ilza (Coord.) et al. **Guia metodológico para preparação do IX Festival Afro-Arte**: expressões culturais afro-brasileiras no ambiente escolar. Maracanaú: Diretoria de Educação: Coordenadoria de desenvolvimento curricular, 2018.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.
JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do poder**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.
MACHADO, Nilson José. **Educação**: projetos e valores. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000. (Coleção Ensaios Transversais).
NEVES, Iara Conceição Bittencourt et al. (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001.
OFICINA DO PATRIMÔNIO CULTURAL. **Rede das culturas populares e tradicionais**, 26 set. 2013. Disponível em: <http://culturaspopulares.org.br/blog/oficina-patrimonio-imaterial/>. Acesso em: 14 jun. 2015.
OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. (Explorando o ensino, v. 21).
PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá et al. **Matrizes curriculares de referência para o Saeb**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.
SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.
VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1998. (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 3).
VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação**: do "é proibido reprovar" ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Libertad, 1998. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 5).

8. QUADRO DE CONTEÚDOS, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES

Procuramos organizar as unidades e, dentro das Unidades, os capítulos, de modo a facilitar a professores e alunos a percepção da relação entre os conhecimentos construídos anteriormente, os abordados no momento e os posteriores.

A seguir, vamos dar alguns exemplos desta conduta:

1º) Na Unidade II do 6º ano, por exemplo, agrupamos os capítulos sob o grande guarda-chuva proposto pela BNCC e intitulado "A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades". A nossa estratégia, nesse caso, foi introduzir o trabalho com esses capítulos por uma página dupla em que discutimos "o conceito de Antiguidade Clássica, seu alcance e limite na tradição ocidental, assim como os impactos sobre outras sociedades e culturas", a exemplo das da África, do Oriente e da América na Antiguidade. E, na página seguinte, para introduzir o capítulo sobre Egito e Kush na Antiguidade, trabalhamos as diferentes formas de organização política na África: aldeia, cidade-Estado, reino e império. Dessa forma, buscamos preparar o alunado para a compreensão dos capítulos da unidade (que envolvem o Império Egípcio, os impérios mesopotâmicos, o Império Inca, entre outros), bem como adubar o terreno para retomar e aprofundar o conceito de Império e seu uso no caso da história romana.

2º) Na Unidade II do 9º ano, por exemplo, agrupamos os capítulos sob o grande guarda-chuva proposto pela BNCC e intitulado "Totalitarismos e conflitos mundiais"; capítulos que vão da Primeira Guerra Mundial à criação da Organização das Nações Unidas. Nos esforçamos para ordenar os capítulos obedecendo não apenas a uma sequência temporal, mas também facilitar a alunos e professores a percepção dos nexos entre determinados conhecimentos e acontecimentos anteriores e posteriores a ele. Por exemplo, no tópico sobre rivalidades imperialistas retomamos o conceito de imperialismo trabalhado no último capítulo do 8º ano e, ao mesmo tempo, preparamos o terreno para o aluno compreender – por meio do debate em torno do Tratado de Versalhes – a ascensão do nazismo na Alemanha, a ser trabalhado no Capítulo 7.

Por fim, vale dizer, que nos esforçamos para adotar esse procedimento em todos os livros da coleção, com vistas a ajudar o alunado a estabelecer relações entre passado e presente e incentivá-lo a desenvolver as competências gerais propostas pela BNCC, especialmente as numeradas como 1, 7 e 9.

PUBLICAÇÃO PNLD 2020 FTD

CONTEÚDOS, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES DO 7º ANO

UNIDADE	CAPÍTULOS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
I	1. Povos indígenas: saberes e técnicas	Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial	(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.
		CONTEÚDOS: Os astecas; Dominação asteca; Saberes e técnicas dos astecas; Os maias: sociedade e economia; Saberes e técnicas maias: pirâmides; Os incas; Sociedade incaica; Saberes e técnicas incas: edificações incas; Técnica, trabalho e impostos; *Ayllu*; *Mita*; Os tupis; Técnicas e saberes tupis; Objetos que contam história: mantos tupis; Saberes e técnicas dos indígenas do Brasil; O processamento da mandioca; Guaraná e cacau.	
	2. Povos e culturas africanas: malineses, bantos e iorubás	Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial	(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.
		CONTEÚDOS: África: aspectos físicos; O Império do Mali; Griôs; Formação do Império do Mali; Sundiata Keita; Tombuctu; Economia malinesa; A noz-de-cola; A força e o declínio do Império do Mali; Os bantos; Reino do Congo; Vida econômica, comércio e caravanas; Bantos no Brasil; Os iorubás; Cidades do Iorubo; Política e economia nas cidades iorubá; Iorubás no Brasil; A arte de matriz iorubá.	
II	3. Mudanças na Europa feudal	A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História Humanismos: uma nova visão de ser humano e de mundo Renascimentos artísticos e culturais	(EF07HI01) Explicar o significado de "modernidade" e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia. (EF07HI04) Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados.
		CONTEÚDOS: Inovações técnicas: charrua, sistema de rotação trienal, moinhos; O revigoramento do comércio e das cidades; Principais rotas comerciais; As feiras; Cidades novas e antigas; Comerciantes, artesãos e suas corporações; As cidades se libertam: cartas de franquia; As Cruzadas; A universidade; Crise, doenças e revoltas; A Guerra dos Cem Anos; Joana d'Arc; Rebeliões camponesas.	
	4. Renascimento e Humanismo	A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História Humanismos: uma nova visão de ser humano e de mundo Renascimentos artísticos e culturais	(EF07HI01) Explicar o significado de "modernidade" e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia. (EF07HI04) Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados.
		CONTEÚDOS: A ideia de modernidade; Renascimento ou Renascimentos?; O contexto: mudanças na Europa; Conceito e preconceito; O Humanismo; Arte e técnica; O Renascimento italiano; Fases do Renascimento italiano; Artistas; A expansão do Renascimento; Escritores e cientistas do Renascimento.	

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

UNIDADE	CAPÍTULOS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
II	5. Reforma e Contrarreforma	Reformas religiosas: a cristandade fragmentada	(EF07HI05) Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.
		CONTEÚDOS: Motivos da Reforma; Os primeiros reformadores; Martinho Lutero; As teses de Lutero; A doutrina luterana; Impressão de livros e a Reforma; João Calvino; A Reforma na Inglaterra; Mapa da Europa após a Reforma; A Reforma Católica ou a Contrarreforma; A Inquisição.	
III	6. Estado moderno, absolutismo e mercantilismo	A formação e o funcionamento das monarquias europeias: a lógica da centralização política e os conflitos na Europa A emergência do capitalismo	(EF07HI07) Descrever os processos de formação e consolidação das monarquias e suas principais características com vistas à compreensão das razões da centralização política. (EF07HI17) Discutir as razões da passagem do mercantilismo para o capitalismo.
		CONTEÚDOS: O fortalecimento do poder dos reis; A monarquia inglesa; A magna carta; A monarquia francesa; Guerras que fortaleceram o rei; O absolutismo; Teóricos do absolutismo; Luís XIV, o Rei-Sol; O barroco europeu; O mercantilismo: riqueza e poder para o Estado; Principais características do mercantilismo; O mercantilismo variou no tempo e no espaço; Burguesia mercantil; Capitalismo; A formação das monarquias ibéricas; A formação de Portugal; A formação da Espanha.	
	7. As Grandes Navegações	A ideia de "Novo Mundo" ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno As descobertas científicas e a expansão marítima	(EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. (EF07HI06) Comparar as navegações no Atlântico e no Pacífico entre os séculos XIV e XVI.
		CONTEÚDOS: Os perigos enfrentados; Comércio de especiarias orientais; Importantes especiarias: canela, açafrão, cravo, noz-moscada, pimenta, gengibre; Motivações das navegações; O pioneirismo português; A caravela; O périplo africano; O Império Ultramarino Português; As navegações espanholas; O avanço europeu pelo Pacífico; Cabral toma posse das terras brasileiras; Carta de Caminha; Navegações de ingleses, franceses e holandeses; Consequências da expansão marítima.	

DIVULGAÇÃO PNLD 2023 FTD

UNIDADE	CAPÍTULOS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
III	8. Conquista e colonização espanhola da América	A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação A estruturação dos vice-reinos nas Américas	(EF07HI08) Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências. (EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência. (EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.
		CONTEÚDOS: A conquista das terras astecas; A conquista das terras incas; A resistência inca; Razões da conquista espanhola; Economia colonial; A mineração; Potosí; A agropecuária; O controle da colônia pela metrópole; Casa de contratação; Conselho das Índias; A administração espanhola; Sociedade e poder na América espanhola.	
	9. América portuguesa: colonização	Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa	(EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.
		CONTEÚDOS: O encontro entre tupiniquins e portugueses; Expedições, feitorias e pau-brasil; A disputa pela Nova Terra; Expedição colonizadora; As capitanias hereditárias; O Governo-Geral; As Câmaras Municipais; A economia colonial; A chegada dos africanos; O engenho colonial; América portuguesa: um grande canavial?; Agricultura diversificada; Produção de alimentos; A sociedade colonial; A nobreza da terra; Os comerciantes; Os escravizados.	

DIVULGAÇÃO
PNLD 2020
FTD

UNIDADE	CAPÍTULOS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
IV	10. Africanos no Brasil	As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto Oriental As lógicas internas das sociedades africanas As formas de organização das sociedades ameríndias A escravidão moderna e o tráfico de escravizados	(EF07HI14) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente. (EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval. (EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.
		CONTEÚDOS: Havia escravidão na África antes dos europeus?; Guerra e tráfico atlântico; Quantos eram e de onde foram trazidos os africanos?; Africanos ocidentais; Africanos da região congo-angolana e Moçambique; A travessia; O trabalho; Alimentação e violência; Resistência; Os quilombos; O Quilombo dos Palmares; Remanescentes de quilombos; A escravidão antiga, a servidão e a escravidão moderna.	
	11. Europeus disputam o mundo atlântico	As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto Oriental	(EF07HI13) Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico.
		CONTEÚDOS: A disputa do mundo atlântico pelos europeus — séculos XVI e XVII; A União Ibérica; A independência dos Países Baixos; A guerra por açúcar e escravos; A invasão da Bahia; A invasão de Pernambuco; Nassau no Brasil holandês; Artistas e cientistas no Brasil holandês; A restauração; A reação luso-brasileira; A concorrência holandesa e a queda nos preços do açúcar.	
	12. A formação do território da América portuguesa	Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa	(EF07HI11) Analisar a formação histórico-geográfica do território da América portuguesa por meio de mapas históricos. (EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).
		CONTEÚDOS: Os agentes da expansão territorial; Os soldados; A polêmica em torno da fundação de Fortaleza; Os bandeirantes; São Paulo, a capital bandeirante; A caça ao índio; A resistência guarani; A busca de ouro e diamantes; O sertanismo de contrato; Os jesuítas; A criação de gado; O gado no Nordeste; O gado no Sul; As novas fronteiras da América portuguesa; Brasil: terra de muitos povos.	

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

História
Sociedade & Cidadania

7

ALFREDO BOULOS JÚNIOR
Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo. Lecionou na rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares. É autor de coleções paradidáticas. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

DIVULGAÇÃO
PNLD 2020
FTD

Ensino Fundamental – Anos Finais
Componente curricular: História

4ª edição – São Paulo – 2018

FTD

Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2018.

Diretor editorial	Antonio Luiz da Silva Rios
Diretora editorial adjunta	Silvana Rossi Júlio
Gerente editorial	Flávia Renata P. A. Fugita
Editor	João Carlos Ribeiro Jr.
Editores assistentes	Bárbara Berges, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Rui C. Dias
Assistente editorial	Carolina Bussolaro Marciano
Gerente de produção editorial	Mariana Milani
Coordenador de produção editorial	Marcelo Henrique Ferreira Fontes
Gerente de arte	Ricardo Borges
Coordenadora de arte	Daniela Máximo
Projeto gráfico	Sergio Cândido
Projeto de capa	Carolina Ferreira
Foto de capa	Ricardo Teles/Pulsar Imagens
Supervisor de arte	Vinícius Fernandes
Editor de arte	Felipe Borba
Diagramação	Claritas Comunicação
Tratamento de imagens	Ana Isabela Pithan Maraschin, Eziquiel Racheti
Coordenadora de ilustrações e cartografia	Marcia Berne
Ilustrações	Carlos Bourdiel, Editoria de Arte, Getulio Delphim, HECTOR GOMEZ, Manzi, Marcelo Camacho/Conexão, Mozart Couto, Osvaldo Sequetin, Renato Bassani
Cartografia	Allmaps, Maps World, Studio Caparroz
Coordenadora de preparação e revisão	Lilian Semenichin
Supervisora de preparação e revisão	Viviam Moreira
Revisão	Adriana Périco, Camila Cipoloni, Carina de Luca, Célia Camargo, Felipe Bio, Fernanda Marcelino, Fernanda Rodrigues, Fernando Cardoso, Heloisa Beraldo, Iracema Fantaguci, Paulo Andrade, Pedro Fandi, Rita Lopes, Sônia Cervantes, Veridiana Maenaka
Supervisora de iconografia e licenciamento de textos	Elaine Bueno
Iconografia	Priscilla Liberato Narciso, Talita Trevizan Tardone
Licenciamento de textos	Bárbara Berges
Supervisora de arquivos de segurança	Silvia Regina E. Almeida
Diretor de operações e produção gráfica	Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boulos Júnior, Alfredo
História sociedade & cidadania : 7º ano : ensino fundamental : anos finais / Alfredo Boulos Júnior. — 4. ed. — São Paulo : FTD, 2018.

"Componente curricular: História."
ISBN 978-85-96-01976-7 (aluno)
ISBN 978-85-96-01977-4 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

18-20755 CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB–8/9427

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Imagem de capa:

A fotografia registra um momento do maracatu rural de Aliança, no estado de Pernambuco, em 2015. O maracatu rural é uma manifestação cultural afro-brasileira que costuma ocorrer entre o Carnaval e a Páscoa. Também conhecido como maracatu de baque solto ou maracatu de orquestra, ele é formado pela associação de dança, música e poesia.

Esse tipo de maracatu foi criado pelos trabalhadores rurais da Zona da Mata de Pernambuco, na virada do século XIX para o século XX. A proximidade temporal com a abolição faz com que os pesquisadores considerem essa festa uma brincadeira do negro liberto. Desde 2014, o maracatu rural é considerado patrimônio imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.
Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

APRESENTAÇÃO

Caro aluno, cara aluna,

Quero lhe dizer algo que para mim é importante e por isso gostaria que você soubesse: para que este livro chegasse às suas mãos, foram necessários o trabalho e a dedicação de muitas pessoas: os profissionais do mundo do livro.

O autor é um deles. Sua tarefa é pesquisar e escrever o texto e as atividades, além de sugerir as imagens que ele gostaria que entrassem no livro. A essas páginas produzidas pelo autor damos o nome de originais.

O editor e seus assistentes leem e avaliam os originais. Em seguida, solicitam ao autor que melhore ou corrija o que é preciso no texto. Por vezes, pedem que o autor refaça uma ou outra parte. Daí entram em cena outros trabalhadores do mundo do livro: os profissionais da Iconografia, da Arte, da Revisão e do Jurídico, entre outros.

Os profissionais da Iconografia pesquisam, selecionam, tratam e negociam as imagens (fotografias, desenhos, gravuras, pinturas etc.) que serão aplicadas no livro. Algumas dessas imagens são os mapas, feitos por especialistas (os cartógrafos), e desenhos baseados em pesquisas históricas, feitos por profissionais denominados ilustradores.

Os profissionais da Arte criam um projeto gráfico (planejamento visual da obra), preparam e tratam as imagens e diagramam o livro, isto é, distribuem textos e imagens pelas páginas para que a leitura se torne mais compreensível e agradável.

Os profissionais da Preparação e Revisão corrigem palavras e frases, ajustam e padronizam o texto.

A equipe do Jurídico solicita a autorização legal para o uso de textos de outros autores e das imagens que irão compor o livro.

Todo esse trabalho é acompanhado pela Gerência Editorial.

Em seguida, esse material todo, que é um arquivo digital, segue para a gráfica, onde é transformado em livro por técnicos especializados do setor Gráfico. Depois de pronto, o livro chega às mãos da equipe de Divulgação, que o apresenta aos professores, personagens que dão vida ao livro, objeto ao mesmo tempo material e cultural.

Meu muito obrigado do fundo do coração a todos esses profissionais, sem os quais esta Coleção não existiria! E obrigado também a você, leitor.

O autor

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

SUMÁRIO

UNIDADE I

CAPÍTULO 1 POVOS INDÍGENAS: SABERES E TÉCNICAS 6

Os astecas 7
Saberes e técnicas dos astecas 9
Os maias 10
Sociedade e economia 11
Saberes e técnicas maias 12
Os incas 13
Sociedade incaica 14
Saberes e técnicas incas 15
Técnica, trabalho e impostos 16
Os tupis 17
Técnicas e saberes tupis 18
ATIVIDADES 20

CAPÍTULO 2 POVOS E CULTURAS AFRICANAS: MALINESES, BANTOS E IORUBÁS 24

África: aspectos físicos 25
O Império do Mali 26
Os bantos 31
Reino do Congo 32
Bantos no Brasil 34
Os iorubás 35
Política e economia 36
Iorubás no Brasil 37
ATIVIDADES 39

UNIDADE II

CAPÍTULO 3 MUDANÇAS NA EUROPA FEUDAL 46

O revigoramento do comércio e das cidades 48
As feiras 50
Cidades novas e antigas 50
Comerciantes, artesãos e suas corporações 51
As cidades se libertam 52
As Cruzadas 53

IGREJA DE NOTRE-DAME. FRANÇA. FOTO: DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

Conhecimento e arte 55
A universidade 55
Crise, doenças e revoltas 56
A Guerra dos Cem Anos 57
Rebeliões camponesas 59
ATIVIDADES 60

CAPÍTULO 4 RENASCIMENTO E HUMANISMO 64

O contexto 66
Renascimento: características 68
O humanismo 69
Arte e técnica no Renascimento 70
O Renascimento italiano 70
Fases do Renascimento 71
A expansão do Renascimento 75
ATIVIDADES 78

CAPÍTULO 5 REFORMA E CONTRARREFORMA 81

Motivos da Reforma 82
Os primeiros reformadores 83
Martinho Lutero 84
A Reforma de Lutero 85
A Igreja e a doutrina de Lutero 86
João Calvino 87
A Reforma na Inglaterra 89
A Reforma Católica ou a Contrarreforma 90
A Inquisição 91
ATIVIDADES 92

UNIDADE III

CAPÍTULO 6 ESTADO MODERNO, ABSOLUTISMO E MERCANTILISMO 95

O fortalecimento do poder dos reis 96
A monarquia inglesa 97
A monarquia francesa 100
Guerras que fortaleceram o rei 102
O absolutismo 103
Teóricos do absolutismo 104
O mercantilismo: riqueza e poder para o Estado 107
Principais características do mercantilismo 107
O mercantilismo variou no tempo e no espaço 108
A formação das monarquias ibéricas 109
A formação de Portugal 110
A formação da Espanha 110
ATIVIDADES 111

CAPÍTULO 7 AS GRANDES NAVEGAÇÕES 117

Enfrentando perigos 118
O comércio de especiarias orientais no século XIV 118

DIVULGAÇÃO PNLD 2020

O que levou os portugueses a navegar em mar aberto? ... 121
Portugal, o primeiro nas Grandes Navegações ... 122
Navegando com os portugueses ... 123
As navegações espanholas ... 125
Cabral toma posse das terras brasileiras ... 127
Outros europeus ... 129
ATIVIDADES ... 130

CAPÍTULO 8 CONQUISTA E COLONIZAÇÃO ESPANHOLA DA AMÉRICA ... 134
A conquista das terras astecas ... 135
A conquista das terras incas ... 137
A resistência inca ... 138
Um novo olhar sobre as razões da conquista espanhola ... 139
Economia colonial ... 141
O controle da colônia pela metrópole ... 143
A administração espanhola ... 144
Sociedade e poder na América espanhola ... 145
ATIVIDADES ... 146

CAPÍTULO 9 AMÉRICA PORTUGUESA: COLONIZAÇÃO ... 153
O encontro ... 154
Expedições, feitorias e pau-brasil ... 155
A disputa pela Nova Terra ... 156
As capitanias hereditárias ... 157
O Governo-Geral ... 159
As Câmaras Municipais ... 163
A economia colonial ... 164
Chegam os africanos ... 165
O engenho ... 165
Engenho colonial ... 166
América portuguesa: um grande canavial? ... 168
A sociedade colonial ... 171
A nobreza da terra ... 171
Os comerciantes ... 172
Os trabalhadores assalariados ... 172
Os escravizados ... 173
ATIVIDADES ... 174

UNIDADE IV

CAPÍTULO 10 AFRICANOS NO BRASIL ... 177
Havia escravidão na África antes dos europeus? ... 178
Guerra e tráfico atlântico ... 179
Quantos eram e de onde foram trazidos os africanos? ... 180
A travessia ... 184
O trabalho ... 185
Alimentação e violência ... 186
Resistência ... 187
Outras formas de resistência ... 189
Remanescentes de quilombos ... 192
ATIVIDADES ... 194

COLEÇÃO PARTICULAR

CAPÍTULO 11 EUROPEUS DISPUTAM O MUNDO ATLÂNTICO ... 204
A disputa do mundo atlântico pelos europeus – séculos XVI e XVII ... 205
A União Ibérica ... 205
A independência dos Países Baixos ... 205
A guerra por açúcar e escravos ... 206
A invasão da Bahia ... 206
A invasão de Pernambuco ... 207
Nassau no Brasil holandês ... 208
Artistas e cientistas no Brasil holandês ... 209
A Restauração ... 211
A reação luso-brasileira ... 211
A concorrência holandesa e a queda nos preços do açúcar ... 212
ATIVIDADES ... 213

CAPÍTULO 12 A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO DA AMÉRICA PORTUGUESA ... 216
Os agentes da expansão territorial ... 217
Os soldados ... 217
Os bandeirantes ... 220
São Paulo, a capital bandeirante ... 220
A caça ao índio ... 221
A busca de ouro e diamantes ... 222
O sertanismo de contrato ... 222
Os jesuítas ... 223
A criação de gado ... 225
O gado no Nordeste ... 225
O gado no Sul ... 226
As novas fronteiras da América portuguesa ... 227
ATIVIDADES ... 231

BIBLIOGRAFIA ... 235

MAPAS ... 237

DIVULGAÇÃO PNLD 2015

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender à habilidade **EF07HI03** da BNCC:

– Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

ENCAMINHAMENTO

- Explorar o mapa da página informando que os povos ameríndios possuem culturas próprias e diferentes umas das outras.

O objetivo aqui é estimular o alunado a perceber a diversidade de povos e culturas existente na América por ocasião da chegada dos europeus. No mapa, estão identificadas as áreas habitadas por diversos povos ameríndios. Com isso, pretende-se também estimular o interesse do alunado pelo estudo de alguns aspectos da vida social desses povos.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: A COMPLEXA ocupação das Américas. Disponível em: <http://livro.pro/y5mdri>. Acesso em: 3 out. 2018.

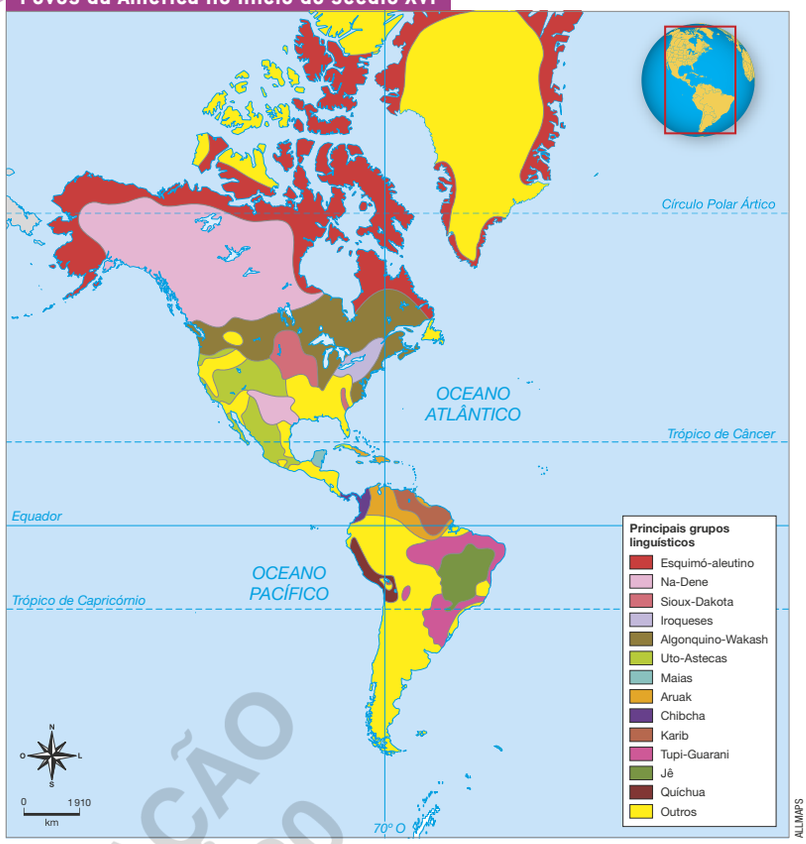
UNIDADE I

CAPÍTULO 1

POVOS INDÍGENAS: SABERES E TÉCNICAS

Observe o mapa com atenção.

Povos da América no início do século XVI



Fonte: HISTÓRIA das civilizações. São Paulo: Abril, 2001. v. 3. p. 113.

- **Quantos grupos linguísticos estão representados nesse mapa?**
- **Que relação podemos estabelecer entre o número e a diversidade de povos ameríndios?**

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A América e os vestígios de seus primeiros habitantes

Não podemos dizer com exatidão quando e como o continente foi povoado, mas sabemos que na América desenvolveram-se muitos grupos com cultura neolítica. Para conhecê-los é preciso inseri-los na região em que viveram e analisar o processo de desenvolvimento cultural por que passaram ao longo do tempo. Em muitos casos, esses processos duraram séculos e envolveram grupos diversos, que se misturaram através de migrações ou conquistas.

Cada grupo dava um nome à região em que vivia, sem que houvesse um nome para designar o continente. Foi Américo Vespúcio – um navegador veneziano que tomou parte em quatro expedições de exploração e reconhecimento da América, alternadamente a serviço dos reis de Portugal e Espanha – quem reconheceu as dimensões continentais das terras "descobertas" por Colombo e por isso acabou por ceder seu nome ao continente a partir de 1507, aproximadamente.

A historiografia relativa aos primeiros habitantes da América habitualmente refere-se a eles como povos pré-colombianos, tomando como marco a chegada de Colombo ao continente, em 1492. Assim como o nome dado ao continente, esse é um marco eurocêntrico que desconsidera a longa história dos povos americanos que antecede esse acontecimento. [...] os primeiros habitantes das terras americanas [...] não desapareceram com a chegada dos europeus. Pelo contrário, muitas das civilizações mantiveram suas culturas por um longo tempo depois disso, algumas até hoje.

NEVES, Ana Maria Bergamin; HUMBERG, Flávia Ricca. **Os povos da América**: dos primeiros habitantes às primeiras civilizações urbanas. São Paulo: Atual, 1996. p. 3-4.

Os astecas

Os astecas viveram em Aztlán (daí o seu nome), no norte da América, até por volta do século XII, quando deixaram sua região de origem em busca de terras férteis. No início do século seguinte, depois de muito caminhar, chegaram ao Vale do México, à beira do lago Texcoco e, em 1325, fundaram a cidade de Tenochtitlán.

Aos poucos, por meio da guerra e de alianças políticas, os astecas dominaram diversos povos da região. Assim, a cidade de Tenochtitlán passou a ser a cabeça de um grande império, o **Império Asteca**.

Os povos submetidos aos astecas eram obrigados a pagar impostos. Caso se recusassem, eram castigados com expedições punitivas – que incluíam saques e rapto de pessoas.

Além de pagar impostos, os povos dominados também eram obrigados a cultuar o deus asteca da guerra, das tempestades e do Sol, visto na imagem. Isso ajuda a explicar por que os povos sob o domínio asteca se rebelavam com frequência.

CODEX TELLERIANO-REMENSIS/BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA ROSTOCK/FOUNDATION FOR THE ADVANCEMENT OF MESOAMERICAN STUDIES, INC.

Representação do deus asteca Huitzilopochtli, Codex Telleriano-Remensis, século XVI.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Destacar que o Império Asteca nunca foi uma unidade política; era, na verdade, um conjunto de povos com diferentes graus de subordinação aos astecas.
- Comentar que alguns pagavam tributos, mas tinham uma relativa autonomia; outros eram apenas governados; e, outros, ainda, só pagavam tributos à força, quando eram vítimas de expedições punitivas promovidas pelos astecas.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- DOCUMENTÁRIO: o templo asteca. Duração: 44 min. Disponível em: <http://livro.pro/x3bijm>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre o chamado "El Templo Mayor", localizado na capital Tenochtitlán.

- MUSEU mexicano apresenta peças astecas que nunca foram expostas. Duração: 1 min. Disponível em: <http://livro.pro/bb6i62>. Acesso em: 24 set. 2018.

Reportagem sobre uma exposição com cerca de 150 imagens e 24 peças astecas, nunca antes expostas, realizada no museu do Templo Maior, no México.

Texto de apoio

Aspectos da cultura asteca

Consideram-se arte pré-colombiana as manifestações artísticas dos povos nativos da América espanhola antes da chegada de Cristóvão Colombo, em 1492. Tudo o que resta das grandes civilizações do período anterior à colonização do continente americano pelos europeus é sua "arte". Neste caso "arte" compreende objetos com funções definidas, em geral mágica ou religiosa, e também artigos simplesmente belos, criados para decoração. Fazem parte do universo artístico dessas civilizações tanto os templos e casas quanto as esculturas, relevos, pinturas, utensílios domésticos, objetos ornamentais, amuletos e tecidos. [...]

Os astecas, ou mexicas, herdam alguns elementos da cultura maia, como os templos edificados em plataformas sobre pirâmides. Também entram em contato com os toltecas antes de se instalar na margem ocidental do lago Texcoco e fundar Tenochtitlán. A cidade é construída tanto em terra firme quanto em pequenas ilhas artificiais dentro do lago, historicamente conhecida como a "Veneza americana". O centro político, religioso e econômico é a construção chamada "Templo Maior". Povo guerreiro, o militarismo predomina em todos os aspectos da vida entre eles. Os principais deuses patrocinam as conquistas guerreiras [...], as expressões plásticas insistem na iconografia relacionada com a guerra. [...] As esculturas são sólidas, feitas em blocos maciços desbastados e de formas estilizadas. Os artistas e artesãos astecas têm grande habilidade manual: trabalham os metais e as pedras preciosas; dedicam-se à arte plumária e à fabricação de tecidos com motivos geométricos num rico colorido; executam pinturas murais e miniaturas em faixas de pele de veado ou feltro fino.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Arte pré-colombiana**. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo907/arte-pre-colombiana>. Acesso em: 25 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Exigiam impostos pagos em produtos e pessoas para serem oferecidas em sacrifício aos deuses. Quando eclodiam revoltas, os mexicas enviavam seu exército para reprimir os rebeldes e eliminar seus líderes.
b) Pode-se concluir que os astecas oprimiam os povos dominados por eles.
c) Reagiram por meio de revoltas; uma dessas revoltas foi promovida pelo povo da cidade de Cuetlaxtlan, que aprisionou os coletores de impostos astecas e ateou fogo em seus corpos.

PARA REFLETIR

A dominação asteca

Veja o que diz um historiador sobre a dominação asteca:

> Todos os povos subjugados pelos astecas eram obrigados a pagar-lhes pesados impostos, sob diversas formas: penas raras (do pássaro Quetzal, por exemplo), pedras preciosas (como o jade), alimentos (milho, cacau), pessoas para oferecer em sacrifício aos deuses. Consta que, todos os anos, chegavam à capital do império 7 mil toneladas de milho, 4 mil toneladas de feijão e cerca de 2 milhões de peças de algodão.
>
> Prata e ouro, em enormes quantidades, eram levados todos os dias à poderosa cidade de Tenochtitlán, dona do lago e cabeça de um vasto império.

KARNAL, Leandro. **A conquista do México**. São Paulo: FTD, 1996. p. 9-10. (Para conhecer melhor).

BIBLIOTECA BODLEIAN, OXFORD, REINO UNIDO

Dica! Império asteca. Duração: 19 min. Disponível em: <http://livro.pro/8onabb>. Acesso em: 24 set. 2018. Animação sobre a formação do Império asteca.

O pagamento de impostos era feito em mercadorias. Oficiais do imperador faziam uma lista detalhada dos tributos enviados. Repare que nesta lista constam mantas de diferentes formas e modelos, vestes cerimoniais com cocares e penas, feixes de plumas, colares e sacas de cacau.

a) O que os astecas exigiam dos povos dominados?
b) O que se pode concluir com base no texto desta página?
c) Tente responder: como será que os povos dominados reagiram à opressão asteca?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Os povos "imperiais"

Existe uma correlação entre império e sedentarismo, no sentido que estamos dando a esta palavra; nenhum povo responde melhor à descrição de grupo sedentário do que os habitantes da região central do México e dos Andes, lares respectivos dos impérios asteca e inca. [...] Mais do que criar o sedentarismo, os grandes regimes tributários que foram chamados de impérios se alimentavam dele; suas fronteiras paravam de forma abrupta nas fronteiras da vida sedentária. [...]

A agricultura intensiva era a base daquela vida [...]. [...]

O grosso da população agrícola comum recebia terra e outros direitos das autoridades da aldeia e da província, e em troca, por meio de procedimentos estabelecidos, desempenhava tarefas públicas e pagava tributos, que passavam primeiro pelas autoridades locais e depois pelo governante dinástico da província. A unidade-aldeia era dividida em distritos, cada um dos quais tinha um chefe com vários deveres, entre eles a coleta de tributos. [...] Para as obras públicas – construção e manutenção de palácios, templos, estradas e sistemas de irrigação, ou o trabalho nas terras do senhor – existia um sistema [...] de trabalho rotativo (chamado nos Andes de *mita*, termo baseado na palavra que significa "volta" ou "rodada", e no centro do México, de *coatequitl*, mais uma vez "rodada de trabalho"). A obrigação passava de distrito a distrito e de aldeia a aldeia [...]. Para projetos maiores, uma grande parcela da população podia ser convocada de uma só vez. O sistema também podia cobrar impostos em produtos, ou seja, o trabalho rotativo podia ser dirigido para o corte de madeira, a pesca ou outra atividade economicamente produtiva, sobretudo o plantio e a colheita em terras separadas para serem trabalhadas em comum ou terras que pertencessem ao governante dinástico. Na verdade, nos Andes todo tributo era concebido como trabalho realizado [...] na esperança de um benefício recíproco da parte do governante.

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 59-61.

Saberes e técnicas dos astecas

©BANCO DE MÉXICO DIEGO RIVERA & FRIDA KAHLO MUSEUMS TRUST, MÉXICO, D.F./AUTVIS, BRASIL, 2018. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

Detalhe de **A grande cidade de Tenochtitlán**, afresco do muralista mexicano Diego Rivera (1886-1957).

Numa época em que os livros de História do México mostravam os espanhóis como "os únicos construtores" da nação, o artista Diego Rivera inovou ao valorizar a atuação dos povos indígenas nos diversos campos da vida social do país.

Desde antes da chegada dos europeus, as cidades construídas pelos povos da América chamavam a atenção dos visitantes. Para construir Tenochtitlán, por exemplo, os astecas utilizaram conhecimentos de cálculo e técnicas apuradas de construção civil.

Na capital asteca destacavam-se as chinampas, ilhas artificiais feitas sobre estacas fixadas no fundo do lago. Para fixá-las, os astecas, além de bons construtores, tinham de ser ótimos nadadores e dominar técnicas de respiração. A fertilidade das terras pantanosas garantia a produção de alimentos para os habitantes da cidade **lacustre**. Nessas ilhas, eles cultivavam flores, verduras e plantas medicinais, entre outras.

Lacustre: que está próximo ou sobre um lago.

Cortada por canais e aquedutos, ruas largas e retas, Tenochtitlán provocou enorme admiração nos conquistadores espanhóis nascidos em cidades relativamente menores, de ruas tortas e estreitas. A cidade de Tenochtitlán continua chamando a atenção dos estudiosos de hoje.

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando o artigo: MURAIS de identidades: as representações sobre os indígenas na ótica do muralismo mexicano (1920-1940). Disponível em: <http://livro.pro/m9biem>. Acesso em: 4 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• LAS CHINAMPAS. Duração: 3 min. Disponível em: <http://livro.pro/4uk542>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo sobre as chinampas mexicanas (áudio em espanhol).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Templo asteca é descoberto em plena capital mexicana

Em meio ao burburinho da Cidade do México, foram revelados, nesta quarta-feira, novos achados arqueológicos em plena capital: uma gigantesca estrutura circular dedicada ao deus asteca do vento, além de uma parte do campo em que o conquistador Hernán Cortés apreciou pela primeira vez o ritual do jogo de bola mesoamericano.

Os vestígios que podem ser vistos fazem supor que o templo, com nome Ehécatl-Quetzalcóatl, tinha dimensões monumentais — os pesquisadores estimam um tamanho de 34 metros de largura e quatro de altura. A menos de sete metros e em paralelo ao templo, estão os resquícios do campo do jogo de bola, que pode ter tido 50 metros de comprimento.

Ambos achados se somam a um impressionante acervo de vestígios descobertos na capital mexicana — e fazem parte de tesouros arqueológicos que provavelmente permanecem escondidos sob as ruas e construções do centro histórico da Cidade do México.

— Os achados que vemos representam uma nova abordagem ao esplendor da cidade pré-hispânica de Tenochtitlán — destacou a ministra da Cultura, María Cristina García, em entrevista coletiva.

María Cristina explicou que as estruturas "ocupavam um lugar preponderante na configuração da cidade hispânica" e, em particular, da grande praça central da cidade.

As descobertas, partes do complexo arqueológico Templo Mayor, se situam no terreno do Hotel Catedral, destruído por um terremoto em 1985 e cujos donos pediram intervenção de especialistas após encontrarem vestígios arqueológicos. Os pesquisadores estimam que a construção do templo, conhecido como "Casa do Vento" e que está orientado em direção ao oratório a Tláloc, deus da chuva, aconteceu entre 1486 e 1502.

ESTRELLA, Alfredo. Templo asteca é descoberto em plena capital mexicana. **Globo**, 8 jun. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/templo-asteca-descoberto-em-plena-capital-mexicana-21450090#ixzz5N9I9OJD1>. Acesso em: 25 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando a reportagem sobre o legado maia e os mistérios de Chichén-Itzá, uma das sete novas maravilhas do mundo: O LEGADO maia e os mistérios de Chichén-Itzá, uma das sete novas maravilhas. **Correio Braziliense**, 22 out. 2015. Disponível em: <http://livro.pro/5ky97e>. Acesso em: 3 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• CIVILIZAÇÃO maia. Duração: 43 min. Disponível em: <http://livro.pro/ypbwd9>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre a civilização maia.

Texto de apoio

Chichén-Itzá e Kukulcán

As crônicas escritas pelos missionários espanhóis no século XVI são um conjunto documental etnográfico acerca das comunidades maias que viviam na Península do Iucatã quando do período do contato. [...]

O personagem Kukulcán aparece em várias destas crônicas. [...] A etimologia da palavra revela que *kuk* é "pluma de ave geral" e *can*, "serpente, cobra". [...] Portanto, este personagem está associado à serpente emplumada, um importante símbolo religioso pré-hispânico, que, na versão religiosa do altiplano, recebeu o nome de Quetzalcóatl.

Qual o seu significado segundo as crônicas? Nestes documentos, uma das associações de Kukulcán refere-se aos assuntos governamentais, e sua relação com a cultura material apareceu pela primeira vez na importante obra do primeiro bispo de Iucatán, frei Diego de Landa, intitulada ***Relaciones de las cosas de Yucatán***, que em 1566 escreveu que "... é opinião que, entre os itzaes que povoaram Chicheniza, reinou um grande senhor chamado Cuculcan, e que mostra ser isso verdade que o edifício principal se chama Cuculcan..." [...]. Fica evidente, deste modo, que na obra de Landa, Kukulcán é um soberano maia. [...]

Chichén-Itzá foi centro hegemônico que conquistou militarmente grande parte da Península do Iucatã, foi produtor e distribuidor exclusivo de sal em toda Mesoamérica, controlou grande parte das rotas marítimas maias através da construção de portos, além de ter sido uma cidade responsável por tributar várias cidades maias. [...] O seu principal conjunto de edifícios chama-se Grande Nivelação [...].

Embora a escrita de Chichén-Itzá não faça alusão direta ao personagem Kukulcán, por analogia etnológica e iconográfica, é possível perceber que este indivíduo foi representado em alguns edifícios da Grande Nivelação [...]. Levando em consideração a iconografia com temas associados ao poder real na área maia, além de sua associação com a serpente emplumada, o principal componente simbólico de Kukulcán, alguns pesquisadores têm postulado que este personagem foi plasmado na memória coletiva de Chichén-Itzá [...].

NAVARRO, Alexandre Guida. O rei maia Kukulcán e seus discursos de propaganda política em Chichén-Itzá. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas: LAP: Nepam: Unicamp, n. 7, p. 8-9, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/download/8635671/3419+&cd=20&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 25 set. 2018.

Os maias

Os maias estão entre as civilizações mais antigas da América. Seus ancestrais viviam nas montanhas da atual Guatemala desde 2500 a.C.

Inicialmente, os maias eram caçadores e coletores e se deslocavam constantemente pela selva em busca de alimentos (caça, pesca e colheita). Mais tarde, domesticaram plantas, como o milho, a pimenta e o feijão, e se estabeleceram na Península de Yucatán, local em que os arqueólogos descobriram, em meio à floresta tropical, as cidades de Tikal e Copán. Depois, os maias ocuparam também cidades já existentes, como Uxmal e Chichén-Itzá, situadas ao norte.

A área onde se desenvolveu a civilização maia corresponde ao sul do México atual, quase toda a Guatemala, parte de El Salvador, parte de Honduras e Belize. Observe o mapa e compare-o ao mapa da América Latina no final do livro.

Principais cidades maias

Fonte: DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2011. p. 236.

Assim como os antigos gregos, os maias viviam em cidades-Estado, ou seja, cidades com governo, leis e costumes próprios. Em caso de guerra contra um inimigo comum, as cidades maias se organizavam em confederações, mas nunca chegaram a constituir um império, a exemplo dos astecas e dos incas.

MUSEU DE ARTE DE DALLAS, TEXAS, USA. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

Vaso de cerâmica com cena de jogo de bola. Período clássico tardio. Museu de Arte de Dallas, Estados Unidos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Sociedade e economia

A sociedade maia era hierarquizada: a elite era formada por nobres e sacerdotes; abaixo deles vinham os artesãos e os trabalhadores livres, agricultores em sua maioria. Os nobres e os sacerdotes ajudavam o governante máximo de cada cidade a dirigi-la. Ele tinha o título religioso de *Hunac Ceel* e era visto pelo povo como representante dos deuses.

Os camponeses acreditavam que, para conseguir boas colheitas, tinham de pagar impostos a esse governo "sagrado". Os impostos eram pagos com parte do que eles produziam e com trabalhos gratuitos para o governo (como reparo e construção de estradas). A agricultura tinha grande importância na vida dos maias. A maioria deles vivia no campo, onde cultivavam feijão, abóbora, algodão, cacau, abacate e milho. O milho era a base de sua alimentação. Eles comiam milho assado, cozido ou na forma de farinha.

Os camponeses cavavam canais para irrigar as pequenas mudas de milho, uma vez que o terreno era seco devido ao sol constante na região. Isso pode ser deduzido pela vegetação nativa que crescia pelo milharal, o cacto, típico de solos áridos.

Pintura mural maia com cena de cultivo de milho descoberta por arqueólogos na cidade de Tlaxcala, México.

SITIO ARQUEOLÓGICO DE CACAXTLA, TLAXCALA, MÉXICO. FOTO: DEA/G DAGLI ORTI/AGB PHOTO LIBRARY

11

Texto de apoio

Origem e transformações da sociedade maia

Especialistas sugerem a existência de três períodos mais ou menos claros da antiga civilização maia: o pré-clássico (600 a.C. a 300 d.C.), o clássico (300 a 1050) e o pós-clássico (1050 a 1550). No primeiro houve uma gradual sedentarização, crescente relevância da produção de milho, a formação de vilas autônomas e a constituição de sociedades estratificadas. Entre os vários sítios pré-clássicos maias já descobertos, El Mirador é especialmente significativo pela sua antiguidade e pelo grande porte e imponência das suas construções públicas e privadas. Nesse local – situado na região do Petén, extremo norte da Guatemala – arqueólogos descobriram uma pirâmide que é a mais volumosa do continente americano e talvez do mundo (plataforma: 320 × 600 metros, altura: 170,40 metros), superando as famosas pirâmides egípcias (Kéops tem altura de 146,60 metros). [...]

O período clássico é o mais conhecido [...]. O volume e a qualidade das informações arqueológicas e históricas desse período se devem a um peculiar sistema de escrita. Denominado de logográfico, ele combina aproximadamente 800 signos, entre fonéticos e ideográficos. Mesmo com a virtual extinção da escrita maia por imposição do poder colonial espanhol, epigrafistas e outros cientistas conseguiram decodificar e entender mais de 80% dos antigos glifos [...]. Foi no período clássico que os maias alcançaram seus mais espetaculares projetos arquitetônicos, técnicos e artísticos. O reino de Copán, por exemplo, acabou sendo chamado pelos especialistas de Atenas do Novo Mundo. A alcunha se deu pelas maravilhosas esculturas tridimensionais, por suas construções cerimoniais e político-administrativas, pelos comprovados avanços intelectuais – especialmente em astronomia – e pela continuidade e harmonia do conjunto urbanístico. Explorado desde o século XIX, Copán é provavelmente o sítio arqueológico maia melhor conhecido. Está comprovado que uma dinastia copaneca reinou entre 426 e 822, tendo o auge de seu desenvolvimento econômico, político e social no século VIII. Mas Copán foi abandonado no século seguinte, junto com muitos outros reinos maias, especialmente do centro e do sul, por motivos que ainda estão sendo apurados pelos arqueólogos.

AVILA, Carlos Federico Domínguez. Origem e transformações do estado e da sociedade na América Latina: apontamentos sobre o cânone maia. **Unieuro**, Brasília, n. 22 (especial), 2017. Disponível em: <http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_22/Carlos%20F%20Dom%C3%ADnguez%20Avila%20(7).pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando os textos: A ESTRUTURA matemática maia. Disponível em: <http://livro.pro/qv8vzq>; e A CIVILIZAÇÃO maia: contextualização historiográfica e arqueológica. Disponível em: <http://livro.pro/puntfc>. Acessos em: 4 out. 2018.

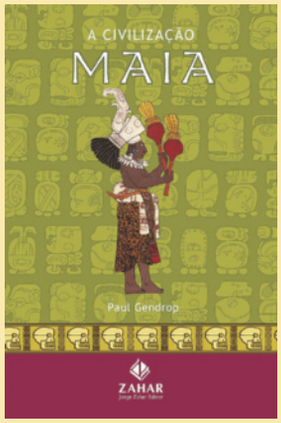
Dialogando

Sim, pois sem esses conhecimentos eles não teriam tido condições de erguer esses grandiosos templos. **Professor**: chamar a atenção para a durabilidade dessas construções.

Dica de leitura

• GENDROP, Paul. **A civilização maia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Nesse livro, o autor aborda, com base em uma diversidade de fontes (incluindo-se fontes arqueológicas), a civilização maia, sua abrangência, seus mistérios e realizações.



EDITORA ZAHAR

IMAGENS EM MOVIMENTO

• OS MAIAS: grandes tesouros da arqueologia. Duração: 45 min. Disponível em: <http://livro.pro/6nmbh3>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo sobre a construção das edificações maias.

• O CÓDIGO maia. Duração: 10 min. Disponível em: <http://livro.pro/8nncew>. Acesso em: 24 set. 2018.

O vídeo descreve a descoberta do código maia e a sua decifração.

Saberes e técnicas maias

Pirâmides

As grandes e sofisticadas construções maias e o deslocamento de enormes blocos de pedra revelam seus conhecimentos de engenharia e cálculo. As pirâmides serviam de esteio para os templos religiosos, aos quais se chegava por meio de uma escadaria íngreme. Algumas pirâmides, como a de Tikal, tinham mais de 60 metros de altura. Muitas cidades maias surgiram em torno dos **centros cerimoniais**.

ANGELIKA/ISTOCKPHOTO/GETTY IMAGES

O Templo dos Guerreiros em forma de pirâmide e, em volta dele, os vestígios do Palácio das Mil Colunas. Chichén-Itzá, México, 2014.

DIALOGANDO

Observando os vestígios dessas duas construções grandiosas, é possível dizer que os maias tinham conhecimentos apurados de engenharia e matemática?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

+ATIVIDADES

Há muitos sítios arqueológicos da civilização maia, identificados e pesquisados. Conheça mais sobre a civilização maia fazendo uma visita virtual aos sítios arqueológicos mais frequentados. São eles: Palenque, Yaxchilan, Chichén-Itzá, Bonampak, Calakmul, Tortuguero, Tulum e Uxmal. Na Guatemala, temos locais como El Mirador, Kaminaljuyu, Quirigua e Tikal; em Belize, é possível visitar Altun Ha e El Caracol; em Honduras, pode-se conhecer Copán; e, em El Salvador, a localidade de Tazumal.

• Escolha e pesquise sobre um desses sítios arqueológicos maias e escreva um texto com suas descobertas.

Os incas

Acredita-se que, enquanto caminhavam à procura de terras férteis, os incas chegaram ao interior da Cordilheira dos Andes por volta do século XIII.

Naquelas terras altas, começaram suas vidas como camponeses e pastores e ergueram a cidade de Cuzco. Aos poucos, no entanto, ampliaram seus domínios aliando-se aos povos da região ou submetendo-os. Em 1438, fundaram um império, que teve Pachacuti como primeiro imperador. No processo de formação do seu império, os incas assimilaram elementos de outras culturas, inclusive o quéchua, a língua que mais tarde espalhariam pelos Andes.

O Império Inca expandiu-se consideravelmente graças às sucessivas conquistas. Ele era dividido em várias regiões administrativas, cujos governadores deviam prestar contas de seus atos ao imperador. A interligação entre as regiões do império era feita por uma eficiente rede de estradas construídas nas encostas das montanhas. Jovens eram treinados desde a infância para correr por elas, levando e trazendo informações e produtos por longas distâncias. As principais estradas incas ligavam o interior a Cuzco, uma cidade planejada que servia como capital do império incaico.

Mulher e criança peruanas caminham por estrada inca próxima de Cuzco, 2015.

HADYNYAHE-H/GETTY IMAGES

Texto de apoio

Civilização Inca

Em menos de um século, a confederação cuzquenha liderada pelos Incas chegou a fundar o mais vasto Império da América pré-colombiana. Os territórios que conquistaram por meio de guerras incessantes cobriam uma superfície de 950 mil quilômetros quadrados, equivalente à da França, da Itália, da Suíça e do Benelux reunidos. Ela se estendia do norte ao sul, segundo o eixo das cordilheiras, sobre mais de 4 mil quilômetros, desde o vale de Ancasmayo até o de Maule. A oeste, fazia limite com o oceano Pacífico. A leste, uma linha de fortificações os protegia de incursões das tribos silvícolas indomáveis e predadoras da Amazônia, que tentavam esporadicamente subir as encostas dos Andes para penetrar no interior dos planaltos.

A população compreendida nos limites do Império tem sido objeto de estimativas vagas e contraditórias, fundadas em bases ainda incertas, mas é duvidoso que tivesse ultrapassado 10 milhões de habitantes às vésperas da chegada dos europeus. Compunha-se de uma centena de grupos étnicos de importância desigual, que se diferenciavam uns dos outros pela língua e pela cultura. Por mais ligadas que tivessem sido por uma "cotradição" forjada no alvorecer de sua história, durante as grandes fases de formação da unidade pan-andina, essas etnias reagrupadas pelos Incas não constituíam mais que um conjunto político notoriamente heterogêneo.

A vocação imperialista dos Incas originou-se do sucesso que obtiveram nas guerras que lhes foram largamente impostas pelas populações circundantes. A inesperada vitória de Pachakuti sobre os invasores Chanka rompera precário equilíbrio político dos Andes. De um lado, porém, devia também cristalizar contra tal hegemonia hostilidade das etnias vizinhas que se julgavam ameaçadas e cujas sucessivas derrotas só poderiam ampliar cada vez mais o poder cuzquenho. [...]

FAVRE, Henri. **A civilização inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 24-25.

ENCAMINHAMENTO

- Refletir sobre o texto a seguir:

O mundo inca era uma sociedade hierárquica, organizada de forma rígida. No topo ficava o imperador, conhecido como Sapa Inca, ou Inca Inigualável. Era considerado deus por seu povo e exercia um poder absoluto sobre seu reino. A família real controlava o clero e o exército; havia um conselho real formado pelos quatro membros mais importantes da nobreza. Cada um deles era responsável por um dos *suyus* (quadrantes) do império. Cuzco, a capital, com seus esplêndidos palácios e templos, era de domínio da família real e da nobreza. Lá, seus membros levavam uma vida de privilégio e sofisticação, atendidos por um cortejo de servos. Em Cuzco, o povo era mantido à boa distância da região central.

GUY, John et al. **Grandes civilizações**: egípcios, gregos, romanos, chineses, *vikings*, incas, astecas. São Paulo: Melhoramentos, 2005. p. 172.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: REVIVENDO tempos incaicos. Disponível em: <http://livro.pro/z73zqw>. Acesso em: 15 out. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) A língua quéchua; um governo fortemente centralizado; uma rede de estradas enorme; e o culto ao Sol Inti, que reafirmava a superioridade inca.

b) Conclui-se que o relacionamento era opressivo. **Professor**: comentar que a cobrança violenta dos impostos criava um ambiente de instabilidade e tensão permanentes no interior do Império; essas tensões internas ajudam a explicar o avanço da conquista espanhola na América.

Texto de apoio

O imperador inca

[...] Os incas foram responsáveis por se apropriar do antigo deus Wiracocha e "transformá-lo" em Inti. Inti é outra divindade, posterior ao Wiracocha tiwanakota, um avatar deste. A civilização de Tiwanaku representava Wiracocha, "deus das varas", o deus criador, com clara inspiração nas figuras antropomorfas da cultura de Chavín de Huantar, conforme apontado por Betty Meggers. Essa representação típica de Wiracocha, estampada em tantos tecidos e bastante recorrente no artesanato andino, do norte do Chile e Argentina ao Equador, nos faz crer que os próprios tiwanakotas tivessem adequado o "deus das varas" da cultura Chavín aos seus propósitos religiosos. Os incas foram hábeis em cultuar avatares de Wiracocha e de alguma forma ligá-los ao culto do sol, Inti. O Inca, tendo ele próprio saído da terra e sendo ao mesmo tempo filho do sol, era o ponto de comunicação entre os três mundos, tendo a seu serviço toda uma casta sacerdotal para corroborar sua suposta divindade através de intrincados rituais que vivificavam os mitos. Pela sua própria natureza e plasticidade, o mito é sempre modificado e coberto de novas significações com o passar do tempo. Os incas fizeram com que muitos povos dominados acreditassem que o deus que eles cultuavam era, em verdade, Inti, o disco solar que garantia e regulava todos os ciclos da vida. Isso fazia do *Hanan pacha*, o plano celestial, o espelho no qual a vida no *Kay pacha*, o mundo daqui, estava refletida. [...]

BELMONTE, Alexandre. Reflexões sobre a antiguidade da América: o altiplano andino como caso paradigmático. **Nearco**, Rio de Janeiro, n. I, v. X, p. 43-44, 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/download/35346/pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

Sociedade incaica

O imperador – conhecido como Inca ou Filho do Sol – era visto como semidivino e possuía enormes poderes e privilégios; seu cargo era hereditário. Abaixo dele estavam os sacerdotes e os chefes militares, todos saídos da nobreza. Depois vinham os artesãos, os soldados, os projetistas e os funcionários públicos. Estes profissionais viviam em cidades e eram sustentados pelo governo, que armazenava riquezas com os impostos cobrados das comunidades camponesas e dos povos sob o domínio inca.

PARA REFLETIR

O texto foi escrito pelo historiador Serge Gruzinski. Leia-o com atenção.

O Império do Sol

[...] O império inca era composto por um mosaico de povos e de paisagens naturais, dispersos num quadro montanhoso [...]

A força dos incas é primeiramente o império de uma língua, o quéchua, imposta às populações tributárias e ensinada aos chefes dos grupos derrotados. É também o resultado de um centralismo estatal [...]. É a eficácia de uma rede viária de vinte mil quilômetros que cobria a maior parte do país. Por fim, é um laço [...] religioso, o culto ao Sol Inti, que não parava de reafirmar a superioridade do Inca.

GRUZINSKI, Serge. **A passagem do século (1480-1520)**: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 77-78. (Virando séculos).

PRAÇA DAS ARMAS, CUSCO, PERU. FOTO: ZEMBILLES/SHUTTERSTOCK.COM

Estátua de Pachacuti, imperador inca. Praça das Armas. Cuzco, Peru. Fotografia de 2015.

a) Segundo o autor, a força inca residia em quatro pilares. Quais são eles?

b) Com base nesse texto, o que se pode concluir sobre o relacionamento entre o Império Inca e os povos sob seu domínio?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Saberes e técnicas incas

Edificações incas

Antes de começar uma construção, os incas produziam uma **maquete** de argila e pedra que os ajudava a formar uma ideia da obra depois de pronta. Na construção, usavam grandes blocos de pedra, que eram cortados e encaixados uns nos outros sem a necessidade de uma substância colante.

Em Machu Picchu existem edificações em que se pode ver o modo de organização dos bairros de uma cidade inca. Restam, ainda hoje, construções incas intactas e um número grande de vestígios delas em cidades como Cuzco, Lima e Quito.

Veja o que disse sobre Cuzco um cronista espanhol do século XVI:

> Era grande e majestosa e deve ter sido fundada por gente capaz e inteligente. Tem ruas muito boas, embora estreitas, e as casas estão construídas de maciças pedras, belamente unidas [...] Cuzco era a cidade mais rica das **Índias**, pelo grande acúmulo de riquezas que chegavam a ela com frequência, para incrementar a grandeza dos nobres.

LEÓN, Pedro Cieza de, 1553 apud NEVES, Ana Maria Bergamin; HUMBERG, Flávia R. **Os povos da América**: dos primeiros habitantes às primeiras civilizações urbanas. São Paulo: Atual, 1996. p. 77-80. (História geral em documentos).

Maquete: representação em escala reduzida de uma obra de arquitetura ou engenharia a ser executada.

Índias: nome dado à parte americana do Império espanhol. O nome completo é "Índias Ocidentais".

Praça das Armas e Igreja da Companhia de Jesus. Cuzco, Peru. 2017.

GE2010/SHUTTERSTOCK.COM

Texto de apoio

A sede do poder

[...] Durante longo tempo, Cuzco não foi senão uma aglomeração de cabanas indistintamente agrupadas ao redor do santuário rústico, onde fora colocada a imagem do Sol. Mas Pachakuti transformou essa pequena aldeia em sua vasta cidade cosmopolita, que compreendia, em seu apogeu, talvez mais de 60 mil habitantes.

[...] Essa cidadela compreendia diversos arsenais e casernas, bem como uma torre monumental de quatro ou cinco níveis que repousava sobre uma base quadrada. Fora planejada para que 5 mil guerreiros nela pudessem facilmente manter-se em guarnição e rechaçar um cerco. Sancho de La Hoz, que a viu antes de ser destruída, escreve que era a coisa mais bela que se poderia admirar no país. "As rampas são feitas de pedras tão grandes que ninguém poderia imaginar, ao vê-las, que tivessem sido colocadas nesse lugar pela mão do homem, são tão grandes quanto pedaços de montanha ou de rochedos, e algumas têm 30 palmos de altura, outras 25, e outras 15, mas não há qualquer uma que seja suficientemente pequena para ser transportada em três carroças." Com efeito, a fortaleza era defendida, do lado oposto da vila, por três muralhas sucessivas, com ângulos reentrantes e salientes, que se elevavam sobre terraços superpostos. Essas muralhas eram formadas por blocos megalíticos numa construção ciclópica, alguns dos quais mediam até 4 m de altura. Tupa Yupanki, que ordenou sua construção, mobilizou para essa tarefa perto de 30 mil súditos durante vários anos.

No entanto, o edifício mais notável da cidade, e o mais venerável de todo o Império, era o Templo do Sol ou Qorikancha, que os imperadores não cessaram de embelezar e enriquecer ao longo de seus reinados. Segundo Cieza de León, era uma vasta muralha retangular de 400 passos de perímetro, construída em pedras secas, perfeitamente entalhadas e ajustadas umas às outras sem outro cimento além do betume. À meia altura de muralha passava uma cornija de ouro de quatro palmos de largura. As portas, inteiramente revestidas de ouro, abriam-se para um jardim coberto de fragmentos de ouro fino e plantado com um milho cujo caule, folhas e espigas eram igualmente de ouro. Em meio a essa vegetação artificial, passavam umas 20 lhamas de ouro em tamanho natural. [...]

FAVRE, Henri. **A civilização inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 62-63.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando os *sites*: PERUANOS celebram cem anos da redescoberta de Machu Picchu. Disponível em: <http://livro.pro/ghjrgb>; e O JARDIM de ouro dos incas. Disponível em: <http://livro.pro/pb3mgp>. Acessos em: 4 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- MUSEU Inca Cuzco. Duração: 16 min. Disponível em: <http://livro.pro/tweqci>. Acesso em: 24 set. 2018.

Videoapresentação do Museu Inca (Cuzco) – áudio em espanhol.

- CONSTRUÇÕES do Império Inca. Duração: 12 min. Disponível em: <http://livro.pro/h7k7ot>. Acesso em: 24 set. 2018.

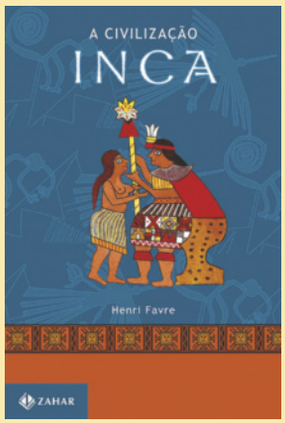
Vídeo sobre as edificações incas.

DIVULGAÇÃO PROIBIDA

Dica de leitura

- FAVRE, Henri. **A civilização inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Nesse livro, o autor busca recontar aspectos do surgimento e do desenvolvimento do povo inca, destacando suas características, sua cultura e a divisão existente na sociedade.



EDITORA ZAHAR

IMAGENS EM MOVIMENTO

- JOIAS da natureza: ouro, a conquista dos incas. **TV Escola**. Duração: 25 min. Disponível em: <http://livro.pro/4dk76k>. Acesso em: 24 set. 2018.

O vídeo aborda diversos aspectos da cultura inca. Ele apresenta o festival do Sol, descreve o sofisticado sistema de irrigação dos incas, entre outros aspectos de sua rica cultura.

Texto de apoio

O texto é da pós-doutora em História pela Unicamp Ana Raquel Portugal.

A representação do *ayllu* pré-hispânico

[...] Algumas interpretações dadas ao *ayllu* no período pré-hispânico, históricas ou antropológicas, atribuem-lhe o sentido de sistema de parentesco, família extensa, linhagem, clã etc. Outros estudos referem-se ao *ayllu* com uma conotação territorial, e essa interpretação só é possível a partir do século XVI, quando cronistas espanhóis propagam o termo com uma acepção de agrupamento de índios ou *pueblo*.

O *ayllu* pré-hispânico é a família extensa que forma um grupo local detentor ou não de um território utilizado comunitariamente para subsistência de seus integrantes. Sendo assim, o *ayllu* não é o território, a aldeia, mas o grupo familiar que está ligado por laços de parentesco e reciprocidade produtiva. [...]

Técnica, trabalho e impostos

HARRY ZIMMERMAN/SHUTTERSTOCK.COM

Um lhama.

GAIL JOHNSON/SHUTTERSTOCK.COM

Uma alpaca.

Habitando regiões montanhosas, os incas desenvolveram uma técnica agrícola que consistia em construir terraços na forma de uma imensa escada para a prática da agricultura (sistema de terraços). Nos degraus mais altos, cultivavam espécies vegetais resistentes ao frio, como a batata; nos do meio, milho, abóbora e feijão; nos mais baixos, semeavam as árvores frutíferas. Com isso, conseguiam colheitas variadas e fartas o ano inteiro. Os incas se dedicavam também ao pastoreio: criavam o lhama e a alpaca, animais usados no transporte e dos quais obtinham lã e leite.

Os camponeses constituíam a maioria da população. Cada aldeia era formada por um conjunto de famílias camponesas unidas por laços de parentesco que recebia o nome de ***ayllu***; o chefe do *ayllu* era o *kuraka*.

As terras de cada *ayllu* eram divididas em três partes: uma para o imperador, uma para os deuses (controlada pelos sacerdotes) e outra para as famílias camponesas. Além de trabalhar todas as terras, os camponeses tinham de prestar serviços gratuitos ao Estado, plantando, construindo ou reformando; esta obrigação tinha o nome de ***mita***.

Vestígios do sistema de terraços nos arredores de Machu Picchu, Peru. Fotografia de 2018.

POOLPSZ7/SHUTTERSTOCK.COM

Historiadores e antropólogos dedicaram-se à análise do significado do *ayllu*, estendendo-se até os dias atuais, para compreender como se formaram as comunidades indígenas de hoje. [...]

Os conceitos apresentados diferem em particularidades, mas o consenso entre os especialistas é claro, o *ayllu* representa um grupo de parentesco.

[...]

O movimento indigenista peruano utilizou ideologicamente essa concepção de *ayllu* como organização comunal detentora de um território para defender os direitos de os indígenas terem garantido o acesso à terra. Nesse caso, não importavam as relações de parentesco, mas, sim, a comunidade que se podia transformar numa cooperativa, na qual todos produziriam para o bem do grupo. [...]

PORTUGAL, Ana Raquel. **O *ayllu* andino nas crônicas quinhentistas**: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 101-107.

Os tupis

Quando Pedro Álvares Cabral aqui chegou, havia milhões de indígenas agrupados em mais de mil povos falantes de cerca de 1 300 línguas. Boa parte dessas línguas pertencia ao tronco Tupi. Calcula-se que, na época, a população tupi era de 1 milhão de pessoas.

Os povos tupis tinham uma origem comum: a atual Floresta Amazônica. Suas casas eram ruidosas e movimentadas. Suas aldeias eram grandes se comparadas às da Amazônia atual. Por volta de 500 a.C., eles começaram a se expandir; uma parte deles caminhou pelo interior em direção ao sul; outra parte rumou até a foz do rio Amazonas e depois avançou pelo litoral no sentido norte-sul.

Os tupis praticavam a agricultura, com destaque para o cultivo da mandioca, planta que foi descoberta e domesticada por eles. Para complementar sua dieta caçavam, pescavam e coletavam produtos da floresta.

Entre os grupos tupis que habitavam o litoral estavam os tupinambás da área onde hoje é o Rio de Janeiro; e os tupiniquins que tinham suas aldeias onde hoje é Porto Seguro, na Bahia.

LUIGOLA ZVARICK/IMAGENS DO BRASIL/PULSAR IMAGENS

Crianças falantes de língua tupi se refrescam e se divertem tomando banho no rio Culuene. Aldeia Aiha Kalapalo, Parque Indígena do Xingu. MT, 2016.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O texto a seguir é do doutor em Arqueologia pela Universidade de Indiana e livre-docente pela Universidade de São Paulo, Eduardo Góes Neves.

Os índios antes de Cabral

É uma verdade estabelecida para a maioria dos brasileiros que a história do país foi inaugurada em 22 de abril de 1500. O que aconteceu antes disso, domínio da "pré-história", seria um pouco vago e na verdade irrelevante para o posterior desenvolvimento do Brasil, merecendo poucas páginas dos livros didáticos. Ao contrário dos países da América Espanhola, onde "conquista" é o termo utilizado para designar a ocupação europeia, tal processo é no Brasil conhecido como "descobrimento", o que revela o preconceito e desconhecimento sobre as populações indígenas do Brasil e sua história.

A imagem das sociedades indígenas comum ao público geral é estática: indivíduos vivendo em pequenas aldeias isoladas na floresta, representando um passado remoto, uma etapa evolutiva de nossa espécie. Enfim, populações sem história. Nada mais errado. Sabe-se hoje que os povos indígenas que habitam o continente sul-americano descendem de populações que aqui se instalaram há dezenas de milhares de anos, ocupando virtualmente toda a extensão desse continente. Ao longo desse período, essas populações desenvolveram diferentes modos de uso e manejo dos recursos naturais e diferentes formas de organização social, o que é atestado pelo crescente número de pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil e países vizinhos.

NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: MEC: Mari: Unesco, 1995. p. 171.

ENCAMINHAMENTO

O conhecimento acumulado sobre os indígenas do Brasil é pouco disseminado entre nós, o que leva muitas pessoas a reproduzir juízos extraídos do senso comum. Um equívoco, por exemplo, é considerar os povos indígenas como parados no tempo, como muitas vezes vemos em noticiários, jornais e revistas. As sociedades indígenas passaram por mudanças significativas. São histórias de milhares de anos, marcadas por confrontos e alianças, deslocamentos, conquistas e perdas; enfim, uma história tão movimentada e interessante quanto as de outros povos.

Os dados sobre a população indígena em 1500, quando os portugueses aqui chegaram, são divergentes. Alguns dizem que havia de 2 a 4 milhões de indígenas. Outros afirmam que poderia variar de 6 a 10 milhões. Outros, ainda, mais ponderados acham que seria de 3,5 a 6 milhões. De uma forma ou de outra, eram milhões de indígenas, agrupados em centenas de povos falantes de cerca de 1 300 línguas.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: DIVERSIDADE cultural dos povos indígenas. Disponível em: <http://livro.pro/fde33z>. Acesso em: 4 out. 2018.

ENCAMINHAMENTO

• Informar que, conforme Luís Donizete Benzi Grupioni:

Atualmente, existem [...] exemplares de mantos de penas dos extintos índios Tupinambá, todos conservados em museus europeus.

Embora não seja possível precisar sua origem [...], presume-se que foram levados para a Europa entre os séculos XVI e XVII, por viajantes, missionários e militares que estiveram em missões no Brasil.

Todos esses mantos mostram semelhanças marcantes em seus detalhes. Apresentando-se na forma de capas, têm a borda inferior ligeiramente arredondada e mais larga que a parte superior. O manto guardado no "Museu do Homem", Paris, se diferencia dos demais por possuir um capuz e apresentar, em sua extremidade superior, uma tira de miçangas azuis e brancas. Isso demonstra que, possivelmente, esse manto tenha sido adquirido de índios que já mantinham relações de troca com os europeus.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. Brasília: MEC, 1994. p. 251.

MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA, COPENHAGUE. FOTO: RÔMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

Técnicas e saberes tupis

Objetos que contam história

Os mantos indígenas vistos nesta página foram confeccionados pelos tupinambás, grupo falante de língua tupi que habitava o litoral brasileiro. São confeccionados com fibras naturais (embira) e penas de guará, ave de plumagem vermelha do litoral norte brasileiro. Informa-nos um estudioso que:

> Todos os anos, os tupinambás saíam em grandes expedições para obter as penas da ave guará [...]. Essas capas de penas, denominadas pelos tupinambás de Guará abacu e Assoyane, cobriam o indivíduo até a altura do joelho.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998. p. 250.

O **manto acima** servia para vestir os meninos durante importante festa que celebra a passagem da adolescência para a fase adulta; o **manto da direita**, para homenagear os adultos do sexo masculino que se destacavam por sua valentia ou religiosidade.

Os tupinambás nos deixaram seis exemplares de mantos, todos conservados em museus da Europa. O manto acima está no Museu Nacional de Copenhague, na Dinamarca, e o da direita, no Museu do Homem, em Paris, na França.

MUSEU DO HOMEM, PARIS

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Ensino de História e cultura material

Dentre os diferentes tipos de fontes históricas, a cultura material revela-se uma das mais antigas (assim como as fontes visuais e orais), pois é anterior ao período no qual os seres humanos desenvolveram a escrita. No entanto, sua utilização pela ciência com o propósito de construir a História é desproporcional à sua ocorrência na humanidade, remontando tardiamente ao século XIX da era cristã. [...]

Os historiadores perceberam que os artefatos que os seres humanos criam, produzem, utilizam e consomem dizem respeito não só à sua trajetória histórica, como também à construção de sua identidade. [...]

Nesse sentido, o que somos, não só do ponto de vista individual, mas também do ponto de vista coletivo, é moldado com base na apropriação que fazemos [...]. Em última análise, os artefatos construídos e utilizados por nós cotidianamente dizem respeito à nossa história. Como isso ocorre de maneira prática? Em que medida fazemos história com base nos objetos? É possível ensinar e aprender história por meio dos artefatos? [...]

ABUD, Kátia; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p.109-110.

Mais da metade dos brasileiros consome farinha de mandioca, diariamente. A mandioca foi domesticada provavelmente pelos povos tupis da Amazônia.

O processamento da mandioca

O alimento básico de numerosas sociedades indígenas é constituído pela mandioca-brava e seus derivados. Nessa variedade de mandioca existe um poderoso veneno [...], mas os índios desenvolveram técnicas especiais para torná-la comestível. Nós aprendemos deles essas técnicas.

Descasca-se e rala-se a mandioca, lava-se a massa com água sobre uma peneira, experimentando-a depois com as mãos. Em seguida, a polpa é colocada em uma prensa: na esteirinha manual ou no tipiti [...]. O sumo que escorre por entre as malhas é recolhido numa panela e decantado. O líquido chama-se tucupi e perde o veneno quando deixado ao sol ou aquecido ao fogo, servindo então para temperar a comida, junto com outros condimentos. Lava-se também o sedimento branco do fundo da panela, o polvilho, para livrá-lo do veneno. Depois de torrado em tacho, obtém-se a tapioca.

A polpa da mandioca é retirada da prensa e seca ao sol em forma de pães. Para fazer farinha, esses pães são esfarelados e torrados. Para fazer beijus, mistura-se a massa esfarelada com um pouco de água, espalhando-a sobre tachos rasos. Pazinhas de madeira em forma de meia-lua servem para virar os beijus sobre o torrador. Com a farinha fazem-se ainda bebidas [...], tortas e mingau. A farinha é guardada em [...] cestas e cabaças.

MANIFESTAÇÕES socioculturais indígenas. **Formas de humanidade**: guia temático para professores. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. p. 12. Disponível em: <http://www.vmptbr.mae.usp.br/uploads/TDMDownloads/downloads/downloads_580107ef898b4.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2018.

CHICO FERREIRA/PULSAR IMAGENS

RENATO SOARES/PULSAR IMAGENS

À esquerda, fotografia do tipiti, espremedor de palha usado para espremer a mandioca e preparar a farinha. Santarém (PA), 2011. À direita, moça da nação kamayurá, falante de uma língua tupi, ralando mandioca para preparação do beiju. Aldeia Kamayurá. Parque Indígena do Xingu. Gaúcha do Norte (MT), 2012.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Tupinambá de Olivença

Os Tupinambá de Olivença vivem na região de Mata Atlântica, no sul da Bahia. Sua área situa-se a 10 quilômetros ao norte da cidade de Ilhéus e se estende da costa marítima da vila de Olivença até a Serra das Trempes e a Serra do Padeiro.

A vila hoje conhecida como Olivença é o local onde, em 1680, foi fundado por missionários jesuítas um aldeamento indígena. Desde então, os Tupinambá residem no território que circunda a vila, nas proximidades do curso de vários rios, entre os quais se destacam os rios Acuípe, Pixixica, Santaninha e Una.

Apesar da longa história de contato, a filiação ameríndia é fundamental para compreendermos a vida social dos Tupinambá de Olivença na atualidade. Não se trata de um resquício histórico remoto, mas de uma marca efetiva na organização social e modo de vida dos Tupinambá que hoje habitam a região. Entre outros aspectos, destacam-se sua organização em pequenos grupos familiares e certos gostos alimentares, como a preferência pela "giroba", uma bebida fermentada produzida por eles. [...]

Os Tupinambá de Olivença vivem em pequenas unidades residenciais, distribuídas em uma área de cerca de 50 000 hectares. Apesar de não viverem isolados dos vizinhos não indígenas, os Tupinambá de Olivença vivem em áreas residenciais com características próprias, comumente designadas de lugares.

A designação lugar é normalmente seguida do nome de um dos habitantes da casa principal – geralmente daquele que a fundou: "o lugar de Miguel", por exemplo. Com relação à organização socioeconômica, pode-se dizer que as casas têm certa independência no que diz respeito à produção e ao consumo. Cada casa possui sua roça e a farinha ali produzida pertence exclusivamente àqueles que cultivaram as mandiocas. [...]

Os Tupinambá de Olivença produzem uma enorme variedade de alimentos a partir de vários tipos de mandioca. Destaca-se a importância da produção de farinha de mandioca, do beiju e da "giroba" [...] para a vida social e também para a subsistência dos Tupinambá.

O sistema de plantio entre os Tupinambá de Olivença é o da agricultura de coivara, que implica na derrubada e queima da mata, na limpeza do terreno e depois na plantação. [...]

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Tupinambá de Olivença**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tupinamb%C3%A1_de_Oliven%C3%A7a>. Acesso em: 25 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: A CULTURA da mandioca pelos apurinã. Disponível em: <http://livro.pro/g9d6kb>. Acesso em: 4 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- RAÍZES da gastronomia brasileira: comunidades indígenas. Duração: 4 min. Disponível em: <http://livro.pro/jh68hc>. Acesso em: 25 set. 2018.

O vídeo mostra o cotidiano alimentar de uma comunidade indígena.

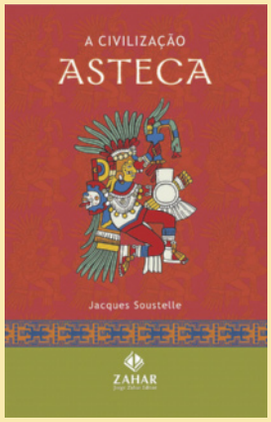
RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Pela existência de monumentos, aquedutos e diques construídos pelos astecas.
   b) Sim, primeiramente porque a peça estava na corte do rei espanhol Carlos V, que, à época, governava um império imenso. Em segundo lugar, porque encantou Dürer, que é considerado o mais refinado pintor renascentista alemão.
   c) Resposta pessoal. **Professor**: sugerimos convidar os pais para assistirem à exposição fotográfica e apreciarem as legendas produzidas pelos alunos.
2. Alternativa D. Justificativa: A agricultura tinha grande importância na vida dos maias. O milho era a base de sua alimentação.

Dica de leitura

- SOUSTELLE, Jacques. **A civilização asteca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Nesse livro, o autor aborda, por meio de documentações historiográfica, arqueológica e etnográfica, a formação da civilização asteca e a estrutura da sociedade, bem como seus meios de subsistência.



EDITORA ZAHAR

ATIVIDADES

I Retomando

1. Os astecas possuíam amplos conhecimentos de geometria e cálculo, como se pode perceber nos monumentos que ergueram no centro do México e também nos restos de aquedutos e diques construídos por eles. Além disso, sabiam trabalhar o cobre, o bronze, o ouro e a prata. Com esses metais faziam joias refinadas e estatuetas que exigiam conhecimento técnico e arte. Seus trabalhos foram admirados pelos europeus, que os conheceram no século XVI. O pintor alemão Albrecht Dürer ficou encantado com uma peça de ouro asteca que ele conheceu na corte do rei espanhol Carlos V (1500-1558).

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

Arte asteca (c. 1300-1521).

a) O texto afirma que os astecas possuíam amplos conhecimentos de geometria e cálculo. Como se chegou a essa conclusão?

b) Com base no texto, é possível afirmar que o artesanato asteca impressionou os europeus? Justifique.

c) **Em grupo**. Pesquisem sobre a arquitetura e o artesanato asteca e a seguir montem uma exposição fotográfica sobre o tema. Criem legendas para as imagens e socializem o conhecimento sobre essa rica cultura.

2. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique a sua escolha.

a) Os maias nunca formaram um grande império; organizavam-se em pequenos Estados independentes, com governos, leis e costumes próprios.

b) Os maias construíram pirâmides com templos religiosos em seu topo.

c) Os camponeses maias pagavam impostos com parte do que eles produziam e com trabalhos gratuitos para o governo (como reparo e construção de estradas).

d) A indústria tinha grande importância na vida dos maias. A mandioca era a base de sua alimentação.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

3. **Em grupo**. Imaginem que vocês trabalham em uma agência de turismo e precisam convencer pessoas que estão indecisas a fazer uma viagem a Machu Picchu. Façam um relatório ilustrado (desenhos, fotos, mapas) incentivando-as a conhecer o Templo do Sol, a Tumba Real, as Três *Ventanas*, a Praça Sagrada e o Templo do Condor.

DAVID IONUT/SHUTTERSTOCK.COM

Templo do Condor. Machu Picchu, Peru.

Indicação de *sites* para pesquisa:

- Dez atrações imperdíveis em Machu Picchu. Disponível em: <http://livro.pro/ksze9b>. Acesso em: 19 out. 2018.
- Machu Picchu é a melhor atração turística do mundo. Disponível em: <http://livro.pro/mnh99w>. Acesso em: 19 out. 2018.

4. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique a sua escolha.

a) Cada povo possui uma cultura própria, isto é, língua, crenças e um jeito próprio de trabalhar, pensar, relacionar-se com a natureza e com os outros povos.

b) As histórias e as culturas indígenas marcaram profundamente nosso jeito de ser, nossos hábitos, nossa língua etc.

c) Comparando os povos indígenas entre si percebemos que são todos iguais; por isso podem ser chamados de índios.

d) As diferenças entre os indígenas podem ser percebidas, por exemplo, nos seus traços físicos e nas línguas que eles falam. Os povos indígenas falam línguas diferentes umas das outras. Há, pelo menos, 180 línguas indígenas faladas no Brasil de hoje.

e) Os povos indígenas também são semelhantes entre si, isto é, possuem características comuns que os diferenciam dos não indígenas.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. Resposta pessoal.

4. Alternativa C. Justificativa: Comparando os povos indígenas, percebemos que eles são diferentes entre si. **Professor**: hoje em dia, muitas pessoas continuam vendo os indígenas como se fossem todos iguais. Ocorre, porém, que o "índio" genérico não existe. Existem os tupiniquins, caetés, kaiapós, yanomamis e muitos outros. Cada grupo se vê como um todo diferente de outros grupos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O tupi nosso de cada dia

Por que você está na pindaíba? Pode ser porque está desempregado ou porque o salário é baixo. Mas os índios de língua tupi há séculos já podiam ficar na pindaíba, sem esses motivos. É que *pindá*, em tupi, significa anzol. *Iba* significa ruim. Então, pindaíba quer dizer "anzol ruim". E, para os povos que viviam em grande parte da pesca, anzol ruim é o mesmo que não ter o que comer. [...]

Jabá, em tupi, é "fuga, fugir, fugitivo". Quando os índios escravizados pelos portugueses fugiam eles precisavam comer mas, como não podiam parar para caçar, levavam carne seca, que passou a ser chamada de jabá.

E o que, então, Jabaquara, nome de um bairro de São Paulo e um outro de Santos, tem a ver com isso? É que quara é um sufixo tupi que significa refúgio, entre outras coisas. Jabaquara significa "refúgio dos fugitivos". É o mesmo que quilombo no idioma quimbundo. O Quilombo do Jabaquara, de Santos, era famoso e abrigou escravos fugitivos até a abolição da escravatura, em 1888. [...]

Em todos os estados brasileiros existem cidades com nomes de origem tupi, mesmo naqueles em que não se falava a língua. É que os bandeirantes falavam tupi e os jesuítas usavam esse idioma para se comunicar com os índios, daí o motivo de "criarem" uma língua a partir dos vários dialetos. Por isso, tanto bandeirantes como os religiosos usavam esta língua para nomear rios, povoados etc. [...]

STEFANEL, Xandra. O tupi nosso de cada dia. **Revista do Brasil**, 1º nov. 2014. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/100/o-tupi-nosso-de-cada-dia-8105.html>. Acesso em: 25 set. 2018.

Texto de apoio

A história do chocolate

Theobroma cacao é como o cacaueiro é conhecido pelos pesquisadores. A palavra *Theobroma*, em grego, quer dizer alimento dos deuses. Um nome bem adequado. Afinal o cacau, fruto dessa árvore, é a principal matéria-prima na fabricação do chocolate.

O uso do cacau na alimentação e fabricação de bebidas é bem antigo. Há mais de 3 mil anos os Maias e os Astecas, povos pré-colombianos da América Central, misturavam as sementes torradas e moídas do cacau em água quente ou vinho e temperavam a bebida com baunilha, pimenta e outras especiarias. Era como o chocolate quente de hoje em dia, mas bem amargo.

Cristóvão Colombo foi o primeiro europeu a experimentar o cacau. [...] Mas o chocolate demorou para se tornar popular na Europa.

Alguns anos depois o conquistador espanhol Hernando Cortez presenteou o rei com vários baús cheios de grãos de cacau. Desta vez as sementes foram reconhecidas como um tesouro pela corte espanhola. O chocolate passou a ser a bebida da moda, mas só para a nobreza. Nessa época havia uma crença de que o chocolate podia curar qualquer enfermidade [...]

De acordo com historiadores, depois do primeiro embarque oficial de grãos de cacau, em 1585, da cidade de Vera Cruz, no México, para Sevilha, na Espanha, o chocolate tornou-se conhecido em outros países da Europa. [...]

A HISTÓRIA do chocolate. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alimentus/disciplinas/tecnologia-de-alimentos-especiais/chocolates/arquivos-chocolate/historico-do-chocolate>. Acesso em: 31 out. 2018.

II Integrando com Ciências

Hoje, mais de 500 anos após a chegada dos europeus à América, a humanidade começa a avaliar sua imensa dívida com os povos indígenas. Muitas plantas de que a humanidade se alimenta hoje foram descobertas e domesticadas por eles. Entre elas estão as plantas alimentícias, como o milho, a batata e a mandioca; e as medicinais, a exemplo do quinino.

Algumas plantas alimentícias são estimulantes e fizeram a fortuna de muitas indústrias ao redor da Terra. Entre as mais conhecidas estão o guaraná e o cacau.

Guaraná [...]. Era pouco difundido na América. A partir do século XIX, os Mawé, do rio Madeira, tinham praticamente o monopólio desse produto. É um estimulante notável, contendo pequeno teor de cafeína. O plantio do guaraná está difundido, hoje, por várias regiões e o seu uso aumenta a cada dia.

RIBEIRO, Berta G. Contribuições dos povos indígenas à cultura brasileira. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC: Mari: Unesco, 1995. p. 204-205.

J. L. BULCÃO/PULSAR IMAGENS

Folha e fruto do guaraná.

NIVATTALU/SHUTTERSTOCK.COM

Cacau.

Theobroma cacao é como o cacaueiro é conhecido pelos pesquisadores. A palavra *Theobroma*, em grego, quer dizer alimento dos deuses. Um nome bem adequado. Afinal o cacau, fruto dessa árvore, é a principal matéria-prima na fabricação do **chocolate**. [...]

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

22

O cacaueiro [...] é nativo das regiões tropicais da América Central e do Sul. [...]

O uso do cacau na alimentação e fabricação de bebidas é bem antigo. Há mais de 3 mil anos os **Maias e os Astecas** [...] misturavam as sementes torradas e moídas do cacau em água quente [...] e temperavam a bebida com baunilha, pimenta e outras especiarias. Era como o chocolate quente de hoje em dia, mas bem mais amargo. [...]

A HISTÓRIA do chocolate. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alimentus/disciplinas/tecnologia-de-alimentos-especiais/chocolates/arquivos-chocolate/historico-do-chocolate>. Acesso em: 12 jul. 2018.

1. **Em dupla**. Pesquisem sobre o guaraná procurando descobrir:

- suas propriedades;
- seus benefícios para a saúde.

Indicação de *sites* para pesquisa:

- Guaraná. Disponível em: <http://livro.pro/gj9gme>. Acesso em: 19 out. 2018.
- Reportagem sobre os benefícios do guaraná. Disponível em: <http://livro.pro/5zpyss>. Acesso em: 19 out. 2018.

2. Quando os europeus chegaram à América, o cacau já era cultivado por astecas e maias. Responda às perguntas a seguir.

a) Qual é o seu nome científico? E qual é o significado desse nome?

b) Qual seu *habitat* original?

c) Você conhece o jupará? Ele é um mamífero que vive em árvores e pode ser encontrado desde o México até o Centro-Oeste brasileiro, principalmente na Amazônia. Pesquise sobre esse animal e explique sua relação com o cacau.

d) Como o cacau era utilizado pelos nativos da América?

e) Qual é a sua importância econômica na atualidade?

Indicação de *sites* para pesquisa:

- Cacau. Disponível em: <http://livro.pro/fzcuut>. Acesso em: 19 out. 2018.
- Cacau: história e evolução. Disponível em: <http://livro.pro/ke2j7e>. Acesso em: 19 out. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. Resposta pessoal.
2. **a)** *Theobroma cacao*, palavra que vem do grego e significa alimento dos deuses. **Professor**: comentar que, hoje, o cacau é conhecido popularmente como manjar dos deuses. O nome científico coincide com a ideia que os ameríndios tinham do cacaueiro; eles o consideravam uma planta sagrada, tão importante que os maias a utilizavam como moeda de troca.
   b) O cacaueiro é originário de florestas tropicais da América Central e do Sul, incluindo a Floresta Amazônica.
   c) O jupará é um animal que se alimenta das sementes do cacau e auxilia em sua dispersão. Com isso, os dois seres vivos se beneficiam, apesar de poderem viver sem a presença um do outro.
   d) O cacau era utilizado pelos indígenas como bebida.
   e) A partir da semente do cacau, são produzidos o chocolate, um alimento consumido em escala mundial, e outros subprodutos, como geleias, xaropes, sorvetes, doces, iogurtes e sucos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O guaraná na história

[...] Sabe-se que, com o declínio de suas conquistas no Oriente, Portugal determinou a abertura da Amazônia como o seu celeiro provedor de espécies de valor comercial [...]. Confiou aos jesuítas a instalação, ao longo do Amazonas, de "reduções" ou aldeamentos de indígenas atraídos ou "resgatados" dos altos rios, com o objetivo de sua cristianização e exploração como mão de obra paga na extração das famosas "drogas do sertão". [...]

Nos breves, mas precisos registros feitos nas suas memórias sobre as visitas missionárias que fez à região do Tapajós, em 1762-1763, o Bispo do Grão Pará, João de São José [...], beneditino, demonstra a importância do guaraná entre os Magués (mais um dos diversos nomes dados aos Sateré-Mawé ao longo dos séculos). Ele chamou a atenção, em particular, sobre o papel do seu consumo como fator de coesão social, de defesa guerreira e de inserção econômica precoce no mercado regional. Segundo o bispo, o guaraná era para os Magués o seu "bem mais precioso", consumindo-o nas diferentes ações que precediam uma guerra: quando de suas "juntas" ou "conselhos", quando se reuniam para decidir as ações estratégicas ou outros "assuntos importantes", acrescentando que já nessa época era empregado "como moeda para pagamentos".

FIGUEROA, Alba Lucy Giraldo. Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 11, n. 1, p. 55-85, jan.-abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n1/1981-8122-bgoeldi-11-1-0055.pdf>. Acesso em: 31 out. 2018.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender à habilidade **EF07HI03** da BNCC:

– Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

A ideia aqui é mostrar a diversidade de povos e culturas do continente africano, privilegiando, no entanto, pessoas de territórios africanos onde, no passado, viveram ancestrais de milhões de brasileiros, a exemplo da Nigéria, de Angola e de Moçambique. O conhecimento das histórias dos antigos habitantes dos territórios ocupados hoje por esses países é importante para que possamos compreender e evidenciar para os alunos os laços que ligam a história brasileira à história africana.

ENCAMINHAMENTO

- Familiarizar o aluno com o mapa da África.
- Esclarecer que a África é um continente com dezenas de países e grande diversidade étnica e cultural.
- Aprofundar o assunto acessando o *site*: CASA DAS ÁFRICAS. Disponível em: <http://livro.pro/8se8nt>. Acesso em: 4 out. 2018.

O *site* apresenta pesquisas e estimula atividades culturais referentes ao continente africano.

AUDIOVISUAL

A África e os africanos antes dos europeus.

Dica de leitura

- HISTÓRIA geral da África. Brasília, DF: Unesco: MEC: Secad; São Carlos: UFSCar, 2010. Disponível em: <http://livro.pro/cdoxw9>. Acesso em: 21 set. 2018.

EDITORA UNESCO

Versão digital da coleção **História geral da África**, da Unesco, com acesso a todos os volumes.

CAPÍTULO 2

POVOS E CULTURAS AFRICANAS: MALINESES, BANTOS E IORUBÁS

A África é um continente com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, dezenas de países e centenas de povos com culturas e línguas singulares. Por ser o berço da humanidade e o lugar de origem dos ancestrais de milhões de brasileiros, a África e sua história têm grande importância para nós.

JEFF GREENBERG/FAS/PIX BRASIL

ERIC LAFFORGUE/FAS/PIX BRASIL

JOHNER IMAGES/ALAMY/FOTOARENA

LUDOVIC MASANT/FAS/PIX BRASIL

THOMAS COCKREM/ALAMY/FOTOARENA

África: político (2015)

ALLMAPS

1. Mulher nigeriana, 2016.
2. Jovem angolano, 2015.
3. Jovem sul-africano, 2015.
4. Homem tunisiano, 2016.
5. Jovem moçambicana, 2012.

Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 45.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

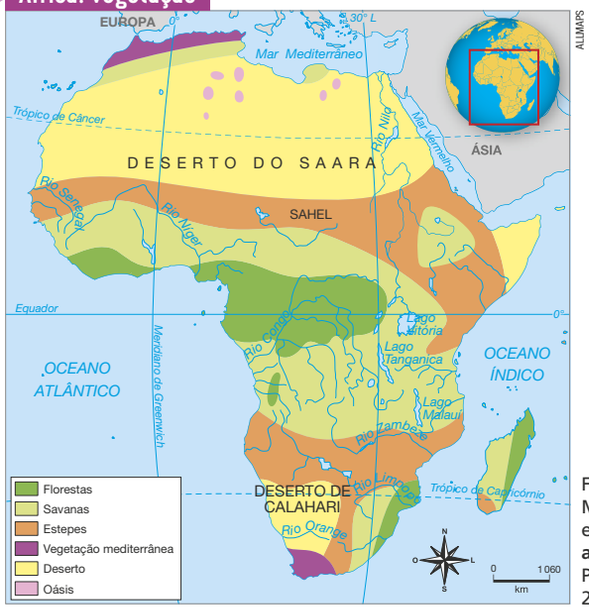
África: aspectos físicos

Quando observamos o mapa da África, vemos ao norte um imenso mar de areia, que tem o nome de deserto do Saara. Nesse deserto viviam povos nômades, chamados berberes, que controlavam as importantes rotas comerciais do norte africano.

Ao sul do Saara está o Sahel, uma faixa de terra que vai desde o oceano Atlântico até o Mar Vermelho. No Sahel viviam povos negros chamados, genericamente, de sudaneses, como os bambaras, os fulas, os mandingas, os hauçás, entre outros. A extensa área habitada por eles era chamada de Sudão (em árabe, *Biladal-Sudan*, que significa "terra de negros").

O Sudão ocidental é cortado por dois importantes rios: o Senegal e o Níger. Esses rios permitiam que os povos do Sahel tivessem água para suas necessidades básicas e também para fertilizar a terra e cultivar cereais, legumes e verduras. Além disso, serviam como via de locomoção e transporte. Em canoas ágeis feitas com troncos de árvores, os povos do Sahel transportavam as mercadorias, como sal, ouro e noz-de-cola, que chegavam em lombos de camelos, saídos dos portos do mar Mediterrâneo, ou que para lá seguiam.

África: vegetação



Fonte: SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 13.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

As teorias racistas formuladas pelos europeus do século XIX levaram a forjar visões estereotipadas e preconceituosas da África e de seus habitantes. Uma das mais recorrentes é a que apresenta a África como um continente "sem história"; nessa versão, os povos africanos são chamados de "tribos" e suas línguas, de "dialetos". Estudos e pesquisas desenvolvidos no século XX, sobretudo após as independências africanas, vêm nos permitindo conhecer a rica e movimentada história da África e dos africanos no Brasil.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- OESTE africano: deserto da Namíbia. Duração: 43 min. Disponível em: <http://livro.pro/nqxqwh>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre um dos lugares mais secos e interessantes do planeta Terra.

Texto de apoio

A África e seus habitantes

O continente africano é cercado a nordeste pelo mar Vermelho, ao norte pelo Mediterrâneo, a oeste pelo oceano Atlântico e a leste pelo oceano Índico. O istmo de Suez o liga à península Arábica. Em termos geográficos, suas principais marcas são o deserto do Saara ao norte, o deserto do Calahari a sudoeste, a floresta tropical do centro do continente, as savanas, ou campos de vegetação esparsa e rasteira, que separam áreas desérticas de áreas de florestas, e algumas terras altas, como aquelas nas quais nascem os rios que formam o Nilo.

Os rios são os meios de comunicação mais importantes do continente. Entre eles se destacam o Nilo, que nasce na região do lago Vitória e deságua no Mediterrâneo; o Senegal, o Gâmbia, o Volta e o Níger, que nascem nas montanhas do Fula Jalom e deságuam no oceano Atlântico, em pontos diferentes da costa ocidental africana; o Congo e o Cuanza, que nascem nos planaltos do interior de Angola e no coração da floresta equatorial central e deságuam no oceano Atlântico, na costa africana centro-ocidental; e, finalmente, o Limpopo e o Zambeze, no sudeste do continente, que deságuam na costa do oceano Índico, onde hoje é Moçambique.

A grande faixa do Saara divide o continente. O deserto se estende da costa do Atlântico à do mar Vermelho, cortado a oeste pelo rio Níger e a leste pelo rio Nilo. Às margens desses dois rios há terras férteis, nas quais a agricultura e a criação de animais permitiram o desenvolvimento de sociedades complexas, que tiveram uma dose de grandiosidade. As bordas sul e oeste do Saara são conhecidas como Sael, ou as praias do deserto. Nessas áreas de savana são cultivados grãos e criados animais. [...]

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 11.

ENCAMINHAMENTO

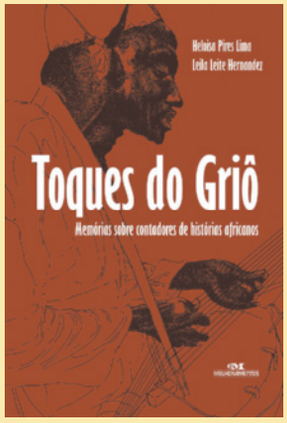
- Trabalhar o conceito de Império.
- Frisar que boa parte do que sabemos sobre o Império do Mali chegou até nós pelos griôs, que, por conservarem e transmitirem o saber tradicional, eram chamados de "bibliotecas vivas".
- Destacar que foi por meio dos griôs e de achados arqueológicos que ficamos sabendo que o Império do Mali teve seu núcleo original organizado pelos povos mandingas.
- Chamar a atenção dos alunos para a importância das fontes orais.

Dialogando

Resposta pessoal. **Professor**: pode-se aproveitar a ocasião para debater a importância de saber ouvir quando o professor ou um colega está falando.

Dica de leitura

- LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô**: memórias sobre contadores de histórias africanos. São Paulo: Melhoramentos, 2010.



EDITORA MELHORAMENTOS

Esse livro traz informações sobre a figura do griô e sua importância para a transmissão de conhecimento tradicional de povos da África.

+ATIVIDADES

- Há um antigo provérbio, do poeta do Mali Hampâté Bâ, que diz: "Quando morre um velho é como se uma biblioteca inteira fosse incendiada". Você concorda com essa afirmação? Destaque alguns ensinamentos que você aprendeu com seus avós ou com alguém mais velho e que utiliza no seu dia a dia.

Resposta pessoal.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GRIÔ: oralidade africana. Duração: 3 min. Disponível em: <http://livro.pro/z57ky9>. Acesso em: 21 set. 2018.

Vídeo que explica o conceito de griô na África antiga e sua presença no Brasil hoje.

O Império do Mali

Foi justamente no Sudão ocidental, entre os rios Senegal e Níger, nas terras habitadas pelos mandingas, que se formou o **Império** do Mali, um dos maiores e mais duradouros da história da África. Boa parte do que sabemos sobre o Império Mandinga (ou do Mali) chegou até nós através dos griôs.

Império: Unidade política que congrega várias outras unidades, que podem ser compostas por povos diferentes entre si que mantêm suas formas de governar locais, mas prestam obediência ao poder central, controlado pelo chefe de todos os chefes.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 16.

PARA SABER MAIS

Os griôs

Os griôs eram indivíduos encarregados de preservar e transmitir as histórias, conhecimentos e canções de seu povo.

No passado, os griôs eram procurados por muitos reis africanos para trabalharem como professores particulares de seus filhos. Eles ensinavam arte, conhecimento sobre as plantas, tradições, história e davam conselhos aos jovens príncipes.

Além dos **griôs contadores de histórias**, havia também **os griôs músicos** e os **cantores**, que interpretavam e conservavam canções tradicionais; e havia, ainda, mulheres griôs, que faziam o mesmo que os griôs homens.

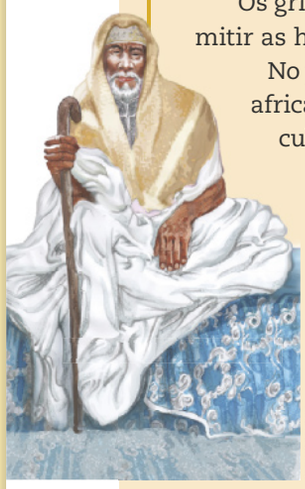
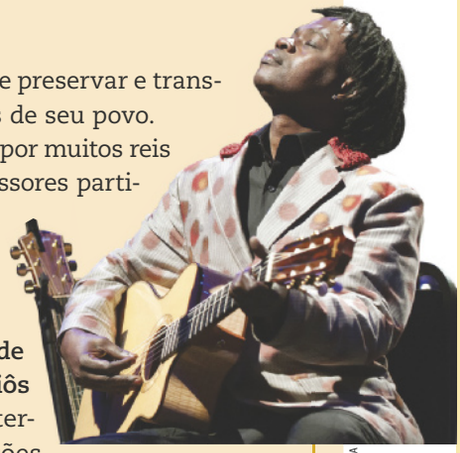

GETULIO DELPHIM

Ilustração representando um griô contador de histórias.


PAUL TOMLINSON/BRIDGEMAN/FOTOARENA

Baaba Maal, griô músico senegalês em apresentação na Grã-Bretanha, 2011.

No passado, quando um griô falecia, o seu corpo era enterrado dentro de um baobá, árvore considerada sagrada e cujos troncos são ocos. Acreditava-se que, ao enterrar o corpo de um griô nessas árvores, suas histórias e canções continuariam sendo divulgadas e conhecidas por muitos.

DIALOGANDO

Um ditado dos griôs africanos que chegou aos nossos dias é: "Cada dia se aprende algo novo; basta saber ouvir". Você concorda com esse ditado? Por quê?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O dia a dia na aldeia dos griôs

[...] A vida na aldeia dos griôs era a escola dos griôs. Era lá que eles aprendiam as técnicas de memorização, a construir instrumentos de música e não apenas a tocá-los [...]. Os acontecimentos ocorridos há dez ou setecentos anos são mantidos sempre frescos pela palavra do griô. Só as extraordinárias sociedades que não dependeram da escrita para o registro dos seus feitos dominam a palavra para transmitir a história. Essa imensa sabedoria negro-africana conhece não só as técnicas de resguardar, mas também as de passar a história adiante. [...] Exige-se dele um comprometimento com a verdade. O rigor do mestre garantia a tradição, e a tradição garantia a maestria de cada um. [...]

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô**: memórias sobre contadores de histórias africanos. São Paulo: Melhoramentos, 2010. p. 26.

A formação do Império do Mali

Contam os griôs que tudo começou com o príncipe de **etnia** mandinga chamado Sundiata Keita. Ele e seus guerreiros venceram os sossos, seus opressores, na batalha de Kirina, em 1235. E, depois de vencer também outros povos vizinhos, fundaram o Império do Mali.

Etnia: grupo com modo de vida próprio, com uma história comum, falante da mesma língua e que partilha os mesmos valores, mitos e crenças.

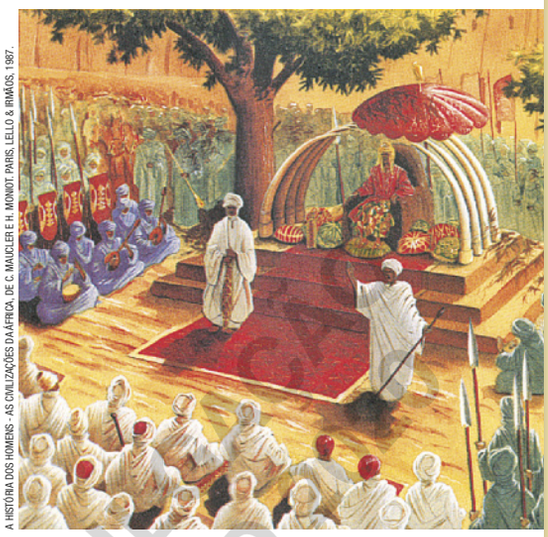
Império do Mali (séculos XIII a XV)

Fonte: DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2001. p. 216.

O imperador do Mali ouvia as queixas de seus súditos em audiências públicas realizadas tanto no seu palácio quanto em uma praça próxima. Ele comparecia a essas audiências em trajes requintados, tendo seus conselheiros ao lado e, atrás deles, um grupo de soldados; as sessões eram abertas pelos griôs.

No poder, Sundiata Keita converteu-se ao islamismo, religião criada por Maomé e cujo princípio fundamental é a crença num único Deus. Segundo alguns historiadores, ele se converteu movido pela ideia de poder participar do comércio que, na época, era controlado pelos árabes islâmicos.

No Mali, o imperador era a maior autoridade, mas ele ouvia seus auxiliares (o conselho); e, sempre que precisava tomar uma decisão importante, ouvia também dois altos funcionários: o chefe das forças armadas e o senhor do tesouro, que era responsável pela guarda dos depósitos de ouro, marfim, cobre e pedras preciosas.



A HISTÓRIA DOS HOMENS - AS CIVILIZAÇÕES DA ÁFRICA. DE C. MAUCLER E H. MONNOT. PARIS, LELLO & IRMÃOS, 1987.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

ENCAMINHAMENTO

- Explorar o mapa do Império do Mali.
- Trabalhar o conceito de etnia.
- Comentar que, à semelhança de outros Estados centralizados africanos, o Império do Mali abrigava um mosaico de etnias.
- Apresentar o processo de formação do Império do Mali.
- Explicar o que levou Sundiata Keita a se converter ao islamismo.

A conversão de Sundiata ao islamismo é vista por historiadores atuais como uma estratégia desse líder africano para integrar seu império ao circuito mercantil islâmico. Sundiata Keita era um conhecedor dos costumes e tradições de seu povo e, embora tivesse aderido ao islamismo, permitia que a população continuasse a praticar as religiões tradicionais e a cultuar seus deuses. Na Corte real, inclusive, conviviam lado a lado especialistas no Corão e os *djeli* (griôs), portadores e transmissores dos conhecimentos milenares acumulados por seu povo.

Texto de apoio

O antigo Mali

O antigo Mali foi criado por diversos povos aparentados que viviam na região situada entre o rio Senegal e o rio Níger. Os mais importantes deles eram conhecidos como os mandingas (ou malinquês, ou manden). [...] Sundjata Keita (1230-1255) estendeu a influência do Mali às unidades políticas menores da vizinhança, lançando as bases de um Estado unificado que se manteria hegemônico até a metade do século XV.

Integrado por diversos povos além dos mandingas, como os soninkês, fulas, dogons, sossos e bozos, o Mali evoluiu para uma condição que o aproximava de um império, na medida que exercia sua hegemonia, impondo-se militarmente, e extraía tributos dos povos vencidos. Era constituído de núcleos distintos de tribos, chefaturas e pequenos reinos locais. Havia duas categorias de províncias: as aliadas, cujos chefes conservavam seus títulos (caso de Gana e Nima), e as conquistadas, em que, ao lado dos chefes tradicionais, era destacado um representante direto do mansa.

O controle era, direta ou indiretamente, estabelecido por um poder central, representado na figura de governante, designado pelo termo mansa. Este era tido como o líder supremo, o executor das decisões coletivas e o aplicador da justiça [...].

O mansa era o representante máximo dos costumes ancestrais da comunidade, e mesmo que em sua corte alguns tivessem adotado a crença muçulmana, a população continuava a praticar seus ritos e cultos tradicionais politeístas. Havia na corte espaço para os eruditos das mesquitas, conhecedores do Corão e da lei corânica, e espaço para os *djeli*, ou *griots*, os conhecedores e transmissores dos costumes seculares próprios das populações locais. [...]

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 55-56.

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando o texto: TOMBUCTU, o Patrimônio Cultural da Humanidade no Mali. Disponível em: <http://livro.pro/fea8vm>. Acesso em: 4 out. 2018.

+ATIVIDADES

• Faça uma pesquisa sobre o artigo 216 da Constituição Brasileira:

a) Conceitue patrimônio cultural.
De acordo com o artigo 216 da Constituição Brasileira, patrimônio cultural são todos os bens "de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira".

b) Por que Tombuctu foi elevada a Patrimônio Cultural da Humanidade?
Tombuctu foi elevada a Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, em 1988, pelo seu conjunto arquitetônico e pela sua relevância histórica.

Sugestão de *links* para pesquisa: IPHAN: patrimônio cultural. Disponível em: <http://livro.pro/e5n84d>; e UNESCO põe Tombuctu na lista do patrimônio em risco. Disponível em: <http://livro.pro/qkk3co>. Acessos em: 4 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• TOMBUCTU: a cidade dos livros. Duração: 9 min. Disponível em: <http://livro.pro/dih9g2>. Acesso em: 21 set. 2018.

Um pouco da história da cidade de Tombuctu.

Sundiata Keita preocupou-se também em proteger o império dos ataques dos berberes; por isso, deslocou sua capital para Niani, ao sul do Mali. Nas estradas que ligavam Niani à região nordeste, se formaram importantes cidades africanas, como Djenné, Gao e Tombuctu.

PARA SABER MAIS

Tombuctu

Situada às margens do rio Níger, o terceiro maior da África, Tombuctu servia como ponto de chegada e de partida das caravanas comerciais que atravessavam o deserto. Por Tombuctu passavam sal e o ouro das minas malinesas, os tecidos e os grãos, além de peles, plumas, marfim e instrumentos de metal. Ao longo do século XIV, a cidade se tornou também um dos mais importantes centros intelectuais do mundo, reunindo cerca de 150 escolas de estudo do Corão, com milhares de estudantes vindos de vários lugares. Em Tombuctu foi erguida também a mesquita de Sankoré, onde passou a funcionar a universidade de mesmo nome, que se mantém em atividade até hoje.

AYSE TOPBAS/MOMENT/GETTY IMAGES

Na imagem, vemos a mesquita construída na época do Império do Mali, que abriga até hoje a importante Universidade de Sankoré. Mali. Fotografia de 2011.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O conhecimento em Timbuktu

A cidade de Timbuktu, situada ao sul do deserto, no Mali, ocupa uma posição única, ponto de encontro entre os povos Songhai, Wangara, Fulani, Tuaregue e Árabe. Ela tornou-se um celebrado centro de cultura islâmica e, desde o século XI, um importante posto comercial. Segundo seus moradores, o ouro vem do sul, o sal do norte, e o conhecimento divino, do Timbuktu. Lá, no século XII, havia a Universidade de Timbuktu, que se organizava em três mesquitas, Mesquita de Sakore, que foi construída por volta do século IX, de Jingara Bar e de Sidi Yahya, havia também mais de 180 escolas corânicas, mais de vinte e cinco mil alunos frequentavam suas aulas, numa população de cem mil habitantes. Os estudantes vinham dos mais diferentes lugares da África. Os livros não apenas eram escritos no Timbuktu, como também eram importados e copiados ali. Existia uma indústria bem desenvolvida de cópias na cidade, e as universidades e bibliotecas tinham um importante catálogo de trabalhos acadêmicos. Como era um lugar de farto comércio, onde as mercadorias que vinham do Mediterrâneo eram trocadas por ouro, diferentes profissionais eram atraídos por sua prosperidade.

MACIEL, Adriana Sucena. **Século XII**: África Ocidental – Timbuktu: manuscritos. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912719_2011_cap_10.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

Economia malinesa

O Império do Mali era o maior produtor de ouro da África ocidental, mas sua população praticava também a agropecuária, o artesanato e o comércio. No vale do rio Níger, os malineses cultivavam arroz, **milhete**, inhame, algodão e feijão; e, além disso, criavam bovinos, ovinos e caprinos. Os artesãos malineses eram habilidosos no trabalho em metal e em madeira.

Os mercadores malineses (conhecidos como *wangara*) comercializavam sobretudo ouro, cobre, sal e noz-de-cola. No Mali, o cobre era muito apreciado, e o sal, quase tão valioso quanto o ouro. Na África ocidental, os malineses são conhecidos até hoje como bons comerciantes.

Milhete: variedade de milho de grão muito miúdo.
Árida: seca

PARA REFLETIR

Leia o texto com atenção.

A noz-de-cola

A noz-de-cola é um produto da floresta [...]. No interior desse fruto de diversas variedades, ficam os gomos, com um sumo extremamente amargo, que, ao ser consumido nas regiões **áridas** do deserto [...], sacia a sede e produz uma sensação de bem-estar graças ao seu alto teor de cafeína.

De conservação delicada, era transportado com cuidado, envolto em folhas verdes e largas, tendo de ser constantemente reembalado para que seu frescor fosse mantido. Oferecido aos visitantes ilustres, não podia faltar entre os bens das pessoas de maior distinção. [...] Tinha alto valor de troca, o que compensava as longas distâncias e os cuidados especiais relacionados ao seu comércio.

No Brasil a noz-de-cola, conhecida como obi e orobo, tem lugar de destaque na realização de alguns cultos religiosos afro-brasileiros.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 18.

MARCELO CAMACHO/CONEXÃO

Noz-de-cola.

a) A noz-de-cola é uma planta nativa da África. Para que serve o seu fruto?

b) A noz-de-cola exigia cuidados especiais no seu transporte e na sua conservação. Apesar disso, era muito vendida nos mercados de Tombuctu. Como você explica isso?

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Serve para saciar a sede e, por ter um alto teor de cafeína, também como estimulante.

b) O seu alto valor de troca compensava as despesas com transporte e conservação. Era muito consumida também pelos mais ricos.

Dica de leitura

- NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

O livro busca comprovar a influência da matriz negro-africana em todo o mundo, desde a Antiguidade até os tempos modernos.

+ATIVIDADES

- Qual era a base da economia malinesa?

A base da economia do Mali era a mineração, a agricultura e o pastoreio.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GRANDES reinos da África subsaariana. Duração: 9 min. Disponível em: <http://livro.pro/mi55zh>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre o Reino do Mali e a importância do comércio na região para o fortalecimento daquele governo.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Agricultura e civilização na África subsaariana

A agricultura constituía a base das sociedades africanas, uma vez que elas eram autossuficientes em cereais como o sorgo. Criavam gado, cabras, ovelhas, galinhas e outras aves para prover a necessidade de proteínas, e suplementavam essas fontes com a caça. Há registros de exportação de sal e noz-de-cola, que atravessavam o Saara em direção ao Oriente Médio e até mais longe. Artigos de couro, originários das regiões hoje conhecidas como Mali, Níger e Senegal, chegavam à Europa passando pela Espanha e tendo como intermediários os comerciantes marroquinos, cujo nome foi erroneamente emprestado a esses produtos.

Do algodão cultivado eram feitos tecidos no tear tradicional africano muito antes de ficarem famosos os estampados de Manchester e da Holanda. A indústria de cerâmica havia atingido um nível avançado e produzia utensílios para o uso doméstico. Armas e ferramentas agrícolas eram fabricadas em indústrias de ferro que se estendiam desde o litoral ocidental do continente até o Oriente, alcançando a Europa. Ficou famosa a grande habilidade no artesanato em ouro e em cobre na África ocidental e central, sobretudo nas minas de cobre das atuais regiões da Katanga e Zâmbia. Foi esse o motivo inicial que atraiu a Europa à África. [...]

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 116.

ENCAMINHAMENTO

- Chamar a atenção dos alunos para a duração do Império do Mali.
- Analisar os fatores que contribuíram para a sua longevidade.
- Identificar e analisar os fatores que levaram ao seu declínio no século XV.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. O Império do Mali durou cerca de 230 anos. O historiador José Rivair Macedo apresenta quatro fatores para explicar a longevidade desse Império. Debatam e, em seguida, escolham um que vocês considerem o mais importante.

Resposta pessoal. **Professor**: o objetivo dessa questão é estimular o debate, a oralidade e o desenvolvimento da autonomia de juízo.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- IMPÉRIO do Mali. Duração: 23 min. Disponível em: <http://livro.pro/tyiac5>. Acesso em: 9 jul. 2018.

O vídeo conta a história do Império do Mali usando como ponto de partida a visita às cidades da região na atualidade e buscando desvendar seus mistérios.

Dica de leitura

- MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2015.

O livro **História da África**, de José Rivair Macedo, apresenta alguns dos mais importantes processos e episódios da história africana, a começar pela "pré-história" do continente. Narra a experiência coletiva de povos que viviam às margens do Nilo, nas terras banhadas pelo Atlântico, Índico e Mediterrâneo. Além disso, apresenta e discute uma documentação relevante sobre o imperialismo na África e as independências africanas.

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador José Rivair Macedo.

[...] O apogeu da dinastia Keita ocorreu durante o século XIV, no governo de Mansa Mussá (1307-1332). [...] Seguidor do Corão, Mansa Mussá cumpriu a obrigação da peregrinação à Meca em 1324-1325, transformando o evento numa estratégia de afirmação de poder ao divulgar no exterior a importância de seu Estado. [...]

No retorno da peregrinação, Mansa Mussá trouxe sábios, poetas e conhecedores da lei muçulmana para ensinar nas madrassas, isto é, as escolas corânicas, sobretudo nas cidades de Tombuctu e Djenné. Mandou erguer edifícios religiosos. [...] Um dos mais belos templos construídos neste estilo, a Grande Mesquita de Djenné, foi classificado pela Unesco como patrimônio histórico da humanidade. [...]

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 57.

EDITORA CONTEXTO

A força e o declínio do Império do Mali

O Império do Mali controlou uma área imensa, chegou a ter cerca de 45 milhões de habitantes e durou 230 anos. Segundo o historiador José Rivair de Macedo, a longa duração e o poder do Império do Mali podem ser explicados pelos seguintes motivos:

SANTIAGO URQUIJO/MOMENT OPEN/GETTY IMAGES

Fotografia atual de escultura em madeira na região do Mopti, Mali. As figuras malinesas têm traços característicos, o que as torna facilmente reconhecíveis.

a) possuía um poderoso exército composto de arqueiros, lanceiros e cavaleiros com capacidade de reprimir rebeldes em caso de revolta;

b) controlava as áreas de extração do ouro;

c) tinha uma estrutura administrativa eficiente, com representantes nas áreas sob seu domínio;

d) adotava uma política de consulta aos povos dominados e respeitava suas tradições e religiões.

O Mali, maior império africano daqueles tempos, conservou sua liderança na região até a metade do século XV, quando entrou em declínio devido a conflitos entre seus líderes e ao surgimento de novos centros de poder, a exemplo do Reino de Songai. Durante sua expansão, esse reino conquistou a cidade de Tombuctu, em 1470, tornando-se, assim, a principal força política da região.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Os bantos

Na África, ao sul do deserto do Saara, viviam e vivem ainda hoje os bantos, povos que possuíam uma origem comum e falavam línguas aparentadas denominadas de bantas.

Por volta de 1500 a.C., os povos bantos partiram de onde é hoje a República de Camarões e foram se deslocando para o centro, o leste e o sul do continente africano; esse deslocamento durou cerca de 2500 anos e foi a maior migração já vista na história da África subsaariana. Durante seu deslocamento, os bantos domesticaram plantas e animais e conquistaram povos que viviam da caça e da pesca.

Os bantos eram povos agricultores e tinham domínio da técnica de produção do ferro, usado por eles para fazer instrumentos de trabalho e armas de guerra; isso os colocava em vantagem sobre os povos que desconheciam a técnica da **metalurgia** e ajuda a explicar sua vitória sobre esses povos. Assim, as regiões ocupadas pelos bantos tornaram-se terras de agricultores que dominavam a metalurgia.

Metalurgia: trabalho que transforma metais em objetos.

DANIEL CYMBALISTA

DANIEL M. ERNST/SHUTTERSTOCK.COM

À esquerda, jovem angolano falante da língua umbundo. Acima, mulher carioca descendente de povos da região congo-angolana. As duas fotografias são atuais. Boa parte dos habitantes do Rio de Janeiro descende de povos bantos, o que ajuda a compreender as semelhanças físicas entre os habitantes da região congo-angolana e os do Rio de Janeiro.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Reforçar a ideia de que a expansão dos povos bantos a partir de onde hoje é a República de Camarões foi a maior já havida na África subsaariana.
- Caracterizar os bantos como povos agricultores e que desenvolveram a técnica da metalurgia, o que lhes conferiu uma vantagem competitiva sobre os demais povos.
- Mostrar as semelhanças entre um indivíduo nascido em Angola – país habitado predominantemente por bantos – e uma moça do Rio de Janeiro, onde aportou grande número de bantos.
- Informar os alunos de que a maioria dos africanos entrados no Brasil ao longo dos primeiros séculos de colonização era originária da região congo-angolana.
- Refletir sobre o que diz o historiador Alberto da Costa e Silva.

[...] Desde pelo menos 600 a.C., a África conhecia a metalurgia do ferro. Os nativos adotavam uma técnica de preaquecimento dos fornos (que só seria desenvolvida na Europa no século XIX) que lhes permitia obter um ferro, e também um aço, de alta qualidade, comparável, e até superior, em alguns casos, ao que saía das usinas europeias. [...]

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2012. p. 28.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: DAS LÍNGUAS africanas ao português brasileiro. Disponível em: <http://livro.pro/k9ud7v>. Acesso em: 4 out. 2018.

Texto de apoio

O saber e o progresso tecnológico

[...] Em todo o continente e em diversas épocas, os povos africanos desenvolveram sistemas de escrita e altos conhecimentos na astronomia, matemática, agricultura, navegação, metalurgia, arquitetura e engenharia. Na medicina, praticavam cirurgias desde a cesariana até a autópsia, passando pela remoção de cataratas oculares e tumores cerebrais. Conheciam e aplicavam vacinas contra a varíola e outras doenças. Construíram cidades belíssimas e centros urbanos de conhecimento internacional que abrigavam bibliotecas enormes – em Timbuktu, os maiores lucros eram obtidos com o comércio de livros. Criaram filosofias religiosas, sistemas políticos complexos e duráveis, obras de arte de alta sensibilidade e sofisticação. A riqueza do ouro e do marfim africanos não apenas compunha as moedas como decorava os lares e as beldades da Índia, da China e da Europa. O melhor ferro no mercado internacional do século doze, de acordo com o historiador muçulmano al-Idrisi, era o da África central e meridional. [...]

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O tempo dos povos africanos**. Brasília, DF: Unesco: MEC: Secad, 2007. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Explicar o processo de formação do Reino do Congo.
- Trabalhar com os alunos a ideia de que o Reino do Congo expandiu suas fronteiras por meio de guerras, alianças e cobrança de tributos.
- Chamar a atenção para a organização política do Reino do Congo; destacar a presença de mulheres no governo, o que sugere um modo próprio de pensar a posição da mulher na sociedade.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: AS ORIGENS do Reino do Kôngo segundo a tradição oral. Disponível em: <http://livro.pro/6p7w88>; e TECIDO estrangeiro, hábitos locais: indumentária, insígnias reais e a arte da conversão no início da Era Moderna do Reino do Congo. Disponível em: <http://livro.pro/p9w4n2>. Acessos em: 4 out. 2018.
- Destacar que os congos conheciam as técnicas de fusão do ferro.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A ÁFRICA antes do século XV. Duração: 14min40s. Disponível em: <http://livro.pro/dghkz6>. Acesso em: 9 jul. 2018.

O vídeo é uma teleaula que trata da África antes do século XV.

Texto de apoio

Reino do Congo

O Reino do Congo remonta ao fim do século XIV e ocupou um território que se estendia do rio Kwilu-Nyari (ao norte do porto de Loango) até o rio Loje (ao norte de Angola), do Atlântico ao rio Kwango, cobrindo o Baixo Congo (na atual República Democrática do Congo), o enclave de Cabinda, uma parte de Angola e do Congo-Brazaville. Isto significa que, quando o descobridor português Diogo Cão lançou a âncora no rio Congo, em 1482, o Reino do Congo, uma das civilizações mais prestigiosas da África Central, já tinha quase um século de existência.

O rei, Manicongo, morava na capital Mbanza Congo, que foi rebatizada pelos portugueses com o nome de São Salvador, hoje situada na atual Angola, perto da margem do rio Congo. A estrutura política do Congo no século XVI segue o exemplo das estruturas políticas dos reinos costeiros africanos, cuja característica principal é o Estado com poder centralizado. O grau de aperfeiçoamento desse reino levou alguns autores ocidentais a pensar que tivesse sido criado pelos portugueses no início do século XVI, hipótese que não resiste às provas históricas. [...]

As receitas do governo provinham dos impostos [...]. O tributo era pago em tecidos de ráfia, em marfim e em seres humanos capturados. Uma parte das receitas vinha também das taxas de alfândega, de multas judiciárias e da pesca real das conchas marinhas, *nzimbu*, na ilha de Luanda. A concha marinha, *nzimbu*, servia de moeda e o rei tinha monopólio sobre sua produção e circulação. Um caso único nos reinos africanos. [...]

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006. p. 57-60.

Reino do Congo

A bacia do rio Zaire, chamado de Congo pelos portugueses, era habitada desde longo tempo por grupos bantos, como o bacongo, o luba, o lunda e o quicongo. Segundo uma tradição, no final do século XIII, os bacongos dominaram grupos menores falantes das línguas umbundo e quicongo. Sob a liderança de um líder lendário de nome Nimi-a-Lukeni, eles expandiram seus domínios por meio de guerras, alianças e da cobrança de tributos.

Nimi-a-Lukeni recebeu o título de manicongo (senhor do Congo) e passou a ser considerado o herói fundador do Reino do Congo. Depois, edificou seu palácio em Mbanza Congo e, a partir desse centro de poder, o Reino do Congo passou a controlar um amplo território.

VANESSA VICKS/SCIENCE SOURCE/GETTY IMAGES/2005

Máscara tradicional em ferro. Sua confecção é atual. Cultura conga, Zaire.

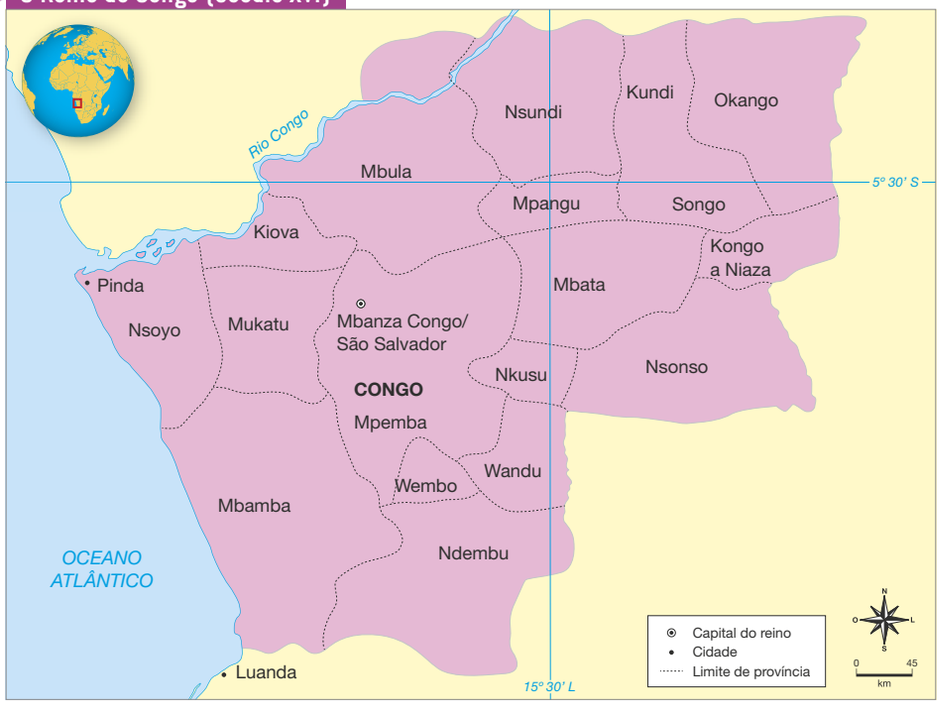
Na capital, o manicongo exercia sua autoridade com o auxílio de 12 conselheiros, entre os quais estavam os secretários reais, os oficiais militares, os homens da lei e os coletores de impostos, entre outros. Desses 12 conselheiros, quatro eram mulheres e representavam o clã das avós do rei.

Os congos conheciam técnicas apuradas de fusão do ferro. Segundo a tradição, o fundador do Reino do Congo era um rei ferreiro, por isso os trabalhos em ferro eram reservados aos nobres.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

No Congo, o comércio era intenso. Da capital do Congo partiam as caravanas que iam ao interior buscar ou levar produtos, com especial destaque para o ferro e o sal. O ferro era extraído na província de Nsundi, no norte do reino. Já o sal, raro e precioso, vinha das salinas de Mpinda e da província de Ndembu, no sul.

O Reino do Congo (século XVI)



Fonte: SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 39.

Aldeias (*lubatas*) e cidades (*mbanzas*) pagavam tributos ao manicongo, que, em troca, lhes oferecia proteção espiritual, pois era visto como intérprete da vontade dos ancestrais e dos espíritos. Os tributos eram pagos em espécie (sorgo, vinho da palma, metais, frutas, gado, marfim e peles) e em dinheiro. A moeda do Congo era o ***nzimbu***, uma espécie de concha marinha pescada na ilha de Luanda; a exploração dessas conchas era monopólio do rei. O manicongo repartia parte dos bens arrecadados com os líderes de linhagens e das aldeias, estabelecendo, assim, uma aliança e um equilíbrio de poder no Reino.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Mbanza Kongo

[...] o centro histórico de Mbanza Kongo, no norte de Angola, foi inscrito pela Unesco na lista de Patrimônio Mundial.

Capital política e espiritual do antigo Reino do Kongo – região onde hoje estão localizados Gabão, República do Congo, Angola e República Democrática do Congo –, Mbanza Kongo representa a importância da tradição kongo e seus conflitos com a chegada dos portugueses e da religião católica na África Central, ao final do século XV.

Um reino que crescia e influenciava parte da África, no século XIII, representa uma civilização de riqueza cultural inestimável. [...] esse Império construiu a história e cultura de países como Angola, Congo, República Democrática do Congo e Gabão e de seus descendentes em todo o mundo.

"Na cidade, existem 3 'lugares-chave': Kulumbimbi, Yala-Nkuwu e Ntotila. O Kulumbimbi é descrita pelas autoridades científicas angolanas como o vestígio material da primeira catedral construída na África Subsaariana pelos portugueses", disse Bruno [Pastre Máximo, arqueólogo].

"[...] A árvore Yala-Nkuwu é uma ligação com a ancestralidade mediada pela lei e ordem. Diante dela, foram feitos muitos julgamentos. O Ntotila é o 'monarca' que governa o Reino do Kongo. Somente o Ntotila, aquele que governa desde Mbanza Kongo, pode ter este título", acrescentou o pesquisador.

O reconhecimento do Mbanza Kongo é positivo para o mundo porque estimula a pesquisa e reflexão sobre a história – comum a africanos, portugueses e brasileiros.

Foi do Reino do Kongo de onde partiu a maioria dos africanos escravizados desembarcados nas Américas, foi de lá que saiu o primeiro embaixador africano enterrado no Vaticano, e também foi lá onde a primeira igreja católica (Kulumbimbi) da África Subsaariana foi erguida.

MBANZA KONGO, em Angola, recebe título de Patrimônio Mundial da Unesco. **Nações Unidas no Brasil**, 10 jul. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mbanza-kongo-em-angola-recebe-titulo-patrimonio-mundial-unesco/>. Acesso em: 25 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Explorar o mapa do Reino do Congo.
- Comentar sobre a importância da atividade comercial no Reino do Congo.
- Esclarecer que o manicongo era visto como um intérprete da vontade dos ancestrais e dos espíritos.
- Trabalhar o conceito de impostos e como eles eram pagos.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: A MOEDA 'Zimbu' e a sua primazia entre outras 'moedas' de troca. Disponível em: <http://livro.pro/3ek85w>. Acesso em: 4 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- MOJUBÁ II. Duração: 25 min. Disponível em: <http://livro.pro/ou4x4k>. Acesso em: 9 jul. 2018.

Programa do Canal Futura relata aspectos da História da África, incluindo aspectos da sociedade banta, com destaque para os elementos do sagrado e sua cultura.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que boa parte dos africanos trazidos para o Brasil era falante de línguas bantas.
- Analisar a influência das línguas bantas no português falado no Brasil.
- Dar exemplos de palavras em umbundo, quimbundo ou quicongo incorporadas à nossa língua.
- Comentar as manifestações culturais de origem banta existentes no Brasil, a exemplo do jongo, da congada, entre outras.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. O jongo foi registrado pelo Iphan como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Façam uma pesquisa sobre o jongo e escrevam um texto, conforme o roteiro a seguir:

– O que é o jongo?
– O que ele representa?
– Onde se desenvolveu?
– Por que é importante a sua preservação?

Sugestão de *site* para a pesquisa: HISTÓRIA do jongo e o jongo da serrinha. Disponível em: <http://livro.pro/fbacak>. Acesso em: 24 out. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- O JONGO no sudeste. Duração: 25 min. Disponível em: <http://livro.pro/gg4fj8>. Acesso em: 9 jul. 2018.

O vídeo, produzido pelo MEC e pelo Iphan, faz um resgate do jongo enquanto manifestação cultural afro-brasileira.

Bantos no Brasil

A maioria dos milhões de africanos entrados no Brasil entre os séculos XVI e XIX era falante de línguas bantas, como o quimbundo, o quicongo e o umbundo. Isso ajuda a explicar por que essas línguas estão entre as que mais influenciaram o português falado no Brasil.

Palavras bantas	
Berimbau – Arco musical, instrumento indispensável na capoeira.	**Fubá** – Farinha de milho ou arroz.
Caçula – O mais novo dos filhos ou dos irmãos.	**Jiló** – Fruto do jiloeiro, de sabor amargo.
Canjica – Papa de milho-verde ralado a que se juntam leite de coco, açúcar, cravo e canela.	**Moleque** – Menino, garoto, rapaz.
Carimbo – Selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos.	**Quiabo** – Fruto do quiabeiro, muito usado na cozinha cerimonial afro-brasileira e baiana.
Cochilo – Ato de cochilar.	**Quitute** – Petisco, iguaria de apurado sabor.
Dendê – Palmeira ou fruto da palmeira. Óleo vermelho obtido da palmeira dendê, de grande uso na culinária religiosa afro-brasileira e baiana; óleo de palma no português de Portugal.	**Samba** – Dança e música popular brasileira de compasso binário e acompanhamento sincopado; a música que acompanha essa dança.

Fonte: CASTRO, Yedda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

PARA SABER MAIS

Jongo: herança cultural dos povos bantos

MARCO ANTÔNIO SÁ/PULSAR IMAGENS

Apresentação do grupo Jongo de Piquete (SP), 2007.

Entre as manifestações culturais de raiz banta no Brasil está o jongo, canto e dança coletivos que contam com percussão de tambores e floresceu durante a expansão da cafeicultura no Vale do Paraíba fluminense e paulista. Em 2005, o jongo foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O jongo é praticado em todos os estados brasileiros da região Sudeste e é chamado também de caxambu.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O legado africano

De que a presença africana em nossa cultura é profunda, talvez o melhor testemunho esteja no português que falamos, no idioma no qual expressamos o que pensamos, sentimos e somos. As línguas africanas, especialmente o quimbundo (ou idioma dos ambundos), o quicongo (ou língua dos congos), o umbundo (ou idioma dos ovimbundos) e o iorubá, marcaram profundamente não só o vocabulário do português do Brasil, mas também [...] a construção das frases, e a fonética, ou a maneira como pronunciamos as palavras. Poucos se dão conta de que os verbos cochichar, cochilar, fungar, xingar e zangar, os substantivos bagunça, [...] caçula, cafuné, [...] carimbo, fuxico, fuzarca, garapa, lenga-lenga, molambo, quitanda, quitute, sunga e tanga, os adjetivos capenga, dengoso, encabulado e zonzo e numerosíssimos outros termos que usamos no dia a dia são de origem africana.

E o que fazem os portugueses, quando têm de zangar com o caçula dengoso que estava cochilando durante uma lenga-lenga como esta?

Eles se irritam ou se aborrecem com o benjamim manhoso que dormitava durante esta conversa enfadonha.

SILVA, Alberto da Costa e.
A África explicada aos meus filhos.
Rio de Janeiro: Agir, 2012. p. 156-157.

Os iorubás

Nas terras da África ocidental viveram povos igualmente importantes na formação cultural do Brasil; entre esses povos merecem especial atenção os iorubás.

JOHNNY GREIG/ALAMY/FOTOARENA

À esquerda, mulher nigeriana; à direita, mulher baiana. Hoje, os iorubás são contados aos milhões na Nigéria e no Benin e possuem grande número de descendentes no Brasil e em Cuba.

FABIO COLOMBINI

Os iorubás construíram uma civilização marcadamente urbana, com cidades de ruas e avenidas retas e mercados movimentados; entre as principais cidades iorubás daquela época estavam Ifé, Keto e Oió (capital política).

Cidades do Iorubo, palavra empregada pelo africanista brasileiro Alberto da Costa e Silva para designar o domínio territorial dos povos iorubás, chamado em inglês de *Yorubaland*.

Cidades do Iorubo (séculos XII a XV)

Fonte: SCARAMAL, Eliesse (Org.). **Para estudar a história da África**. Projeto Abá estudos africanos para qualificação de professores do Sistema básico de Ensino/ Coordenação Geral/ Projeto Abá: Léo Carrer Nogueira. Anápolis: Núcleo de Seleção-UEG, 2008. p. 44.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Os iorubás e sua arte foram e continuam sendo decisivos na formação cultural do Brasil; estudá-los pode nos ajudar a compreender aspectos importantes de nossa história e cultura.
- Destacar que os iorubás são hoje um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria; vivem no oeste do país, em partes da República do Benin e da República do Togo.
- Comentar que a história dos iorubás não se restringe à da África; é parte também da história das Américas, especialmente da de Cuba e do Brasil.
- Ressaltar a importância do povo iorubá na formação do povo brasileiro.
- Explorar o mapa com as principais cidades iorubás, a exemplo de Ifé e Oió, e explicar aos alunos que elas eram politicamente independentes. O elemento comum a todas elas era a religião.
- Esclarecer que os iorubás construíram uma sociedade predominantemente urbana, que, por sua singularidade, continua sendo objeto de estudo e debate.

+ATIVIDADES

- Os iorubás são hoje um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria. Pesquise sobre a Nigéria e escreva um pequeno texto com as seguintes informações:

– Localização geográfica, economia, artes, idiomas.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- CONHEÇA mais sobre a cultura da Nigéria. Duração: 1 min. Disponível em: <http://livro.pro/qj36gs>. Acesso em: 9 jul. 2018.

Reportagem da TV Brasil que apresenta aspectos da cultura nigeriana. O ponto de partida da reportagem é o futebol.

- REI DA Nigéria visita Belo Horizonte. Duração: 3 min. Disponível em: <http://livro.pro/sd2epp>. Acesso em: 9 jul. 2018.

Reportagem sobre a visita do rei da Nigéria ao Brasil, em junho de 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Destacar que um elemento decisivo na vida econômica dos iorubás era o comércio. O próprio desenho das cidades iorubás revela a importância da atividade comercial na vida de seu povo, já que quase todas elas tinham praças e há indícios de que nelas havia um grande mercado. Essas cidades possuíam também bairros bem demarcados, área para a realização de cerimônias religiosas, palácio real e espaços de convívio social.
- Comentar que os iorubás tinham uma capital política, Oió, e uma capital religiosa, Ifé.
- Explicar quem era o *oni* e comentar sobre o seu poder.
- Ressaltar o fato de que os iorubás não formaram um Estado unificado.
- Retomar e consolidar o trabalho com o conceito de cidade-Estado.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- YORUBA: cultura. Duração: 7 min. Disponível em: <http://livro.pro/qmekyf>. Acesso em: 12 maio 2018.

O vídeo busca resgatar elementos da cultura iorubá no Brasil.

Política e economia

A força econômica das cidades iorubás vinha, sobretudo, do comércio; seus comerciantes (homens e mulheres) circulavam por terra e pelos rios da região em canoas carregadas de produtos da floresta (pele de leopardo, pimenta, marfim, noz-de-cola), além de objetos de couro, metal e marfim confeccionados por seus artesãos.

Na cidade de Oió, capital política dos iorubás, havia bairros especializados em **curtume**, **serralheria**, fundição.

Curtume: estabelecimento onde se curte couro.
Serralheria: oficina onde se fazem peças em ferro.

Ifé, que teve seu período de maior esplendor entre os séculos XII e XV, era a cidade sagrada dos iorubás, sua capital religiosa, e é vista por eles até hoje como o umbigo do Universo, local onde tudo começou. Daí a importância espiritual de Ifé para todas as comunidades iorubás, na África e no Brasil.

Em Ifé, o poder político e religioso era exercido pela mesma pessoa, o *oni*; ele administrava a cidade, distribuía a justiça e era o responsável pelos cultos religiosos visando às boas colheitas. Era o *oni* também quem confirmava a autoridade dos líderes de outras cidades iorubás, como Keto e Oió; quando alguém chegava ao poder tinha de se dirigir a Ifé para ter sua autoridade confirmada por ele.

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

Sua alteza Aderemi I, *oni* da cidade de Ilê Ifé, na Nigéria, c. 1930. Note que o *oni* está vestido à moda de seus ancestrais.

Apesar de compartilharem uma mesma língua e possuírem uma base cultural comum, os iorubás não chegaram a compor um Estado centralizado, à semelhança dos antigos malineses; as suas cidades eram cidades-Estado ou cidades-reino, como preferem alguns especialistas no assunto. As cidades iorubás não formaram uma unidade política; eram independentes umas das outras.

+ATIVIDADES

- O texto a seguir foi escrito pela professora Marina de Mello e Souza.

Os reinos iorubás e daomeanos

[...]

Alguns dos vestígios arqueológicos mais importantes dessa região estão em Ifé, terra de iorubás [...]. Conforme relatos orais, um líder divinizado chamado Odudua foi responsável pela prosperidade de Ilê Ifé, cidade onde vigorou um sistema político-religioso adotado por várias outras cidades e reinos dessa área. [...]

Em Ilê Ifé foi criada uma forma de monarquia divina, dirigida pelo *oni*, representante da divindade e também governante da comunidade, composta por várias aldeias, cada qual com seu chefe, que cuidava dos seus membros mas prestava obediência ao *oni*. [....]

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2007. p. 36-37.

a) Alguns conhecimentos chegaram até nós por meio de relatos orais. Segundo esses relatos, quem foi o responsável pela prosperidade da cidade de Ilê Ifé?
O responsável teria sido um líder divinizado chamado Odudua.
b) Que sistema político predominou em Ilê Ifé?
Monarquia divina dirigida pelo *oni*.
c) Quem governava a aldeia?
Cada aldeia tinha um líder, o qual devia obediência ao *oni*.

DIGITAL PRO

Iorubás no Brasil

Segundo o estudioso Pierre Verger, foi principalmente após 1830, quando os muçulmanos destruíram a cidade de Oió, capital política dos iorubás, que eles foram trazidos para o Brasil como escravos, tendo entrado, em grande número, pelo porto de Salvador. Entre os iorubás aqui chegados havia muitos sacerdotes, príncipes, líderes políticos e artistas, que foram empregados, sobretudo, em trabalhos urbanos e domésticos, na cidade de Salvador e no Recôncavo Baiano. Embora trazidos à força e em condições adversas, os iorubás fizeram história e arte em solo brasileiro.

A arte de matriz iorubá pode ser vista em várias regiões do Brasil, mas é a Bahia seu principal polo de irradiação; lá nasceram ou vivem alguns dos grandes nomes da música e das artes plásticas de matriz iorubá.

Na música temos vários artistas herdeiros da tradição iorubá, como os integrantes dos blocos **Olodum** e **Ilê Aiyê** e a cantora **Margareth Menezes**.

MARCUS BRANDT/DPA/ALAMY/FOTOARENA

Margareth Menezes (1962) é uma cantora, compositora e produtora musical. Autora de momentos marcantes para a música popular brasileira, Margareth, nos seus mais de 20 anos de carreira, tornou-se popular pela potente voz. Viajou a todos os continentes, contabilizando várias turnês mundiais e álbuns lançados. Os álbuns **Elegibô** e **Kindala** alcançaram, respectivamente, a 1ª e 2ª posições da ***Billboard World Albuns***. Na fotografia, vê-se Margareth se apresentando na Costa do Sauípe (BA), em 2013.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A Escola Criativa Olodum

A Escola Criativa Olodum é uma obra do Grupo Cultural Olodum, fundado em 1979 no Pelourinho, e tem entre seus principais objetivos a construção da cidadania a partir das experiências de vida dos próprios alunos. Sua ação pioneira foi a Banda Mirim do Olodum, composta de crianças de 7 a 12 anos expostas a situações de risco e moradoras do Pelourinho. A Banda Mirim é hoje reconhecida no exterior (em países escandinavos e da Europa ocidental, como Alemanha e França). A possibilidade de participar do aprendizado, da criação e da execução de diferentes ritmos de matriz afro tem sido decisiva para o ingresso e a permanência dessas crianças na educação formal e no desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito da sociedade brasileira e do país. Uma estratégia da Escola Criativa Olodum foi condicionar a participação do aluno na Banda ao desempenho dele na escola pública, fato que estimulou tanto a permanência da criança na escola quanto a implementação do projeto de combate ao racismo que o Olodum vem desenvolvendo nas escolas da rede pública.

Assim, a Escola Criativa Olodum transformou-se em um ícone e um modelo que tem seguidores tanto na Bahia quanto em outras partes do Brasil. Como exemplo, temos a Escola Pracatum, liderada pelo artista Carlinhos Brown, que busca conferir dignidade às crianças e aos adolescentes do Candeal, outro bairro de Salvador com densa população afro-brasileira. Temos, além disso, também experiências bem-sucedidas com o grupo Meninos do Morumbi, em São Paulo, o Grupo Cultural Afro-Reggae, do Rio de Janeiro, e o Grupo Quilombo de Sergipe, em Sergipe.

Texto do autor.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, dentre os iorubás que chegaram ao Brasil, havia pessoas de diferentes grupos sociais: sacerdotes, artistas e até príncipes.
- Chamar a atenção dos alunos para a importância da arte de matriz iorubá no Brasil.
- Ressaltar a importância da cultura iorubá para se compreender a cultura baiana em particular, já que, a partir da década de 1830, os iorubás entraram em grande número na Bahia trazendo sua língua, sua arte, sua religião, seus hábitos e costumes.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. No Brasil temos muitos artistas herdeiros das tradições iorubás: Margareth Menezes, o Grupo Cultural Olodum, Emanoel Araújo e Carybé. Façam uma pesquisa sobre um desses artistas e criem um vídeo sobre ele.

Sugestão de *sites*: MARGARETH MENEZES. Disponível em: <http://livro.pro/s27acr>; OLODUM. Disponível em: <http://livro.pro/86k4em>; CARYBÉ. Disponível em: <http://livro.pro/ev2pek>; e EMANOEL ARAÚJO. Disponível em: <http://livro.pro/x6w366>. Acessos em: 4 out. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar sobre a presença iorubá nas artes plásticas brasileiras.
- Apresentar os trabalhos de Emanoel Araújo.
- Estimular os alunos a refletirem sobre a importância de suas obras.
- Aprofundar o assunto acessando os *sites*: A COR DA CULTURA. Disponível em: <http://livro.pro/jknmqu>; e MUSEU AFRO BRASIL. **Publicações**. Disponível em: <http://livro.pro/jyonyp>. Acessos em: 4 out. 2018.

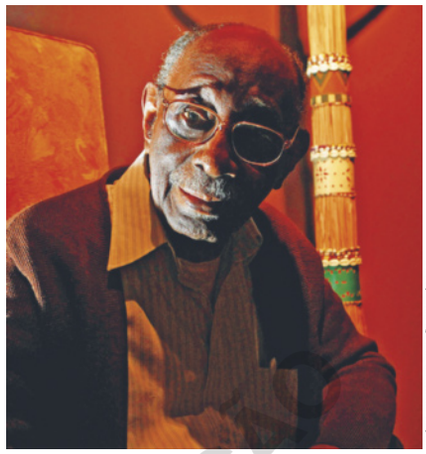
Nas artes plásticas temos nomes importantes, como os escultores Emanoel Araújo e Mestre Didi e os pintores Carybé e Menelaw Sete (conhecido como Picasso do Brasil).

Emanoel Araújo (1940) é escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor e museólogo. Foi professor de artes gráficas e escultura na The City University of New York, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo e fundador do Museu Afro Brasil, em São Paulo, do qual também é diretor-curador.

MARCUS LEON/FOLHAPRESS

O artista plástico Emanoel Araújo na abertura da exposição "Barroco ardente e sincrético – Luso-afro-brasileiro", no Museu Afro Brasil, em 2017.

Mestre Didi (1917-2013) foi escultor e escritor baiano, expoente da arte de matriz iorubá no Brasil.



VALÉRIA GONÇALVES/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

Mestre Didi, 2009.

ROMILDO DE JESUS/FUTURA PRESS

Cetro da ancestralidade, obra do artista. Salvador (BA). Fotografia de 2015.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Mestre Didi: um estudo sobre arte e cultura afro-brasileira

Deoscoredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, nasceu em 02 de dezembro de 1917, na cidade de Salvador na Bahia, tornou-se escritor, escultor [...], "integrado medularmente ao universo nagô brasileiro" [...]

Para compreensão das obras de Mestre Didi, faz-se necessário entendermos as noções de ancestralidade presentes em suas obras e trajetória. [...]

Desde sua infância, Mestre Didi absorveu valores e modos das relações do homem com seu meio ético, social, cultural e místico. [...] Em suas obras, [...] os significados dos materiais naturais como as contas, búzios, palha e outros deixam de existir, formando uma simbologia renovada que contribui para expressar um significado autônomo. O artista transporta materiais e técnicas tradicionais para uma arte contemporânea carregada com seus conhecimentos religiosos, culturais, herdados de seus ancestrais.

[...] os trabalhos realizados por Mestre Didi ultrapassam o âmbito artístico-religioso, relacionam-se com a cultura dos povos africanos que tanto influenciaram a formação da cultura brasileira. Ao entrarmos em contato com as obras de Mestre Didi, estamos em contato com nossas origens histórica, cultural, religiosa e artística. [...]

SILVA, Natália Fernanda Freitas da; SIMÕES, Rosa Maria Araújo. Mestre Didi: um estudo sobre arte e cultura afro-brasileira. ***VI World Congress on Communication and Arts***, 4-7 abr. 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135167/ISSN2317-1707-2013-06-174-178.pdf?sequence=1>. Acesso em: 31 out. 2018.

ATIVIDADES

I Retomando

1. A África é o berço da humanidade; apesar disso, sua história é pouco conhecida. Leia as afirmações e copie em seu caderno as verdadeiras. Justifique suas escolhas.

a) A África é um país com muitos povos e línguas diferentes.

b) A África é um continente habitado exclusivamente por povos negros.

c) A África é um continente com 54 países (2018) e mais de 30 milhões de quilômetros quadrados.

d) A história da África negra tem ligações estreitas com a história do Brasil.

e) Grande parte da população brasileira descende de povos africanos.

2. Observe o mapa com atenção e responda no caderno:

Fonte: SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 13.

a) Qual é o assunto principal do mapa?

b) Além das rotas de comércio, que outras informações importantes o mapa nos dá?

c) Com base no que você estudou e na observação do mapa, é possível concluir que o sal era um produto importante no comércio através do Saara?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IMAGENS EM MOVIMENTO

- SEIS fascinantes impérios africanos (que você deveria conhecer). Duração: 5 min. Disponível em: <http://livro.pro/32ekgv>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Vídeo educativo que apresenta seis formações políticas africanas.

- MATRIZ afro: o povo brasileiro. Duração: 26 min. Disponível em: <http://livro.pro/36maxa>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Documentário fundamentado na obra de Darcy Ribeiro, **O povo brasileiro**, aborda a matriz africana na formação do Brasil.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. F, F, V, V, V.
   - **a)** Falsa. A África é um continente, e não um país.
   - **b)** Falsa. A África é um continente habitado por povos de diferentes origens: a África do Norte, por exemplo, é habitada predominantemente por indivíduos de origem árabe, mouros, tuaregues e aparentados. Já ao sul do deserto do Saara predominam povos negro-africanos. Milhões de brasileiros descendem desses povos.
   - **c)** Correta. A África possui 54 países (independentes): 48 continentais e 6 insulares.
   - **d)** Correta. Da África saíram os ancestrais de milhões de brasileiros.
   - **e)** Correta. Segundo o IBGE, 50,7% dos brasileiros descendem de africanos. **Professor**: são muitas as visões preconceituosas e estereotipadas sobre a África. Alguns exemplos: a visão da África como um conjunto só e não como um continente multifacetado; a forma como a mídia divulga uma disputa política: se for na Europa, a disputa é tratada como "conflito regional", se for na África, como "conflito tribal"; a visão da África como um continente parado no tempo e habitado por "tribos" que desconhecem os meios tecnológicos contemporâneos.
2. **a)** O assunto principal do mapa é o comércio através do Saara, como se pode ver no seu título.
   - **b)** Mostra a localização das maiores fontes de três importantes produtos comercializados na época: o sal, o ouro e a noz-de-cola. Além disso, localiza também o Sahel.
   - **c)** Sim; há vários símbolos indicativos das minas de sal na região em foco. Além de conservar os alimentos e melhorar seu sabor, o sal é importante para o corpo humano. E, por ser escasso e precioso na região, o sal chegou a ser usado como moeda. Na África ocidental merecem destaque as minas de sal de Teghazza (observe o mapa).

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. Alternativa B. Justificativa: No poder, Sundiata Keita converteu-se ao islamismo e, para proteger o seu império dos ataques dos berberes, deslocou sua capital para Niani, no sul do Mali.
4. Alternativa C. Justificativa: O Império do Mali era extenso e teve longa duração.
5. a) O comércio envolvendo sal e ouro e as cidades de Tombuctu e Djenné.
   Professor: preferimos a grafia Djenné à Jenné, usada pela autora do texto. Ambas são corretas.
   b) Na época, Tombuctu reunia cerca de 150 escolas corânicas, com milhares de estudantes vindos de vários lugares. Em Tombuctu foi erguida também a mesquita de Sankoré, onde passou a funcionar a universidade de mesmo nome.

3. Corrija a alternativa **INCORRETA** em seu caderno e justifique a sua escolha.

a) Segundo a tradição oral, no início do século XIII, na África ocidental, os guerreiros mandingas liderados pelo príncipe Sundiata Keita constituíram o Império do Mali.

b) No poder, Sundiata Keita converteu-se ao catolicismo e, para proteger o seu império dos ataques dos berberes, deslocou sua capital para Tombuctu, no nordeste do Império.

c) O Império do Mali era o maior produtor de ouro da África ocidental, mas sua população praticava também a agropecuária, o artesanato e o comércio.

d) Os mercadores malineses (conhecidos como *wangara*) comercializavam sobretudo ouro, cobre, sal e noz-de-cola.

4. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno.

a) À frente do povo mandinga, Sundiata Keita venceu o povo sosso e fundou o Império do Mali.

b) No poder, Sundiata Keita converteu-se ao islamismo, organizou o seu império e fixou sua capital em Niani.

c) O Império do Mali era pouco extenso e teve curta duração.

d) A base da economia malinesa era a mineração (ouro e cobre), a agricultura (milhete, inhame e algodão) e a pecuária (bovinos, ovinos e caprinos).

5. Leia o texto e responda:

> No século XIV, Tombuctu e Jenné desenvolveram-se ainda mais com sua integração ao comércio transaariano. Valentim Fernandes descreve que, em Tombuctu, [...] o sal, trazido em camelos, abastecia as almadias (grandes embarcações feitas em um só tronco), que se dirigiam a Jenné, onde era trocado por ouro, vindo da região dos povos acãs e de Lobi [...]. De Jenné, o sal rumava à savana e, dali, à floresta [...]. Esse comércio entre a savana e a floresta era realizado pelos soninquês e pelos mandingas, estes últimos conhecidos também como Wangara [...].
>
> MATTOS, Regiane A. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 23.

a) Qual o assunto principal do texto?

b) Vimos que, ao longo do século XIV, além de polo comercial, a cidade de Tombuctu tornou-se também um importante centro intelectual. Justifique usando o que você aprendeu sobre o assunto.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

As bibliotecas do Império do Mali

O Mali formava um vasto Estado tradicional africano que ocupava todo o curso superior e médio do rio Níger e o fluxo do rio Senegal. A prodigiosa *performance* deste império, fundado pelo legendário Sundjata Keita no século XIII, alcançou enorme fama e projeção no mundo muçulmano e na cristandade europeia.

[...]

A saber: no território do império, pespontavam bibliotecas reunindo notável acervo de obras em todos os temas e áreas do conhecimento. As estimativas do patrimônio de obras estocadas no Mali estão distantes de constituir um consenso. Contudo, um número bastante aceito aponta um acervo prodigioso: 500 000 livros, documentos e manuscritos.

Esplendidamente encadernados, mantidos à disposição de leitores de todos os pontos do império, protegidos por competente corpo de bibliotecários e apoiados por uma legião de auxiliares, os manuscritos sob jurisdição das bibliotecas do Mali constituíam, no século XIV, uma das maravilhas da rede mundial de conhecimento.

[...]

Porém, o patrimônio de conhecimento do Mali infelizmente sofreu perdas imensas ao longo dos tempos, ocorridas principalmente com a chegada dos colonialistas franceses à região. Ainda assim, milhares de manuscritos das bibliotecas sobreviveram até nossos dias, despertando admiração a todos que tiveram o privilégio de entrar em contato com este acervo.

[...] Abundam tratados de religião, álgebra, astronomia, botânica, agricultura, química, geografia, medicina, farmacologia, metalurgia, jurisprudência, música, história, matemática e engenharia. Também são comuns as peças literárias e narrativas de reis e imperadores.

Em suma: livros para todos os gostos, interesses e desejos. Daí que, sem meias palavras, tamanho acúmulo de saberes coloca o Mali como um dos grandes destaques no resguardo de séculos de produção intelectual.

WALDMAN, Maurício. **As magníficas bibliotecas do império do Mali**. Disponível em: <http://mw.pro.br/mw/africanidades_08.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018.

6. Corrija a alternativa **INCORRETA** em seu caderno e justifique sua escolha.

Segundo o historiador José Rivair de Macedo, a longa duração e o poder do Império do Mali podem ser explicados pelos seguintes motivos:

a) possuía um poderoso exército composto de arqueiros, lanceiros e cavaleiros;

b) controlava as áreas de extração do ouro;

c) tinha capacidade de reprimir rebeldes em caso de revolta;

d) adotava uma política de imposição de costumes aos povos dominados.

7. O que explica a força e a duração do Império do Mali?

8. **Razões da expansão dos bantos**

Os estudiosos formularam duas teorias para explicar a extraordinária expansão e conquista territorial dos bantos pela África.

A primeira defende que, por serem bons agricultores, os bantos conseguiam se alimentar melhor, viver mais tempo e se multiplicar com rapidez; com esse aumento da população, foi preciso buscar novas terras para plantar e viver. Daí a velocidade e a abrangência da expansão banta.

Outra teoria associa a expansão dos bantos ao domínio do ferro, com o qual faziam armas mais eficientes. De posse dessas armas, venciam os adversários que iam encontrando pelo caminho, ocupando novos espaços em pouco tempo.

• Qual das duas explicações você considera mais convincente?

9. Em seu caderno, copie as alternativas verdadeiras.

Sobre o Reino do Congo, é correto dizer:

a) Nimi-a-Lukeni recebeu o título de manicongo (senhor do Congo) e é considerado o herói fundador do Reino do Congo.

b) Os 12 conselheiros do manicongo eram todos homens com idade superior a 60 anos.

c) Entre os congos, as mulheres se dedicavam à caça, à pesca e à coleta de alimentos; já o trabalho na agricultura era feito por homens.

d) Os congos conheciam técnicas apuradas de fusão do ferro. Segundo a tradição, o fundador do Reino do Congo era um rei ferreiro, por isso os trabalhos em ferro eram reservados aos nobres.

e) A moeda do Congo era o *nzimbu*, uma espécie de concha marinha obtida na ilha de Luanda; a exploração dessas conchas era monopólio do rei.

f) Os portugueses chegaram ao Congo em 1483 e logo procuraram fazer comércio com as lideranças africanas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

6. Alternativa D. Justificativa: Adotava uma política de consulta aos povos dominados e respeitava suas tradições.
7. Um poderoso exército composto por arqueiros, lanceiros e cavaleiros; o controle das áreas de extração do ouro; a capacidade de reprimir rebeldes em caso de revolta; a adoção de uma política de consulta aos povos dominados e o respeito às suas tradições.
8. **Professor**: a ideia é estimular a capacidade de o aluno argumentar em defesa de um ponto de vista. Há também quem defenda que as duas explicações são complementares.
9. V, V, F, V, V, V.

Texto de apoio

Saberes e fazeres dos povos bantos

[...] A África, berço da humanidade, também desenvolveu tecnologias fundamentais para a cultura humana. Além da metalurgia, alguns povos bantos praticavam a caça com utilização de rede, armadilha de laço, arco e flecha, armadilhas cavadas no chão e até um tipo de espingarda. Também praticavam a pesca e a olaria; faziam trabalhos em folha de palmeira; carpintaria; tecelagem; curtiam peles; faziam escultura e gravação em marfim e madeira [...]. Praticavam a agricultura e a pecuária. Todas essas atividades e técnicas foram trazidas para o Brasil.

Os povos bantos também já conheciam a tecelagem. Produziam panos de algodão de ótima qualidade [...]. Além do algodão, usavam as fibras de uma palmeira chamada ráfia para fabricar um tecido conhecido como pano de palha.

Os povos bantos tinham grandes conhecimentos matemáticos. A cultura de matriz banta está repleta de símbolos geométricos. [...]

MOJUBÁ. **Ciência e tecnologia**. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/mojuba/programa/ci%C3%AAncia-e-tecnologia>. Acesso em: 25 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

10. a) A primeira obrigação de um africano é com a família.

b) A família é a linhagem, isto é, não se restringe a marido, mulher, filhos, primos, sobrinhos etc., mas inclui todos os indivíduos que possuem um antepassado em comum. **Professor**: comentar que os estudiosos de Ciências Humanas falam em família nuclear (pai, mãe, filhos, sobrinhos etc.) e família extensiva (parentes com um antepassado em comum).

c) Resposta pessoal. **Professor**: espera-se que o aluno evidencie a importância do grupo para a pessoa e sua existência social. Por isso, antigamente, entre muitos povos, a família era responsável pelos atos de cada um de seus membros.

10. O texto a seguir é do africanista Alberto da Costa e Silva. Leia-o com atenção.

O africano

A primeira obrigação de um africano era – e continua a ser – para com a sua família. E não apenas para com aquela composta por marido e mulher, seus pais, filhos, netos, irmãos e sobrinhos, mas por uma família muita mais extensa – a linhagem, formada por todos os indivíduos que possuem um antepassado comum conhecido. Os vínculos de lealdade e os deveres de ajuda podiam, no passado, ser ainda mais amplos e se estender, entre alguns povos, ao clã, isto é, a todos os membros de várias linhagens que se consideravam descendentes de um ancestral mítico, fosse ele um ser humano [...] ou criado pela imaginação [...].

Fac-símile da capa do livro **A África explicada aos meus filhos**.

Fortes ainda no campo e nas aldeias, essas obrigações de cooperação e socorro entre os que pertencem à mesma linhagem persistem, ainda que abrandadas, entre os habitantes das grandes cidades. Assim, um rapaz que chegue a Abidjan, vindo de um vilarejo no interior da Costa do Marfim, procurará um parente que lá viva e este não deixará de abrigá-lo, por menores que sejam os cômodos onde more, nem de auxiliá-lo financeiramente, se necessário. Só em casos extremos alguém negará a um parente a ajuda e a solidariedade.

Na África não se separa a pessoa de seu grupo. Por isso antigamente, entre muitos povos, a família era responsável pelos atos de cada um de seus membros. Se um deles contraía um empréstimo e não pagava, a família tinha de fazê-lo.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2012. p. 55-56.

a) Segundo o texto, qual a primeira obrigação de um africano?

b) O que é uma família para os africanos?

c) O que autor do texto quis dizer com a frase: "Na África não se separa a pessoa de seu grupo."? Interprete.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A família africana

Os anciãos em África desde sempre desempenharam um papel decisivo. Além de fundamento da família e da etnia, eram os condutores da vida, o elo de união entre o passado e o futuro, os repositórios da sabedoria

O lugar onde nasce e se desenvolve a vida, a família é uma instituição de referência e de identidade da pessoa. A família – nunca nuclear, mas alargada – engloba todos os seus membros (irmãos, primos, tios, avós). Tem de existir entre eles uma grande solidariedade. [...]

Várias famílias com um antepassado comum formam o clã. Os clãs formam a tribo ou a etnia. Há elementos que unem os membros da mesma etnia (tribo): o antepassado comum, o chefe, a cultura (a tradição), a língua, o território (a terra). Uma etnia possui uma determinada história, um sistema político e econômico e uma organização social. Stefano Kaoze, o primeiro sacerdote congolês, define a etnia como uma nação ou povo. Pertencer a uma etnia é um dom, uma riqueza; implica a identidade social e cultural, a segurança do indivíduo. Na etnia, o africano encontra as suas raízes e os valores de referência.

Os anciãos são os pilares da família e da etnia não só por conhecerem a sua história e a sua cultura, como também por servirem de referência aos costumes e aos segredos da vida. Acompanham os membros da família e ocupam um lugar central na etnia. Encontram-se sempre presentes nos momentos-chave da vida de cada um dos membros da família e presidem à celebração desses momentos: nascimento, iniciação, matrimônio e morte. Conhecem as plantas medicinais e procuram manter a harmonia no seio da família. Rezam ao deus dos antepassados, que sempre os protegeu. A sua alegria é viverem entre os seus, no seio da sua família, clã ou etnia, e morrer satisfeitos depois de verem os filhos dos seus netos.

KALUMBA, León Ngoy. Anciões: os pilares da África. **Além-mar**, abr. 2002. Disponível em: <https://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFlAZZpuFgpqgltZb>. Acesso em: 25 set. 2018.

VOZES DO PASSADO

Os provérbios a seguir são do Congo e foram recolhidos pelo escritor, pesquisador e compositor Nei Lopes, um dos maiores conhecedores das culturas e das histórias da África e dos afro-brasileiros. Leia-os com atenção.

1. É tentando muitas vezes que o macaco aprende a pular da árvore. [...]
2. O saber é melhor que a riqueza. [...]
3. Estar bem-vestido não impede ninguém de ser pobre. [...]
4. Amor é como criança: precisa muito de carinho. [...]
5. Os dentes estão sorrindo, mas o coração está? [...]
6. Um pouco de delicadeza é melhor que muita força. [...]
7. Os amigos dos nossos amigos são nossos amigos. [...]
8. O tronco fica dez anos na água, mas nunca será um crocodilo. [...]
9. A morte não emite som de trombeta. [...]
10. Não importa se a noite é longa, pois o dia sempre vem. [...]
11. Os ausentes estão sempre errados. [...]
12. Montei num elefante, os amigos chegaram; morreu o elefante, os amigos se foram.

LOPES, Nei. **Kitábu**: o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005. p. 66-67.

BRUNO VEIGA

Nei Lopes.

a) O que você entendeu do provérbio número 1?

b) **Em dupla**. Leiam com atenção os provérbios número 6 e número 11; vocês concordam com eles?

c) O que se pode concluir do provérbio número 5?

d) **Em dupla**. A classe deve ser dividida em três grupos: um grupo concorda com o provérbio número 2; o outro discorda; e o terceiro grupo faz o papel de juiz.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O provérbio número 1 pode ser traduzido por "só consegue quem tenta!".

b) A tendência é a de que os alunos concordem tanto com o provérbio de número 6 quanto com o de número 11; o importante é estimulá-los a argumentar em defesa de seu ponto de vista e produzir um texto coerente e coeso. Chamar a atenção para o fato de que o provérbio de número 11 aponta para a questão de que os ausentes não têm como se defender de acusações e pode contribuir para uma reflexão sobre a atitude de falar mal de quem não está presente ou já morreu.

c) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que o provérbio número 5 sugere a ideia de que o modo como uma pessoa nos trata nem sempre reflete seus sentimentos. A atividade pode estimular a reflexão sobre valores, como sinceridade, coerência, ética, entre outros.

d) Resposta pessoal. A questão deve suscitar polêmica; o importante é avaliar a coesão e a coerência dos argumentos apresentados pelos alunos, sejam em favor da riqueza, sejam em favor do saber. Pode-se levantar também a seguinte questão: o saber não pode ser considerado também uma riqueza?

IMAGENS EM MOVIMENTO

• ENTREVISTA com Nei Lopes. Duração: 8 min. Disponível em: <http://livro.pro/vmnrkc>. Acesso em: 21 set. 2018.

Entrevista com Nei Lopes, que conta um pouco da sua história e fala sobre música, questões envolvendo o racismo e a influência da matriz africana na cultura mundial.

Texto de apoio

A circulação dos provérbios africanos

No continente africano, em diversos países ou sociedades, os provérbios estão inseridos na oralidade e na escrita, percorrem pelos discursos políticos, religiosos e também emplacam na publicidade. Além de circular o mundo na língua de diferentes povos e aspectos da cultura, como nas artes visuais, aparecem ainda circunscritos nas telas cinematográficas e em outras formas midiáticas. [...]

As palavras, inclusive nos ares africanos, têm valores fundamentados nos saberes tradicionais, mas geralmente acabam não sendo utilizadas no aporte dos conhecimentos formais, isto se deve ao fato de os provérbios serem bastante fluidos, sobretudo nas culturas orais, com as quais a ciência clássica ainda move certo descrédito. Porquanto, "os efeitos da cultura escrita sobre o pensamento humano, embora grandes, com frequência são também mal interpretados e exagerados" [...]. Desta forma, não é a oralidade e nem a escrita que comprometem, mas o uso que se faz destas esferas de linguagem.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **Sankofa**: a circulação dos provérbios africanos – oralidade, escrita, imagens e imaginários. Dissertação (Mestrado em Comunicação)–Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20735/1/2016_AlanSantosOliveira.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: DOS *GRIOTS* aos griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. Disponível em: <http://livro.pro/7spbxw>. Acesso em: 4 out. 2018.

Dica de leitura

- MATÉ. **Contos do baobá**. São Paulo: Global, 2016.

Um livro inspirado no repertório dos griôs, os verdadeiros guardiões da cultura oral africana.

EDITORA GLOBAL

Texto de apoio

O texto a seguir é do doutor em Teoria da Literatura pela PUC-RS, Celso Sisto.

Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano

Contar é ritualizar. É dar voz ao ancestral. É abrir o corpo para o sagrado. É compactuar com a visão mágica. Palavra lapidada na boca do velho griô é palavra fulgurante. Joia de mil brilhos. Pedra multifacetada. Ele tem muitos corpos: feiticeiro, bicho, caçador, sacerdote, rei, bruxo, chefe, guerreiro. O mundo começa na sua palavra. Dançar o céu, o mar, o rio, a nuvem, a sombra. Cantar os velhos ensinamentos. Narrar a natureza, o clã, a aldeia, os símbolos, a floresta, a savana, o deserto. Seu itinerário é reforçar laços. Ordenar o mundo. Perfumar a memória. Virar história. Talvez uma bênção recaia sobre quem empresta seus ouvidos a um contador tradicional de histórias africanas. E quem conta de alguma forma abençoa seus ouvintes. Asperge sobre a audiência essa gotícula do mar sem fim das histórias. O contador africano tem, certamente, uma ligação forte com a água. As águas dos mares, as águas dos rios, as águas das chuvas. A ação do contador tradicional é como a água do rio, farfalhando sua correnteza; é como a água do mar, obedecendo ao desígnio das marés; é como a água das chuvas, purificando quem a recebe. Como uma concha mágica, que se leva ao ouvido, nossa história poderia começar com a expressão "Kwesukesukela...", que quer dizer "era uma vez, há muito tempo...", dita pela voz do contador tradicional, no que a plateia responderia "cosi, cosi...", que significa, entre os povos da África do Sul, "estamos prontos para ouvir". Um jogo de interações, um jogo-ritual. Os papéis estão estabelecidos, as divisões estão delineadas: quem conta e quem ouve. Contar história será sempre esse jogo de aproximações, esse ritual que ao mesmo tempo é culto e festividade. [...]

SILVA, Celso Sisto. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/43352/27859>. Acesso em: 25 set. 2018.

III Integrando com Língua Portuguesa

O texto a seguir é um miniconto africano, recontado pelo autor Rogério Andrade Barbosa. Esse miniconto foi preservado pelos griôs até ser transcrito e chegar ao nosso conhecimento.

Os três irmãos (um conto africano)

Três irmãos, há muito e muito tempo, viviam em uma pequena aldeia no antigo reino do Congo. Os rapazes eram perdidamente apaixonados pela princesa real. Mas, como eram simples aldeões, sabiam que nenhum deles poderia se casar com a moça.

Desiludidos, os três saíram mundo afora, em busca de uma nova vida. Andaram, andaram e andaram, durante dias e noites infindáveis, através de florestas e desertos, até alcançarem um povoado oculto entre as montanhas. Apavorados, descobriram que o misterioso lugar era habitado por seres dotados de poderes sobrenaturais.

Os três, imediatamente, foram aprisionados e obrigados a trabalhar como escravos. Como um sempre ajudava os outros, todas as tarefas foram concluídas. Por isso, após um ano de cativeiro, foram soltos. E, como prêmio pelos serviços prestados, cada um recebeu um presente mágico.

O irmão mais velho ganhou um espelho, no qual podia ver qualquer coisa que estivesse acontecendo. O do meio ganhou um tapete voador, capaz de levar seu dono aos lugares mais distantes, numa velocidade impressionante. E o irmão mais novo ganhou uma rede de malhas de aço, com a qual podia capturar o que quisesse.

À noite, o irmão mais velho viu em seu espelho que a princesa, por quem ainda eram enamorados, iria se casar naquele exato instante com um monstro que havia se disfarçado de humano.

Os três, na mesma hora, subiram no tapete do irmão do meio e, cruzando os ares, chegaram bem a tempo de interromper a cerimônia. E, graças à rede do irmão mais novo, aprisionaram o monstro.

O rei, agradecido, resolveu dar a filha em casamento a um dos rapazes. Mas ele pensou, pensou e não conseguiu escolher nenhum dos três. Pois, de acordo com os conselheiros reais, todos os irmãos haviam tido um papel importante.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Eu também, quando conto esta história, sempre fico na dúvida. E você, leitor? Em sua opinião, qual dos três irmãos merece receber a mão da bela princesa? O dono do espelho, o do tapete ou o da rede? Por quê?

BARBOSA, Rogério Andrade. Os três irmãos (um conto africano). **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 nov. 2006. Folhinha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di18110620.htm>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MOZAHR COUTO

a) Identifique alguns elementos da cultura e história africanas presentes nesse texto.

b) Relacione a história do Congo à narrativa. Explique que situações podem representar, de modo figurado, fatos da história desse povo.

c) O conto convida o leitor a participar da história. Responda às questões postas no último parágrafo e interfira no destino dos personagens, escrevendo um pequeno texto.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O texto menciona o Reino do Congo, a presença de princesas e aldeões, bem como a situação de escravidão. Na cultura africana, os povos vivem numa sociedade coletiva, em que elementos naturais e sobrenaturais interagem com o homem e com sua história.

b) O encontro com o "povo oculto" pode representar os portugueses e os "poderes sobrenaturais", a imposição bélica; além disso, os portugueses também podem ser retratados no "monstro disfarçado de humano"; o "cativeiro" pode representar a escravidão imposta pelos portugueses; a saga dos irmãos e o casamento simbolizam a tentativa de reconstruir a nação, que só pode se dar pela igualdade/união entre "nobres" e "súditos".

c) Resposta pessoal. **Professor**: fazer uma roda de leitura, na qual cada aluno compartilhe o final que criou.

Texto de apoio

A força do sobrenatural entre os congos

No reino do Congo, as forças sobrenaturais definem não apenas a religião, mas também a estrutura da sociedade, por isso o Manicongo não sobreviveria sem o Mani Vunja, o sacerdote. MacGaffey explica que as forças sobrenaturais – *kindoki* – residem em quatro personalidades diferentes que fazem parte de um *pantheon* de salvaguarda do conhecimento sobre os espíritos e poderes da natureza, a saber, o chefe, o sacerdote, o curandeiro e o feiticeiro. Os chefes e os sacerdotes são os responsáveis pelos interesses comuns. Diferente dos chefes que são escolhidos por intermédio de formalidades instituídas ou eleição, o sacerdote é reconhecido pela comunidade à medida que é consultado como tal.

Na visão de mundo desses povos, os mortos têm mais poderes que os vivos, já que controlam a fortuna da vida e, por isso, um reino também depende deles e das forças naturais para ter prosperidade.

A compreensão da cosmologia é, portanto, fundamental para entender a religião ou a política nessa região. Essa cosmologia reconhece a vida do ser humano como um processo no tempo e no espaço em que os elementos rituais essenciais do mundo espiritual e da estrutura social organizam a própria sociedade.

SOUZA, Luana Mayer de. Catolicismo e poder no Reino do Congo do século XVI. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais**... Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. p. 6-7. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400552777_ARQUIVO_textoanpuh.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

UNIDADE II

CAPÍTULO 3

MUDANÇAS NA EUROPA FEUDAL

MUSEU GRANET, AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA. FOTO: LEEMAGE/CORBIS/GETTY IMAGES

Retrato de Thomas More (1478-1535). Século XVI. Museu Granet. França.

Você já imaginou como seria o mundo sem os óculos, que nos ajudam a ver melhor? Sem as universidades, que acumulam e produzem conhecimentos necessários à nossa saúde e conforto? Sem os garfos, que nos ajudam a comer coisas gostosas? Sem os vidros nas janelas das casas, que permitem clarear o ambiente e conservar o calor?

Pois bem, óculos, universidades, vidros nas janelas, garfos... tudo isso foi inventado na Idade Média. Inclusive o livro, tão útil à nossa formação como cidadãos, é uma invenção medieval. Ora, assim sendo, não se pode dizer que a Idade Média foi uma época de atraso e estagnação. Este capítulo vai ajudar você a perceber isso mais claramente.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: ALBUM/AKG-IMAGES/FOTOARENA

Garfo de ouro, c. 1650.

BIANKA KADIVAL/AW/FOTOARENA

Fachada da Faculdade de Direito de Recife (PE), 2015.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades **EF07HI01** e **EF07HI04** da BNCC, citadas a seguir:

– Explicar o significado de "modernidade" e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

– Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados.

Seguiremos trabalhando as mesmas habilidades no capítulo seguinte. Nossa proposta é dar continuidade ao estudo sobre a Idade Média iniciado no 6º ano apresentando o processo de transição para a Era Moderna.

A partir das invenções representadas nestas páginas, e tão importantes no nosso dia a dia, pretende-se retomar com o alunado a ideia de que a Idade Média não pode ser considerada como uma Idade das Trevas, como "a noite dos mil anos", visão formulada pelos intelectuais renascentistas. Essa estratégia pode colaborar para evitar que o aluno forme uma visão preconceituosa da Idade Média e, ao mesmo tempo, aguçar sua curiosidade por esse tema tão envolvente.

Pretende-se, também, facilitar ao alunado a percepção de que os capítulos "Mudanças na Europa feudal", "Renascimento e humanismo" e "Reforma e Contrarreforma" contemplam processos históricos simultâneos e entrelaçados. Portanto, é correto afirmar que o Renascimento e as reformas foram gestados durante o "outono da Idade Média".

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, durante boa parte da Idade Média, as únicas escolas eram as dos mosteiros ou das catedrais, e os professores eram monges ou padres. No século XII, percebendo que a prática do comércio exigia o conhecimento da escrita e do cálculo, os burgueses passaram a financiar a criação de escolas leigas, isto é, desvinculadas da Igreja. As universidades daquela época eram diferentes das de hoje. Eram associações de professores ou de alunos que se reuniam para defender seus interesses diante das autoridades.
- Salientar que, inicialmente, as universidades medievais não possuíam instalações próprias. Eram universidades "ambulantes". As aulas muitas vezes eram dadas em lugares como celeiros ou à beira de estradas: aonde o professor ia, os alunos o acompanhavam em verdadeiras viagens. Com o tempo, as universidades passaram a alugar salas para suas aulas. A universidade medieval era constituída, geralmente, por quatro faculdades: Direito, Medicina, Artes (mais tarde chamada de Letras) e Teologia (que na época era muito ligada à Filosofia). A primeira universidade da Europa foi a de Bolonha (1088), depois foram fundadas várias outras, como a de Paris e Montpellier (França), Oxford e Cambridge (Inglaterra), Salamanca (Espanha) e Coimbra (Portugal). Uma característica primordial da universidade, do passado e do presente, é a autonomia: dentro dos muros da universidade, se permitia e se permite a liberdade de pensamento e de ensino.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: ORIGEM e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. Disponível em: <http://livro.pro/xh5bcy>. Acesso em: 21 set. 2018.

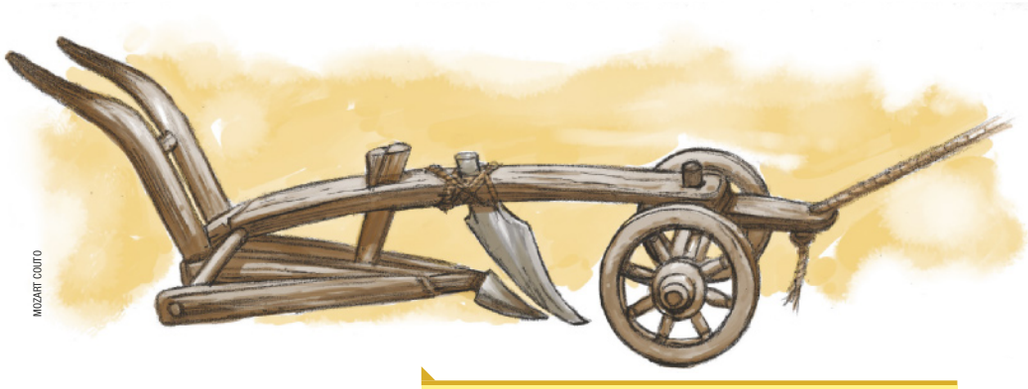
A partir do século XI, a Europa feudal passou por mudanças significativas, algumas das quais merecem especial atenção:

1ª) a **expansão das áreas de cultivo** devido à derrubada de florestas e à **drenagem** de pântanos.

2ª) o desenvolvimento de importantes **inovações técnicas**, como:

a) a **charrua**: um arado com rodas e uma relha de ferro que permite revolver a terra mais profundamente. Observe a imagem;

Drenagem: retirada do excesso de água de um terreno ou lugar.



MOZART COUTO

Ilustração atual de uma charrua feita com base em pesquisa.

b) a introdução do sistema de **rotação trienal**, isto é, a divisão da terra cultivável em três campos, deixando um deles em repouso. Observe o esquema;

EDITORIA DE ARTE

Repare que, enquanto dois campos eram cultivados, o terceiro permanecia em descanso. Além disso, a cada ano, mudava-se o produto cultivado nos campos que estavam em uso. Essa nova técnica permitia o descanso do solo e garantia duas colheitas anuais.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A IDADE Média. Duração: 26 min. Disponível em: <http://livro.pro/dzjgnj>. Acesso em: 21 set. 2018.

Palestra de Eugen Weber que apresenta uma tapeçaria de acontecimentos políticos e sociais tecidos com muitos fios – religião, indústria, agricultura, demografia, governo, economia e arte.

- FEUDALISMO: castelos em guerra. Duração: 52 min. Disponível em: <http://livro.pro/y2txdh>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre a formação do sistema feudal na Europa.

ENCAMINHAMENTO

- Chamar a atenção para as mudanças ocorridas na agricultura a partir do século XI.
- Comentar que uma dessas mudanças foi a expansão das áreas de cultivo por meio da derrubada de florestas, da drenagem de pântanos e/ou da obtenção de terras por meio de diques e/ou barragens. Nos tempos do feudalismo, o espaço cultivado era restrito, havendo grandes áreas de mata virgem, das quais as pessoas retiravam alimentos (caça, coleta vegetal, entre outros) que completavam sua dieta.
- Destacar as importantes inovações técnicas, como o uso da charrua, a adoção do sistema trienal e a utilização do cavalo na agricultura.

No tocante às inovações técnicas, pode-se acrescentar que a **charrua**, além de ser um tipo de arado mais pesado, também era mais eficiente, pois permitia revolver a terra e trazer para a superfície os nutrientes acumulados nas camadas inferiores. Já com relação à adoção do sistema de rotação trienal, a cada ano mudava-se o produto cultivado nos campos em uso. Além disso, esse sistema aumentou a extensão da área produtiva e permitiu uma variedade de maior de cultivos (trigo, centeio, cevada e aveia), além de introduzir as leguminosas (ervilhas, lentilhas e favas), que acrescentavam proteínas à dieta humana. Já no que se refere à mudança na forma de atrelar o cavalo, pode-se acrescentar o fato de que antes as correias eram colocadas no pescoço do animal, pressionando a jugular e a traqueia, sufocando-o. A partir do século X, passou-se a atrelá-lo pelo peito, o que aumentou muito o seu rendimento e sua resistência (o cavalo desloca-se mais rápido que o boi e consegue trabalhar até duas horas a mais por dia).

Dialogando

Cerca de 150%.

Texto de apoio

Mudanças no feudalismo

A invenção do arado pesado (charrua) tornou possível trabalhar com mais eficiência, em termos da produtividade do trabalho, os solos pesados do norte da Europa. Foi uma resposta tecnológica a uma mudança radical das condições agroecológicas ocasionada pela passagem da agricultura itinerante para a agricultura permanente. Esse instrumento torna possível uma preparação mais eficiente e rápida do solo. No entanto, seu uso plenamente eficaz é limitado quando atrelado a bois. O cavalo é o animal de tiro ideal por ser mais rápido. O problema é que o cavalo tinha uma capacidade de tração muito inferior àquela do boi, não apenas por ser menos forte, mas principalmente devido ao sistema de atrelagem utilizado até então. Tratava-se de um sistema no qual o ponto de apoio para o esforço de tração se localizava no pescoço do animal, comprimindo a jugular. A solução para esse problema foi a invenção do "colar" de cavalo ("*horse collar*"), um sistema de atrelamento que deslocava o ponto de apoio para o peito (ou "ombros") do cavalo. [...]

[...] O ponto culminante desse processo será atingido com a passagem do sistema de rotação bienal para o sistema de rotação trienal. Nesse último, a parcela a ser cultivada passa a ser dividida em três faixas, sendo uma semeada normalmente com um cereal de inverno (trigo ou centeio) no final do outono, outra permanecendo em "pousio", e a terceira, esta é a novidade, semeada no começo da primavera com um cereal menos nobre como alimento humano (aveia, principalmente), mas também menos exigente em nutrientes que o trigo. Desse modo, em vez de produzir somente sobre metade da parcela a cada ano, passa-se para 2/3 da área total, o que representa um ganho de área de 34% em relação ao sistema de rotação bienal. [...]

Está claro que não era possível implantar o sistema de rotação trienal sem a possibilidade de empregar o cavalo como animal de tração pesada. No entanto, o inverso também era verdadeiro, isto é, a expansão significativa do rebanho equino para uso nas mais variadas atividades na Europa só se tornou possível com a difusão do sistema trienal. Isto porque o cavalo, não sendo um ruminante, tem necessidade de complementar sua alimentação com cereais. Com o sistema de rotação bienal, a produção de cereais não era suficientemente grande para alimentar homens e animais. Com o sistema trienal, a cultura da primavera, geralmente a aveia, será destinada quase que exclusivamente para alimentar os cavalos. A expansão do rebanho equino, por sua vez, terá importância decisiva no desenvolvimento da Europa. [...]

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. História do crescimento econômico: as origens político/culturais da Revolução Industrial. **Texto para discussão**, Campinas: Unicamp, n. 312, p. 73-75, ago. 2017. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=3541&tp=a>. Acesso em: 26 set. 2018.

c) um novo modo de atrelar o cavalo usado para puxar o arado. Antes, o cavalo era atrelado pelo pescoço, o que limitava bastante seu rendimento e o sufocava. A partir do século X, passou a ser atrelado pelo peito, o que aumentava seu rendimento e resistência no trabalho;

d) o aprimoramento e a difusão dos **moinhos** acionados pela força do vento ou da água; tais moinhos contribuíram para aumentar a velocidade e a qualidade da moagem de grãos.

MUSEU FITZWILLIAM, UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE, INGLATERRA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Moinho movido pela força da água em uma representação do século XV. Museu da Universidade de Cambridge, Reino Unido.

DIALOGANDO

Com base no que você aprendeu em Matemática, responda: qual foi a porcentagem do aumento da população entre os séculos X e XIII?

Com a ampliação das áreas cultivadas e a difusão das inovações técnicas, ocorreu um aumento da produção de alimentos; melhor alimentadas, as pessoas passaram a viver mais, a ter mais filhos e as mortes por fome e doenças diminuíram. Essas mudanças todas foram causa e efeito do aumento da população. Segundo o historiador Hilário Franco Júnior, entre os séculos X e XIII, a população da Europa ocidental saltou de 22 milhões para 55 milhões.

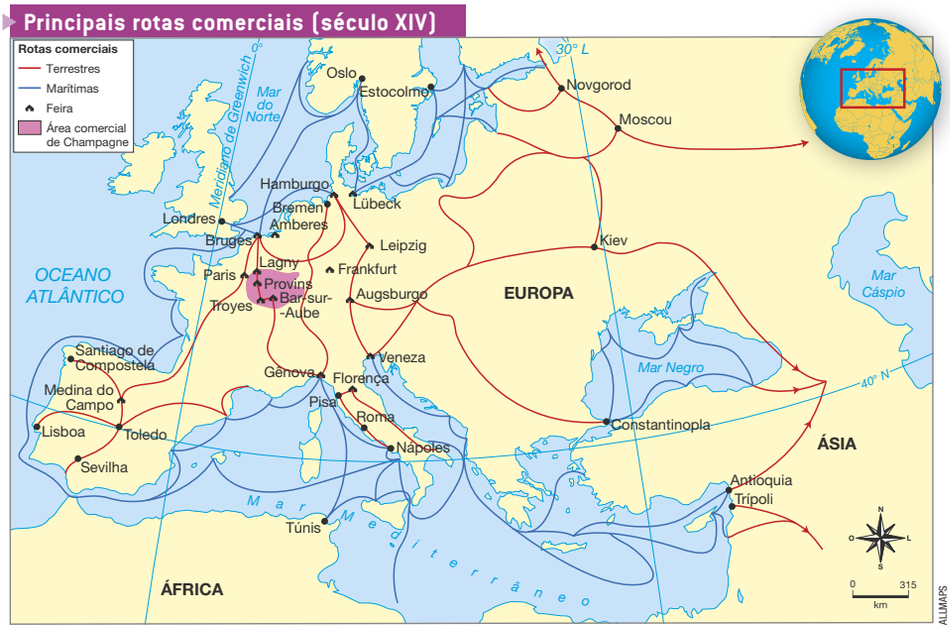
O revigoramento do comércio e das cidades

Com o aumento da oferta de alimentos, já não havia necessidade de tanta gente trabalhando na agricultura. Então, muitos camponeses deixaram o campo em busca de outro meio de vida: alguns foram trabalhar como artesãos (sapateiros, carpinteiros, ferreiros); outros se tornaram mercadores ambulantes, levando e trazendo mercadorias de um lugar para outro. Os moradores do campo passaram a trocar o que produziam (alimentos) por artigos produzidos nas cidades (roupas, sapatos e móveis); isso estimulou o artesanato, o comércio local e a vida urbana.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

A partir do século XI, o comércio europeu de longa distância também se intensificou. Observe o mapa.

Principais rotas comerciais (século XIV)



Fonte: DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2003. p. 64-65.

Entre as rotas comerciais representadas no mapa, três eram especialmente importantes:

a) **Cidades italianas ao Oriente** – via mar Mediterrâneo. Os mercadores de Gênova e Veneza compravam artigos de luxo (sedas, perfumes, porcelanas) e especiarias nos portos de Constantinopla, Antioquia e Trípoli e os revendiam com grande lucro no norte da Europa.

b) **Sul ao norte da Europa por terra**. Uma rota ligava Veneza a Hamburgo; a outra ligava Gênova a Bruges, passando pela região de Champagne (França), onde eram realizadas importantes feiras.

c) **Cidades do norte da Europa**. As cidades de Bruges, Bremen, Hamburgo, Lübeck, localizadas no norte da Europa, comerciavam entre si e com outras cidades europeias, como Londres, na Inglaterra, e Novgorod, na Rússia.

Dica de leitura

- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.

Nesse livro, o historiador francês Jacques Le Goff discorre sobre a história das cidades, da Idade Média até a contemporaneidade.

AUDIOVISUAL

Uma nova visão da Idade Média.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A cidade inovadora

[...] Em 1300, menos de 20% da população do Ocidente reside em cidades e a maior aglomeração é, de longe, Paris, com 200 mil habitantes, não mais.

A importância de Paris decorre da justaposição de várias populações. De um lado, uma população às vezes ainda agrícola, artesã e comerciante, e, de outro, uma população aristocrática. Diferentemente das cidades francesas, em particular do Norte, onde a nobreza não reside, em Paris residem geralmente as grandes famílias ou os altos prelados, como o abade de Cluny (daí o Hôtel de Cluny), como o arcebispo de Sens, de quem depende o bispo de Paris (daí o Hôtel de Sens). Essa população aristocrática dispõe de um forte poder de consumo: pode-se dizer que uma das principais indústrias parisienses é a indústria suntuária; os ofícios de arte não farão outra coisa senão se desenvolver até a Revolução, concentrados no subúrbio de Saint-Antoine [...]. As atividades econômicas que se instalam no próprio coração da cidade são essencialmente os locais de abastecimento, como Les Halles, em Paris.

Três espaços dividem a Paris medieval: o econômico, o político e o universitário. O primeiro é a margem direita, em torno dos mercados construídos por Philippe Auguste, com o porto, a Place de Grève, onde se situa também o mercado da mão de obra. Os equipamentos aí são extremamente rudimentares. [...] A Île de la Cité é o lugar do poder político e eclesiástico, o rei e o bispo, depois o parlamento, a partir do fim do século XIII. Por fim, na margem esquerda concentra-se a cidade escolar, universitária e intelectual. Essa tripartição marca ainda fortemente a fisionomia de Paris [...].

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 26-29.

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar o conceito de feira na Idade Medieval.
- Comentar que as feiras mais famosas ocorriam na região de Champagne, em cidades como Troyes, Bar-sur-Aube e Lagny, e atraíam mercadores de várias partes do globo; nelas era comum ver, por exemplo, um veneziano vendendo seda chinesa, um inglês oferecendo lã, um nativo da cidade de Bruges oferecendo madeira.
- Comparar as feiras medievais com as feiras atuais.
- Relacionar o aumento do comércio e do artesanato ao crescimento e ao surgimento das cidades.
- Chamar a atenção para o fato de que o processo de urbanização nesse período se deu de forma lenta.
- Destacar que nos primeiros séculos da história medieval havia cidades pequenas, sob a autoridade de um bispo ou um nobre, com poucos moradores, que viviam principalmente do trabalho agrícola ou, mais raramente, do artesanato.
- Frisar que a partir do século XI, no entanto, ocorreu o crescimento de algumas cidades, antes acanhadas, bem como a criação de outras. Algumas delas se originaram em torno das feiras; outras, às margens de rios; outras, ainda, ao redor do castelo de um nobre, como a cidade francesa de Aveyron.

Dialogando

As feiras medievais ocorriam uma ou duas vezes por ano; as feiras livres atuais são, geralmente, semanais. As feiras medievais ofereciam à venda produtos variados trazidos de lugares distantes; as atuais comercializam sobretudo alimentos trazidos de sítios relativamente próximos.

Texto de apoio

As feiras de Flandres

Em Flandres há muitas e variadas feiras, como a seguir se verá [...]:

A feira de Bruges começa oito dias depois da Páscoa da Ressurreição e ao cabo de catorze dias começa de manhã a expor panos, tendo três dias de exposição; e acabando estes três dias, pela tarde grita-se ***ara*** e não se mostram mais panos; e depois há um termo de quinze dias para pagamentos na dita feira.

A feira de Thourout começa em 29 de junho e, em 10 de julho pela manhã, começa a expor panos. Em 12 de julho pela tarde grita-se *ara* e não se mostram mais panos, sendo em 27 de julho o termo dos pagamentos da dita feira.

[...]

A feira de Messines da Flandres começa no dia da festa de S. Remígio, que é o primeiro dia do mês de outubro e, em 12 de outubro pela manhã, começa a expor panos. Em 14 de outubro pela tarde grita-se *ara* e não se mostram mais panos, sendo em 29 de outubro o termo dos pagamentos na dita feira.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 155.

Ara: significava o momento em que terminavam as vendas e se iniciavam os pagamentos, tanto nas feiras de Champagne quanto nas de Flandres.

As feiras

Feira: evento em um local público em que as pessoas expõem e vendem mercadorias.

DIALOGANDO

Assinale diferenças entre as feiras medievais e a feira livre mais próxima de você.

Com o aumento do volume de comércio, surgiram também as **feiras**. As feiras medievais duravam de 15 a 60 dias, aconteciam uma ou duas vezes por ano e reuniam mercadores vindos dos mais diferentes lugares. Nelas, era possível ver um genovês vendendo pimenta, um inglês oferecendo lã, um hamburguense vendendo madeira, assim por diante.

Como cada comerciante comparecia à feira com a moeda de sua região e como as moedas tinham valores diferentes, surgiram os cambistas, pessoas que faziam o câmbio (a troca) do dinheiro. Os cambistas colocavam as moedas sobre um banco de madeira para examiná-las. Por isso, receberam o nome de banqueiros.

Cidades novas e antigas

BIBLIOTECA ESTENSE, MODENA, ITÁLIA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Vida na cidade e vida no campo, 1470. Escola italiana. Biblioteca Estense. Modena, Itália.

Com as inovações técnicas, diminuiu a necessidade de mão de obra na agricultura; muitas pessoas se mudaram, então, do campo para as cidades. No início da Idade Média, as cidades geralmente eram pequenas, com poucos moradores, que viviam, sobretudo, do trabalho no campo.

A partir do século XI, porém, com o aumento do artesanato e do comércio, as cidades cresceram e novas cidades surgiram. Algumas nasceram ao redor das feiras; outras, às margens de rios; e outras ainda em torno do castelo de um nobre. As cidades medievais eram chamadas de burgos. Por isso, seus habitantes foram chamados de burgueses.

Mas é preciso considerar que o processo de urbanização foi lento. Conforme um historiador:

> Em 1300, menos de 20% da população do Ocidente reside em cidades e a maior aglomeração é, de longe, Paris, com 200 mil habitantes [...].
>
> LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998. p. 26.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Comerciantes, artesãos e suas corporações

Em muitas cidades medievais, uma pessoa só podia trabalhar em um ofício se pertencesse a uma **corporação**, isto é, a uma associação de profissionais de um mesmo ramo de atividade. As corporações de ofício protegiam seus associados contra a concorrência e os amparavam na velhice e na doença. Havia duas modalidades de corporações de ofício: a de comerciantes e a de artesãos.

As corporações de comerciantes eram chamadas de ligas e reuniam profissionais de diversas cidades da Europa. A mais rica delas, a **Liga Hanseática**, possuía numerosos navios e chegou a dominar o comércio do norte europeu.

As corporações de artesãos (sapateiros, tecelões, ferreiros, tintureiros etc.) eram dirigidas por mestres. Estes estabeleciam regras para o ingresso na profissão e controlavam o preço, a qualidade e a quantidade do que ia ser produzido. Assim, evitavam a concorrência entre seus associados. Um sapateiro não podia usar um tipo de couro inferior e nem cobrar mais do que seu colega.

O artesão começava a vida como aprendiz, trabalhando na oficina de um mestre em troca de alimentação, roupa e moradia; depois de algum tempo, fazia uma prova prática e, uma vez aprovado, tornava-se um **oficial**. O oficial recebia um pagamento em dinheiro e, depois de cerca de sete anos de trabalho, fazia outra prova: tinha de apresentar um produto que fosse considerado uma obra-prima; se fosse aprovado e tivesse juntado dinheiro para abrir uma oficina própria, tornava-se um **mestre**.

Tintureiro e aprendiz representados em uma janela da Igreja de Notre-Dame, França, século XV.

IGREJA DE NOTRE-DAME, FRANÇA. FOTO: DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar o conceito de corporação.
- Identificar as duas modalidades de corporações de ofício e explicar cada uma delas.
- Comentar que as corporações tinham três finalidades básicas: garantir aos seus associados o monopólio de uma determinada atividade; amparar seus membros na velhice ou em casos de invalidez ou doença; e defender seus interesses diante do governo da cidade. As corporações de comerciantes, também chamadas de "ligas", eram as mais antigas e englobavam várias cidades.
- Frisar que havia também as corporações de artesãos: a dos tecelões, a dos tintureiros, a dos ferreiros, entre outras. Elas eram dirigidas por um grupo de mestres que estabelecia as regras para o ingresso e a permanência na profissão.

A corporação mais rica foi a Liga Hanseática, que, com seus numerosos navios, chegou a dominar o comércio no norte da Europa. Fundada pelos mercadores da região onde hoje é a Alemanha, em 1161, ela conheceu seu apogeu nos 100 anos seguintes, quando chegou a congregar dezenas de cidades distribuídas por uma faixa de 1 500 quilômetros no eixo Novgorod-Reval-Lübeck-Hamburgo-Bruges-Londres.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- LUBECK: rainha da Liga Hanseática. Duração: 4 min. Disponível em: <http://livro.pro/siijao>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre a cidade alemã de Lubeck, sua influência na Liga Hanseática e no comércio marítimo na Baixa Idade Média. Vídeo em espanhol.

Texto de apoio

A Liga Hanseática

A Hansa teutônica [...] é uma confederação permanente de cidades, vilas e comunidades para assegurar o desenvolvimento favorável e o sucesso do tráfico em terra e no mar, realizar uma defesa eficaz contra os piratas, bandidos e outros salteadores de terra e do mar, a fim de impedir que pelas suas ciladas os mercadores se vejam despojados de bens e proveitos. [...]

A Hansa teutônica [...] não tem nem selo nem conselho comum [...] Cada vez que, pela necessidade de agir, são redigidas cartas em nome de toda Hansa teutônica, elas são munidas do selo da cidade onde foram escritas [...] Cada vez que é necessário deliberar sobre negócios pendentes, cada cidade envia os seus porta-vozes munidos de instruções que não são chamados conselheiros, mas porta-vozes. [...]

Na Hansa teutônica nenhuma das suas cidades tem o poder de ordenar assembleias ou fixar reuniões. Mas cada vez que surgem dificuldades, as vilas da Hansa, por consentimento mútuo, reúnem-se num local e decidem observar entre elas o que consideram útil para os seus mercadores [...]

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 169.

ENCAMINHAMENTO

- Descrever o processo de libertação das cidades.
- Trabalhar o conceito de carta de franquia.
- Analisar a importância das cartas de franquia para a emancipação das cidades medievais.

+ATIVIDADES

- Leia o texto a seguir com atenção:

A cidade contemporânea, apesar de grandes transformações, está mais próxima da cidade medieval do que esta última da cidade antiga. A cidade da Idade Média é uma sociedade abundante, concentrada em um pequeno espaço, um lugar de produção e de trocas em que se mesclam artesanato e comércio alimentado por uma economia monetária. [...] a cidade concentra também os prazeres, os da festa, os dos diálogos na rua, nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo nos cemitérios. Uma concentração de criatividade de que é testemunha a jovem universidade, que adquire rapidamente poder e prestígio, na falta de uma plena autonomia.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 25.

1. Qual o assunto do texto?
   As cidades no período medieval.
2. De acordo com o autor, a cidade medieval se parece mais com as cidades da Antiguidade ou com as da atualidade?
   Da atualidade.
3. **Em dupla**. Dividam a página em duas colunas e comparem a cidade medieval à cidade atual.
4. Vimos que há um ditado medieval que diz: "O ar da cidade torna o homem livre". Você concorda?
   Resposta pessoal.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- CIDADES e catedrais. Duração: 25 min. Disponível em: <http://livro.pro/eya972>. Acesso em: 25 set. 2018.

Nesse vídeo, Eugen Weber destaca o papel das cidades e das catedrais no fim da Idade Média.

- ECCE Homo: a cidade. Duração: 52 min. Disponível em: <http://livro.pro/rux8vm>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre as origens das cidades, desde a Antiguidade, passando pelo período medieval até o atual.

As cidades se libertam

Grande parte das cidades medievais se localizava nas terras de condes, duques ou bispos, a quem os moradores tinham de pagar impostos e prestar serviços gratuitos, como consertar estradas e pontes.

Para se libertarem desse controle, os habitantes das cidades, artesãos e comerciantes em sua maioria, lutaram de várias formas para obter autonomia. Por vezes, os habitantes das cidades conseguiram autonomia por meio de rebeliões contra o aumento de impostos e as autoridades; outras vezes, por meio da compra de **cartas de franquia**, documento que dava a eles o direito de administrar a sua cidade.

Com a carta de franquia em mãos, eles elegiam representantes, que eram, geralmente, comerciantes ou banqueiros. É dessa época um ditado popular que dizia: "O ar da cidade torna o homem livre".

BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Revolta dos *Maillotins*. 1382. Jean de Froissart (c. 1337-c. 1405). Biblioteca Nacional. Paris, França. A imagem representa os parisienses em armas rebelados contra o aumento de impostos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2021 FTD

As Cruzadas

Desde o século V, cristãos europeus peregrinavam a centros religiosos, como Jerusalém e Santiago de Compostela, para pagar promessas, fazer pedidos ou como forma de **penitência**.

Em 1071, os turcos de religião muçulmana conquistaram Jerusalém e proibiram os cristãos de visitar o túmulo de Jesus. Reagindo a isso, em 1095, o papa Urbano II convocou os cristãos para uma guerra contra os "infiéis", a fim de reconquistar a **Terra Santa**. Tinham início assim as **Cruzadas**: expedições militares que partiram da Europa, entre os séculos XI e XIII, a fim de combater os muçulmanos no Oriente e retomar a Terra Santa.

Penitência: sacrifício que uma pessoa faz para receber o perdão dos pecados.

Terra Santa: nome que se dava a Jerusalém.

BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Batalha entre cruzados e muçulmanos. Escola francesa. Biblioteca Nacional de Paris. França. Século XIV.

Os participantes das Cruzadas consideravam-se "marcados pelo sinal da cruz" e por isso bordavam uma cruz na roupa. Daí o nome de Cruzadas. As Cruzadas reuniram milhares de pessoas: homens, mulheres, crianças, nobres e camponeses, ricos e pobres, civis e religiosos. Os nobres iam a cavalo e bem armados; a maioria, porém, ia a pé e sem armas. Os motivos das Cruzadas foram de ordem material, social e religiosa:

- os **dirigentes da Igreja** queriam desviar a violência praticada pela nobreza guerreira, deslocando-a para fora da Europa;
- os **mercadores** ambicionavam aumentar o comércio com o Oriente;
- os **nobres** esperavam obter terras e outras riquezas orientais;
- as **pessoas comuns** esperavam obter a salvação eterna, pois a Igreja prometia aos participantes o perdão dos pecados.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que desde o início da Idade Média os cristãos fizeram peregrinações a centros religiosos para pagar promessas, pedir uma graça ou como forma de penitência.
- Destacar que os três centros mais frequentados pelos peregrinos cristãos daqueles tempos eram Roma, Santiago de Compostela e Jerusalém.
- Trabalhar o conceito de penitência.
- Refletir sobre a convocação do papa Urbano II diante da proibição, feita pelos turcos muçulmanos, que impedia os cristãos de visitar o túmulo de Jesus:

[...] Trata-se de um negócio de Deus. É preciso que sem demora vocês partam em socorro de seus irmãos do Oriente [...]. Como a maior parte de vocês já sabe, os turcos invadiram aquela região [...]. Por isso, eu os exorto [chamo] e suplico – e não sou eu quem os exorta, mas o próprio Senhor – a socorrer os cristãos e a levar aquele povo para bem longe de nossas terras.

A todos os que partirem e morrerem no caminho, em terra ou mar, ou que perderem a vida combatendo os pagãos, será concedida a remissão dos pecados. [...] Que sejam doravante cavaleiros de Cristo os que não eram senão bandoleiros [...].

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As cruzadas**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 26-27.

Texto de apoio

A Cruzada dos pobres

Nessa época (fim do séc. XI), e antes que os povos se tivessem posto em movimento para essa grande expedição (a 1ª cruzada), o reino de França estava, por toda a parte, entregue à desordem e às mais cruéis hostilidades. [...]

Havia nessa época uma penúria geral, e mesmo os ricos experimentavam grande escassez de cereais... [...]. Mas Cristo inspirou a essas massas inumeráveis de homens o projeto de partir voluntariamente para o exílio... Em breve os espíritos se encontravam completamente mudados, de uma maneira espantosa e mesmo inconcebível, tão inesperada foi, e todos se apressaram a suplicar aos bispos e aos padres que os investisse do sinal da cruz, segundo as ordens dadas pelo pontífice de Roma (Urbano II, que pregou a cruzada em 1095).

[...] Os [...] pobres [...] em breve se inflamaram dum zelo tão ardente que nenhum deles se detinha a considerar a modicidade dos seus proventos nem a examinar se lhe convinha renunciar à sua casa, à sua vinha e aos seus campos, e cada um pôs-se a vender as suas melhores propriedades por um preço muito menor do que se se encontrasse entregue ao mais duro cativeiro, encerrado numa prisão e forçado a se resgatar o mais prontamente possível... O que era muito caro enquanto toda a gente estava quieta foi de repente vendido a baixo preço quando todos se puseram em movimento para empreender essa viagem... Viu-se, coisa espantosa de ouvir, [...] viu-se sete cabritos à venda por cinco dinheiros...

NOGENT, Guibert de (1053-1124). História das cruzadas. In: FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de História**. Portugal: Plátano, 1975. v. 1, p. 149-150.

ENCAMINHAMENTO

- Explorar o mapa das Cruzadas.
- Esclarecer que a Primeira Cruzada foi liderada por nobres vindos de várias partes da Europa. Era composta de 50 mil homens das mais diferentes origens. Recebeu ajuda dos bizantinos (cristãos ortodoxos) e conseguiu conquistar Jerusalém. Os cruzados agiram com extrema violência, massacrando moradores de bairros judeus e muçulmanos.
- Frisar que a Segunda Cruzada foi vencida pelos muçulmanos.
- Acentuar que na Terceira Cruzada foi selado um acordo com os muçulmanos, que voltou a permitir aos cristãos a realização de peregrinações a Jerusalém.
- Destacar que na Quarta Cruzada, com o ataque à Constantinopla, os mercadores italianos – venezianos e genoveses – obtiveram várias ilhas no mar Egeu e passaram a dominar parte do comércio pelo Mediterrâneo.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: AS CRUZADAS e a Terra Santa. Disponível em: <http://livro.pro/m55h2q>. Acesso em: 21 set. 2018.

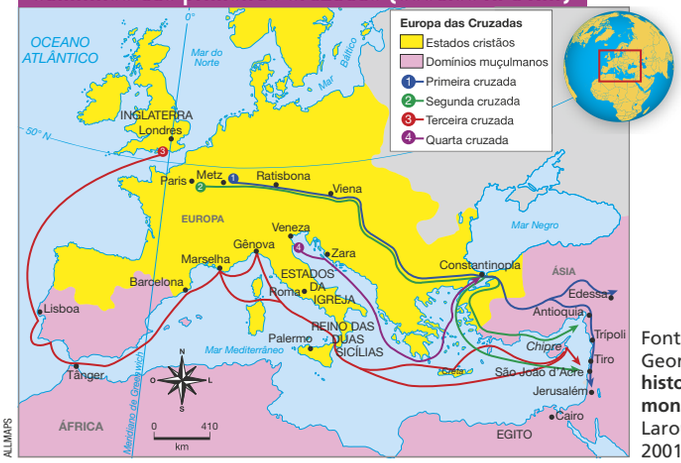
IMAGENS EM MOVIMENTO

- AS CRUZADAS: a meia-lua e a cruz. Duração: 1h30min. Disponível em: <http://livro.pro/9jx2bt>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre as Cruzadas, analisando as principais batalhas ocorridas e suas motivações.

As principais Cruzadas

Caminhos das primeiras Cruzadas (séculos XI a XIII)



Fonte: DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2001. p. 66-68.

Primeira Cruzada (1096-1099)	Segunda Cruzada (1147-1149)	Terceira Cruzada (1189-1192)	Quarta Cruzada (1201-1204)
Foi liderada por nobres de várias partes da Europa e conseguiu conquistar Jerusalém.	Foi comandada pelo rei da França e pelo imperador da região onde é hoje a Alemanha. Os líderes se desentenderam e a expedição foi derrotada pelos muçulmanos.	Foi chefiada pelos reis da França e da Inglaterra e pelo imperador da região onde é hoje a Alemanha. Os cruzados estabeleceram um acordo com os muçulmanos que, na época, haviam reconquistado Jerusalém; o acordo permitia aos cristãos realizarem peregrinações a Jerusalém novamente.	Essa Cruzada foi motivada principalmente por interesses econômicos. Os comerciantes de Veneza ajudaram os cruzados fornecendo navios, alimentos e dinheiro. Em troca, exigiram que os cruzados atacassem uma cidade que também era cristã – Constantinopla – porque os comerciantes dessa cidade eram seus concorrentes no comércio. E assim foi feito.

Depois dessas quatro Cruzadas, cujo caminho você vê representado no mapa acima, foram organizadas outras quatro, sem que se conseguisse retomar Jerusalém.

Mudanças causadas pelas Cruzadas

As Cruzadas provocaram mudanças importantes no Ocidente europeu, entre as quais cabe citar:

a) o aumento do comércio entre o Ocidente e o Oriente e entre as várias regiões da Europa, o que contribuiu para a prosperidade dos comerciantes europeus e de suas cidades;

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

b) a maior participação dos europeus, especialmente dos italianos, no rico comércio de especiarias e artigos de luxo orientais pelo mar Mediterrâneo; esse comércio era controlado antes pelos muçulmanos;

c) o enfraquecimento da nobreza guerreira, que se endividou e perdeu parte de seus membros nas Cruzadas.

Conhecimento e arte

O revigoramento do comércio e das cidades ocorrido a partir do século IX impulsionou o conhecimento e a arte; a importância do cálculo para a burguesia; o clima de maior liberdade das cidades; e o aumento das trocas culturais entre pessoas de diferentes regiões. Tudo isso favoreceu o avanço da ciência e a criação da universidade.

BIBLIOTECA ANGÉLICA DE ROMA, ITÁLIA.

Iluminura do século XV que representa uma aula na Universidade de Bolonha. Repare que a maioria dos alunos acompanha a aula atentamente; já o primeiro aluno da segunda fileira (da esquerda para a direita) está distraído, olhando para trás.

A universidade

A universidade foi uma criação medieval e pode ser definida como uma associação de professores ou de alunos com a intenção de buscar o conhecimento. A Universidade de Bolonha (Itália), por exemplo, foi criada por uma associação de alunos; já a de Paris (França) nasceu de uma associação de professores. A primeira se destacava na área do Direito, enquanto a segunda era forte em Medicina. Conhecedores dessas características, os estudantes buscavam a que mais lhes interessasse. A primeira universidade da Europa foi a de Bolonha (século XII); depois foram fundadas várias outras, como Oxford e Cambridge (Inglaterra), Paris e Montpellier (França), Salamanca (Espanha) e Coimbra (Portugal). A universidade era formada geralmente por quatro faculdades: Artes, Medicina, Direito e Teologia.

DIALOGANDO

a) Você tem participado das aulas?
b) Por quê?
c) Quais são as consequências de conversar com os colegas durante a explicação do professor?

Dica!

Escolástica. Duração: 5 min. Disponível em: <http://livro.pro/y9aee2>. Acesso em: 21 set. 2018. Entrevista com o professor de Filosofia Rodrigo Martins acerca do surgimento das universidades na Idade Média.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Dialogando

a) Resposta pessoal.
b) Resposta pessoal.
c) O objetivo aqui é estimular a reflexão sobre a postura desejável numa sala de aula e incentivar o espírito participativo.

+ATIVIDADES

- **Em dupla**. Vimos que as Cruzadas provocaram mudanças importantes na economia e nas sociedades europeias. Depois de debater o assunto, indiquem as consequências das Cruzadas que vocês consideram mais importantes. Justifiquem.

Resposta pessoal.

Com essa atividade, pretendemos estimular os alunos a buscar e selecionar informações significativas e utilizá-las para produzir um texto histórico coerente.

Texto de apoio

A Universidade

No conjunto das instituições educativas medievais, as universidades são, de longe, aquelas que deixaram os arquivos mais ricos [...] e aquelas que se beneficiaram das mais vigorosas pesquisas históricas. [...]

Quanto às causas profundas que estão na origem da instituição universitária, as interpretações dos historiadores divergem. Duas teses essenciais, mais complementares do que verdadeiramente opostas, são expressas. Para alguns, seria a própria renovação do saber, engendrada pela redescoberta da filosofia de Aristóteles, e o entusiasmo intelectual suscitado pelas novidades, que teria estimulado mestres e estudantes a organizarem tais instituições autônomas, as únicas capazes de lhes garantir a liberdade de expressão e de ensino necessária. As outras, antes, conferem prioridade à pressão social exercida por todos aqueles que aspiravam obter, nas melhores condições, a qualificação e os diplomas que conduziam às carreiras cada vez mais numerosas abertas pela reforma da Igreja e, fundamentalmente, pelo renascimento do Estado. Seja como for, uma coisa é certa: o surgimento das primeiras universidades não foi um fenômeno espontâneo, simplesmente uma pura criação de mestres e estudantes. Mesmo que a ação pessoal dessas pessoas possa ter sido indispensável, ela sempre foi sustentada por uma vontade política que permitiu conseguir vencer as resistências (principalmente aquelas dos poderes locais, do bispo e de seu chanceler em Paris, da cidade em Bolonha) e oferecer à nova instituição sua legitimidade e seu estatuto verídico. Essa vontade política foi, ao mesmo tempo, aquela do príncipe (particularmente visível na Inglaterra, mais discreta, mas real em Paris) e aquela do papa (especialmente ativo em Paris e Bolonha). [...]

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. São Paulo: Edusc, 1999. p. 81, 83.

ENCAMINHAMENTO

• Explicar que os historiadores atribuem a crise social no Ocidente europeu a diversos motivos, dentre eles:

– a produção agrícola medieval já não conseguia atender às necessidades da população, que vinha crescendo em ritmo acelerado;

– limites técnicos da agricultura medieval não permitiam grandes safras de alimentos; além disso, algumas áreas de uso comum passaram a ser usadas para a criação de ovelhas e a extração de lã;

– a retração econômica gerou crises de fome e mortes, e a subnutrição facilitou a ocorrência de doenças (daí o ditado medieval: "Depois da fome, a peste come");

– as péssimas condições de higiene (não havia serviços de coleta de lixo – este era lançado às ruas – nem de esgoto e tampouco água encanada). Aproveitando-se da falta de higiene, os ratos faziam ninhos nas casas. Esse ambiente favoreceu a ocorrência de um surto epidêmico, "a grande peste", que vitimou cerca de um terço da população europeia.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• A PESTE negra: praga da Idade Média. Duração: 42 min. Disponível em: <http://livro.pro/dctocn>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre a grande peste que assolou a Europa no século XIV.

• A GRANDE fome, a peste negra e as revoltas rurais e urbanas. Duração: 1h30min. Disponível em: <http://livro.pro/6pgjmf>. Acesso em: 21 set. 2018.

Documentário sobre as revoltas camponesas no século XIV.

Texto de apoio

A Grande Peste

No ano do Senhor, 1348, aconteceu sobre quase toda a superfície do globo uma tal mortandade que raramente se tinha conhecido semelhante. Os vivos, de fato, quase não conseguiam enterrar os mortos, ou os evitavam com horror. Um terror tão grande tinha-se apoderado de quase todo o mundo, de tal maneira que, no momento que aparecia em alguém uma úlcera ou um inchaço, geralmente embaixo da virilha ou da axila, a vítima ficava privada de toda assistência, e mesmo abandonada por seus parentes. O pai deixava o filho em seu leito, e o filho fazia o mesmo com o pai. Não é surpreendente, pois, que, quando numa casa alguém tinha sido tocado por este mal e tinha morrido, acontecesse muito frequentemente todos os outros moradores terem sido contaminados e mortos da mesma maneira súbita; e ainda mais, coisa horrorosa de ouvir, os cachorros, os gatos, os galos, as galinhas e todos os outros animais domésticos tiveram o mesmo destino. Aqueles que estavam sãos fugiram apavorados de medo. E, assim, muitos morreram por descuido, os quais teriam escapado de outro modo. Muitos ainda, que pegaram esta doença e dos quais se acreditava que morreriam com certeza imediatamente sobre o chão, foram transportados, sem a mínima discriminação, até a fossa de inumação. [...] E esta peste se prolongou além do ano anteriormente dito, durante dois anos seguidos, espalhando-se pelas regiões, onde, primeiramente, não tinha acontecido.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 194-195.

Crise, doenças e revoltas

Vimos que, entre os anos 1000 e 1300, a Europa prosperou, embalada pelo crescimento da população e das cidades. Nas primeiras décadas do século XV, no entanto, iniciou-se na Europa uma crise prolongada, marcada por fome, doenças, guerra e revoltas sociais.

Naquelas décadas, a oferta de alimento tornou-se insuficiente para atender à população, que crescia em ritmo acelerado; além disso, ocorreram chuvas torrenciais seguidas de más colheitas, e áreas agrícolas passaram a ser usadas para a criação de ovelhas e extração da lã. Isso tudo ajuda a explicar uma crise de fome ocorrida entre 1315 e 1317, que matou milhares de europeus. Além disso, as condições de higiene na Europa eram péssimas; o lixo das casas era lançado às ruas e não havia serviços de coleta, encanamento ou esgoto.

Fome e falta de higiene colaboraram para que uma terrível **epidemia**, a "grande peste", atingisse toda a Europa, desde Portugal, a oeste, até a Rússia, a leste. Calcula-se que entre 1347 e 1350 a grande peste matou cerca de um terço da população europeia. A peste era transmitida por pulgas que picavam os ratos e, depois, os seres humanos.

Maior que essa doença só o medo causado por ela. Houve casos em que a população abandonou sua cidade só por ouvir dizer que a peste vinha chegando.

BIBLIOTECA NACIONAL, FRANÇA. FOTO: ALBUM/FOTOARENA

Epidemia: doença que surge rapidamente num lugar e acomete, ao mesmo tempo, um grande número de pessoas.

Iluminura relativa à grande peste, c. 1503. Note que ela é representada sobre o corpo de uma jovem morta. A epidemia não fazia distinção: ricos, pobres, remediados, todos eram vitimados por ela. Trazida por navios vindos do Oriente, a peste atacou primeiramente as cidades portuárias, locais onde as condições de higiene eram péssimas.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

A Guerra dos Cem Anos

Um episódio que também contribuiu para a crise do século XIV foi a Guerra dos Cem Anos (1337-1453): um conflito armado entre a França e a Inglaterra que, na verdade, durou 116 anos e foi interrompido diversas vezes. Os principais motivos dessa longa guerra foram a disputa pela rica região de Flandres e o interesse do rei da Inglaterra Eduardo III em se tornar também rei da França.

MUSEU BRITÂNICO, LONDRES. FOTO: ERICH LESSING/ALBUM/FOTOARENA

A Guerra dos Cem Anos foi um exemplo típico de guerra medieval: um conflito no interior da nobreza por títulos e senhorios. Na imagem, vemos uma batalha em uma ponte sobre o rio Sena durante a Guerra dos Cem Anos. Século XIV.

Inicialmente, os ingleses conseguiram várias vitórias sobre os franceses e ocuparam parte de seus domínios, inclusive a cidade de Paris. Depois, o exército profissional de Carlos VII conseguiu libertar Paris das mãos dos ingleses. Um destaque nessa guerra foi a atuação de uma jovem de nome Joana d'Arc. A partir de Paris, organizou o governo e a cobrança de impostos, fortalecendo, assim, o poder monárquico.

Com o final da guerra, vencida pelos franceses em 1453, a nobreza se enfraqueceu, pois muitos nobres morreram no conflito. Além disso, a cavalaria perdeu força diante do surgimento das armas de fogo, especialmente o canhão. Com isso, o poder militar da nobreza, baseado no manejo da espada e da lança, também diminuiu.

Já a burguesia dos dois reinos ganhou força, passando a ocupar importantes cargos na administração pública.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Ressaltar que a Guerra dos Cem Anos foi um exemplo típico de guerra medieval; um conflito no interior da nobreza por títulos e senhorios. Isso explica a ambição do rei Eduardo III em possuir também a Coroa da França, e os bens e privilégios daí decorrentes.
- Explicar que o rei Carlos VII da França reagiu à vitória dos ingleses e, com um poderoso exército, conseguiu retomar Paris; a partir da capital francesa, organizou o governo e a cobrança de impostos, aumentando, assim, o seu poder. Nesse contexto, emerge a lendária figura de Joana d'Arc, uma camponesa que, depois de passar por vários testes diante dos teólogos do Palácio, conseguiu convencer o rei de que ouvira vozes vindas dos céus que a incumbiam de libertar a França dos ingleses e coroar o rei.
- Destacar que, sob o comando de Joana d'Arc, o exército francês obteve vitórias extraordinárias, como na batalha de Orleans, em 1429. No ano seguinte, porém, Joana caiu em uma armadilha e foi vendida aos ingleses, que a entregaram a um tribunal da Inquisição; acusada de herege e de só andar com roupas de homem, foi queimada viva aos 19 anos de idade. Muitos séculos depois, em 1920, ela foi canonizada pela Igreja e se tornou padroeira da França.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: JULGAMENTO e processo de condenação de Joana d'Arc. Disponível em: <http://livro.pro/33nqmy>; e GUERRA e poder na Europa medieval: das cruzadas à guerra dos 100 anos. Disponível em: <http://livro.pro/8zztgr>. Acessos em: 21 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- JOANA d'Arc. Duração: 1h19min. Disponível em: <http://livro.pro/s3z8gk>. Acesso em: 21 set. 2018.

Vídeo sobre a história de Joana d'Arc e sua influência até os dias atuais.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Resposta pessoal. **Professor**: comentar que, na época, desde o mais humilde camponês até o rei, todos acreditavam em "revelações".

b) Sim; o modo como a mulher era vista naquela época e o grupo social a que ela pertencia certamente dificultaram a aceitação de Joana d'Arc no palácio real.

c) Resposta pessoal. Segundo Jacques Le Goff, para responder a essa pergunta várias hipóteses foram levantadas: ela era uma iluminada; alguém teria lhe ensinado o papel que desempenhou; ela era uma pessoa inspirada por Deus. Continua em aberto a questão das vozes ouvidas por Joana quando tinha 12 anos.

Texto de apoio

Joana d'Arc

A história de Joana d'Arc é tão extraordinária que nunca cessou, desde o início de sua vida pública e até nossos dias, de provocar questionamentos. Alguns teólogos, em 1429, reconhecem-na como boa cristã; outros, em 1431, a condenam à fogueira, como herege. Em 1456, um novo processo prova sua inocência. Depois de muito tempo, ela é enfim canonizada (1920). [...]

Tão surpreendente quanto possa parecer, o encontro ocorrido em Chinon entre a jovem desconhecida, vinda de tão longe, e o rei da França nada tem de inverossímil: na situação de desespero e de urgência em que ele se encontrava, como não tentar tudo? Por outro lado, é preciso admitir na circunstância a influência fora do comum da *Pucelle*. Misteriosamente, ela se impôs. Mesmo que na época a cessação do cerco de Orleans tenha parecido miraculosa para muitos, ela pode receber uma explicação natural: a relação de forças entre ingleses e franceses não era assim tão desigual que um sobressalto destes últimos não pudesse modificar o resultado. Joana d'Arc provocou esse sobressalto, os homens de armas combateram e Deus lhes concedeu a vitória.

Mais que tudo, uma questão se coloca sempre: como conceber que uma iletrada de dezessete anos, criada entre o pai e a mãe num vilarejo distante, sem horizonte cultural, tenha por si mesma formulado a ideia de que Deus lhe havia dado a missão de salvar o reino da França do naufrágio? Para responder a essa pergunta, múltiplas hipóteses foram feitas [...]

Um quarto de século mais tarde, os doutos tratados que acompanham o processo de reabilitação concluíram prudentemente: mesmo que nenhuma certeza possa ser trazida, a origem sobrenatural das vozes, identificadas por Joana como sendo as do arcanjo Miguel e das santas Catarina e Margarida, é concebível; e também mais provável, desde então, que essas vozes só lhe davam edificantes conselhos e que a finalidade de sua ação – a salvação do "santo" reino da França e o socorro aos franceses mergulhados na tristeza – não poderia ter sido sugerida pelo diabo.

O historiador de hoje, evidentemente desmunido para decidir sobre a natureza das vozes, limita-se a realçar que, segundo o espírito do tempo, Deus podia agir pontualmente. [...]

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013. p. 355, 358.

PARA REFLETIR

A extraordinária história de Joana d'Arc

Joana d'Arc nasceu em 1412, numa família camponesa do interior da França. Aos 12 anos, afirmou ter ouvido vozes vindas do céu que lhe diziam para livrar a França dos ingleses e coroar o rei. Aos 17 anos, Joana conseguiu um cavalo e partiu em direção ao Castelo de Chinon, residência do rei, para falar da revelação que tivera.

MUSEU DE DOBRÉE, NANTES, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

Iluminura da obra **Vida das mulheres célebres**. c. 1505. Pergaminho. A personagem em destaque é Joana d'Arc (c. 1412-1431). Escola francesa. Século XVI. Museu Dobrée, Nantes, França.

Depois de passar por vários e demorados testes diante dos teólogos do palácio real, Joana d'Arc recebeu das mãos do rei uma espada, um **estandarte** e o comando geral dos exércitos franceses. Sob seu comando, os franceses obtiveram várias vitórias. Mas depois ela caiu numa armadilha e foi vendida aos ingleses, que a entregaram a um tribunal da Inquisição. Este a acusou de herege e de usar roupas masculinas; condenada por esse tribunal, Joana foi morta numa fogueira, em 1431. Em 1456, um novo processo provou sua inocência. E, séculos depois, em 1920, ela foi canonizada.

Estandarte: bandeira de guerra.

a) Que aspecto da vida de Joana d'Arc você achou mais interessante?

b) Será que o fato de ela ser mulher e de pertencer ao campesinato dificultou sua aceitação por parte do rei?

c) Como você interpreta o fato de uma camponesa de apenas 17 anos, iletrada, ter lançado a ideia de que Deus havia lhe dado a missão de salvar a França?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

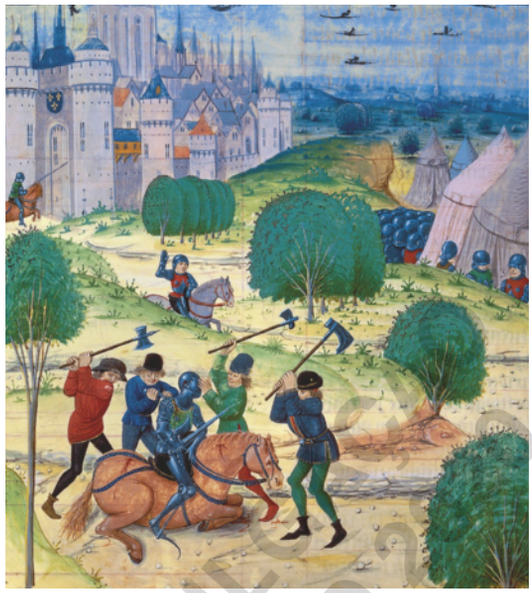
Rebeliões camponesas

Com as mortes provocadas por fome, peste e/ou guerra, começou a faltar mão de obra nos campos e a produção agrícola diminuiu, acarretando prejuízos para a nobreza. Para compensar suas perdas, a nobreza aumentou o controle sobre os camponeses e os tributos pagos por eles. Além disso, na mesma época, os reis elevaram os impostos pagos por seus súditos. Os camponeses, então, reagiram promovendo revoltas, como a ***Jacquerie***, na França (1358), e a **Revolta de Watt Tyler**, na Inglaterra (1381).

Jacquerie: nome derivado de Jacques Bonhomme, que pode ser traduzido por "João Ninguém", apelido que a nobreza dava aos camponeses.

Jacquerie é, na verdade, o nome de uma série de revoltas que explodiram nas proximidades de Paris e no interior da França, ao mesmo tempo. Os milhares de camponeses que delas participaram incendiaram castelos, mataram nobres e queimaram documentos que os prendiam a seus senhores. Estes reagiram e, de posse de melhores armas e de treinamento militar, sufocaram a revolta, massacrando os rebeldes.

Anos depois, cerca de 10 mil camponeses ingleses, liderados por Watt Tyler, foram a Londres e exigiram do rei Ricardo II o fim da servidão e a diminuição dos impostos pagos por eles. Na presença dos rebeldes, o rei concordou, mas, em seguida, voltou atrás e se uniu aos nobres, arrasando as aldeias camponesas. Embora tenham sido massacradas pelos exércitos do rei e da nobreza, essas revoltas contribuíram para o enfraquecimento da servidão na Europa ocidental.



BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. FOTO: ALBUM ART/LATINSTOCK

Aspecto da revolta camponesa de 1358. Crônicas de Froissart. Manuscrito do século XV. Paris, França.

DIVULGAÇÃO PNLD 2018 FTD

ENCAMINHAMENTO

Segundo Hilário Franco Jr., o movimento francês *Jacquerie* pode ser explicado pela crise conjuntural resultante da "grande peste", dos impostos crescentes e dos problemas decorrentes da Guerra dos Cem Anos (desorganização da produção, insegurança, novos impostos, entre outros).

- Comentar que, entre 1377 e 1380, o governo inglês autorizou por três vezes a cobrança de um imposto geral "por cabeça" para cobrir os gastos da guerra contra a França. Além disso, os senhores ingleses sobrecarregavam os camponeses com trabalho forçado e taxas.

Texto de apoio

A instabilidade dos séculos XIV-XVI

[...] A relativa alta de preços industriais, enquanto os preços agrícolas caíam, atraía muitos camponeses para as cidades. Dessa forma, aumentava a oferta de mão de obra urbana, o que permitia ao patriciado burguês pressionar os salários para baixo, rompendo a tendência altista gerada pela peste negra. As corporações de ofício fecharam-se ainda mais, zelosas de seus privilégios: a condição de mestre tendeu a se tornar hereditária, dificultou-se a abertura de novas oficinas, em Flandres recorreu-se à violência contra a indústria artesanal rural que se formava como escapatória ao oligopólio corporativo.

O resultado daquele estado de coisas, tanto no campo quanto nas cidades, foi uma série de sublevações populares. Algumas eram contra a miséria, em regiões mais pobres, caso do movimento dos Tuchins (1366-1384), camponeses e artesãos arruinados do Auvergne e do Languedoc. As revoltas camponesas mais importantes, porém, mobilizaram trabalhadores em boa situação, que enfrentavam a reação senhorial. Tais movimentos não eram revolucionários, mas reacionários, buscando a volta a um passado recente, considerado menos duro. Eram mais contra a conjuntura do que contra a estrutura. Foi o caso da revolta de Flandres marítima (1323-1328), iniciada com a recusa ao aumento dos impostos e ao dízimo eclesiástico, que atingiam sobretudo os camponeses médios, logo seguidos pelos artesãos de Bruges e de Ypres. Pouco depois, a liderança do movimento foi assumida por proprietários rurais ricos. Por fim, o rei francês esmagou os revoltosos, que tiveram seus bens confiscados.

O mesmo se aplica à Jacquerie (maio-junho de 1358), começada na região parisiense e propagada por outros territórios franceses. O movimento não foi contra a miséria, como se pensou por muito tempo, mas resultou de uma conjuntura difícil, advinda da peste negra, da legislação salarial de 1351 e 1354, do crescente peso dos impostos, dos problemas gerados pela Guerra dos Cem Anos. Na rebelião campesina inglesa de 1381, a questão fiscal também teve peso decisivo. [...]

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 135-136.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. Alternativa E. Justificativa: Todas as anteriores estão corretas.
2. a) O crescimento da população entre os anos 800 e 1300.
   b) No século XIII.
   c) Estimativa significa cálculo aproximado; na época não havia censo populacional como os de hoje em dia.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno. A partir do século XI, na Europa feudal foram introduzidas importantes inovações técnicas na agricultura, tais como:

a) O uso do arado de ferro (a charrua) em lugar do arado de madeira.

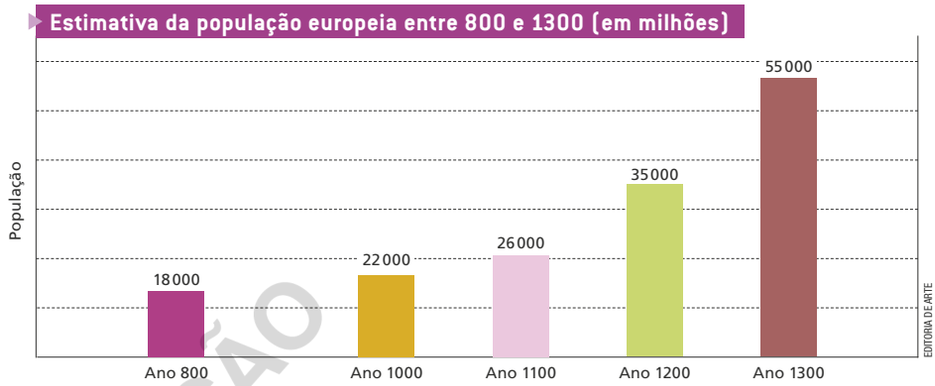
b) A introdução do sistema de cultura em três campos (rotação trienal).

c) Um novo modo de atrelar o cavalo usado para puxar o arado. A partir do século X, ele passou a ser atrelado pelo peito, o que aumentava seu rendimento e resistência no trabalho.

d) O aprimoramento e a difusão dos moinhos acionados pela força do vento ou da água; tais moinhos contribuíram para aumentar a velocidade e a qualidade da moagem de grãos.

e) Nenhuma das anteriores.

2. Leitura de gráfico.



Fonte: FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As cruzadas**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 17-18.

a) O que o gráfico mostra?

b) Em que século a população aumentou mais?

c) No título do gráfico há a palavra "estimativa". O que ela significa?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O crescimento populacional na Europa medieval

[...] o crescimento populacional está claramente ligado às inovações de técnicas agrícolas verificadas na época. Discute-se, contudo, o tipo de ligação: o incremento demográfico pressionou por uma produção maior e assim surgiram as inovações, ou as novas técnicas permitiram uma alimentação melhor e desta forma o crescimento da população? Para nós, pouco importa. Basta constatar que, realmente, a partir de um certo momento, houve uma melhoria na qualidade da dieta e isto contribuiu para uma queda na mortalidade.

A alteração na dieta pode mesmo explicar a mudança na proporção entre população masculina e feminina, favorável à primeira na Alta Idade Média e à segunda posteriormente. Tal se devia ao fato de a dieta na Alta Idade Média ser pobre em proteínas e sobretudo em ferro, elementos que a mulher necessita em maior quantidade (devido à menstruação, gravidez e lactação), daí a anemia e portanto a menor defesa do organismo contra certas doenças. No entanto, o progresso tecnológico – e especialmente o novo método de atrelagem animal, a charrua e o sistema de rodízio de cultivos – fez com que, desde o século X, se consumissem leguminosas (ervilha, lentilha, feijão, grão-de-bico etc.) e maior quantidade de carne, ovos e laticínios, possibilitando a diminuição da mortalidade feminina.

Em função desses fatores, verificou-se um claro incremento demográfico, com a população da Europa Ocidental passando de 18 milhões de indivíduos no ano de 800 para mais de 22 no ano 1000, quase 26 em 1100, quase 35 em 1200 e mais de 50 em 1300. [...]

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As cruzadas**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 16-17.

3. Observe o mapa da página 49 com atenção. Com base no que você estudou no capítulo:

a) Dê outro título ao mapa.

b) Identifique as duas principais rotas terrestres que ligavam o sul ao norte da Europa (a cidade de onde partiam e a cidade a que chegavam).

c) Por que a área comercial de Champagne aparece em destaque?

d) O que eram as feiras medievais representadas no mapa?

4. Sobre as feiras medievais, avalie as alternativas e escreva em seu caderno **V** para as verdadeiras e **F** para as falsas:

a) Com o aumento do volume de comércio, surgiram também as feiras.

b) As feiras medievais duravam de 15 a 60 dias, aconteciam uma ou duas vezes por ano e reuniam mercadores vindos dos mais diferentes lugares.

c) As feiras medievais eram semelhantes em tudo às feiras livres atuais.

d) As feiras medievais comercializavam sobretudo alimentos trazidos de sítios relativamente próximos.

e) Como cada comerciante comparecia à feira com a moeda de sua região e como as moedas tinham valores diferentes, surgiram os cambistas, pessoas que faziam o câmbio (troca) do dinheiro.

f) Os cambistas colocavam as moedas sobre um banco de madeira para examiná-las. Por isso, receberam o nome de banqueiros.

5. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha.

Sobre as cidades medievais, pode-se afirmar:

a) Tiveram diferentes origens: algumas nasceram ao redor de feiras, outras, às margens dos rios, outras, ainda, em torno do castelo de um nobre.

b) Muitas dessas cidades se localizavam nas terras de um nobre, a quem os moradores tinham de pagar impostos e prestar serviços gratuitos.

c) Para se libertar do controle dos nobres, os habitantes das cidades uniam seus esforços e compravam cartas de franquia.

d) As cidades medievais não apresentavam nenhum dos problemas das cidades atuais.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O aparecimento de um burgo novo: Bruges (séc. XIII)

[...] Com a continuação, para satisfazer as faltas e necessidades dos da fortaleza, começaram a afluir diante da porta, junto da saída do castelo, negociantes, ou sejam, mercadores de artigos custosos, em seguida taberneiros, depois hospedeiros para a alimentação e albergue dos que mantinham negócios com o senhor, muitas vezes presente, e dos que construíam casas e preparavam albergarias para as pessoas que não eram admitidas no interior da praça. O seu dito era: "vamos à ponte". Os habitantes de tal maneira se agarraram ao local que em breve aí nasceu uma cidade importante que ainda hoje conserva o seu nome vulgar de ponte, porque *brugghe* significa ponte em linguagem vulgar.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 149-150.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. a) Resposta pessoal. Importante que o título ajude o leitor a identificar o que o mapa quis evidenciar/representar. Esse mapa, por exemplo, focaliza as rotas comerciais do século XIV (marítimas e terrestres). O título pode ser "Rotas comerciais europeias (século XIV)".
   b) Uma delas ligava Gênova a Bruges, passando pelas feiras da região de Champagne, na França; e a outra ligava Veneza a Hamburgo.
   c) Porque, na época, esta região reunia um grande número de importantes feiras.
   d) Eram eventos que duravam de 15 a 60 dias, aconteciam uma ou duas vezes por ano e reuniam mercadores de várias partes do mundo.
4. V, V, F, F, V, V.
5. Alternativa D. Justificativa: As cidades medievais apresentavam vários problemas semelhantes aos das cidades atuais, como acúmulo de lixo e insegurança à noite por falta de iluminação.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• CONHECENDO uma cidade medieval da Alemanha. Duração: 9 min. Disponível em: <http://livro.pro/87wdcd>. Acesso em: 21 set. 2018.

O vídeo mostra um *tour* pela cidade alemã de Burghausen, realçando seus aspectos medievais.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

6. a) A burguesia. Era formado por comerciantes, donos de manufaturas e banqueiros, enfim, pessoas enriquecidas com o comércio, a troca de moedas e a manufatura. **Professor**: comentar que, com o tempo, o termo burguês passou a significar também "pessoas ricas".
   b) A personagem leva uma vida cheia de regalias. Comentar que a palavra "burguês" continua sendo utilizada para designar pessoas ricas.
   c) Ambos têm acesso aos bens materiais e a uma vida confortável.
7. a) Para Roger Bacon, o conhecimento pode ser obtido pelo raciocínio e pela experiência.
   b) A experiência, sem a qual nada pode ser suficientemente conhecido.
   c) Resposta pessoal.
8. A fome enfraquecia os corpos, e enfraquecidas as pessoas contraíam a doença (peste).
9. O aumento do número de mortes por fome, doenças e guerras provocou o despovoamento dos campos e das cidades, falta de mão de obra e alta nos preços dos alimentos; a nobreza reagiu a essa situação exigindo mais trabalho dos camponeses e aumentando as taxas pagas por eles. Além disso, na mesma época, os monarcas medievais criaram novos impostos; essa situação opressiva provocou várias revoltas populares, entre as quais a *Jacquerie*, na França, em 1358, e a Revolta de Watt Tyler, na Inglaterra, em 1381.

6. Leia a letra da canção do cantor Seu Jorge:

Burguesinha

Vai no cabeleireiro
No esteticista
Malha o dia inteiro
Pinta de artista
[...]
Vai pra balada
Dança bate-estaca
Com a sua tribo
Até de madrugada
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha...
Tem o que quer

SEU JORGE; MOURA, Gabriel; PRETINHO DA SERRINHA. **Burguesinha**. Rio de Janeiro: Cafuné; Universal Music Publishing.

© BRANDON/REDFERNS/GETTY IMAGES

O cantor e compositor Seu Jorge em fotografia de 2017. Inglaterra.

O termo "burguesinha" está associado a um grupo social surgido na Idade Média.

a) Que grupo é esse e como ele era formado?

b) Por que o cantor refere-se à personagem da letra como "burguesinha"?

c) Aponte paralelos entre a personagem da música e os burgueses medievais.

7. O final do século XII assistiu ao surgimento das universidades na Europa. Veja o que Roger Bacon, um professor universitário daquela época, disse:

> Há duas maneiras de adquirir conhecimento [...] pelo raciocínio e pela experiência. Racionar leva-nos a uma conclusão, e concordamos com essa conclusão, mas isso não a torna certa [...] a não ser que a mente descubra isso pelo caminho da experiência. [...].

PAIS, Marco Antônio de Oliveira. **O despertar da Europa**: a Baixa Idade Média. São Paulo: Atual, 1992. p. 68-69.

a) Quais são as maneiras de adquirir conhecimento, segundo Roger Bacon?

b) Na visão dele, qual dessas maneiras de conhecer é mais importante?

c) E na sua visão, qual das maneiras de conhecer é mais importante?

8. "Depois da fome, a peste come." Como você interpreta esse ditado medieval?

9. Relacione a crise do século XIV às rebeliões camponesas ocorridas na época.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Os mercadores medievais

[...] na Idade Média nasceram ou se desenvolveram inúmeras cidades: as mais importantes eram as sedes do poder dos reis e dos príncipes, e também de sua burocracia. Elas tinham principalmente uma importante atividade econômica, com artesãos, mercados e feiras: as de Champagne foram bastante frequentadas nos séculos XII e XIII. Um novo tipo do homem apareceu, o mercador. Os mais ricos mercadores comerciavam em toda a Europa, e até mesmo na Ásia e na África, e eram também banqueiros. Os mais poderosos foram os italianos (florentinos, genoveses e venezianos), os flamengos e os alemães, que se agruparam numa grande associação comercial: a Hansa de Londres e Bruges, em Anvers, Hamburgo, Lübeck, Dantzig (atual Gdansk, na Polônia) e Riga. A circulação da moeda de ouro e de prata tornou-se muito importante, mas havia muitas moedas (o florim de Florença e o ducado de Veneza eram as mais renomadas). A troca das moedas era complicada e a ausência de uma moeda única entravou o desenvolvimento de um sistema econômico baseado no dinheiro: o capitalismo.

LE GOFF, Jacques. **Uma breve história da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 77-78.

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PASSADO

O texto a seguir conta um pouco da história de Godric de Finchale, mercador que viveu na Inglaterra, no século XI. Leia-o com atenção.

A formação de um mercador

[...] o rapaz, depois de ter passado os anos da infância sossegadamente em casa, principiou [...] a aprender [...] o que ensina a experiência do mundo. Para isso decidiu não seguir a vida de lavrador [...] começou a seguir o modo de vida do vendedor ambulante, aprendendo primeiro como ganhar em pequenos negócios [...] e então [...] ousou a pouco e pouco comprar, vender e ganhar com coisas de maior preço.

[...] Primeiro viveu como um mercador ambulante por quatro anos no Lincolnshire, andando a pé e carregando fardos [...] pequenos; depois viajou para longe. [...] Porque trabalhava não apenas como mercador, mas também como marinheiro [...] foi para a Dinamarca, Flandres e a Escócia; nas terras onde encontrava certas mercadorias raras e por isso mais preciosas, transportava-as para outras partes onde sabia que eram menos familiares e cobiçadas pelos habitantes a preço de ouro. Fez desta maneira muitos lucros com todas as suas vendas e reuniu avultados bens com o suor do seu rosto, visto que vendia caro num lugar as mercadorias que tinha comprado noutro por um preço inferior.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000. p. 152-153.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. FOTO: ALINARI ARCHIVES, FLORENCE/GETTY IMAGES

Iluminura do século XIV que representa um mercador comerciando arroz. Viena, Áustria. S.d.

a) Como Godric iniciou a sua vida profissional?

b) Que trabalhos Godric realizou durante a vida?

c) Como Godric conseguiu enriquecer?

d) O modo de agir de Godric ainda é adotado pelos grandes comerciantes de hoje?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O mercador itinerante

[...] no século XIII a grande meta do mercador itinerante são as feiras da Champagne. [...] As terras da Champagne eram assim um fato capital. Havia lá um mercado quase permanente do mundo ocidental. Desse modo, durante dois ou quatro meses do ano, reina nessas cidades uma animação extraordinária [...].

Para chegar lá, os mercadores fizeram uma longa e difícil viagem; os italianos que transpuseram os desfiladeiros alpinos passaram cinco semanas na estrada. Precisavam, em primeiro lugar, de alojamento. A princípio, construíam-se acampamentos provisórios nas praças ou fora da cidade. Depois, os habitantes alugavam aposentos ou casas aos mercadores. Por fim, foram construídas para eles casas especiais de pedras resistentes a incêndios, com grandes subterrâneos abobadados para armazenar as mercadorias.

Mercadores e habitantes gozavam de privilégios consideráveis, e a fixação e o desenvolvimento das feiras estão intimamente ligados ao crescimento do poder dos condes da Champagne e ao liberalismo de sua política.

No início do século XIV, essas feiras começam a declinar. [...] o declínio das feiras da Champagne está ligado, principalmente, a uma transformação profunda das estruturas comerciais, que faz aparecer uma nova figura de mercador: o mercador sedentário, no lugar do mercador itinerante. Este era conhecido como o "pé empoeirado" ao longo das estradas; doravante, ele dirige, de sua matriz, graças a técnicas cada vez mais evoluídas e a uma organização cada vez mais complexa, uma rede de associados ou de empregados que torna inúteis tais deslocamentos. [...]

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 14-17.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Iniciou como vendedor ambulante, vendendo mercadorias baratas; depois, passou a comprar e vender coisas de maior preço.

b) Ele trabalhou como mercador e como marinheiro.

c) Ele conseguiu enriquecer comprando mercadorias raras, e por isso mais preciosas, e revendendo-as com grande margem de lucro. Nas palavras do autor: "vendia caro num lugar as mercadorias que tinha comprado noutro por um preço inferior".

d) Sim, pois os grandes comerciantes atuais esforçam-se para conseguir produtos raros e cobiçados a fim de vendê-los em lugares onde a procura é grande.

A ideia aqui é evidenciar as semelhanças entre o passado e o presente no tocante à estratégia de um grande mercador.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: O MERCADOR nas feiras da Idade Média: a civilidade do ato de comprar e vender. Disponível em: <http://livro.pro/mggwk8>. Acesso em: 21 set. 2018.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades **EF07HI01** e **EF07HI04** da BNCC:

– Explicar o significado de "modernidade" e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

– Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados.

Romeu e Julieta, de William Shakespeare (1564-1616), é uma das mais conhecidas histórias de amor do Ocidente. A trama se passa na cidade italiana de Verona, durante o final da Idade Média, e conta o amor proibido do mais famoso par de enamorados da história da literatura: Romeu Montéquio e Julieta Capuleto, cujas famílias eram inimigas mortais. Ao longo do tempo, a peça de Shakespeare ganhou inúmeras adaptações para a TV, o cinema e a história em quadrinhos. Nessa recriação de Mauricio de Sousa e sua equipe para os quadrinhos, Romeu e Julieta são representados, respectivamente, por Cebolinha e Mônica. A equipe de Mauricio de Sousa é formada por roteiristas e desenhistas especialistas em arte-final, letreiramento e colorização. Numa linguagem bem-humorada e acessível, a história apresenta para crianças e leitores de todas as idades uma adaptação da peça de Shakespeare. O roteiro oferece uma solução para o final trágico da história original, de modo que Mônica e Cebolinha não sofram o mesmo drama vivido por Romeu e Julieta em seus últimos momentos.

ENCAMINHAMENTO

• Refletir sobre o texto do historiador Nicolau Sevcenko:

> A história da cultura renascentista nos ilustra com clareza todo o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nele já se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo. [...]
>
> SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1994. p. 2.

CAPÍTULO

4 RENASCIMENTO E HUMANISMO

Observe a imagem: Você conhece os personagens dessa capa de gibi? Eles foram criados por Mauricio de Sousa, um artista brasileiro lido em várias partes do mundo. A história foi inspirada na obra **Romeu e Julieta**, escrita há séculos. Você sabe quem foi seu autor? Por que será que uma obra tão antiga como **Romeu e Julieta** continua a nos encantar ainda hoje?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

64

• Aprofundar o assunto acessando os textos: WILLIAM Shakespeare, moderno 450 anos depois. Disponível em: <http://livro.pro/izur62>; e A RENASCENÇA e o teatro de Shakespeare. Disponível em: <http://livro.pro/v7isso>. Acessos em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• WILLIAM Shakespeare, por Leandro Karnal. Duração: 12 min. Disponível em: <http://livro.pro/qszwfq>. Acesso em: 24 set. 2018.

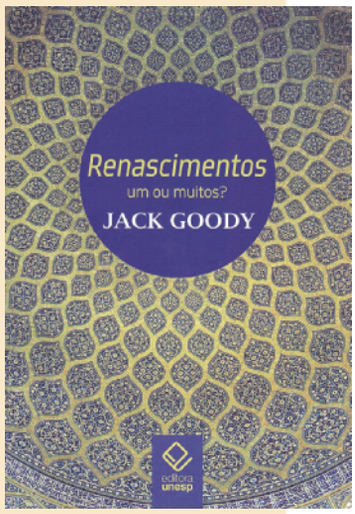
O historiador Leandro Karnal fala sobre a vida e as obras de William Shakespeare.

PARA SABER MAIS

A ideia de modernidade

O Renascimento italiano é tido como um momento decisivo para o desenvolvimento da modernidade. Nesse modo de ver a História, os artistas e cientistas do Renascimento fecharam a cortina do tempo medieval para abrir uma outra, a de um tempo novo, a modernidade.

O historiador inglês Jack Goody discorda disso; para ele, essa versão de que somente o Renascimento italiano impulsionou a modernidade é fruto do olhar europeu sobre a Renascença. Na opinião desse historiador, os conhecimentos e as técnicas dos bizantinos, muçulmanos, judeus, indianos e chineses foram muito importantes para o florescer da modernidade e do próprio Renascimento italiano. As culturas desses povos do Oriente penetraram o Ocidente por meio de um longo processo de trocas culturais, que teve como principal via o mar Mediterrâneo.



EDITORA UNESP

Fac-símile da capa do livro **Renascimentos: um ou muitos?**, de Jack Goody.

Jack Goody nos lembra ainda que o "Renascimento como sinônimo de florescimento cultural que ocorre a partir de uma volta ao passado" aconteceu também nos mundos bizantino, islâmico, hindu, judeu e chinês, entre outros. O que existiu, portanto, foram Renascimentos e não Renascimento.

Concluindo, para Jack Goody:

- a modernidade é fruto de um longo processo de trocas culturais de diferentes povos e tradições;
- o Renascimento italiano não é o único, existiram outros, a exemplo do bizantino, do islâmico, do hindu, do judeu e do chinês.

Ao verem o Renascimento italiano como único e reconhecerem apenas a cultura greco-romana como digna de ser relida e admirada, os renascentistas italianos incluíram o Ocidente antigo, mas excluíram os saberes, as técnicas e as artes recebidas de outros povos com quem os europeus mantiveram intensas trocas culturais ao longo do tempo.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador Jack Goody.

Renascimento e modernidade

Iniciando com as "primeiras luzes" (*primi lumi*) do século XIV, o Renascimento italiano é visto com frequência como o momento decisivo no desenvolvimento da "modernidade", em relação não apenas às artes e às ciências, mas também, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, em relação ao advento do capitalismo. Não há dúvida de que esse foi um momento importante na história mundial. Mas quão singular ele foi em geral? Existe aqui tanto um problema histórico específico quanto um problema sociológico geral. Todas as sociedades estagnadas requerem algum tipo de renascimento para voltarem a se mover, e isso pode implicar um olhar retrospectivo sobre épocas anteriores (a Antiguidade, no caso da Europa) ou outro tipo de florescência.

Esse é o meu polêmico pano de fundo. Não vejo o Renascimento italiano como a chave para a modernidade e para o capitalismo. [...] Em minha opinião, as origens da modernidade e do capitalismo são mais amplas e encontram-se não apenas no conhecimento árabe, mas também nos influentes empréstimos da Índia e da China. O que chamamos de capitalismo tem suas raízes numa cultura letrada eurasiana mais ampla, que se desenvolveu rapidamente desde a Idade do Bronze, com troca de produtos e informações. O conhecimento da leitura e da escrita foi importante porque permitiu o crescimento tanto do conhecimento quanto da economia, que depois proporcionaria a troca de produtos. Ao contrário da comunicação puramente oral, o conhecimento da leitura e da escrita tornou a linguagem visível, transformou-a em objeto material, que podia ser repassado entre culturas e existia da mesma forma no correr do tempo. Consequentemente, todas as culturas escritas poderiam às vezes olhar para trás e reviver o conhecimento passado, como foi o caso dos humanistas europeus, e possivelmente levar a uma florescência cultural, isto é, a uma nítida explosão de progresso. [...]

GOODY, Jack. **Renascimentos**: um ou muitos? São Paulo: Unesp, 2011. p. 11-12.

ENCAMINHAMENTO

O Renascimento pode ser entendido como um movimento cultural, de amplas repercussões no tempo e no espaço, que floresceu na Europa entre os séculos XIV e XVI. Decisivo na conformação do mundo moderno, ele foi estimulado por uma série de mudanças socioculturais e políticas.

- Frisar que a burguesia ascendia socialmente e trazia consigo novos valores e novas atitudes. O cálculo, indispensável ao sucesso das atividades burguesas, tornou-se fundamental. Comerciantes e banqueiros eram, antes de tudo, calculadores do tempo, do espaço e dos riscos.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: RENASCIMENTO: o período que definiu a Era Moderna. Disponível em: <http://livro.pro/meeoye>. Acesso em: 24 set. 2018.

Dica de leitura

- LE GOFF, Jacques. **Uma breve história da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

EDITORA VOZES

O livro corresponde exatamente ao título: é uma breve história da Europa, apresentada em suas várias dimensões: sociais, culturais e territoriais. O autor é um medievalista muito conhecido e admirado pelos historiadores. E tem a vantagem de ser um especialista na história do Velho Continente e de escrever sobre ele de forma acessível ao grande público.

O contexto

Vimos que, a partir do século XI, a Europa ocidental passou por uma série de mudanças importantes: uma delas foi o aumento da produção de alimentos por causa da expansão das áreas agrícolas e da utilização de novas técnicas de cultivo da terra. Com o aumento da produção de alimentos, as pessoas passaram a viver mais e a ter mais filhos, o que levou a um aumento crescente da população.

Ao mesmo tempo, ocorreram: o crescimento do comércio com o Oriente; o aparecimento das feiras e das casas bancárias; e o revigoramento das cidades. Mercadores circulavam pela Europa em suas caravanas, levando e trazendo mercadorias de diferentes lugares do mundo; os banqueiros trocavam moedas; e os donos de navios aumentavam sua frota.

A burguesia (mercadores, banqueiros e donos de navios) enriqueceu, adotando novos valores e novas práticas. Medir, calcular, pesar, experimentar, operações essenciais ao sucesso dos negócios, passaram a ser socialmente valorizadas.

Interior de uma farmácia. Afresco, castelo de Issogne, Itália, século XV. Vendedor pesa em uma balança mercadoria comprada por uma mulher, que paga com uma moeda. No decorrer da Idade Média, o ofício de mercador aumentou gradualmente de importância.

CASTELO DE ISSOGNE, VAL D'AOSTA, ITÁLIA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Essas mudanças, que vinham ocorrendo na Europa desde o século XI, inspiraram uma nova visão de mundo, da arte e do conhecimento; e, ao mesmo tempo, criaram as condições materiais para o surgimento do **Renascimento**, um movimento cultural intenso que começou no século XIV nas cidades italianas, se propagou pela Europa e foi decisivo na formação do mundo moderno.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A Europa floresce: Renascimento e humanismo

[...] No século XVI, a maior parte dos europeus vive ainda na Idade Média, mas as mudanças se aceleram, as grandes descobertas estimulam o interesse pelos horizontes mundiais. O afluxo de metais preciosos americanos – ouro e prata – permite o aumento da moeda em circulação. A difusão de livros impressos espalha o conhecimento e a cultura. Um novo florescimento artístico que valoriza a arte clássica – o Renascimento – mergulha em uma atmosfera de luxo e de festa. Ele desabrocha principalmente nas cortes reais e principescas. O Renascimento começou na Itália, de onde se espalhou por toda a Europa. A França contribui com criações particularmente brilhantes, como os castelos do Vale do Loire. [...]

LE GOFF, Jacques. **Uma breve história da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 86-87.

PARA REFLETIR

Conceito e preconceito

Renascimento foi o nome que os renascentistas deram à época vivida por eles e considerada como uma ruptura com a época anterior, a Idade Média, que eles chamavam de "Idade das Trevas", "longa noite dos mil anos". Os renascentistas acreditavam que, ao desconsiderar a arte e o conhecimento produzidos na Idade Média e revalorizar as obras greco-romanas da Antiguidade, estavam fazendo renascer a cultura. Daí o nome Renascimento.

Hoje, a maioria dos historiadores já não aceita essa visão preconceituosa; o Renascimento, por sua vez, já não é visto apenas como ruptura, mas também como continuidade da arte e do conhecimento produzidos na Idade Média.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

Músicos da Idade Média. Iluminura representando menestrel acompanhado de viela (da família do violino) e flauta. **Codex Manesse**. c. 1340. Zurique, Suíça.

a) Segundo o texto, a quem se deve a ideia de que a Idade Média foi a Idade das Trevas? E o que explica isso?

b) Qual foi a origem do nome Renascimento?

c) Como o Renascimento é visto pelos historiadores atuais?

d) Vimos que a expressão Idade das Trevas, usada pelos renascentistas para se referirem à Idade Média, é um indício de forte preconceito em relação às pessoas que viveram na época anterior à deles. Pesquise expressões preconceituosas usadas hoje no dia a dia e comente-as.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Essa ideia deve-se aos renascentistas, que percebiam a época vivida por eles como sendo de ruptura com a época anterior.

b) Os homens que viveram entre os séculos XIV e XVI acreditavam que, ao desconsiderar a arte e o conhecimento produzidos na Idade Média e revalorizar as obras greco-romanas da Antiguidade clássica, estavam fazendo renascer a cultura. Daí o nome Renascimento.

c) De um lado, é visto como ruptura; de outro, como continuidade da arte e da cultura produzidas na Idade Média.

d) Resposta pessoal. **Professor**: infelizmente, são vários os exemplos, entre os quais podemos citar as expressões: "só podia ser mulher", usada quando alguém comete alguma imperícia no trânsito, e "baianada", usada no Sudeste para significar erro. O uso de expressões iguais a essas é um indício de forte preconceito, e a escola é um espaço privilegiado para se trabalhar todo tipo de preconceito, seja ele de raça, gênero, origem ou classe social.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Permanências...

A transição do espírito característico do declínio da Idade Média para o humanismo foi muito mais simples do que à primeira vista somos levados a supor. Habituados a opor o humanismo à Idade Média, supomos muitas vezes que a adesão ao novo sistema implicou o repúdio do outro. É-nos difícil imaginar que o espírito pudesse cultivar as antigas formas de pensamento e de expressão medievais e aspirar ao mesmo tempo à visão antiga da razão e da beleza. Mas é assim mesmo que temos de conceber o que se passou. O classicismo não apareceu por súbita revelação; cresceu entre a vegetação luxuriante do pensamento medieval. Antes de ser uma inspiração, o humanismo foi uma forma. E, por outro lado, os modos característicos do pensamento da Idade Média persistem por muito tempo durante o Renascimento.

[...] Com a sua serenidade, o *Quattrocento* dá-nos a impressão de uma cultura renovada que tivesse quebrado as algemas do pensamento medieval [...].

A história da civilização francesa do século XV, pelo contrário, não nos permite esquecer a Idade Média. A França foi a pátria dos mais fortes e mais belos frutos do espírito medieval. Todas as formas medievais – o feudalismo, as ideias da cavalaria, a escolástica, a arquitetura gótica – lançaram as suas raízes mais firmemente ali do que na Itália, e no século XV ainda dominavam. Em vez de rico estilo, da alegria e da harmonia características da Itália e do Renascimento, o que existe ali é a pompa um tanto bárbara, as formas sobrecarregadas, as fantasias sem novidade e uma atmosfera melancólica e grave. É o Renascimento nascente que pode deixar de notar-se, não a Idade Média. [...]

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**: um estudo de formas de vida, pensamento e arte em França e nos Países Baixos nos séculos XIV e XV. Lisboa: Ulisseia, 1985. p. 327.

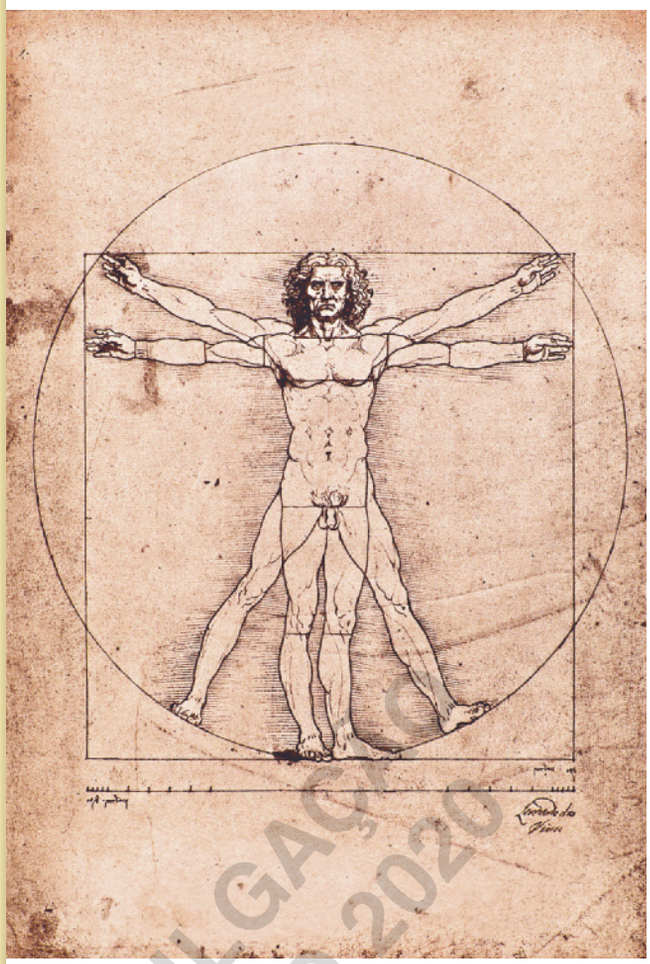
ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que os renascentistas consideravam a arte dos antigos gregos e romanos expressiva e perfeita e que admiravam o conhecimento acumulado por eles. Por isso, propunham o estudo da produção greco-romana.
- Explicar que o ser humano passa a ser o centro das atenções. Anteriormente, predominava o teocentrismo medieval, a ideia de que tudo converge para Deus e de que o homem é apenas um ser corrompido pelo pecado.
- Destacar que, no entanto, longe de serem ateus, os renascentistas eram cristãos, mas queriam interpretar a Bíblia à luz do conhecimento e da experiência herdados da Antiguidade. Tinham interesse por tudo o que era humano e viam o homem como uma fonte inesgotável de energia e talento para a ação, a virtude e a glória.
- Ressaltar que, na Idade Média, predominava a concepção cristã de tempo, idealizada por Tomás de Aquino e outros teólogos medievais. Eles consideravam que o tempo pertence a Deus. Os renascentistas rompem com essa concepção. Para eles, o tempo pertence ao homem, que pode usá-lo em benefício próprio para se aperfeiçoar, conhecer, experimentar e, inclusive, enriquecer.

Renascimento: características

Para melhor compreender o Renascimento, vamos apresentar, de modo simplificado, algumas de suas características.

- **Valorização do passado greco-romano**: os artistas e cientistas do Renascimento viam as obras dos gregos e romanos da Antiguidade como modelo e inspiração para suas obras.
- **Antropocentrismo**: o homem passa a ser visto como um ser criativo, virtuoso e dono de seu próprio destino. Na época medieval predominava o teocentrismo (tudo convergia para Deus).



GALERIA DA ACADEMIA, VENEZA. FOTO: ROB ATKINS/PHOTOGRAPHER'S CHOICE/GETTY IMAGES

- **Individualismo**: atualmente, a palavra individualismo é usada muitas vezes como sinônimo de egoísmo. No Renascimento, porém, tinha sentido positivo: significava capacidade individual, talento e criatividade.
- **Uma nova visão do tempo**: para os renascentistas, o tempo pertence ao homem e este deve usá-lo para se aperfeiçoar, conhecer, experimentar e enriquecer (se esse for seu desejo). Já na visão medieval, o tempo pertence a Deus; por isso, seria pecado emprestar dinheiro a juros, ou seja, cobrar pelo tempo em que o dinheiro esteve emprestado.

Estudo das proporções do corpo humano feito pelo artista e cientista Leonardo da Vinci para o livro ***De Architectura***, de Marco Vitrúvio, 1492. Galeria da Academia. Veneza, Itália.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Leonardo da Vinci, o desbravador do corpo humano

[...] Os portugueses nem haviam chegado ao Brasil quando Leonardo da Vinci (1452-1519) começou um dos mais impressionantes levantamentos de anatomia para entender o funcionamento de órgãos, do esqueleto, dos músculos e tendões.

Ao longo de 15 anos (de 1498 a 1513), Leonardo desenhou órgãos e elementos dos sistemas anatomofuncionais do corpo humano em um estudo que começou pela leitura das obras de autores da medicina pré-renascentista, como Galeno de Pérgamo (129-200), Mondino dei Luzzi (1270-1326) e Avicena (980-1037) [...]. Porém, jamais terminou e publicou a obra, que, segundo pesquisadores, poderia ter revolucionado a medicina mais de 20 anos antes que o belga Andreas Vesalius, considerado o "Pai da Anatomia", publicasse seu livro ***De Humani Corporis Fabrica***, em 1543, obra que marca a fase inicial dos estudos modernos sobre anatomia. [...]

Para entender as implicações e a importância dos estudos anatômicos realizados durante o Renascimento, basta imaginar que, por quase mil anos [...], as dissecações para a observação direta do corpo humano não eram permitidas nem adotadas pelas escolas de medicina medievais. [...]

Embora fosse fundamentalmente um artista, [Leonardo] considerava a anatomia como sendo algo mais que simples coadjuvante da arte. Essa atitude o levou a prosseguir com seus estudos, de tal maneira que seus conhecimentos anatômicos ultrapassaram aqueles que seriam suficientes para desempenhar sua arte. [...]

SILVA, Alessandro. Leonardo da Vinci, o desbravador do corpo humano. **Jornal da Unicamp**, Campinas, jul./ago. 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_568_pagina_04_0.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

O humanismo

Uma das correntes de ideias que mais contribuíram para a formação do Renascimento foi o **humanismo**: movimento intelectual que propunha o estudo dos autores antigos (gregos e romanos) para construir um novo conhecimento do ser humano e do mundo. Os **humanistas** traduziram e divulgaram os textos dos antigos e, com base neles, aprofundaram o conhecimento de línguas, literatura, filosofia, história e matemática.

Humanistas: intelectuais que se dedicaram aos estudos da língua e da cultura greco-romanas e que se inspiraram nelas para produzir suas obras.

Inicialmente, o termo humanista era usado apenas em relação aos eruditos dispostos a reformar o currículo das universidades. Posteriormente, aplicou-se a todos aqueles que se esforçavam para criar uma nova cultura. Imbuídos desse ideal, os humanistas opuseram-se às verdades da Igreja, desafiando seu domínio cultural e propondo o uso da razão e da experiência para se chegar à verdade.

Os humanistas rejeitavam a cultura dominante, fortemente influenciada pela Igreja. Mas isso não quer dizer que eles eram ateus; na verdade, eram cristãos que queriam reinterpretar as mensagens da Bíblia com base nos ideais da Antiguidade. Ideais esses que valorizavam o indivíduo, sua liberdade e sua participação na vida das cidades.

GALERIA DE ÓFICIOS, FLORENÇA, ITÁLIA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Francesco Petrarca (1304-1374), um dos mais notáveis humanistas, defendia o ideal de imitação dos pensadores gregos e romanos. Imitação para ele não significava cópia ou repetição, mas inspiração nos ideais greco-romanos de valorização do ser humano e da busca do novo. Segundo Petrarca, era preciso negar o "barbarismo" medieval e recuperar a idade de ouro dos antigos gregos e romanos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Explicar que os humanistas buscaram renovar o padrão de ensino e o currículo das universidades medievais, que, na época, ofereciam basicamente três carreiras: direito, medicina e teologia. O conhecimento nesses centros de estudo era fortemente influenciado pela Igreja e baseava-se no princípio da autoridade, ou seja, bastava que um doutor da Igreja, ou alguém apoiado em suas ideias, fizesse uma afirmação para que ela fosse considerada verdadeira.
- Frisar que os humanistas opuseram-se às verdades da Igreja medieval, desafiando seu domínio cultural e propondo um novo currículo universitário que incluía história, matemática e literatura.
- Refletir sobre o texto de Graça Proença (USP):

> [...] o Renascimento significou muito mais do que o simples reviver da cultura clássica: nesse período, ocorreram, no campo das artes plásticas, da literatura e das ciências, inúmeras realizações [...]. O ideal do humanismo foi, sem dúvida, o móvel de tais realizações e tornou-se o próprio espírito do Renascimento.
>
> PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2011. p. 92.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: HUMANISMO e modernidade: Petrarca faz 700 anos. Disponível em: <http://livro.pro/99h6u6>. Acesso em: 24 set. 2018.

Texto de apoio

Os humanistas

[...] Na Idade Média, os filósofos eram professores que se dedicavam a comentar opiniões de autores mais antigos. No Renascimento essa atividade também mudou: a escola tornou-se menos importante e a experiência individual passou a ser mais considerada. Nada substituía a experiência; e os filósofos renascentistas, quando liam e comentavam os autores da Antiguidade, como Platão, Aristóteles, Plotino, Pitágoras e outros, estavam, na verdade, buscando dialogar com homens que pensaram os mesmos temas que os inquietavam; jamais procuraram tirar lições prontas. Suas maiores preocupações eram: conhecer as estrelas (Giordano Bruno e Campanella); propor leis ou explicações para a organização e construção das cidades (Maquiavel, Erasmo e Montaigne); ler criticamente os textos antigos e medievais. [...]

Pouco a pouco a produção intelectual desses autores deixou de ser feita em latim, como era a regra na Idade Média; passou a ser escrita nas línguas nacionais e tornou-se acessível a maior número de pessoas. Muitos filósofos foram procurados para ensinar e aconselhar governantes, como, por exemplo, Giordano Bruno, que frequentou as cortes de França e Inglaterra; outros escreviam suas obras e as dedicavam a homens poderosos, como Maquiavel, que dedicou um de seus livros mais famosos – **O príncipe** – a Lourenço Médici, homem público de Florença.

VAN ACKER, Maria Teresa Vianna. **Renascimento e humanismo**: o homem e o mundo europeu do século XIV ao século XVI. São Paulo: Atual, 1992. p. 13-14.

ENCAMINHAMENTO

O realismo na representação da figura humana foi um traço comum aos artistas do Renascimento. Com a ajuda das ciências, pessoas, paisagens e objetos passaram a ser representados de forma realista.

- Acentuar que as cidades italianas de Florença, Siena, Milão e Bolonha podem ser consideradas o berço do Renascimento.
- Destacar que, em busca de visibilidade, os homens ricos dessas cidades pagavam para que pintores os retratassem sozinhos, em primeiro plano, ou em meio a personagens bíblicos.
- Ressaltar que, entre os grandes mecenas da época, estavam os membros de famílias poderosas, como os Médici, de Florença; os Sforza, de Milão; e os Bentivoglio, de Bolonha.

Arte e técnica no Renascimento

Os artistas do Renascimento introduziram inovações técnicas que marcaram a história da arte. Eis algumas delas:

- **o realismo na representação da figura humana** e das paisagens, isto é, o esforço em representá-las exatamente como são. Eles estudavam geometria, anatomia, matemática para que suas obras apresentassem equilíbrio, harmonia e expressividade.
- **o domínio da perspectiva**, técnica que permite transmitir a sensação de profundidade em uma superfície plana. Por meio dela, os artistas obtinham efeitos tridimensionais em suas telas e afrescos (veja nesta página a aplicação da perspectiva na reprodução do quadro **A anunciação**, de Leonardo da Vinci).

GALERIA DE OFÍCIOS, FLORENÇA, ITÁLIA. FOTO: SIME PHOTO/LATINSTOCK

A anunciação. 1472-1475. Óleo sobre tela de Leonardo da Vinci, 98 cm x 217 cm. Observe o efeito de profundidade criado pela aplicação da técnica da perspectiva.

- **a iniciativa de o artista pintar a si próprio (autorretrato)**. Além de produzir imagens de si próprios, os pintores do Renascimento passaram a assinar suas obras, de modo a deixar sua marca e obter projeção social.

O Renascimento italiano

O Renascimento começou nas movimentadas cidades da península Itálica, como Siena, Florença, Milão e Bolonha. Essas cidades eram governadas por homens ricos e poderosos que queriam criar novas imagens de si e da sociedade em que viviam. Para isso, financiavam artistas, cientistas e letrados. Comerciantes, banqueiros, príncipes e papas que financiavam um artista ou cientista eram chamados de **mecenas**, isto é, protetores das artes e das ciências.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Nicolau Nicoli, humanista e mecenas

Nicolau era de boa família; era um dos quatro filhos dum rico mercador... Por vontade de seu pai, entrou no comércio ainda jovem... Depois da morte do pai (largou os negócios) para fazer o que lhe agradava. Senhor duma bela fortuna, estudou as letras latinas, em que se tornou rapidamente muito instruído... trabalhou muito o latim e o grego. [...] A sua casa estava sempre cheia de homens distintos e de jovens notáveis da cidade. Quanto aos estrangeiros que vinham nessa época a Florença, todos pensavam que se não visitassem Nicolau ficariam sem conhecer Florença... Tinha uma bela biblioteca e procurava todos os livros raros, sem olhar ao seu preço... Vendeu várias das suas propriedades e gastou o dinheiro com a sua biblioteca... Além das suas notáveis qualidades, tinha uma opinião esclarecida não somente sobre as letras, mas também sobre a pintura e a escultura. Possuía em sua casa grande número de medalhas de bronze, de prata e de ouro, assim como figurinhas antigas de cobre e bustos de mármore...

Nicolau encorajava sempre os estudantes [...] a prosseguir na carreira literária e ajudava generosamente todos aqueles que mostravam qualidades, fornecendo-lhes professores e livros, pois nessa época não eram tão numerosos como hoje. Pode-se dizer que ele fez reviver as letras gregas e latinas em Florença, onde estavam há muito tempo esquecidas e, se bem que Petrarca, Dante e Boccaccio tivessem tentado reabilitá-las, não tinham ainda atingido a importância que obtiveram graças aos trabalhos de Nicolau; com efeito, ele levava muitos dos seus contemporâneos a estudar as letras e, persuadidos por ele, numerosos eruditos vieram a Florença estudar e ensinar... Nicolau protegia os pintores, os escultores, os arquitetos, bem como os homens de letras, e tinha um profundo conhecimento das suas técnicas. Favoreceu particularmente Filippo Brunelleschi, Donatello, Lucca della Robia, Lorenzo di Bartuloccio e conhecia-os [...].

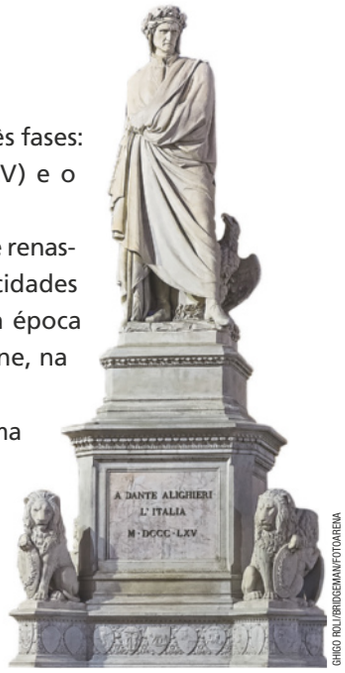
VESPASIANO da Bisticci. Vida dos homens ilustres. In: FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de História**. Lisboa: Plátano, 1976. v. 2. p. 144-145.

Fases do Renascimento

O Renascimento italiano pode ser dividido em três fases: o ***Trecento*** (século XIV), o ***Quattrocento*** (século XV) e o ***Cinquecento*** (século XVI).

O ***Trecento*** foi um período de transição para a arte renascentista. Seus principais centros culturais foram as cidades de Siena e Florença. Dois importantes artistas dessa época são Dante Alighieri, na literatura, e Giotto di Bondone, na pintura.

Dante Alighieri (1265-1321) foi autor do longo poema **Divina comédia**, obra com características ao mesmo tempo medievais e renascentistas. Narra a viagem do próprio Dante, ao lado do poeta romano Virgílio, pelo inferno e pelo purgatório até chegar ao paraíso. Essa narrativa tem uma conotação medieval. Seu lado moderno, porém, está no fato de representar as pessoas que Dante encontrou no reino dos mortos agindo como seres humanos comuns: sentindo amor, ódio, alegria, tristeza etc.



GHIGO ROLI/BRIDGEMAN/FOTOARENA

Memorial a Dante Alighieri. Enrico Pazzi (1819-1899). Florença, Itália.

Giotto di Bondone (1266-1337) é o grande mestre do *Trecento* na pintura. Nas suas obras, as figuras começam a ganhar vida e movimento; os rostos se tornam mais expressivos e os cenários começam a ter profundidade. Vários de seus personagens agem como seres comuns, o que era pouco comum na época. Observe a imagem ao lado.

IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, ITÁLIA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

São Francisco dá seu manto a um pobre, afresco de Giotto di Bondone, 1296-1297. Igreja de São Francisco de Assis. Assis, Itália.

ENCAMINHAMENTO

- Destacar que o *Trecento* corresponde à fase inicial de elaboração da cultura renascentista, quando serão gestados e divulgados alguns dos padrões e valores da nova arte e do pensamento humanista. Na Itália desse período, destacam-se Giotto, Duccio e Cimabue, na pintura; e Dante, Petrarca e Boccaccio, na literatura.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: GIOTTO: pintor e arquiteto italiano. Disponível em: <http://livro.pro/buz45f>; e *TRECENTO* (século XIV): Neoclássico. Disponível em: <http://livro.pro/f3ay9w>. Acessos em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GIOTTO. Duração: 4min55s. Disponível em: <http://livro.pro/ax5z44>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo com apresentação de diversas obras do artista italiano Giotto.

- DIVINA Comédia, de Dante Alighieri. Duração: 28min30s. Disponível em: <http://livro.pro/om2rsq>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo sobre a vida e a obra de Dante Alighieri.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

A literatura de Dante

O século XX conheceu grandes interpretações da obra de Dante Alighieri. Tanto **Vida Nova** quanto a **Divina Comédia** e **Da Monarquia** foram tema de ensaios que se tornaram clássicos dos estudos internacionais sobre Literatura: Ernst Curtius, Benedetto Croce, Eric Auerbach, Ezra Pound, Jorge Luís Borges, dentre outros nomes ilustres das letras, dedicaram linhas que se tornaram axiomáticas sobre o grande poeta de Florença e abriram possibilidades de pesquisa e debate não só na área da literatura renascentista italiana, mas para todas as disciplinas que se ocupam dos fenômenos literários [...].

No Renascimento italiano, a **Comédia** era considerada um completo compêndio de conhecimentos da tradição cristã e guia para estudos sobre temas vindos da Antiguidade greco-latina, citado para explicar fenômenos físicos, políticos, jurídicos, artísticos... nas cartas endereçadas a seu mecenas Lorenzo di Pierfrancesco de Médici, Américo Vespúcio cita Dante, afirmando que o poeta estava certo ao descrever o céu noturno, quando da mudança de hemisfério, e Cristóvão Colombo, ao descrever as matas americanas, responde à descrição de Dante do monte do Purgatório e da selva que circunda o Paraíso Terrestre. Calvino retira de Dante a ideia de que é possível expressar com palavras o conhecimento que se tem do mundo, tanto o mundo além-túmulo quanto o do espaço sideral. [...]

Dante foi um dos autores que contribuiu para a construção do legado da literatura no mundo ocidental; mas seria teleológico tratar sua obra como produto de um artista que se colocava como um literato gênio; essa concepção, surgida no Romantismo, torna estreito o projeto cognitivo dantesco.

VERMEERSCH, Paula. **Calvino, leitor de Dante**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00018.htm>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Informar que a cidade de Florença tornou-se o principal polo cultural da Europa, em parte devido ao fato de ter sido governada, entre 1434 e 1492, pelos Médici, uma família de ricos banqueiros e comerciantes florentinos que criaram um ambiente propício às artes e aos estudos.
- Comentar que Lourenço de Médici, o Magnífico, foi um mecenas arrojado e o maior colecionador de obras de arte do seu tempo, tendo incentivado sistematicamente a produção cultural e artística.
- Destacar que Donatello marcou sua época; seus personagens têm força psicológica e suas obras têm um sentido de monumentalidade.
- Esclarecer que, durante o *Quattrocento,* a técnica do quadro produzido em cavalete superou a técnica do afresco e as telas substituíram o quadro em madeira, facilitando o trabalho dos pintores. A partir de então, as obras podiam ser transportadas, o que intensificou sua comercialização.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: RENASCIMENTO florentino e os Médici. Disponível em: <http://livro.pro/fn4dgf>. Acesso em: 24 set. 2018.

Texto de apoio

Pintura renascentista

[...]

No *Quattrocento* algo importante aconteceu na arte pictórica renascentista. Em especial na Itália, em Florença, desenvolveu-se um sistema de figuração em perspectiva, uma representação plástica que, pelos quatro séculos seguintes, satisfez as necessidades figurativas da civilização ocidental.

Começou com Brunelleschi, na construção da cúpula da catedral de Santa Maria del Fiore. [...] A partir das contribuições de Filippo Brunelleschi e de Leon Battista Alberti, posteriormente elaboradas por Leonardo da Vinci, o infinito ganha uma representação espacial através da perspectiva cônica. Esta técnica procura um realismo ótico com as imagens diminuindo de tamanho à medida que se encontram mais afastadas e com as linhas convergindo para um mesmo ponto, o ponto de fuga. O ponto de encontro das linhas é o lugar em que a ação se perde na distância e por isso representa o infinito. [...]

A pintura do *Quattrocento* é devedora dos cenários e acessórios tradicionais do teatro antigo e medieval – rochedos, troncos, arcos, colunas, pavilhões –, é por isto mais próxima dos cenários de teatro do que da realidade das ruas de Florença. Utilizaram-se temas clássicos, religiosos e míticos porque ainda não se conseguia romper com os parâmetros morais convencionais, mas, gradualmente, foram sendo substituídos os signos de notação das crenças religiosas medievais e os acessórios cênicos do teatro e da arquitetura clássica presentes em suas propostas por um novo sistema de representação. [...]

RAPOSO, Maria Tereza Resende. O conceito de imitação na pintura renascentista e impressionista. **Metanoia**, São João del-Rei, n. 1, p. 44, 1998/1999. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista01/texto04_arte_renascimento.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

No século XV – o chamado ***Quattrocento*** –, a cidade de Florença, governada pela família Médici, de 1434 a 1492, tornou-se o principal centro da arte renascentista. Os Médici foram importantes mecenas dos artistas florentinos. Entre estes, destacaram-se Brunelleschi, Donatello e Botticelli.

Filippo Brunelleschi (1337-1446) foi pintor, escultor e arquiteto, além de ter conhecimentos aprofundados de matemática e geometria. Seu trabalho mais conhecido é a cúpula da catedral de Florença, ou Catedral de Santa Maria del Fiore. Observe a imagem.

ELENA KATKOVA/SHUTTERSTOCK.COM

Catedral de Santa Maria del Fiore em fotografia de 2018. Florença, Itália.

Donatello (1386-1466) é considerado o primeiro dos grandes escultores renascentistas. Repare no vigor, no realismo e na força psicológica do **Davi** esculpido por ele (ao lado). Com seu talento e técnica, Donatello influenciou fortemente a arte escultórica moderna.

MUSEU NACIONAL DE BARGELLO, FLORENÇA, ITÁLIA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Davi, de Donatello, 1408-1411. Museu Nacional de Bargello. Florença, Itália.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

72

Sandro Botticelli (1445-1510) foi um dos principais pintores da cidade de Florença no *Quattrocento*; o artista se inspirou inicialmente na mitologia greco-romana e, mais tarde, na tradição cristã para realizar sua obra.

GALLERIA DEGLI UFFIZI, FLORENÇA. FOTO: G. NIMATALLAH/DEA/GETTY IMAGES

O nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli, c. 1485. Têmpera sobre tela, 172 cm x 278 cm. Galleria degli Uffizi, Florença. Nessa pintura, Botticelli representou a deusa romana do amor e da beleza no momento de seu nascimento. Segundo a mitologia greco-romana, Vênus teria nascido em meio às espumas do mar. De pé sobre uma concha, na pintura, ela é soprada em direção à margem por Zéfiro, o Vento Oeste. Para pintar sua Vênus, Botticelli utilizou como modelo a jovem Simonetta Vespucci, amada de um filho de Lourenço de Médici, o Magnífico, governante da cidade de Florença.

No século XVI – o ***Cinquecento*** –, a cidade de Florença perdeu importância e **Roma** passou a ser o principal polo cultural do Renascimento. Entre os maiores nomes da pintura italiana no *Cinquecento* estão Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarroti e Rafael Sanzio. A influência desses artistas marcou praticamente toda a arte ocidental até o início do século XX.

MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Leonardo da Vinci (1452-1519) foi pintor, escultor, arquiteto, cientista, engenheiro e inventor. Projetou armas, pontes e cidades e pintou obras como a **Mona Lisa** e **A última ceia**, que continuam a ser objeto de admiração, estudo e debate. Seu conhecimento de anatomia, o uso primoroso da técnica da perspectiva e do jogo de luz e sombra (*chiaroscuro*) fizeram de Da Vinci um dos maiores pintores de todos os tempos. Observe a reprodução da tela intitulada **Mona Lisa**.

Mona Lisa, conhecida também como **La Gioconda** (c. 1503-1505), óleo sobre madeira de Leonardo da Vinci, 77 cm x 53 cm. Museu do Louvre, Paris. É talvez a pintura mais famosa do mundo. Para alguns, o sorriso sutil e misterioso da personagem evoca indiferença; para outros, alegria contida; e para outros, ainda, ironia. Talvez Da Vinci quisesse mesmo provocar essa dúvida.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Leonardo da Vinci e Mona Lisa

O sorriso misterioso de Mona Lisa, popularizado em pôsteres, cartões, camisetas a partir do quadro de 77 por 53 cm, pintado pelo renascentista Leonardo da Vinci no século XVI, tornou-se um ícone da cultura ocidental [...].

Parte da fama e do mistério relacionados ao quadro estão ligados ao próprio artista. Leonardo era uma personalidade especial, entendia de ciências naturais, ótica, anatomia, engenharia [...].

O pintor foi, também, um estudioso das proporções humanas. Usava a perspectiva em muitas de suas obras, mas nem sempre seguia rigorosamente as regras. [...]

[...] **Mona Lisa** demorou cerca de quatro anos para ficar pronta. A tela viajou com o pintor por muitas cidades e permaneceu na corte francesa após sua morte. [...]

LEMOS, Ingrid. Mona Lisa faz 500 anos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 2, abr./jun. 2004. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200030>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Informar que, no *Cinquecento*, Florença, apesar de ter declinado, continuou se envolvendo em disputas comerciais e guerras com outras cidades da Itália (nelas se confrontavam exércitos mercenários chefiados pelos *condottieri*, chefes de tropas).
- Esclarecer que, no *Cinquecento*, Roma passou a ser o principal centro de produção renascentista. Os papas Júlio II (1510-1513) e Leão X (1513-1521), este último filho de Lourenço de Médici, criam um ambiente de luxo e requinte cultural, propício à produção artística, e atraem para Roma artistas da estatura de Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo Buonarroti (1475-1564) e Rafael Sanzio (1483-1520).
- Destacar que a influência desses artistas foi decisiva e marcou praticamente toda a arte ocidental até o início do século XX. Eles incorporaram os aperfeiçoamentos técnicos e as descobertas formais que vinham se multiplicando desde Giotto e lhes deram um acabamento refinado e, ao mesmo tempo, rico de significações.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: BOTTICELLI: pintura e teoria. Disponível em: <http://livro.pro/dqq4mh>. Acesso em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- LEONARDO da Vinci: o sorriso e o entrelaçamento. Duração: 29min33s. Disponível em: <http://livro.pro/7zhcph>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo sobre a trajetória e a obra do artista.

ENCAMINHAMENTO

- Informar que Michelangelo Buonarroti, aos 23 anos, esculpiu a **Pietà** e, três anos depois, o colossal **Davi**.
- Comentar que Rafael Sanzio usou com maestria uma série de técnicas herdadas de seus antecessores, o que explica a perfeição das suas figuras – religiosas e/ou da mitologia greco-romana.
- Frisar que Maquiavel é considerado por muitos o fundador da política como ciência. Sua principal obra, **O príncipe**, tem sido objeto de debates frequentes. Para alguns, Maquiavel criou a ideia de que os fins justificam os meios, isto é, qualquer meio é válido para se chegar ao poder; para outros, ele apenas registrou sua longa experiência na vida pública.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: MICHELANGELO: da criação do universo ao juízo final, breve análise sobre o trabalho da Capela Sistina. Disponível em: <http://livro.pro/rypyp4>; e MESTRES do Renascimento: obras-primas italianas. Disponível em: <http://livro.pro/qcf7aa>. Acessos em: 24 set. 2018.

Dialogando

a) Sugere movimento, como se pode notar observando os corpos, as vestes e os gestos das personagens.
b) Sim; note que o artista esforçou-se para reproduzir com fidelidade as formas, os gestos e as expressões humanos.
c) Individualismo: basta ver a singularidade de cada corpo retratado (o feminino e o masculino); o antropocentrismo: na cena, Cristo é mostrado como um homem de formas exuberantes, musculoso, viril; o corpo como fonte de beleza (e não de pecado, como na Idade Média): os corpos dos personagens são pintados de modo a impressionar o observador.

Michelangelo Buonarroti (1475-1564) foi escultor, pintor e arquiteto. É conhecido como "poeta do corpo" pela forma precisa como representou cada músculo, ruga ou veia e pela plasticidade e força interior de seus personagens. Muito jovem ainda, esculpiu **Pietà**; três anos depois, talhou o colossal **Davi** em um bloco de mármore com 4,15 metros de altura. Michelangelo tornou-se conhecido também pelos afrescos que pintou na Capela Sistina (Vaticano). São centenas de figuras, algumas enormes, cuja produção custou ao artista quase cinco anos de trabalho. As cenas são de episódios da Bíblia, desde a criação do mundo até o juízo final.

VATICANO/S. ROMA. FOTO: ARNOLDO MONDADORI EDITORE/AGE FOTOSTOCK/ABB PHOTO LIBRARY

DIALOGANDO

a) A cena representada é estática ou sugere movimento?
b) Pode-se perceber o realismo na representação da figura humana? Justifique.
c) Que valores renascentistas estão presentes no afresco?

Detalhe de O juízo final, no qual Cristo é representado como o juiz que separa os eleitos, que vão para o paraíso, e os condenados, ao inferno. Afresco de Michelangelo Buonarroti, Capela Sistina, séc. XVI. Cidade do Vaticano.

Rafael Sanzio (1483-1520) utilizou com eficiência as técnicas de pintura criadas durante o Renascimento. Foi o retratista oficial de alguns dos homens mais ricos e poderosos de seu tempo. Por sua capacidade de representar madonas graciosas e delicadas, é considerado o "mestre das emoções medidas".

Nesse ambiente turbulento, o *Cinquecento* viu surgir também um pensador original, com sólida formação intelectual e experiência na vida pública, o florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527). Sua obra mais conhecida e divulgada é **O príncipe**, uma reflexão sobre as ações que o governante deve empreender para conquistar e manter o poder. Por considerar a política como um campo independente da moral e da religião, Maquiavel é tido como o fundador da ciência política.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IMAGENS EM MOVIMENTO

- PIETÀ. Duração: 3min49s. Disponível em: <http://livro.pro/5967wu>. Acesso em: 24 set. 2018.

Sequência de imagens da obra **Pietà**, de Michelangelo.

- RAFAEL Sanzio. Duração: 30min54s. Disponível em: <http://livro.pro/xd8djk>. Acesso em: 24 set. 2018.

Conheça mais sobre Rafael Sanzio nesse documentário.

- O PRÍNCIPE (Nicolau Maquiavel). Legendado. Duração: 50min40s. Disponível em: <http://livro.pro/fmesup>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo explicativo sobre a obra de Maquiavel.

A expansão do Renascimento

O Renascimento se expandiu a partir da Itália para outras partes da Europa. Um fator que contribuiu para a divulgação das obras renascentistas foi o aperfeiçoamento da imprensa por Johannes Gutenberg (1400-1468), o que permitiu a impressão de muitos textos em pouco tempo. Grandes nomes do Renascimento se destacaram também em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda e Alemanha.

Escritores

Luís Vaz de Camões (1524-1580) é considerado o maior poeta da língua portuguesa. Sua obra-prima, **Os Lusíadas**, é um poema em homenagem ao povo português e conta a viagem do navegador Vasco da Gama às Índias.

PARA SABER MAIS

Camões: homem de pensamento e de ação

Camões possuía sólida formação intelectual; era capaz de ler tanto em latim quanto em grego; mas não se dedicou só aos estudos; levou uma vida agitada e cheia de aventuras. Daí dizer-se que ele "segurava a pena numa das mãos e a espada na outra".

Em luta contra os muçulmanos, no norte da África, perdeu o olho direito. Em viagem à costa da China, naufragou próximo ao atual Vietnã; mas, nadando, conseguiu salvar os manuscritos de **Os Lusíadas**.

Para escrever essa obra, ele se inspirou tanto em suas longas viagens quanto nos escritos dos autores gregos e latinos. Em **Os Lusíadas**, Camões diz em versos que as navegações portuguesas não foram obra de um único homem (Vasco da Gama), mas o resultado do esforço do povo português.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, LISBOA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Poeta Luís de Camões. Óleo sobre tela. Séculos XVI-XVII. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa, Portugal.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que a expansão marítima luso-espanhola e a consequente descoberta de novas rotas comerciais ligando a Europa ao Oriente colaboraram para a decadência econômica das cidades italianas e para a ascensão de cidades europeias banhadas pelo Atlântico. Esse foi um dos fatores que contribuíram para que o Renascimento se expandisse a partir da Itália para outras regiões da Europa.
- Aprofundar o assunto acessando o *site*: OBRAS completas de Luís de Camões. Disponível em: <http://livro.pro/9xun82>. Acesso em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- QUEM ÉS tu, Luís Vaz de Camões? Duração: 54min22s. Disponível em: <http://livro.pro/bydq97>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre a vida de Camões. Áudio em português europeu.

- LITERATURA fundamental 33: **Os Lusíadas**. Alcir Pécora. Duração: 29min35s. Disponível em: <http://livro.pro/m7xwum>. Acesso em: 24 set. 2018.

Entrevista com o professor Alcir Pécora, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, sobre a obra **Os Lusíadas**, de Camões.

Texto de apoio

A influência de Camões na cultura brasileira

[...] podemos tranquilamente afirmar que todo poeta brasileiro, do maior ao menor, pagou algum tributo de admiração a Camões. Não existe sequer uma exceção nos poetas mencionados nas nossas histórias literárias. [...]

[...] O que mudou foi o estilo do ritual camoniano: primeiro, nos tempos de formação da nossa literatura, era a simples adesão imitativa a um modelo estético, como nos séculos XVII e XVIII; a veneração como gênio veio no romantismo; no realismo foi a verificação estético-determinista; o simbolismo procurou explorar a atmosfera trágica do episódio de Inês de Castro; e deu-se afinal o reconhecimento formal com os modernistas. Em todos os momentos da nossa história literária o pesquisador comprova o tributo de homenagem e de admiração à obra de Camões, cuja epopeia tem servido também de motivos para sátiras político-sociais. O certo é que tanto a obra como o nome de Camões se foram transformando em matéria de pura criação literária. Verifica-se assim que o processo da influência camoniana vai do nome do poeta, citado no texto dos poemas, aos versos e nome postos em epígrafe e adquirem um sentido maior de intertextualização quando lhe retomam os temas e as formas expressivas, declarando-se conscientemente sob influência de sua obra literária. Deste modo, Camões foi sempre o poeta modelo da poesia brasileira: foi tido como Príncipe no século XVIII; foi visto como gênio, no romantismo; e foi e é sentido até como o maior poeta brasileiro [...].

TELES, Gilberto Mendonça. O mito camoniano: a influência de Camões na cultura brasileira. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 3-4, n. 2, p. 44-45, 1980/1981. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3035/1/1980_Art_GMTeles.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Informar que outro personagem central na obra de Miguel de Cervantes é o escudeiro de Dom Quixote, de nome Sancho Pança, que, diferentemente de seu amo, tem grande atração pelo modo de vida burguês e representa o apego aos valores materiais. Cervantes usa a ironia e o humor para criticar tanto a nobreza, na figura de Dom Quixote, quanto a burguesia, representada por Sancho Pança.
- Acentuar que o escritor e jurista Thomas Morus (1478-1535), autor de **Utopia**, foi um dos humanistas mais ativos de seu tempo e que, através de suas críticas, combatia a injustiça, a cobiça, a intolerância e a irracionalidade observadas em sua época.
- Comentar que William Shakespeare foi um dos maiores dramaturgos de todos os tempos. Por meio de seus personagens psicologicamente bem caracterizados, o dramaturgo inglês nos coloca questões de alcance universal e atemporais, o que certamente ajuda a explicar a popularidade da sua obra.
- Alertar para o fato de que Shakespeare tem uma história semelhante à da burguesia londrina. Por meio do trabalho, da disciplina e da moderação nos gastos, conseguiu riqueza e prestígio social, terminando seus dias como um empresário de sucesso. Isso ajuda a explicar por que, em três de suas grandes obras (**Macbeth**, **Hamlet** e **Henrique IV**), ele valorizou a ordem estabelecida e representou o caos e a desordem como ameaças a ela. Além disso, o dramaturgo mostrou simpatia por uma monarquia forte e uma moral rígida.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: UTOPIA (Thomas More). Disponível em: <http://livro.pro/gtnfun>. Acesso em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- DOM QUIXOTE de La Mancha (Miguel de Cervantes). Duração: 46min57s. Disponível em: <http://livro.pro/g6uxxn>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre a obra **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes.

- HAMLET. Duração: 30min16s. Disponível em: <http://livro.pro/ayv6ty>. Acesso em: 24 set. 2018.

Entrevista em que o professor John Milton, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, fala sobre **Hamlet**, de Shakespeare.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

A aventura com os moinhos. Gravura inspirada na obra de Gustave Doré sobre D. Quixote e os moinhos. Julgando que o moinho de vento fosse um gigante, D. Quixote investe contra ele; sua lança fica presa em uma das pás rodantes do moinho e D. Quixote é derrubado do cavalo. Ao fundo, seu fiel escudeiro se desespera ao ver a cena.

Miguel de Cervantes (1547-1616). A principal obra desse extraordinário escritor espanhol é **Dom Quixote de La Mancha**. Seus principais personagens são Dom Quixote, um nobre sonhador que quer reviver as glórias dos cavaleiros medievais, e seu escudeiro Sancho Pança, que só pensa em dormir e comer bem, além de possuir enorme senso prático.

Assim, Cervantes ironiza tanto os ideais da cavalaria medieval, cultivados por Dom Quixote, quanto o modo de vida burguês, associado à figura de Sancho Pança.

Dica!
Shakespeare, por Leandro Karnal. Duração: 12 min. Disponível em: <http://livro.pro/qszwfq>. Acesso em: 24 set. 2018. Sobre a vida e as obras de William Shakespeare.

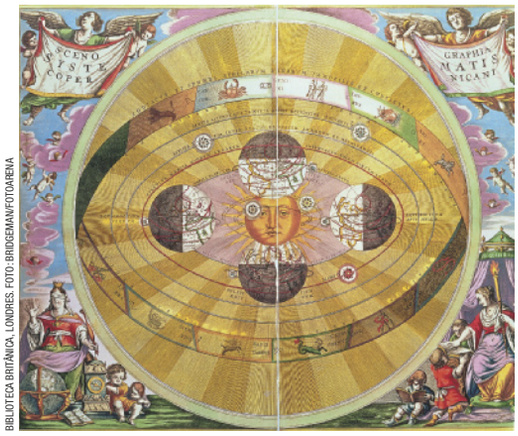
Thomas Morus (1478-1535) foi um escritor e jurista inglês, autor de **Utopia**, obra na qual descreve uma ilha imaginária, habitada por uma sociedade justa e fraterna. Com isso, Morus pretendeu criticar as injustiças e abusos de seu tempo.

William Shakespeare (1564-1616) também era inglês e foi um dos maiores autores de peças teatrais do mundo; criou tragédias, como **Romeu e Julieta**, **Hamlet** e **Macbeth**, comédias, como **Sonho de uma noite de verão**, e dramas históricos, como **Henrique VIII**. Muitas delas foram adaptadas para a televisão, o cinema e a história em quadrinhos. Em suas obras, Shakespeare aborda temas universais e propõe reflexões que continuam a despertar interesse e admiração.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

76

Cientistas do Renascimento



BIBLIOTECA BRITÂNICA, LONDRES. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Representação da teoria do heliocentrismo. Atlas Celestial de Andreas Cellarius. 1660. Londres, Reino Unido.

Outro importante pensador da época foi **Nicolau Copérnico** (1473-1543), matemático e físico nascido onde hoje é a Polônia. Ele descreveu os movimentos da Terra e formulou a teoria do **heliocentrismo** (o Sol como centro do sistema planetário). Lembre-se de que na época de Copérnico os doutores da Igreja defendiam o **geocentrismo**, ou seja, a ideia de que a Terra ocupa o centro do Universo e o Sol gira ao seu redor.

Mas foi **Galileu Galilei** (1564-1642) o cientista que comprovou a teoria do heliocentrismo, proposta por Nicolau Copérnico. Por meio de um pequeno telescópio, construído por ele mesmo, Galileu verificou que a Terra era apenas mais um astro entre milhões de outros. Concluiu também que a Terra efetuava dois movimentos: um ao redor de si mesma e outro ao redor do Sol. Na época, a Igreja defendia o geocentrismo. Por defender o heliocentrismo, Galileu foi julgado por um tribunal da Igreja e, para escapar à morte, negou sua teoria.

Considerado o criador da física moderna, Galileu Galilei foi um dos mais brilhantes cientistas que o mundo já conheceu. Descobriu os satélites de Júpiter, os anéis de Saturno e que a velocidade da luz é superior à do som.

INSTITUTO E MUSEU DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA, FLORENÇA, ITÁLIA. FOTO: ALBUM/AG. IMAGES/FOTOARENA

Telescópio usado por Galileu durante a comprovação do heliocentrismo.

Dica!

TV Escola: geocentrismo x heliocentrismo. Duração: 2 min. Disponível em: <http://livro.pro/zsxnu9>. Acesso em: 24 set. 2018.

DIVULGAÇÃO PROIBIDA 2020

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que um dos maiores cientistas da época foi Nicolau Copérnico (1473-1543), matemático e físico polonês que descreveu os movimentos da Terra e formulou a teoria do heliocentrismo (o Sol como centro do sistema planetário).
- Informar que, somente em 1992, a Igreja suspendeu a pena canônica imposta ao criador da física moderna Galileu Galilei.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: OITO curiosidades sobre Nicolau Copérnico, pai do heliocentrismo. Disponível em: <http://livro.pro/hiy5ap>. Acesso em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GÊNIOS da ciência: Galileu. Duração: 1h52min. Disponível em: <http://livro.pro/zxhz8p>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre a vida e as descobertas científicas de Galileu Galilei.

Texto de apoio

Galileu Galilei

Depois de rápida passagem por um monastério de Pisa, descontente, ao que se acredita, com os métodos de ensino, Galileu Galilei (1564-1642) transferiu-se para o curso de Medicina, em 1581, no qual permaneceu durante quatro anos. Em seguida, decidiu estudar Matemática, concentrando seus interesses em balística, hidráulica e mecânica. Em 1592, a seu pedido, transferiu-se para Pádua, por considerá-la mais tolerante em relação à liberdade de investigação. De 1600 a 1609, entre outros estudos, elaborou seu tratado sobre o movimento e, no último daqueles anos, desenvolveu seu famoso *perspicilli*, ou telescópio, instrumento que lhe permitiu observar mais detalhadamente o céu, seja para aprimorar mais sua visão sobre os astros visíveis a olho nu, seja para ver outros até então ocultos à visão humana. Em seu saboroso relato sobre essas experiências, Galileu escreveu sobre a importância de se acrescentar ao grande número de estrelas fixas que os homens puderam, até então, observar a olho nu outras estrelas inumeráveis, abrindo ao olhar esse espetáculo anteriormente oculto.

O uso do telescópio permitiu a Galileu fazer outras descobertas, descritas sempre com grande entusiasmo. Uma das mais interessantes é aquela que descreveu como "coisa magnífica e agradável à vista contemplar o corpo da Lua" com o auxílio do telescópio: "qualquer pessoa pode dar-se conta, com a certeza dos sentidos, de que a Lua é dotada de uma superfície não lisa e polida, mas feita de asperezas e rugosidade, que, tanto como a face da própria Terra, é por toda parte cheia de enormes ondulações, abismos profundos e sinuosidades". Para se ter ideia aproximada do significado da descrição da Lua feita por Galileu – algo que, hoje, não surpreenderia um estudante do ensino básico – é suficiente lembrar que ela punha abaixo o princípio aristotélico da incorruptibilidade celeste. Além disso, ele sustentava sua certeza pelos sentidos, algo arriscado à época, quando era a fé que deveria determinar a verdade inquestionável das coisas, o que incluía, também, a textura do solo lunar...

MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 91.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Sobre o Renascimento, responda:

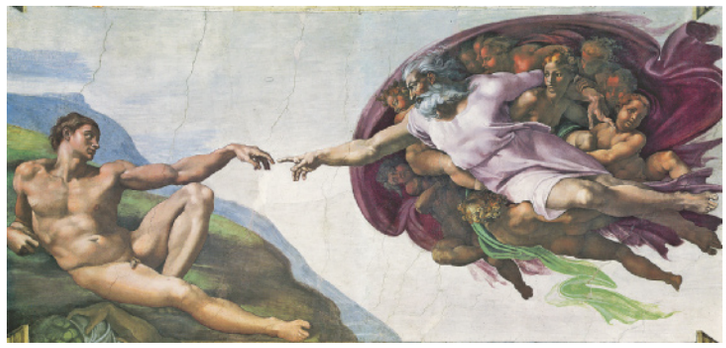
a) O que foi, onde e quando começou?

b) Quem financiava os artistas e estudiosos do Renascimento?

c) Com que objetivo eles financiavam os artistas e estudiosos?

2. Com base nas fontes 1 e 2, responda:

Fonte 1



MUSEUS VATICANOS, ROMA

Detalhe do afresco **A criação do homem**, de Michelangelo, c. 1508-1515. Capela Sistina, Cidade do Vaticano.

Fonte 2

Que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio;
tão vário na capacidade; em forma e movimento,
tão preciso e admirável, na ação é como um anjo;
no entendimento é como um deus; a beleza do mundo;
o exemplo dos animais.

Trecho da obra **Hamlet**, de William Shakespeare.

a) Quem são os personagens representados na fonte 1?

b) Como os personagens da fonte 1 estão representados?

c) Que característica do Renascimento se pode perceber na fonte 2?

d) A fonte 1 confirma ou nega a fonte 2?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Foi um movimento cultural intenso iniciado no século XIV nas cidades italianas, o qual se propagou por várias regiões da Europa.
   b) Homens ricos – comerciantes, banqueiros, príncipes, papas –, conhecidos como mecenas.
   c) Para conseguir prestígio e projeção social.
2. a) Os personagens são Deus e Adão, entre outros.
   b) Deus é representado por um homem vigoroso de cabelos brancos; Adão é mostrado como um jovem de corpo musculoso e belo. Em seus olhares podemos perceber cumplicidade, como a que se vê na relação entre pai e filho; a expressão da criatura é de encantamento, a do Criador, de determinação.
   c) O antropocentrismo, ou seja, o homem no centro das atenções e como medida de todas as coisas.
   d) A fonte 1 (pintura) confirma o texto apresentado na fonte 2. O texto de Shakespeare e a pintura de Michelangelo são uma exaltação/glorificação do ser humano; basta ver que, na pintura, Deus e o homem são representados com formas e proporções idênticas.

• Aprofundar o assunto acessando o texto: RENASCIMENTO. Disponível em: <http://livro.pro/uxp9iu>. Acesso em: 24 set. 2018.

Texto de apoio

As renascenças foram apenas europeias?

O Renascimento italiano foi o único? Historicamente, para a Europa, é claro que foi. Mas sociologicamente? Há duas importantes características num renascimento ou renascimentos: um olhar para o passado e uma florescência. Da perspectiva transcultural, esses fenômenos não são necessariamente coincidentes. [...]

Do ponto de vista histórico, o Renascimento italiano foi o único. Sociologicamente, no entanto, devemos vê-lo não apenas como uma experiência europeia, mas como a experiência de uma classe maior de eventos que ocorre em todas as culturas letradas e envolve tanto um olhar retrospectivo quanto um salto para frente, nem sempre combinados em um único evento. Períodos de florescência não foram raros nas sociedades letradas (e são conhecidos com frequência como "eras douradas"), mas a velocidade da mudança cultural é afetada, é claro, pelo modo de comunicação; o ir em frente nem sempre – mas com frequência – envolve um olhar retrospectivo. Mesmo na Europa, o Renascimento italiano não foi o primeiro desses períodos. Se o humanista europeu afirma ter "reformado o mundo" olhando para a literatura clássica que havia sido desprezada, o que isso nos diz a respeito do Renascimento ou do mundo? O Renascimento não foi único ou humanista no sentido de uma revivificação da literatura antiga. Isso aconteceu em outros lugares e em função do letramento. [...]

3. Identifique a frase **INCORRETA** e justifique sua escolha. São características do Renascimento:

a) Valorização do passado greco-romano: a valorização das obras gregas e romanas da Antiguidade.

b) Antropocentrismo – o homem no centro das atenções.

c) Individualismo, ou seja, a valorização da capacidade individual, do talento e da criatividade.

d) Uma visão do tempo segundo a qual o tempo pertence a Deus, por isso é pecado emprestar dinheiro a juros.

4. Identifique a afirmativa **INCORRETA** e justifique sua escolha.

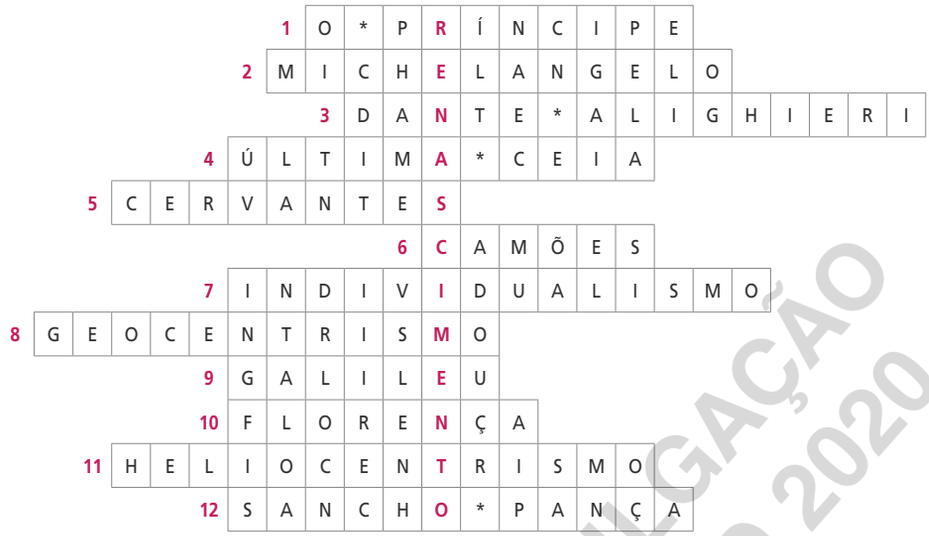
a) O homem medieval guiava-se pelo ritmo da natureza, levantava com a luz do sol e parava de trabalhar quando anoitecia.

b) O homem renascentista acreditava que nada podia mudar seu destino e que ele já tinha sido traçado por Deus.

c) Com o crescimento do comércio e das cidades, surgiu a necessidade de calcular, dividir e controlar o tempo.

d) A expressão "tempo é dinheiro" nasceu durante o Renascimento e é muito usada ainda hoje.

5. Elabore, em seu caderno, as dicas que resultaram na cruzadinha.



DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. Alternativa D. Justificativa: Uma visão do tempo segundo a qual o tempo pertence ao homem e este deve usá-lo em benefício próprio.
4. Alternativa B. Justificativa: O homem renascentista acreditava no livre-arbítrio, podendo, ele mesmo, traçar seu destino.
5. 1. Nome de uma obra de Nicolau Maquiavel. 2. Escultor renascentista conhecido como "poeta do corpo". 3. Escritor italiano, autor de **A divina comédia**. 4. Nome de uma pintura de Leonardo da Vinci. 5. Escritor espanhol, autor de **Dom Quixote**. 6. Escritor português, autor de **Os Lusíadas**. 7. Característica do Renascimento que valoriza o indivíduo. 8. Teoria segundo a qual a Terra ocupa o centro do Universo e o Sol gira ao seu redor. 9. Cientista do Renascimento que comprovou o heliocentrismo. 10. Cidade italiana que foi o principal centro cultural do *Quattrocento*. 11. Teoria defendida por Galileu Galilei. 12. Escudeiro de Dom Quixote.

Texto de apoio (continuação)

Usar o termo "Renascimento" ou "renascença" no Ocidente implica conceber a história europeia como um processo cultural mais ou menos contínuo desde os tempos antigos, antecedido de um período de eclipse, uma espécie de depressão histórica, durante o qual a cultura perdeu o seu rumo natural, mas do qual se recuperou após uma transição (para o "capitalismo"), fluindo mais uma vez por onde se esperava, com mais sabedoria e vigor renovado. As consequências dessa visão – e não saberíamos enfatizar o suficiente como essa interpretação poderosa está entranhada no próprio uso do "Renascimento" capitalizado – são várias. Em primeiro lugar, ela assegura o monopólio europeu sobre as realizações da Antiguidade. [...] embora a Europa necessitasse reviver o conhecimento antigo, [...] este sobreviveu em traduções árabes fora do continente. Mas a Europa reivindicava a herança da Antiguidade grega e romana, que, por essa maneira de ver, ela havia emprestado aos outros, digamos, para mantê-la segura durante a Idade Média. Às vezes essa crença é abraçada sem rodeios, ou apenas permanece implícita na terminologia que usamos, mas, de todo modo, desconsidera o fato de que, no que se refere à Antiguidade grega, o norte da Europa como o conhecemos hoje mal existia – seu mundo era sobretudo mediterrâneo e estendia-se até o Oriente Médio e a Pérsia. Mas, além de herdeira de seus triunfos e candidata a sua revitalização, a historiografia europeia criou o mundo antigo como seu ancestral único e dominante. [...]

Renascimentos de culturas remontam a tempos muito mais antigos que a história registrada. [...]

Não examinamos em detalhes as histórias do Japão ou da Pérsia, ambas sociedades letradas [...], mas na China, na Índia e no Islã ocorreram períodos de florescência similares e o termo Renascimento foi usado algumas vezes.

GOODY, Jack. **Renascimentos**: um ou muitos? São Paulo: Unesp, 2011. p. 283-288.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) É uma carta de apresentação. Justificativa: na carta, ele informa ao seu mecenas o que era capaz de fazer e as suas diversas habilidades.
b) Nos itens 1, 4, 5 e 6.
c) Planejar e construir prédios e aquedutos, esculpir e pintar tão bem quanto qualquer outro indivíduo.
d) Sim; como se viu no corpo do capítulo, Leonardo foi pintor, escultor, arquiteto, cientista, engenheiro e inventor.

Texto de apoio

Leonardo da Vinci, cientista e inventor

Leonardo da Vinci poderia facilmente ter sido um tabelião, afinal, era essa a profissão do pai, Ser Pietro, do avô Antonio e de um dos bisavós.

Ele, talvez, tenha sido o maior artista da história, e produziu apenas 17 pinturas.

Leonardo fez esboços de importantes edifícios, como o palácio de um nobre de Milão, a casa de campo de um governador francês e um projeto para a Residência Médici, em Florença. Ele chegou, ainda, a enviar uma proposta para a construção da cúpula da Catedral de Milão, mas ela foi rejeitada. Seu mais ousado projeto como arquiteto não foi construído: uma cidade utópica, que deveria ser erguida onde hoje fica a pequena Romorantin-Lanthenay, na França. A metrópole, que seria a nova capital francesa, tinha a estrutura baseada na produção de energia hidráulica, em complexos sistemas de esgoto e em outros avançados conceitos de urbanismo. [...]

Mesmo que muitas criações não tenham sido colocadas em prática por conta das limitações existentes nos séculos 15 e 16, o Leonardo arquiteto não ficou preso à fantasia. Para estudiosos de sua obra, o que caracterizou os trabalhos do mestre renascentista nessa área foi a abrangência. O artista não se intimidava e lidava com todo tipo de problema de construção.

Os conhecimentos de mecânica, de hidráulica e das propriedades de materiais naturais permitiam que o gênio planejasse toda a construção de um prédio. Ele desenhava o processo de fabricação e inventava máquinas para serem usadas na execução da obra. Leonardo estudou sistemas de polias e cabos para levantar cargas, fez experimentos para compreender as propriedades dos materiais e descobriu princípios usados em construções até hoje.

MACEDO, Jorge. Muito mais que pintor, Leonardo da Vinci foi um criativo cientista e inventor. **Estado de Minas**, 5 jan. 2015. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/01/05/interna_tecnologia,604747/leonardo-o-arquiteto.shtml>. Acesso em: 26 set. 2018.

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PASSADO

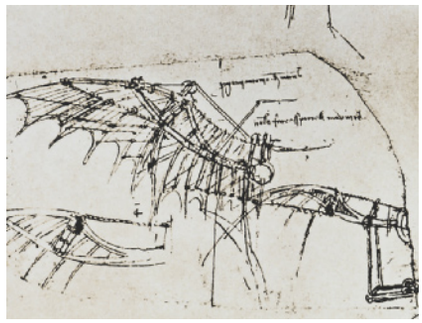
O texto a seguir foi retirado de uma carta de Leonardo da Vinci ao duque de Milão, Ludovico Sforza, seu mecenas.

Leonardo da Vinci por ele mesmo

Meu Ilustríssimo Senhor [...]

1. Conheço um modo de construir pontes bem leves, resistentes e fáceis de transportar, com as quais possa perseguir o inimigo e, se for o caso, escapar dele. [...]

4. Posso fazer também canhões muito práticos e fáceis de transportar, que lancem pedriscos, em forma semelhante a uma tempestade, e com a fumaça gerada se pode causar grande terror e confusão ao inimigo.



BRIDGEMAN/FOTOARENA

Desenho de uma máquina voadora feito por Leonardo da Vinci. Século XV.

5. Se se tratasse de uma batalha naval, sei como fazer inúmeras máquinas [...] para o ataque e a defesa, e navios que resistem ao fogo potentíssimo de canhões, à pólvora e à fumaça.

6. Posso construir carros cobertos, seguros e indestrutíveis que, abrindo passagem entre os inimigos com as suas artilharias, acabariam com as tropas, por mais numerosas que fossem. [...]

10. Em tempo de paz, creio que posso ser plenamente útil como qualquer outro arquiteto quanto à edificação de prédios públicos e particulares e no trabalho de levar água de um lugar para outro. Posso fazer esculturas em mármore, bronze e barro, e o mesmo em pintura, como faria qualquer outro, seja quem for.

Além disso, pode-se esculpir o cavalo de bronze, que será glória imortal [...] da feliz lembrança do senhor seu pai e da ilustre casa dos Sforza.

DA VINCI, Leonardo. Epistolário. In: MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 28.

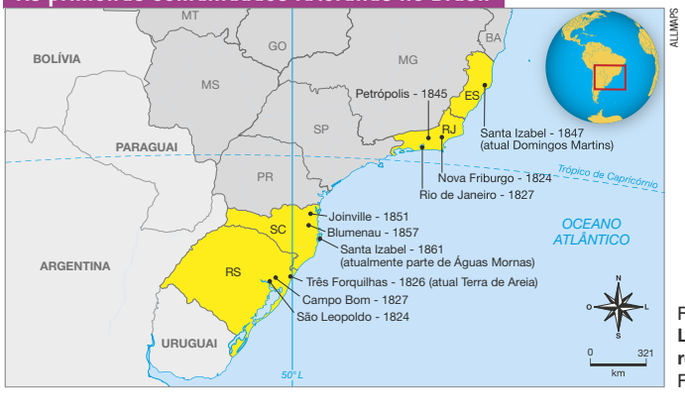
a) Que tipo de carta é a que Da Vinci escreveu a seu mecenas? Justifique.
b) Localize: em qual ou quais itens Da Vinci se apresenta como engenheiro militar?
c) Que outras habilidades ele afirma ter?
d) Da Vinci conseguia de fato realizar o que afirma nessa carta?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

CAPÍTULO

5 REFORMA E CONTRARREFORMA

As primeiras comunidades luteranas no Brasil



Fonte: KLUG, João. **Lutero e a reforma religiosa**. São Paulo: FTD, 1998. p. 42.

Observe o mapa. Em quais estados se instalaram as primeiras comunidades luteranas no Brasil? Você sabe qual foi o povo que trouxe o luteranismo para o Brasil? Na época em que os luteranos chegaram ao Brasil, a religião oficial do Estado brasileiro era a católica. Como será que eles faziam para praticar sua religião? Para o luteranismo, a leitura da Bíblia tem uma especial importância na prática religiosa. Você sabe por que isso acontece?

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE DOIS IRMÃOS, RIO GRANDE DO SUL.

Membros da Igreja Luterana de Ijuí (RS) em janeiro de 1909.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender à habilidade **EF07HI05** da BNCC, citada a seguir:

– Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

Conta-nos um historiador que

no Brasil, junto com as levas de imigrantes alemães, vieram também alguns pastores. A primeira comunidade luterana no Brasil instalou-se em Nova Friburgo (RJ), em 1824 [...]. No mesmo ano, outro grupo fundou a cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, considerada o principal marco da história da imigração alemã luterana no Brasil.

KLUG, João. **Lutero e a Reforma religiosa**. São Paulo: FTD, 1998. p. 41-42.

Os alemães luteranos davam grande valor à escola e aos professores, já que a leitura da Bíblia e do Livro de Cantos e Catecismo de Lutero são fundamentais para a religião deles; daí também a necessidade de todos os fiéis serem alfabetizados. Ao chegar ao Brasil, os alemães logo construíram uma escola. A primeira igreja/escola luterana no Brasil foi construída em 1828, em Campo Bom (RS), por iniciativa do pastor Christian Klingelhöffer. Ao lado da escola erguia-se também o cemitério, já que o Império brasileiro (católico) não permitia o sepultamento de luteranos nos cemitérios oficiais.

ENCAMINHAMENTO

- Explorar o mapa da página, destacando as regiões nas quais se instalaram os imigrantes alemães responsáveis pela introdução do luteranismo no Brasil.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: PROTESTANTISMO e modernidade: os usos e os sentidos da experiência histórica no Brasil e na América Latina. Disponível em: <http://livro.pro/77o9qc>. Acesso em: 24 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

Enquanto o Renascimento se disseminava da Itália para outros países da Europa, um movimento religioso e político aflorou nas terras da atual Alemanha. A nova atitude diante do conhecimento e do mundo, que inspirou artistas e cientistas, contribuiu também para abalar as "verdades" defendidas pela Igreja e criar rachaduras no seu edifício. Para melhor compreender a Reforma Protestante, é preciso considerar que suas motivações religiosas aparecem entrelaçadas às de ordem política, social, econômica e cultural.

- Frisar que, durante o processo de formação das Monarquias nacionais europeias, o poder do papa – líder de todos os cristãos na Europa – tornou-se uma ameaça ao poder dos reis em suas respectivas nações.
- Comentar que os reis entendiam que o fato de o papa cobrar vários impostos em toda a Europa e carrear o dinheiro para Roma empobrecia seus respectivos reinos. A burguesia em ascensão também estava insatisfeita com a doutrina oficial da Igreja Católica, que se opunha ao empréstimo de dinheiro a juros (usura) e ao livre estabelecimento de preços de mercadorias.
- Informar que o clero era acusado também de lucrar com o comércio de artigos religiosos e de não respeitar o celibato (muitos padres tinham mulher e filhos). Além disso, bispos e padres eram vistos vendendo relíquias, como pedaços de madeira, dizendo que pertenciam à cruz de Cristo, por exemplo.
- Trabalhar o significado de relíquias.

+ATIVIDADES

- Produza um texto sobre as razões da Reforma, seguindo o roteiro:

– A riqueza e o poder da Igreja na época;

– O luxo do alto clero e a falta de preparo dos padres;

– O comércio de artigos religiosos;

– A venda de indulgências.

Resposta pessoal. A intenção aqui é estimular o aluno a produzir um texto coeso, coerente e historicamente correto.

A enorme riqueza acumulada pela Igreja na Idade Média, fruto tanto de doações de fiéis quanto de recolhimento de dízimos etc., permitia-lhe exercer um papel político preponderante na Europa. Por um lado, isso chocava muitos fiéis, que viam nessa prática uma traição aos ideais de pobreza e humildade cristãos; por outro, desagradava aos reis e príncipes, que entendiam o poder político da Igreja como uma ameaça ao deles. Todas essas insatisfações acabavam se exprimindo no repúdio a algumas práticas da Igreja, consideradas particularmente imorais, como a venda de indulgências (perdão para pecados mediante pagamento) e o comércio (quase sempre fraudulento) de relíquias sagradas. Também podem ser apontados como fonte de insatisfação com a Igreja a falta de instrução dos sacerdotes e o fato de que um bom número deles comprava ou obtinha, por meio de favores de poderosos, os seus postos na Igreja, sem possuir formação ou vocação para a vida religiosa.

A Reforma foi a maior divisão já verificada no interior do cristianismo. A Reforma e o Renascimento ocorreram ao mesmo tempo e expressam uma grande renovação de ideias e atitudes.

Motivos da Reforma

Na Idade Média, a Igreja era rica e poderosa. Os bispos possuíam feudos enormes. O papa celebrava acordos políticos, interferia na escolha dos reis, era chamado a coroá-los etc. Mas havia um grande número de pessoas, grupos sociais e líderes políticos e religiosos descontentes com a Igreja e com o imenso poder do papa. Os motivos dessa insatisfação eram:

a) **O poder universal do papa**. No século XV, muitos reis passaram a ver o papa (líder de toda a cristandade europeia) como um obstáculo ao fortalecimento do poder real. E se opunham também à saída de dinheiro de seus reinos e principados para Roma, a sede do papado. Esse dinheiro saía em razão das taxas e tributos pagos à Igreja pelos fiéis.

b) **Corrupção e despreparo do clero**. Muitos membros da Igreja tinham comprado o cargo de bispo ou cardeal. Vários papas chegavam à chefia da Igreja por pertencerem a famílias poderosas. Os padres tinham geralmente pouca instrução e nenhum preparo religioso para orientar os fiéis.

c) **A venda de indulgências e falsas relíquias**. Bispos e padres praticavam o comércio de artigos religiosos. Vendiam um objeto qualquer dizendo que era um pedaço de osso do jumento montado por Jesus e várias outras falsas relíquias. E mais: bispos e padres vendiam também **indulgências**, isto é, o perdão dos pecados, em troca de uma doação em dinheiro à Igreja.

Essas práticas abusivas de membros da Igreja provocaram uma grande insatisfação entre cristãos de diferentes condições sociais e contribuíram para o surgimento de ideias e movimentos reformadores.

Relíquia: parte do corpo de um santo, ou de qualquer objeto que a ele pertenceu.

COLEÇÃO PARTICULAR

Xilogravura de Joerg Breu, c. 1530. A cena representa a venda de indulgências. À direita e a cavalo, vê-se uma pessoa carregando a cruz, e outra, a pé, a bandeira do papado. Vê-se, ainda, um religioso lendo o documento que garante ao comprador a remissão dos pecados. À esquerda, o pecador deposita o total de moedas para a compra da sua "salvação".

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Os primeiros reformadores

Entre os maiores críticos da Igreja naquela época estavam os reformadores John Wycliff e Jan Huss.

Wycliff (1320-1384) se formou em teologia pela Universidade de Oxford (na Inglaterra) e traduziu a Bíblia para o inglês, a língua de seu povo. Afirmando que havia um grande contraste entre o que a Igreja era e o que deveria ser, ele criticava sobretudo o acúmulo de riquezas por parte dos bispos e papas e a falta de instrução dos sacerdotes. Por isso, Wycliff foi levado a um tribunal religioso, que o acusou de **herege**.

Herege: aquele que contraria a doutrina oficial da Igreja.

Jan Huss (1369-1415) era professor da Universidade de Praga (na atual República Tcheca), teólogo e brilhante orador; ele se tornou conhecido por fazer seus sermões no idioma tcheco, língua de seu povo e para a qual traduziu a Bíblia. Por seus ataques à corrupção e ao luxo do alto clero, Jan Huss foi acusado de herege e queimado vivo, em 1415. Ainda hoje ele é visto por muitos tchecos como um mártir.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

A morte de Jan Huss na fogueira, de 1485. Iluminura da crônica de Spiezer. Diebold Schilling, o Velho (c. 1445-1485).

DIALOGANDO

a) Como as pessoas representadas à esquerda reagem à cena?
b) Podemos relacionar a reação das pessoas à popularidade de Huss? Explique.
c) Que elemento da imagem sugere que o fato aconteceu no período medieval?

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar o conceito de herege.
- Comentar que muitos cristãos, percebendo que parte do clero estava afastada dos ensinamentos de Cristo, tentaram reformar a Igreja sem desligar-se dela e acabaram por originar novas ordens religiosas, como a dos franciscanos e a das clarissas. Outros movimentos pleitearam mudanças religiosas e sociais radicais, tendo sido chamados, por isso, de heréticos.
- Destacar que foram considerados heréticos os movimentos liderados por John Wycliff (1320-1384), na Inglaterra, e por John Huss (1369-1415), em Praga (na atual República Tcheca).

Dialogando

a) Elas parecem assustadas e aflitas com o que veem.
b) Sim; porque seus sermões sempre atraíram muitas pessoas.
c) O castelo visto ao fundo da imagem.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

John Wycliff

Enquanto a Santa Sé, através de alguns dos seus representantes, mostrava uma certa disposição para renovar a vida religiosa, outras vozes concentraram a sua crítica no próprio sistema eclesiástico. Wycliff, na Inglaterra, e Huss, na Boêmia, são dois nomes associados a essa forte posição anticlerical.

O pensamento de Wycliff ilustra bem as diretrizes dessa tendência. O teólogo inglês viveu em um momento em que muitos fiéis, diante da constatação de que a Igreja, tal como se achava constituída, não era exatamente um modelo genuinamente cristão de vida religiosa, acusavam o conjunto do clero como o grande responsável pela situação.

Wycliff foi um dos que percebeu a enorme distância que separava a Igreja como um corpo místico e a Igreja como uma organização humana radicalmente distinta daquilo que havia sido previsto pelos Apóstolos. Não apreciava, especialmente, um certo tipo de devoção popular marcada por crendices e superstições que, a seu ver, não correspondiam a uma vida cristã, mas que, assim mesmo, eram aprovadas e até mesmo estimuladas pelo clero. Padres e ordens religiosas monopolizavam a direção da vida espiritual e faziam isso de modo equivocado. Daí a sua tendência francamente anticlerical. [...]

Segundo o teólogo, a comunidade cristã poderia viver perfeitamente bem à margem da hierarquia eclesiástica e da atuação dos padres e monges. [...]

Para ele, a orientação religiosa de que a cristandade necessitava estava inteiramente contida no Evangelho. A Palavra de Deus é perfeita, completa e, portanto, não precisa ser explicada pelos padres nem ser acrescida de interpretações da Igreja. Diante de tão enérgicas proposições, há quem observe que Wycliff não foi, na realidade, um precursor do protestantismo, mas o primeiro dos seus pensadores.

LUIZETTO, Flávio. **Reformas religiosas**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 29-30.

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que a Alemanha de Martinho Lutero era uma região predominantemente feudal e possuía um clero rico e poderoso.
- Destacar que, politicamente, a Alemanha era formada por uma série de condados, ducados, principados e cidades independentes, que reconheciam apenas uma lealdade limitada ao imperador do Sacro Império Romano-Germânico.
- Explicar que lá não existia um poder central com força para conter abusos. Isso ajuda a explicar por que ali algumas autoridades da Igreja praticavam o comércio de artigos religiosos de forma mais ostensiva.
- Ressaltar que foi nessa Alemanha dividida e economicamente explorada por representantes do clero que Lutero começou a pregar suas ideias.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A REFORMA que mudou o mundo. Duração: 58min32s. Disponível em: <http://livro.pro/ymb5f6>. Acesso em: 24 set. 2018.

O documentário analisa a Reforma protestante e o impacto desse movimento para a história do Ocidente.

- MARTINHO Lutero: a Reforma protestante. Duração: 29min20s. Disponível em: <http://livro.pro/bktaaa>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre Martinho Lutero e a Reforma protestante.

Martinho Lutero

No início do século XVI, na região onde hoje é a Alemanha, um monge de nome Martinho Lutero revoltou-se contra a venda de indulgências e ousou discordar da doutrina católica; com isso, deu início ao movimento conhecido como **Reforma protestante**.

CAPELA DE COBURG, ALEMANHA. FOTO: DAVE BARTRUFF/CORBIS/GETTY IMAGES

Martinho Lutero nasceu em 1483, na cidade alemã de Eisleben, e recebeu de seus pais uma educação bastante rígida. Com 18 anos, para alegria de seu pai, que queria vê-lo advogado, Lutero entrou na Universidade de Erfurt para estudar Direito. No entanto, ele se interessava mais pelo estudo da Bíblia e vivia preocupado com a salvação eterna. Por isso, trocou o curso de Direito pelo de Teologia e ingressou num convento agostiniano. Estudioso e persistente, aos 29 anos Lutero tornou-se doutor em Teologia. No convento, ele fazia tudo o que julgava necessário à salvação da alma: jejuava, orava e lia a Bíblia noites inteiras. Apesar disso, continuava a se sentir um pecador. Lutero só superou sua crise pessoal e espiritual ao romper com a Igreja e propor uma nova doutrina.

Lutero defendia a necessidade de todos aprenderem a ler para poderem conhecer a Bíblia, fato que contribuiu para a alfabetização de milhares de alemães. Capela de Coburg, Alemanha.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

Tetzel e Lutero entram em conflito

Várias pessoas se apresentaram, em Wittenberg, ao doutor Martinho Lutero, munidas de cartas de indulgências. Seguras do seu perdão, confessaram-se e pediram a absolvição. Mas como elas confessavam pecados graves e não manifestavam intenção de corrigir-se deles... o doutor Lutero não quis absolvê-los... Os penitentes alegaram então a sua carta do papa bem como as graças e indulgências que tinham obtido do monge Tetzel. Mas o doutor Lutero não cedeu... E como ele se mantinha na sua recusa, os penitentes voltaram ao monge Tetzel e contaram-lhe como aquele monge agostinho lhes tinha recusado a absolvição apesar das cartas de indulgências... Ouvindo tal, ele (Tetzel) entrou numa violenta cólera, lançou do seu púlpito invectivas e maldições e brandiu a ameaça de morte pelos inquisidores que, nessa época, eram os dominicanos. A fim de inspirar o terror, fez acender, várias vezes na semana, fogueiras na praça do mercado, inculcando assim que detinha, do papa, o poder de queimar os heréticos que quisessem opor-se às santas indulgências concedidas pelo chefe da Igreja.

MYCONIUS, Frederico. História da Reforma. In: FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de História**. Lisboa: Plátano, 1976. v. 2. p. 164.

A Reforma de Lutero

Em 1517, o papa prometeu que todo aquele que desse dinheiro para construir a nova Basílica de São Pedro, em Roma, receberia, em troca, uma **indulgência plena**, isto é, o perdão de todos os pecados. Indignado, Martinho Lutero pregou na porta de sua paróquia as **95 teses**, um documento contendo duras críticas à Igreja. Leia a seguir algumas teses de Lutero:

DIALOGANDO

O que Lutero critica na Tese 32?

> **Tese 24**. [...] a maior parte do povo está sendo enganada pela promessa de que seus pecados serão perdoados; [...]
>
> **Tese 32**. Serão condenados [...], juntamente com seus mestres, aqueles que se julgam seguros de sua salvação através de carta de indulgência; [...]
>
> **Tese 86**. Por que o papa, cuja fortuna hoje é maior do que a dos ricos Crassos [romanos ricos], não constrói com seu próprio dinheiro ao menos a Basílica de São Pedro, em vez de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?
>
> SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contrarreforma**: o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 1993. p. 36-37. (História geral em documentos).

Por insistir na defesa de suas ideias, Lutero foi expulso da Igreja pelo papa. O imperador católico Carlos V, que governava a região da atual Alemanha, também o considerou herege e mandou queimar seus escritos. Perseguido, Lutero se refugiou no castelo de um nobre que apoiava suas ideias. Ali, ele traduziu a Bíblia para o alemão, possibilitando que pudesse ser lida por um número muito maior de pessoas.

Vários príncipes da região onde hoje é a Alemanha se converteram ao luteranismo e se apropriaram das terras da Igreja Católica em seus principados; com isso, aumentaram seu poder e sua riqueza.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: FINE ART PHOTOGRAPHIC LIBRARY/CORBIS/GETTY IMAGES

Pintura de 1521 que representa Lutero traduzindo a Bíblia para o alemão.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

Erasmo de Roterdã – O porta-voz do humanismo

Embora fosse clérigo e profundamente cristão, o filósofo holandês Erasmo de Roterdã (1469-1536) passou para a história por se opor ao domínio da Igreja sobre a educação, a cultura e a ciência. A influência religiosa vigorou praticamente sem contestação durante toda a Idade Média no Ocidente e ainda no tempo de Erasmo era preciso ousadia para ir contra ela. De qualquer modo, ousadia individual fazia parte das atitudes que um número crescente de intelectuais começava a enaltecer no período de transição para a Idade Moderna, entre eles o filósofo holandês. O pensamento nascente defendia a liberação da criatividade e da vontade do ser humano, em oposição ao pensamento escolástico, segundo o qual todas as questões terrenas deviam subordinar-se à religião. [...]

O filósofo holandês combatia a ideia de predestinação de Lutero por acreditar firmemente no livre-arbítrio dos seres humanos – todos são capazes de distinguir o bem e o mal, segundo ele. [...]

No campo propriamente pedagógico, o interesse de Erasmo pelo conhecimento das línguas antigas semeou o terreno para o estudo do passado, em particular do Novo Testamento e dos primeiros pensadores da fé cristã. A ênfase na história do homem e o estudo dos acontecimentos pretéritos ergueram um dos principais pilares da educação moderna. A cultura medieval, ao contrário, se construíra em torno do ideal de intemporalidade. [...]

ERASMO de Roterdã: o porta-voz do humanismo. **Nova Escola**, ed. 1022, 5 ago. 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1835/erasmo-de-roterda-o-porta-voz-do-humanismo>. Acesso em: 24 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que, visando juntar recursos para construir a Basílica de São Pedro, em Roma, o papa Leão X incumbiu os dominicanos de vender indulgências. Esse foi o estopim da Reforma protestante.
- Explicar que, na Alemanha, o frade dominicano João Tetzel prometia que todo aquele que confessasse seus pecados e desse dinheiro à Igreja romana receberia uma indulgência plena, isto é, o perdão de todos os pecados.
- Destacar que, reagindo à venda de indulgências, Martinho Lutero afixou, na porta da Igreja de Wittenberg, 95 teses contendo suas principais críticas à Igreja.
- Comentar que uma das fontes de inspiração de Martinho Lutero foram as críticas dirigidas à Igreja por humanistas como Erasmo de Roterdã. Não é exagero dizer, portanto, que Lutero levou tais críticas às últimas consequências.
- Informar que as 95 teses foram traduzidas do latim para o alemão e em pouco tempo tiveram ampla aceitação popular.

Dialogando

Critica a venda e os vendedores de indulgências.

- Aprofundar o assunto acessando o áudio: HÁ 500 ANOS, Martinho Lutero criava o protestantismo. Disponível em: <http://livro.pro/pupmn7>. Acesso em: 24 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que muitos príncipes alemães aderiram à Reforma e confiscaram as terras da Igreja em seus principados. Com o apoio desses príncipes, Lutero fundou uma Igreja para a qual elaborou uma nova doutrina.
- Destacar que alguns aspectos do luteranismo, como a leitura individual do Novo Testamento, no qual Cristo mostra seu comprometimento com os pobres e oprimidos, atraíram as massas camponesas e as motivaram a se revoltar.
- Informar que, diante do avanço do luteranismo, o imperador católico Carlos V reuniu a Dieta de Spira (1529), visando conter a expansão da nova doutrina. O imperador proibiu o culto protestante nos principados católicos e exigiu que os principados luteranos permitissem aos católicos a celebração da missa.
- Ressaltar que os príncipes luteranos protestaram; daí o nome de protestantes dado aos adeptos das igrejas surgidas a partir da Reforma.

Dica de leitura

- EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

EDITORA ÁTICA

A Igreja e a doutrina de Lutero

Lutero fundou uma Igreja e criou para ela uma nova **doutrina** baseada nos seguintes pontos:

Doutrina: conjunto de princípios de uma religião ou filosofia.

Doutrina luterana

1. A justificação pela fé: é a fé em Deus que salva uma pessoa, e não as boas obras que ela praticou.
2. Sacerdócio universal: todo cristão é capaz de interpretar a Bíblia por si mesmo.
3. A Bíblia, por meio da qual Deus se revela, é a única fonte da verdade.
4. O batismo e a eucaristia são os dois únicos sacramentos.
5. O culto aos santos e às imagens não tem fundamento.
6. Qualquer membro da Igreja pode se casar.

Diante do avanço do luteranismo, o imperador Carlos V proibiu o culto luterano nos principados católicos. Os príncipes luteranos protestaram contra essa proibição; daí o termo **protestante** para nomear os seguidores das igrejas surgidas a partir da Reforma. As ideias de Lutero se espalharam com velocidade. Para isso muito contribuiu o aperfeiçoamento da imprensa.

MONIKA SPETH/ALAMY/FOTOARENA

Castelo de Wartburg, próximo a Eisenach, na Alemanha, onde Lutero traduziu a Bíblia para o alemão. Fotografia de 2012.

DISPONÍVEL PARA IMPRESSÃO

Texto de apoio

O luteranismo e o livro impresso

Entre 1517 e 1520, as trinta publicações de Lutero venderam com toda a probabilidade mais de 300 mil exemplares [...]. Diferentemente do que ocorrera com as heresias de Wycliffe [...], o luteranismo foi, desde o início, uma criação do livro impresso. Pela primeira vez, na história da humanidade, um grande público ledor julgava a validade de ideias revolucionárias por meio de um veículo de massa que usava tanto a língua vernácula como as artes do jornalista e do cartunista.

[...] o impacto da imprensa, que é frequentemente minimizado nas discussões sobre a Renascença, tem menos chances de passar despercebido quando se escuta a Reforma. Neste último campo, os historiadores têm diante de si um movimento que, desde o início, foi moldado (e também, em grande parte, provocado) pelos novos poderes da imprensa. [...] Ele foi também o primeiro movimento [...] a utilizar os novos prelos como meio de propaganda e agitação abertas contra uma instituição estabelecida. Valendo-se da panfletagem para a obtenção de apoio popular e dirigindo-se a um público leitor que conhecia mal o latim, os reformadores transformaram-se, sem saber, em pioneiros [...]. Eles também deixaram "impressões indeléveis" nas características formais dos cartazes e das caricaturas.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998. p. 167.

PARA SABER MAIS

A impressão de livros e a Reforma

A impressão de livros, como já vimos, é uma invenção chinesa. Na década de 1440, na Europa, o alemão Johannes Gutenberg aperfeiçoou a imprensa, o que tornou possível utilizar uma mesma matriz para imprimir muitos exemplares. Em consequência disso, o preço do livro baixou e o número de leitores aumentou muito.

O primeiro livro impresso na oficina de Gutenberg foi a Bíblia.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

A gravura representa um trabalhador usando a prensa para imprimir textos e Gutenberg examinando uma prova impressa. Mainz, Alemanha. S.d.

DIALOGANDO

Hoje, muitos dizem que o livro em papel será substituído pelo livro digital, tido por alguns como mais econômico e mais durável. Os defensores do livro em papel, por sua vez, afirmam que ele é mais confortável, menos cansativo e que, por isso, jamais será substituído pelo *e-book*; e você, o que pensa sobre o assunto?

João Calvino

Da região hoje conhecida como Alemanha, o protestantismo espalhou-se rapidamente para outros países com a ajuda de importantes reformadores, como João Calvino (1509-1564).

GODONG/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

Nos templos calvinistas, como este que você vê na imagem, o púlpito e o pastor ocupam posição de destaque. É que para Calvino o culto devia resumir-se a "quatro paredes e um sermão". Fotografia de 2010.

Texto de apoio

A doutrina da predestinação

Enquanto o credo luterano atraía adeptos por toda a Europa e provocava a irreconciliável divisão da cristandade em igrejas rivais, no próprio território do protestantismo surgiram correntes divergentes, entre as quais destacou-se a calvinista. [...]

Calvino nasceu em Noyon, França, no ano de 1509. Pertenceu, portanto, à geração seguinte à de Lutero. [...]

Sua educação transcorreu [...] em um ambiente austero e ortodoxo, marcado por uma profunda oposição ao luteranismo. A sua formação superior seguiu as mesmas diretrizes: estudou Latim e Teologia com professores reconhecidamente adeptos da escolástica. Completou seus estudos formando-se em Direito.

Calvino fixou residência em Genebra em 1536. Nesse mesmo ano, alguns meses antes de se instalar na cidade, publicou **Instituição da Religião Cristã**, onde se acha exposta a sua teologia.

A doutrina da predestinação é a marca distintiva do pensamento religioso de Calvino. Também é o ponto em que as suas ideias mais se distanciam tanto da doutrina católica das boas obras como da doutrina da justificação pela fé do luteranismo.

Nas páginas da **Instituição da Religião Cristã** define nestes termos a noção de predestinação: "trata-se do eterno decreto de Deus com o qual sua Majestade determinou o que deseja fazer com cada um dos homens".

Na sequência do texto, esclarece que todos os homens são criados "em uma mesma condição e estado"; no entanto, "o eterno decreto de Deus" estabelece que alguns homens conhecerão a bem-aventurança eterna, enquanto que outros sofrerão a condenação eterna. Portanto, "de acordo com a finalidade com que cada um é criado, dizemos que é predestinado ou à vida ou à morte".

LUIZETTO, Flávio. **Reformas religiosas**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 44-46.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, conforme o luteranismo foi se espalhando e ganhando adeptos, foram surgindo novas visões dentro dele. Uma dessas visões é a do reformador francês João Calvino (1509-1564).
- Ressaltar que, para Calvino, levar uma vida puritana era indício de salvação; o indivíduo que assim agisse dava mostras de ser um eleito de Deus.

Segundo o sociólogo Max Weber, ao valorizar o enriquecimento por meio do trabalho sistemático, de uma vida regrada e de moderação nos gastos, o calvinismo legitimava o estilo de vida metódico e racional da burguesia nascente, favorecendo assim o desenvolvimento do capitalismo.

Dialogando

Resposta pessoal. O debate tem mobilizado educadores, autores e empresários, e estimula-nos a refletir sobre o impacto da tecnologia sobre as novas maneiras de ler, escrever, aprender e ensinar.

DIGITAL

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Para o autor do texto, nem a fé e nem as boas obras salvam uma pessoa; por decreto de Deus, "alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros são predestinados à morte eterna".

b) Sim; para Lutero só a fé salva; já Calvino acredita que nem a fé, nem as boas obras levam à salvação; as pessoas já nascem predestinadas à salvação ou à condenação eterna.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• OS REFORMADORES. Duração: 21min12s. Disponível em: <http://livro.pro/wyjskt>. Acesso em: 24 set. 2018.

A série apresenta a história de alguns dos homens responsáveis pela Reforma protestante: Lutero, Wycliff, Huss, Calvino, Guilherme Mille, entre outros.

• HENRIQUE IV, rei de Navarra: os huguenotes. Duração: 2h21min. Disponível em: <http://livro.pro/c2agee>. Acesso em: 24 set. 2018.

Filme sobre o período de conflitos religiosos na França do século XVI.

Calvino também defendia a **salvação pela fé**, refutava o culto às imagens e admitia apenas dois sacramentos: o Batismo e a Eucaristia. Mas, diferentemente de Lutero, Calvino acreditava na **predestinação absoluta**; ou seja, que as pessoas nada podiam fazer para mudar seu destino. Para ele, alguns são predestinados por Deus à vida eterna, e outros, à morte eterna.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

João Calvino pregando em Gênova. Xilogravura contemporânea.

PARA REFLETIR

Leia o texto a seguir com atenção:

> Por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros são predestinados à morte eterna.
>
> Aqueles do gênero humano que estão predestinados à vida foram escolhidos para a glória com Cristo por Deus, antes de efetuada a criação do mundo [...] por manifestação de sua livre graça e amor, sem qualquer previsão de fé ou boas obras [...] ou qualquer outra coisa [...] que o levassem a isso, e tudo para louvor de sua gloriosa graça. [...]
>
> Confissão de Westminster

SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contrarreforma**: o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 1993. p. 58. (História geral em documentos).

a) Para o autor do texto, a salvação de uma pessoa deve-se à sua fé, às boas obras ou a nenhuma dessas alternativas? Explique.

b) Há diferença entre Lutero e Calvino no tocante à salvação do ser humano? Em caso afirmativo, qual?

Por divulgar suas ideias, Calvino foi acusado de herege pelos católicos franceses. Então deixou a França e refugiou-se em Genebra, na Suíça, onde encontrou pessoas abertas às suas ideias. Em 1541, tornou-se a principal figura do governo de Genebra, onde exigiu que seus habitantes levassem uma vida puritana, isto é, acordassem cedo, dormissem cedo, se dedicassem à oração e ao trabalho. Além disso, proibiu festas, teatro, jogos de azar e bebidas alcoólicas. Quem desobedecesse pagava multa, era expulso da igreja ou punido com a morte.

A valorização do estilo de vida puritano contribuiu para a rápida difusão do calvinismo pela Europa: na Escócia, os calvinistas foram chamados de **presbiterianos**; na Inglaterra, de **puritanos**; e na França, de **huguenotes**.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

88

A Reforma na Inglaterra

Na Inglaterra, o movimento reformista foi conduzido pelo rei Henrique VIII. Ele vinha querendo se livrar da interferência do papa e dos impostos cobrados pela Igreja Católica no seu país. Então, pediu que o papa anulasse seu casamento com Catarina de Aragão (filha dos reis da Espanha) dizendo que ela não conseguia lhe dar um filho homem para ser seu herdeiro.

Ao ter seu pedido negado pelo papa, Henrique VIII decidiu agir: rompeu com a Igreja de Roma (1531) e se casou novamente; desta vez com Ana Bolena, uma dama da corte. Ao saber disso, o papa anulou o casamento e o excomungou. O Parlamento inglês reagiu apoiando Henrique VIII e aprovando o **Ato de Supremacia** (1534). Este ato declarava o rei o novo chefe da Igreja na Inglaterra, chamada, então, de **Igreja Anglicana**.

Como chefe da nova igreja, Henrique VIII confiscou as terras e os mosteiros da Igreja Católica e os vendeu ou presenteou aos nobres e burgueses que o apoiaram. Assim, o rei inglês se fortalecia, acumulando o poder político e o religioso.

NATIONAL MUSEUMS LIVERPOOL. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

Henrique VIII. Detalhe de pintura de Hans Holbien, c. 1537.

PARA REFLETIR

Observando o mapa da Europa após a Reforma, podemos perceber as áreas com predomínio de católicos, luteranos, calvinistas e anglicanos.

Reforma Protestante na Europa (século XVI)

Fonte: MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 80.

a) Qual a área abrangida pelo mapa?

b) De que forma o mapa transmite as informações?

c) Com base no mapa, cite dois Estados católicos, dois luteranos e dois calvinistas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que, através do Ato de Supremacia de 1534, o rei da Inglaterra tornava-se o chefe supremo da nova Igreja nacional, batizada então de Igreja Anglicana, acumulando, ao mesmo tempo, poder político e religioso.
- Explorar o mapa da Reforma Protestante na Europa.
- Explicar que a Igreja Anglicana conservou a doutrina católica, com algumas alterações, e a hierarquia eclesiástica: o clero inglês passou a ser visto como aliado do rei. Isso motivou uma série de conflitos entre os anglicanos (partidários da religião oficial) e os puritanos (calvinistas ingleses).
- Comentar que, nos séculos seguintes, os puritanos, duramente perseguidos por rainhas e reis ingleses, emigraram em massa para a América do Norte.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: A FUNDAÇÃO da Igreja Anglicana. Disponível em: <http://livro.pro/2ye66c>. Acesso em: 24 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) A Europa.

b) As informações são transmitidas por meio de diferentes cores e de uma legenda interna.

c) Católicos: Espanha e Portugal. Luteranos: Suécia e Dinamarca. Calvinistas: Escócia e Suíça.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- ORIGEM da Igreja Anglicana ampliada: história do Anglicanismo. Duração: 6min32s. Disponível em: <http://livro.pro/9fhnv5>. Acesso em: 24 set. 2018.

Documentário sobre a história da Igreja Anglicana.

- QUE REI sou eu?: Henrique VIII. Duração: 12min2s. Disponível em: <http://livro.pro/ao5bby>. Acesso em: 24 set. 2018.

Vídeo que aborda a biografia de Henrique VIII.

+ATIVIDADES

1. A principal motivação da Reforma na Inglaterra foi política, religiosa ou cultural? Justifique.

   O motivo da Reforma inglesa foi principalmente político. Rompendo com o papa, o rei Henrique VIII acumulava terras, impedia a saída de recursos arrecadados pela Igreja na Inglaterra e assumia o papel de chefe da Igreja oficial.

2. Sobre o Ato de Supremacia aprovado na Inglaterra em 1534, responda:

   a) Quem o aprovou?

   O Parlamento inglês em comum acordo com o rei Henrique VIII.

   b) Qual é o seu conteúdo?

   Declarava o rei novo chefe da Igreja na Inglaterra, chamada de Igreja Anglicana.

   c) O que o rei inglês decidiu fazer com base nesse Ato?

   Henrique VIII confiscou as terras e os mosteiros da Igreja Católica e os vendeu ou presenteou aos nobres e burgueses que o apoiaram e, com isso, aumentou o seu poder político.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que a Ordem dos Jesuítas, denominada também Companhia de Jesus, foi fundada pelo ex-capitão espanhol Inácio de Loyola, em 1534, e reconhecida pelo papa Paulo III seis anos depois.
- Ressaltar que o principal objetivo dos jesuítas era a propagação do catolicismo por meio da pregação, do ensino e da catequese dos nativos de além-mar. Para isso, fundaram colégios e missões em várias partes do mundo, como Portugal, Índia, China, Brasil, entre outras.
- Destacar que, assim como Inácio de Loyola, os padres jesuítas tinham sólida formação cultural, disciplina rigorosa e intensa atividade militante. Isso explica o modo de atuação dos "soldados de Cristo" no projeto de catequese desenvolvido por eles na América, na África e na Ásia, onde criaram uma rede de colégios.

Em relação à Reforma Católica, consideramos importante focalizar o nascimento e a atuação da Companhia de Jesus, inclusive porque essa ordem religiosa teve um papel decisivo na colonização da América portuguesa.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- OS PRIMEIROS tempos: a educação pelos jesuítas. Duração: 9min53s. Disponível em: <http://livro.pro/2oebnh>. Acesso em: 25 set. 2018.

Vídeo sobre a trajetória dos jesuítas como missionários e educadores.

A Reforma Católica ou a Contrarreforma

Para tentar conter o avanço do protestantismo e fortalecer o catolicismo, a liderança católica iniciou o movimento conhecido como Reforma Católica ou Contrarreforma. Esta reforma foi impulsionada pelos jesuítas e pelo **Concílio** de Trento e fez uso do Tribunal do Santo Ofício, também chamado de **Inquisição**, para reprimir e punir seus adversários.

A **Ordem dos Jesuítas** foi fundada em 1534 pelo militar espanhol Inácio de Loyola, que estabeleceu entre seus integrantes uma rigorosa disciplina e obediência. Conhecidos como "soldados de Cristo", os jesuítas dedicaram-se a divulgar o catolicismo na Europa e a evangelizar os povos da Ásia, África e América.

Os jesuítas atuaram também na educação, criando uma rede de colégios em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil.

Concílio: assembleia de bispos para decidir sobre assuntos relativos à Igreja.

Inquisição: fundada em 1231 por uma bula do Papa Gregório IX, que estipulava o modo como os inquisidores deviam agir para localizar e interrogar os hereges e convencê-los a se retratarem. Em 1252, o papa Inocêncio IV permitiu o uso de tortura para obter confissões. Se a pessoa confessasse, recebia uma penitência; caso contrário, era quase sempre condenada a morrer na fogueira.

BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Representação europeia de missionários jesuítas observando o eclipse solar na presença do rei do Sião (atual Tailândia), em 1688. Note que o artista mostra os nativos curvados em sinal de reverência aos religiosos europeus. Escola francesa. Século XVII.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

Uma nova sociedade

[...] O Concílio de Trento desencadeou um processo de reordenação da própria Igreja católica, conhecido como Reforma Católica. O papel da Igreja, do clero e dos leigos foi reavaliado, e tomaram-se medidas para assegurar a união de todos os cristãos e para tornar outros povos cristãos. A Reforma Católica assentou-se sobre três pilares: o Concílio de Trento (bases da fé), a Companhia de Jesus (missionarismo) e a Inquisição (vigilância contra a heresia). As três instituições são frutos do mesmo clima e das mesmas intenções, embora tenham sido instituídas em datas diferentes e não sequenciais. A formação do clero, a renovação dos costumes eclesiásticos, as práticas religiosas ganharam novo incentivo.

A partir daí, estavam traçadas as diretrizes para a atuação do clero, dos reis e dos leigos. Mais do que nunca, o religioso e o político tornavam-se aliados para dar uma resposta às angústias quanto à salvação das almas, o que implicava determinar os comportamentos considerados corretos e os que, por serem tidos como maus e perigosos para os cristãos, deviam ser evitados. Esclarecia-se, por exemplo, qual era a verdadeira fé, que compromissos prendiam-se a ela e quais os perigos que as pessoas podiam correr ao se aproximar ou proteger pessoas de outros credos. [...]

SIQUEIRA, Sonia Aparecida. **A Inquisição**. São Paulo: FTD, 1998. p. 15.

O **Concílio de Trento** foi convocado em 1545 pelo papa Paulo III e interrompido várias vezes, devido a guerras e a uma peste ocorrida naquela região da Itália. Ao final dos debates, em 1563, o Concílio rejeitou a doutrina da justificação pela fé de Lutero e a doutrina da predestinação de Calvino.

O Concílio também:

- considerou crime a venda de indulgências;
- reafirmou o poder do papa;
- conservou os sete sacramentos e o culto à Virgem Maria e aos santos;
- propôs a criação de seminários para instruir e formar os sacerdotes;
- reeditou o ***Index***, isto é, a relação de livros que os católicos estavam proibidos de ler. Muitas vezes esses livros eram queimados em grandes fogueiras.

MUSEU DO PRADO, MADRI. FOTO: DEA/G.DAGLI ORTI/AGB PHOTO LIBRARY

Queima de livros considerados heréticos. Detalhe da obra **São domingos e os albigenses**, de Pedro Berruguete (1450-1504). Óleo sobre painel, 122 cm x 83 cm. Museu do Prado, Madri (Espanha).

A Inquisição

Durante a contrarreforma, o papa Paulo III reativou o Tribunal do Santo Ofício (Inquisição), órgão da Igreja encarregado de vigiar, julgar e punir qualquer pessoa acusada de heresia. Às vezes, bastava uma simples suspeita para que a pessoa fosse chamada a depor nesse tribunal. E, conforme suas respostas, podia ser condenada à perda de bens (terra, casa, móveis), à prisão perpétua e, às vezes, à morte na fogueira. As principais vítimas da Inquisição foram hereges, protestantes, judeus e mulheres consideradas bruxas. Tribunais do Santo Ofício foram instalados na Espanha (1478), em Portugal (1536) e na Itália (1542).

ENCAMINHAMENTO

Professor, informar aos alunos que, em Portugal, as principais vítimas do Tribunal do Santo Ofício foram os cristãos-novos, isto é, judeus que se convertiam ao cristianismo para fugir das perseguições das autoridades católicas. Mesmo assim, muitas vezes, eram perseguidos pelo Santo Ofício sob a acusação de continuarem praticando o judaísmo às escondidas. Para escapar à perseguição, muitos deles se mudaram para a Bahia e Pernambuco, onde se estabeleceram como senhores de engenho e comerciantes. Mas aqui também tiveram de enfrentar a truculência da Inquisição. Em 1591, ocorreu a primeira visita de um representante do Santo Ofício ao Brasil. Ele percorreu Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba e mandou prender vários cristãos-novos enviando-os, a seguir, para Lisboa. No Brasil, africanos e indígenas também foram denunciados como praticantes de feitiçaria e bruxaria. Os membros do Santo Ofício não aceitavam suas religiões, costumes e práticas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Como a Inquisição atuava no Brasil

Como o Tribunal da Inquisição, sediado em Lisboa, conseguiu se fazer presente até mesmo nos confins do Brasil colonial, coletando denúncias, prendendo pessoas e levando-as para serem julgadas em Portugal? Com quais instituições a Inquisição se relacionava? Que setores sociais cooperaram com ela? [...]

"A principal conclusão foi que a Inquisição conseguiu atuar no Brasil porque possuía mecanismos eficazes e oferecia cargos que atraíam as elites da sociedade colonial. O tribunal não tinha uma sede aqui, mas sua atuação se ramificava por meio de uma rede de agentes criada na colônia". [...]

[...] a Inquisição era tida como a instituição mais rigorosa na apuração da "limpeza de sangue". Entrar para seus quadros equivalia a apresentar a toda a sociedade um atestado de "sangue puro". "Isso tornava o pertencimento à Inquisição muito atraente. Por meio do 'estatuto de limpeza de sangue', a Inquisição desempenhou um papel importantíssimo no processo de formação e estruturação da elite social do Brasil durante o século XVIII" [...].

O início da atuação da Inquisição na Península Ibérica pode ser mais bem compreendido quando se considera que os Estados que estavam se estruturando nesse período se fundamentavam na unidade da fé. Constituídos no contexto da luta de cristãos contra muçulmanos, identificavam-se profundamente com a fé católica. A sobrevivência de outras confissões religiosas no mesmo território punha em xeque essa unidade da fé, e, por extensão, a unidade política. [...]

ARANTES, José Tadeu. Como a Inquisição atuava no Brasil. **Agência Fapesp**, 20 dez. 2013. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/como-a-inquisicao-atuava-no-brasil/18403/>. Acesso em: 5 nov. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

As atividades propostas no tópico **Retomando** visam contribuir para a consolidação dos conceitos estudados, bem como permitem verificar os conhecimentos que precisam ser retomados com os alunos.

1. Alternativa D. Justificativa: todas as alternativas anteriores estão corretas.
2. a) Jesus Cristo, os apóstolos Pedro e Paulo e o papa.
   b) Prometia salvação eterna, o que é afirmado no trecho "os portões do castigo estarão fechados, e os portões do paraíso de delícias estarão abertos".
   c) A venda de indulgências foi a razão imediata da Reforma Luterana. Justificativa: o marco inicial da Reforma foi justamente o momento em que, indignado com a venda de indulgências, Lutero pregou, na porta de sua paróquia, as 95 teses.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Identifique a opção **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno.

Entre as razões da Reforma podemos citar:

a) A insatisfação dos reis e príncipes com a Igreja.

b) A corrupção e despreparo do clero.

c) A venda de indulgências e falsas relíquias.

d) Nenhuma das alternativas anteriores.

2. O texto a seguir é do frade dominicano Johann Tetzel, que, como vimos, oferecia uma indulgência plena àqueles que contribuíssem para a construção da basílica de São Pedro:

> Que Nosso Senhor Jesus Cristo se apiede de ti, e te absolva pelos méritos de Sua Santíssima Paixão. E eu, por Sua autoridade, e a de seus benditos apóstolos Pedro e Paulo, e do santíssimo Papa, a mim concedida e transmitida nestas partes, absolvo-te, [...] de todos os teus pecados, [...] por mais enormes que sejam, [...] e, até onde se estenderem as chaves da Santa Igreja, redimo-te de todo o castigo que mereças no purgatório [...], e te reintegro nos santos sacramentos da Igreja e naquela inocência e pureza que possuías no batismo; de modo que quando morreres os portões do castigo estarão fechados, e os portões do paraíso de delícias estarão abertos [...].
>
> SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contrarreforma**: o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 1993. p. 22-23. (História geral em documentos).

BRIDGEMAN/FOTOARENA

Johann Tetzel (1465-1519) em gravura da Escola Alemã, 1750. Biblioteca Nacional de Paris, França.

Responda em seu caderno com base no texto:

a) Segundo Tetzel, quem lhe deu a autoridade para perdoar pecados?

b) Além de perdoar os pecados, o que mais o monge Tetzel prometia àquele que comprasse uma indulgência plena? Justifique.

c) Qual foi a consequência da venda de indulgências na época? Explique.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Luteranismo na América Portuguesa

O Brasil teve algumas experiências com as religiões protestantes. No período colonial, os calvinistas tentaram se instalar no Rio de Janeiro, e durante a ocupação holandesa houve uma comunidade protestante em Pernambuco. Os anabatistas se instalaram no sul do país.

A presença numérica mais expressiva de protestantes no Brasil está ligada à imigração europeia, particularmente alemã. Com os imigrantes, veio também a igreja luterana [...].

A religião oficial do império brasileiro era o catolicismo; por isso, os imigrantes europeus protestantes não eram bem-vindos. Em torno desse assunto travaram-se calorosos debates entre os que só aceitavam imigrantes europeus católicos e os que não se importavam com a religião. Havia ainda os que defendiam abertamente a ideia de que o melhor seria a vinda do maior número possível de protestantes, acreditando que com eles o Brasil chegaria de forma mais rápida à modernização. [...]

Junto com as levas de imigrantes alemães, vieram também alguns pastores. A primeira comunidade luterana no Brasil instalou-se em Nova Friburgo (RJ), em 1824, e, com os imigrantes, veio o pastor Friedrich Oswald Sauerbronn. No mesmo ano, outro grupo fundou a cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, considerado o principal marco da imigração luterana no Brasil. [...]

KLUG, João. **Lutero e a reforma religiosa**. São Paulo: FTD, 1998. p. 39-41.

3. Leia com atenção as teses de Martinho Lutero citadas a seguir:

> **Tese 75**. A opinião de que as indulgências papais são tão eficazes a ponto de poderem absolver um homem [...] é loucura;
>
> **Tese 86**. Por que o papa, cuja fortuna hoje é maior do que a dos ricos Crassos [romanos ricos], não constrói com seu próprio dinheiro ao menos a Basílica de São Pedro, em vez de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?
>
> SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contrarreforma**: o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 1993. p. 36-37. (História geral em documentos).

- O que Lutero critica nessas duas teses?

4. São pontos da doutrina luterana:

a) A fé em Deus é o que salva uma pessoa, e não as boas obras que ela praticou.

b) Nenhum cristão é capaz de interpretar a Bíblia por si mesmo.

c) A Bíblia é a única fonte da verdade.

d) O batismo e a eucaristia são os únicos sacramentos.

5. Compare o interior dessas duas igrejas e responda:

GERSON GERLOFF/PULSAR IMAGENS

PAULO FRIDMAN/PULSAR IMAGENS

Acima, igreja em São Francisco de Paula (RS), 2017. À direita, igreja em Blumenau (SC), 2010.

a) Qual delas é a católica, e qual é a protestante?

b) Como você chegou a essa conclusão?

c) Com base no que você estudou, assinale três semelhanças entre a doutrina luterana e a católica.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. Ele critica a venda de indulgências e o papa que, embora fosse muito rico, usava o dinheiro dos fiéis para construir igrejas.
4. V, F, V, V.
5. **a)** A da esquerda é católica, e a da direita, protestante.
   b) Na igreja da esquerda, são vistos um altar e, nas paredes, imagens de Jesus e dos santos. Os sacerdotes vestem-se de batina, o que indica que eles formam um corpo separado da sociedade, cuja função é servir de intermediário entre os fiéis e Deus. Já à direita vê-se o interior de uma Igreja Luterana, em Blumenau, Santa Catarina; note nas paredes a ausência de imagens de santos e da Virgem Maria, cujo culto é banido nas denominações protestantes.
   c) Semelhanças: a) são cristãs; b) baseiam-se na crença em um único e mesmo Deus; e c) têm a Bíblia como livro sagrado.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: O PROTESTANTISMO no Brasil e suas encruzilhadas. Disponível em: <http://livro.pro/jf2yj6>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Texto de apoio

Comunidades luteranas

[...] Tanto em seu país de origem quanto nas colônias de emigrantes, as escolas e os professores eram muito valorizados; no luteranismo, era fundamental que as pessoas soubessem ler a Bíblia, o livro de cantos e o catecismo de Lutero, o que não seria possível sem as escolas fundamentais. A primeira igreja/escola luterana no Brasil foi construída em 1828, em Campo Bom (RS), por iniciativa do pastor Christian Klingelhofer. [...] Ao lado das escolas costumava-se construir também o cemitério, já que nos cemitérios oficiais não era permitido o sepultamento de luteranos. [...]

Em 1868 foi feita a primeira tentativa de reunir as diversas comunidades [...] numa organização ou estrutura eclesiástica. Criou-se, assim, o Sínodo Evangélico Alemão da Província do Rio Grande do Sul, que não funcionou. A partir de fins de 1874, foi retomada a ideia de estabelecer um vínculo entre as comunidades autônomas e, em 1886, organizou-se o Sínodo Riograndense, que atuou por mais de 60 anos. A fórmula funcionou e expandiu-se para outras regiões do Brasil: em 1905, surgia o Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados. A maioria dos alemães luteranos se concentrava na região do sul do Brasil, mas havia luteranos em outros estados. Por isso, em 1912, as comunidades que ainda não tinham se vinculado a alguma instituição criaram o Sínodo Evangélico do Brasil Central, no Rio de Janeiro. Com o término da Primeira Guerra Mundial, havia no Brasil quatro igrejas luteranas organizadas em sínodos. [...]

KLUG, João. **Lutero e a reforma religiosa**. São Paulo: FTD, 1998. p. 43-44.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) É possível perceber o sentimento de decepção e dor do autor diante da situação vivida em seu país. **Professor**: comentar que em várias apresentações, mesmo 30 anos depois, o cantor Bono Vox ainda a interpreta empunhando uma bandeira branca e projetando em telões imagens que evocam a paz e a tolerância religiosa.

b) Ele sugere que nas guerras – sobretudo as civis – não há vencedores e nem vencidos; todo mundo perde com a guerra.

c) Resposta pessoal. **Professor**: a questão visa estimular o respeito à tolerância e à diversidade religiosa.

Aprofundar o assunto acessando o texto: ENTENDA o que foi o Domingo Sangrento na Irlanda do Norte, em 1972. Disponível em: <http://livro.pro/6dpvfm>. Acesso em: 25 set. 2018.

Texto de apoio

A tolerância religiosa na história

No século XVII, o debate acerca da tolerância modifica o seu significado. [...] Tolerância se refere, a partir do seiscentos, a uma postura filosófica, um valor moral, um princípio.

[...]

A tolerância religiosa era defendida por pensadores que acreditavam que não deveria haver conflito entre as religiões porque todas elas derivavam e mantinham um mesmo núcleo comum. Essa posição era muito mais filosófica do que propriamente interessada no debate dessas questões sob uma ordem política. A tolerância religiosa, conforme uma postura filosófica, era definitiva e abrangia todas as formas de religião, mesmo as não cristãs, ao contrário da limitada e provisória tolerância civil desenvolvida pelo século XVI.

[...]

A necessidade de coexistência pacífica é outro argumento dos defensores da tolerância, já que as guerras de religião consumiram grande parcela de vidas e debilitaram os Estados. As constantes revoltas e conspirações não permitiam o mínimo desenvolvimento econômico e estabilidade dos negócios e da administração pública, e muitas famílias se consumiam em vinganças particulares e no ódio aos hereges. A necessidade de paz impôs o princípio do mal menor; ainda que se considerasse de extrema urgência e necessidade a unidade religiosa e o fim da propagação do erro, considerou-se um mal menor tolerar os heréticos tendo em vista o fim das guerras e a estabilidade do Estado, bem como a retomada dos negócios e da prosperidade econômica.

[...]

GOULART, Rodrigo de Souza. A tolerância religiosa na história: implicações para o campo educacional. In: XIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA PUC-RIO. **Relatórios Anuais**. Rio de Janeiro: Centro de Teologia e Ciências Humanas, ago. 2011. p. 9, 12-13. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CTCH/EDU/EDU-Rodrigo%20de%20Souza%20Goulart.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PRESENTE

Você conhece a banda irlandesa U2? Ela já existe há mais de 30 anos! Uma das suas canções mais conhecidas, chamada ***Sunday Bloody Sunday***, nos conta sobre um episódio triste que aconteceu em seu país. Em 1972, uma manifestação de caráter político e religioso foi reprimida a tiros pelo exército britânico. Analise o trecho da música:

Sunday Bloody Sunday (Domingo sangrento)

Não posso acreditar nas notícias de hoje
Não posso fechar os olhos e fazê-las desaparecer
Por quanto tempo, por quanto tempo teremos de cantar esta canção?

[...]

Há muitos derrotados, mas me diga: quem ganhou?
As trincheiras cavadas em nossos corações
E mães, filhos, irmãos, irmãs dilacerados.

[...]

A batalha real apenas começou
Para reivindicar a vitória de Jesus

U2. ***Sunday Bloody Sunday***. Tradução do autor.

HORSTMANN/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

Bono Vox, vocalista da banda U2, em apresentação em Berlim, Alemanha. 2005.

a) Qual o sentimento expressado pelo autor?

b) O que ele quer dizer com "Há muitos derrotados, mas me diga: quem ganhou"?

c) Ainda existem pessoas que não respeitam a escolha religiosa dos outros? O que poderíamos fazer para mudar essa situação?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

CAPÍTULO

6 ESTADO MODERNO, ABSOLUTISMO E MERCANTILISMO

Observe a imagem com atenção.

PALÁCIO DE VERSALHES, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

Triunfo de Luís XIV, de Joseph Werner, guache, 1664. Palácio de Versalhes.

- **O personagem central desta pintura é o rei francês Luís XIV. Ele está representado como um deus da mitologia grega.**
  - » **Você sabe que deus é esse?**
  - » **Por que será que a cabeça do rei está circundada por raios luminosos?**
  - » **Que instrumento ele segura na mão esquerda?**
  - » **E a coroa de louros em sua cabeça, o que significa?**
  - » **Você considerou o título da pintura adequado a ela? Justifique.**
  - » **Com que intenção essa pintura teria sido feita?**

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender à habilidade **EF07HI07** da BNCC, citada a seguir:

– Descrever os processos de formação e consolidação das monarquias e suas principais características com vistas à compreensão das razões da centralização política.

Estimulamos o alunado a entrar em contato com o tema da formação e consolidação das monarquias por meio de uma pintura que veicula uma imagem idealizada de Luís XIV, com o objetivo de glorificá-lo.

Esforçamo-nos para ajudar o alunado a perceber que os processos de formação das monarquias nacionais na Europa têm algumas características em comum, apesar de possuírem um tempo e um ritmo próprios. Esperamos assim ajudá-lo a compreender as razões do processo de centralização política em foco.

- É Apolo, deus grego do Sol e da música.
- Porque o pintor provavelmente queria sugerir que se trata do rei Sol.
- Uma cítara, instrumento musical de cordas, espécie de lira.
- A coroa de louros representa a vitória, glorificando o rei.
- Resposta pessoal.
- Essa pintura de Joseph Werner, datada de 1664, foi feita para glorificar Luís XIV. Veja o que o historiador inglês Peter Burke diz sobre a função das imagens de Luís XIV produzidas durante seu reinado:

> Quanto à função da imagem, ela não visava, de modo geral, a fornecer uma cópia reconhecível dos traços do rei ou uma descrição sóbria de suas ações. Ao contrário, a finalidade era celebrar Luís, glorificá-lo, em outras palavras, persuadir espectadores, ouvintes e leitores de sua grandeza. Para isso, pintores e escritores se inspiravam numa longa tradição de formas triunfais.
>
> BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 31.

A pintura apresentada na página de abertura faz parte da série de pinturas mitológicas expostas em palácios (agora museus) franceses, como Louvre, Versalhes, entre outros.

ENCAMINHAMENTO

- Retomar a ideia de que, a partir do século XI, assistiu-se no Ocidente europeu ao revigoramento do comércio e das cidades e ao surgimento de um novo grupo social, a burguesia, formada basicamente por artesãos e mercadores. Entretanto, a existência de nobres com direito de cunhar sua própria moeda e de cobrar taxas de quem passasse por seus domínios encarecia as mercadorias, atrapalhando os negócios da burguesia.
- Comentar que os burgueses, então, se aproximaram do rei em busca de proteção e ajuda; o rei, por sua vez, interessado nos impostos pagos pela burguesia, passou a favorecê-la.
- Explicar que a nobreza também se aproximou do rei, visando manter privilégios, receber pensões e conseguir altos postos no exército real. Os camponeses, por sua vez, passaram a ver o rei como alguém capaz de protegê-los contra os abusos da nobreza. Concluindo: por diferentes motivos, burgueses, nobres e camponeses aproximaram-se do rei. Fortalecido, ele formou um exército profissional e estabeleceu uma moeda única para todo o reino. Com isso, foi impondo seu poder sobre todos os súditos. Esse processo secular de fortalecimento do poder real é chamado de formação do Estado moderno.

O fortalecimento do poder dos reis

Na Europa, a partir do século XI, ocorreu um crescimento do comércio e das cidades e a formação de um novo grupo social, a burguesia, composta basicamente por mercadores e artesãos.

ARQUIVO DA PAERIA, CATALUNHA, ESPANHA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Os burgueses, então, percebendo a importância da monarquia para o sucesso de seus negócios, apoiaram o rei por meio de doações e empréstimos. O rei, por sua vez, passou a favorecê-los, fazendo leis que protegiam o comércio e concedendo a eles cargos na administração do reino.

Nessa iluminura do século XIV, o Rei Afonso II (1152-1196) confirma os privilégios concedidos aos mercadores da cidade de Barcelona, na região onde hoje está a Espanha. Pere Albert. Século XIV. Espanha.

A nobreza também se aproximou do rei, visando manter privilégios, como os de receber pensões e altos postos no exército real. Os camponeses, por sua vez, passaram a ver o rei como alguém capaz de protegê-los contra os abusos da nobreza.

Então, aos poucos, por meio de doações, da arrecadação de impostos e da venda de cargos públicos, o rei conseguiu recursos para montar um exército assalariado e permanente e pagar funcionários para administrar o seu reino. Assim, ganhou força para estabelecer uma moeda única e leis comuns para todo o reino e, com isso, foi impondo sua autoridade a todos os súditos. O fortalecimento gradual do poder dos reis entre os séculos XI e XV é conhecido como processo de formação do **Estado Moderno**. Em cada país da Europa, esse processo teve tempo e ritmos próprios.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O Estado Moderno

[...] quais os grupos que, intencionalmente ou não, acabaram favorecidos por suas práticas de governo? Seria a burguesia nascente a beneficiária desse *Estado de transição*, contrário à nobreza? – como entendeu Karl Marx, mesmo que a Coroa não pudesse apoiá-la claramente, pelo fato de não estar ainda estabelecido o modo de produção capitalista e de não estar essa classe constituída plenamente. Seria a monarquia uma entidade relativamente autônoma em relação a uma luta de classes ainda por vir, promovendo o equilíbrio de forças entre a nobreza (dominante politicamente) e a burguesia (economicamente mais forte), como pensou Engels, e cujo confronto mais direto só se manifestaria na França, séculos depois, no final do Antigo Regime? Ou seria, ainda, a expressão dos derradeiros esforços da nobreza, visando à manutenção de seus antigos poderes e privilégios?

[...]

A monarquia inglesa

Apresentaremos a seguir alguns exemplos do processo de fortalecimento do poder real ou da centralização política na Europa; estudaremos o caso da Inglaterra, da França, de Portugal e da Espanha.

No século XI, **Guilherme, O conquistador**, duque da Normandia (região do norte da França) conquistou a Inglaterra e se tornou rei com o título de **Guilherme I**. Durante seu reinado, ele exigiu que todos os senhores feudais prestassem juramento de fidelidade apenas ao rei, dividiu as terras inglesas em condados e nomeou funcionários reais (os **xerifes**) para administrá-los. Além disso, proibiu as guerras particulares entre a nobreza. Com essas medidas, o rei Guilherme submeteu a nobreza, dando início ao processo de fortalecimento do poder real inglês. A conquista da Inglaterra liderada por ele foi registrada na famosa **Tapeçaria de Bayeux**.

Xerifes: palavra de origem inglesa (*sheriff*). Na Inglaterra medieval, era o nome dado ao funcionário encarregado de administrar e exercer a autoridade sobre um condado.

A **Tapeçaria de Bayeux** é uma obra de 70 metros de comprimento que descreve em 58 cenas a conquista da Inglaterra pelos normandos liderados por Guilherme, o Conquistador. Atualmente, ela se encontra no Museu de Bayeux, na cidade de mesmo nome, no norte da França. Note que a narrativa lembra uma história em quadrinhos.

1

MUSÉE DE LA TAPISSERIE. BAYEUX, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

3

MUSÉE DE LA TAPISSERIE. BAYEUX, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

2

MUSÉE DE LA TAPISSERIE. BAYEUX, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

1. Normandos desembarcam cavalos necessários à guerra de conquista.
2. Normandos constroem fortificações para melhor combater os ingleses.
3. Guilherme, o Conquistador, encoraja seus homens na luta pela conquista da Inglaterra.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio (continuação)

Ora, de acordo com o francês Paul Ricoeur, um dos mais importantes filósofos dedicados a pensar epistemologicamente a história, ela tem por função nomear o que mudou, o que foi abolido, o que foi *outro*. Aplicadas essas considerações ao nosso caso, parece mais importante – e factível – representar a monarquia nacional à época de sua formação do que verificar como eram as monarquias medievais e como foram deixando de ser o que eram para se tornar o que passaram a ser no início da Idade Moderna, o que, aliás, embute uma velada e arcaica concepção de história como progresso. Do mesmo modo, enfatizar, privilegiadamente, as funções que assumiu no período não implica desconsiderar seus papéis anteriores – o que foi abolido –, mas sim concentrar o foco de observação em nosso período mais restrito de análise, inclusive para tentar não sucumbir a uma das grandes tentações dos historiadores: o anacronismo construtor de modelos, que caracteriza muitas escritas historiográficas do passado.

Embora nossas escolhas tentem reduzir em muito a complexidade da análise, não a eliminam de todo. Por exemplo, conquanto seja bem fácil identificar uma monarquia pelos seus aspectos mais evidentes, a começar pela cabeça coroada que exerce o governo a partir do trono, o sentido de "nacional" varia bastante, no tempo e no espaço, fazendo com que, durante gerações, os camponeses pudessem se sentir bem mais identificados por seu pertencimento à aldeia ou à região do que a uma abstração chamada *nação*.

Em todo caso, para o que nos interessa diretamente, importa saber que, no século XVI, os Estados funcionavam, principalmente, como grandes agentes financeiros, sustentando suas ações por meio da arrecadação de impostos, pela venda de cargos, pelo confisco de bens e pela cessão, por lucrativos contratos temporários, de privilégios e monopólios, como os relativos à navegação.

[...]

Até que os Estados se tornassem os principais empreendedores do século XVI, cada caso "nacional" teve características, tempo e ritmo próprios, o que também desaconselha traçar qualquer modelo de Estado, embora isto não impeça que apontemos, sumariamente, seus principais elementos formadores, quais sejam: um sistema legal unificado, uma burocracia de funcionários especializados para elaborar e fazer cumprir as normas e códigos administrativos, além de um exército permanente – tudo isso mantido à custa dos impostos e dos outros mecanismos de arrecadação já referidos.

MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 96-99.

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que Henrique II deu continuidade à centralização do poder, ordenando que as questões de disputas fossem julgadas pelo tribunal do rei e não pelos tribunais da nobreza (locais).
- Comentar que os juízes percorriam as diferentes partes do reino julgando e registrando suas decisões, que, depois, eram usadas como orientação para casos futuros.
- Destacar que, dessa forma, um direito comum a todo o reino foi aos poucos substituindo o direito de cada localidade; esse direito serviu de força unificadora e proporcionou aos ingleses um sistema de justiça menos parcial.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Os seus vários títulos (rei, duque, conde).

b) O clero e a nobreza; os outros grupos sociais, portanto, ficavam de fora.

c) Sim, na medida em que garantia a entrada e a saída dos mercadores, bem como sua proteção contra os assaltos da nobreza ("extorsões ilegais").

d) Sim, pois, a partir dela, o rei era obrigado a consultar os representantes do clero e da nobreza para lançar impostos.

Aprofundar o assunto acessando os seguintes textos: MAGNA Carta – 1215 (*Magna Charta Libertatum*). Disponível em: <http://livro.pro/72a8fx>; A IMPORTÂNCIA da Magna Carta na história da Inglaterra e dos EUA. Disponível em: <http://livro.pro/r8sh27>. Acessos em: 25 set. 2018.

Henrique II (1154-1189), um dos sucessores de Guilherme I, acelerou o processo de fortalecimento do poder real exigindo que todas as questões fossem julgadas por tribunais reais, e não pelos da nobreza. **Ricardo Coração de Leão**, seu filho e sucessor, passou a maior parte do tempo fora do país lutando nas Cruzadas.

João sem Terra (1199-1216), irmão de Ricardo, envolveu-se em guerras demoradas e perdeu boa parte das terras que sua família possuía na França; por isso o rei João ganhou esse apelido. Para custear gastos militares, João determinou sucessivos aumentos de impostos, provocando com isso uma revolta da nobreza, que o obrigou a assinar a **Magna Carta** (1215). Leia a seguir um trecho desse documento.

Dica! Discurso do rei João Sem Terra. Duração: 6min33s. Disponível em: <http://livro.pro/5p4mmu>. Acesso em: 25 set. 2018. Recorte do filme **Robin Hood** (2010) no qual o rei João sem Terra faz seu discurso aos nobres.

PARA REFLETIR

A Magna Carta

João, pela graça de Deus, rei da Inglaterra, senhor da Irlanda, duque da Normandia e da Aquitânia, conde de Anjou, [...] determina que: [...]

Nenhum imposto [...] será estabelecido no nosso reino, sem o consenso geral [...].

Para obter o consenso geral a fim de lançar [...] impostos [...] mandaremos convocar [...] os arcebispos, bispos, abades, condes e grandes barões por meio de cartas, e além disso mandaremos convocar todos os nossos vassalos diretos. [...]

Todos os mercadores poderão livre e seguramente sair da Inglaterra, nela entrar, permanecer e passar, quer por terra quer por água, para comprar e vender, sem receio de extorsões ilegais de acordo com o antigo costume. [...]

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 234-237.

a) Que elementos do texto indicam que João sem Terra era um membro da nobreza?

b) Quais grupos o rei se comprometia a consultar em caso de aumento de impostos?

c) A Magna Carta também favorecia a burguesia? Justifique.

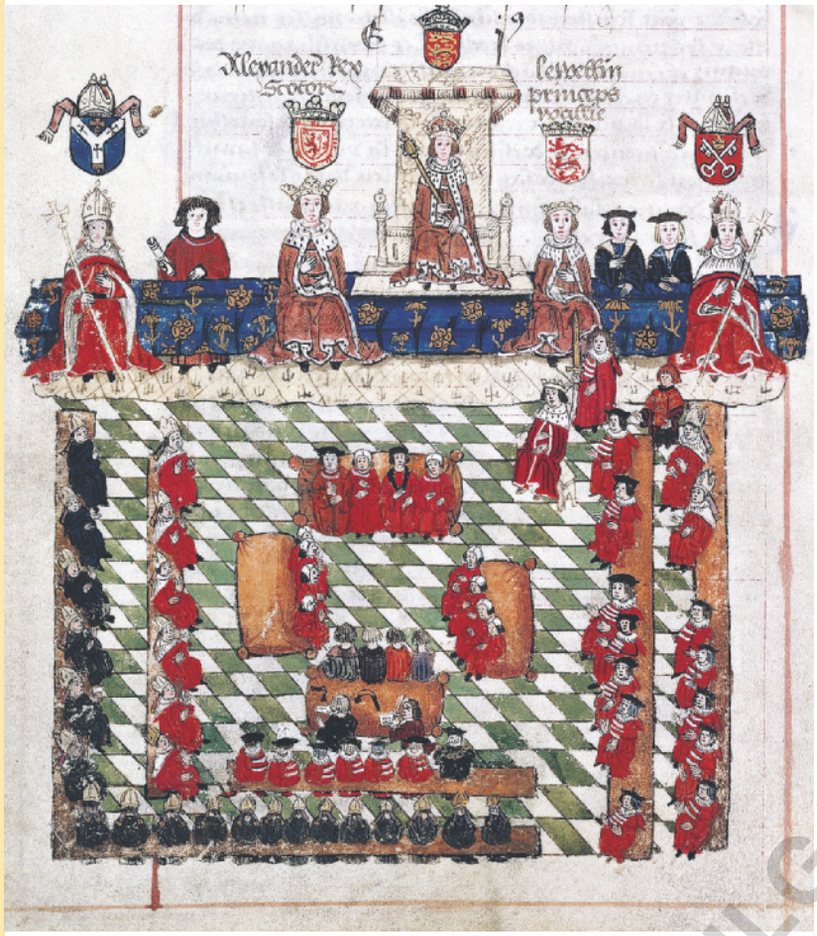
d) Pode-se dizer que a Magna Carta limitou o poder do rei?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

98

Henrique III (1216-1272) desrespeitou a Magna Carta, impondo a cobrança de novos impostos, o que provocou outra revolta da nobreza. A burguesia também participou dessa revolta e, com isso, ganhou o direito de fazer parte do Grande Conselho, que, em 1265, passou a ser chamado de **Parlamento**. Os reis medievais convocavam e dissolviam o Parlamento e também propunham o assunto a ser debatido.

Com o tempo, o Parlamento ganhou força e foi dividido em duas câmaras: a **Câmara dos Lordes**, integrada por representantes do clero e da alta nobreza (barões, condes e duques), e a **Câmara dos Comuns**, formada por representantes da pequena nobreza e da burguesia.



COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: DEA PICTURE LIBRARY/GETTY IMAGES

Iluminura do século XIII, em que está representado o rei inglês Eduardo I (1272-1307), filho de Henrique III, dirigindo uma reunião do Parlamento. Como a criação de novos impostos dependia da aprovação do Parlamento, o rei recorria a ele em busca de apoio; o Parlamento, por sua vez, usava seu poder para aumentar sua influência. Assim, criou-se na Inglaterra uma tradição segundo a qual o poder de governar não cabia apenas ao rei, mas ao rei e ao Parlamento juntos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A HISTÓRIA da Inglaterra. Duração: 44 min. Disponível em: <http://livro.pro/6osn9m>. Acesso em: 25 set. 2018.

Vídeo sobre a formação da monarquia e do Império Britânico.

Texto de apoio

A singular Constituição inglesa: estudos em homenagem aos 800 anos da Magna Carta

Todo Direito Constitucional inglês ou britânico, bem como seu estudo, está essencialmente conectado com as linhas históricas político-jurídicas que foram traçadas desde o século X. Com Guilherme, o Conquistador, os direitos particulares de cada região foram agregados na *common law*, que permanece desde então na Ilha [...]. Também, em 1215 e 1628, foram aprovadas cartas que impunham restrições ao exercício do Poder pelo Rei e estabeleciam direitos aos ingleses. Esses documentos ainda hoje são relembrados e ditos válidos.

A história tem desempenho fundamental para a construção do sistema político inglês. O Parlamentarismo, muito longe de ser obra de um teorista sentado a escrever, na verdade é decorrência de séculos de idas e vindas dos combates políticos entre a Coroa e o Parlamento. Da mesma sorte é a Separação de Poderes, que deriva das práticas da Constituição Mista presentes já no medievo e que se adaptam e evoluem com os condicionamentos históricos.

[...]

A história de formação do parlamentarismo se confunde com a história política inglesa. Suas raízes se encontram em costumes medievais, nos quais os suseranos convocavam os vassalos para comporem conselhos, especialmente para decidirem questões tributárias. Esses Conselhos, na Inglaterra chamados de *Parliamentum*, assistiam o Rei em suas deliberações, e com o correr do tempo se impuseram para que fossem permanentes e não funcionassem esporadicamente ao sabor do monarca [...]. Já na segunda metade do século XIV, o Parlamento apresentava a atual estrutura, bipartido entre Câmara dos Lordes e Câmara dos Comuns. [...]

[...]

[...] o parlamentarismo se entrelaça com a história inglesa. Não houve uma doutrina que desenhasse o Parlamentarismo antes de colocá-lo na realidade, e por isso se revela um sistema tão funcional e interessante. [...]

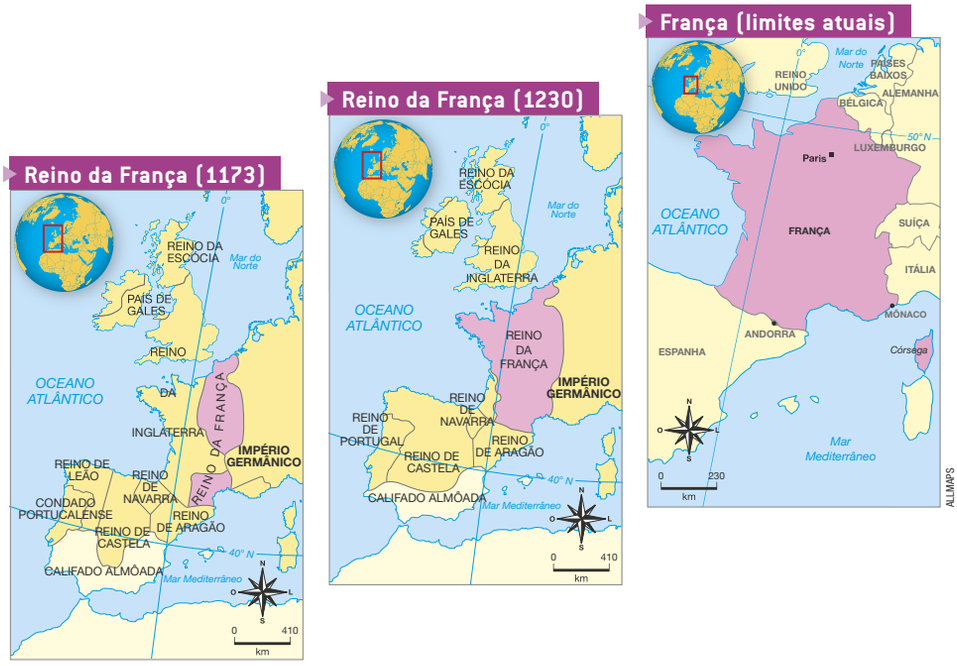
ANTONACCI, Leonardo. A singular Constituição inglesa: estudos em homenagem aos 800 anos da Magna Carta. **Revice**, v. 1, n. 2, p. 152, 160-161, 2016. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/revice/article/view/3660>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Propor aos alunos que analisem com atenção os mapas da página.
- Esclarecer aos alunos que a constituição do atual território francês foi sendo consolidada ao longo de um processo que teve início com Felipe Augusto.
- Comentar que esse rei estimulou o comércio e a arrecadação de impostos, o que lhe permitiu ter um grupo maior de funcionários a seu serviço.

A monarquia francesa

Na França, o primeiro rei a impor sua autoridade a todos os grupos sociais foi **Felipe Augusto** (1180-1223). Felipe conquistou feudos imensos casando-se por interesse, comprando terras dos nobres e usando a força de um exército profissional assalariado para fortalecer o poder real. Para a capital do reino, Felipe Augusto escolheu a cidade de Paris.



Fonte: McEVEDY, Colin. **Atlas da História Medieval**. São Paulo: Verbo, 1990. p. 71-79.

No mapa da esquerda, vê-se o território da França antes do reinado de Felipe Augusto; no mapa do centro, a França depois dele. Comparando esses mapas, percebe-se que sob Felipe Augusto o território da França tornou-se três vezes maior.

Luís IX (1226-1270) também contribuiu para a centralização do poder na França, permitindo que todo aquele que fosse condenado por um tribunal da nobreza recorresse a um tribunal do rei e impondo uma moeda única para todo o reino da França.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Luís IX, o rei das três ordens

[...] O século XIII dá o tom de uma época na qual a proliferação de documentação escrita se processa de maneira inequívoca. Situado no impulso mais vigoroso de um movimento de transcrição das antigas leis e costumes consuetudinários, este século vê redobrarem-se os testemunhos capazes de prolongar sua memória. São Luís, especificamente, é um grande incentivador desta lógica tipicamente urbana, ordenando a produção de numerosos documentos textuais, sobretudo de caráter normativo.

A burocracia real conhece, com São Luís, uma nova fase de crescimento. O rei santo é, segundo Jacques Le Goff, um rei da escrita. Este crescimento não está ligado apenas ao desenvolvimento das instituições reais, mas exprime também a concepção que São Luís possui de sua função, de seu dever de intervenção no reino, de sua confiança na eficácia do ato escrito, testemunho da vontade real oficial.

É nesta lógica que se insere o ***Livre des métiers de Paris***. Pois Paris, o coração do reino, havia sido tomada pela desordem e pelo pecado; e é em um esforço por extirpar esses males da cidade real que o rei lhe concede um estatuto especial que, sob diversas formas, perpetuou-se até nossos dias. Em 1261, São Luís determina que seja feita uma reforma administrativa que concede praticamente plenos poderes no que se refere à manutenção da ordem – noção um tanto quanto abrangente – ao preboste, que se torna o que chamaríamos de "prefeito de polícia". Entrega o cargo a um homem de confiança e de pulso firme: Étienne Boileau. A ação atribuída a Boileau comporta três objetivos: fazer com que se respeite a ordem, favorecer o desenvolvimento da prosperidade e fazer com que cheguem ao Tesouro real contribuições financeiras correspondentes ao enriquecimento da cidade e de seus habitantes abastados. Tudo isto, para o rei, está intimamente associado a uma moralização da administração do reino, de sua capital em particular, e de seus habitantes como um todo, não havendo uma distinção clara entre reformas de caráter administrativo, fiscal ou moral.

BARRETTO, Luiza Zelesco. **A construção da imagem de Luís IX, o "rei das três ordens" (século XIII)**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. p. 31-32. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1658.pdf>. Acesso em: 2 out. 2018.

PARA REFLETIR

O texto a seguir é de 1265. Leia-o com atenção:

> Que ninguém possa fazer moeda semelhante àquela do rei [...].
>
> Que nenhuma moeda seja aceita no reino, a partir da festa de São João [...] fora da moeda do rei, e que ninguém venda, compre e faça negócios senão com esta moeda. E a moeda do rei pode e deve correr no seu reino inteiro, sem oposição de outras moedas particulares que possam existir.
>
> [...] E que ninguém possa danificar a moeda do rei, sob pena física e multa.

ORDENNANCES des rois de France de la troisième race. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 243.

MUSEU DO LOUVRE, PARIS. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

O rei Luís IX embarca para as Cruzadas. Repare que seu manto é bordado com a flor de lis, símbolo da monarquia francesa. Século XV. Paris, França.

a) Quem é o responsável por esse texto e que lugar o autor ocupa na sociedade?

b) Como você chegou a essa conclusão?

c) Contextualize: a que processo histórico se pode relacionar esse documento de época?

Felipe IV, o Belo (1285-1314), deu continuidade à centralização política, exigindo que o **clero** também pagasse impostos. Como o papa se opôs a essa decisão, Filipe IV convocou os **Estados Gerais**, que, em 1302, aprovaram sua decisão. Assim, pouco a pouco, o rei foi ganhando poder e impondo sua autoridade a todo o reino.

Clero: conjunto de sacerdotes de uma religião; no caso, bispos, arcebispos, padres.

Estados Gerais: assembleia formada por representantes da nobreza, do clero e da burguesia.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O responsável por esse texto é o rei, figura com maior prestígio na sociedade francesa da época.

b) O texto é uma "ordem do rei", como se pode ver nos créditos do texto intitulado ***Ordennances de rois de France*** ("Ordens dos reis da França").

c) Esse documento pode ser relacionado ao processo de centralização política, também conhecido como processo de formação do Estado moderno.

Texto de apoio

A disputa entre o Papa Bonifácio VIII e o rei Filipe IV no final do século XIII

A universalidade do Papa, de acordo com os dados da Bíblia, da prática do cristianismo primitivo e de Gregório Magno, era essencialmente religiosa. Mas, no século XIII, o aspecto político-secular firma-se fortemente na plenitude de poder do Papa. [...]

[...]

[...] Bonifácio VIII, apoiado na concepção medieval da supremacia papal, de um lado, e Filipe IV, [...] Rei da França, com a concepção moderna da autonomia nacional, do outro lado. A disputa entre eles será dura e fará estremecer a Cristandade, marcando a passagem para uma nova era.

Na época, França e Inglaterra estavam em guerra pela disputa de um território. Ambas ficaram prejudicadas, assim como também o clero, que se sentiu afetado com as cobranças de impostos e por isso apelou ao Papa contra tais abusos. Bonifácio VIII levou o assunto a sério, colocando todo o peso do seu pontificado nessa questão. Em 1296, com a Bula ***Clericis laicos*** proibia a ambos os reis a taxação dos bens eclesiásticos, pois esta estava reservada ao Papa. A Inglaterra cedeu sem dificuldades. A França, porém, inicia uma luta dura contra o Papado. [...]

Acontecia que, na França e na Inglaterra, contra as prescrições canônicas, se exigiam impostos dos clérigos para fins bélicos; Bonifácio resolveu coibir esse abuso pela Bula ***Clericis laicos***, de 1296, em que, sob pena de excomunhão, proibia aos eclesiásticos pagar qualquer tributo aos leigos, e a estes cobrar o que fosse, sem licença papal. Eduardo I, depois de muita indignação, sujeitou-se à Bula; Filipe, o Belo, porém, reagiu, [...] proibiu a exportação de ouro, prata, alimentos, cavalos, armas da França, com os quais Bonifácio contava para a Cruzada. [...] O Papa, diante desses decretos, retrocedeu: declarou que as obrigações vassalares do clero para com o rei não cessavam com a Bula; permitia mesmo que se fizessem doações espontâneas ao rei [...].

Filipe rebateu a medida papal, proibindo a saída de ouro e prata da França. Com isso dava um golpe gravíssimo nas finanças do Papa e, ao mesmo tempo, reunia ao redor de si o consenso da população francesa, descontente com os altos impostos da Igreja. O Rei sentia-se amparado por toda a nação [...].

STREFLING, Sérgio Ricardo. A disputa entre o papa Bonifácio VIII e o rei Filipe IV no final do século XIII. **Telecomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 526-529, dez. 2007. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/2732/2081>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que a Guerra dos Cem Anos e as guerras de religião do século XVI também colaboraram para o fortalecimento do poder real na Europa.
- Caracterizar a Guerra dos Cem Anos como uma guerra nacional.
- Destacar que a Guerra dos Cem Anos estimulou a fidelidade ao rei Carlos VII, que confiou a liderança dos seus exércitos à camponesa Joana d'Arc. O rei e a camponesa passaram então a ser vistos como símbolos de uma identidade nacional em construção. O "outro" eram os ingleses, diferentes nos costumes, na língua e no vestuário.
- Trabalhar o significado de **huguenotes**, retomando conteúdos vistos durante o estudo da Reforma Protestante.
- Analisar o papel das guerras de religião na consolidação do Estado francês.
- Explicar que as guerras de religião foram alimentadas por poderosas famílias da nobreza, que armavam e pagavam homens para lutar entre si pelo poder.

+ATIVIDADES

- Faça uma pesquisa sobre a vida de Joana d'Arc e analise o seu papel no contexto da unificação da França.

Sugestão de *site* para pesquisa sobre a vida de Joana d'Arc: THE HISTORY CHANNEL. **Joana d'Arc**. Disponível em: <http://livro.pro/7mq4wa>. Acesso em: 25 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A GUERRA dos Cem Anos. Duração: 25min23s. Disponível em: <http://livro.pro/wbfa7d>. Acesso em: 25 set. 2018.

O vídeo faz parte de uma série animada portuguesa intitulada "Era uma vez o homem". Nesse episódio são narrados eventos ligados à Guerra dos Cem Anos.

- JOANA d'Arc. Duração: 23min24s. Disponível em: <http://livro.pro/wxymh6>. Acesso em: 25 set. 2018.

Documentário denominado "Arquivos confidenciais". Nesse episódio são discutidas as diferentes facetas de Joana d'Arc.

Guerras que fortaleceram o rei

Duas importantes guerras também colaboraram para a centralização política na Europa: a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), que enfraqueceu a nobreza, pois muitos nobres morreram no conflito, e as guerras de religião.

Huguenotes: nome dado aos calvinistas na França.

As guerras de religião foram uma série de conflitos armados entre católicos e **huguenotes** ocorridos na segunda metade do século XVI. Esses conflitos opuseram duas grandes famílias da nobreza: a dos Guise, católica, e a dos Bourbon, protestante, e resultaram em episódios sangrentos. Um deles ocorreu em 24 de agosto de 1572, na França, quando a rainha Catarina de Médici, interessada em afirmar o poder monárquico, ordenou a matança de protestantes. A violência se estendeu ao interior do país, ocasionando a morte de trinta mil protestantes. O episódio ficou conhecido como Noite de São Bartolomeu.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: ALBUM/AKG-IMAGES/FOTOARENA

A Noite de São Bartolomeu, gravura em cobre. Imagem colorizada. Gaspard Bouttats (c. 1640-c. 1695).

Na França, as guerras entre católicos e protestantes chegaram ao fim no reinado de Henrique IV que, ao assumir o trono em 1589, renunciou ao protestantismo com a célebre frase: "Paris bem vale uma missa". Nove anos depois, ele assinou o **Édito de Nantes**, que concedia liberdade religiosa aos protestantes.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

O absolutismo

Durante o processo de centralização política, algumas monarquias europeias adotaram o **absolutismo**, regime político caracterizado por uma grande concentração de poder nas mãos do rei. Os monarcas absolutistas podiam convocar o exército, criar e cobrar impostos, fazer leis e declarar guerra a outros reinos. Mas, ao contrário do que possa parecer, o poder do rei absolutista tinha limites; ele tinha seu poder limitado pelos costumes da época, pela tradição e pela existência de ministros fortes. Entre os fatores que contribuíram para o estabelecimento do absolutismo estão: o aperfeiçoamento da imprensa, a Reforma Protestante e a política de caça às bruxas.

Absolutismo: regime político que se desenvolveu na Europa ocidental entre os séculos XV e XVIII. O absolutismo teve, portanto, tempo e lugar definidos.

A imprensa melhorou o sistema de comunicação em toda a extensão do reino, aumentando o poder do rei sobre seus súditos. A Reforma Protestante enfraqueceu o poder universal do papa, propiciando, assim, o fortalecimento do poder do rei. A política de caça às bruxas foi aplicada contra as populações camponesas: inicialmente os reis espalhavam o pânico no campo, acusando os camponeses, sobretudo mulheres, de praticarem feitiçaria. Depois, com a desculpa de combatê-la, os reis condenavam essas pessoas à morte na fogueira ou na forca. E, dessa forma, estendiam sua autoridade também ao campo.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

Os reis definiram o crime de feitiçaria como de lesa-majestade (traição ao rei) e, com essa justificativa, reprimiram brutalmente homens e mulheres, camponeses em sua maioria. Gravura do século XVI mostrando camponesas sendo queimadas sob a acusação de bruxaria. Derneburg, Alemanha. A imagem representa um fato real ocorrido em 1555.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Explicar que algumas monarquias europeias evoluíram em direção ao absolutismo, uma forma histórica de organização do poder que se desenvolveu no Ocidente europeu entre os séculos XV e XVIII. O absolutismo possui, portanto, tempo e lugar definidos.
- Relativizar a ideia de que o poder dos reis absolutistas era ilimitado, informando que, apesar de concentrarem enorme soma de poder, os reis absolutistas encontravam freios às suas ações nas concepções morais, nos costumes da época e na ânsia de poder de alguns de seus ministros. Outro limite ao poder absoluto dos reis era a existência de privilégios e imunidades dados a indivíduos, grupos sociais e corporações.
- Reforçar a ideia de que a explicação dos fenômenos históricos é multifatorial. Entre os fatores que contribuíram para o estabelecimento do absolutismo estão: o aperfeiçoamento da imprensa, a Reforma Protestante e a política de caça às bruxas.
- Citar o exemplo da política de caça às bruxas, informando que era comum mulheres acusadas de feitiçaria serem obrigadas a provar sua inocência enquanto eram submetidas ao afogamento.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- UMA NOVA narrativa para a Europa. Duração: 20min57s. Disponível em: <http://livro.pro/kaufz3>. Acesso em: 25 set. 2018.

O documentário conta a história da Europa a partir da fala de diferentes cidadãos, buscando uma aproximação da história da Europa com a das gerações atuais.

- A ERA do absolutismo. Duração: 25min44s. Disponível em: <http://livro.pro/oasqht>. Acesso em: 25 set. 2018.

O vídeo faz parte de uma série sobre a sociedade ocidental. Nesse episódio é abordada a formação das monarquias absolutistas na Europa ocidental.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• LEVIATÃ. Duração: 14min40s. Disponível em: <http://livro.pro/rbkgu5>. Acesso em: 25 set. 2018.

A animação é inspirada na principal obra de Thomas Hobbes, **Leviatã**.

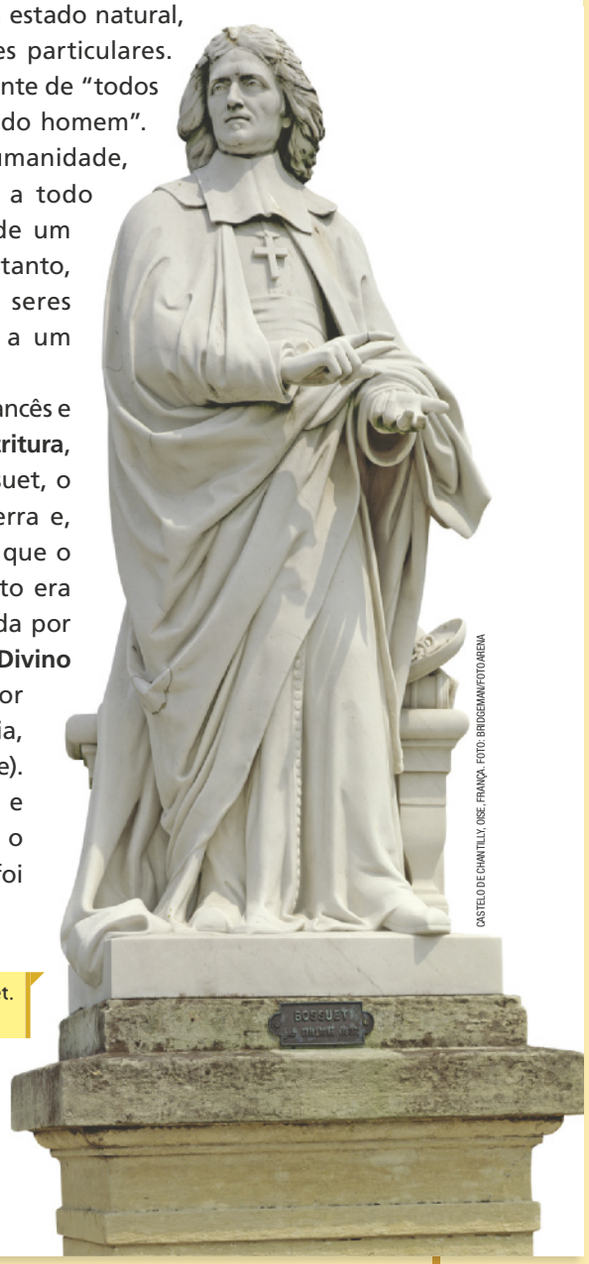
Teóricos do absolutismo

Conforme os reis impunham sua autoridade, em toda a extensão do reino surgiam pensadores que refletiam sobre o absolutismo monárquico. Alguns deles justificavam esse regime político. Entre eles, cabem destacar:

Thomas Hobbes (1588-1679): filósofo inglês e autor de **Leviatã**, dizia que, no princípio, os homens viviam em estado natural, obedecendo apenas aos seus interesses particulares. Por isso, a vida era uma guerra permanente de "todos contra todos" e o homem era o "lobo do homem". Então, para evitar a destruição da humanidade, os seres humanos teriam renunciado a todo direito e a toda liberdade em favor de um único senhor, o Estado absolutista. Portanto, segundo Hobbes, foram os próprios seres humanos que entregaram seu poder a um homem, o monarca absolutista.

Jacques Bossuet (1627-1704): bispo francês e autor de **A política tirada da Sagrada Escritura**, uma teoria apoiada na Bíblia. Para Bossuet, o rei era o representante de Deus na Terra e, como tal, era infalível. Assim, o direito que o rei tinha de governar de modo absoluto era de origem divina; por isso a teoria criada por Bossuet é chamada de **Teoria do Direito Divino dos Reis**. Segundo essa teoria, o maior crime que um súdito podia cometer seria, então, o de traição ao rei (lesa-majestade).

O absolutismo variou no tempo e no espaço. O rei que melhor encarnou o regime absolutista na Europa ocidental foi o francês Luís XIV (1643-1715), o Rei-Sol.



CASTELO DE CHANTILLY, OISE, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Estátua em mármore de Jacques Benigne Bossuet. Eugene Guillaume (1822-1905). França.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Textos de apoio

Thomas Hobbes (1578-1679)

[...] Para ele, conforme afirmou em seu famoso livro **Leviatã**, a constituição desse poder central era a única possibilidade de que as pessoas fossem protegidas contra invasores estrangeiros e injúrias alheias e pudessem viver "satisfeitas": transferindo "todo o seu poder e fortaleza a um homem ou a uma assembleia de homens, todos os quais, por pluralidade de votos, possam reduzir suas vontades a uma vontade", como se cada súdito dissesse a todos que autorizava e transferia a este homem ou assembleia de homens o direito de "governar-me a mim mesmo, com a condição de que todos vós transferireis a ele vosso direito e autorizareis todos seus atos da mesma maneira". Seria essa a origem e natureza do **Leviatã**, ou melhor, com infinita reverência, daquele "*Deus mortal*, ao qual devemos, sob o *Deus imortal*, nossa paz e nossa defesa".

MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 101.

O texto a seguir é do bispo Jacques-Bénigne Bossuet.

Três razões fazem ver que este governo é o melhor. A primeira é que é o mais natural e se perpetua por si próprio... A segunda razão... é que esse governo é o que interessa mais na conservação do Estado e dos poderes que o constituem: o príncipe, que trabalha para o Estado, trabalha para os seus filhos, e o amor que tem pelo seu reino, confundido com o que tem pela sua família, torna-se-lhe natural... A terceira razão tira-se da dignidade das casas reais... A inveja, que se tem naturalmente daqueles que estão acima de nós, torna-se aqui em amor e respeito; os próprios grandes obedecem sem repugnância a uma família que sempre viram como superior e à qual se não conhece outra que se possa igualar... O trono real não é o trono de um homem, mas o trono do próprio Deus... Os reis... são deuses e participam de alguma maneira da independência divina. O rei vê de mais longe e de mais alto; deve acreditar-se que ele vê melhor, e deve obedecer-se-lhe sem murmurar, pois o murmúrio é uma disposição para a sedição.

BOSSUET, Jacques-Bénigne. Política tirada da Sagrada Escritura. In: MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História moderna através de textos**. São Paulo: Contexto, 1994. p. 62. (Textos e documentos, v. 3).

O reinado de Luís XIV, o Rei-Sol

O rei que melhor encarnou o absolutismo na Europa ocidental foi o francês Luís XIV (1643-1715), o Rei-Sol, que reinou de fato por 54 anos. No poder, ele julgava e punia; dava ordens e fiscalizava sua execução; decidia pessoalmente pelo Estado francês. Enfim, agia de acordo com a frase atribuída a ele: "O Estado sou eu".

PALÁCIO DE VERSALHES, FRANÇA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Jean-Baptiste Colbert apresentando a Luís XIV os membros da Academia Real de Ciência. Henri Testelin. Óleo sobre tela. c. 1667.

Durante seu longo reinado, além de usar o exército para impor sua autoridade, Luís XIV procurou também atender aos interesses da nobreza e da burguesia. Atraiu a nobreza, distribuindo pensões e cargos bem remunerados. E, na sua corte, no famoso Palácio de Versalhes (residência do rei), abrigava e sustentava milhares de outros nobres, garantindo-lhes uma vida de luxo e ostentação.

Para agradar a burguesia, o rei entregou a direção da economia a Jean-B. Colbert, membro de uma importante família burguesa. Para manter a balança comercial favorável, Colbert aumentou os impostos sobre os produtos estrangeiros, dificultando sua entrada no país, e diminuiu os impostos sobre as exportações francesas. Além disso, concedeu prêmios em dinheiro a várias manufaturas francesas, sobretudo as de artigos de luxo.

Colbert estimulou a economia, mas não conseguiu equilibrar as finanças, principalmente por causa dos gastos escandalosos da corte, das sucessivas guerras externas e da fuga de capitais, motivada pela intolerância religiosa. É que, em 1685, o Rei-Sol proibiu a liberdade de culto dos protestantes (muitos deles ricos negociantes), que, por isso, deixaram o país rumo à Suíça, Inglaterra e Holanda, levando consigo seus capitais.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, durante seu governo, Luís XIV usou a força do exército real e, ao mesmo tempo, cuidou minuciosamente da construção de sua imagem pública para fortalecer sua autoridade. Isso explica por que Luís XIV foi o rei com o maior número de representações (pinturas, gravuras, estátuas etc.) na história do Ocidente.
- Destacar que, para agradar a burguesia, Luís XIV nomeou para ministro das finanças Jean-Baptiste Colbert, membro de uma família burguesa que adotou uma política mercantilista conhecida como **colbertismo**.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O mercantilismo segundo Colbert

Creio que se permanecerá facilmente de acordo neste princípio de que somente a abundância de prata num Estado faz a diferença de sua grandeza e de seu poder.

Sobre este princípio, é certo que saem todos os anos do reino, em gêneros de sua produção, necessários ao consumo dos países estrangeiros, cerca de 12 a 18 milhões de libras. Estão aí as minas do nosso reino, para a conservação das quais é preciso trabalhar cuidadosamente.

Os holandeses e outros estrangeiros fazem uma guerra perpétua a estas minas, e fizeram tão bem até o presente que, em lugar de que esta soma deva entrar no reino em prata corrente e aí produzir, por consequência, uma prodigiosa abundância, eles no-la trazem em diversas mercadorias, ou de suas manufaturas ou que tiram nos países estrangeiros, pelos dois terços desta soma, de sorte que não entram todos os anos no reino, em corrente, senão 4,5 a 6 milhões de libras. [...]

[...] Sua indústria e nossa pouca inteligência passaram tão adiante que, por intermédio dos fabricantes e dos comissários de sua nação, que tiveram poder de estabelecerem todos os portos do reino, tendo-se tornado senhores de todo o comércio pela navegação, colocaram preços em todas as mercadorias que compram e nas que vendem.

Sobre esta suposição é fácil concluir que quanto mais pudermos suprimir os ganhos que os holandeses obtêm sobre os súditos do rei e o consumo das mercadorias que nos trazem, tanto mais aumentaremos a prata corrente que deve entrar no reino por meio de nossos gêneros necessários, e tanto mais aumentaremos o poder, a grandeza e a abundância do Estado.

CLÉMENT, P. *Lettres, instructions et mémoires de Colbert*. Paris, 1873, t. II, p. CCLXIX, CCLXX. In: MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História moderna através de textos**. São Paulo: Contexto, 1994. p. 87-88. (Textos e documentos, v. 3).

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A ARTE barroca na Europa. Duração: 6min52s. Disponível em: <http://livro.pro/ckicnz>. Acesso em: 25 set. 2008.

Vídeo com características do barroco europeu.

PARA SABER MAIS

O barroco europeu

Na Europa de Luís XIV, o estilo de pintura predominante foi o barroco; este estilo surgiu na Itália no final do século XVI e tinha como principais características:

a) disposição dos elementos na tela quase sempre em diagonal;
b) gosto pelas oposições, com acentuado contraste entre o claro e o escuro e entre luz e sombra;
c) predominância de temas religiosos, ou ligados à vida da nobreza ou ainda ao cotidiano das pessoas comuns.

Na Espanha, viveu um importante representante do barroco: o pintor Diego Velázquez, um filho de nobres nascido em 1599, em Sevilha, que na época era a cidade mais rica da Espanha. Ele retratou indivíduos da nobreza espanhola do século XVII e também pessoas simples do povo. Observe ao lado.

GALERIA NACIONAL DA ESCÓCIA, EDIMBURGO. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

A velha cozinheira, 1618. Pintura de Diego Velázquez. Galeria Nacional da Escócia. Nessa imagem, o autor usa tons escuros para o fundo e ilumina os rostos e os objetos que pretende destacar.

Outro artista filiado ao barroco é o flamengo Anthony van Dyck. Pintor oficial da corte de Carlos I da Inglaterra, ele representou o modo de viver, de se vestir e de se comportar próprio da nobreza inglesa do século XVII.

Flamengo: natural das terras que hoje correspondem aos territórios da Bélgica e da Holanda.

ROYAL COLLECTION TRUST. FOTO: FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/HULTON FINE ART COLLECTION/GETTY IMAGES

Os filhos de Carlos I. Pintura de Anthony van Dyck. 1637. Londres, Inglaterra.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

O Barroco

O Barroco como estilo artístico desenvolveu-se especialmente entre o final do século XVI e o século XVII. Surgiu na Itália, difundiu-se por toda a Europa e a América Latina, sendo que nesta última região o estilo vigorou por mais tempo, até o início do século XIX. Em um mesmo período histórico poderiam coexistir estilos artísticos diferentes, de modo que o barroco conviveu com outros estilos, como o maneirismo e o rococó.

O termo barroco era utilizado por joalheiros para designar uma pérola irregular, imperfeita, sendo aplicado posteriormente para classificar uma arte que foi considerada extravagante e disforme. As antigas visões sobre o Barroco tendiam a esclarecer muito pouco, assim como exprimiam o desprezo por qualquer estilo de arte supostamente distante dos padrões clássicos de representação, isto é, que não reproduziam os padrões artísticos da Antiguidade greco-romana, consolidados no Renascimento artístico dos séculos XV-XVI e retomados no século XVIII pelo movimento chamado neoclássico.

Na pintura barroca europeia, sobressai a obra de Caravaggio (1571-1610), Pietro da Cortona (1596-1669), Andrea Pozzo (1642-1709), Peter Paul Rubens (1577-1640), Diego Velázquez (1599-1660), Rembrandt van Rijn (1606-1669), Van Dyck (1599-1641), Bartolomé Esteban Murillo (1618-1682) e Francisco Zurbarán (1598-1664). Na arquitetura, Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) e Francesco Borromini (1599-1667), sendo que o primeiro é também reconhecido por suas esculturas.

FARIA, Patrícia Souza de. **O barroco**. Biblioteca Nacional Digital Brasil, 2018. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/artes/o-barroco/>. Acesso em: 26 set. 2018.

O mercantilismo: riqueza e poder para o Estado

As monarquias absolutistas europeias adotaram um conjunto de ideias e práticas econômicas que, mais tarde, foram chamadas de **mercantilismo**. É importante lembrar que absolutismo e mercantilismo caminham juntos; são duas faces da mesma moeda.

Mercantilismo: o termo deriva do alemão *merkantilismus*. As monarquias absolutistas deram grande apoio às atividades comerciais (mercantis); daí o nome mercantilismo.

DAVE G. HOUSER/ALAMY/FOTOARENA

Peças de ouro do galeão espanhol Nossa Senhora de Atocha, que naufragou no Caribe no século XVII, quando voltava da América para a Espanha carregado de objetos de ouro e prata.

Principais características do mercantilismo

Entre as principais características do mercantilismo, podemos citar:

- **Metalismo**: crença segundo a qual quanto mais ouro e prata uma nação possuísse, mais rica ela seria. Com base nessa crença, procurava-se acumular metais preciosos no país.
- **Balança comercial favorável**: princípio decorrente do metalismo. Veja por que: na época, o dinheiro era feito de ouro e prata; assim, a forma de reter ouro e prata em um país era exportar o máximo e importar o mínimo, mantendo-se assim a balança comercial favorável.
- **Protecionismo**: incentivo ao comércio e à manufatura nacionais, protegendo-os da concorrência estrangeira. Recomendava-se, por exemplo, o aumento dos impostos sobre os produtos estrangeiros a fim de torná-los mais caros, favorecendo os similares nacionais.
- **Exclusivo colonial**: as colônias deviam comerciar exclusivamente com suas metrópoles. Um exemplo: os colonos da América espanhola deveriam comerciar somente com a Espanha (metrópole) e comprar somente dos espanhóis aquilo de que necessitassem. Mas, na prática, não era isto que ocorria; muitas vezes, os colonos comerciavam diretamente com diferentes países e continentes.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar o conceito de mercantilismo.
- Identificar as principais características do mercantilismo.
- Ajudar os alunos a construir os significados de metalismo, balança comercial favorável e protecionismo.
- Explicar o exclusivo colonial, chamando a atenção para o fato de que, na prática, o pacto colonial não se efetivou. Na América portuguesa, por exemplo, foi usual o comércio dos colonos com a praça de Buenos Aires e, também, com a costa africana, com destaque para Angola.

Texto de apoio

O termo mercantilismo

A Época Moderna, tradicionalmente demarcada pelo fechamento da rota comercial Europa-Oriente via Constantinopla (1453), é o período da transição do feudalismo para o capitalismo.

Essa sociedade em transição muda os seus valores e práticas [...] e incorpora novos elementos, trazidos pela sociedade capitalista.

O novo e o velho convivem lado a lado. O velho é a herança medieval, e o novo é o desenvolvimento do capitalismo. [...]

O mercantilismo é a velha semente que traz em si os códigos fundamentais de uma nova sociedade. Mas como definir esse mercantilismo?

[...] Mercantilismo é um conjunto de ideias, seguido de uma prática política e econômica desenvolvida pelos Estados europeus na Época Moderna, mais especificamente, dos séculos XV ao XVIII.

[...] Com o mercantilismo, os Estados intervêm diretamente na economia, procurando assegurar o crescimento político e econômico e fortalecer as classes ou grupos ligados ao Estado.

[...] Começa um fenômeno de aproximação entre o rei [...] e a burguesia comercial.

Essa burguesia das cidades pode financiar a organização de Estados centralizados, através do surgimento de funcionários reais remunerados – que exercem funções burocráticas – e da formação de exércitos nacionais permanentes.

O rei, gradativamente, passa a ser detentor do poder do Estado. Financiando essa sua posição, a burguesia acaba tirando proveito da centralização política.

[...] A fatia da burguesia é garantida pelo rei, que unifica o sistema tributário, o monetário, extingue as barreiras alfandegárias internas e protege esse mercado da ação estrangeira.

[...] Assim, junto ao mercantilismo, pode-se observar [...] também a trajetória de crescimento de uma classe social da maior importância para a época moderna e para o advento do capitalismo, a burguesia.

A burguesia surge das trocas e do comércio dentro das e entre as cidades, nas caravanas e nas feiras da Idade Média. Aos poucos, vai acumulando riquezas que lhe permitirão evoluir de uma situação secundária durante o absolutismo até se tornar detentora do poder econômico e político, com o advento das revoluções burguesas.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 12-16.

O mercantilismo variou no tempo e no espaço

Na Espanha do rei Felipe II (1556-1598) predominou o metalismo; a Espanha buscou acumular metais preciosos impondo o trabalho forçado aos indígenas da América. Já na França de Colbert predominou o protecionismo; o governo intervinha na economia, protegendo as manufaturas francesas.

A Inglaterra da rainha Elizabeth I (1558-1603) adotou o protecionismo; empenhou-se em incentivar o comércio exterior e a marinha mercante de seu país. Para incentivar o comércio exterior, Elizabeth I concedia prêmios às manufaturas inglesas, enquanto aumentava os impostos sobre os produtos estrangeiros, sobretudo os tecidos franceses. Ela também protegeu a indústria naval e a mineração. O motivo é simples: por estar em uma ilha, a Inglaterra precisava de navios para comerciar com outros países. E, para fazer navios, precisava de madeira e de ferro. A monarquia inglesa também acumulou capitais custeando e apoiando a pirataria nas costas da América, da África e da Ásia.

Essas medidas dos reis absolutistas fortaleceram os Estados nacionais e, ao mesmo tempo, promoveram o crescimento de um grupo social que lucrava com o comércio, a burguesia mercantil. O acúmulo de capitais por meio da circulação de mercadorias permitiu que a Revolução Industrial viesse a acontecer. Assim, o mercantilismo criou as condições para a emergência do **capitalismo**.

Capitalismo: sistema socioeconômico caracterizado pela propriedade privada dos meios de produção (terras, fábricas, equipamentos etc.), relações assalariadas de trabalho e produção visando ao lucro.

Corsário: pirata que tinha carta de corso, licença para a prática da pirataria.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: LOOK AND LEARN/BRIDGEMAN/FOTOARENA

A obra representa a rainha Elizabeth I concedendo o título de cavaleiro ao **corsário** Francis Drake. Fortunino Matania (1881-1963). Coleção particular.

DIVULGAÇÃO PNLD 2018 FTD

Texto de apoio

Capitalismo

Sistema econômico e social predominante na maioria dos países industrializados ou em fase de industrialização. Neles, a economia baseia-se na separação entre trabalhadores juridicamente livres, que dispõem apenas da força de trabalho e a vendem em troca de salário, e capitalistas, os quais são proprietários dos meios de produção e contratam os trabalhadores para produzir mercadorias (bens dirigidos para o mercado) visando à obtenção de lucro. [...] Historicamente, o capitalismo tem passado por grande evolução. Em sua origem está o empobrecimento da nobreza europeia, devido aos gastos com as Cruzadas e à fuga dos camponeses para as cidades (burgos). A partir do século XIII, sobretudo em alguns portos do Norte da Itália e do mar do Norte, os burgueses passaram a enriquecer, criando bancos e dedicando-se ao comércio em maior escala, primeiro na própria Europa e depois no resto do mundo. Além disso, em vez de apenas comprar os produtos dos artesãos para revendê-los, passaram a criar manufaturas e a contratar artesãos para produzi-las, substituindo o antigo vínculo de servidão feudal pelo contrato salarial.

Aumentaram as oportunidades de trabalho, o volume de dinheiro e o mercado de consumo, tornando-se necessárias a ampliação e a proliferação das manufaturas. Nos séculos XVIII e XIX, esse processo provocou, especialmente na Inglaterra, a Revolução Industrial, com a mecanização das fábricas. A par da formação dos estados nacionais, também a Reforma, a Revolução Puritana e a Revolução Francesa foram marcos importantes na luta da burguesia para a conquista do poder político, que havia pertencido à nobreza durante a Idade Média. No século XIX, o capitalismo apresentava-se definitivamente estruturado, com os industriais e banqueiros centralizando as decisões econômicas e políticas, e os comerciantes atuando como seus intermediários.

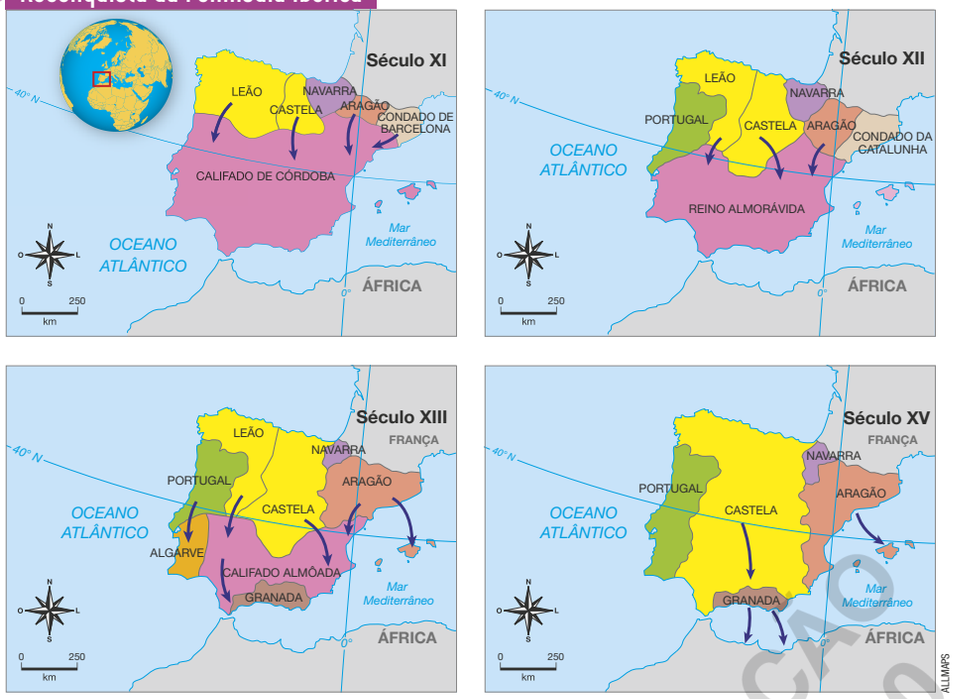
SANDRONI, Paulo (Org.). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1987. p. 81.

A formação das monarquias ibéricas

Tanto a monarquia portuguesa quanto a monarquia espanhola se formaram durante as lutas dos cristãos para expulsar os árabes muçulmanos da Península Ibérica. Essas lutas são chamadas de **Reconquista**, pois o objetivo dos cristãos era justamente reconquistar as terras perdidas para os árabes.

Com a invasão dos árabes muçulmanos, a liderança cristã se retirou para o norte da Península Ibérica, onde fundou os reinos de Leão, Castela, Navarra e Aragão. A partir do século IX, no entanto, animada pelo espírito das Cruzadas e pelas desavenças entre os próprios muçulmanos, a liderança cristã iniciou as lutas da Reconquista. Acompanhe esse processo nos mapas a seguir.

Reconquista da Península Ibérica



Fonte: HILGEMANN, W.; KINDER, H. **Atlas historique**. Paris: Perrin, 1992. p. 182.

Como se vê nessa sequência de mapas, a partir do século XI os reinos cristãos reconquistaram pouco a pouco os territórios perdidos para os árabes na Península Ibérica, processo em meio ao qual se formaram os reinos de Portugal e da Espanha.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar o conceito de guerra de reconquista.
- Relacionar as guerras de reconquista com a formação dos Estados nacionais de Portugal e Espanha.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. Relacionem as guerras de reconquista com a formação das monarquias nacionais de Portugal e Espanha.

Espera-se que os alunos entendam que, durante as lutas de reconquista, se deu a formação dos reinos de Leão, Castela, Navarra e Aragão. No decorrer das lutas, verifica-se, no século XI, que Henrique de Borgonha recebe dos reis de Leão e Castela o Condado Portucalense, e que seu filho Afonso Henriques, ao mesmo tempo, combate os árabes, luta pela independência do condado e, em 1139, rompe com os reis de Aragão e Castela. Surge, assim, o reino de Portugal. Já a formação da Espanha se dá com o casamento dos reis de Aragão e Castela, que haviam se unido na luta contra os muçulmanos.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A ALMA e a gente: como nasceu Portugal? Duração: 28min17s. Disponível em: <http://livro.pro/x4osbk>. Acesso em: 25 set. 2018.

Programa da emissora RTP portuguesa, no qual o professor José Hermano Saraiva fala sobre a origem de Portugal.

ENCAMINHAMENTO

- Destacar que Afonso Henriques manteve a luta contra os árabes e liderou o combate pela independência do Condado Portucalense. Após a proclamação da independência, sagrou-se rei, o primeiro de Portugal, e deu início à dinastia de Borgonha.
- Caracterizar a formação do Estado espanhol.
- Comentar que o ponto crucial para a formação da Espanha foi o casamento de Fernando Aragão e Isabel de Castela, que uniram suas forças e seus territórios, avançando no combate aos árabes.

Texto de apoio

Formação do reino de Portugal

As condições nas quais Portugal reivindicou o *status* de reino independente foram de oposição explícita às pretensões hegemônicas do rei de Castela. Afonso Henriques não só não reconhecia D. Afonso VII como seu Imperador, como legitimava sua realeza e independência pela ação de combate aos almorávidas em nome de Deus. [...]

A situação legal do condado Portucalense era de difícil classificação desde o século XI, quando o pai de Afonso Henriques – o conde D. Henrique – assumiu o controle da zona do Tejo, para combater os almorávidas. D. Afonso VI de Leão e Castela teria feito uma concessão feudal do condado, de caráter excepcional, ao conde. Este, por ser borgonhês, tendeu a seguir seus costumes e transmitiu o feudo a seu descendente, D. Afonso Henriques. Afonso Henriques era neto do imperador das Espanhas, Afonso VI. A mãe de A. Henriques, D. Teresa, filha do imperador, sempre utilizou o título de "rainha". Henriques, consequentemente, nunca adotou o título de "conde", mas sempre usou o título de "infante" ou "rei".

A batalha de Ourique teria se travado em 25 de julho de 1139. Afonso Henriques teria sido aclamado rei, entre julho de 1139 e fevereiro ou maio de 1140. As circunstâncias em que isso aconteceu não são conhecidas. Afonso Henriques deve ter sido aclamado rei por causa de sua bravura militar na batalha de Ourique e também popularmente. A partir dessa época ele passou a utilizar apenas o título de "rei".

Em 1143, Afonso I redigiu uma carta ao Papa, na qual declarava homenagem à Sé Apostólica, fazia-se *miles* de São Pedro e se comprometia ao pagamento de um censo anual. Ao fazer-se cavaleiro de S. Pedro, Afonso Henriques negava, assim, submissão ao poder de Afonso VII, imperador das Espanhas, pois se subordinava apenas ao poder papal. Era uma forma de tentar afirmar a autonomia e igualdade de *status* perante o monarca castelhano, que desde 1135 era rei de Leão, Castela e tinha como seus vassalos os reis de Navarra e Aragão. A ascendência do poder desse monarca na península Ibérica era crescente e Afonso Henriques queria evitar ser também subjugado. Como Afonso VII não tomou nenhuma atitude perante esse acontecimento, José Mattoso considera a hipótese que o imperador das Espanhas não tomou conhecimento desse comunicado.

SALES, Mariana Osue Ide. **O Império do Quinto Afonso de Portugal (1448-1481)**. Campinas: Unicamp, 2009. Tese de doutorado. p. 25. Disponível em: <repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280825/1/Sales_MarianaOsuelde_D.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

A formação de Portugal

No século XI, o nobre Henrique de Borgonha ganhou do rei de Leão e Castela, como recompensa por sua participação na luta contra os árabes, uma faixa de terra: o **Condado Portucalense**. Seu filho e herdeiro, Afonso Henriques, continuou a combater os árabes e, ao mesmo tempo, liderou a luta para conquistar a independência do condado. Em 1139, ele rompeu com o reino de Leão e Castela e proclamou a independência do condado, fundando assim o Reino de Portugal. Afonso Henriques sagrou-se rei, o primeiro de Portugal, e deu início à dinastia de Borgonha. Os reis dessa dinastia continuaram lutando contra os árabes e, em 1249, incorporaram as terras do Algarve, na região sul. Completou-se assim a formação do Reino de Portugal.

A formação da Espanha

Na região vizinha a Portugal, a luta dos cristãos contra os árabes muçulmanos era liderada pelos reis de Aragão e Castela. No século XIII, esses dois reinos contavam com cidades portuárias movimentadas, como Barcelona, por exemplo, e uma burguesia próspera que colaborava com a monarquia fornecendo dinheiro para a luta contra os árabes de religião muçulmana.

Em 1469, ocorreu um fato decisivo para o processo que estamos estudando: os reis cristãos Fernando de Aragão e Isabel de Castela se casaram e uniram suas terras e seus esforços no combate aos árabes. Em 1492, os exércitos de Fernando e Isabel ampliaram seu território reconquistando Granada, último reduto árabe na Península Ibérica. Anos depois, com a conquista de Navarra, completou-se a formação do Reino da Espanha.

MUSEU CONDÉ, CHANTILLY, FRANÇA. FOTO: ALBUM/AGUIRWENAL/PRISMA/FOTOARENA

Os reis católicos Fernando e Isabel com sua filha. A imagem é um detalhe de uma miniatura de 1482.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ATIVIDADES

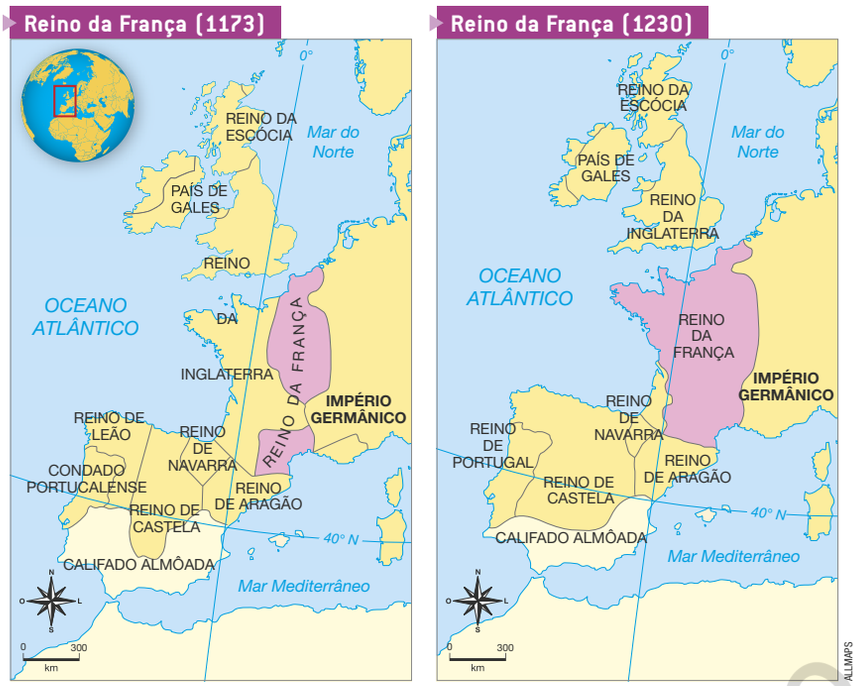
I Retomando

1. No processo de formação do Estado Moderno, vimos que vários grupos sociais aproximaram-se do rei. Explique por que os monarcas receberam esse apoio:

a) da nobreza.

b) da burguesia.

2. Observe a sequência de mapas a seguir.



Fonte: McEVEDY, Colin. **Atlas da História Medieval**. São Paulo: Verbo, 1990. p. 71-79.

O mapa à esquerda representa o território da França antes do reinado de Felipe Augusto (1180-1223); o mapa da direita, a França depois dele.

a) O que se pode concluir comparando os dois mapas?

b) De que forma o rei Felipe Augusto agiu para conseguir o que vemos representado no mapa da direita?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O jogo político

[...] Portugal, Espanha, França e Inglaterra entravam na Modernidade como Estados nacionais unificados, mas que em virtude de trajetórias medievais diferentes teriam destinos políticos diferentes. Como na Inglaterra o processo de feudalização e a Magna Carta atribuíram ao rei o papel de suserano, ele nunca sofreu forte oposição (a não ser nos poucos momentos em que tentou ser soberano) e a monarquia pôde manter-se até hoje. Na França, por sua vez, como na Idade Média prevaleceu o papel de soberano, o monarca pôde tornar-se absolutista na Idade Moderna [...].

Mas a formação das monarquias nacionais não se deu sem oposição dos poderes universalistas. O Império procurou, por exemplo, contestar a monarquia francesa aliando-se à inglesa, mas foi vencido em Bouvines em 1214 e não pôde impedir o crescente fortalecimento dos Capetíngios. Contra as pretensões imperiais, os juristas franceses desenvolveram nas décadas seguintes o princípio – logo adotado por outras monarquias – de "o rei é imperador no seu reino". A Igreja, alegando *ex ratione peccati* ("por razões de pecado"), expressão ampla que lhe deixava grande margem de manobra, intervinha com frequência nos assuntos internos de vários reinos, lançando excomunhão sobre o monarca, interdito sobre todo o país, cobrando o dízimo e outras taxas.

Os poderes particularistas não podiam, é claro, escapar ao jogo político medieval. De um lado ocorriam conflitos, surdos e abertos, dentro dos feudos e entre eles. Dessa situação é que surgiu o outro tipo de poder particularista, de espírito diverso, a comuna. De outro lado, como já dissemos, as monarquias estimulavam as rivalidades entre feudos e comunas na tentativa de submeter todos os particularismos, precondição para completar a unificação e a centralização nacionais. Também os universalistas procuraram dominar os particularismos, impedindo que eles se fundissem em Estados nacionais. O Império tentou controlar as ricas e importantes comunas italianas, porém foi derrotado em Legnano em 1176. A Igreja buscou comandar a nobreza feudal por meio das Cruzadas, mas perdeu o controle da situação e saiu desgastada. Tentou impor seus valores nas comunas e apenas acelerou o surgimento de heresias.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 86-87.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Parte da nobreza via na **monarquia** um meio de conservar antigos **privilégios**, como isenção de impostos e recebimento de pensões e de altos postos no exército.
   b) A **burguesia**, por sua vez, percebendo a importância da monarquia para o sucesso de seus negócios, também apoiou o **rei**, por meio de empréstimos, doações ou ocupando cargos na administração do **reino**.
2. a) Comparando os dois mapas, percebe-se que, sob Felipe Augusto, o território da França tornou-se três vezes maior.
   b) Esse rei conquistou feudos imensos casando-se por interesse, comprando terras dos nobres e usando a força de um exército profissional assalariado para fortalecer o poder real.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. a) Em uma série de conflitos armados entre católicos e huguenotes ocorridos na segunda metade do século XVI, que opôs duas grandes famílias da nobreza – a dos Guise, católica, e a dos Bourbon, protestante – e resultou em episódios sangrentos.
   b) Episódio ocorrido em 24 de agosto de 1572, na França, quando a rainha Catarina de Médici, interessada em afirmar o poder monárquico, ordenou a matança de protestantes. A violência se estendeu ao interior do país, ocasionando a morte de 30 mil protestantes.
   c) Na França, as guerras de religião chegaram ao fim no reinado de Henrique IV, que, ao assumir o trono em 1589, renunciou ao protestantismo e, nove anos depois, assinou o **Édito de Nantes**, que concedia liberdade religiosa aos protestantes.
4. a) Resposta pessoal. **Professor**: a rigor, várias frases do texto valem para ilustrar o conceito de absolutismo monárquico, pelo qual o poder do Estado emana unicamente do próprio rei. Por exemplo: "É somente na minha pessoa que reside o poder soberano".
   b) **Professor**: o trecho citado parece bastante claro, não concedendo ao povo, à Igreja, à aristocracia e aos costumes nenhuma capacidade de limitar ou controlar o poder do rei de governar de forma absolutista.
   c) Ele afirma que os direitos e interesses da nação estão unidos aos seus. E o que é mais importante: repousam nas mãos dele.

3. Sobre as guerras de religião na França, responda:

a) Em que consistiram essas guerras?

b) O que foi a Noite de São Bartolomeu?

c) Como e quando essas guerras chegaram ao fim, na França?

4. Numa resposta aos parlamentares franceses, Luís XV disse:

> É somente na minha pessoa que reside o poder soberano... é somente de mim que os meus tribunais recebem [...] a sua autoridade; [...] é unicamente a mim que pertence o poder legislativo, sem dependência e sem partilha; [...] toda a ordem pública emana de mim, e os direitos e interesses da nação [...] estão necessariamente unidos com os meus e repousam inteiramente nas minhas mãos.

LUÍS XV apud FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de História**. Lisboa: Plátano, 1976. v. 2. p. 201-202.

BRIDGEMAN/FOTOARENA

Detalhe de um portão do Palácio de Versalhes em que Luís XIV, bisavô de Luís XV, é representado como o Sol. Obra do século XVII.

a) Copie no caderno um trecho que expresse o absolutismo monárquico.

b) Justifique sua escolha.

c) O que o rei diz a respeito dos direitos e interesses da nação?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Unção Real

[...] O que quer que seja dito dos outros reis, parece que ninguém deve duvidar que o rei da França possui graça especial do Santo Espírito pela unção; pois uma vez que ele é especialmente ungido de forma mais maravilhosa que qualquer outro rei, da mesma maneira, antes de qualquer outro, ele recebe a graça do Santo Espírito por unção especial, pois ele é ungido da Santa Ampola, a qual foi enviada pelo anjo do céu. É por isso que os reis da França não são somente ungidos pela ordem humana; mas são ungidos, consagrados e coroados pela ordem do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

LE SONGE du Verger. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000. p. 228.

5. O absolutismo é um regime político que se caracteriza por uma grande concentração de poderes nas mãos do rei. Explique como cada um dos fatores abaixo relacionados contribuiu para o estabelecimento do absolutismo.

a) A imprensa.

b) A Reforma Protestante.

c) A política de caça às bruxas.

6. Responda com base no texto a seguir:

> O trono real não é o trono de um homem, mas o trono do próprio Deus. Os reis são deuses e participam de alguma maneira da independência divina. [...] Como não há poder [...] sem a vontade de Deus, todo governo, seja qual for sua origem, justo ou injusto, pacífico ou violento, é legítimo; todo depositário da autoridade [...] é sagrado. Revoltar-se contra ele é cometer um sacrilégio.
>
> Sacrilégio: desrespeito a uma pessoa ou coisa sagrada.
>
> BOSSUET, J. A política segundo a Sagrada Escritura. In: TOUCHARD, J. **História das ideias políticas.** Lisboa: Europa-América, 1970. v. 3. p. 13.

a) Como o trono do rei é definido no texto?

b) O que o autor diz sobre o governo? Comente.

c) A que teoria podemos associar o texto?

7. Avalie as alternativas e escreva no caderno **(V)** para as verdadeiras e **(F)** para as falsas:

a) Na Inglaterra, a política mercantilista foi aplicada de forma ampla pela rainha Elizabeth I (1558-1603), que se empenhou em incentivar o comércio exterior e a marinha mercante.

b) Elizabeth I concedia prêmios e isenção de impostos às manufaturas estrangeiras e, ao mesmo tempo, aumentava os impostos alfandegários sobre os tecidos ingleses.

c) A monarquia inglesa também acumulou capitais combatendo a prática da **pirataria** nas costas da América, da África e da Ásia.

d) Por meio do exclusivo colonial e da prática da pirataria, as monarquias absolutistas europeias retiraram grandes quantidades de riquezas da África e da América.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

5. a) Melhorou o sistema de comunicação em toda a extensão do reino, facilitando o aumento do controle do rei sobre seus súditos.
   b) Enfraqueceu o poder universal do papa, propiciando, assim, o fortalecimento do poder real.
   c) Os reis espalhavam o pânico no campo, acusando um grande número de homens e mulheres de praticarem a feitiçaria. Assim, sob o pretexto de eliminar a feitiçaria, os reis submeteram as populações camponesas de seus reinos e aumentaram o seu poder.
6. a) Como o trono do próprio Deus.
   b) Diz que todo governo é legítimo, seja ele justo ou injusto, seja ele pacífico ou violento. **Professor**: estimular a percepção de que Bossuet procura conferir legitimidade ao absolutismo.
   c) Esse trecho pode ser associado à Teoria do Direito Divino dos Reis.
7. V, F, F, V.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Uma Constituição britânica?

[...] As palavras da Magna Carta inspiraram movimentos democráticos mundo afora e forjaram a base de incontáveis constituições [...].

[...] apesar de ter dado origem aos princípios de devido processo legal e à igualdade de direitos nos termos da lei, a Grã-Bretanha nunca chegou a codificar uma Constituição própria. Agora [...] muitos britânicos se perguntam se não chegou, enfim, a hora de mudar isso.

A Grã-Bretanha é uma de apenas três grandes democracias que não têm constituições formais escritas. Seu império veio e se foi, ela triunfou em guerras mundiais e, no entanto, nunca pareceu precisar de uma Constituição escrita. [...]

[...] Os defensores de uma Constituição escrita dizem que nenhum dos grandes problemas provavelmente será resolvido a menos que a Grã-Bretanha faça o que outros fizeram há muito tempo e encare o difícil processo de escrever algumas regras básicas. [...]

Os defensores das tradições da Grã-Bretanha dizem que há boas razões para não mudar o que vem funcionando para o país há eras. Philip Norton, um membro da Câmara dos Lordes e pesquisador de assuntos constitucionais, disse que codificar a Constituição significaria colocar o país numa "camisa de força" quando ele precisa ser suficientemente flexível para evoluir acompanhando a mudança dos tempos. "É indesejável, desnecessário e inalcançável", disse Norton.

UMA CONSTITUIÇÃO britânica? **O Estado de S. Paulo**, 11 jun. 2015. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,uma-constituicao-britanica---imp-,1704044>. Acesso em: 2 out. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O trecho é: "Havia normas formais para a participação nesse espetáculo – quem tinha direito a ver o rei, a que horas e em que partes da corte, se tal pessoa podia se sentar numa cadeira ou num tamborete [...] ou tinha que permanecer de pé".

b) Ele agia como se estivesse no palco, como o ator principal de um espetáculo teatral.

c) Isso sugere que a figura do rei era sagrada; daí a necessidade de "dobrar o joelho direito até tocar o solo" em sinal de veneração.

d) Pode-se associá-lo a Jacques Bossuet, para quem a figura do rei é sagrada e seu poder emana de Deus.

Texto de apoio

A sociedade de corte

[...] Em sua juventude, Luís XIV havia sentido na própria pele o quanto pode ser perigoso para a posição do rei quando as elites [...] superam seus antagonismos mútuos e se juntam para agir contra o rei. Talvez ele também tenha aprendido a partir da experiência dos reis ingleses, que deviam as ameaças e o enfraquecimento de suas posições à oposição de grupos nobres e burgueses reunidos. Em todo caso, faziam parte das máximas mais rigorosas de sua estratégia de dominação o fortalecimento e a estabilização das diferenças existentes, das contraposições e rivalidades entre as ordens, especialmente entre as elites de cada ordem e, dentro delas, entre os diversos níveis e patamares de sua hierarquia de prestígio e de *status*. Era algo evidente [...] que as contraposições e os ciúmes entre os grupos de elite mais poderosos de seu reino constituíam algumas das condições fundamentais da abundância de poder do rei, a qual se expressa em conceitos como "irrestrito" ou "absolutista".

O longo reinado de Luís XIV contribui muito para que a rigidez e o rigor específicos, suscitados pelo uso constante da diferenciação de ordens e de níveis sociais como instrumentos de dominação do rei, tornem-se perceptíveis também nos pensamentos e na sensibilidade dos próprios grupos, como um traço de caráter essencial de suas convicções. Graças a tal enraizamento nas convicções, nas valorações e nos ideais dos súditos — da competição acirrada em termos de nível, *status* e prestígio —, as tensões e os ciúmes surgidos e exacerbados entre as diferentes ordens e níveis sociais, e especialmente entre as elites rivais dessa sociedade articulada hierarquicamente, reproduziam-se como uma máquina em movimento no vazio, renovando-se sempre. [...]

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 88-89.

II Leitura e escrita em História

a. Leitura e escrita de textos

VOZES DO PRESENTE

Veja o que um historiador atual diz sobre a **etiqueta** na corte de Luís XIV.

Os observadores registravam que todos os atos do rei eram planejados "até o mínimo gesto". Os mesmos eventos se produziam todos os dias nas mesmas horas, a tal ponto que uma pessoa poderia acertar seu relógio pelo rei.

Havia normas formais para a participação nesse espetáculo – quem tinha direito a ver o rei, a que horas e em que partes da corte, se tal pessoa podia se sentar numa cadeira ou num tamborete [...] ou tinha que permanecer de pé. [...] Luís esteve no palco durante quase toda a sua vida [...]. Os objetos materiais mais intimamente associados ao rei também se tornavam sagrados [...]. Assim, era uma ofensa dar as costas ao retrato do rei [...], entrar em seu quarto de dormir vazio sem fazer uma **genuflexão** ou conservar o chapéu na sala em que a mesa está posta para o seu jantar.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 101-102.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: G. DAGLI ORTI/DEA/GETTY IMAGES

O doge de Gênova em Versalhes, óleo sobre tela de Claude Hallé, 1685. A pintura representa o momento em que o governante da cidade italiana de Gênova reverencia o rei Luís XIV. Na ocasião, o governante fez um discurso pedindo desculpas ao rei e retirou o chapéu a cada vez que pronunciou o nome dele.

Etiqueta: neste caso, era um conjunto de normas de conduta que orientava as pessoas a se comportarem na Corte.

Genuflexão: ato de veneração pelo qual dobramos o joelho direito até tocar o solo e voltamos à posição normal.

a) Copie no caderno o trecho que mostra que a vida na corte de Luís XIV obedecia a uma etiqueta e a uma hierarquia rígidas.

b) Segundo o texto, como o rei agia em público?

c) No segundo parágrafo, o autor afirma que era uma ofensa "entrar no quarto vazio do rei sem dobrar o joelho". O que isto diz sobre a figura do rei?

d) A qual dos autores estudados neste capítulo se pode associar esse texto?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

b. Cruzando fontes

Fonte 1

O texto abaixo faz parte de uma lei inglesa de 1660. Leia-o com atenção e responda às questões a seguir.

Lei inglesa de 1660

Para o andamento dos navios e estímulo à navegação desta nação... fica estipulado que, a partir do primeiro dia de Dezembro de 1660..., nenhum artigo ou mercadoria de qualquer espécie será importado ou exportado das nossas terras, ilhas, plantações ou territórios de propriedade ou posse de Sua Majestade... na Ásia, África ou América, em qualquer outro navio ou navios de qualquer tipo, mas nos navios que realmente e sem fraude pertencerem apenas ao povo da Inglaterra ou Irlanda ou Domínio de Gales... ou construídos e pertencentes a qualquer das ditas terras, ilhas, plantações ou territórios, como verdadeiros proprietários, e dos quais o mestre e três quartos dos marinheiros, pelo menos, sejam ingleses.

Citado em: FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de História.** Lisboa: Plátano, 1976, v. 2. p. 224.

Fonte 2

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: ALBUM/AKG-IMAGES/FOTOARENA

A rainha Elizabeth I, acompanhada por cavalheiros e damas da corte, é carregada no Palácio de Whitehall, principal residência dos reis ingleses em Londres, entre 1530 e 1698. Pintura atribuída a Robert Peake, c. 1580.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

O protecionismo no desenvolvimento econômico

Não é nova a questão do protecionismo no pensamento econômico. Muito pelo contrário, o tema acompanha o pensamento desde o esboço das primeiras correntes. Já na literatura mercantilista, por exemplo, o protecionismo era justificado como meio de se obterem excedentes da balança comercial em detrimento dos interesses dos demais países. Tais práticas também fundamentavam-se no argumento de proteção a indústrias específicas, àquelas ligadas a setores de segurança nacional, como a marinha, e aos setores industriais ainda não totalmente consolidados.

Neste sentido temos as ***Navigation Acts*** e as ***Corn Laws***, leis de proteção aos setores de navegação e agricultura, respectivamente, implantadas pela Inglaterra no século XVIII como medida de proteção de sua indústria à Holanda, que ameaçava a hegemonia do mercado interno inglês.

A adoção de políticas protecionistas, entretanto, logo perdeu força com o estabelecimento quase uníssono da doutrina liberal na produção do pensamento econômico. Adam Smith e John Locke, como grandes expoentes da corrente liberal, assim como John Stuart Mill, condenavam veementemente tais práticas. Cabe dizer que, no caso deste último autor, é curioso notar que prevê ressalvas ao livre-comércio em determinadas situações, ao qual trata como exceção, como por exemplo nos casos das indústrias ainda pouco desenvolvidas [...], as quais, por sua falta de experiência e ainda não dotadas de vantagens competitivas – é o caso do setor agricultor inglês –, não teriam condições de concorrer livremente com os demais países. Tal adoção, entretanto, deveria se dar apenas pelo tempo que essa indústria necessitasse para superar o fator desvantajoso em relação aos demais países. [...]

NOGUEIRA, Bruna. Os efeitos do protecionismo no desenvolvimento econômico. **Jusbrasil**. Disponível em: <https://brunanogp.jusbrasil.com.br/artigos/400942401/os-efeitos-do-protecionismo-no-desenvolvimento-economico>. Acesso em: 2 out. 2018.

a) O que a monarquia inglesa pretendia com essa lei?

b) As monarquias absolutistas adotaram um conjunto de práticas econômicas chamadas mais tarde de mercantilismo. A qual das características do mercantilismo esse documento pode ser associado?

c) Que afirmação do texto da lei indica que ela foi aprovada na época do absolutismo real?

d) O que a imagem da fonte 2 sugere sobre a rainha Elizabeth I?

e) Que relação se pode estabelecer entre a fonte 1 e a fonte 2?

III Integrando com Língua Portuguesa

BIBLIOTECA DE VERSALHES, FRANÇA.

Luís XIV representado como imperador romano, c. 1662. Israel Silvestre, o Jovem. Biblioteca Municipal. Versalhes, França.

Leia o texto a seguir.

Luís XIV

As representações literárias de Luís têm, para o leitor de nossos dias, a vantagem de deixar claro seu significado pelo uso de adjetivos. [...] Um poeta conseguiu introduzir 58 adjetivos – [...] num único soneto. Em geral, Luís era qualificado de augusto, belo, brilhante (como o sol), constante, iluminado, ilustre, generoso, glorioso, heroico, imortal, invencível, justo, laborioso, magnânimo, [...], piedoso, triunfante, sábio e vigilante. Numa palavra, era "grande", adjetivo oficialmente adotado em 1671. LOUIS LE GRAND – era assim, em letras maiúsculas, que seu nome figurava frequentemente no meio de textos em caixa-baixa.

O leitor (ou ouvinte) era também informado de que Luís era acessível a seus súditos; de que era o pai de seu povo; o protetor das artes e das letras [...].

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 46-47.

1. O texto afirma que um poeta usou 58 adjetivos em um único soneto para falar de Luís XIV. O que é um adjetivo?

2. Dê o significado dos adjetivos: laborioso, magnânimo e piedoso.

3. De acordo com o texto, o que se dizia do rei Luís XIV?

4. Relacione os adjetivos atribuídos ao rei a seu poder político.

Soneto: pequena composição poética composta de 14 versos, com número variável de sílabas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O governo inglês pretendia garantir para a marinha britânica o monopólio do comércio com suas colônias na Ásia, na África ou na América. Dessa forma, a monarquia inglesa incentivava o comércio, a navegação e a indústria naval da Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e País de Gales).

b) Ao protecionismo. **Professor**: comentar que, com essa lei, a monarquia inglesa buscava vencer a Holanda na competição pelo domínio comercial nos mares.

c) A afirmação de que todos os territórios sob domínio inglês eram propriedade ou posse da rainha.

d) A imagem sugere o imenso poder da rainha Elizabeth I. **Professor**: esse tipo de cortejo servia para reforçar a ideia de que o poder real estava acima de todos, inclusive do Parlamento.

e) O protecionismo expresso na lei de 1660 (fonte 1) foi uma prática econômica característica das monarquias absolutistas, como a de Elizabeth I, representada na pintura (fonte 2).

1. Adjetivo é toda palavra que caracteriza o substantivo, indicando-lhe qualidade, defeito, estado, condição.
2. **Laborioso**: devotado ao trabalho, que trabalha duramente; esforçado.
   Magnânimo: que, a despeito de todos os riscos e perigos, age ou pensa desinteressadamente com vistas a servir alguém ou a encarnar um ideal; generoso; que denota generosidade, bondade.
   Piedoso: que revela ou tem piedade.
3. De acordo com o texto, as pessoas ouviam (ou liam) que o rei Luís XIV era um governante protetor, "o pai de seu povo".
4. Resposta pessoal. **Professor**: espera-se que o aluno perceba que os adjetivos com que Luís XIV era qualificado são indícios de seu enorme poder político.

Texto de apoio

Louvor ao rei

[...] A imagem do rei era associada ainda aos heróis do passado. Ele foi proclamado um novo Alexandre (a comparação que mais lhe agradava, pelo menos na década de 1660), um novo Augusto [...], um novo Carlos Magno, um novo Clóvis, um novo Constantino [...].

Em nossos dias, tendemos a perceber a duplicação de adjetivos, outrora sinal da "riqueza vocabular" do bom orador, como redundância desnecessária. [...] o louvor a pessoas importantes soa aos nossos ouvidos democráticos como servilismo, bajulação. [...]

[...]

A ideia de servilismo não é anacrônica. O problema é decidir quando e a que ela se aplica, problema que se torna ainda mais agudo porque alguns poetas e cortesãos eram peritos em louvar sem parecer que o faziam. Essa foi, por exemplo, a técnica empregada por Boileau em seu famoso ***Discours au roi*** (1665). O poeta declarava-se incapaz de cantar louvores ao rei [...] e criticava os versos pomposos e previsíveis de poetas rivais, que comparavam o rei com o sol ou o aborreciam com o relato das próprias façanhas. [...].

BURKE, Peter. **A fabricação do rei:** a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 47-48.

CAPÍTULO

7 AS GRANDES NAVEGAÇÕES

MARINA KLINK

Amyr Klink. Antártica, 2010.

O personagem fotografado é o famoso velejador brasileiro Amyr Klink. Você já ouviu falar dele? As viagens marítimas nos barcos a vela atuais são milhares de vezes mais seguras do que foram no passado. Os velejadores de hoje contam com instrumentos de precisão, alta tecnologia de informação, comida suficiente, conhecimento do regime dos ventos, mapas e roteiros muito bem-feitos. Já os viajantes do passado não tinham nenhum desses recursos... não tinham rádio para pedir socorro em caso de tempestade, seus mapas eram imprecisos e seus roteiros de viagem, incompletos. Mas, apesar disso, eles se lançaram ao mar em viagens de longa distância. Nessa aventura marítima encontraram terras e povos desconhecidos para eles e chegaram até mesmo a dar uma volta inteira ao redor da Terra. Como será que conseguiram tal proeza?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades **EF07HI02** e **EF07HI06** da BNCC, citadas a seguir:

– Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

– Comparar as navegações no Atlântico e no Pacífico entre os séculos XIV e XVI.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• CARAVELAS e naus: um choque tecnológico no século XVI. Duração: 47min40s. Disponível em: <http://livro.pro/29de7z>. Acesso em: 25 set. 2018.

Documentário português sobre as motivações e a evolução tecnológica que levaram Portugal às grandes aventuras marítimas.

Professor: o objetivo aqui foi ajudar o alunado a comparar o tempo das Grandes Navegações aos dias atuais quanto aos riscos envolvidos nas viagens marítimas de longa distância; ajudá-los também a imaginar o que podem ter sido aquelas viagens para os navegantes europeus do século XV (lembrar aqui que, na Carreira das Índias, uma em cada cinco embarcações naufragava); e, por fim, chamar a atenção para o fato de que, numa época em que não havia sido inventada a fotografia, era bem possível que a descrição de um animal marinho levasse as pessoas a pensarem que ele era um monstro.

Amyr Klink (São Paulo, 25 de setembro de 1955) é um empreendedor de expedições marítimas e escritor brasileiro. Natural de São Paulo, é formado em Economia e pós-graduado em Administração de Empresas. É sócio-fundador do Museu Nacional do Mar, localizado em São Francisco do Sul (SC), e da revista **Horizonte**. Além de escrever livros, faz palestras sobre planejamento e empreendedorismo.

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando os textos: OS MONSTROS marinhos em mapas medievais. Disponível em: <http://livro.pro/nvrcjg>; e O IMAGINÁRIO europeu, as visões sobre o "Novo Mundo" e suas gentes. Disponível em: <http://livro.pro/uyos92>. Acessos em: 25 set. 2018.

+ATIVIDADES

Os primeiros navegantes europeus enfrentaram diversos perigos. Alguns reais e outros imaginários.

a) Cite esses perigos.

Imaginários: acreditar que as águas dos oceanos ferviam e queimavam os navios; que havia monstros marinhos e abismos etc. Reais: ventos desfavoráveis, ameaças de encalhe, lugares estranhos, fome, doenças e sede no interior dos navios.

b) Em sua opinião, por que os europeus tinham tantos medos imaginários?

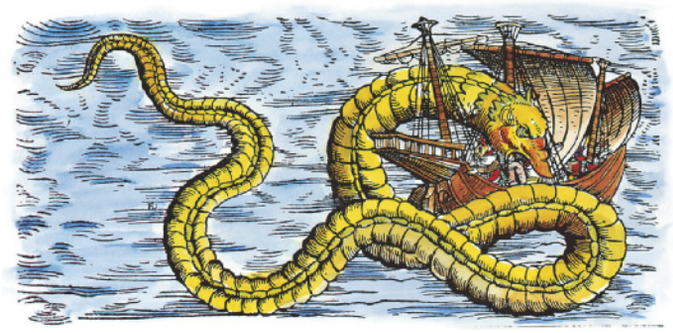
Resposta pessoal. **Professor**: pretendeu-se aqui estimular o aluno a formular hipóteses sobre as razões para os perigos imaginários; uma hipótese plausível é a associação entre os perigos imaginários e o desconhecimento dos mares, dos mapas, das pessoas e dos lugares que os europeus encontrariam em suas viagens.

Enfrentando perigos

Para velejar em alto-mar os europeus daqueles tempos enfrentaram perigos reais e imaginários.

Entre os perigos reais estavam ventos desfavoráveis, ameaças de encalhe, lugares estranhos, fome, doenças e sede no interior dos navios.

Os perigos imaginários também eram muitos. Por exemplo, a crença de que a terra era achatada e que aquele que se afastasse muito do litoral cairia num abismo; de que na altura da linha do Equador os navios se incendiariam; de que o mar era habitado por monstros terríveis etc. Se era assim tão perigoso, por que, então, os europeus se lançaram às Grandes Navegações? É o que veremos a seguir.



COLEÇÃO PARTICULAR

Nesta gravura de 1558, vemos a serpente marinha, um dos monstros que europeus daquela época acreditavam que existisse.

O comércio de especiarias orientais no século XIV

Quando os **cruzados** voltavam do Oriente, depois de terem combatido os muçulmanos, traziam com eles **especiarias**, como pimenta-do-reino, cravo, canela, gengibre, mostarda, noz-moscada, entre outras. Por sua capacidade de conservar os alimentos e de torná-los mais saborosos, esses temperos passaram a ser cada vez mais consumidos na Europa no decorrer do século XIV. Além das especiarias, os europeus passaram a consumir também os artigos de luxo orientais, como os tecidos de algodão da Índia, os tapetes da Pérsia, a seda e a porcelana da China e as pérolas do Japão.

Cruzados: nome dado aos integrantes das Cruzadas pelo fato de terem na roupa o desenho de uma cruz.

Especiarias: do latim, *species*, que significa espécie. Na Europa medieval, especiaria era o nome dado a um produto especial, que servia como tempero, remédio ou perfume.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Choque de cultura

[...]

Independente das características inerentes a cada povo encontrado ao longo da aventura marítima, ao chegarem ao Índico os portugueses precisaram conviver com o choque cultural e, mais tarde, enfrentando problemas de ordem interna, decorrentes da flutuação econômica internacional, tiveram que enfrentar dificuldades advindas dos desentendimentos culturais acumulados desde a viagem inaugural de Vasco da Gama. A despeito da tolerância cultural esperada por parte de um povo eclético, devido à própria formação do Estado português, quando os lusos chegaram à Índia só conseguiam distinguir entre fiéis e cristãos em potencial, recusando-se a admitir as peculiaridades apresentadas pelos povos do local. [...]

PESTANA, Fábio Ramos. **No tempo das especiarias**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115.

Importantes especiarias da época das Grandes Navegações

VALERY121283/SHUTTERSTOCK.COM

Canela

Originária do Ceilão [atual Sri Lanka], é a mais antiga das especiarias. Hoje, além de tempero, é usada como aromatizante, na fabricação de licores e outras bebidas, na feitura de doces, como estimulante, como remédio antidiarreico, entre outras finalidades.

VASILEVICH ALIAKSANDR/SHUTTERSTOCK.COM

Açafrão

É a especiaria mais cara do mundo. Os monges budistas tingem suas vestes com o amarelo do açafrão, ligado ao simbolismo da iluminação e da sensatez.

PAIROJ SROYNGERN/SHUTTERSTOCK.COM

Cravo

Também chamado de "cravo-da-índia" ou "cravinho". Embora conhecido desde muito antes de Cristo, só chegou à Europa no século IV. Apenas no século XVI os europeus chegaram às ilhas Molucas, lugar de origem do cravo.

NATTIKA/SHUTTERSTOCK.COM

Pimenta

Existem muitos tipos de pimenta, em geral confundidos entre si. Os principais são: pimenta-preta; pimenta-branca; pimenta-longa: também chamada de "pimenta-de-rabo", era muito apreciada pelos antigos, foi a mais usada na Europa até a Idade Média e é a mais ardida. Pimenta-malagueta: conhecida desde a Antiguidade e muito utilizada até nossos dias. Atualmente a pimenta é cultivada em vários lugares do mundo, o que propiciou o aparecimento de vários novos tipos, como as pimentas-de-cheiro, tão apreciadas no Brasil.

NATALY STUDIO/SHUTTERSTOCK.COM

Noz-moscada

[...] nativa das Ilhas Banda, nas Molucas [...]. No interior do fruto a pesada semente, a noz-moscada, está coberta por uma malha avermelhada, a macis. Ambas são usadas hoje na culinária (doçaria, molhos, picles, carnes), na perfumaria, [e] como bebida medicinal (estimulante).

SILVY79/SHUTTERSTOCK.COM

Gengibre

[...] originário da Índia e da Malásia, encontrado por Marco Polo e por viajantes europeus posteriores, adaptou-se bem à América. [...] Usado na confecção de pães e doces, nas indústrias de carnes, de licores e bebidas leves, em pastas de dentes e chicletes e na perfumaria.

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999. p. 16-17. (Nas ondas da história).

119

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A especiaria mais cara do mundo

Entre as especiarias que os portugueses encontraram na Índia havia o açafrão, uma pequena e delicada flor lilás, chamada cientificamente *Crocus sativus*, que nasce à noite nos campos e abre as pétalas ao nascer do dia. Cada uma dessas flores – que só podem ser colhidas à mão, devido à sua extrema delicadeza – contém três pequenos **estigmas**, que, depois de secos, servem tanto para colorir tecidos de amarelo vivo, quanto para dar... um delicioso perfume aos alimentos. Cada estigma pesa apenas centésimos de grama, sendo necessário colher a espantosa soma de 50 mil flores para produzir um quilo de açafrão. Por isso, desde que é conhecido, há mais de 5 mil anos, o açafrão tem sido a especiaria mais cara do mundo. Hoje é cultivado na Índia, no Irã e na Espanha.

O açafrão mais comumente utilizado nas cozinhas, um pó amarelo que colore e dá gosto a certos alimentos, como o frango e o arroz, é muito mais barato do que o verdadeiro açafrão, pois tem qualidade bastante inferior. Esse açafrão popular geralmente é extraído das flores de duas outras espécies: *Curcuma long L.*, também conhecida como "açafrão-da-terra", e *Carthamus tinctorius L.*, chamada também de "açafrão mexicano", por crescer bem no México.

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999. p. 21-22.

Estigmas: partes inferiores da flor, destinadas a receber o pólen.

ENCAMINHAMENTO

- Informar que os produtos comercializados eram as especiarias (pimenta, cravo, canela, gengibre, mostarda, noz-moscada, entre outras) e os artigos de luxo (tecidos de algodão da Índia, tapetes da Pérsia, seda e porcelana da China, pérolas do Japão etc.).

Dica de leitura

- AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999.

O livro discorre sobre a expansão marítima enfatizando o comércio das especiarias e sua importância para a economia daquele período.

EDITORA ATUAL

IMAGENS EM MOVIMENTO

- TRILHAS do sabor: especiarias. Episódio 71. Parte 1. Duração: 17min52s. Disponível em: <http://livro.pro/48hzh9>. Acesso em: 25 set. 2018.

Entrevista com o doutor em História pela UFMG, José Newton, sobre a importância das especiarias na história da humanidade.

ENCAMINHAMENTO

- Explorar o mapa da página, chamando a atenção para o caminho percorrido pelas especiarias.

Dialogando

a) Goa e Calicute.
b) Antioquia e Tiro.
c) Alexandria e Cairo.

Como na época ainda não havia geladeiras, os europeus usavam as especiarias para conservar a carne e tornar seu sabor agradável. Além de servir para temperar alimentos, eram usadas no preparo de remédios e perfumes. No século XIV, o rico comércio de especiarias e de artigos de luxo orientais era quase todo controlado por mercadores **árabes** e **italianos**. Valendo-se de sua larga experiência comercial, os árabes traziam as mercadorias do Oriente até cidades como Cairo e Alexandria (na África) e Tiro e Antioquia, na Ásia Menor (veja essas cidades no mapa). Ali os mercadores italianos compravam esses produtos das mãos dos árabes e os revendiam na Europa com grande lucro. Observe no mapa as rotas das especiarias.

Rota das especiarias (1401-1500)

Fonte: AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999. p. 11. (Nas ondas da história).

DIALOGANDO

Com base no mapa:
a) Cite dois portos do Oceano Índico onde os árabes carregavam seus navios de especiarias.
b) Indique dois portos do Mediterrâneo oriental onde os italianos compravam especiarias dos árabes para revendê-las na Europa.
c) Dê o nome de dois portos da África onde os árabes vendiam as especiarias aos mercadores italianos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Muitos caminhos, muitos povos

[...]

Como as especiarias não se aclimatavam em solo europeu, era preciso trazê-las até a Europa, desde o distante Oriente. Os produtos percorriam um longo caminho, desde a China até o Mediterrâneo, passando por inúmeros lugares, como as ilhas da Indonésia, a Índia, o Oriente Médio, o norte da África etc., percorrendo mais de 15 000 km! [...]

Nenhum povo conseguia controlar sozinho toda a rota das especiarias entre a Europa e a Ásia. Devido a isso, as longas viagens comerciais, marítimas e terrestres eram feitas por diversos povos – japoneses, chineses, coreanos, mongóis, indianos, árabes etc. –, cada qual lucrando um pouco. As especiarias eram transportadas pelos meios: canoas, embarcações de junco, navios, elefantes, cavalos etc. A viagem era tão demorada, pagavam-se tantos impostos pelo caminho e havia tantos intermediários que as especiarias chegavam caríssimas à Europa. Por isso, elas eram consumidas apenas pelos nobres e ricos; o povo as apreciava, mas não podia comprá-las. [...]

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999. p. 10.

O que levou os portugueses a navegar em mar aberto?

No século XIV, os portugueses já participavam do comércio de especiarias orientais. É que, ao distribuir essas especiarias pela Europa, os mercadores italianos fundaram entrepostos comerciais em cidades portuguesas como Porto e Lisboa; lá eles vendiam especiarias aos portugueses que, por sua vez, as revendiam em Londres (Inglaterra) e no norte da Europa.

Para ampliar sua participação no rico comércio mundial de especiarias, os portugueses precisavam evitar o mar Mediterrâneo (que era quase todo controlado pelos italianos) e **buscar as especiarias na fonte, isto é, no Oriente**; controlando as fontes de especiarias, conseguiriam obtê-las a preços mais baixos e podiam revendê-las na Europa com grande lucro.

Além da motivação econômica, houve também a religiosa: ou seja, o desejo dos portugueses de expandir a fé cristã e combater o que chamavam de **infiéis**. Por motivos religiosos e comerciais, o rei português D. João I organizou, em 1415, uma grande expedição que tomou dos muçulmanos a cidade de Ceuta, no norte da África. Esse fato é tido como o marco inicial da expansão marítima portuguesa.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: DEA/G. DAGLI ORTI/AGB PHOTO LIBRARY

Infiéis: nome usado pelos europeus para designar os árabes muçulmanos.

Representação da captura da cidade de Ceuta em azulejo português do século XVIII. Algarve, Portugal.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

• Refletir sobre o que diz a historiadora Sheila de Castro Faria:

Portugal foi responsável pela criação de um vasto império, possuindo terras e domínios em todos os continentes. Mais do que isso, a expansão ultramarina foi resultado de determinações da Coroa, embora grande parte da população tenha se beneficiado dela. Para o povo, a expansão representava a possibilidade de mudança de vida e de libertação de esquemas opressores, ao ter a opção de saída para terras d'além-mar. Para o clero e a nobreza, representava cristianização e conquista, formas diferenciadas de servir a Deus e ao rei, ao mesmo tempo que aspiravam a recompensas materiais, como rendas, terras, ofícios etc. Já para os mercadores, significava aumento dos lucros, a partir da ampliação do comércio. Por fim, para a Coroa, era a sobrevivência por meio dos impostos colhidos em todos os setores. A expansão ultramarina pode ser considerada um grande projeto, em que todos esperavam ganhar alguma coisa. [...]

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia brasileira**: economia e diversidade. São Paulo: Moderna, 2004. p. 18.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• A CONQUISTA de Ceuta: um dia de combate. Duração: 10min58s. Disponível em: <http://livro.pro/mxy4qw>. Acesso em: 25 set. 2018.

Documentário sobre a conquista de Ceuta por D. João.

AUDIOVISUAL

As Grandes Navegações.

Texto de apoio

As razões da expansão marítima lusa

[...] Causas econômicas muito fortes guiaram o movimento de expansão do capitalismo comercial e da influência de países europeus na África, América e Ásia, mas esse movimento foi possibilitado também pelo desenvolvimento científico, pelo intercâmbio de informações, pelo aprofundamento da arte da navegação, pelo crescimento populacional e muito incentivado ainda por utopias originadas na Antiguidade e que foram difundidas no decorrer dos séculos. Essas utopias se justificavam na necessidade de se estabelecer contato entre europeus e cristãos que viviam no Oriente e na Etiópia, a fim de que se contivesse a expansão muçulmana, e na crença da existência de um paraíso terrestre em algum ponto distante da superfície da Terra, ou de regiões riquíssimas pela fertilidade do solo e pela presença de minas de ouro, de prata ou de pedras preciosas, diamantes e esmeraldas, sobretudo; além disso, havia também o desejo de se intensificar o comércio com as Índias e controlar o tráfico de especiarias. [...]

Gilberto Freyre (1980), ao analisar a ação portuguesa, admitiu que ela foi, a um só tempo, cristocêntrica e europocêntrica, de vez que os lusitanos levaram ao Oriente, à África e à América, ao lado do desejo da conquista, o compromisso que tinham com a difusão da fé cristã. [...]

ANDRADE, Manuel Correia de. **A trajetória do Brasil**: de 1500 a 2000. São Paulo: Contexto, 2000. p. 13-16.

ENCAMINHAMENTO

- Atentar para o fato de que o pioneirismo português só pode ser explicado por um conjunto de fatores inter-relacionados.
- Destacar a importância dos avanços tecnológicos para as Grandes Navegações. Comentar que a bússola, uma agulha magnética permanentemente apontada para o norte, foi inventada pelos chineses e levada para a Europa pelos árabes.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: CARTOGRAFIA náutica medieval. Disponível em: <http://livro.pro/h9a3e8>; e D. JOÃO I, o iniciador da dinastia de Avis entre a identidade portuguesa e a alteridade. Disponível em: <http://livro.pro/5ca6di>. Acessos em: 25 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GRANDES navegações. Duração: 5min3s. Disponível em: <http://livro.pro/xg8f6b>. Acesso em: 25 set. 2018.

Animação didática sobre as motivações e as invenções que propiciaram as Grandes Navegações do século XIV.

Portugal, o primeiro nas Grandes Navegações

Portugal foi o **pioneiro** nas Grandes Navegações por vários motivos; apresentaremos a seguir alguns deles:

a) **A centralização do poder**: Portugal foi o primeiro país europeu a possuir uma monarquia centralizada: um rei com controle sobre todo o território do reino.

b) **A Revolução de Avis**: em 1383, aproveitando-se da morte do rei de Portugal, o rei de Castela tentou ocupar o trono português, mas o povo de Portugal, liderado pela burguesia, resistiu e venceu os castelhanos na Revolução de Avis (1383-1385). O líder dessa revolução, D. João, mestre de Avis, sagrou-se rei com o título de D. João I. Retribuindo a ajuda recebida, os reis da dinastia de Avis apoiaram o comércio e a navegação, principais negócios da burguesia portuguesa na época.

c) **A experiência na navegação em mar aberto**: os portugueses adquiriram essa experiência praticando a pesca em alto-mar (sardinha, bacalhau, atum e baleia). No Reino de Portugal, a pesca era o principal meio de conseguir alimento, pois a produção agrícola era insuficiente para alimentar a população.

d) **O desenvolvimento de técnicas e conhecimentos necessários à navegação**: os portugueses aperfeiçoaram mapas e **portulanos**, adaptaram a **bússola** às suas embarcações e inventaram a caravela.

Pioneiro: primeiro, líder.

Portulano: espécie de roteiro que incluía descrição detalhada das costas marítimas, distância entre um lugar e outro e desenhos dos melhores portos para se atracar.

Bússola: agulha magnética permanentemente apontada para o norte que permitia aos navegantes manobrar o navio na direção desejada. A bússola foi inventada pelos chineses e levada para a Europa pelos árabes.

PARA SABER MAIS

A caravela

Sabe-se hoje que foram os portugueses os primeiros a projetar e construir uma caravela, fato ocorrido por volta de 1440. Além de serem ligeiras e fáceis de manobrar, as caravelas podiam entrar em rios, contornar bancos de areia e zarpar com uma certa velocidade no caso de um ataque. Além disso, podiam também efetuar manobras rápidas que dispensavam o uso de remos, navegar em zigue-zagues e eram capazes de navegar contra o vento.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Como se construía um navio?

Apesar de Portugal ser um país rico em madeiras e metais necessários à armação de embarcações, uma das causas do seu pioneirismo, construir um navio não era tarefa fácil, pois envolvia inúmeras etapas e diversos complicadores. Um deles foi a consequente falta de madeira, matéria-prima que, com a crescente demanda, começou a escassear no final do século XV. Devido à visão de longo alcance de D. Sancho II, o problema pôde ser momentaneamente contornado, pois este havia ordenado, ainda no século XII, a plantação do grande pinhal de Leiria, próximo à Lisboa, cuja maturação ideal coincidiu com a falta de madeira no Alentejo.

Ampliado mais tarde pelo rei D. Diniz, o pinhal de Leiria tornou-se a principal fonte de matéria-prima para a construção de embarcações no século XVI, que teve lugar, não por acaso, na ribeira velha da cidade de Lisboa, então chamada de Taracenas. Com a posterior descoberta da ilha da Madeira, esta se tornaria a maior fornecedora do gênero, complementando os estoques dos estaleiros do reino, havendo ainda a possibilidade do uso do material proveniente do Brasil, considerado, no início, como reserva.

Não tardou até que os mestres carpinteiros do reino percebessem que os diferentes tipos de madeira encontrados na colônia apresentavam maior resistência e durabilidade no contato contínuo com a água salgada, mais que outras encontradas na Europa, o que aumentava a vida útil dos navios, além de diminuir a probabilidade de naufrágio. Ao se tornar um dos gêneros preferidos dos construtores, a madeira brasileira passou a ser exportada para Portugal continuamente e em larga escala, alimentando o comércio e a indústria, tanto estatais quanto particulares. [...]

RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 54.

Navegando com os portugueses

Com uma monarquia centralizada, mercadores ricos e o apoio de capitães experientes, de estudiosos e construtores de navios, os portugueses iniciaram o **périplo africano**, isto é, o contorno da África para chegar ao Oriente.

Feitoria: entreposto comercial fortificado. Era usado também para controlar a circulação naval e defender o território. As feitorias portuguesas na África tiveram importante papel no comércio com as chefias africanas envolvendo armas, ouro, marfim e pessoas escravizadas.

Cronologia da expansão portuguesa – século XV

1419 – Os portugueses chegam às Ilhas da Madeira.

1443 – Atingem a Ilha de Arguim, junto ao rio do Ouro, e, no ano seguinte, o rio Senegal. Quatro anos depois, criam a primeira **feitoria** e iniciam o comércio com os africanos, que envolvia principalmente ouro em pó, escravizados, armas de fogo e pólvora.

1456 – Chegam às Ilhas do Cabo Verde e constroem engenhos de produção de açúcar utilizando mão de obra africana escravizada.

1482 – Erguem o castelo de São Jorge da Mina e, nesse mesmo ano, chegam à foz do rio Zaire, iniciando a exploração do Congo.

1488 – Bartolomeu Dias contorna o Cabo das Tormentas, situado no extremo sul da África. Para valorizar o feito, o rei de Portugal, D. João II, muda o nome do local para Cabo da Boa Esperança.

1498 – Vasco da Gama chega a Calicute, na Índia, uma das mais importantes fontes de especiarias orientais.

PICTURES FROM HISTORY/ABD PHOTO LIBRARY

Vasco da Gama chega a Calicute, na Índia. Obra de Ernesto Casanova.

Com a chegada de Vasco da Gama à Índia, em 1498, os portugueses realizavam seu maior sonho: chegar ao Oriente contornando a África. Ao regressar a Lisboa, Vasco da Gama levou consigo uma fortuna em pimenta, canela e gengibre. A venda dessas especiarias possibilitou aos investidores um lucro extraordinário (alguns historiadores falam em 600%).

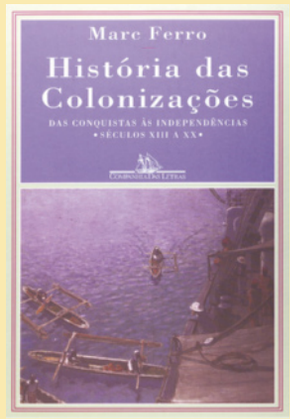
ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: O PONTO onde estamos: Paulo Miceli. Disponível em: <http://livro.pro/7gn554>. Acesso em: 25 set. 2018.

Dica de leitura

- FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências, séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

O historiador Marc Ferro aborda, de forma clara e objetiva, a expansão europeia, fazendo um comparativo com outras colonizações da História.



EDITORA COMPANHIA DAS LETRAS

+ATIVIDADES

- **Em dupla**. Coloquem-se no lugar de um navegador português e façam um diário de viagem de Portugal para as Índias e de lá para Portugal.

Resposta pessoal. **Professor**: a atividade visa fazer que os alunos utilizem a imaginação sem deixar de levar em conta os conhecimentos históricos. Pode-se apontar a ocorrência de anacronismos, bem como de elementos que não pertencem ao contexto da época.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Vasco da Gama na Índia

[...] Quando Vasco da Gama chegou às águas indianas, em 1498, certos soberanos locais, como os samorins de Calicute e os sultões de Gujerate, exerciam sua autoridade, mas não controlavam o oceano, que permanecia nas mãos dos árabes. Chegando a Calicute, Vasco da Gama exigiu para seu rei a soberania dos mares indianos, o que evidentemente os samorins recusaram, mas, em Cochim, os rivais destes aliaram-se aos recém-chegados, cuja esquadra era impressionante. [...] Então, retornando com força total, os portugueses de Afonso de Albuquerque ocuparam Goa, depois a ilha de Socotora, Ormuz e Málaca [atual Melaka], conseguindo, assim, controlar toda a parte ocidental do oceano Índico. Goa foi o pivô desse dispositivo, fortificada em extremo e constantemente consolidada, e Albuquerque foi sua alma.

O que os portugueses queriam não eram terras, mas o império do comércio marítimo. Maravilhados com as riquezas da Índia, pretendiam monopolizar-lhes o tráfego e, negando aos outros o direito de navegar nessa parte do oceano, confiscaram, a partir de então, qualquer carregamento que não dispusesse de uma permissão dada por eles. Toda embarcação que navegasse sem essa autorização, as cartas, foi tratada como pirata e apresada. Assim, os portugueses inundaram a Europa, via Lisboa, daquele pano de algodão (*calicot*) de Calicute, de pimentas e outras especiarias.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências, séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 45.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando os textos: O NASCIMENTO da América portuguesa no contexto imperial lusitano. Considerações teóricas a partir das diferenças entre a historiografia recente e o ensino de História. Disponível em: <http://livro.pro/tahatf>; e IMPÉRIO ultramarino: a contribuição para o crescimento de Portugal. Disponível em: <http://livro.pro/3iwh86>. Acessos em: 25 set. 2018.

Texto de apoio

A inserção do Brasil na rota comercial europeia e a formação do império colonial

Durante o processo de expansão ultramarina europeia, Portugal foi adquirindo experiência em dois pontos básicos: primeiro, no estabelecimento, em áreas portuárias, de postos comerciais fortificados – as feitorias – e, segundo, na criação de áreas de ocupação colonial efetiva. O sistema de feitorias não modificava substancialmente o modo de vida das populações nativas. Eram praças mercantis guardadas militarmente, que tinham como objetivo recolher a produção do interior da região escolhida e embarcá-la para o reino, ao mesmo tempo em que traziam mercadorias europeias. Já no caso da colonização, havia ocupação de fato e, em consequência, interferência direta, como ocorreu nas ilhas atlânticas, em que o rei fazia doações a particulares para instaurarem atividade agrária.

As descobertas e as ocupações progressivas de postos-chave no norte e na costa da África, com a intensificação do comércio de escravos e de ouro, acrescido do de marfim e pimenta, passaram a representar uma certa porcentagem de todos os negócios. Com a chegada dos portugueses ao Oceano Índico e o estabelecimento de ligações comerciais mais estáveis com os reinos locais, ampliou-se muito a importância do comércio, o que provocou grande impacto até mesmo na economia europeia. Lugares que antes se destacavam como entrepostos comerciais importantes, como as cidades italianas, principalmente Gênova e Veneza, viram-se ameaçados pelo comércio português. O açúcar da Ilha da Madeira, produzido por mão de obra escrava, tomou lugar do açúcar fabricado no Mediterrâneo. Nas Ilhas dos Açores, a produção de cereais passou a abastecer o reino português. Em suma, no início do século XVI, 65% da renda do governo português vinha do comércio ultramarino e não mais da agricultura, situação especial dentro do quadro europeu.

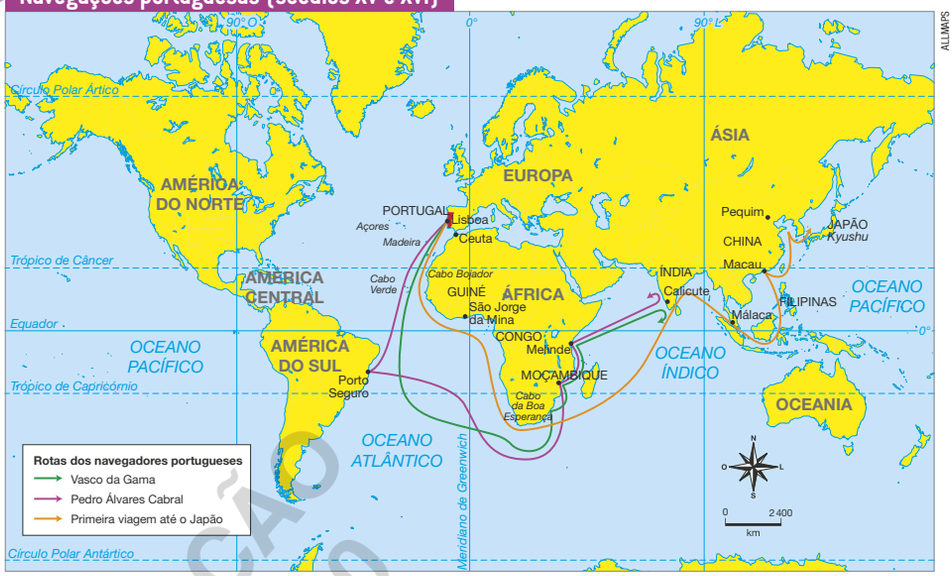
FARIA, Sheila de Castro. **A colônia brasileira**: economia e diversidade. São Paulo: Moderna, 2004. p. 28-29.

Aberto o caminho marítimo para o Oriente, os portugueses ergueram muitas feitorias nas áreas banhadas pelo Oceano Índico. Ao mesmo tempo, com a chegada de Cabral à região mais tarde conhecida como Brasil, os portugueses ergueram feitorias também no litoral leste da América do Sul. Assim, apoiados em suas feitorias africanas, asiáticas e americanas, os portugueses passaram a controlar boa parte do comércio pelo Oceano Índico e pelo Atlântico Sul. Portugal tornou-se, então, a cabeça de um imenso império: **o Império Ultramarino Português**. Observe o mapa.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: PICTURE FROM HISTORY/AGB PHOTO LIBRARY

Mercador português é recebido por anfitriões indianos. Início do séc. XVI.

Navegações portuguesas (séculos XV e XVI)



Fonte: ARRUDA, José Jobson de. **Atlas histórico básico**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 19.

O Império Português tinha dezenas de feitorias e fortes entre a América e o Japão e controlava boa parte do comércio através do Oceano Índico e do Atlântico Sul. Esse comércio entre as possessões portuguesas na Ásia, África e América rendeu enormes lucros à monarquia portuguesa no século XVI.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

As navegações espanholas

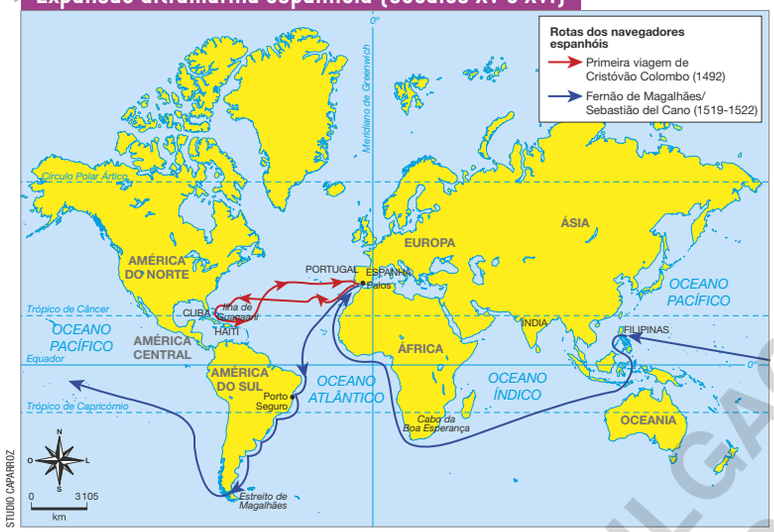
Enquanto os portugueses buscavam o caminho marítimo para o Oriente navegando em direção ao leste, os espanhóis, seus principais concorrentes, esforçavam-se para atingir o mesmo objetivo navegando para o oeste. Os reis espanhóis Fernando e Isabel também se aplicavam na busca de um novo caminho marítimo para o Oriente. Em 1492, esses reis aprovaram o audacioso plano do navegador genovês Cristóvão Colombo. O plano de Colombo consistia em chegar ao Oriente navegando em direção ao Ocidente, isto é, dando a volta ao redor do mundo, pois acreditava que a Terra era redonda. Além disso, julgava que ela fosse menor do que realmente é. O que ele não sabia, porém, é que no meio do caminho havia outro continente.

Colombo saiu do porto de Palos com três caravelas – Santa María, Pinta e Niña – e, depois de velejar por cerca de dois meses, embalado por fortes ventos favoráveis, teve uma grata surpresa: encontrou um continente "novo" para os europeus: a América. Era 12 de outubro de 1492. Mas, como pensou ter chegado às Índias, chamou de "índios" os diversos povos que habitavam essas terras havia milhares de anos.

© SALVADOR DALÍ, FUNDACIÓN GALA-SALVADOR DALÍ/AUTVIS, BRASIL, 2018.

Detalhe de **A descoberta da América por Cristóvão Colombo.** Óleo sobre tela de Salvador Dalí. 1959.

Expansão ultramarina espanhola (séculos XV e XVI)



STUDIO CAPARROZ

Fonte: ATLAS da história do mundo. São Paulo: Folha de S.Paulo/Times Books, 1995. p. 154-155.

DIVULGAÇÃO PNLD 20 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando os textos: OS ESPANHÓIS no Brasil: séculos XV e XVI. Disponível em: <http://livro.pro/989y2g>; e AS VIAGENS de Cristóvão Colombo. Disponível em: <http://livro.pro/p8b7mk>. Acessos em: 24 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- MONUMENTO a Colombo: Barcelona, Espanha. Duração: 3min26s. Disponível em: <http://livro.pro/r45pm4>. Acesso em: 25 set. 2018.

Uma visita ao Monumento a Colombo, em Barcelona, Espanha.

- 1492: a conquista do paraíso. Direção: Ridley Scott. França/Espanha/EUA, 1992. Duração: 2h34min.

O filme apresenta a história da chegada de Cristóvão Colombo às ilhas da América Central, em outubro de 1492, e as consequências desse encontro entre povos e culturas tão distantes.

Texto de apoio

Nomear equivale a tomar posse

[...] Colombo apaixona-se pela escolha dos nomes do mundo virgem que está vendo; e, assim como para ele mesmo, os nomes devem ser motivados. A motivação é estabelecida de várias maneiras. No início, [...] a ordem cronológica dos batismos corresponde à ordem de importância dos objetos associados aos nomes. A sequência será: Deus, a Virgem Maria, o rei da Espanha, a rainha, a herdeira real. "À primeira que encontrei (trata-se de ilhas), dei o nome de San Salvador, em homenagem a Sua Alta Majestade, que maravilhosamente deu-me tudo isto. Os índios chamam esta ilha de Guanaani. À segunda ilha dei o nome de Santa Maria de Concepción, à terceira, Fernandina, à quarta, Isabela, à quinta, Juana, e assim a cada uma delas dei um novo nome." [...]

Colombo sabe perfeitamente que as ilhas já têm nome [...]; as palavras dos outros, entretanto, não lhe interessam muito, e ele quer rebatizar os lugares em função do lugar que ocupam em sua descoberta [...]; a nomeação, além disso, equivale a tomar posse. [...]

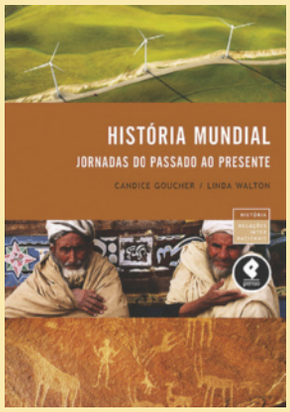
TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 27.

ENCAMINHAMENTO

Dica de leitura

- GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. **História mundial**: jornadas do passado ao presente. Porto Alegre: Penso, 2011.

O livro das historiadoras Candice Goucher e Linda Walton aborda a história mundial dos primórdios à atualidade e, nesse percurso, lança um novo olhar sobre as navegações europeias dos séculos XV e XVI, no Atlântico e no Pacífico. E evidencia que o avanço europeu pelo Pacífico acrescentou novas rotas e conexões mundiais e constituiu um deslocamento de poder rumo ao oeste, distante dos antigos polos comerciais do Oceano Índico e do Leste Asiático.



EDITORA PENSO

Texto de apoio

O texto a seguir pretende ajudar no trabalho em sala de aula com a habilidade **EF07HI06** da BNCC.

O mundo do Pacífico

Entre 1500 e 1800, após as viagens de Colombo, as relações econômicas e as sociedades das Américas, da Europa e de partes da África, Ásia e do Pacífico foram transformadas pela criação de uma economia mundial do Atlântico [...]. O estabelecimento das conexões do Atlântico teve um impacto profundo na vida e na cultura dos povos africanos, particularmente daqueles da África central e do oeste. As novas conexões globais afetaram o equilíbrio das relações, há muito estabelecidas, entre a Ásia, a África e a Europa, substituindo e redirecionando seus sistemas comerciais mundiais, baseados em terra e no mar, ínter ou intrarregionais.

As conexões triangulares entre sociedades da África, Europa e Américas giraram em torno de um comércio atlântico em expansão, com suas bases fundadas na escravidão e no capitalismo comercial. Logo depois de sua criação, o desenvolvimento comercial do mundo atlântico interconectado não era mais um conjunto de relações equilibradas. A expansão europeia para o Pacífico adicionou novas conexões globais e constituiu uma mudança de poder em direção ao oeste, para longe daqueles centros mais antigos afro-eurasianos, como o mundo comercial do Oceano Índico e o núcleo econômico chinês no leste asiático. No século XVIII, novos desenvolvimentos na Europa iriam providenciar os meios para a intensificação da dominação europeia da economia global.

GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. **História mundial**: jornadas do passado ao presente. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 186-188.

PARA SABER MAIS

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN IMAGES/KEYSTONE BRASIL

O navegador Fernão de Magalhães comandando a primeira viagem ao redor da Terra. Alegoria de Theodor de Bry, século XVI.

O navegador português Fernão de Magalhães saiu da Espanha em 1519 e, depois de atravessar o extremo sul da América do Sul por um canal natural, chamado depois de Estreito de Magalhães, chegou ao Oceano Pacífico. Depois de um tempo no mar, Magalhães alcançou um conjunto de ilhas, e, como ele navegava a serviço da monarquia espanhola, a Espanha exigiu seu direito a essas ilhas renomeando-as para "ilhas filipinas", hoje Filipinas. Em 1571, uma nova expedição espanhola chegou às Filipinas e ocupou **Manila**, que se tornou o mais importante posto comercial espanhol na Ásia.

Manila: hoje, capital das Filipinas.

Na segunda metade do século XVI, após a conquista espanhola das Filipinas, um intenso comércio, legal e ilegal, passou a ocorrer através de uma rota que ligava dois domínios espanhóis: Acapulco, no México, e Manila, nas Filipinas; essa rota se estendia até a China passando por Macau, que, à época, pertencia à Portugal. O dinheiro usado nessa importante rota comercial eram moedas espanholas chamadas de "moedas de oito". Em pouco tempo, o comércio pela rota Manila-Acapulco passou a ser de mão dupla e "animado" por piratas de países adversários da Espanha. Em 1573, partiu de Manila, na direção leste, o primeiro galeão abastecido de riquezas do Oriente (seda chinesa, cetim, porcelanas e especiarias); e, navegando pelo Pacífico, chegou a Acapulco. De lá, retornou a Manila carregado de prata das minas espanholas na América. Leia o que duas historiadoras especializadas disseram sobre o assunto:

> Ao fim do século XVI, a quantidade de metais fluindo de Acapulco para Manila ultrapassou a soma que estava envolvida nos carregamentos do Atlântico. Entre 1570 e 1780, um número estimado entre 4 e 5 mil toneladas de prata fluíram para o leste da Ásia ao longo da rota Acapulco-Manila. Conforme os metais hispano-americanos fluíam [...], tanto asiáticos quanto europeus enriqueceram. [...]
>
> GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. **História Mundial**: jornadas do passado ao presente. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 186-188.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Cabral toma posse das terras brasileiras

Animado com o lucro da viagem de Vasco da Gama, o rei de Portugal, D. Manuel, decidiu enviar outra expedição às Índias, a fim de firmar o comércio português com o Oriente.

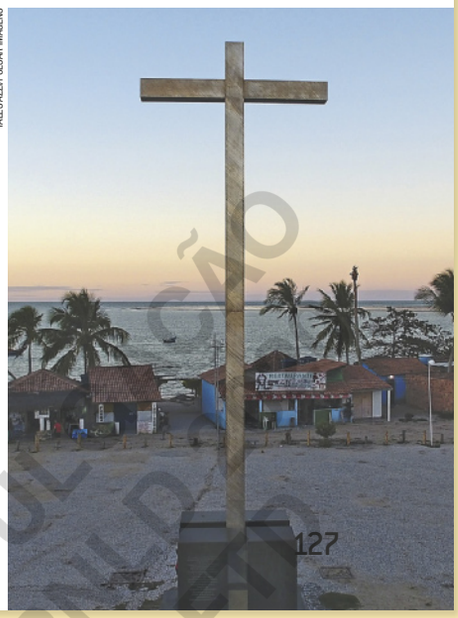
Essa esquadra, comandada pelo nobre Pedro Álvares Cabral, partiu de Lisboa em 9 de março de 1500. Era formada por 13 navios (dez naus e três caravelas) e cerca de 1 500 pessoas, incluindo escrivão, cartógrafos, padres, soldados e navegadores experientes, como Bartolomeu Dias, o primeiro europeu a contornar a África.

O rei encarregou Cabral de tomar posse das terras que encontrasse pelo caminho. Por isso, Cabral ordenou aos pilotos de sua esquadra que se afastassem do litoral africano, velejando cada vez mais em direção ao Ocidente.

Depois de 43 dias no mar, os tripulantes avistaram pássaros e algas marinhas, sinal de que havia terra por perto. Finalmente, na tarde do dia seguinte, 22 de abril de 1500, uma quarta-feira, avistaram um monte verde-azulado de formas arredondadas, ao qual deram o nome de Monte Pascoal, pois era semana da Páscoa.

Os portugueses desembarcaram junto a uma aldeia do povo Tupiniquim, no lugar onde é hoje Porto Seguro, na Bahia. Lá fincaram uma cruz de madeira para dizer que daquela data em diante aquelas terras eram deles. Depois de tomar posse, estabelecer contato com os indígenas e ordenar a celebração da primeira missa, Cabral enviou um navio de volta a Lisboa levando uma carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão de sua esquadra, para o rei de Portugal.

MARCOS AMEND/PULSAR IMAGENS



TALES AZZI/PULSAR IMAGENS

À esquerda, marco oficial de posse das terras brasileiras, em fotografia de 2016. **À direita**, cruz que marca o local da primeira missa realizada no Brasil, em Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália. Bahia, 2017.

DIVULGAÇÃO PROIBIDA

Texto de apoio

A dura vida dos navegantes

Devido ao aperto nos navios, o abastecimento e a alimentação constituíram um problema permanente. Os gêneros embarcados tinham sempre uma péssima qualidade. Estavam frequentemente deteriorados ainda no início da viagem e terminavam apodrecendo em pouco tempo. [...]

Para garantir a presença de alimento fresco, iam a bordo alguns animais vivos, principalmente galinhas, e, por vezes, bois, porcos, carneiros e cabras, brindando os embarcados com muito esterco e urina, que contribuíam para agravar o quadro de doenças entre os humanos.

Mesmo assim, raramente havia carne vermelha fresca [...]. Receber esta regalia era raridade. O embarque de animais de grande porte não era recomendado, tomava muito espaço, consumia víveres e água, deixava o ambiente ainda mais insalubre. Com sorte, peixe seco, cebolas e alho podiam ser fornecidos. Muitas vezes, na falta de lenha, peixe e carne eram consumidos crus.

Em viagens longas, passado um mês, o que sobrava para comer era uma espécie de biscoito duro e seco, então já todo roído por ratos e baratas. [...]

A dieta pobre em vitaminas explica diversas doenças que se tornaram corriqueiras nos navios, com sintomas como disenteria, febre, fraqueza extrema e desnutrição. A principal era o escorbuto, chamado na época de "mal das gengivas" ou "mal de Luanda" [...].

Ironicamente, no caso do consumo de ratos – o animal sintetiza a vitamina C a partir dos alimentos que consome –, os infortúnios vividos pelos mareantes em desespero, sem que soubessem, terminavam evitando o aparecimento do escorbuto.

RAMOS, Fábio Pestana. A dura vida dos navegantes. **Revista de História**, 1º set. 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160411073119/http://rhbn.com.br/secao/capa/a-dura-vida-dos-navegantes>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: DESEMBARQUE de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro: 1500. Disponível em: <http://livro.pro/r2hqbf>. Acesso em: 25 set. 2018.

A obra de Oscar Pereira da Silva, **Desembarque de Cabral em Porto Seguro**, mostra a visão do pintor sobre o descobrimento do Brasil.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Conclui-se que eram grandes a esperança e a preocupação dos portugueses em achar ouro e prata na "nova terra".

b) "Porém, o melhor fruto que podemos tirar dela, me parece, será salvar esta gente, tornando-a cristã."

c) "E, desta maneira, aqui conto a Vossa Alteza o que vi nesta Vossa terra."

Texto de apoio

Relatos de viagem

A ideia da existência de terras a oeste, na posição em que se encontra o Brasil, era geralmente aceita, embora Colombo julgasse que essa área se localizava na porção oriental da Ásia. Ocorre que havia referências a terras, como a ilha de São Brandão, na latitude do Brasil, que teria sido colonizada ou visitada no século VII por um monge celta irlandês na tentativa de propagação da fé cristã. Havia também mapas em que essas terras eram sinalizadas, admitindo-se até que elas haviam sido exploradas por Duarte Pacheco Pereira, nos fins do século XV.

Historicamente, os primeiros visitantes do Brasil teriam sido os navegadores espanhóis Alonso de Hojeda e Vicente Yañes Pinzon, que estiveram na costa norte do atual cabo de Santo Agostinho, que denominaram de Santa Maria de la Consolation [...], mas não tomaram posse da terra por sabê-la pertencente ao domínio português, diante do Tratado de Tordesilhas [...].

Rumando em direção ao noroeste, esses navegadores passaram pela foz do Amazonas, que Pinzon chamou de *Mare Dulce*, e na costa da atual Venezuela, onde Hojeda descobriu a foz do rio Orenoco. As relações com os nativos no Nordeste e na Amazônia foram conflituosas, havendo perda de navegadores e destruição de aldeamentos.

O "descobrimento" oficial do Brasil, feito por Cabral no último ano do século XV, a 22 de abril de 1500, ocorreu na costa baiana, na área de Porto Seguro, onde as naus portuguesas permaneceram por uma semana e de onde partiram para a Índia, deixando dois degredados e dois grumetes que desertaram. Foram numerosas as cartas enviadas do navio, comandado por Gaspar de Lemos, ao rei de Portugal contando as ocorrências na Terra de Vera Cruz. A mais famosa delas é a carta de Pero Vaz de Caminha, numerosas vezes editada, na qual o escrivão da feitoria de Calicute faz uma verdadeira descrição da terra e da gente; extasiado com a natureza tropical, com a floresta Atlântica que chegava quase até a costa e com as áreas de restingas e de manguezais, chegou a afirmar que "em esta terra se plantando tudo dá".

ANDRADE, Manuel Correia de.
A trajetória do Brasil: de 1500 a 2000.
São Paulo: Contexto, 2000. p. 22-23.

PARA REFLETIR

A carta de Caminha é um importante documento histórico. Leia a seguir um trecho que fala da nova terra:

> Nesta terra, até agora, não pudemos saber se existe ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro. Porém, a terra em si é de bons ares, assim frios e temperados. As águas são muitas e infinitas. A terra é tão grandiosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.
>
> Porém, o melhor fruto que podemos tirar dela, me parece, será salvar esta gente, tornando-a cristã.
>
> E, desta maneira, aqui conto a Vossa Alteza o que vi nesta Vossa terra.

TORRES, Adriana; PEREIRA, André. Ilustrações de Tibúrcio.
A carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991. p. 21.

a) O que se pode concluir da leitura da primeira frase?

b) Em que trecho da carta se percebe a intenção dos portugueses em expandir sua religião?

c) Em que trecho o escrivão diz que considera a nova terra propriedade do rei de Portugal?

Império Português (século XVI)

Fonte: ATLAS da história do mundo. São Paulo: Folha de S.Paulo/ Times Books, 1995.

Depois de passar pelas terras que os indígenas chamavam de Pindorama, os portugueses atingiram Moçambique (1507), na costa oriental da África; Macau (1517), na China; e Kyushu (1542), no Japão. Portugal ergueu, assim, um imenso império marítimo-comercial com possessões banhadas por três oceanos (Atlântico, Índico e Pacífico). O Império Português se assentava em uma rede de feitorias e fortalezas erguidas em três continentes (África, América e Ásia). Como mostra esse mapa do século XVI, o Império Português ia do litoral da América do Sul até o Japão, passando pelos litorais da África, da Índia e da China.

DIVULGAÇÃO PNLD 2018 FTD

Outros europeus

Ingleses, franceses e holandeses também cobiçavam as especiarias orientais. Para chegar a elas, navegaram em direção ao Oriente por diversos caminhos.

Em 1497, o navegador genovês Giovanni Caboto, navegando a serviço da Inglaterra, tentou em vão encontrar uma passagem para o Oriente pelo extremo norte. Nessa viagem, Caboto explorou alguns pontos da América do Norte.

Em 1534, foi a vez do navegador francês Jacques Cartier buscar uma passagem para o Oriente pelo extremo norte. Ele explorou o rio São Lourenço e tomou posse, em nome do rei da França, de parte dos atuais Canadá e Estados Unidos. Tanto os ingleses quanto os franceses daquela época dedicavam-se à pirataria.

A Holanda lançou-se às navegações só no final do século XVI. Mas em poucas décadas conquistou terras em diversos continentes: região do Cabo (África); Java, Ceilão e ilhas Molucas (Ásia); Nova Amsterdã (atual Nova York), Antilhas e nordeste do Brasil (América).

As Grandes Navegações provocaram mudanças importantes no cenário mundial, entre as quais cabe citar:

a) o extraordinário crescimento do volume e do valor do **comércio mundial**;

b) o Atlântico passou a ser mais importante do que o Mediterrâneo como via de comércio. Com isso, assistiu-se ao declínio das cidades italianas e à ascensão dos países banhados pelo Atlântico, como Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda;

c) a construção de vastos impérios coloniais pelos europeus e a apropriação da riqueza dos povos africanos, asiáticos e ameríndios;

d) a consciência, por parte de muitos europeus, da enorme **diversidade de povos e culturas** e da necessidade de conviver com essas diferenças.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

MUSEU DE GRÃO VASCO, VISEU, PORTUGAL. FOTO: THE PICTURE ART COLLECTION/ ALAMY/FOTOARENA

Acima, vemos como os europeus representavam os indígenas da América antes de conhecê-los. Walter Raleigh. Escola alemã, 1599. Abaixo, pintura feita após a estada dos portugueses no Brasil. Adoração dos Reis Magos, Francisco Fernandes. 1501-1506. Viseu, Portugal. Observe que um dos Reis Magos, no centro da tela, está caracterizado como indígena.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

Como os europeus viram outros povos e foram vistos por eles

Os europeus encontraram infinitas maneiras de viver entre os povos da África, Ásia e América. Os relatos que fizeram desses contatos são hoje fonte preciosa para os historiadores. Por um lado, os relatos informam sobre os costumes dos povos descobertos. Por outro lado, esclarecem as formas de pensar dos europeus e sua maneira de ver o mundo. A seguir, um desses relatos, escrito por um viajante italiano, a respeito do Senegal (na África negra) do século XV:

"[...] Estes povos andam quase sempre sem qualquer espécie de roupa a cobri-los, exceto uma pele de cabra cortada em forma de calções que usam para esconder as partes secretas. Mas os senhores e as autoridades usam camisas de algodão; este país produz quantidade desta matéria, que as mulheres fiam [...].

As mulheres, tanto as casadas como as outras, andam nuas da cintura para cima, e da cintura para baixo cobrem-se com um pano feito de algodão, enrolado à volta do corpo, que lhes chega até o meio da perna, e andam todos descalços, sem nada na cabeça exceto os cabelos, que penteiam em tranças, engenhosamente dispostas e atadas de diversas maneiras [...].

Neste reino de Senegal nem em nenhuma outra terra para além dele crescem trigo, centeio, aveia ou vinha, pois o país é quente em extremo; além disso, durante nove meses do ano, desde outubro até fins de junho, não cai uma gota de chuva. [...] Na falta disso, possuem toda a espécie de milho, grosso e miúdo, favas e outros legumes, dos maiores e mais belos do mundo. [...]"

AMADO, Janaína; GARCIA, Ledonias Franco. **Navegar é preciso**: grandes descobrimentos marítimos europeus. São Paulo: Atual, 1989. p. 45-46.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Eram temperos como cravo, canela, pimenta, baunilha, gengibre, mostarda, entre outros. **Professor**: comentar que as especiarias eram, geralmente, produtos de pequeno porte e alto valor comercial.
   b) Era uma rota marítima que ligava o litoral de Portugal à Índia, contornando a África pelo Atlântico. Tinha o nome de Rota do Cabo pois passava pelo Cabo da Boa Esperança.
   c) Os portugueses conseguiram lucros fabulosos.
2. Alternativa E. Justificativa: As Grandes Navegações foram motivadas por interesses comerciais e religiosos.
3. Resposta pessoal. **Professor**: é importante que os alunos evidenciem os fatores eleitos e justifiquem sua escolha de modo que desenvolvam as habilidades de selecionar, debater e argumentar, essenciais à aquisição de autonomia por parte deles.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Leia o trecho com atenção e responda ao que se pede.

> **Criada a moderna rota das especiarias**
>
> Portugal encontrou realmente especiarias e outros fabulosos tesouros da Índia. [...]
>
> Após várias batalhas no mar, na Índia e em muitas partes da Ásia e da África, os portugueses conseguiram controlar o comércio no Oceano Índico. Estava assim criada uma nova rota comercial desde a Europa até as especiarias [...]. Diferente da medieval, era uma rota totalmente marítima, que alcançava a Índia pelo Atlântico. Os portugueses chamaram-na de "Rota do Cabo", porque passava pelo Cabo da Boa Esperança, no extremo sul da África [...].
>
> AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999. p. 21. (Nas ondas da história).

a) O que eram as especiarias?

b) O que era a Rota do Cabo e por que ela tinha esse nome?

c) Quais foram as consequências do controle dessa rota pelos portugueses?

2. Escreva no caderno a frase **INCORRETA** e justifique sua escolha.

a) Os europeus da época medieval usavam as especiarias para conservar a carne e tornar seu sabor agradável.

b) No século XIV, o rico comércio de especiarias e de artigos de luxo orientais era quase todo controlado por mercadores árabes e italianos. Os portugueses tinham uma pequena participação nesse comércio.

c) Para ampliar sua participação no comércio mundial de especiarias, os portugueses precisavam evitar o mar Mediterrâneo (que era quase todo controlado pelos italianos) e buscar as especiarias na fonte, isto é, no Oriente.

d) Nas Grandes Navegações, além da motivação econômica houve também uma motivação religiosa; ou seja, o desejo português de expandir a fé cristã e combater os muçulmanos.

e) As Grandes Navegações foram motivadas exclusivamente pelo espírito de aventura.

3. Aponte e relacione os principais fatores do pioneirismo português nas Grandes Navegações. Justifique sua escolha.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

As especiarias compreendiam um conjunto de produtos, na maioria vegetais, mas também um pequeno número de origem animal, ou mistos, que serviam como condimento, mezinhas, excitantes, relaxantes, perfumes e unguentos coloridos, utilizados para três funções básicas: tintura, tempero e medicamento. Dentre todas, a mais importante das especiarias era a pimenta, devido ao sabor pronunciado e ao odor característico, importante para disfarçar o gosto dos alimentos, particularmente da carne.

[...] Assim, aqueles que não moravam na costa e, por isso, não dispunham de peixe fresco durante todo o ano eram obrigados a temperar a carne com condimentos fortes, picantes e odoríferos, disfarçando o mau cheiro e o sabor desagradável. Afinal, a carência de víveres não permitia recusar nenhum alimento disponível.

Outras especiarias eram também utilizadas, mas com finalidades diferentes. O cravo, também muito apreciado, tinha uso exclusivo na feitura de doces. [...] Contudo, desde a Antiguidade a especiaria mais indicada para tornar comestível a carne salgada, e, com frequência, pútrida, era mesmo a pimenta forte.

Durante os tempos áureos do império romano, as especiarias circulavam livremente pela Europa. Não obstante, com o continente posteriormente segmentado em feudos, elas tornaram-se artigo de luxo, acessíveis apenas a algumas localidades. Com as cruzadas, as cidades de Gênova, Florença e Veneza beneficiaram-se das respectivas posições estratégicas, obtendo as especiarias através da rota que partia do Oriente, revendendo os produtos em pequenas quantidades e a preços altíssimos, o que restringia seu consumo a senhores feudais e à alta burguesia. Servindo de mero entreposto comercial, logo os portugueses tiveram a ideia de obter lucros exorbitantes com esse comércio, indo buscar a mercadoria direto na fonte. Assim surgiu a Carreira da Índia e o que chamamos de império da pimenta.

RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 7.

4. Os versos a seguir são de Fernando Pessoa (1888-1935), um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos. Leia-o com atenção e responda às perguntas a seguir.

> Ó mar salgado, quanto do teu sal
> São lágrimas de Portugal!
> Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
> Quantos filhos em vão rezaram!
> Quantas noivas ficaram por casar
> Para que fosses nosso, ó mar!
>
> PESSOA, Fernando. Mar português. In:_____. **Mensagem**. São Paulo: FTD, 1992. p. 71.

CLAUDIO STOCCO/SHUTTERSTOCK.COM

Estátua do poeta e escritor Fernando Pessoa no bairro de Chiado, em Lisboa, Portugal. 2017.

a) A que oceano o poeta se refere quando diz "mar salgado"?

b) Qual é o assunto tratado por ele nesses versos?

c) O que ele quis dizer com "Quantas noivas ficaram por casar / para que fosses nosso, ó mar!"?

5. As histórias de sucesso são geralmente recontadas muitas vezes – livros, filmes, histórias em quadrinhos etc. Este é o caso, por exemplo, da chegada de Cabral ao território hoje conhecido como Brasil. Dos naufrágios que fizeram Portugal ser conhecido no século XVI como um "país de viúvas", quase nada se fala. Veja o que o historiador Fábio Pestana diz:

> Entre as principais causas [dos naufrágios] estavam o mau tempo [...], o desconhecimento do regime dos ventos e das correntes marítimas, a imperícia do piloto, o excesso de carga, o desgaste natural das embarcações, doenças que dizimavam a tripulação impossibilitando a continuidade da viagem, e ataques piratas seguidos da queima da embarcação.
>
> RAMOS, Fábio Pestana. Os problemas enfrentados no cotidiano das navegações portuguesas da carreira da Índia: fator de abandono gradual da rota das especiarias. **Revista de história**, n. 137, 1997, p. 84.

Segundo o texto, os naufrágios das caravelas portuguesas nas Grandes Navegações têm várias razões, exceto:

a) O mau tempo.

b) O excesso de carga.

c) A ausência de instrumentos náuticos.

d) Ataques de piratas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

4. **a)** Ao Oceano Atlântico.
   b) A expansão marítimo-comercial portuguesa através do Atlântico.
   c) Quis dizer que muitos homens morreram nas viagens que conduziram à conquista do Atlântico pelos portugueses. **Professor**: comentar que se fala muito das histórias de sucesso, como a da viagem de Vasco da Gama, mas pouco sobre os naufrágios, que fizeram Portugal ser conhecido no século XVI como um "país de viúvas".
5. Alternativa C.

Texto de apoio

Salve-se quem puder

Como alternativa, cada embarcação dispunha de apenas um batel, para abrigar os sobreviventes, provocando mais conflitos e disputas, não raro violentas, por um lugar a bordo. Nessas ocasiões, os oficiais ordenavam que se procurassem por mantimentos, em especial água e biscoitos, para serem levados junto com os escolhidos. Também eram trazidas armas e munições, para enfrentar os perigos em terra e para impedir que alguém embarcasse sem permissão. Batel era um grande bote a remos, às vezes também impulsionado por velas, que ficava alojado sobre a coberta da nau ou vinha atracado à embarcação, utilizado normalmente para transportar os passageiros da nau até a praia e, naturalmente, como salva-vidas em caso de naufrágio. Não obstante, a capacidade era extremamente reduzida se comparada ao contingente da nau, podendo transportar pouco mais de sessenta pessoas.

Por isso, era comum serem salvos apenas os nobres e alguns técnicos indispensáveis para a sobrevivência em terra. No entanto, em casos raros, havia embarcações da Carreira da Índia que, além do grande batel, viajavam com outros dois, menores, e com um esquife, pequeno bote estreito e comprido, com capacidade para transportar de dez a vinte pessoas. Mesmo assim, só era possível acomodar cerca de um quarto dos que estavam a bordo, dentre os que conseguiam escapar de cair no mar ou de serem atingidos por pedaços do navio que se desmanchava. [...] Além desses, havia outros perigos, como o de ser ferido ou morto pelos próprios companheiros, que procuravam diminuir o número de candidatos ao resgate.

Cabia ao capitão selecionar quem seria salvo, uma vez que ele mesmo, contrariando o mito, nunca afundava com a embarcação. Nessas horas, a autoridade prevalecia mediante o uso da força [...]. Como foi dito, a precedência era de nobres e técnicos graduados, tanto que, das cinquenta e sete pessoas que se salvaram do naufrágio da nau Santiago, em 1585, havia dezenove fidalgos, nove religiosos, piloto, contramestre, guardião, cirurgião, condestável, feitor, um único soldado, dois carpinteiros, três criados do piloto, o criado de um dos fidalgos, sete passageiros e nove marinheiros, necessários para remar a embarcação. [...]

RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 170-171.

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PRESENTE

O texto a seguir é da historiadora Sheila de Castro Faria. Leia-o com atenção.

A mundialização do negócio

[...] cabe ressaltar que os tempos modernos viram desenvolver-se uma atividade mercantil que, pela primeira vez na história, tornou-se mundial.

Para ser mundial, o comércio dependia majoritariamente do poderio naval dos Estados Nacionais, e durante os séculos XV e XVI foram os portugueses que conquistaram e mantiveram sob seu controle as rotas mercantis do oceano Índico.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Forças navais portuguesas atacam o porto de Áden, no oceano Índico.

A partir de 1500, a cada ano largavam do Rio Tejo, em Lisboa, grandes frotas carregadas de soldados. Voltavam com especiarias e demais produtos, como escravos, ouro da Guiné, prata japonesa, cavalos persas, sedas chinesas etc. Nesse momento o rei de Portugal, D. Manuel I, o Venturoso (que reinou de 1495 a 1521), adotou o título de "Rei de Portugal e dos Algarves, de Aquém e Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia", bastante representativo de tudo que havia sido conquistado.

Foi, também, com base nesse poderio marítimo e comercial que Portugal conseguiu manter por muito tempo uma camada inchada de aristocratas, clérigos e mercadores, que representava um terço da população portuguesa e não produzia riqueza. [...] Foi impressionante, durante o século XVI, o aumento da burocracia, da nobreza (acrescida de novos nomes), das patentes e números de militares, do fausto da corte etc. Tudo isso representava [...] despesas excessivas, financiadas pelo império ultramarino.

Nesse império se insere o Brasil, timidamente a princípio, de maneira fundamental depois.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia brasileira**: economia e diversidade. São Paulo: Moderna, 2004. p. 30-32.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

As viagens de descobrimento e colonização foram os mais importantes acontecimentos em Portugal, nos séculos XV e XVI, condicionando, em maior ou menor grau, grande parte dos aspectos culturais, econômicos e sociais lá existentes. A expansão marítima constituiu, de diversas maneiras, a dimensão moderna de Portugal no período, ocasionando a formação de um novo quadro da configuração do mundo, o crescimento do grande comércio e das cidades e o desenvolvimento de um olhar empírico em certas áreas do saber.

[...]

Antes da expansão marítima, as principais atividades econômicas do reino eram a agricultura e a exportação de vinho e sal. Com o estabelecimento do comércio colonial, formou-se uma incipiente burguesia em Portugal. Contudo, foi a Coroa, e não essa burguesia, que centralmente promoveu e administrou o comércio marítimo nos séculos XV e XVI. Isto fomentou o crescimento de um funcionalismo público, com membros da nobreza ocupando os postos mais elevados na hierarquia, ora sendo incorporados à corte, ora tendo a seu cargo postos de comando no exército ou na administração além-mar. Desta forma, embora tenham ocorrido importantes transformações sociais e econômicas em Portugal durante os séculos XV e XVI, com a substituição da agricultura, da pesca e do comércio de vinho e sal pelo comércio colonial, a nobreza continuou a ocupar o lugar mais importante na hierarquia social lusitana, através do seu ingresso na burocracia estatal. Um grande número de camponeses e pescadores também migrou para Lisboa, para se alistar no exército e na frota naval. Havia um pequeno número de artesãos em Portugal.

Em suma, pode-se afirmar que, na sociedade portuguesa do período que estamos enfocando, destacam-se duas características principais: por um lado, tratava-se de um mundo rural em crise, devido às novas circunstâncias, que atraíam um grande número de pessoas para Lisboa; por outro lado, identifica-se nela um aspecto moderno, urbano, do qual faziam parte a capital, o grande comércio, a vida da corte.

BELLINI, Lígia. Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português do século XVI. **Tempo**, Niterói, v. 18, n. 32, p. 3, 6, 2012. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg7-7.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

1. O trecho da página anterior que demonstra a surpresa da historiadora sobre os acontecimentos que envolviam as grandes navegações portuguesas, a expansão comercial e seus desdobramentos é:

a) "A partir de 1500, a cada ano largavam do Rio Tejo, em Lisboa, grandes frotas carregadas de soldados."

b) "... durante os séculos XV e XVI foram os portugueses que conquistaram e mantiveram sob seu controle as rotas mercantis do oceano Índico."

c) "Foi impressionante, durante o século XVI, o aumento da burocracia, da nobreza, das patentes, militares, do fausto da corte etc."

d) "Voltavam com especiarias e demais produtos, como escravos, ouro da Guiné, prata japonesa, cavalos persas, sedas chinesas etc."

2. O texto afirma que o rei de Portugal, D. Manuel, o Venturoso, adotou o título de "Rei de Portugal e dos Algarves, de Aquém e Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia", porque:

a) conseguia manter seus aliados com seu novo nome.

b) foi obrigado pela nobreza a trocar de nome.

c) representava um ideal de humildade da monarquia.

d) queria demonstrar sua soberania e conquistas.

3. O poderio marítimo e comercial de Portugal no período estudado gerou também um problema para o império. Esse problema era (ou eram):

a) as despesas excessivas, financiadas pelo império.

b) a manutenção da camada de aristocratas.

c) a conquista das rotas mercantis do oceano Índico.

d) as viagens que partiam do Rio Tejo.

4. A soberania marítima de Portugal e o domínio do comércio sustentou por um longo período a camada de aristocratas, clérigos e mercadores no país. Isso era sinônimo de prestígio e reconhecimento social. Porém, essa camada social significava um peso para a economia do país porque:

a) eram cidadãos que queriam melhores condições de trabalho.

b) representava uma camada que não produzia riqueza.

c) simbolizavam pessoas que faziam oposição ao Rei D. Manuel.

d) tinham pouca representatividade social – apenas um terço.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS

1. Alternativa C.
2. Alternativa D.
3. Alternativa A.
4. Alternativa B.

Texto de apoio

O texto a seguir é dos historiadores Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo.

O imenso Império português

Como primeiro país europeu a alcançar a Índia pelo mar, Portugal inaugurou uma nova rota econômica mundial, quebrando o monopólio da distribuição da Europa dos valorizados produtos orientais, exercido, desde a Idade Média, principalmente por Veneza e Gênova, via Mediterrâneo. A Índia constituía à época um dos mais importantes centros comerciais do planeta, seus numerosos portos – sempre abarrotados de navios, produtos e pessoas de toda parte – funcionando como portas abertas para o Índico, o mais movimentado dos oceanos. Nos dois litorais da península indiana comerciavam-se mercadorias do Extremo Oriente, como cássia, sedas e porcelana da China, sândalo de Timor, cravo das Molucas, noz-moscada da Banda, além de gengibre, ouro e vários produtos vindos da Malásia, outro grande centro internacional do comércio [...].

O comércio e as conquistas, principalmente as da Ásia, foram garantidos pela superioridade náutica e bélica dos navios lusos. [...]

Da península indiana os portugueses seguiram as rotas do comércio oriental, apoderando-se de pontos cruciais do Índico e alcançando, em poucos anos, importantes centros produtores e consumidores, tanto os situados a oeste da Índia – como Ormuz (à entrada do Golfo Pérsico), Aden (na península arábica, com controle sobre o mar Vermelho) e Cota (no Ceilão, atual Sri Lanka), sem esquecer Moçambique, na costa oriental africana – quanto os localizados a leste da Índia, de Málaca ao Japão (atingido em 1543), passando, entre outros, por Sumatra, Flores, Timor, Banda, Molucas e Macau. O imenso "Estado da Índia", que incluía todas as possessões na Ásia e na África oriental [...], representou a principal fonte a alimentar a fase de maior esplendor do império português, ocorrido de 1498-99 a 1580. [...]

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **O Brasil no Império português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 20-22.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades **EF07HI08** e **EF07HI09** da BNCC:

– Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.

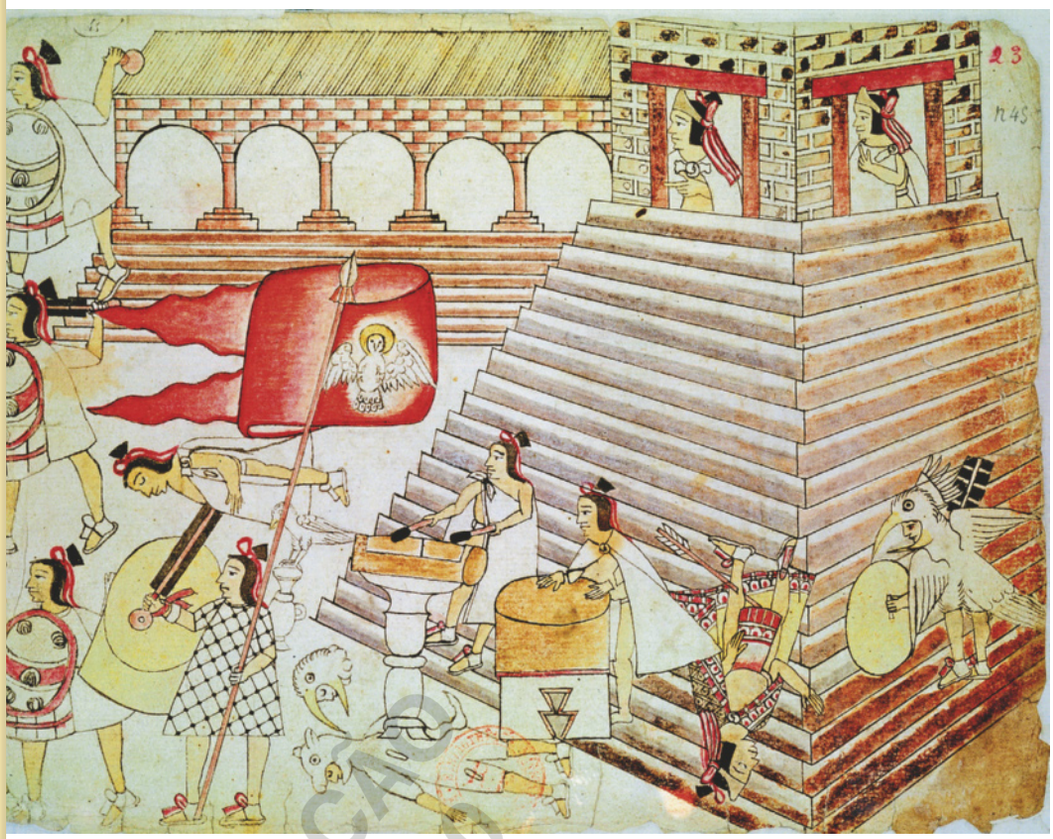
– Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.

A imagem foi feita por artistas indígenas e retrata a resistência dos mexicas ao ataque espanhol ao Templo de Tenochtitlán. Note que há um guerreiro nativo ostentando um estandarte no qual se pode ver a águia, animal importante dentro da mitologia de fundação de Tenochtitlán. A imagem sugere o que de fato aconteceu: os mexicas resistiram aos espanhóis. A imagem também ajuda a desconstruir o mito da conclusão, ou seja, a ideia de que a conquista de Tenochtitlán significou a conquista do Império como um todo. Cortez lançou mão também do mito da sujeição voluntária dos nativos; escreveu uma carta ao rei da Espanha dizendo que os indígenas se renderam espontaneamente, pois preferiam um monarca poderoso e benevolente a um líder indígena tirano e cruel. É interessante notar ainda que os espanhóis não aparecem na cena.

CAPÍTULO

8 CONQUISTA E COLONIZAÇÃO ESPANHOLA DA AMÉRICA

Observe a imagem com atenção.



BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS. FOTO: ANN RONAN PICTURES/GETTY IMAGES

» As pessoas representadas na imagem desta página são guerreiros astecas. Onde eles parecem estar? O que parecem estar fazendo? Você reparou que no canto direito há um asteca caído na escada, de cabeça para baixo? Na imagem eles parecem estar festejando ou resistindo a um ataque?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Vitória fácil?

Devemos levar em conta [...] como os espanhóis viam a guerra. Para um europeu do século XVI, a guerra era muito prática e dever-se-ia usar qualquer recurso para matar o inimigo. Alianças, chantagens, mentiras, massacres: tudo foi utilizado pelas tropas de Cortés. Para os astecas, [...] a guerra era um evento quase sagrado, cheia de regras, não feita para matar o inimigo imediatamente, mas para capturá-lo e, posteriormente, oferecê-lo em sacrifício. [...]

O mundo asteca era pessimista e fatalista e essas características também pesaram na sua derrota. O que significa ser fatalista? Fatalista é a pessoa que acha que as coisas acontecerão de determinado modo, sem que se possa fazer nada para mudar este acontecimento. [...]

Seria errado, apesar de tudo [...], afirmar que a cidade caiu sem luta. Até o último momento, Cortés teve de enfrentar muita resistência. O fatalismo existia, mas para muitos guerreiros mexicanos a defesa do seu mundo era mais importante. [...]

KARNAL, Leandro. **A conquista do México**. São Paulo: FTD, 1996. p. 30-31.

A conquista das terras astecas

Os espanhóis iniciaram a conquista das terras americanas pelas ilhas do Caribe, às quais deram os nomes de São Salvador e Hispaniola. Observando os enfeites usados pelos indígenas que ali viviam, os espanhóis concluíram que havia ouro no local e os obrigaram a extraí-lo. Esgotado o ouro das ilhas, eles partiram para a conquista do continente.

Em 1519, o oficial espanhol Hernán Cortez desembarcou nas terras onde hoje está o México com 508 soldados, além de cavalos e canhões. Os indígenas provavelmente estranharam aqueles homens brancos, com roupas e armas de ferro e montados em seres estranhos (os astecas desconheciam o cavalo). Os espanhóis, por sua vez, também devem ter estranhado os modos de viver, de se vestir e a língua dos astecas.

Passado o primeiro momento, os espanhóis descobriram que vários povos do **Império Asteca** estavam revoltados com a dominação asteca. Entre esses povos estavam os habitantes da cidade de Tlaxcala. Os espanhóis aliaram-se então a esses povos e marcharam sobre Tenochtitlán, a capital asteca. Ajudados pelos tlaxcaltecas e por milhares de outros aliados indígenas, Cortez e seus soldados conquistaram Tenochtitlán, a capital do império asteca, em 1521, matando milhares de astecas, entre os quais seu imperador Montezuma.

Após a conquista de Tenochtitlán, Cortez instalou-se no palácio de Montezuma, e seus auxiliares ocuparam outros palácios mexicas.

Império Asteca: nunca foi uma unidade política; era, na verdade, um conjunto de povos com diferentes graus de subordinação aos astecas. Alguns pagavam tributos a eles, mas tinham uma relativa autonomia. Outros eram governados pelos astecas, e outros, ainda, só pagavam tributos à força, quando eram vítimas de expedições punitivas promovidas pelos astecas.

MUSEU BRITÂNICO, LONDRES. FOTO: ALBUM/AKG-IMAGES/BRITISH LIBRARY/FOTOARENA

Batalha de Tepexic. Esta imagem é uma cópia de um dos 80 desenhos que constam do **Lienzo de Tlaxcala**, obra feita por artistas indígenas da cidade de Tlaxcala no século XVI. O homem representado a cavalo, quase no centro da imagem, é Hernán Cortez. Ao lado dele estão os tlaxcaltecas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2019 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, movidos pela crença de que tinham direito às terras americanas e contando com a ajuda de milhares de aliados indígenas, Cortez e suas forças venceram os homens de Montezuma (governante asteca) e conquistaram Tenochtitlán (1521). Não se sabe ao certo o número de indígenas que auxiliaram Cortez a tomar a capital asteca; historiadores especializados acreditam que, na primeira investida espanhola, esse número tenha sido de 6 mil homens e que, na investida final contra a capital asteca, tenha chegado a 200 mil aliados indígenas, que nada receberam em troca.

Texto de apoio

[...] descobrimos aos poucos [...] que os astecas (ou mexicas) não eram os únicos indígenas do México. [...] À medida que os estudos a respeito da história pré-hispânica avançavam, pudemos perceber que havia dezenas de outros grupos indígenas que não eram "astecas", mas que, ao contrário, eram seus inimigos e lhes faziam guerra para se livrar de seu domínio.

[...] Desse modo, não se tratava, necessariamente, de uma disputa entre centenas de espanhóis contra "os" indígenas. Não. Como sabemos, milhares de índios se juntaram aos "estrangeiros" para derrotar outros milhares de nativos que os dominavam até então.

Feitas essas observações sobre a pluralidade dos povos indígenas, e sobre como ela nos ajuda a compreender o sucesso dos espanhóis diante da "multidão de nativos" do Vale do México, é preciso salientar o outro lado da moeda. Se havia muitos povos na Mesoamérica que viviam sob o domínio dos mexicas no início do século XVI – e que, por isso, estavam quase sempre em situações de tensão –, cumpre lembrar a capacidade de Hernán Cortés para captar rapidamente tal cenário e de tirar proveito dele. Desde que chegou à costa para fazer os primeiros reconhecimentos, em 1519, Cortés soube aproveitar as circunstâncias que lhe apareceram: recrutou tradutores para entender quais eram as mensagens enviadas por Moctezuma e por que o *tlatoani* lhe mandava presentes e agrados.

Conforme obtinha informações, Cortés ampliava o conhecimento do cenário que enfrentava: havia uma capital, onde habitava Moctezuma, abundante em riquezas; [...] os astecas eram poderosos, dominavam outros povos, mas não conheciam os cavalos e as armas de fogo; havia muitas tensões entre os mexicas e os grupos subjugados, com quem Cortés poderia se aliar. Ante esse "dossiê", Hernán Cortés foi capaz de perceber que, se ele explorasse as "divisões" existentes no "mundo indígena", poderia derrotar os nativos, sobretudo os astecas, e dominá-los.

REIS, Anderson Roberti dos. A rápida conquista dos domínios astecas e a longa conquista da área maia. **Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas**. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/astecas-maias-apresentacao>. Acesso em: 26 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) A autora quis dizer que o colonizador buscou transformar o espaço americano em um espaço semelhante ao europeu, e por isso construiu casas, prédios públicos e igrejas iguais aos que existiam na Espanha.

b) Sim. Um exemplo disso foi que os espanhóis construíram a Catedral Metropolitana com as pedras que sobraram da destruição do Templo Mayor.

Dica de leitura

• THEODORO, Janice. **Descobrimentos e Renascimento**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 63-64.

EDITORA CONTEXTO

A estudiosa Janice Theodoro aborda, nesse livro, a influência cultural do Renascentismo na conquista espanhola da América.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• HERNÁN Cortés. Duração: 46min32s. Disponível em: <http://livro.pro/x5i7g5>. Acesso em: 25 set. 2018.

Documentário sobre a conquista do México, liderada por Hernán Cortez.

PARA REFLETIR

Leia o que uma historiadora diz sobre a conquista espanhola.

> O colonizador, como se fosse um escultor, talhou a América na forma em que havia imaginado. Destruía pirâmides para construir igrejas, derrubava habitações para obter o desenho da praça ou o traçado desejado para as ruas, jogava pedras nos canais para que os cavalos pudessem circular melhor na cidade. Reconstituía-se tudo o que era possível para que o núcleo urbano lembrasse a Europa.
>
> THEODORO, Janice. **Descobrimentos e renascimento**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 63.

a) Interprete o que a autora quis dizer com: "O colonizador, como se fosse um escultor, talhou a América na forma em que havia imaginado".

b) Com base nesse texto, é possível dizer que os espanhóis tentaram impor sua cultura e religião aos povos da América? Justifique.

Em primeiro plano, vemos as ruínas do Templo Mayor, principal edifício religioso asteca. As pedras de demolição desse templo foram usadas para erguer a Catedral Metropolitana da Cidade do México (vista ao fundo). A catedral, assim como toda a cidade, foi construída sobre as ruínas da cidade asteca de Tenochtitlán. Cidade do México. Fotografia de 2008.

JUPITERIMAGES/PHOTOS.COM/GETTY IMAGES

Texto de apoio

Perfeição e destruição

Frequentemente estudamos descobrimentos e Renascimento como se fossem dois capítulos distintos de nossa história. O descobrimento da América e a construção de suas vilas e cidades coloniais a partir do imaginário europeu fazem parte da obra renascentista. [...]

Os indígenas aprendiam a pintar e a construir para que a América, cada dia mais, se apresentasse com as formas, as cores e a vida europeia. Uma multidão de artífices indígenas se esforçava para imitar o desenho que viam em precárias reproduções trazidas pelos europeus. [...]

Beleza e tragédia caracterizam esse movimento histórico dos descobrimentos e do Renascimento. A América possuía uma população de 80 milhões de habitantes, e após meio século de convívio com os europeus restavam apenas 3,5 milhões. Os motivos da alta mortalidade foram os massacres, típicos dos primeiros contatos, o trabalho forçado nas minas, as epidemias trazidas pelos europeus e o enfraquecimento devido à alimentação insuficiente.

Infelizmente perfeição e destruição são elementos que se combinam. Os artífices europeus, capazes de pintar ou esculpir com perfeição, haviam transformado todo um continente, realizando nele a maior obra de criação: o Novo Mundo. [...]

THEODORO, Janice. **Descobrimentos e Renascimento**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 63-64.

A conquista das terras incas

A busca por riqueza e poder animou outro aventureiro espanhol, Francisco Pizarro, a organizar uma expedição com objetivo de conquista. Seu alvo era o Império Inca, situado na Cordilheira dos Andes.

Acompanhado de apenas 180 homens, parte dos quais a cavalo, Pizarro partiu do Panamá e chegou à cidade inca de Tumbez. Depois, em 1532, conquistou a cidade de Cajamarca. Então, instalou-se nessa cidade e convidou o **inca** Atahualpa para um encontro reservado.

Inca: título equivalente ao de imperador.

MOZART COUTO

Nesta ilustração atual baseada em relatos de cronistas espanhóis, Atahualpa vai ao encontro de Pizarro numa liteira carregada por seus guerreiros.

Assim que Atahualpa chegou, Pizarro mandou prendê-lo e ordenou a seus soldados que atirassem nos incas de surpresa. Em seguida, os espanhóis partiram para a conquista de Cuzco, a mais importante cidade do Império Inca. Para isso, contaram com a ajuda de vários povos indígenas, inimigos dos incas, a exemplo dos wankas. E, além disso, se aproveitaram também da divisão entre os próprios incas, motivada pelas disputas pelo trono entre os irmãos Atahualpa e Huáscar. Depois de tomar Cuzco, em 1533, Pizarro fundou a *Ciudad de los Reyes*, atual Lima, e fez dela a capital do domínio espanhol na América andina.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que os *wankas*, um povo guerreiro do sul do atual Peru, e vários outros povos indígenas ajudaram na conquista espanhola de Cuzco, a capital inca, em 1533.
- Informar que os auxiliares de Pizarro projetaram Lima seguindo o modelo das cidades espanholas. Na praça central ergueram a igreja, os prédios públicos e, a partir dela, construíram ruas retas e casas que lembravam às da Espanha. Quanto mais próxima da praça residia uma família, maior era o seu prestígio. Ou seja, a localização da residência em relação à praça simbolizava o *status* social de cada família. Próxima à costa do Oceano Pacífico e distante de Cuzco, Lima contava inclusive com uma instituição de ensino superior, a Universidade de São Marcos, fundada em 1551 e existente até hoje.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- FRANCISCO Pizarro y los Incas (La verdadera historia). Duração: 48min25s. Disponível em: <http://livro.pro/kcjkzm>. Acesso em: 25 set. 2018.

Documentário sobre a invasão espanhola e sobre o Império Inca. Em espanhol.

Texto de apoio

O domínio do Império Inca

Se o Império Inca não estivesse atravessando naquele momento mais uma das crises cíclicas que se desencadeavam com a morte de cada soberano, os espanhóis não teriam certamente se assenhorado dele com tanta facilidade. Essa constatação foi feita pelo próprio secretário de Francisco Pizarro, Pedro Sancho da La Hoz, bem como por seu primo e pajem, Pedro Pizarro. "Se esta terra não estivesse destroçada pelas guerras Ataw Wallpa e de Waskarr, não teríamos podido pôr o pé aqui para conquistá-la", escreveu o último na **Relação da descoberta e da conquista dos reinos do Peru** que nos deixou.

Isso não impede que a extraordinária facilidade com que eles chegaram a cominar extensões tão vastas e populações tão numerosas fosse na época considerada miraculosa. A fim de explicá-la, alega-se hoje em dia a disparidade de armamentos. Graças ao arcabuz e ao cavalo de combate, os invasores dispunham de incontestável vantagem nesse domínio. Mas qualquer que fosse o poder de fogo da artilharia ou a capacidade de choque da cavalaria, essa vantagem de ordem técnica não seria suficiente para compensar uma inferioridade numérica tão considerável. Ela não poderia, de maneira alguma, decidir a vitória de menos de 200 homens sobre exércitos constituídos de dezenas de milhares de soldados aguerridos.

ENCAMINHAMENTO

• Refletir sobre o seguinte trecho do livro **História da América Latina**:

Antes de mais nada, gostaríamos de ressaltar que as reações dos nativos da América frente à invasão espanhola foram consideravelmente variadas, e não apenas de resistência: desde o oferecimento de alianças até a colaboração mais ou menos forçada, desde a resistência passiva até uma hostilidade constante [...].

WASSERMAN, Claudia (Coord.). **História da América Latina**: cinco séculos. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 35.

• Aprofundar o assunto acessando o texto: O REFÚGIO dos incas. Disponível em: <http://livro.pro/p76tao>. Acesso em: 25 set. 2018.

Dica de leitura

• WASSERMAN, Claudia (Coord.). **História da América Latina**: cinco séculos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

O livro aborda a temática do "descobrimento" e conquista da América Latina, ampliando a visão sobre o domínio europeu na região e a resistência dos nativos.

EDITORA UFRGS

A resistência inca

Os incas não se deram por vencidos e, liderados pelo imperador Manco Inca, abriram uma luta de vida ou morte contra os espanhóis, no sul do Peru. Veja o que um historiador diz sobre o assunto:

[...] Manco revoltou-se e, seguido por milhares de súditos, refugiou-se [...] próximo da cidade sagrada de Machu Picchu, local inacessível e desconhecido dos espanhóis. [...]

Manco fundou na região um novo império com todos os valores e tradições do antigo. Restabeleceu a antiga religião, o culto ao Sol e ao Inca, numa atitude consciente de rechaço ao cristianismo.

No Peru, alguns estados independentes só foram dominados depois de 1570, após a morte de líderes como Túpac Amaru.

[...]

A resistência indígena também se manifestou no cotidiano através de formas [...] de continuidade cultural. A mais conhecida delas aflorou no âmbito religioso, onde vários nativos fingiam adorar o Deus cristão, mas permaneciam cultuando suas próprias divindades.

Estas diversas formas de resistência – armadas ou culturais, individuais ou coletivas – reafirmam a ideia de que os indígenas não apenas sofreram a Conquista, mas também foram agentes desse processo.

SCHMIDT, Benito Bisso. A Espanha e a América no final do século XV: o descobrimento e a conquista. In: WASSERMAN, Claudia (Coord.). **História da América Latina**: cinco séculos (temas e problemas). Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 36-37.

DEAGOSTINI/AGB PHOTO LIBRARY

Túpac Amaru, considerado o último líder da resistência inca, foi preso e decapitado pelos espanhóis em 1572. Artista desconhecido. Peru, século XVIII.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio (continuação)

[...] Ora, precisamente o que surpreende no curso da Conquista foi que, através de uma ação política e diplomática argutamente conduzida, os espanhóis chegaram a fazer conquistar pelos próprios índios os territórios que ambicionavam, limitando ao mínimo seu próprio engajamento militar.

Na realidade, é preciso reconhecer uma superioridade dos espanhóis, e esta se situa no plano da informação, muito mais que no plano do armamento ou da tática. Os índios não se davam conta do verdadeiro objetivo do desembarque de Pizarro nem das consequências exatas que este lhes podia acarretar. Em contrapartida, Pizarro conhecia a situação do país que se propunha a invadir. Por ocasião de expedição anterior, levara à Espanha jovens índios do litoral que agora iriam servir-lhe simultaneamente de intérpretes e informantes. Graças a eles, as informações que eles possuíam sobre as aspirações das diversas facções rivais e os diferentes setores sociais antagônicos do Tawantsuyu permitiram-lhe desempenhar os [...] papéis que lhe eram implicitamente oferecidos: o de árbitro entre os pretendentes ao poder supremo, o de libertador das chefias dominadas [...]. Desempenhando simultaneamente esses [...] papéis com a habilidade de um grande político, ele chegou a exacerbar as contradições internas da sociedade andina até o ponto em que estas provocaram por si mesmas o colapso do Estado inca.

FAVRE, Henri. **A civilização inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 90-91.

Um novo olhar sobre as razões da conquista espanhola

Cortez chegou ao México com apenas 508 homens e Pizarro entrou no Peru com 180. Como foi então que centenas de espanhóis conseguiram vencer milhões de nativos? Essa é uma pergunta que sempre provocou a curiosidade dos historiadores.

Segundo o historiador Matthew Restall, a conquista espanhola da América deveu-se a quatro fatores principais.

O **primeiro** e mais determinante foram as **doenças** trazidas pelos europeus e contra as quais os corpos indígenas não tinham resistência; essas doenças, como sarampo, varíola e gripe, mataram mais do que as armas de fogo. O sucessor de Montezuma foi uma dessas vítimas: reinou por apenas 80 dias e morreu de varíola.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: GRANGER/FOTOARENA

Astecas com varíola, doença transmitida pelos espanhóis. **História Geral das coisas da Nova Espanha**, de Frei Bernardino de Sahagún. Século XVI.

O **segundo**: os espanhóis souberam aproveitar a desunião e a rivalidade entre os ameríndios. Tanto os astecas quanto os incas tinham muitos inimigos, que formaram verdadeiros exércitos indígenas para ajudar os espanhóis a tomar as terras astecas e incas. Para conquistar Tenochtitlán, por exemplo, Cortez contou com a ajuda do povo tlaxcalteca.

O **terceiro** fator foram as armas dos conquistadores, com destaque para a armadura de ferro e a espada de aço (resistência), o cavalo (mobilidade) e as armas de fogo, com um poder destrutivo superior ao dos indígenas e que, no caso do canhão, impressionavam também pelo barulho que faziam.

Dica!
Exposição "Grandes Epidemias". Duração: 5min8s. Disponível em: <http://livro.pro/c87e3i>. Acesso em: 25 set. 2018.
Vídeo do Instituto Butantan sobre a epidemia de varíola através dos séculos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: A ERRADICAÇÃO da varíola no mundo. Disponível em: <http://livro.pro/uvk9ee>. Acesso em: 25 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A VARÍOLA: exposição "Grandes epidemias". Duração: 5min8s. Disponível em: <http://livro.pro/c87e3i>. Acesso em: 25 set. 2018.

Vídeo do Instituto Butantan sobre a epidemia de varíola através dos séculos.

Texto de apoio

Mortandade e cristandade

Povos e povos indígenas desapareceram da face da Terra como consequência do que hoje se chama, num eufemismo envergonhado, "o encontro" de sociedades do Antigo e do Novo Mundo. Esse morticínio nunca visto foi fruto de um processo complexo cujos agentes foram homens e micro-organismos [...].

As epidemias são normalmente tidas como o principal agente da população indígena [...]. A barreira epidemiológica era, com efeito, favorável na África. Na África, os europeus morriam como moscas; aqui eram os índios que morriam: agentes patogênicos da varíola, do sarampo, da coqueluche, da catapora, do tifo, da difteria, da gripe, da peste bubônica, possivelmente a malária, provocaram no Novo Mundo o que Dobyns chamou de "um dos maiores cataclismos biológicos do mundo". [...] Particularmente nefasta foi a política de concentração da população praticada por missionários e pelos órgãos oficiais, pois a alta densidade dos aldeamentos favoreceu as epidemias, sem no entanto garantir o aprovisionamento. O sarampo e a varíola que, entre 1562 e 1564, assolaram as aldeias da Bahia, fizeram os índios morrerem tanto das doenças quanto de fome, a tal ponto que os sobreviventes preferiam vender-se como escravos do que morrer [...].

Mas não foram só os micro-organismos os responsáveis pela catástrofe demográfica da América. O exacerbamento da guerra indígena provocado pela sede de escravos, as guerras de conquista e de apresamento em que os índios de aldeia eram alistados contra os índios ditos hostis, as grandes fomes que tradicionalmente acompanhavam as guerras, a desestruturação social, a fuga para novas regiões das quais se desconheciam os recursos ou se tinha de enfrentar os habitantes [...], a exploração do trabalho indígena, tudo isso pesou decisivamente na dizimação dos índios. [...]

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil**: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 14-15.

+ATIVIDADES

1. Os aventureiros espanhóis Cortez e Pizarro adotaram uma estratégia semelhante para vencer os astecas e incas. Que estratégia foi essa?

   Aliaram-se aos numerosos inimigos dos astecas e dos incas. Além disso, Cortez conseguiu o auxílio de intérpretes e guias indígenas e Pizarro aproveitou-se da rivalidade entre os próprios incas. **Professor**: entendemos aqui por estratégia o "cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado" (CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 99). Ou seja, estratégia supõe um lugar de poder.

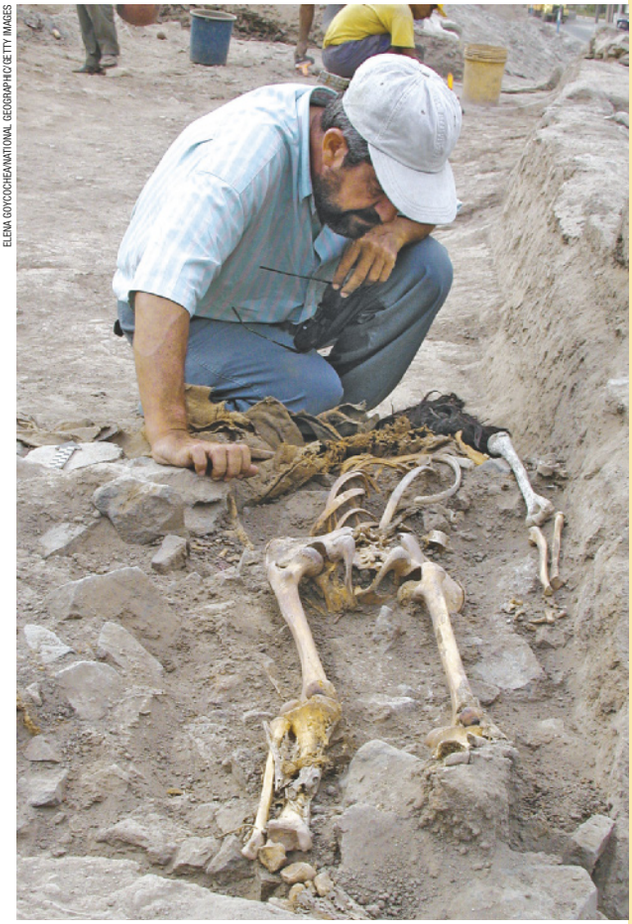
2. Com relação à Conquista:
   a) Explique como tão poucos espanhóis venceram tantos ameríndios.
   A superioridade bélica, as doenças, a revolta dos povos dominados pelos astecas e incas, o conhecimento que os espanhóis tinham dos seus adversários.
   b) Qual das razões apresentadas na questão anterior você considera mais importante? Por quê?
   Resposta pessoal. **Professor**: comentar com o alunado que as doenças mataram muito mais do que as armas de fogo. Ensina Manuela Carneiro da Cunha que, pelo fato de as doenças trazidas pelos europeus se manifestarem como epidemias, muitos morriam de fome e sede, pois, como a comunidade inteira contraía a doença, não havia quem trabalhasse para conseguir alimentação e água para o grupo.

O **quarto** fator foi o fato de os espanhóis saberem muito mais sobre os astecas e os incas do que estes sobre eles. Os espanhóis procuraram se informar a respeito das discórdias e disputas entre os indígenas e estimularam a guerra entre eles, aliando-se a um dos grupos. Vencida a guerra, apossavam-se de tudo e submetiam, inclusive, seus aliados.

Some-se a isso o fato de os espanhóis usarem intérpretes e guias nativos ou náufragos para conhecer os pontos fracos de seus adversários.

Calcula-se que, na data da chegada de Colombo (1492), viviam na América cerca de 57 milhões de ameríndios. Em 1560, restavam cerca de 10 milhões! Essa diminuição brusca da população ameríndia é considerada pelo pesquisador Tzevetan Todorov como uma das maiores tragédias da história humana.

Entretanto, segundo o historiador Matthew Restall, a conquista espanhola da América **não foi rápida nem total**. A tomada de Tenochtitlán, em 1521, e de Cuzco, em 1533, significou a conquista das capitais dos impérios asteca e inca e não do território desses impérios como um todo. A expansão dos conquistadores espanhóis em território americano foi gradual e encontrou sérias resistências por parte dos indígenas. Os **maias**, por exemplo, organizaram várias revoltas contra os espanhóis nas décadas que se seguiram à Conquista.



ELENA GOYOCHEA/NATIONAL GEOGRAPHIC/GETTY IMAGES

Arqueólogo investiga o esqueleto de um indígena morto à bala em combate com os soldados de Pizarro, nas proximidades de Lima, capital do atual Peru. Fotografia de 2007.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Guerreiros invisíveis

[...] O exemplo mais óbvio de como os espanhóis buscavam aliados nativos, procuravam detectar divisões entre os indígenas e delas tiravam imenso proveito é o conflito civil inca. [...]

[...] O grande sítio de Cuzco por Manco, em 1536, provavelmente teria redundado na eliminação das forças de Pizarro, não fosse por seus aliados andinos. Estes, que a princípio não somavam mais que mil, passariam dos quatro mil durante o cerco, quando dois dos irmãos de Manco, entre outros nobres da mesma facção inca, bandearam-se para o lado de Pizarro. Foram esses aliados que salvaram os invasores da inanição, resgataram indivíduos hispânicos, agiram como espiões e lutaram ao lado da cavalaria espanhola em incursões contra os sitiantes. Sua assistência propiciou a sobrevivência de Pizarro e sua companhia até a chegada da força de resgate de Almagro. Dessa forma, o apoio nativo não só salvou Pizarro em 1536 como também permitiu aos espanhóis sobreviverem por tempo suficiente para se estabelecerem em definitivo nos Andes e darem início à implantação de colônias. [...]

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 101-102.

Economia colonial

Durante o processo de conquista, os espanhóis iniciaram também a colonização da América, isto é, a ocupação, exploração econômica e administração do território americano.

A mineração

Com a descoberta das ricas minas de prata de **Potosí** (na atual Bolívia), em 1545, e em **Zacatecas** (no México atual), no ano seguinte, a mineração se transformou na atividade mais importante na América espanhola. Considerando as minas como propriedade sua, o rei da Espanha mandou distribuir lotes auríferos àqueles que tivessem dinheiro para iniciar sua exploração. Já o penoso trabalho de arrancar a prata do fundo das minas deveria ser feito pelos indígenas.

As duas principais formas de trabalho forçado na América espanhola foram a ***mita*** e a ***encomienda***.

A ***mita*** era a obrigação que os membros das aldeias tinham de trabalhar para os espanhóis durante quatro meses por ano. Esses trabalhadores (os *mitayos*) recebiam por seu trabalho cerca de um terço do salário de um trabalhador livre daquela época.

A ***encomienda*** era o direito dado ao colono espanhol (*encomendero*) de explorar o trabalho indígena nas minas, plantações e fazendas por certo período. Em troca do direito sobre o trabalho indígena, o colono devia pagar tributos à metrópole espanhola e dar aos indígenas assistência material e religiosa, ou seja, alimentá-los e ensinar-lhes a religião católica. Mas os colonos quase nunca cumpriam sua parte: milhares de indígenas morreram por maus-tratos ou de fome e sem nada saber sobre o cristianismo.

Mita: antigo hábito inca pelo qual os habitantes das aldeias eram obrigados a realizar serviços gratuitos para o Império Inca durante alguns dias por ano. Esse hábito foi adaptado pelos espanhóis.

JOHN JUDKYN MEMORIAL, INGLATERRA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Indígenas escravizados trabalham como carregadores para os espanhóis, na gravura **Crueldade de Petrus de Cálice**. Theodore de Bry (1528-1598).

DIGITAL

+ATIVIDADES

- Diferencie a *mita* da *encomienda*.
  A *mita* consistia na obrigação dos membros de cada aldeia de trabalhar quatro meses por ano para os espanhóis, recebendo como retribuição um terço dos salários de um trabalhador livre; a *encomienda* era o direito concedido a alguns espanhóis de explorar o trabalho dos índios em minas e plantações, ficando esses espanhóis obrigados a proteger, dar instrução religiosa, alimentar e cuidar dos índios sob sua dependência, o que raramente ocorria.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- *MITA*: exploração espanhola. Duração: 6min24s. Disponível em: <http://livro.pro/ihhapc>. Acesso em: 25 set. 2018.
  Documentário sobre a extração de ouro e prata na América espanhola.

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que a colonização da América espanhola foi impulsionada por nobres sem fortuna, comerciantes, aventureiros e pelos reis da Espanha, ou seja, por interesses públicos e privados, e se insere no contexto do mercantilismo. A crença no metalismo, por exemplo, ajuda a explicar por que os espanhóis daquele tempo manifestavam tanta sede de ouro.
- Comentar que a mineração – sobretudo a da prata e a do ouro – foi a principal atividade econômica em boa parte da América espanhola. Concorreu para isso a forte capacidade da mineração de provocar efeitos multiplicadores sobre os outros setores da economia, como a agricultura, a pecuária, a manufatura e o comércio.
- Estimular a reflexão e o debate sobre o mundo do trabalho na América da colonização espanhola.
- Ressaltar que parte do salário dos *mitayos* era paga em moeda (ou metal) e parte, em alimentos, tecidos e bebidas. Muitos deles se viciavam no consumo de álcool e acabavam morrendo.
- Aprofundar o conceito de *encomienda* através do texto do historiador Ciro Flamarion Cardoso:

> Esta [...] consistia em que, como prêmio do esforço de conquista, a alguns dos conquistadores fossem confiadas (entregues "em encomenda") comunidades indígenas que ficariam sob sua responsabilidade em matéria de catequese e defesa; em troca, o *encomendero* poderia exigir-lhes tributos em gêneros e prestações de trabalho. Os encomenderos formavam um reduzido grupo de privilegiados: das 23 000 famílias espanholas que viviam nos domínios hispânicos do Novo Mundo em 1570, 4 000, apenas, dispunham de *encomiendas*.
>
> CARDOSO, Ciro Flamarion. **O trabalho na América Latina colonial**. São Paulo: Ática, 1995. p. 40.

- Destacar que, originária da Espanha, a *encomienda* foi nervo e vida na América de colonização espanhola.

ENCAMINHAMENTO

- Salientar que a produção da fazenda destinava-se ao mercado local, intercolonial ou à exportação para a Espanha. Os trabalhadores dessas fazendas eram obrigados a comprar no armazém da propriedade (*tienda de raya*) aquilo de que necessitavam (roupas, calçados, alimentos) e, assim, se tornavam prisioneiros por dívida. A fazenda exigia pouco capital para seu funcionamento e se inseria em circuitos mercantis que abrangiam extensas áreas do território colonial. Era a fazenda hispano-americana, por exemplo, que abastecia as minas situadas no México e em Potosí.
- Informar que existiu um grande número de *plantations* em áreas como Santo Domingo e Cuba (açúcar, tabaco) e Venezuela (cacau). A mão de obra das *plantations* era formada basicamente por africanos escravizados. Sua produção era quase toda destinada ao comércio atlântico. Estudos recentes indicam que a produção de alimentos pelos escravizados e o comércio desses alimentos foram importantes no conjunto da economia colonial da América hispânica.
- Explorar o mapa da página, chamando atenção para as áreas demarcadas e o comércio predominante na região.

Dialogando

a) A economia na América espanhola no século XVII.
b) Cobrindo com a cor rosa a área da América sob o domínio espanhol e aplicando uma legenda interna que fornece essa informação ao leitor.
c) Vice-reinado do Peru.
d) Essa produção era vendida para a Espanha e também para as cidades coloniais da América (mercado interno).

A agropecuária

Na América colonial espanhola praticavam-se a agricultura e a pecuária em grandes propriedades, as fazendas. Entre as plantas mais cultivadas, estavam o cacau, a batata, o milho e o tabaco (nativas da América) e a cana-de-açúcar (introduzida na América pelos europeus). Além disso, criavam-se gados de corte e de transporte (mulas e cavalos).

No final do século XVIII, com o declínio da mineração, a agricultura e a pecuária se desenvolveram ainda mais; aumentou o número de fazendas que produziam gêneros como cacau, na Venezuela, açúcar e tabaco, em Santo Domingo e Cuba. Os trabalhadores dessas fazendas eram, geralmente, africanos escravizados, trazidos para a América em grande número desde o século anterior. A grande fazenda escravista produtora de um gênero tropical (cacau, por exemplo) destinado ao mercado externo é chamada de ***plantation***.

América espanhola – economia (século XVII)

Fonte: FRANCO JÚNIOR, Hilário; ANDRADE FILHO, Ruy de. **Atlas história geral**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 39.

Toda a produção de prata, ouro, açúcar, tabaco, charque (carne salgada), couro e sebo era vendida à Espanha e a cidades coloniais (mercado interno). Além disso, a produção e a venda de alimentos nas vilas e cidades coloniais foram um importante setor da economia na América colonial espanhola.

DIALOGANDO

a) Qual é o assunto do mapa?
b) De que forma o mapa informa o leitor sobre as áreas efetivamente ocupadas pela Espanha no início do século XVII?
c) Qual é a área de criação de alpacas e lhamas?
d) Para onde era vendida a produção de prata, ouro, açúcar, tabaco, charque (carne salgada), couro e sebo?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Trabalho na América espanhola: salário, servidão e escravidão

As atividades agropecuárias dependiam igualmente do trabalho indígena e dos mestiços. Diante da hispanização dos campos, gerada pelas necessidades agrárias da colonização, preponderou a *hacienda*. Uma propriedade rural de caráter autossuficiente mas voltada a abastecer os centros mineradores e as cidades, cuja obtenção de mão de obra poderia proceder de diferentes sistemas de recrutamento. A *hacienda* atraía, principalmente, os indígenas afastados de suas comunidades ou desprovidos de terras, os quais ficaram conhecidos como peão residente ou *acasillado*. Em caráter complementar às tarefas realizadas nas propriedades rurais funcionavam os *obrajes*, estabelecimentos destinados à fabricação de tecidos. Os *obrajes* demandavam mão de obra permanente, mas os proprietários não tinham condições de remunerar os trabalhadores adequadamente, fato que resultava na tentativa de reter a mão de obra pelo maior tempo possível. Além do salário baixo, era pago em mercadorias e as condições de trabalho, péssimas. Muitos *obrajes* tinham o aspecto de prisões, pois as oficinas eram fechadas e vigiadas.

Por vezes, ao concluírem as tarefas obrigatórias, alguns indígenas não retornavam às suas comunidades e acabavam por se empregar nas *haciendas*, como peões, ou nas minas em troca de uma recompensa por conta do mineral extraído (partido).

O controle da colônia pela metrópole

Para cuidar de seus negócios com a América espanhola e exercer um controle rígido sobre a região, a Espanha criou dois importantes órgãos:

a) A **Casa de Contratação**: órgão encarregado de controlar o comércio e a navegação entre a Espanha e suas colônias americanas; funcionava desde 1503, na cidade portuária de Sevilha, na Espanha. Os navios que faziam o comércio entre a Espanha e a América só podiam sair ou entrar por um único porto: Sevilha. E, na América, os únicos portos autorizados a comerciar com a Espanha eram: Havana (Cuba), Vera Cruz (México), Cartagena (Colômbia) e Porto Belo (Panamá). Por meio dessa política mercantilista que visava aumentar o poder e a riqueza da monarquia espanhola, a Espanha obtinha lucros extraordinários.

b) O **Conselho das Índias**: órgão criado pela monarquia espanhola em 1524 para administrar suas colônias na América. O órgão era formado por um conselho nomeado e dirigido pelo próprio rei da Espanha. Seu poder era imenso: podia fazer leis, ministrar a justiça e nomear (e destituir) funcionários para as colônias.

Vista interna do Palácio Real Alcázar – Sevilha, Espanha – onde funcionava a Casa de Contratação. Repare nessa parte do prédio a existência de dois traços da arquitetura árabe medieval: os arcos em forma de ferradura e as colunas finas. Fotografia de 2017.

Texto de apoio (continuação)

Somente uma parte da remuneração era paga em dinheiro, realidade esta que limitava a existência de uma típica mão de obra assalariada. Para efetuar o pagamento dos trabalhadores, os empregadores recorriam ao sistema de *tiendas de raya*, espécie de armazéns mantidos nas *haciendas* ou próximo das minas, nos quais se praticava um peculiar sistema de crédito e endividamento. As compras realizadas nas *tiendas* ocorriam mediante adiantamentos, concedidos na forma de créditos, mecanismo que tornava os índios devedores, obrigando-os a trabalharem por mais tempo.

NEUMANN, Eduardo. Trabalho na América espanhola: salário, servidão e escravidão. **Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas**. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/trabalho-america-espanhola-apresentacao>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que o comércio e a navegação entre a Espanha e suas colônias americanas eram controlados pela Casa de Contratação, com sede em Sevilha, na Espanha, desde 1503. Esse órgão administrava o comércio com a América pelo sistema de portos únicos.
- Informar que o controle do comércio colonial era feito também pelo sistema de frotas e galeões. Os navios que iam da América para a Espanha ou que vinham de lá para cá tinham de viajar juntos (frotas), protegidos por outros navios fortemente armados (galeões). As frotas e os galeões vinham e voltavam carregados de mercadorias duas vezes por ano. Assim, a Espanha mercantilista conseguia controlar tanto o que entrava nas suas colônias quanto o que saía delas, auferindo lucros extraordinários. Esse monopólio do comércio colonial acabou provocando uma reação esperada: o contrabando, muito praticado em toda a América espanhola.
- Destacar que o principal órgão da administração espanhola na América foi o Conselho Real e Supremo das Índias, criado por Carlos V, em 1524. Com sede na Espanha, esse órgão era encarregado de todas as questões coloniais de ordem legislativa, eclesiástica, militar ou jurídica.

DIGITAL PDF FTD

ENCAMINHAMENTO

- Informar que, através do poder dado aos *adelantados*, a Coroa transferiu para particulares o ônus da colonização e estimulou a conquista de terras e povos.

Dica de leitura

- KARNAL, Leandro. **A conquista do México**. São Paulo: FTD, 1996.

Nesse livro, o historiador Leandro Karnal aborda a história dos mexicas e o processo de conquista do México pelos espanhóis, bem como as consequências para os povos que já habitavam a região.

EDITORA FTD

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador Leandro Karnal.

Quem manda no quê?

Não bastava controlar os índios e extrair o fruto do seu trabalho. O poder espanhol precisava ter seu representante na colônia. Inicialmente este poder esteve a cargo dos conquistadores, que recebiam muitos poderes e o título de *adelantados*. A imensa riqueza e os excessos cometidos por eles, porém, levaram o rei a procurar ter um controle mais direto sobre as áreas mais conquistadas. O México recebeu, então, um vice-rei.

O que era um vice-rei? Era alguém que estava no lugar do rei espanhol no México, com corte e palácio na colônia. Era sempre um nobre espanhol de família tradicional, que vinha com poderes quase totais para controlar o novo território. O nome oficial do México passou a ser Vice-Reino da Nova Espanha. Assim, o território que havia pertencido por centenas de anos a diferentes grupos indígenas passava a ser uma Nova Espanha, um território que deveria abastecer e glorificar a velha Espanha. Durante o período colonial, existiram quatro vice-reinos na América: Nova Espanha, Nova Granada, Peru e Rio da Prata.

O vice-rei prestava obediência somente ao rei. Porém, era mais comum que sua comunicação não fosse diretamente com o soberano, mas com o conselho criado para tratar da América: o Conselho das Índias. Este grupo de pessoas recebia, na Espanha, as cartas vindas das autoridades na América; resolvia as disputas e nomeava as autoridades.

Grandes regiões foram subdivididas em áreas administrativas chamadas de Audiências. Os membros das Audiências faziam visitas de inspeção pelas cidades e aldeias. Muitas cidades também tiveram um Cabildo, espécie de Câmara de Vereadores ou governo municipal. Os membros do Cabildo eram escolhidos entre a elite local: grandes proprietários ou grandes comerciantes.

KARNAL, Leandro. **A conquista do México**. São Paulo: FTD, 1996. p. 35.

A administração espanhola

Inicialmente, o governo da Espanha transferiu a particulares, homens como Cortez e Pizarro, o direito de explorar e administrar as terras americanas. Esses homens, os ***adelantados*** (adiantados), recebiam dos reis da Espanha o poder político e militar na América, mas eram obrigados a enviar para a metrópole um quinto de toda a riqueza extraída e produzida nas áreas conquistadas por eles.

Mais tarde, ao perceber que as riquezas americanas aumentavam, mas eram desviadas, a monarquia espanhola anulou o poder dos *adelantados* e foi aumentando seu controle sobre suas colônias da América. Para isso, instituiu dois vice-reinados: o **Vice-Reinado de Nova Espanha**, (1535), no atual México, e o **Vice-Reinado do Peru** (1542). Posteriormente, já no século XVIII, foram criados os de **Nova Granada** e do **Rio da Prata**. Para defender as colônias de ataques de piratas, fato comum na época, o governo espanhol criou também quatro **Capitanias Gerais**: Cuba, Guatemala, Venezuela e Chile, todas situadas em áreas estratégicas.

Fonte: THE TIMES Atlas of the World History. Londres: Times Books, 1990. p. 161.

No território colonial foram criadas as Câmaras Municipais. Chamadas na América de ***cabildos***, eram encarregadas de administrar as cidades e fazer cumprir as leis do governo espanhol. Eram também responsáveis pela segurança. Os vereadores dessas câmaras eram quase sempre filhos de espanhóis nascidos na América, que mais tarde ficaram conhecidos como *criollos*.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Sociedade e poder na América espanhola

As sociedades hispano-americanas eram formadas basicamente por cinco grupos: *chapetones*, *criollos*, mestiços, indígenas e negros escravizados.

Chapetones: colonos nascidos na Espanha, também chamados de peninsulares; ocupavam os principais cargos políticos, militares e religiosos e tinham enormes privilégios.

O espanhol e a índia. Óleo sobre tela. Juan Rodríguez Juarez. c. 1715.

BREAMORE HOUSE, INGLATERRA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Criollos: filhos de espanhóis nascidos na América. Eram ricos fazendeiros, donos de minas e grandes comerciantes. Não podiam ocupar altos cargos, exceto o de vereador nas Câmaras Municipais (*cabildos*).

Mestiços: filhos de espanhóis ou de *criollos* com índias ou africanas. Ocupavam funções de pouco prestígio, como pedreiros, carpinteiros, ferreiros e capatazes de fazenda.

Indígenas: constituíam a maioria da população e eram duramente explorados nas fazendas, nas tecelagens e nas minas.

Africanos escravizados: trabalhavam principalmente nas grandes plantações de cacau na Colômbia, Equador, Venezuela e Cuba. No início da colonização, o número de escravizados na América espanhola era pequeno.

As sociedades coloniais hispano-americanas eram formadas por uma minoria de brancos, com grande riqueza e poder, e uma maioria de índios, mestiços e africanos, que realizavam trabalho mal remunerado ou escravo. Além disso, índios, negros e mestiços eram discriminados pelas elites coloniais. Os mestiços, por exemplo, eram proibidos de circular com armas, joias de ouro ou roupas de seda.

MUSEU DE ARTE DE LOS ANGELES. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Mulher nobre com sua escrava negra. Óleo sobre tela de Vicente Albán. c. 1783.

DIVULGAÇÃO PNLD 2021 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Informar que a sociedade desse período possuía hierarquia rígida e pouca mobilidade social (a dificuldade de ascensão social era grande).
- Comentar que os brancos, nascidos na Espanha ou na América, eram minoria e concentravam em suas mãos poder, riqueza e privilégio. Possuíam os melhores cargos na administração pública, na Igreja, nas forças militares e na Justiça. Eram também os donos das fazendas, minas e manufaturas.
- Ressaltar que os índios, negros e mestiços eram maioria e sobreviviam do trabalho forçado, mal remunerado ou escravo. Na hierarquia social, um indivíduo era visto segundo seu maior ou menor grau de semelhança física com o espanhol, e a discriminação contra índios e negros era acentuada.

+ATIVIDADES

- Leia o texto a seguir com atenção:

> O desejo de enriquecer e a pulsão de domínio [...] sem dúvida nenhuma motivaram o comportamento dos espanhóis; mas este também foi condicionado pela ideia que fazem dos índios, segundo a qual estes lhes são inferiores, em outras palavras, estão a meio caminho entre os homens e os animais. Sem [...] [isto], a destruição não poderia ter ocorrido.
>
> TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 143.

a) Segundo o texto, a destruição praticada pelos espanhóis na América não pode ser explicada só pelo desejo que eles tinham de enriquecer. Que outro motivo os levou a isso?
Os espanhóis consideravam os indígenas seres inferiores.

b) Quando a diferença entre os povos é transformada em desigualdade, temos o racismo. Pesquise o significado dessa palavra e escreva-o no caderno.
Resposta pessoal. **Professor**: aproveitar a questão para debater com a sala sobre a questão do outro. O diferente é, muitas vezes, visto como inferior ou feio. A seguir, apresentamos algumas definições de racismo: "Racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos" (PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 1998, p. 12); outra definição: "teoria ou ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somado a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras" (BEATO FILHO, Claudio Chaves. Determinantes da criminalidade em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 37, p. 74-89, 1998).

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Significa o encontro entre povos da Europa e da América.
   b) Afirmativa IV. Justificativa: O conflito entre as forças lideradas por Cortez e as comandadas por Montezuma terminou com a vitória daquele sobre este. **Professor**: o autor do texto enfatiza que a busca por poder e prestígio foi tão importante quanto a sede de riqueza na conquista espanhola da América.

ATIVIDADES

I Retomando

1. O texto a seguir é do historiador Matthew Restall. Leia-o com atenção.

> Na manhã de 8 de novembro de 1519, na estrada que cruzava o lago Texcoco, no Vale do México, ocorreu um encontro único na história mundial, Montezuma e Cortez viram-se frente a frente.
>
> Há séculos este evento é considerado simbólico do grande encontro de continentes que atravessava, então, sua terceira década – e com bons motivos. Pela primeira vez, um imperador americano nativo saudava um representante dos europeus que vieram conquistar e colonizar suas terras. A ocasião foi amistosa, com ambos os lados ansiosos por exibir um [...] compromisso com a diplomacia. Sem embargo [Entretanto], o choque de culturas ficou também imediatamente evidente. Em questão de meses os dois lados estariam encalacrados numa guerra sangrenta, que provocaria a morte de Montezuma e sua sucessão por Cortez no posto de homem mais poderoso do México central.
>
> RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 150.
>
> Embargo: dúvida.

a) Interprete: qual é o significado de "encontro de continentes" no texto?

b) Escreva no caderno a afirmativa **INCORRETA** e justifique. Sobre o texto é possível afirmar que:

I. Ele descreve o encontro entre o espanhol Cortez e o asteca Montezuma.

II. Houve esforço da parte dos dois líderes para serem (ou parecerem) respeitosos.

III. O encontro entre Cortez e Montezuma, que inicialmente foi amistoso, desembocou em uma guerra entre eles.

IV. O conflito entre as forças lideradas por Cortez e as comandadas por Montezuma terminou com a vitória deste sobre aquele.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A falha na comunicação

[...] A princípio, Montezuma encontrava-se elevado numa liteira e Cortés, montado a cavalo [...]. Quando o monarca asteca saltou ao chão e caminhou com seu séquito ao encontro dos espanhóis, Cortés desmontou também e aproximou-se.

A essa altura há algumas divergências entre os relatos, mas a tensão é tangível em todas as versões. Segundo Bernal Díaz, "Cortés, creio, ofereceu a Montezuma a mão direita, mas este a recusou e estendeu-lhe a sua". Gómara atenua o momento constrangedor declarando simplesmente que "os dois homens se cumprimentaram". O próprio Cortés não faz menção a mão nenhuma, mas confessa que se adiantou "para abraçar [Montezuma], mas os dois nobres que o ladeavam bloquearam-me o caminho, de modo que eu não tocasse". [...]

São dignas de nota duas outras versões do século XVI – os textos em *náuatle* e espanhol do **Códice Florentino** de Sahagún. Não há neles tentativas de abraços nem de apertos de mão, e a oferta de colares por Montezuma a Cortés não é correspondida pelo espanhol. Tampouco a mensura é recíproca; no texto *náuatle*, o imperador asteca "inclinou-se profundamente diante de" Cortés, "ao que este permaneceu ereto, com seus rostos defrontados [...], retesou-se o mais que pôde, rigidamente". Sendo proibido encarar o rosto do imperador, o redator sugere que foi Montezuma que tomou a iniciativa de romper o tabu, permitindo que Cortés o fitasse, na tentativa de chegar a um meio-termo cultural. Sua contraparte espanhola dá a mesma impressão, mas de modo a pôr Montezuma numa posição de subordinação, transformando sua mensura gentil numa vênia submissa: "Ele então se prostrou diante do capitão, manifestando-lhe imensa deferência, e pôs-se de pé face a face e muito próximo deste".

[...] E, como se não bastasse a confusão do gestual, os pendores e intenções dos autores de pelo menos cinco diferentes relatos do evento vêm se somar à algazarra, cada qual chegando ao seu próprio equilíbrio entre a valorização na realeza das diplomáticas boas-vindas de Montezuma e a sugestão de que a acolhida já continha os germes da rendição.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 150-151.

2. Escreva no caderno a afirmativa **INCORRETA** e justifique sua escolha.

a) Assim que chegou às terras onde é hoje o México, Cortez descobriu que os povos do Império Asteca estavam insatisfeitos com a opressão a que eram submetidos pelos astecas.

b) Os espanhóis conquistaram Tenochtitlán com a ajuda dos povos rebelados contra o domínio asteca.

c) Os principais aliados dos espanhóis na conquista de Tenochtitlán foram os tlaxcaltecas, inimigos ferrenhos dos astecas.

d) Os espanhóis conviveram em harmonia com os astecas, dividindo com eles o governo do Império Asteca.

3. Leia o texto a seguir com atenção.

> [...] As populações de origem maia do sul do México e da América Central, por exemplo, afirmaram [...] sua condição [...] resistente em face da colonização. Estabelecidas havia mais de dois mil anos naquela região, organizadas em cidades com sofisticada arquitetura e senhoras de um repertório cultural que envolvia um sistema de escrita e elaborados conhecimentos astronômicos, essas populações realizaram grandes revoltas indígenas nas primeiras décadas que se seguiram à conquista e, em uma nova onda [...], nas últimas décadas do século XVIII.
>
> PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 21.

WERNER FORMAN/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

Máscara mortuária de jade de um líder maia encontrada no templo de Palenque. Cultura maia. México.

a) O que a leitura desse texto permite concluir sobre a relação entre os espanhóis e os maias?

b) Esse texto reforça ou contraria o mito de que a conquista espanhola foi rápida e fácil? Por quê?

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

2. Alternativa D. Justificativa: Os espanhóis entraram em conflito com os astecas e conquistaram sua capital, em 1521.
3. **a)** O texto permite concluir que a relação entre os espanhóis e os maias foi conflituosa. Estes resistiram promovendo uma série de revoltas contra a dominação espanhola.
   b) O texto contraria o mito porque relata a resistência maia à dominação espanhola durante o processo de conquista da região.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O indígena na América espanhola

[...] Como na prática a voracidade dos colonos tenha, com frequência, ultrapassado as disposições legais que buscaram proteger os indígenas, estabeleceram-se instâncias jurídicas às quais as populações nativas podiam apelar em defesa de seus direitos: além da Audiência, os Tribunais de Província, o Conselho de Índias ou, a partir de sua instalação em 1592, o *Juzgado General de Indios*. Os dois primeiros vice-reis da Nova Espanha, Antonio de Mendoza (1535-1550) e Luis de Velasco (1550-1564), aceitavam que os indígenas lhes apresentassem pessoalmente denúncias contra os abusos sofridos.

O funcionamento das instâncias de apelação jurídica estimulou a mobilização das comunidades indígenas que se formaram a partir de meados do século XVI, como ocorreu no Peru. Nem sempre as comunidades obtiveram ganho de causa nos pleitos que reclamavam contra a espoliação de terras originárias, a cobrança abusiva do dízimo ou do tributo indígena. Mas é fato que a possibilidade de solução jurídica dos conflitos contribuiu para uma diminuição das revoltas rurais ao longo do século XVII e boa parte do XVIII.

Ao longo desse período, os *pueblos* de índios da Nova Espanha experimentaram um movimento de recuperação demográfica e de reorganização identitária. Os *vecinos* de origens variadas reunidos em um mesmo *pueblo* assimilaram o calendário de festas católicas, escolheram um santo protetor para a comunidade, construíram uma narrativa sobre as relações ancestrais que guardavam com aquele local. [...]

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 20-21.

4. Segundo o historiador Matthew Restall, a conquista espanhola da América não foi rápida nem total e deveu-se a quatro fatores principais.

a) Quais são eles?

b) Escolha e registre no caderno os dois fatores que você considera mais importantes.

5. Escreva no caderno a afirmativa **INCORRETA** e justifique sua escolha:

a) Foi com a descoberta das ricas minas de prata de Potosí (atual Bolívia), em 1545, e Zacatecas (atual México) que a mineração se transformou na atividade econômica mais importante na América espanhola.

b) As duas principais formas de trabalho forçado na América espanhola foram a *mita* e a *encomienda*.

c) O rei da Espanha considerava as minas de Potosí e Zacatecas como propriedade dele.

d) O trabalho de arrancar a prata do fundo das minas deveria ser feito por quem tivesse dinheiro para isso.

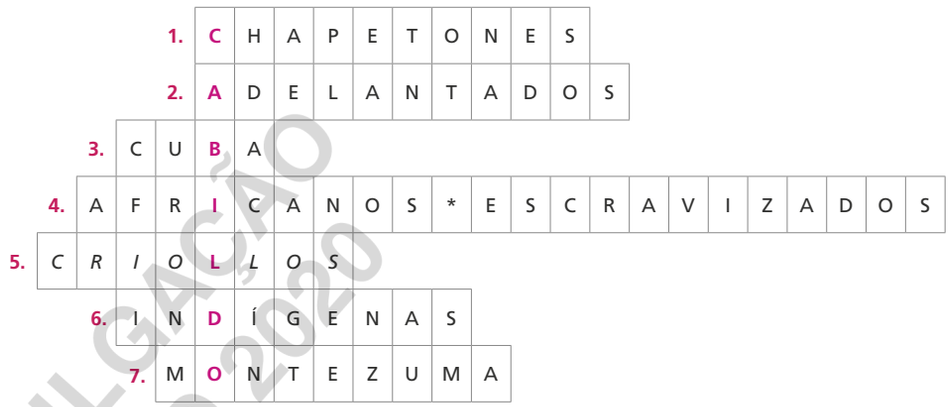
6. Conceitue no caderno:

a) *Encomienda*.

b) *Mita*.

- **Aplique**. Escreva uma frase historicamente correta aplicando um desses conceitos.

7. Escreva no caderno as frases que deram origem a este diagrama.



DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

4. a) O primeiro fator são as doenças contra as quais os corpos indígenas não tinham resistência; o segundo, o fato de os espanhóis se aproveitarem da desunião e da rivalidade entre os ameríndios; o terceiro fator foram as armas dos conquistadores; o quarto fator foi o fato de os espanhóis saberem muito mais sobre os astecas e incas do que estes sobre aqueles.
   b) As doenças e as rivalidades entre os diferentes grupos indígenas estão entre os mais importantes.
5. Alternativa D. Justificativa: O trabalho extenuante no fundo das minas deveria ser feito pelos indígenas.
6. a) A *encomienda* era o direito concedido ao colono espanhol de explorar o trabalho indígena nas minas, plantações e fazendas. Em troca, o colono devia dar aos indígenas assistência material e religiosa, ou seja, alimentá-los e ensinar-lhes a religião católica.
   b) A *mita* era o trabalho forçado que os indígenas tinham de prestar para os espanhóis quatro meses por ano. Esses trabalhadores (os *mitayos*) recebiam como pagamento cerca de um terço do salário de um trabalhador livre.
   - **Professor**: a atividade trabalha uma habilidade de nível operacional.
7. 1. Colonos nascidos na Espanha e também chamados de peninsulares.
   2. Homens que recebiam dos reis da Espanha o poder político e militar na América.
   3. Uma das Capitanias Gerais criada para defender as colônias de ataques de piratas.
   4. Trabalhavam nas grandes plantações de cacau na Colômbia, Equador, Venezuela e Cuba.
   5. Filhos de espanhóis nascidos na América.
   6. Constituíam a maioria da população da América espanhola e trabalhavam nas minas e fazendas.
   7. Imperador asteca que foi morto por Cortez e seus soldados.

Texto de apoio

O trabalho humano na América Latina

A mineração, sobretudo da prata, na América espanhola se baseava no uso do trabalho indígena. [...] [...] a *mita* de Potosí recrutava compulsoriamente para o trabalho, todos os anos, para a região de Potosí, cerca de 14 por cento (um sétimo) da população que pagava tributo: os homens entre 18 e 50 anos. O trabalho se iniciava pela manhã de terça-feira e continuava de modo ininterrupto até sábado à noite com jornadas de trabalho de sol a sol. Os indígenas eram submetidos ao excesso de trabalho em condições degradantes nas minas, favorecendo uma gama variada de doenças, principalmente respiratórias. Os *mitayos* – termo utilizado para aqueles que trabalhavam nas minas – eram obrigados a longos deslocamentos, muitos não resistiam ao longo trajeto e morriam antes de chegar às minas.

GAMBA, Juliane Caravieri Martins; PIRES, Júlio Manuel. O trabalho humano na América Latina: evolução histórica e condições atuais. **Cadernos Prolam/USP**, v. 15, n. 27, p. 13-14, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/download/110375/114106>. Acesso em: 26 set. 2018.

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PASSADO

O texto a seguir foi escrito por Hernán Cortez em 1520. Leia-o com atenção e responda em seu caderno:

Há uma praça tão grande que corresponde a duas vezes a cidade de Salamanca, [...] onde há cotidianamente mais de sessenta mil almas comprando e vendendo. Há todos os gêneros de mercadorias que se conhece na terra, desde joias de ouro, prata e cobre, até galinhas, pombas e papagaios. Há casas como boticários, onde vendem os medicamentos feitos por eles [...]. Há casas como de barbeiros, onde lavam e raspam as cabeças. [...] Há verduras de todos os tipos, mel de abelha, fios de algodão para tecer, [...] milho em grão ou já transformado em pão de excelente sabor. Enfim, vendem tantas coisas que seria prolixo relatar todas aqui. [...] Há no centro da praça uma casa de audiência, onde estão sempre reunidos dez ou doze juízes para julgar as questões decorrentes de desacertos nas compras e vendas.

CORTEZ, Hernán apud NEVES, Ana Maria B.; HUMBERG, Flávia R. **Os povos da América**. São Paulo: Atual, 2003. p. 66-67. (História geral em documentos).

ALBUM/EASYPIX BRASIL

Ilustração atual de como seria a capital asteca Tenochtitlán.

Boticário: equivalente a farmácia.
Prolixo: complexo, cansativo.

a) Quem foi Cortez e que posição ele ocupava?
b) Copie em seu caderno um trecho em que Cortez demonstra sua admiração pelo mercado asteca.
c) O que o autor do texto quis dizer com "sessenta mil almas comprando e vendendo"?
d) Na sua cidade há um mercado parecido com o mercado asteca?

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Cortez era um oficial espanhol e comandou a conquista espanhola do México.
b) "Há todos os gêneros de mercadorias que se conhece na terra, desde joias de ouro, prata e cobre, até galinhas, pombas e papagaios."
c) Sessenta mil pessoas comerciando. **Professor**: sugerimos destacar a fartura e a variedade de produtos, bem como a organização do mercado asteca.
d) Resposta pessoal. Nas capitais brasileiras há grandes mercados municipais que, pela oferta e variedade de alimentos e objetos oferecidos à venda, lembram o mercado asteca. Exemplos disso são os mercados municipais do Pará, de São Paulo ou de Fortaleza; algumas feiras, como a Feira de Caruaru (PE) e a Feira de São Cristóvão (RJ), também guardam boa parte dessas características.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Tenochtitlán

Hernán Cortez descreveu a capital dos astecas e deixou registrado o impacto causado por Tenochtitlán, a primeira grande cidade americana encontrada pelos europeus:

Esta grande cidade de Tenochtitlán está fundeada em uma lagoa e desde a terra firme até o centro da cidade, por qualquer parte que se entrar, há duas léguas. [...] As ruas principais são muito largas e retas. A maioria delas são metade de terra e metade de água, por onde andam com canoas. Todas as ruas, de trecho em trecho, estão abertas por uma travessia de água. Há duas pontes, de vigas muito bem trabalhadas e fortes. Tem muitas praças onde há contínuos mercados e pontos de compra e venda.

(Hernán Cortez, **A conquista do México**, 1520)

Dos tributos recolhidos entre os povos dominados, os astecas puderam fazer grandes obras de infraestrutura e embelezamento da cidade. Foi nessa época que surgiram os grandes templos e palácios, tantas vezes aumentados e reconstruídos como sinal de *status* e poder dos imperadores.

Possui esta grande cidade muitas mesquitas (templos) ou casas de seus ídolos, todas de formosos edifícios situados em todos os bairros. Nas principais há religiosos que residem permanentemente. Estes religiosos se vestem de negro e nunca cortam o cabelo. Todos os filhos de senhores importantes frequentam essas mesquitas desde os sete anos até o casamento.

(Hernán Cortez, op. cit., 1520)

CORTEZ, Hernán apud NEVES, Ana Maria B.; HUMBERG, Flávia R. **Os povos da América**. São Paulo: Atual, 1996. p. 65-66.

VOZES DO PRESENTE

Houve um povo indígena, os mapuche, que nunca foi conquistado pelos espanhóis. Esse povo habitava, e ainda habita, onde hoje é o sul do Chile. Leia o texto a seguir:

Luan-Taru – O grande herói mapuche

Assim que desembarcaram na parte leste do que hoje é América do Sul, os espanhóis iniciaram suas guerras de conquista [...]. A região mapuche [...] logo passou a ser também espaço da cobiça. Muitas foram as batalhas entre eles e os invasores. Numa dessas **escaramuças**, em 1546, um menino mapuche [...] foi capturado pelas tropas inimigas. Seu nome era Luan-Taru [...], que na língua mapundungun queria dizer "veloz". Ele tinha pouco mais de 11 anos e foi levado para servir ao comandante Pedro Valdívia. Durante muito tempo participou das batalhas, cuidou dos cavalos, [...] e aprendeu táticas militares. [...]

No ano de 1552 Luan-Taru montou num cavalo e deu de rédea pelo campo afora. [...] Ele imediatamente se apresentou diante dos chefes mapuche e ofereceu-se para ensiná-los a lutar. Mostrou o cavalo – até então desconhecido pelos **originários** –, ensinou-os a montar e a tal ponto que os mapuche tornaram este animal quase como uma parte do seu ser.

Escaramuça: pequeno duelo dentro de uma batalha maior.

Originários: nativos.

O jovem Luan-Taru, representado em obra do século XIX.

COLEÇÃO PARTICULAR

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O povo Mapuche segue em luta

Pouca gente sabe, mas existe um povo que nunca foi conquistado pelos espanhóis aqui na América Latina. Com a chegada dos brancos europeus, civilizações complexas foram dizimadas, estados foram destruídos, nacionalidades extintas. Mas, o povo que habitava as margens dos rios Biobío e Toltén, no que é hoje o sul do Chile, nunca se deixou vencer, nem mesmo pelos incas que, antes da dominação espanhola, também chegaram a conformar o império do Tawantinsuyo.

Ao longo de 300 anos de invasão europeia, este povo guerreiro enfrentou com valentia e audácia a fúria dos espanhóis até ser reconhecido como um estado autônomo dentro do imenso território conquistado. São os Mapuche, palavra que designa "gente da terra", na língua *mapudungun*. Nesses séculos todos em que reinaram Espanha e Portugal aqui por estas terras, os Mapuche resistiram altivamente a qualquer investida, chegando a usar, com sucesso, táticas de espionagem bastante eficazes. Além disso, incorporaram as novidades das forças produtivas inimigas para fortalecer a sua defesa.

[...] Nunca vencidos, os Mapuche enfrentam com a mesma dignidade ancestral os novos desafios que se apresentam. [...]

TAVARES, Elaine. O povo Mapuche segue em luta. **Instituto de Estudos Latino-Americanos**, 15 jan. 2015. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/noticia/o-povo-mapuche-segue-em-luta>. Acesso em: 26 set. 2018.

[...] Luan-Taru ainda os ensinava a lutar em campo aberto, introduzia novas armas, mostrava as técnicas de guerra aprendidas com os espanhóis [...]. Tamanha foi a liderança deste jovem mapuche que em pouco tempo era escolhido como o Toqui (chefe máximo na guerra).

[...] Sob a liderança do jovem Toqui, os mapuche enfrentaram por anos, sem fraquejar, as tropas espanholas. [...] O jovem Toqui **encantou**, mas a luta mapuche não acabou. Como um verdadeiro mestre ele havia ensinado seu povo, e a resistência seguiu pelos 300 anos afora.

TAVARES, Elaine. **O povo Mapuche segue em luta**. Santa Catarina: Instituto de Estudos Latino-americanos, 15 jan. 2015. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/noticia/o-povo-mapuche-segue-em-luta>. Acesso: 11 ago. 2018.

Encantou: faleceu.

1. Qual é o assunto do texto?
2. O que mais chamou sua atenção na história de Luan-Taru?
3. Indique em seu caderno a alternativa correta.

   Luan-Taru contribuiu com seu povo:

   a) ensinando os espanhóis sobre a utilização do cavalo como arma de combate e aprendendo, com eles, táticas de guerra indígenas.

   b) apresentando o cavalo aos chefes mapuche e aprendendo com eles táticas de guerra indígenas.

   c) ensinando aos mapuche a utilização do cavalo como arma de combate e as técnicas de guerra aprendidas com os espanhóis.

   d) aprendendo com os mapuche táticas de guerra indígena e ensinando-os sobre a utilização do cavalo como arma de combate.

   e) convencendo seu povo a resistir aos espanhóis enquanto não recebiam ajuda dos povos mexicas.
4. Por que será que a resistência indígena é um assunto pouco conhecido na escola?
5. **No caderno**. Luan-Taru, líder guerreiro do povo mapuche, morreu em uma emboscada, mas sua imagem e sua luta continuam vivas na lembrança do povo chileno. Pesquise sobre a história de Luan-Taru, com destaque para sua atuação à frente do povo mapuche na resistência aos espanhóis.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. O texto trata da resistência mapuche aos conquistadores espanhóis, e da liderança do Luan-Taru nesse processo.
2. Resposta pessoal. **Professor**: valorizar o protagonismo dos indígenas e seus líderes pode contribuir para desfazer o mito de que a conquista espanhola da América foi rápida e fácil.
3. Alternativa C.
4. Resposta pessoal. **Professor**: durante muito tempo predominou nos livros escolares uma história de viés positivista e etnocêntrico; por conta disso, valorizaram-se os grandes personagens da história oficial do Ocidente europeu, deixando esquecidos os papéis dos indígenas, a exemplo de Luan-Taru, das mulheres, dos homens livres e pobres, dos africanos e das pessoas comuns.
5. Resposta pessoal.

Texto de apoio

Os mapuche e o estado chileno

A luta do povo Mapuche não foi em vão. Diante de um continente dominado, a Espanha obrigou-se a aceitar a autonomia desta nacionalidade, sendo traçadas, inclusive, fronteiras territoriais bem claras. O "wall mapu", território e também espaço sagrado dos mapuche, permaneceu intacto até que chegaram as guerras de independência. Durante este processo os mapuche foram, por várias vezes, mostrados como exemplo, inclusive por Bernardo O´Higgins, um dos grandes heróis da independência do Chile, que falava fluentemente o mapudungun. Mas, com o passar do tempo, e já sem a presença de O´Higgins, a nação mapuche teve de enfrentar a saga capitalista que começava a se expressar nos estados-nacionais criados pós-independência. Depois de uma década de conflitos, estabelece-se o conservadorismo no Chile [...] a república chilena jamais reconheceu os mapuche como um povo autônomo, que tinha sua própria cosmovisão e sua forma original de organizar a vida. Considerava-os "araucanos", simples moradores daquele espaço de terra e acreditava que todos deveriam se unificar sob a mesma bandeira. Não houve conversa nem respeito.

[...] Durante muito tempo o povo resistiu, mas no ano de 1881 os mapuche foram finalmente vencidos e incorporados à república chilena, perdendo o estatuto de comunidade autônoma. A partir daí os originários foram colocados em "reduções", e suas terras ancestrais passaram para as mãos dos colonos brancos enviados para "civilizar" um espaço territorial que desde os tempos imemoriais estivera sob o domínio do povo mapuche. Este mesmo processo de colonização também foi encaminhado no lado argentino, para onde se estendia o wall mapu.

TAVARES, Elaine. O povo Mapuche segue em luta. **Instituto de Estudos Latino-Americanos**, 15 jan. 2015. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/noticia/o-povo-mapuche-segue-em-luta>. Acesso em: 26 out. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O período áureo foi de 1556 até 1789.
b) De 1789 até 1803.
c) Pode-se concluir que a produção de prata foi extraordinária e formar uma ideia dos períodos de crescimento e de declínio dessa produção. Esses dados desconsideram a prata sonegada, isto é, que não pagou o imposto devido à metrópole espanhola.

Texto de apoio

As minas de prata de Potosí

[...] É extremamente importante pesquisar a questão da riqueza e da ostentação em São Luís de Potosí, talvez o lugar mais rico da América espanhola. Essa riqueza e essa ostentação chegavam a tal extremo que acabavam ridicularizando os valores e as ordenações europeias. A abundância gerou a seguinte situação: a colônia se tornava rica enquanto explorada, e a metrópole exploradora tornava-se aparentemente próspera. A riqueza em Potosí era tanta que seus mercados eram mais bem abastecidos do que os espanhóis, seus tecidos mais refinados, seus cavalos da melhor raça, e sua nobreza das melhores casas espanholas.

Quanto mais riqueza se retirava de Potosí, mais se alimentava a fantasia de sua inesgotabilidade. Quanto mais riqueza saía da terra, mais pomposa e ornamental se tornava a elite da sociedade, capaz de trocar o calçamento da cidade durante as festas por placas de prata, como também a ferradura dos cavalos.

O mercado consumidor de Potosí possuía um altíssimo poder de compra. As rendas anuais dos donos de minas e engenhos e mesmo dos principais funcionários reais superavam, sem dificuldades, as rendas da maioria dos comerciantes ultramarinos.

A grande massa da população de Potosí era composta por indígenas e suas famílias, que trabalhavam diretamente na exploração das minas. Os espanhóis eram em número reduzido. Inicialmente foram aproveitados os habitantes das regiões próximas ao cerro de Potosí como mão de obra; posteriormente foram trazidos trabalhadores dos vales mais distantes. Calcula-se que as minas de Potosí consumiram, em seu período mais produtivo (1545-1803), cerca de oito milhões de vidas, chegando a provocar o despovoamento de algumas regiões do vice-reino do Peru. Os indígenas passavam cerca de oito horas por dia no interior da mina, onde as galerias eram estreitas, mal iluminadas e cujo acesso se dava por escadas de madeira e couro com até 150 metros de altura. A subida era feita com um saco de couro com o metal às costas, pesando cerca de 23 kg.

Se compararmos os dados da produção de prata com os da população, observamos claramente que o crescimento populacional acompanhou o crescimento da produção, e a queda determinou o êxodo de Potosí para outras áreas.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 38-42.

III Você cidadão!

Potosí: prata, suor e sangue

Um dos exemplos mais cruéis de trabalho forçado em todos os tempos foi o uso dos indígenas nas minas de prata de Potosí, na Bolívia atual. Além de prejudicial à saúde, o trabalho nas minas de Potosí era muito difícil. A galeria que descia para o interior da mina era estreita. Suas escadas eram feitas de madeira e couro. Os trabalhadores desciam de três em três. O primeiro levava uma pequena candeia, que pouco iluminava. Cada trabalhador devia extrair duas arrobas de prata, cerca de 30 kg, por dia e subir com o mineral numa bolsa amarrada ao pescoço.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: ALBUM/AKG-IMAGES/FOTOARENA

Indígenas extraem prata na mina de Potosí (na atual Bolívia), em gravura de Theodore de Bry, século XVI.

Devido ao baixo salário e às más condições de trabalho, muitos morriam de fome ou doenças, como a pneumonia; outros, de acidentes, como soterramentos e quedas de grandes alturas; muitos se viciavam no consumo de álcool. Frei Domingo de Santo Tomás, um padre que viveu na época, escreveu: "Não é prata o que se envia à Espanha, é suor e sangue dos índios".

Dados oficiais sobre a produção de prata em Potosí, em pesos	
De 1545 até 1556	127 500 000
De 1556 até 1789	819 258 500
De 1789 até 1803	46 000

Fonte: PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 38.

a) Qual foi o período áureo de exploração da prata em Potosí?
b) Em que período a quantidade de prata obtida foi menor?
c) O que se pode concluir pelos dados da tabela?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

CAPÍTULO

9 AMÉRICA PORTUGUESA: COLONIZAÇÃO

O mapa a seguir é de 1556. Observe-o com atenção.

COLEÇÃO PARTICULAR

» **O que se vê na cena circulada em vermelho?**
» **E na cena circulada em verde, o que se vê?**
» **O que se observa na cena circulada em azul?**
» **E no mar, o que se vê?**
» **Será que a relação entre portugueses e indígenas foi amigável como na cena mostrada no mapa?**
» **Será que os indígenas aceitaram pacificamente dividir com os portugueses as terras onde viviam?**

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

• Explorar o mapa da página identificando as relações comerciais entre os povos nativos e os europeus.

• Comentar que os mercadores portugueses obtinham o pau-brasil mediante o escambo (comércio feito sem o uso de dinheiro) com os tupiniquins. Estes forneciam a madeira, que eles próprios haviam cortado e transportado por vários quilômetros até o litoral, e, em troca, recebiam dos portugueses machados, facas, canivetes, espelhos e outros produtos úteis a eles.

• Um europeu fazendo escambo com um indígena, que recebe um objeto, provavelmente um cálice, em troca do pau-brasil.

• Indígenas cortando pau-brasil.

• Indígenas transportando pau-brasil.

• Navios portugueses chegando para realizar o escambo.

• Não, ela variou no tempo e no espaço; inicialmente, na época do escambo, os portugueses estabeleceram relações amigáveis com alguns grupos de indígenas e entraram em atrito com outros. Com o início da ocupação econômica das terras americanas e a montagem de engenhos, os portugueses passaram a capturar e a escravizar indígenas, de modo que as relações entre eles se tornaram predominantemente conflituosas.

• A reação dos indígenas à presença europeia em suas terras não foi uniforme nem homogênea. Em alguns lugares foi de convivência; em muitos outros, porém, foi de resistência e de rejeição ao colonizador.

• Aprofundar o assunto acessando o texto: COLONIZADORES, colonos e colonizados. Disponível em: <http://livro.pro/3jxi2v>. Acesso em: 25 set. 2018.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades **EF07HI02** e **EF07HI06** da BNCC, citadas a seguir:

– Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

– Comparar as navegações no Atlântico e no Pacífico entre os séculos XIV e XVI.

O objetivo desta página é estimular o interesse do alunado pelos primeiros contatos entre portugueses e indígenas a partir de um registro da época (1556). O mapa representa um momento da relação entre indígenas e portugueses; nem o único nem o derradeiro, como se verá neste capítulo.

ENCAMINHAMENTO

Dialogando

a) Como pessoas bonitas, com "bons rostos e bons narizes".

b) O fato de andarem nus e não se envergonharem disso.

c) O modo de falar e de se vestir dos portugueses (cobertos da cabeça aos pés), que era muito diferente do dos indígenas. Comentar que as diferenças entre portugueses e indígenas no tocante à língua, às vestimentas e aos adornos refletem seu pertencimento a diferentes culturas.

d) Foi descrita como formosa, de "muitos bons ares" e com águas "infinitas".

• Aprofundar o assunto acessando o texto: A CARTA-RELATÓRIO de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: <http://livro.pro/ak4omk>. Acesso em: 25 set. 2018.

Texto de apoio

A carta de Pero Vaz de Caminha: como interpretar nosso primeiro documento

Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha para informar o rei Manuel I sobre a existência do Brasil são a base para um estudo mais rico da nossa História, que prevê a análise de fontes de diversas origens.

Cena 1: portugueses e indígenas se encontram pela primeira vez, no litoral sul da Bahia. Cena 2: depois de momentos de hesitação, os dois grupos trocam objetos, prática que se tornaria uma das mais emblemáticas ao longo da colonização portuguesa. Os episódios são narrados por Pero Vaz de Caminha (1450-1500), escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral (1467/68-1520) no primeiro registro escrito do país. Ele inclui muitos outros detalhes da chegada dos portugueses ao Brasil e revela episódios do cotidiano de personagens que ficaram para a História, como Cabral e o próprio autor da carta, e de pessoas comuns – tripulantes dos barcos, por exemplo – à época [...].

A carta, hoje guardada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, pode ser trabalhada em classe desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. "Nessa etapa da escolaridade, o mais indicado é apresentar trechos selecionados previamente, de acordo com os objetivos do professor, e propor uma discussão", explica a historiadora Isabel Barca, docente da Universidade do Minho, em Portugal, e autora de livros didáticos e orientações curriculares que propõem a leitura e a análise da carta.

O documento permite um primeiro contato das crianças com a formação do Brasil. Contribui, ainda, para iniciar um processo de aprendizagem com base em inferências sobre documentos e outras fontes. [...] Essa proposta de trabalho, que aproxima os alunos dos procedimentos de trabalho de um historiador, é a perspectiva atual no ensino da disciplina desde os anos iniciais. [...]

SCAPATICIO, Márcia; NICOLIELO, Bruna. A carta de Pero Vaz de Caminha: como interpretar nosso primeiro documento. **Nova Escola**, 1º set. 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2097/a-carta-de-pero-vaz-de-caminha-como-interpretar-nosso-primeiro-documento>. Acesso em: 26 set. 2018.

O encontro

Os povos tupis expandiam-se pelo litoral quando a esquadra de Cabral chegou ao atual Porto Seguro, na Bahia, em 22 de abril de 1500. O que será que os **tupiniquins** pensaram quando viram os portugueses chegando às terras habitadas por eles?

Os tupiniquins estranharam quase tudo: as enormes embarcações, as roupas, as botas, os chapéus, as armas de fogo e a língua daqueles homens de pele branca e face rosada. Os portugueses, por sua vez, também estranharam os tupiniquins. Esse estranhamento ficou registrado na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Francisco de Almeida (1450-1510), nobre, soldado e explorador português.

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Detalhe da obra **Maloca dos Apiaká**, de Hércules Florence, 1828.

> A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura [...]; e nisso têm tanta inocência como têm em mostrar o rosto [...].
>
> [...] Os cabelos [...] são corredios [...] de boa grandura e rapados até por cima das orelhas.
>
> Essa terra, Senhor, [...] é toda praia [...] e muito formosa [...]. Até agora não pudemos saber se haja ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal. [...] Contudo a terra em si é de muitos bons ares. [...] As águas são muitas, infinitas [...].
>
> CASTRO, Therezinha de. Carta de Caminha. In: _____. **História documental do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995. p. 29, 34-35.

Tupiniquins: grupo Tupi que habitava onde é hoje Porto Seguro, BA.

Inicialmente, esta parte da América não despertou o entusiasmo dos portugueses. Em primeiro lugar, porque nelas não encontraram ouro nem prata; em segundo lugar, porque vinham tendo lucros enormes com o comércio de especiarias (pimenta, cravo, canela, noz-moscada, gengibre etc.) com a África e as Índias.

DIALOGANDO

a) Como os indígenas foram descritos por Caminha?

b) O que Caminha estranhou nos tupiniquins?

c) E os tupiniquins, o que estranharam nos portugueses?

d) E a terra onde hoje é o Brasil, como foi descrita por Caminha?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Expedições, feitorias e pau-brasil

Nos primeiros contatos com a nova terra, os portugueses não acharam ouro nem prata, mas encontraram uma árvore típica da Mata Atlântica: o **pau-brasil**, que tinha valor comercial, pois era usado na Europa para tingir tecidos e construir móveis e casas. Seu tronco tem cor de brasa; daí o nome pau-brasil.

Ao saber da existência do pau-brasil, o rei de Portugal autorizou a construção de **feitorias** para armazenar e comercializar a valiosa madeira. Eram os indígenas que cortavam e transportavam os troncos até as feitorias erguidas no litoral. Lá, realizava-se a troca: os indígenas davam aos portugueses as toras da madeira e recebiam em troca colares, facas, machados, espelhos (objetos úteis a eles). Esse tipo de troca de produto por produto é chamado de **escambo**.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Mapa ilustrado português de 1565 representando a América portuguesa. Nele, se vê um indígena erguendo o machado como quem vai cortar o pau-brasil e uma indígena com uma criança no colo.

Pau-brasil: as árvores de pau-brasil chegavam a ter um metro de diâmetro na base e de 20 a 30 metros de altura (o equivalente a um edifício de 8 andares).

Feitoria: armazém fortificado no qual era guardada a madeira até que as naus chegassem para buscá-la.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Informar que, no primeiro contato com as terras americanas, os portugueses não encontraram os metais preciosos que tanto cobiçavam, conforme informou Pero Vaz de Caminha em carta ao rei de Portugal, tampouco especiarias com grande aceitação na Europa, como as africanas e as orientais.
- Esclarecer que, para melhor conhecer a nova terra, a Coroa portuguesa enviou para cá expedições exploradoras e de reconhecimento, que confirmaram a existência de pau-brasil, árvore típica da Mata Atlântica.
- Conhecer o que diz J. Capistrano de Abreu sobre o assunto:

> O pau-brasil reconheceu-se logo no litoral de Paraíba e Pernambuco, nas cercanias do rio Real, do Cabo Frio ao Rio de Janeiro; naturalmente, seriam logo estes os trechos mais frequentados destes primeiros portugueses [...].
>
> Para facilitar os carregamentos, estabeleceram-se feitorias, de preferência em ilhas; deviam ser caiçaras ou cercas, próprias apenas para guardarem os gêneros de resgates; algumas sementes de além-mar podiam ser plantadas à roda, e soltos alguns animais domésticos de fácil reprodução. [...]

ABREU, Capistrano de. **Capítulos da história colonial**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 25-26.

Texto de apoio

América portuguesa: primeiros tempos

[...] A experiência portuguesa na América foi muito diversa da espanhola. Alusões a metais preciosos não se confirmaram ao longo de quase dois séculos. O objetivo que movia a colonização portuguesa no século XVI "não eram as terras, mas o Império sobre o comércio marítimo". A conquista de territórios, que foi um segundo momento na Índia e também no Brasil, era apenas um meio de assegurar a supremacia marítima, assim como metais preciosos poderiam vir a ser um facilitador.

Logo na primeira expedição de reconhecimento, comandada por Gonçalo Coelho em 1501, a riqueza da nova terra foi identificada como o pau-brasil, árvore que possuía um similar asiático e da qual se extraía a tintura para a indústria de tecidos. Era encontrado com abundância em todo o litoral, mas ao invés de transportá-lo *in natura* melhor seria preparar a madeira antes de embarcá-la. Toda a produção dependeria de uma relação amistosa com os indígenas, não apenas para assegurar a troca, mas sobretudo para o abate das árvores (na escala desejada) e o seu aparelhamento, o que exigia a incorporação pelos nativos de instrumentos de metal e novas técnicas de trabalho. As autoridades coloniais (feitores, governadores, capitães) deveriam ter um bom relacionamento com os indígenas, e os "lançados" (degredados, desertores ou náufragos) desempenhariam importante papel.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica. In: FRAGOSO, João Luís Ribeiro; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). **O Brasil colonial**: 1443-1580. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1. p. 178.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: SÃO VICENTE. Disponível em: <http://livro.pro/yp7ka8>. Acesso em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- VERMELHO Brasil. Duração: 1h39min. Disponível em: <http://livro.pro/48kpb4>. Acesso em: 26 set. 2018.

Esse filme possibilita saber mais sobre a presença francesa no Brasil.

Texto de apoio

Portugueses e franceses

[...] no início, o contato português com o Brasil limitou-se a uma série de feitorias, semelhantes às da costa africana; no entanto, durante o século XVI várias pressões internas e ameaças externas obrigaram os portugueses a iniciar a colonização e o povoamento.

Era necessário dar atenção imediata à ameaça externa, sempre mais preocupante na costa leste do que em qualquer outra região ibero-americana. Ainda mais séria era a presença de franceses. Pequenos navios particulares que partiam de portos na Normandia e na Bretanha começaram a aparecer na costa já em 1504. Financiados por mercadores e sem apoio real, estes navios estavam envolvidos principalmente com o comércio do pau-brasil. A corte francesa nunca aceitara realmente os alegados direitos da Espanha e Portugal ao domínio do mundo fora da Europa, e mercadores e marinheiros franceses dispunham-se ainda menos a reconhecer as pretensões ibéricas. Dizia-se com ressentimento que o mundo não era suficientemente grande para os portugueses, com queixas de que "quando navegam ao longo de uma costa, declaram ter posse dela e consideram-na uma conquista".

A competição foi feroz. Ambos os lados fizeram alianças e acordos comerciais com grupos indígenas enquanto atacavam os fortes e navios dos rivais. Do ponto de vista de Portugal, que exigia o Brasil para si, os franceses eram invasores, pouco melhores que piratas. As queixas diplomáticas à corte francesa tiveram pouco resultado por causa da natureza privada da presença da França, e os portugueses recorreram à atividade militar organizada. Algumas expedições navais limparam a costa de navios franceses, mas depois de cada onda os franceses voltavam. Em 1530, ficou claro que Portugal tinha que decidir: ou tomava posse do Brasil de modo mais permanente ou perdia sua terra para os ativos rivais europeus.

Naquele ano, outra expedição naval foi despachada com instruções para expulsar os franceses da costa e continuar a exploração. Além disso, esta grande frota também levava homens e materiais necessários para criar uma povoação permanente. O comandante, Martim Afonso de Sousa, recebeu amplos poderes jurídicos e administrativos para executar as metas colonizadoras da expedição. Depois de viajar pela costa e capturar várias naus francesas, Martim Afonso fundou [...] São Vicente, em 1532. [...]

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 220-221.

A disputa pela Nova Terra

Logo, os franceses também passaram a frequentar o litoral brasileiro e, por meio de alianças com os tupinambás, inimigos dos tupiniquins, levavam daqui grandes carregamentos de pau-brasil. Diante da ameaça francesa, a monarquia portuguesa reagiu enviando ao litoral brasileiro duas expedições policiadoras comandadas por Cristóvão Jacques. Mas logo concluiu que era impossível policiar um litoral tão extenso como o de sua colônia na América. Assim, por medo de perder a terra para os franceses e pelo interesse em fazê-la produzir riquezas, o rei D. João III (1521-1557) decidiu colonizar o território conquistado. Para isso, em 1530 enviou para cá uma **expedição colonizadora**.

A expedição colonizadora de Martim Afonso de Sousa combateu os franceses; explorou o litoral brasileiro; e, em uma área habitada por indígenas guaianases e carijós, fundou **São Vicente** (1532), a primeira vila do Brasil. Ali mandou erguer uma capela e o primeiro engenho, destinado à produção de açúcar.

Fundação de São Vicente, de Benedito Calixto. Óleo sobre tela, 1900. Acervo do Museu Paulista da USP. A tela de Calixto pode ser vista como uma homenagem à chegada dos portugueses. O pintor opõe as roupas volumosas, capacetes e espadas dos europeus às peles, plumas e flechas dos indígenas. Gestos, poses, bandeira, cruzeiro... tudo sugere a ideia de que os portugueses viriam a ser os novos senhores da terra. Não é exagero dizer que o pintor omitiu as tensões e lutas entre os indígenas e os colonizadores. Sua obra serve para representar **não** o século XVI, quando se deu a fundação de São Vicente, mas o final do século XIX, quando a história oficial procurava mostrar um Brasil independente de Portugal e reconciliado com ele.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

As capitanias hereditárias

Capitanias hereditárias: unidades administrativas cujas terras continuavam pertencendo a Portugal.

Na época de D. João III, Portugal era a cabeça de um grande império que tinha terras no Oriente, na África e na América. Para dar continuidade à colonização da América portuguesa, o rei de Portugal dividiu o território colonial em quinze imensas faixas de terra, as **capitanias hereditárias**, e entregou sua administração a doze homens, os capitães donatários. Por meio da **carta de doação**, o rei de Portugal concedia o cargo de donatário e por meio do **foral** estabelecia seus direitos e deveres.

Os deveres dos donatários eram:

a) desenvolver o cultivo de cana-de-açúcar na capitania;

b) expandir a fé cristã;

c) organizar a defesa militar;

d) estimular a ocupação portuguesa da terra.

Os direitos dos donatários eram:

a) retirar para si a vintena (5% do negócio do pau-brasil);

b) cobrar impostos em rios e portos;

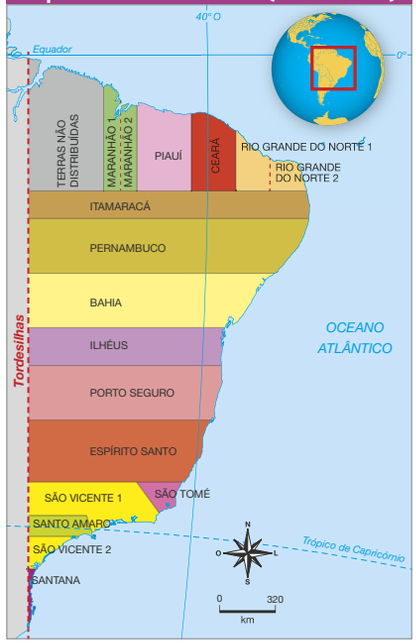
c) julgar os habitantes da capitania, com poderes para condenar à morte índios, negros e homens livres pobres;

d) conceder **sesmarias**, terras do tamanho de uma fazenda, a quem tivesse recursos para produzir riquezas;

e) ter uma grande sesmaria.

O sistema de capitanias hereditárias foi utilizado inicialmente na Ilha da Madeira e, depois, no Brasil e em Angola.

Capitanias hereditárias (1534-1536)



O mapa ao lado, redesenhado pelo engenheiro Jorge Cintra, representa as capitanias do norte da colônia divididas de forma vertical e não horizontal, como se pensava.

Fonte: REVISTA de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, ano 10, n. 108, p. 12, set. 2014.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que, durante sua longa história, o Império Português – que abrangia terras como Macau, na China; Goa, na Índia; Angola, na África; e Brasil, na América – adotou diferentes formas de administração das suas colônias. A primeira delas foi o sistema de capitanias hereditárias, utilizado inicialmente nas ilhas portuguesas do oceano Atlântico e, depois, no Brasil e em Angola.
- Refletir sobre o texto a seguir:

Apesar dos vários atrativos das capitanias hereditárias brasileiras, os grandes nobres e magnatas de Portugal não ficaram muito interessados. Portanto, os que receberam as concessões eram fidalgos menores, gente da pequena nobreza da corte de Lisboa, alguns burocratas reais e um bom número de pessoas que haviam lutado nas conquistas portuguesas na Índia. Martim Afonso de Souza e seu irmão receberam, cada um, duas concessões, mas eram praticamente os únicos donatários com experiência anterior no Brasil. A maioria não dispunha de conhecimentos, contatos ou recursos financeiros para fazer de suas capitanias um sucesso. [...]

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 224.

+ATIVIDADES

1. Sobre as capitanias hereditárias, responda:

a) O que eram e a quem foram entregues?

Eram 15 imensas faixas de terra que foram entregues aos capitães donatários, homens de confiança do governo português ou enriquecidos pelo comércio com a África e o Oriente.

b) Quais eram os direitos e os deveres dos donatários?

Deveres: **1.** cuidar da defesa das terras; **2**. expandir a fé cristã; **3**. desenvolver a agricultura da cana-de-açúcar na capitania.

Direitos: **1.** 5% do negócio do pau-brasil; **2**. escravizar e vender indígenas; **3**. cobrar impostos em rios e portos; **4**. fundar vilas; **5**. doar sesmarias.

c) O que eram as sesmarias e para quem foram doadas?

As sesmarias eram grandes fazendas, latifúndios. Foram doadas a homens com capital suficiente para cultivar a cana e fabricar o açúcar. **Professor**: comentar com os alunos que a intenção do governo português era a de que os sesmeiros ajudassem-no a realizar seu projeto de buscar na América novas fontes de riqueza.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- ANTES do Brasil, Cabo Frio, 1530: histórias do Brasil. Duração: 24min13s. Disponível em: <http://livro.pro/i9gq5z>. Acesso em: 26 set. 2018.

Vídeo abordando as relações entre portugueses e indígenas em 1530.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, em pouco tempo, o sistema de capitanias deu sinais de crise, excetuando-se Pernambuco (Nova Lusitânia), Bahia e São Vicente, que progrediram embaladas pela produção do açúcar.
- Trabalhar com os alunos as razões do fracasso das capitanias, tais como: falta de dinheiro para o progresso e a defesa da capitania; grande extensão das terras; falta de comunicação entre as capitanias; resistência indígena à escravização e à ocupação de seu território; e ataques de corsários.

Poucas capitanias tiveram o sucesso esperado. A maioria delas fracassou pelas seguintes razões:

a) falta de recursos de alguns donatários;

b) grande extensão de terras a serem administradas;

c) falta de comunicação entre elas;

d) resistência dos indígenas à ocupação de suas terras;

e) ataques de corsários.

Além disso, alguns donatários nem chegaram a vir para a América. Outros foram mortos em combate com os indígenas.

Inicialmente, apenas Pernambuco e São Vicente prosperaram. Posteriormente, a Bahia também se desenvolveu, graças à cana-de-açúcar. Entre os fatores que contribuíram para o sucesso da produção açucareira no Nordeste estão: a fertilidade do solo, o clima adequado ao cultivo de cana e a relativa proximidade com a Europa.

MOZART COUTO

Este desenho é um esforço para nos ajudar a imaginar o que pode ter sido a resistência dos povos tupis.

DIVULGAÇÃO PNLD

Texto de apoio

O texto a seguir é da doutora em História pela UFF, Elisa Frühauf Garcia.

Solução caseira

Tão logo fizeram os primeiros contatos na costa brasileira, os portugueses começaram a carregar suas embarcações com mercadorias extraídas da nova terra para serem levadas à Europa. Entre elas, o pau-brasil, animais exóticos e... índios. Em pouco tempo, tornou-se comum encontrar escravos indígenas nas ruas de Lisboa e arredores, principalmente nos serviços domésticos. Eles também eram vendidos na Espanha e em seus domínios.

Quando os portugueses deram início às atividades produtivas no Brasil, a partir da criação das capitanias hereditárias, decidiram utilizar os índios para o trabalho escravo. Sem recurso para importar africanos e sem as condições necessárias para o emprego de mão de obra assalariada, os indígenas acabaram sendo a base da formação da economia colonial.

Transformá-los em escravos era uma tarefa difícil e arriscada. A presença portuguesa no Brasil e a ocupação das novas terras dependiam do apoio da população nativa. Para defender tão vasto território, a Coroa precisava dos índios como aliados militares contra os concorrentes europeus (no século, especialmente os franceses). Eles também eram úteis para combater grupos indígenas rivais que atacavam os incipientes núcleos coloniais, além de fornecerem informações e alimentos indispensáveis à sobrevivência em uma terra mal conhecida.

Se a princípio chegou a existir um frágil equilíbrio entre índios e portugueses, ele logo se rompeu. [...]

GARCIA, Elisa Frühauf. Solução caseira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 8, n. 91, abr. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160416050627/http://rhbn.com.br/secao/capa/solucao-caseira>. Acesso em: 26 set. 2018.

O Governo-Geral

Diante do fracasso da maioria das capitanias, o rei de Portugal decidiu centralizar a administração, criando, em 1548, o Governo-Geral. Parte do poder dos donatários passava para o governador-geral. Os governadores eram, geralmente, homens que tinham prestado serviços ao Império Português na África ou no Oriente, ou eram parentes de pessoas influentes. Assim, formaram-se pouco a pouco no interior do Império Português redes de poder baseadas no favor, no parentesco e em interesses particulares.

Em março de 1549, chegou à Bahia o primeiro governador-geral, **Tomé de Sousa**, acompanhado de três auxiliares: o capitão-mor, que cuidava da defesa, o ouvidor-mor, encarregado da justiça, e o provedor-mor, responsável pelas finanças. Com ele vieram também funcionários, carpinteiros, soldados e jesuítas, religiosos chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega. Tão logo chegaram, os portugueses guerrearam contra os indígenas que resistiam à ocupação portuguesa. Após vencê-los, apossaram-se de suas terras e nelas construíram e fundaram, naquele mesmo ano, a cidade de São Salvador, primeira capital do Brasil.

As primeiras casas da cidade eram todas muito simples. Essas casas e os armazéns ficavam na parte baixa da cidade, chamada hoje de Comércio. A casa do governador e a casa da Câmara Municipal ficavam na parte alta, onde estão hoje a Praça Municipal, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e o Terreiro de Jesus.

Planta da cidade de Salvador (1549)

Fonte: SOUSA, Avanete Pereira. **Salvador, capital da colônia**. São Paulo: Atual, 1995. p. 6. (A vida no tempo do açúcar).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Informar que, diante desse malogro (sistema descentralizado), a Coroa decidiu implantar, em 1548, um sistema centralizado: o Governo-Geral.
- Esclarecer que as capitanias continuaram existindo, mas que passaram a ser subordinadas ao Governo-Geral, principal representante do rei de Portugal no Brasil.
- Destacar que, por sua posição geográfica estratégica, o rei Dom João III escolheu a Bahia para sede do Governo-Geral.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: GOVERNADOR-GERAL do Estado do Brasil. Disponível em: <http://livro.pro/cy5fe9>. Acesso em: 26 set. 2018.

Texto de apoio

Centralização do poder

Foi delineada [...] para a colônia uma estrutura governativa mais centralizada, capaz de intervir nos conflitos locais e diretamente subordinada à Coroa.

[...] o objetivo básico no Brasil passou a ser o controle territorial, criando uma unidade entre os núcleos dispersos e vulneráveis e implantando solidamente as suas próprias instituições políticas. O que El Rey tinha em mira era estabelecer a plena e total submissão da população autóctone, fazendo a guerra aos que não aceitavam o domínio português e retirando aos franceses qualquer respaldo para as suas iniciativas no Brasil. [...]

É possível visualizar com nitidez essa mudança no Regimento de 17/12/1548, formulado para o primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Tratava-se de fortalecer o poder defensivo dos núcleos já existentes, com a fortificação das vilas e povoações. Os próprios engenhos e fazendas deviam ser dotados de estruturas defensivas, como torres e casas-fortes. Todos os moradores que possuíssem casa, terras ou embarcações deveriam dispor de armamento próprio. Era rigorosamente interditada a venda aos "gentios" de qualquer tipo de arma defensiva ou ofensiva (arcabuzes, espingardas, pólvora e munição, bestas, lanças, espadas ou punhais). Para a penetração aos sertões através dos rios, foi autorizada a construção à custa da Fazenda Real de embarcações a remo dotadas de peças de artilharia.

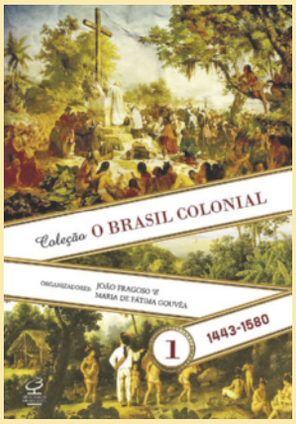
O Regimento recomendava que se favorecessem os índios aliados, proibindo sob pena de açoite (ou multa no caso dos que tivessem um estatuto diferenciado) que os moradores fossem nas aldeias para recrutar trabalhadores ou para comerciar sem autorização expressa do governador. [...]

OLIVEIRA, João Pacheco de. Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). **O Brasil colonial**: 1443-1580. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1. p. 182-183.

Dica de leitura

• FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). **O Brasil colonial**: 1443-1580. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1.

Este é o volume 1 da coleção "O Brasil colonial", organizada por João Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa. Ele reúne artigos de especialistas sobre o período compreendido entre 1443 e 1580. Além de serem bem escritos, os artigos lançam novos olhares sobre temas clássicos, estimulando debates historiográficos e subsidiando a escrita de livros didáticos para o Ensino Fundamental.



EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

IMAGENS EM MOVIMENTO

• TUPINAMBÁS: os primeiros habitantes de Itapuã. Duração: 7min48s. Disponível em: <http://livro.pro/ymwemp>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre o povo Tupinambá.

Duarte da Costa (1553-1558), o segundo governador, também veio acompanhado de vários colonos e de jesuítas. Entre eles estava o padre José de Anchieta, que fundou no planalto de Piratininga, em 1554, o Colégio de São Paulo, origem da vila e, depois, cidade de São Paulo.

Enquanto isso, D. Álvaro da Costa, filho do governador, liderava uma guerra contra os tupinambás no litoral baiano. Conhecida como **Guerra de Itapuã**, essa luta foi vencida pelos portugueses, que tomaram terras dos nativos e as usaram para erguer engenhos.

O governador Duarte da Costa deu pouca atenção às capitanias ao sul, e os franceses se aproveitaram disso para invadir a Baía de Guanabara, onde fundaram uma colônia comercial chamada **França Antártica** (1555). Lá, com a ajuda de tupinambás, inimigos dos portugueses, conseguiram permanecer por doze anos.

MUSEU DO PÁTEO DO COLLEGIO, SÃO PAULO.

Acima, maquete representando a Vila de São Paulo na época de sua fundação. Abaixo, vista do Pátio do Colégio, em São Paulo; nesse local foi erguida a primeira construção da atual cidade de São Paulo. Foto de 2015. O Pátio do Colégio abriga hoje um museu, uma igreja, uma biblioteca temática e importantes projetos sociais.

ALF RIBEIRO/SHUTTERSTOCK.COM

DIVULGAÇÃO PNLD 2021

Texto de apoio

A resistência dos tupinambás

O avanço da colonização não se faz, porém, sem conflitos e resistência por parte dos indígenas. [...] Chegaram aos ouvidos do governador, Duarte da Costa, em maio desse ano [1554], notícias de que os tupinambás estariam atacando engenhos e fazendas na margem direita do rio Paraguaçu, pretendendo reaver terras que lhes haviam sido usurpadas. [...] Pouco tempo depois, surgiram notícias de que seis aldeias tupinambás teriam se reunido e feito um cerco a um engenho de um dos mais destacados colonos. A expedição punitiva partiu com cerca de 200 homens, também sob o comando de Álvaro da Costa, travando uma batalha com cerca de mil tupinambás, que foram vencidos e tiveram suas aldeias queimadas.

Numa terceira fase, no ano seguinte, o governador ordenou que fossem destruídas todas as aldeias em que houvesse cercas (entendidas como preparativos bélicos voltados contra os portugueses), ao fim de que os tupinambás submeteram-se, jurando lealdade a El Rey e comprometendo-se a pagar tributos. [...]

OLIVEIRA, João Pacheco de. Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. **O Brasil colonial**: 1443-1580. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1. p. 194-195.

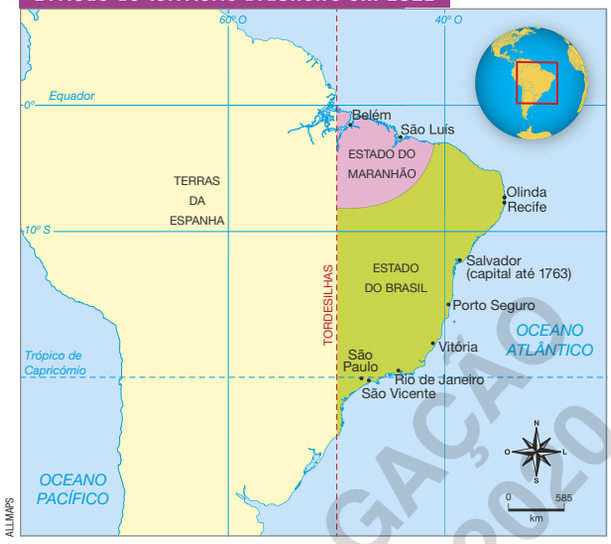
BIBLIOTECA DA AJUDA, PORTUGAL

Baía de Guanabara no final do século XVI. No centro, à esquerda, a recém-criada cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

Mem de Sá (1558-1572), o terceiro governador, também guerreou contra grupos indígenas que resistiam aos portugueses. E, por meio dessas guerras, conseguiu terra e escravos para os engenhos. Além disso, Mem de Sá combateu os franceses que haviam fundado uma colônia comercial na Baía de Guanabara. Durante esse combate, Estácio de Sá, o sobrinho de Mem de Sá, mandou erguer um forte no local, que deu origem à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1565). Dois anos depois os franceses foram expulsos dali.

Em 1621, com o objetivo de melhorar a defesa e o controle do território, a monarquia portuguesa dividiu o território colonial em duas áreas administrativas: **Estado do Maranhão**, com capital em São Luís (que, em 1751, passaria a se chamar Estado do Grão-Pará e Maranhão, com capital em Belém), e **Estado do Brasil**, com capital em Salvador.

Divisão do território brasileiro em 1621



ALLMAPS

Fonte: ATLAS histórico escolar. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 22.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que o incentivo às rivalidades e disputas entre os povos indígenas foi uma estratégia muito usada pelos europeus com o objetivo de dominação e ocupação do território americano.
- Informar que o terceiro governador, Mem de Sá, também se utilizou dessa estratégia e, aliando-se a grupos como os dos Guainá e dos Temiminó, venceu a Confederação dos Tamoios, organização dos nativos revoltados com a dominação portuguesa.
- Esclarecer que, dois anos depois da fundação do Rio de Janeiro, a França Antártica foi vencida e os franceses foram expulsos. Mem de Sá conseguiu, assim, equacionar os problemas herdados do governo anterior e, quando morreu, em 1572, na Bahia, era um homem rico e prestigiado.

Texto de apoio

O Estado do Maranhão

De modo a acelerar a incorporação do litoral setentrional à atividade colonizadora, promoveu-se, em 1621, a divisão da administração da Colônia em dois estados: o Estado do Brasil, que abrangia as capitanias desde o Rio Grande até São Vicente, com sede em Salvador; e o Estado do Maranhão, que reunia os territórios desde o Rio Grande até o Grão-Pará, com sede em São Luís.

Recorria-se, mais uma vez, à fórmula "dividir para povoar; dividir para dominar" na luta pela manutenção do território.

Na decisão a respeito da criação do novo Estado, subordinado diretamente ao Reino, pesou consideravelmente a dificuldade de comunicação marítima, durante a maior parte do ano, entre Salvador e São Luís, devido às correntes marítimas e ao regime de ventos do litoral nordestino.

Na ocupação do Extremo Norte, a Coroa procedeu, principalmente, de três maneiras: pela criação de capitanias reais; pela criação de novas capitanias hereditárias; e pela catequese, realizada por diferentes ordens religiosas, como as dos jesuítas, carmelitas, franciscanos e mercedários.

As capitanias, devido a inúmeras dificuldades, não experimentaram progresso significativo nem impediram a presença estrangeira naquela imensa área. Os choques e ataques contra posições holandesas e inglesas, no Xingu e na costa do Macapá, foram constantes entre 1625 e 1639.

Apenas em 1648, as tropas comandadas por Sebastião Lucena de Azevedo destruíram a última posição holandesa na Amazônia, na região do Macapá.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **O Estado do Maranhão**. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/estado_maranhao.html>. Acesso em: 26 set. 2018.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) A autora do texto é Kaluanã, líder indígena tupinambá.
b) Ela vê como uma invasão das terras indígenas, que ela chama de "nossas terras".
c) Ela defende os interesses dos indígenas tupinambás às terras que tradicionalmente ocupam.
d) Ela usa dois argumentos: 1º: os indígenas já estavam aqui quando Cabral chegou; 2º: a dívida que o governo, os fazendeiros e os coronéis têm com o povo Tupinambá de Olivença.
e) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que a autora quis dizer que, apesar de muitos terem sido mortos, a luta dos Tupinambá em defesa de suas terras continua.

PARA REFLETIR

A história do povo Tupinambá de Olivença que não está nos livros

Há quinhentos anos atrás os portugueses invadiram nossas terras, deram o nome de Brasil a nosso território [...] e apelidaram os nativos como índios, achando que tinham chegado à Índia. [...]

Hoje estamos exigindo nossos direitos, que sabemos que temos desde muito tempo, bem antes da invasão. [...]

Agora os fazendeiros [...] falam que vivem nessa terra há 80 anos, mas eles esquecem que bem antes de Pedro Álvares Cabral invadir o Brasil, nós nativos [...] **tupinambá**, já habitávamos essas terras.

Governo, fazendeiros e **coronéis** não falam dessa dívida que têm com o povo Tupinambá de Olivença. Lembremos que, em 1560, Mem de Sá ordenou que matassem todos os Tupinambá de Olivença, o que ficou conhecido na história como a **Batalha dos Nadadores** no Rio Cururupe, que significa rio dos sapos. Mas também ficou conhecido como rio de sangue, porque a água do rio ficou vermelha como sangue. Centenas de corpos dos guerreiros Tupinambá foram colocados enfileirados no meio da praia. [...]

Mesmo com todo mal que [...] fazem contra nós, índios Tupinambá de Olivença, eles têm que saber que das árvores que eles derrubaram, ficaram muitas sementes e essas sementes brotaram e vêm brotando a cada dia que passa.

Tupinambá: significa "o mais antigo" ou o "primeiro" e se refere a uma grande nação indígena.
Coronéis: título que se dava aos fazendeiros que assumiam cargo de comando na extinta Guarda Nacional.
Batalha dos Nadadores: travada dentro d'água, na região do Cururupe, em Ilhéus (BA), entre homens de Mem de Sá e os tupinambás que reagiam à destruição de suas aldeias.

TUPINAMBÁ, Kaluanã. **Índios *on-line***, ago. 2012. Disponível em: <http://www.indiosonline.net/ha-historia-do-povo-tupinamba-de-olivenca-que-nao-esta-nos-livros/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

a) Quem é a autora do texto?
b) Como a líder indígena vê a chegada de Cabral?
c) Que interesses a autora do texto defende?
d) Que argumentos ela usa em defesa do seu ponto de vista?
e) O que a autora quis dizer no último parágrafo?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O povo Tupinambá de Olivença

No final do século XVII, foi fundado, ao sul da capitania de São Jorge dos Ilhéus, o aldeamento de Nossa Senhora da Escada [...], um espaço de constante luta, resistência e negociações entre os agentes sociais comuns aos aldeamentos. Posteriormente, na segunda metade do século XVIII,

"A vila Nova de Olivença foi criada por Carta Régia em 1758, com sede administrativa instalada na Igreja de Nossa Senhora da Escada. A vila foi caracterizada pelas autoridades provinciais e locais como indígena, justificada pela antiga condição de aldeamento e pelo fato de a maioria dos moradores serem descendentes dos indígenas (Marcis, 2004, p. 78)".

Contudo, o longo e intermitente processo de expropriação cultural e territorial, caracterizado por revoltas e supressão de identidades étnicas, perdurou até o ano de 2002, quando a Funai (Fundação Nacional do Índio) reconheceu a existência dos Tupinambá de Olivença – grupo indígena anteriormente identificado como "caboclo", visto que o conflito de terras na região gerava o risco de morte ao se autoafirmar indígena –, e deu início à demarcação de terras (questão não resolvida e que ainda hoje engendra conflitos entre índios e fazendeiros).

PROFICE, Christiana Cabicieri; SANTOS, Gabriel Moreira; ALMEIRA, Nathane Matos. As brincadeiras entre crianças tupinambá de Olivença: tradições passadas por gerações. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 264, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2014n30p59/27691>. Acesso em: 26 set. 2018.

As Câmaras Municipais

Com o avanço da colonização na América portuguesa, o rei de Portugal criou as Câmaras Municipais, órgãos encarregados de administrar as **vilas** e **cidades** brasileiras. Os vereadores das câmaras eram eleitos entre os **"homens bons"**, isto é, pessoas com riqueza e prestígio social, a exemplo dos grandes proprietários de terra e dos grandes comerciantes. Pesquisas recentes demonstram que era isso que acontecia nas Câmaras Municipais de Salvador, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para ser vereador não bastava riqueza ou prestígio; era preciso ter "pureza de sangue": não eram aceitos descendentes de negros nem de judeus.

Reunidos nas Câmaras, os "homens bons" decidiam, entre outras coisas:

a) a realização de obras públicas (calçadas, estradas e pontes);

b) alguns impostos, a exemplo dos que eram pagos pelos vendedores ambulantes;

c) a conservação, limpeza e arborização das ruas;

d) os salários pagos a trabalhadores livres;

e) o abastecimento de gêneros da terra, como farinha de mandioca.

Se por um lado os vereadores dessas câmaras representavam os interesses do rei de Portugal e tinham de cumprir suas ordens, por outro, enquanto habitantes da Colônia, tinham interesses próprios que divergiam dos do rei. Eram comuns, por exemplo, as divergências em torno do preço do açúcar: os senhores do engenho pediam um preço maior do que aquele que os comerciantes portugueses queriam pagar. Quando isso acontecia, os vereadores das câmaras escreviam para o governador pedindo que ele os ajudasse junto ao rei.

Prédio onde funcionava a Câmara Municipal de Diamantina (MG). Hoje é sede do fórum da cidade. Fotografia de 2014.

Texto de apoio

O texto a seguir é da doutora em História Social pela UFRJ Angélica Ricci Camargo.

Câmaras municipais

As câmaras municipais começaram a ser criadas na colônia a partir de 1532, no contexto da primeira expedição colonizadora portuguesa na América, comandada por Martim Afonso de Souza, constituindo-se, ao longo do período colonial, como base local da administração portuguesa e reunindo competências das esferas administrativa, judiciária, fazendária e policial. A primeira câmara instalada foi a da vila de São Vicente.

As câmaras eram instituídas nos locais com estatuto de vila e podiam ser criadas por um decreto real ou por meio de uma petição dos moradores locais ao rei [...]. Em Portugal, a municipalização do espaço político data dos séculos XII e XIII, com a penetração do modelo islâmico de organização dos quadros administrativos municipais. Nos séculos seguintes, após a reconquista cristã do território, a Coroa passou a supervisionar a justiça exercida pelos poderes locais, em uma tentativa de impor leis gerais sobre os costumes e padronizar o modelo de unidade administrativa e judicial de primeira instância. Assim, uma série de oficiais periféricos da administração real, ligada ao centro por relações hierárquicas, foi criada para exercer o controle sobre a administração local [...].

Segundo as Ordenações Filipinas, de 1603, as câmaras seriam formadas através de eleições realizadas a cada três anos, das quais somente os considerados "homens bons" poderiam ser eleitores e elegíveis. Sua composição era formada por juízes ordinários, vereadores, procurador e almotacé, que se constituíam em ofícios honorários, geralmente eleitos e, em princípio, não remunerados. Além destes, havia o escrivão da Câmara, o escrivão da almotaçaria, o tesoureiro, os tabeliães das notas, os tabeliães judiciais, os inquiridores, os distribuidores, o alcaide-pequeno, o porteiro, os contadores de feitos e custas, os solicitadores, o escrivão das sisas, os quadrilheiros, o carcereiro, o meirinho, o juiz dos órfãos e o escrivão dos órfãos.

O cargo de juiz ordinário acumulava a função de presidente da Câmara. Cabiam-lhe a aplicação da lei em primeira instância e a fiscalização dos outros funcionários. Também deveria exercer a função de juiz dos órfãos onde não houvesse esse ofício. De acordo com as Ordenações, os juízes ordinários teriam que realizar audiências em dois dias na semana nos concelhos, vilas e lugares com sessenta vizinhos, e em um dia nos lugares com menor número de moradores. [...]

CAMARGO, Angélica Ricci. Câmaras municipais. **Arquivo Nacional**, 9 nov. 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/141-camaras-municipais>. Acesso em: 26 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: AS CÂMARAS municipais no império português: o exemplo do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livro.pro/zn8gxz>. Acesso em: 26 set. 2018.

DIGITAL PRO

ENCAMINHAMENTO

- Ressaltar que, ao se decidir pela colonização do Brasil, iniciada por volta de 1530, a Coroa portuguesa tinha pela frente três desafios: escolher o produto que seria usado para impulsionar o aproveitamento econômico da terra; buscar capital para financiar a produção; e conseguir mão de obra adequada ao trabalho.
- Esclarecer que o produto escolhido para dar início à colonização foi o açúcar de cana, especiaria de elevado valor na Europa. Os portugueses tinham experiência anterior com o açúcar nas suas possessões atlânticas: Ilha da Madeira, de Cabo Verde e ilhas de São Tomé e Príncipe. Os engenhos dessas regiões já empregavam a mão de obra africana escravizada. Da Ilha da Madeira vieram as mudas e os profissionais capacitados para trabalhar no Engenho do Governador, de Martim Afonso de Sousa, em São Vicente (SP). A partir daí, construíram-se vários engenhos, especialmente no Nordeste, onde a cana encontrou solo e clima favoráveis ao seu cultivo.

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador Stuart B. Schwartz.

Como se cria um país

O Brasil colonial não nasceu do açúcar, mas do pau-brasil. Foi a famosa madeira, da qual se extrai um corante, que primeiro deu motivos aos portugueses para se estabelecerem e explorar a terra a que tinham chegado em 1500. Porém, foi a introdução da cana-de-açúcar e dos engenhos, com sua tecnologia para a produção de açúcar, os verdadeiros responsáveis por transformar a colônia três décadas depois desse primeiro contato. O açúcar foi a madrasta da colonização, que por quase dois séculos regeu a história econômica, social e política do Brasil. E, em algumas regiões, continua a dominar.

Ao longo da costa brasileira – primeiro em São Vicente, Pernambuco e Bahia, depois no Rio de Janeiro e em outras áreas – foi no espaço dos engenhos que a sociedade colonial tomou forma. [...]

Nessas verdadeiras indústrias, os brancos eram os donos das terras e das moendas. Os indígenas e depois os africanos eram a força de trabalho. E cabiam aos brancos pobres, mulatos, mestiços e libertos os chamados "ofícios mecânicos". [...]

Até o surgimento de Minas Gerais como força econômica, era comum dizer que o Brasil era uma "sociedade e civilização do açúcar".

É fácil entender por quê. A produção do açúcar cresceu de forma rápida especialmente em Pernambuco e na Bahia. [...] A riqueza estava sendo criada. No fim do século XVII, o lucro que a colônia dava a Portugal já era 50% maior que o seu custo de manutenção. Esse período de rápida expansão no século XVI, quando algumas fortunas foram criadas, foi em função dos altos preços do açúcar no mercado europeu. Já na década de 1620, guerras e retrações econômicas diminuíram as margens de lucros. [...]

SCHWARTZ, Stuart B. Doce Lucro. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 8, n. 94, 1º jul. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160411063334/http://rhbn.com.br/secao/capa/doce-lucro>. Acesso em: 27 set. 2018.

A economia colonial

Para dar início à exploração da América portuguesa, o rei de Portugal escolheu o açúcar de cana. Havia três boas razões para essa escolha: a) o solo, o clima do litoral nordestino e a existência de floresta para obtenção de madeira (lenha) favoreciam o cultivo e o beneficiamento da cana; b) os portugueses já tinham produzido açúcar nas ilhas da Madeira e Cabo Verde; c) o açúcar alcançava bons preços na Europa, gerando recursos para a monarquia portuguesa. Inicialmente, os capitais investidos nos primeiros engenhos foram emprestados por holandeses, italianos e portugueses. Mas algum tempo depois os senhores de engenho já produziam açúcar com capitais próprios.

Quanto à **mão de obra**, a monarquia portuguesa autorizou o governo-geral a promover "**guerras justas**" contra os indígenas a fim de escravizá-los. Isso explica por que os três primeiros governadores-gerais fizeram guerras aos nativos, destruíram aldeias e obtiveram terras e escravos para os engenhos. Basta ver que, em 1572, no engenho Sergipe do Conde, um dos maiores da Bahia, mais de 90% dos trabalhadores eram indígenas.

Guerras justas: guerras travadas contra indígenas hostis aos portugueses e considerados "bárbaros" por eles.

COLEÇÃO PARTICULAR

O desenho é uma das raras imagens de resistência indígena ao avanço dos colonizadores. A cena buscou representar os Kaingang resistindo à ocupação de suas terras onde é hoje o Paraná. **Conquista dos campos de Guarapuava**, atribuída a Joaquim José de Miranda, século XVIII.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Chegam os africanos

Na passagem do século XVI para o XVII, no Nordeste, os senhores de engenho começaram a comprar africanos para substituir os indígenas no trabalho. E o fizeram pelas seguintes razões: a) a falta de indígenas nas áreas açucareiras por fuga ou morte devido a doenças e maus-tratos; b) os interesses envolvendo o tráfico de africanos pelo Atlântico; c) a experiência dos africanos na produção de açúcar nas plantações portuguesas das ilhas de Cabo Verde e Madeira.

Muitos africanos trazidos para o Brasil nos séculos XVI e XVII eram bantos, povos agricultores e pastores com grande domínio da metalurgia do ferro.

ERIC LAFFORGUE/EASYPIX BRASIL

ERIC LAFFORGUE/CORBIS/GETTY IMAGES

Rapaz angolano e moça moçambicana em fotografias atuais. Ambos indivíduos pertencem a povos bantos.

O engenho

Nos tempos coloniais, o açúcar era produzido em engenhos. Inicialmente, engenho era o nome que se dava ao equipamento usado na fabricação do açúcar. Com o tempo, passou a significar um conjunto que incluía as matas, o canavial, a casa de engenho (onde se produzia o açúcar), a roça (onde se plantavam os alimentos), a casa-grande (habitação do senhor do engenho), a senzala (moradia dos escravos), a capela (onde se realizavam batizados, missas etc.) e a moradia dos trabalhadores livres.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Reforçar a ideia de que os africanos foram forçados a abandonar suas terras e vir para o Brasil.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: A DINÂMICA da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Disponível em: <http://livro.pro/6f5rnf>. Acesso em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- AÇÚCAR e escravidão africana. Duração: 6min5s. Disponível em: <http://livro.pro/xiakvc>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre a escravidão africana e a produção do açúcar.

- INFLUÊNCIAS da cultura africana no Brasil. Duração: 4min39s. Disponível em: <http://livro.pro/yb4it3>. Acesso em: 26 set. 2018.

Reportagem sobre o legado africano para a cultura brasileira.

+ATIVIDADES

- No século XVI, em muitos engenhos coloniais, a maioria dos trabalhadores era formada por indígenas, não por africanos. Durante o século seguinte, essa situação se inverteu. Como você explica isso?

O fator principal da crescente substituição da mão de obra indígena pela africana nos engenhos foi a alta lucratividade do tráfico negreiro.

Texto de apoio

O legado dos africanos no Brasil

A participação da África na construção do Brasil e de seu povo começou muito cedo, desde a segunda metade do século XVI. A África está presente nos ditos, histórias e canções que repetimos ao longo da vida, nos brinquedos infantis tradicionais, nos bichos-papões que povoavam os medos de nossa meninice, nas festas e danças populares, na maneira como nos cumprimentamos, no jeito de estar em casa e na rua – em suma, em quase tudo. Já vimos como as religiões de origem africana se expandiram no Brasil. E como a África impregnou a nossa infância. [...]

No nosso dia a dia e, mais importante ainda, em nossa gente. É raro um brasileiro adulto cujos bisavós já viviam no Brasil que não tenha pelo menos um antepassado africano. A África está, portanto, no sangue da grande maioria do nosso povo. E, ainda que disto muitos não tenham consciência, na alma de quase todos.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2012. p. 156-157.

ENCAMINHAMENTO

- Explicar que o engenho era uma grande propriedade com dois setores principais: o canavial e o engenho propriamente dito, local onde a cana era transformada em açúcar.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: CASA-GRANDE (engenho). Disponível em: <http://livro.pro/6yuv2e>; e ENGENHOS do Recôncavo Baiano. Disponível em: <http://livro.pro/7j7ty7>. Acessos em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GUERRA pelo açúcar: histórias do Brasil. Duração: 26min19s. Disponível em: <http://livro.pro/yzojsd>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre o período colonial e a produção açucareira no Brasil.

- COLONIZAÇÃO: histórias do Brasil. Duração: 27min7s. Disponível em: <http://livro.pro/52j5rk>. Acesso em: 26 set. 2018.

A colonização do Brasil narrada por historiadores.

Texto de apoio

Os engenhos açucareiros no Brasil

A história do Brasil dos primeiros séculos confunde-se com a história do açúcar.

Foi no engenho que se formou a sociedade patriarcal açucareira, da qual uma das sínteses pode ser representada pelo binário casa-grande e capela. Entre os séculos XVI e XIX, conjuntos de engenhos foram instalados ao longo de quase todo o litoral brasileiro, com maior concentração nas áreas que correspondem hoje aos estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

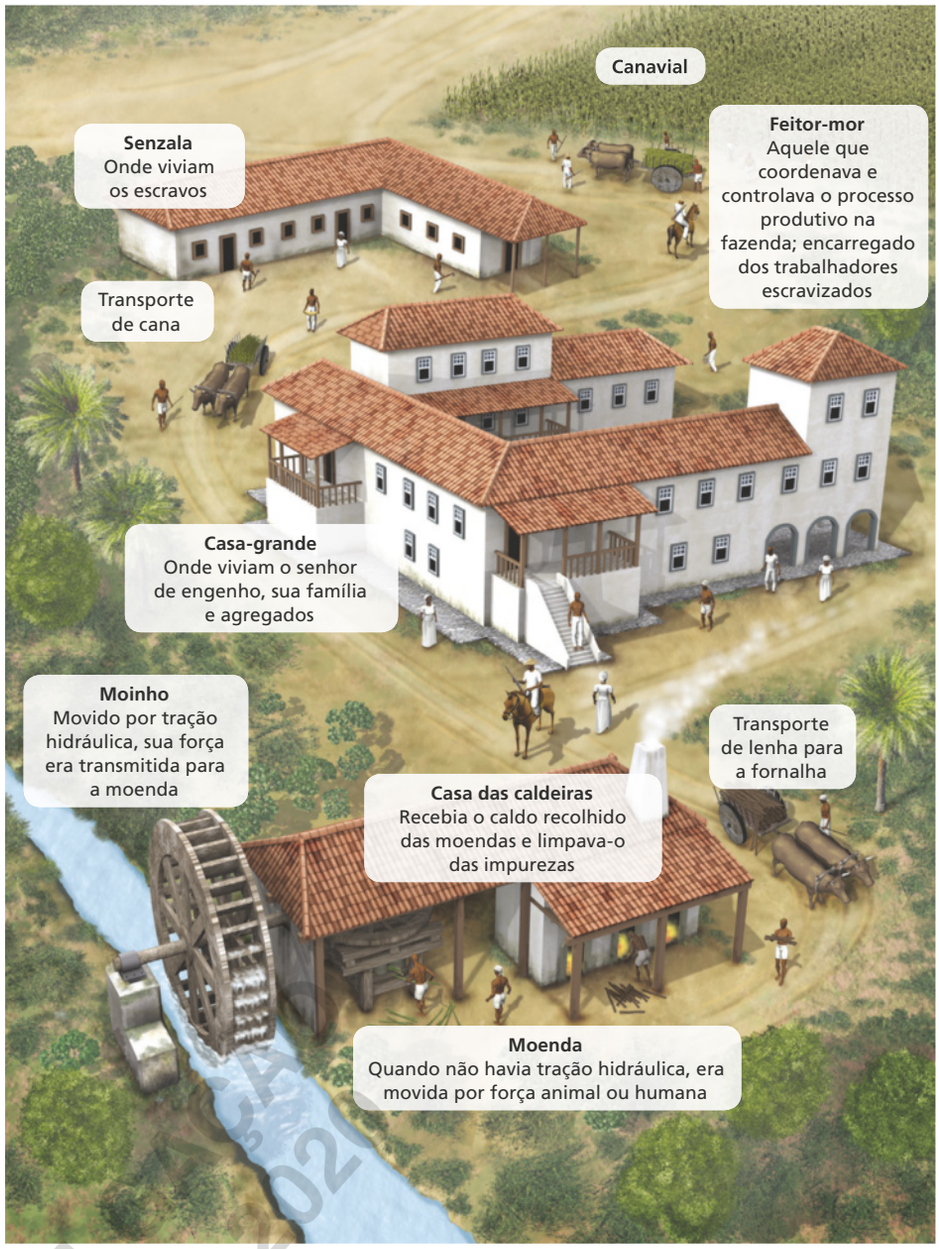
Os engenhos eram grandes complexos arquitetônicos com edificações que cumpriam funções diferenciadas e imbricadas entre si. O número de edificações e os partidos (ou padrões) arquitetônicos variavam de acordo com a capacidade de produção e a importância de cada um. Alguns complexos assumiam o caráter de povoações semiautônomas, enquanto outros se restringiam ao indispensável para a produção do açúcar.

Desde o século XVI, há notícias de engenhos que se destacavam por reunir casas de moendas, cozimento e purga, além de casa-grande e capela, todas construídas em pedra e cal. Havia ainda construções mais simples, como as casas de trabalhadores livres e senzalas, construídas em taipa ou adobe e recobertas com palha.

No século XVII, aparecem nesses conjuntos, "[...] além das senzalas dos escravos e além das moradas do capelão, feitores, mestre, purgador, banqueiro e caixeiro, uma capela decente em seus ornamentos e todo o aparelho do altar, e umas casas para o senhor do engenho com seu quarto separado para os hóspedes que, no Brasil, na falta total de estalagens, são contínuas, e o edifício do engenho, forte e espaçoso, com mais oficinas e casa de purgar, caixaria, lambique e outras cousas".

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Engenhos do Recôncavo Baiano**. Brasília: Iphan: Programa Monumenta, p. 9-10, 13-14, 2009. (Roteiros do Patrimônio, 7). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat7_EngenhosReconcavoBaiano_m.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

Engenho colonial



Fonte: REVISTA de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, ano 9, n. 94, p. 31, jul. 2013.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

O trabalho no engenho

1. Depois de plantar e cortar a cana, os escravizados transportavam-na nos ombros ou em carros de bois até a moenda.

2. Na moenda, a cana era moída. O caldo escorria por calhas até um recipiente grande. Dali era retirado em vasilhas e levado até as caldeiras.

3. Na casa das caldeiras, o caldo era cozido em grandes tachos e se retiravam dele as impurezas. Daí o melado grosso era colocado em formas de barro, com um orifício no fundo, e levado para a casa de purgar.

4. Na casa de purgar, o melado permanecia nessas formas até se cristalizar. Durante a formação dos cristais de açúcar, o furo das formas permanecia fechado. Depois era aberto, permitindo a passagem do mel.

5. Depois, o açúcar era retirado das formas com o formato de um bloco duro (os pães de açúcar). Eles eram encaixotados e transportados nos ombros dos escravos ou em carros de bois até os pontos de venda. Repare os trabalhadores retirando os potes de açúcar das formas.

ILUSTRAÇÕES: GETULIO DELPHIN

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A PRODUÇÃO açucareira. Duração: 1min42s. Disponível em: <http://livro.pro/hzkts5>. Acesso em: 26 set. 2018.

Animação sobre o processo de produção do açúcar na época colonial.

- CULTURA do açúcar: episódio 1. Duração: 29min35s. Disponível em: <http://livro.pro/sztsxq>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre o período colonial, a produção nos engenhos e aspectos importantes da produção açucareira no Brasil.

Texto de apoio

A produção de açúcar

[...] a cana-de-açúcar [...] e seu produto, o açúcar, determinavam boa parte da estrutura do engenho. Embora houvesse variações regionais, o processo aqui descrito era basicamente o mesmo em toda a América. A primeira colheita costumava levar de 15 a 18 meses para amadurecer, mas depois, nos três ou quatro anos seguintes, o mesmo campo forneceria nova colheita mais ou menos a cada nove meses sem replantio. A colheita, ou safra [...], começava no final de julho e continuava por oito ou nove meses. Durante esse período o engenho fervilhava de atividade. Os escravos cortavam a cana e enchiam com ela os carros de boi, que eram então levados para o engenho propriamente dito. Ali outra equipe de escravos produzia o açúcar de cana sob a direção de técnicos e com a ajuda de artesãos que podiam ser escravos ou livres. O processo era difícil e complicado. Primeiro a cana era passada por uma prensa de roletes verticais, que, nos grandes engenhos, era movida a água, e nos pequenos, por juntas de bois. O caldo extraído da cana passava então por uma série de tachos, onde era fervido e clarificado até ficar suficientemente limpo para fazer açúcar. O líquido era despejado em moldes cônicos, colocados em longas filas de pranchas num local especial para secagem. Depois de mais drenagem, que levava de três semanas a um mês, os moldes eram abertos para a retirada do açúcar cristalizado na forma característica de "pão de açúcar". A melhor qualidade tinha menos impurezas e era, assim, de cor branca. O açúcar marrom (mascavo) era vendido por preço mais baixo, e o de qualidade inferior era usado muitas vezes para fabricar aguardente. Depois o açúcar era secado, armazenado em grandes caixotes e levado de barco ou de carro de boi para Salvador, Recife ou algum porto menor para ser embarcado para a Europa.

Como se pode ver, o açúcar era um produto especial porque envolvia não apenas agricultura, mas também um processamento altamente técnico. A necessidade de processar a cana no local de origem fazia com que cada engenho fosse uma combinação de empreendimento agrícola e industrial. [...] Além disso, as exigências de mão de obra do cultivo da cana e da produção do açúcar eram grandes e terríveis. Durante a colheita, o engenho funcionava de dezoito a vinte horas por dia. [...]

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 246-247.

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que a lavoura canavieira foi, como se sabe, o principal setor da economia colonial. Mas no Brasil se produziam também outros gêneros, como fumo, aguardente, carne, couro, farinha, algodão, além de cacau, castanha-do-pará e salsa, que serviam tanto à exportação quanto ao mercado interno colonial.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: MEMÓRIAS de um velho engenho. Disponível em: <http://livro.pro/wtz4wj>. Acesso em: 26 set. 2018.

Dica de leitura

- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001.

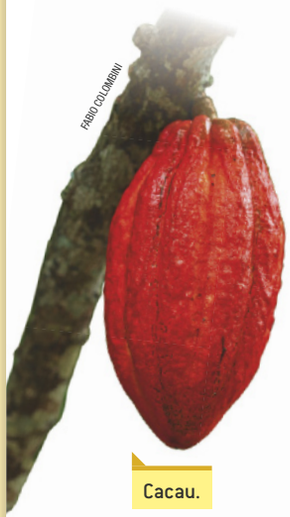
O historiador Boris Fausto trata da história do Brasil com sensibilidade e pertinência, apresentando dados estatísticos que permitem ampliar a visão sobre os processos históricos do país.

EDITORA EDUSP

América portuguesa: um grande canavial?

Durante muito tempo, a América portuguesa foi descrita nos livros de História como um grande canavial escravista voltado exclusivamente para a venda de açúcar à Europa. Segundo essa visão, a economia colonial não tinha uma dinâmica própria, pois dependia das vendas para o exterior. Estudos recentes, no entanto, provaram que a economia colonial era diversificada e tinha dinâmica própria, como veremos a seguir.

Agricultura diversificada



FABIO COLOMBINI

Cacau.

EDSON GRANDISOLI/PULSAR IMAGENS

Castanha-do-pará.

No Brasil colonial, além do açúcar, eram produzidos muitos outros gêneros, como fumo, algodão, cacau, castanha-do-pará, guaraná, couro e alimentos como mandioca, feijão, milho, frutas e legumes.

O **fumo** ou tabaco, planta conhecida dos indígenas, começou a ser cultivado a partir do século XVII, no interior da Bahia, incluindo Sergipe, então comarca baiana, e no litoral de Pernambuco. Há notícias de sua produção também no Pará, Maranhão e Rio de Janeiro. Por ser mais simples e mais barata do que o cultivo de cana-de-açúcar, a lavoura fumageira cresceu rapidamente. Ao lado da cachaça, era um produto muito consumido, tanto no território colonial quanto no exterior. O tabaco não se destinava somente à Europa, mas circulava por todo o império português. Nas Índias, era trocado por tecidos e na África, por escravos.

Algodão.

FABIO COLOMBINI

O **algodão**, um produto nativo da América, também era conhecido dos indígenas, que o utilizavam, entre outras coisas, para tecer suas redes. Na colônia portuguesa, o cultivo de algodão ganhou importância no século XVIII, quando a região dos atuais estados do Maranhão, Pernambuco, Ceará e Pará se destacou como grande exportadora de fibras para as fábricas da Inglaterra.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Economia global

[...] A tendência à especialização no cultivo da cana trouxe como consequência uma contínua escassez de alimentos, incentivando a produção de gêneros alimentícios, especialmente da mandioca.

O fumo foi a maior atividade destinada à exportação, embora estivesse muito longe de competir com o açúcar. A grande região produtora localizou-se no Recôncavo baiano. Produziram-se vários tipos de fumo, desde os mais finos, exportados para a Europa, até os mais grosseiros, que foram importantes como moeda de troca na costa da África. A viabilidade da produção em reduzida escala permitiu a existência de um setor de pequenos proprietários, formado por antigos produtores de mandioca ou imigrantes portugueses com poucos recursos. [...]

A criação de gado começou nas proximidades dos engenhos, mas a tendência à ocupação das terras mais férteis para o cultivo da cana foi empurrando os criadores para o interior. Em 1701 a administração portuguesa proibiu a criação em uma faixa de oitenta quilômetros da costa para o interior. A pecuária foi responsável pelo desbravamento de "grande sertão". Os criadores penetraram no Piauí, Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e, a partir da área do rio São Francisco, chegaram aos rios Tocantins e Araguaia. No fim do século XVII existiam propriedades no sertão baiano maiores do que Portugal e um grande fazendeiro chegava a possuir mais de 1 milhão de hectares em terra. [...]

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001. p. 43-44.

A pecuária teve, desde cedo, importante papel nos engenhos coloniais, onde fazia girar a moenda, transportava a cana e servia como alimento. Os carros de boi eram usados também para transportar pessoas e artigos que circulavam pela colônia. A pecuária era, portanto, um setor decisivo para o funcionamento da economia colonial como um todo. No século XVII, já havia uma pecuária diversificada que incluía bovinos, ovinos, equinos e muares, além de aves. Os currais atendiam tanto à população do engenho quanto à das vilas e cidades.

MUSEUS CASTRO MAYA, RIO DE JANEIRO

Prancha de Jean-Baptiste Debret de 1835, intitulada **Transporte da carne de corte**.

Produção de alimentos

Havia uma grande quantidade de chácaras nas proximidades dos engenhos e ao redor de vilas e cidades. Essas chácaras cultivavam:

- mandioca, da qual se fazia farinha, era bastante cultivada na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro;
- feijão, milho e legumes;
- frutas, com destaque para o limão, a laranja e a banana.

FABIO COLOMBINI

Mandioca.

FERNANDO BUENO/PULSAR IMAGENS

Milho.

Essa produção de alimentos abastecia os produtores e suas famílias, a população dos engenhos, as vilas e as cidades coloniais. Essas lavouras todas, portanto, produziam para o **mercado interno**.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Refletir sobre o texto de Gabriel Soares de Souza, no Tratado Descritivo do Brasil (1587), referindo-se a uma das várias espécies da mandioca, o aipim:

> Dá na nossa terra outra casta de mandioca, que o gentio chama aipins, cujas raízes são da feição da mesma mandioca, e para se recolherem estas raízes as conhecem os índios pela cor dos ramos, no que atinam poucos portugueses. E estas raízes dos aipins são alvíssimas; [...] Destes aipins se aproveitam nas povoações novas, porque como são de cinco meses, se começam a comer assadas, e como passam de seis meses fazem-se duros, e não se assam bem, mas servem então para beijus e para farinha fresca, que é mais doce que a da mandioca, as quais raízes duram pouco debaixo da terra, e como passam de oito meses, apodrecem muito. Os 4 índios se valem dos aipins para nas suas festas fazerem deles cozidos seus vinhos, para o que os plantam mais que para os comerem assados, como fazem os portugueses. [...]

SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil (1587). In: PINTO, Maria Dina Nogueira. **Mandioca e farinha**: subsistência e tradição cultural. Disponível em: <http://www.mao.org.br/wp-content/uploads/pinto_01.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: FAMÍLIA escrava e pecuária. Disponível em: <http://livro.pro/c5utmf>. Acesso em: 26 set. 2018.

Texto de apoio

Economia colonial e mercado interno

Ao tomar a sociedade colonial brasileira como intrinsecamente ligada ao mercado exterior e absolutamente dependente dele, alguns autores fazem uma análise limitada da economia do período. O predomínio, então tido como vigente, da *plantation*, entendida como um latifúndio monocultor e escravista para exportação, reduziria qualquer outra atividade a uma posição dependente deste setor, e as lavouras de alimentos seriam também desajustadas e absolutamente oscilantes. [...]

Na região das minas, desde o início do século XVIII, era grande a utilização da mão de obra escrava na produção de alimentos, com a pecuária ocupando lugar de destaque. De acordo com estimativas populacionais, em 1819 essa capitania possuía cerca de 632 000 habitantes, dos quais 168 500 eram escravos. Tratava-se da maior concentração de cativos de toda a colônia (15% do total). Esse fato assume maior relevância se levarmos em conta que a capitania não concentrava a sua escravaria em atividades de exportação, mas sim naquelas que se destinavam ao abastecimento interno, formando um complexo agropecuário mercantilizado. Trabalhos recentes demonstraram a existência de vastas áreas da capitania ligadas não apenas ao abastecimento regional, mas principalmente ao fornecimento de gêneros para o Rio de Janeiro. [...]

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998. p. 58-59.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Não, pois, na prática, os colonos do Brasil comerciavam com o Rio da Prata, no sul da América, com Costa da Mina, Angola e Moçambique, na África, e com Índia, Goa e Macau, na Ásia.

b) Eram os mercadores de escravos residentes no Brasil. **Professor**: estudos recentes indicam que os mercadores das praças do Rio de Janeiro e de Salvador acumulavam fortunas com o tráfico atlântico. Um divisor de águas quanto ao tráfico atlântico no final do século XVIII é a obra de Manolo Florentino: **Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

c) Resposta pessoal. A questão visa ajudar os alunos a refletir sobre a importância da pesquisa para o conhecimento do passado e do presente e dos vínculos entre um e outro.

• Aprofundar o assunto acessando o texto: O BRASIL colonial: possibilidades interpretativas. Disponível em: <http://livro.pro/vy68bg>. Acesso em: 26 set. 2018.

Texto de apoio

Colônia sem pacto

[...] esses comerciantes eram infinitamente mais ricos do que os senhores de terras e escravos. Era aquele grupo mercantil residente no Brasil que se colocava como a elite econômica. Havia riquezas sendo geradas na produção agrária, na pecuária e na extração de metais preciosos, mas quem abocanhava a fatia mais grossa eram justamente os comerciantes. E suas práticas mercantis não se restringiam ao tráfico negreiro, participando do comércio interno de alimentos, de práticas de agiotagem e da aquisição de contratos da Coroa portuguesa para a cobrança de impostos. [...]

Pode-se dizer que Portugal "terceirizou" a cobrança de impostos. [...]

Durante muito tempo, acreditou-se que as relações entre colônia (Brasil) e metrópole (Portugal) eram reguladas pelo **Pacto Colonial**. Ou seja, pela obrigação de o Brasil colonial só comerciar com Portugal, sua metrópole. Pesquisas recentes, no entanto, mostraram que não era bem assim. Leia o que a professora Sheila de Castro Faria diz sobre o assunto.

PARA REFLETIR

Colônia sem pacto colonial

[...] No lugar da imagem de colonos engessados pela metrópole, vem à tona um grande dinamismo nas relações comerciais dos principais portos do Brasil com o rio da Prata, no sul da América, com Costa da Mina, Angola e Moçambique, na África e com Índia, Goa e Macau na Ásia. [...] Colonos do Brasil, portanto, comercializavam diretamente com outras regiões, furando a ideia de "pacto colonial".

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Novos estudos informam que na colônia havia um intenso comércio interno, como sugere a imagem desse armazém de secos e molhados. **Venda no Recife**, obra de Rugendas.

Por outro lado, os comerciantes que forneciam escravos para o Brasil no século XVIII negociavam diretamente com traficantes e chefes locais da África. Eram esses comerciantes, residentes no Brasil, que [...] detinham o monopólio do lucrativo tráfico negreiro – e não a metrópole.

Monopólio: exclusividade.

FARIA, Sheila de Castro. Colônia sem pacto. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 34, p. 71, jul. 2008.

a) O pacto colonial era o compromisso de a colônia (Brasil) só comerciar com a metrópole (Portugal); segundo o texto, era isso mesmo que acontecia? Justifique.

b) Ainda segundo o texto, quem detinha o controle sobre o tráfico de escravos no Brasil no século XVIII?

c) **Em dupla**. Pesquisas recentes sobre o comércio do Brasil colonial com outras partes do mundo alteram muito o que se sabia sobre o assunto. Reflitam e respondam: qual é a importância da pesquisa sobre o passado em História?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Havia um importante mercado interno que relacionava os mais diversos setores de produção e de serviços aos negociantes que faziam as vezes de patrocinadores da empresa colonial agroexportadora. [...]

O duradouro e amplo comércio de negociantes residentes no Brasil, com variados agentes estrangeiros e diversos postos e a cobrança de impostos por parte de arrematates particulares, põe em xeque as teorias do "pacto colonial" e do "exclusivo metropolitano". O sistema que vigorou no Brasil se revelou bastante maleável. As novas perspectivas sobre a dinâmica dos impérios coloniais mostram que o pacto parece ter sido mais um projeto, um ideal a ser perseguido, do que uma realidade de fato. [...]

FARIA, Sheila de Castro. A colônia é mais embaixo. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 3, n. 34, 7 jul. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160416045413/http://rhbn.com.br/secao/educacao/a-colonia-e-mais-embaixo>. Acesso em: 27 set. 2018.

A sociedade colonial

Novos estudos lançam um novo olhar sobre a sociedade colonial.

Primeiramente, é preciso dizer que na América portuguesa havia várias regiões econômicas e diversas "sociedades".

A seguir, estudaremos alguns aspectos importantes da sociedade colonial açucareira. Além dos senhores de engenho, havia nela comerciantes, lavradores de cana, roceiros, vaqueiros, trabalhadores assalariados e escravizados. Os senhores de engenho eram livres e brancos; os que trabalhavam nos canaviais geralmente eram negros, em boa parte africanos. Mas havia também técnicos e artesãos livres, escravos, brancos, mestiços ou negros.

A nobreza da terra

O grupo social de maior prestígio na sociedade açucareira era o dos **senhores de engenho**. Eram eles os donos das terras, do maquinário e dos escravizados.

Muitos senhores de engenho descendiam dos primeiros colonizadores portugueses e se consideravam a nobreza da terra. Os laços de sangue, reforçados por casamentos entre pessoas dessa nobreza, ajudavam a preservar o prestígio e o poder desse grupo social.

A nobreza da terra expandia seu poder para além do mundo rural, ocupando cargos importantes nas Câmaras Municipais das vilas e cidades coloniais.

Nas proximidades dos grandes engenhos viviam também homens livres, conhecidos como "**lavradores de cana**", assim chamados porque possuíam terras onde cultivavam cana-de-açúcar, mas dependiam do senhor para moê-la. Em troca, pagavam com uma parte do açúcar obtido.

A moradia do senhor de engenho era a casa-grande, assim descrita pelo escritor Gilberto Freyre:

Fac-símile da capa do livro **O Brasil colonial**, v. 1 (1443-1580), organizado por João Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa.

> [...] possuía paredes grossas de pedra e cal cobertas de telha, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais, [...] várias salas, quartos, corredores, duas cozinhas, despensa, capela.
>
> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2006. p. 10.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, no Brasil colonial, as regiões se diferenciavam: a paulista do século XVII (com seus bandeirantes e indígenas) era, por exemplo, muito diferente da açucareira nordestina. Embora diferentes e espalhadas por todo o território, elas tinham pelo menos duas características comuns: a escravidão, presente em quase todo o território colonial, e uma hierarquia excludente, que garantia direitos, poder e prestígio a poucos.
- Destacar que, mesmo sendo essencialmente escravista, a sociedade colonial açucareira possuía certa complexidade: os senhores de engenho eram livres e brancos e os trabalhadores das plantações eram, geralmente, negros escravizados, quase sempre africanos. Mas, entre os administradores, técnicos e artesãos, havia indivíduos escravos, libertos, livres, brancos, mestiços e negros.
- Esclarecer que, no início do século XVII, eles já constituíam um grupo social razoavelmente estruturado e unido por casamentos entre seus membros. Esses proprietários exerciam o poder localmente, tanto na esfera pública (ocupando alguns cargos nas Câmaras Municipais) quanto na esfera privada, na qual buscavam impor sua vontade a todos os habitantes do engenho. Daí se dizer que a família senhorial no Brasil daqueles tempos era patriarcal.
- Aprofundar o assunto acessando o texto: INTERPRETAÇÕES da colônia. Disponível em: <http://livro.pro/8dy55g>. Acesso em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- OS CEARENSES: Ceará colonial. Duração: 29min30s. Disponível em: <http://livro.pro/dimqs4>. Acesso em: 26 set. 2018.

A história da colonização do Ceará.

+ATIVIDADES

- O trecho a seguir foi escrito pelo padre André João Antonil, que viveu no Brasil colonial. Com base nele, responda ao que se pede.

> O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado de muitos. E se for, qual deve ser, homem de cabedal e governo, bem se pode estimar no Brasil o ser senhor de engenho [...]. Porque engenhos há na Bahia que dão ao senhor quatro mil pães de açúcar [...].
>
> ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. São Paulo: Edusp, 2007. p. 79.

a) O que era necessário para ser senhor de engenho?
Ter cabedal, isto é, riqueza que, no caso da sociedade colonial açucareira, estava associada ao maquinário e ao número de trabalhadores que um senhor possuía.

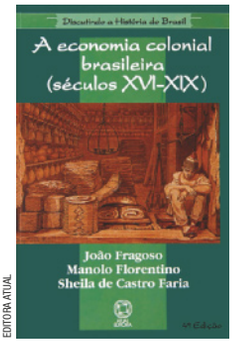
b) Que vantagens isso dava a quem possuía esse título?
"Ser servido, obedecido e respeitado de muitos"; além disso, a atividade do senhor de engenho possibilitava o enriquecimento.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que a propriedade da terra dava poder e prestígio ao seu possuidor, já o comércio possibilitava riqueza. Grandes comerciantes enriqueciam ao vender produtos locais, como açúcar, tabaco e algodão, para a Europa, e revender produtos chegados de Portugal, como vinho, queijos e doces. Outros comercializavam a produção colonial destinada ao mercado interno, como bois, mulas, cachaças, farinha, milho, marmelada, entre outros.
- Ressaltar que muitas fortunas foram feitas com o comércio de africanos. Enriquecidos por meio do tráfico atlântico, comerciantes estabelecidos em cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife usavam navios próprios e forneciam empréstimos aos senhores de engenho para a compra de escravos e/ou equipamentos. Dessa forma, alguns conseguiam comprar terras e montar engenhos; outros casavam com filhas de senhores de engenho e, com isso, passavam a pertencer à nobreza da terra.
- Frisar que, desde o início, os senhores de engenho contrataram assalariados para dividir com os escravos a tarefa no engenho, para trabalhar em funções especializadas, como a de mestre de açúcar (responsável pela qualidade do açúcar), ou a de carpinteiro, pedreiro, ferreiro, entre outras. Ou ainda para realizar tarefas que os donos de engenho não confiavam a escravos, como a de feitor (encarregado de vigiar e punir os escravos). Por isso se diz que o conhecimento e o serviço dos trabalhadores assalariados eram decisivos para o funcionamento dos engenhos.

Os comerciantes

As maiores fortunas no Brasil colonial estavam nas mãos dos **comerciantes** de escravos, de produtos europeus e indianos (tecidos, ferramentas, entre outros) e de produtos locais (animais e alimentos). Muitos comerciantes usavam o dinheiro conseguido pelo comércio para se tornarem senhores de engenho. Houve também comerciantes que se casavam com as filhas dos senhores de engenho e, com isso, conseguiam chegar ao topo da **hierarquia** social.



EDITORA ATUAL

Fac-símile da capa do livro **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**, de João Fragoso, Manolo Florentino e Sheila de Castro Faria.

Hierarquia: forma de organização na qual há diferentes níveis de autoridade e importância e que determina quem manda e quem obedece. Por exemplo, na hierarquia do exército o posto de general é o mais alto; abaixo dele está o coronel, depois o major, o capitão e assim por diante, até chegar ao soldado, o posto mais baixo da hierarquia.

Os trabalhadores assalariados

Muitos engenhos empregavam **assalariados**. No quadro a seguir, você vai conhecer algumas das ocupações desses trabalhadores em um engenho nordestino da segunda metade do século XVII.

Ofício	O que fazia o trabalhador
Feitor-mor	administrava o engenho
Mestre de açúcar	controlava o trabalho de beneficiamento do açúcar
Purgador	trabalhava na purificação do açúcar
Caldeireiro	trabalhava nas caldeiras
Oficial de açúcar	auxiliava o mestre de açúcar
Feitor de campo	vigiava e castigava os escravos

Fonte de pesquisa: SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835). São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 265-276.

Entre os trabalhadores assalariados dos grandes engenhos, havia também **artesãos** (carpinteiros, pedreiros, ferreiros etc.) que recebiam por dia ou por tarefa. Entre eles, o feitor-mor e os especialistas na produção do açúcar (mestres de açúcar, purgadores e caldeireiros) recebiam os salários mais altos. O salário desses profissionais era anual. O mestre de açúcar – responsável pela qualidade do produto – era geralmente o mais bem pago do engenho.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Dote e herança

A herança era outra forma de acesso à terra, especialmente para aqueles que aspiravam adquirir o *status* de famílias senhoriais. Conseguia-se isso por meio de casamentos com filhas daquelas famílias.

A barganha se dava entre o comerciante (geralmente vindo de Portugal ou das ilhas Atlânticas, durante o século XVIII) e a família da futura esposa. Estabeleciam-se, assim, alianças matrimoniais alicerçadas em aspectos econômicos, numa troca de prestígio por riqueza. Receber um dote (o dote era uma antecipação de herança) ou herdar bens produtivos, em particular terras e escravos, permitia ao comerciante a mobilidade social e o acesso a terras já monopolizadas através de sesmaria ou compra, além de dar-lhe a referência social necessária à ascensão pretendida, ao entrar num grupo de parentesco estabelecido e prestigiado.

À família senhorial, por sua vez, interessava a riqueza monetária do genro ou o crédito no mercado trazido por seu nome. O crédito, numa sociedade escravista mercantil e pouco capitalizada, estava diretamente ligado às relações pessoais. Alianças sociais tornavam-se, assim, fundamentais para a recriação da economia. [...]

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998. p. 80-81.

Os escravizados

Dica!
Cultura africana no Brasil. Duração: 4min39s. Disponível em: <http://livro.pro/yb4it3>. Acesso em: 26 set. 2018. Reportagem sobre o legado africano para a cultura brasileira.

Grande parte da população colonial era formada por africanos **escravizados** e seus descendentes. Do trabalho deles dependia o funcionamento da economia colonial: a lavoura, a pecuária, a coleta, a pesca, o transporte de mercadorias etc.

Os que trabalhavam carpindo, plantando, colhendo e pescando eram chamados escravos de campo e constituíam 80% dos escravizados dos maiores engenhos. Os que trabalhavam na fabricação de açúcar formavam 10% do total. Os domésticos (cozinheira, faxineira, arrumadeira etc.) e os artesãos (**oleiro**, carpinteiro, ferreiro etc.), juntos, compunham os outros 10%.

MUSEU BRITÂNICO, LONDRES.

Oleiro: aquele que faz peças de barro ou cerâmica.

Engenho de Açúcar. Henry Koster. 1816.

DIALOGANDO

Nos engenhos coloniais eram, geralmente, as mulheres que trabalhavam na moagem da cana. Quando a situação exigia, o trabalho de moagem se estendia noite adentro. Exaustas, elas corriam o risco de ter um braço esmagado na moenda. Levante uma hipótese: Por que será que os senhores preferiam que as mulheres realizassem esse tipo de serviço?

O local de moradia dos escravizados chamava-se **senzala**, uma palavra de origem banta quer dizer "povoado" ou "comunidade". Portanto, provavelmente, foram os próprios africanos que deram esse nome às suas moradias. As senzalas eram habitações feitas geralmente de pau a pique e cobertas de sapé.

Estudos recentes sobre registros de batismo, casamento e morte de escravos vêm mostrando que as famílias escravas tinham práticas, visões e valores próprios. E mais: reagiam à imposição de seus senhores, tomavam iniciativas e buscavam viver do seu jeito.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

Dialogando

Segundo o historiador Stuart B. Schwartz, as mulheres eram preferidas na moagem, pois o serviço era perigoso e, caso elas viessem a se acidentar, o senhor não perdia tanto, porque o preço das mulheres era menor do que o dos homens; além disso, elas eram consideradas mais pacientes, qualidade tida como essencial para a realização desse serviço.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- MARY Del Priore: escravidão. Duração: 3min33s. Disponível em: <http://livro.pro/eq6egn>. Acesso em: 26 set. 2018.

Entrevista com a historiadora Mary Del Priore sobre a escravidão.

- ECOS da escravidão: caminhos da reportagem. Duração: 54min30s. Disponível em: <http://livro.pro/28b5zt>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário da TV Brasil sobre a escravidão no Brasil.

- CASA-GRANDE e senzala. Duração: 56 min. Disponível em: <http://livro.pro/9p4y72>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre o período de escravidão, tendo como premissa os estudos de Gilberto Freire.

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador Stuart B. Schwartz.

As mulheres nas fábricas

O trabalho na fábrica do engenho era uma combinação de tarefas especializadas e semiespecializadas, executada sob constante supervisão de homens livres ou mesmo de escravos. [...] Várias funções eram, muitas vezes, [...] desempenhadas por mulheres. Duas ou quatro escravas eram usadas para passar a cana pelos tambores externos. Do lado oposto, outra cativa passava a cana de volta pelo outro tambor. [...]

A força de prensagem da moenda era tremenda... Uma escrava inexperiente, ou que se tornasse desatenta por haver trabalhado demais [...], podia facilmente ter a mão esmagada pelos tambores, junto com a cana. [...] Era preciso tomar precauções. Em moendas movidas por força hidráulica, deixava-se sempre à mão uma tábua para desviar a água da roda.

Escravas com apenas um braço eram uma visão tristemente corriqueira. No Engenho Santana, na década de 1730, uma delas era Marcelina. O viajante francês Tollenare descreveu o caso particularmente comovente de uma bela jovem de nome Teresa, que fora rainha em Cabinda. Caída em desgraça, fora vendida como escrava e no Engenho Sibiró, em Pernambuco, foi colocada para trabalhar na moenda quando as moedeiras adoeceram. Inexperiente, teve uma das mãos apanhada, quando tentou libertar-se, a outra mão também foi esmagada. Amputaram-lhe os dois braços. [...]

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 130-131.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Para combater os franceses, garantir a posse de terra e produzir riquezas, D. João III decidiu ocupar efetivamente o Brasil e enviou para cá uma expedição.

a) Que expedição foi essa e quem a chefiou?

b) Quais foram suas realizações?

2. Escreva em seu caderno um pequeno texto sobre a colonização do Brasil seguindo o roteiro:

a) os motivos pelos quais D. João III escolheu a cana-de-açúcar;

b) a origem do capital investido;

c) a mão de obra usada inicialmente.

3. Copie em seu caderno as frases a seguir e classifique-as como deveres ou direitos dos donatários.

- Julgar os habitantes da capitania, podendo inclusive condenar à morte índios, negros e homens livres pobres.
- Desenvolver a agricultura da cana-de-açúcar na capitania.
- Cobrar impostos em rios e portos.
- Organizar a defesa militar.
- Conceder sesmarias, isto é, grandes propriedades rurais.
- Expandir a fé cristã.
- Tirar para si 5% no negócio do pau-brasil.
- Estimular a ocupação portuguesa da terra.

4. Indique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua resposta em seu caderno. Poucas capitanias tiveram o sucesso esperado. Com exceção de Pernambuco, Bahia e São Vicente, as demais capitanias fracassaram devido a:

a) falta de recursos de alguns donatários;

b) grande extensão de terras a serem administradas;

c) falta de comunicação entre elas;

d) selvageria e a traição dos povos indígenas.

e) ataques de corsários.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Expedição colonizadora chefiada por Martim Afonso de Sousa.
   b) A expedição chefiada por Martim Afonso de Sousa combateu os franceses, explorou o litoral brasileiro, fundou São Vicente (1532), a primeira vila do Brasil, e o primeiro engenho destinado à produção de açúcar.
2. O capítulo fornece elementos para a produção do texto. A atividade visa trabalhar uma das competências decisivas para a proposta desta coleção: o estímulo à produção de textos históricos. Além disso, parte-se do pressuposto de que o aluno aprende a escrever escrevendo.
3. Direito, dever, direito, dever, direito, dever, direito, dever.
4. Alternativa D. Justificativa: foi devido à resistência dos indígenas à ocupação de suas terras. Aproveitar a questão para questionar a visão estereotipada dos indígenas, descritos em documentos da época como selvagens e traiçoeiros.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• MAPA das capitanias hereditárias. Duração: 2min46s. Disponível em: <http://livro.pro/ztvw67>. Acesso em: 26 set. 2018.

Entrevista com o professor Jorge Cintra, da Poli/USP, sobre a reconstrução do mapa das capitanias hereditárias.

Texto de apoio

Estudioso reconstrói capitanias hereditárias

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o engenheiro Jorge Cintra [...], em um artigo recente, [...] contesta o mapa das Capitanias Hereditárias eternizado por Francisco Adolfo de Varnhagen, considerado o pai da historiografia nacional, e propõe mudanças significativas no seu desenho. A partir de documentos da época, Cintra, que leciona na Escola Politécnica da USP, conseguiu reconstruir com maior exatidão os limites das porções de terra doadas, entre 1534 e 1536, pela Coroa Portuguesa a comerciantes e nobres lusitanos.

O sistema de Capitanias Hereditárias, que já havia sido utilizado com relativo sucesso na África, dividiu o território em 15 partes e pretendia viabilizar a exploração das riquezas do "Novo Mundo". As terras tinham como limites o Oceano Atlântico, a Leste, e o Tratado de Tordesilhas, a Oeste. Após recuperar, analisar minuciosamente as cartas de doação e de notar detalhes que passaram despercebidos por Varnhagen em mapas da época, Cintra assegura que, no Norte, a divisão das fronteiras não foi feita de acordo com paralelos, e sim através de meridianos. [...]

Para Cintra, frases contidas nos documentos de doação são as chaves para a solução do problema. Por exemplo, o documento destinado a Antonio de Cardoso de Barros diz: "As quais quarenta léguas se estenderão e serão de largo ao longo da costa e entrarão na mesma largura pelo sertão e terra firme adentro" [...].

CAMPOS, Mateus. Estudioso reconstrói capitanias hereditárias e afirma que livros escolares estão errados. **O Globo**, 8 jul. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/estudioso-reconstroi-capitanias-hereditarias-afirma-que-livros-escolares-estao-errados-13170302#ixzz5P1TQpKzr>. Acesso em: 27 set. 2018.

5. Observe o mapa da página 157 e responda:

a) Como o cartógrafo transmitiu as informações contidas no mapa?

b) Que capitanias mais prosperaram?

c) Qual foi a principal razão da prosperidade dessas capitanias?

d) Que fatores contribuíram para o sucesso da produção de açúcar no Nordeste?

e) Quais foram as razões do fracasso da maioria das capitanias?

6. Monte em seu caderno uma ficha sobre as Câmaras Municipais nos séculos XVI e XVII, respondendo às seguintes questões:

a) O que eram?

b) Quem eram os vereadores daquelas câmaras?

c) O que era necessário para ser vereador?

d) Sobre que assuntos os vereadores decidiam?

7. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno.

a) Nos tempos coloniais, além do açúcar eram produzidos no Brasil gêneros como fumo, algodão, couro, cacau, entre outros.

b) O fumo ou tabaco era um produto muito consumido, tanto aqui quanto no exterior. Na África, era trocado por africanos escravizados.

c) O algodão produzido nos atuais estados do Maranhão, Pernambuco, Ceará e Pará era exportado para a Inglaterra.

d) O gado produzido no Brasil colonial servia apenas como alimento. A pecuária, portanto, era insignificante na economia colonial.

8. Observe a tabela.

Número de engenhos em 1585

Capitanias	Engenhos
Itamaracá	1
Pernambuco	66
Bahia	35
Ilhéus	6
Porto Seguro	1
Espírito Santo	6
Rio de Janeiro	3
São Vicente	4
Total	122

Fonte: MARCHANT, Alexander. **Do escambo à escravidão**. São Paulo: Nacional, 1980. p. 111.

a) O que a tabela mostra?

b) Em que região se encontravam as capitanias com o maior número de engenhos?

c) Em 1585, dos 122 engenhos contabilizados, 101 pertenciam a apenas duas capitanias nordestinas (PE e BA). Somados, os engenhos pernambucanos e baianos representam que porcentagem do total de engenhos existentes em 1585?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

5. a) Por meio de cores, nomes e de uma legenda interna.
   b) Pernambuco, Bahia e São Vicente.
   c) A prosperidade dessas capitanias deveu-se sobretudo à produção do açúcar.
   d) Entre os fatores que contribuíram para o sucesso da agroindústria açucareira no Nordeste estão: o massapé, o clima tropical úmido e a relativa proximidade da Europa.
   e) A falta de recursos de alguns donatários; grande extensão de terras a serem administradas; falta de comunicação entre elas; resistência dos indígenas à ocupação de suas terras; ataques de corsários.
6. a) Órgãos encarregados de administrar as vilas e cidades brasileiras.
   b) Geralmente, os vereadores eram grandes proprietários de escravos e terras, os chamados "homens bons". Pesquisas recentes, porém, indicam que, em algumas localidades, como São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro, comerciantes ricos e sacerdotes também ocupavam cargo de vereador nas Câmaras Municipais.
   c) Para ser vereador não bastava possuir riqueza; era preciso também ter "pureza de sangue": não eram aceitos descendentes de negros e nem de judeus.
   d) Decidiam, entre outras coisas: a administração da cidade; alguns impostos e a forma de arrecadá-los, como, por exemplo, as taxas a serem pagas pelos vendedores ambulantes; a realização de obras públicas (calçadas, estradas e pontes); a conservação, limpeza e arborização das ruas; os salários pagos a trabalhadores livres; o abastecimento de gêneros da terra, como a farinha de mandioca.
7. Alternativa D. Justificativa: o gado produzido no Brasil transportava a cana, fazia girar a moenda e servia como alimento. A pecuária era, portanto, um setor decisivo para o funcionamento da economia colonial como um todo.
8. a) O número de engenhos que cada capitania possuía em 1585.
   b) Nordeste (Pernambuco, Bahia e Ilhéus).
   c) Representavam 82,7% do total.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) "Quando [a gripe] atravessou o Atlântico, atingiu uma população imunologicamente incompetente para combatê-la e o resultado [...] foi a catástrofe."

b) O corpo do europeu Hans Staden tinha defesas naturais contra a doença. Como diz o texto: "Presume-se que a gripe, causada pelo [...] vírus *influenza*, se propagasse na Europa desde o século XII [...]."

c) A vacinação.

d) As vacinas consistem na aplicação de vírus atenuados ou pedaços de vírus no corpo. O organismo estimula a produção de mais células de defesa que reconhecem o vírus como corpo estranho. Em uma possível infecção, o sistema de defesa do corpo reage de forma mais rápida e intensa para combater os vírus.

• Sugestão de *site* para pesquisa: DRAUZIO. **Vacina**. Disponível em: <http://livro.pro/ne5q5x>. Acesso em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• VACINAR é proteger: a importância da vacinação e os perigos da não imunização. Duração: 9min25s. Disponível em: <http://livro.pro/ntnbat>. Acesso em: 26 set. 2018.

Vídeo do Ministério da Saúde que aborda a importância da vacinação na prevenção de doenças.

II Integrando com Ciências

O texto a seguir foi escrito por Cristina Gurgel, doutora em clínica médica pela Unicamp. Leia-o com atenção.

Médicos de almas e de corpos

[...] Presume-se que a gripe, causada pelo [...] vírus Influenza, se propagasse na Europa desde o século XII [...]. Quando atravessou o Atlântico, atingiu uma população imunologicamente incompetente para combatê-la e o resultado [...] foi a catástrofe.

Os vírus da Influenza têm alta capacidade de mutação e adaptação, se multiplicam nas células do trato respiratório, misturam-se às secreções ali existentes e são transmitidos por partículas de aerossóis ao se respirar, tossir ou mesmo falar. [...].

A primeira epidemia de gripe no Brasil [...] teria ocorrido em 1554, na capitania de São Vicente, e seus efeitos foram testemunhados por um personagem ilustre na história do Brasil: Hans Staden. Ele notou o desaparecimento de famílias inteiras na tribo tupinambá, em que permanecia como prisioneiro – sem que adoecesse [...].

Fac-símile da capa do livro **Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos**, de Cristina Gurgel.

Esse não foi um episódio único, mas vários se repetiram e causaram verdadeiras tragédias entre a população nativa. [...]

A perda [...] da população levou à redução gradual do número de nativos, que de milhões passaram a poucos milhares em um curto espaço de tempo.

GURGEL, Cristina. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 2010. p. 115-118.

a) Localize no texto o trecho em que se afirma que os nativos da América não tinham defesas naturais contra a gripe causada pelo vírus *influenza*.

b) Por que Hans Staden não contraiu gripe, embora vivesse entre os índios tupinambás e tivesse presenciado a morte de muitos deles?

c) Qual seria a forma de estimular o corpo a produzir defesas naturais contra o vírus *influenza*?

d) Em que consistem as vacinas?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A varíola na América portuguesa

A varíola [...] chegou à Europa durante a Idade Média. Era uma velha inimiga na Ásia e África. [...] No entanto, a moléstia era totalmente desconhecida nas Américas. O nome "varíola" vem do latim *varius*, indicativo de doença com lesões pontuais na pele, popularmente denominadas "bexigas".

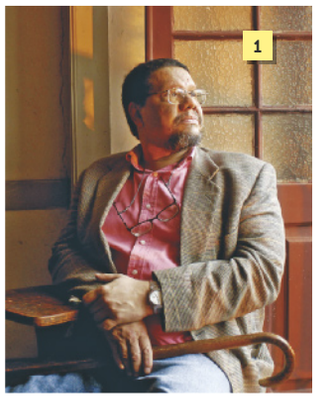
A varíola podia manifestar-se sob uma forma fulminante, denominada "púrpura variolosa", cuja vítima era rapidamente levada à morte sem que houvesse tempo para a erupção de lesões variólicas propriamente ditas. A pele tornava-se friável, descolava-se facilmente ou formava bolhas. Essa terrível apresentação da varíola estava relacionada à falta de resposta imune do doente e foi a provável forma que ocorreu entre os indígenas em várias epidemias no Brasil, em especial no grande surto de 1563-1564.

Nele, os nativos morreram aos milhares – 30 mil em três meses.

GURGEL, Cristina. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 2010. p. 120-123.

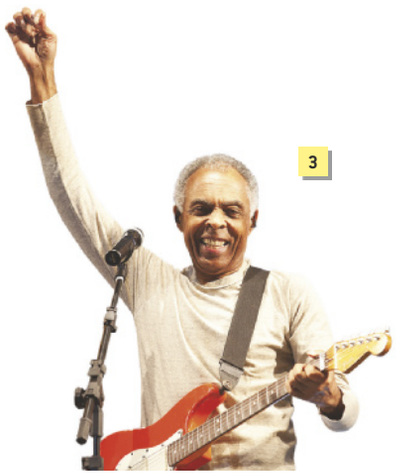
CAPÍTULO

10 AFRICANOS NO BRASIL



LUCIANA WHITAKER/FOLHAPRESS

MOACYR LOPES JÚNIOR/FOLHAPRESS



AMANA SALLES/FOTOARENA

JONNE RORIZ/GETTY IMAGES

Observe as fotos dessas personalidades. O que elas têm em comum? Quais delas você conhece? Você tem acompanhado a contribuição delas à vida social brasileira? Teste seus conhecimentos: escreva no caderno o nome delas e o trabalho que desenvolvem.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ORIENTAÇÕES GERAIS

Desenvolvemos este capítulo visando atender às habilidades da BNCC, citadas a seguir:

– (**EF07HI14**) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente.

– (**EF07HI15**) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.

– (**EF07HI16**) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.

O objetivo desta página de abertura é o de partir do presente, de personalidades negras dos dias atuais e de diversos campos da vida social para instigar o interesse do alunado pelo assunto: a entrada dos africanos no Brasil. Daí as perguntas: "O que elas têm em comum?"; "Quais delas você conhece?".

Professor: as personalidades são:
1) Manolo Florentino, historiador, um dos maiores especialistas em economia colonial e tráfico atlântico.
2) Milton Santos (1926-2001), geógrafo, com enorme contribuição em seu campo e no da reflexão sobre cidadania.
3) Gilberto Gil, cantor, compositor e ex-ministro da Cultura.
4) Terezinha Guilhermina, medalista em atletismo nos Jogos Paralímpicos de 2004, 2008, 2012 e 2016.

ENCAMINHAMENTO

- Propor aos alunos que analisem as imagens da página e falem livremente sobre o que sabem de cada personalidade retratada.
- Chamar a atenção dos alunos para a importância de conhecermos a contribuição dos afro-brasileiros nas diferentes áreas de nossa história e cultura.
- Incentivar os alunos a refletir sobre os desafios enfrentados pelos afro-brasileiros para conquistarem seu espaço na sociedade brasileira.

+ATIVIDADES

- Pesquise sobre as seguintes personalidades negras:

- **Enedina Alves Marques**

Ela foi a primeira mulher negra a se formar em Engenharia no Brasil. Nascida em 1913, de família pobre, ela se graduou aos 30 anos de idade no Instituto de Engenharia do Paraná (IEP). Em agosto de 1981, foi vítima de um infarte.

- **Viviane dos Santos Barbosa**

Jovem nascida na Bahia, cursou bacharelado em Engenharia Química e Bioquímica pela Delft University of Technology, na Holanda, e obteve o título de mestre em Nanotecnologia na mesma instituição. Em 2010, a sua pesquisa com catalisadores (que aceleram reações) por meio da mistura de paládio e platina foi premiada em uma conferência internacional na Finlândia.

- **Joaquim Barbosa**

Foi o primeiro jurista negro a assumir a presidência do Supremo Tribunal Federal, no período de 2012 a 2014.

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que a escravidão é uma instituição antiga, um fenômeno que deve ser inscrito na longa duração.
- Lembrar que na África subsaariana se praticava a escravidão antes da chegada dos europeus ao litoral africano, no século XV. No entanto, é consenso também entre os pesquisadores que a escravidão africana possuía características próprias.
- Reforçar que, segundo a historiadora Leila Leite Hernandez, na África o indivíduo podia ser escravizado por quatro motivos principais: guerra, fome, punição judicial ou penhora humana.
- Caracterizar a escravidão existente na África antes dos europeus.
- Preparar o alunado para diferenciar esse modelo de escravidão do modelo construído após a chegada dos europeus ao continente africano.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- ESCRAVIDÃO islâmica na África: escravos desconhecidos. Duração: 41min52s. Disponível em: <http://livro.pro/4dcjp4>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário da TV portuguesa aborda a escravidão africana praticada tanto por árabes quanto por europeus.

- ALBERTO Silva: a escravidão na História e na África. Duração: 16min56s. Disponível em: <http://livro.pro/ziorza>. Acesso em: 26 set. 2018.

O historiador Alberto Silva discute os modelos de escravidão na América e os modelos de escravidão que existiam antes.

Havia escravidão na África antes dos europeus?

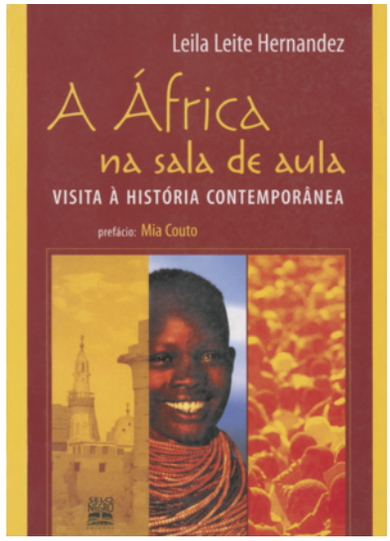
A escravidão é uma instituição muito antiga e existiu em várias partes da Terra. Na África, antes da chegada dos europeus (século XV), também havia escravos. Segundo a professora Leila Leite Hernandez, nas sociedades tradicionais africanas as pessoas podiam ser escravizadas por quatro motivos principais:

a) a **guerra** entre diferentes povos por terra e poder;

b) a **fome**: quando um indivíduo não tinha meios para se alimentar, ele oferecia a si mesmo e a sua família como escravos;

c) a **punição judicial**: quando uma pessoa cometia um crime e, por isso, era condenada à escravidão;

d) a **penhora humana**: quando o indivíduo oferecia a si mesmo como garantia de um empréstimo e, se não pudesse pagar, era escravizado.



Fac-símile de capa do livro **A África na sala de aula**, da professora Leila Leite Hernandez.

Mas, segundo o professor José Rivair de Macedo, na África a escravidão tinha características próprias. Nas sociedades africanas:

a) os escravos eram minoria;

b) faziam trabalhos exaustivos; mas, depois de algum tempo, eram integrados ao grupo vencedor como pessoas livres;

c) o filho de um homem livre com uma escrava nascia livre e era incorporado à linhagem do pai.

Além disso, em algumas sociedades africanas os escravos podiam se casar com pessoas livres e ocupar postos importantes no governo, como ocorria nos reinos de Oyo e Daomé, ou no exército, como ocorria em Songai.

178

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Guerra e tráfico atlântico

No século XV, com a chegada dos portugueses à África, a escravidão se avolumou e as guerras se multiplicaram. Parte dos líderes africanos (chefes de linhagem, príncipes, reis) desejava armas de fogo para manter ou ampliar seu poder. Os europeus, por sua vez, desejavam escravos. Então, na África, começaram a acontecer guerras com o objetivo de conseguir prisioneiros para trocá-los por armas de fogo e outros produtos.

Segundo o historiador Manolo Florentino, cerca de 75% dos africanos vendidos à América foram produto de guerras feitas para obter novos escravos. Mas se uma parte das lideranças africanas envolveu-se com a obtenção e venda de escravos, outra parte resistiu e denunciou os prejuízos que isso causava às suas comunidades.

MUSEU BRITÂNICO, LONRES. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Mapa português do noroeste da África feito em 1558 por Bastian Lopez. Museu Britânico.

Os responsáveis pelo tráfico

No século XVI, com o aumento da procura por trabalhadores nos engenhos de açúcar do nordeste brasileiro, teve início o comércio de africanos para a América portuguesa. Esse negócio envolvia pessoas e produtos de vários continentes (Europa, África, América e Ásia) e é chamado pelos historiadores atuais de **tráfico atlântico**.

Tráfico atlântico: nome dado ao comércio de homens e mulheres pelo Atlântico entre os séculos XVI e XIX.

O tráfico atlântico durou mais de 300 anos e envolveu **europeus** de várias nações (portugueses, ingleses, franceses, dinamarqueses, entre outros), **africanos** (chefes, reis e negociantes) e, mais tarde, **mercadores do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco**. Muitos desses mercadores, sobretudo do Rio de Janeiro e de Salvador, acumularam fortunas com o tráfico.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Reforçar que, na África, a dinâmica e a intensidade da escravidão mudaram radicalmente depois da chegada dos europeus ao litoral africano.
- Estimular o alunado a relacionar a chegada dos europeus ao litoral africano com o aumento das guerras para se conseguir escravos e vendê-los aos europeus.

+ATIVIDADES

- Leia o texto a seguir e responda às perguntas.

A escravidão na África, antes dos europeus

[...] Em termos gerais, é sabido que o fornecimento de cativos provinha basicamente das guerras [...].

Esses embates ocorriam por razões variadas, como o rapto de mulheres [...], os conflitos entre "Estados" em formação ou mesmo entre os já constituídos ou ainda as guerras de expansão, assim chamadas porque os mercadores incorporavam povos tributários, segundo sistema de servidão com tributos e prazos fixados pela tradição. Uma vez capturados, vendidos ou mesmo no caso de morrerem em combate, os filhos desses escravos não eram vendidos nem maltratados. Criados na maioria das vezes na corte, acabavam por reconhecer o soberano como seu próprio pai; além disso, desempenhavam funções quase sempre importantes nas esferas administrativa e militar.

O segundo mecanismo que levava à escravidão era a fome que, desestruturando uma sociedade, impelia os destituídos a vender a si mesmos ou a seus filhos como escravos, como meio de sobrevivência. Por sua vez, o terceiro mecanismo era "resultado de punição judicial por algum crime ou como uma espécie de garantia para o pagamento de débito. No último caso trata-se da difundida instituição da penhora humana. Nessas situações os escravos [...] tinham acesso aos meios de produção (basicamente a terra), podiam casar-se com pessoas livres e eram considerados membros da família do senhor".

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 37.

a) A autora do texto expõe três mecanismos que levavam à escravidão. Descreva-os com suas palavras.
O primeiro mecanismo eram as guerras, que aconteciam por vários motivos, entre eles o rapto de mulheres e os conflitos entre Estados em formação; o segundo era a fome, que forçava as pessoas a venderem a si mesmas ou seus filhos como escravos; e o terceiro era a punição por algum crime ou a penhora humana.

b) Com base no texto, pode-se afirmar que a escravidão na América colonial portuguesa era uma continuação da que se praticava na África?
Não; com a chegada dos europeus à África, houve uma mudança brusca na dinâmica da escravidão; a ideia de que a escravidão colonial foi uma **continuação** da que era praticada na África anteriormente é equivocada e simplista.

ENCAMINHAMENTO

Professor: esta página apresenta dados de uma longa pesquisa feita por especialistas de diferentes partes da América sobre o número de escravizados embarcados na África e desembarcados na América. Além disso, vale lembrar o que disse a professora Circe Bittencourt: história é tempo e é também espaço. Daí o nosso esforço para localizar as regiões e zonas de procedência dos escravizados, atendendo, assim, ao solicitado na habilidade **EF07HI16** da BNCC.

- Destacar que, enquanto a África ocidental forneceu 75% dos africanos, a região congo-angolana e Moçambique forneceram 25% dos escravizados.
- Aprofundar o assunto, acessando o texto: TÉCNICA permite identificar origem de escravos enviados à América. Disponível em: <http://livro.pro/8vyq7x>. Acesso em: 26 set. 2018.

Dica de leitura

- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2010.

O livro trata do tema da história africana na sala de aula, especialmente no contexto histórico contemporâneo.

IMAGENS EM MOVIMENTO

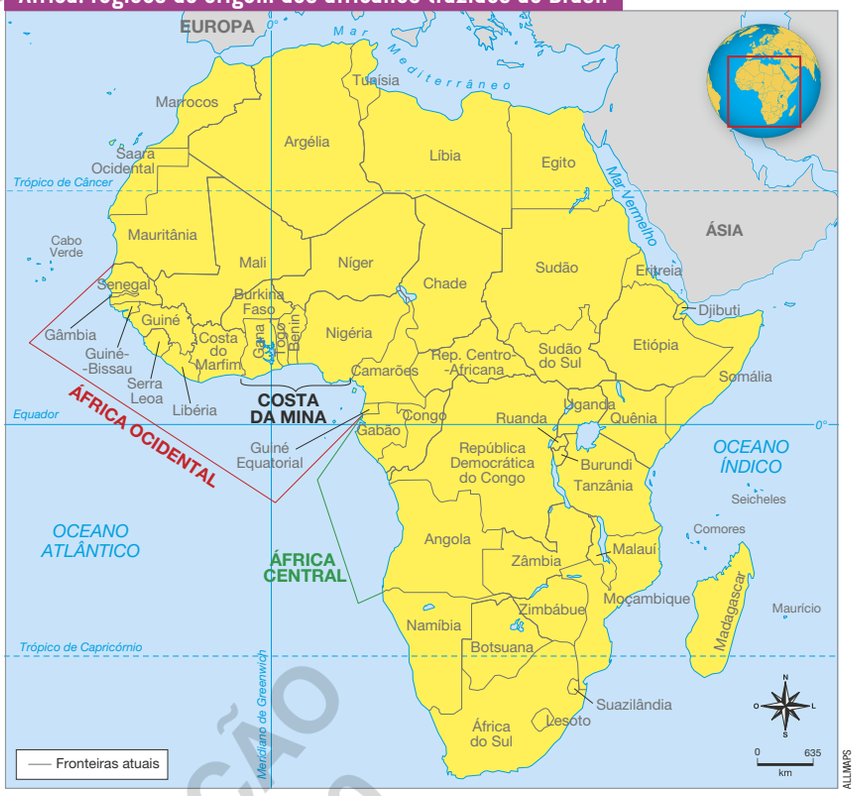
- O TRÁFICO de escravos. Duração: 3min51s. Disponível em: <http://livro.pro/x6n4tk>. Acesso em: 26 set. 2018.

O vídeo trata do tráfico negreiro, esclarecendo sobre o envio arbitrário de negros africanos, na condição de escravos, para as Américas e outras colônias de países europeus durante o período caracterizado como colonialista.

Quantos eram e de onde foram trazidos os africanos?

Segundo David Eltis e David Richardson, dois especialistas no tema, o número de africanos trazidos da África para a América pelo tráfico atlântico foi de 10 565 217 africanos. Desses, 4 860 000 foram destinados ao Brasil. Do total de africanos entrados no Brasil, 25% eram da **África Ocidental**. Os outros 75% eram da **região congo-angolana** e da costa leste (Moçambique). Localize essas regiões no mapa:

África: regiões de origem dos africanos trazidos ao Brasil



Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 43.

A África Ocidental é uma extensa área que vai do Senegal ao Gabão; nela foram embarcados 25% dos africanos destinados ao Brasil, a maioria deles era da Costa da Mina. Já a região congo-angolana vai do norte do Gabão à fronteira entre Angola e Namíbia. Essa região forneceu 75% dos africanos destinados ao Brasil.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

180

Africanos ocidentais

A maioria dos africanos ocidentais desembarcados no Brasil era da Costa da Mina, área de cerca de 600 km² entre Gana e Nigéria atuais. Lá, ao longo da costa africana, se encontravam os principais portos e feitorias usados no tráfico de pessoas para o Brasil. A maioria dos africanos ocidentais entrou pelos portos da Bahia e se concentrou no Nordeste: Bahia (75,6%), Pernambuco (11,4%) e Maranhão (8,2%).

ARQUIVO BLOMEN-LARGE, INGLATERRA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Castelo São Jorge da Mina, erguido em 1482 pelos portugueses. Coleção particular.

No século XVIII, com a descoberta do ouro nas minas gerais, parte dos africanos ocidentais foi vendida para as áreas de mineração. E, no século XIX, com o desenvolvimento da cafeicultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, muitos deles foram trabalhar nos cafezais.

CHRISTIANO JR./COLEÇÃO PARTICULAR

MARCOS ANDRÉ/OPÇÃO BRASIL IMAGENS

À esquerda, negra brasileira filha de africanos da Costa da Mina, fotografada por Christiano Jr. em 1866. Boa parte das pessoas que saíram do Nordeste para trabalhar nos cafezais era dessa origem. Fonte: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **A Travessia da Calunga Grande:** três Séculos de Imagens sobre o negro no Brasil. São Paulo: Edusp, 2000. p. 630. (Coleção Uspiana – Brasil 500 anos). Acima, moça baiana descendente de africanos ocidentais em foto atual. Salvador (BA).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Localizar a África ocidental e os principais portos brasileiros por onde entraram os africanos trazidos dessa região.
- Explicar que, no século XIX, parte dos africanos ocidentais e de seus descendentes foi vendida do Nordeste para os cafezais do Sudeste brasileiro.
- Estimular os alunos a perceber as semelhanças entre uma africana da Costa da Mina e uma baiana, no tocante ao fenótipo.

+ATIVIDADES

- Leia o texto a seguir com atenção.

[...] Os africanos não escravizavam africanos, nem se reconheciam então como africanos. Eles se viam como membros de uma aldeia, de um conjunto de aldeias, de um reino e de um grupo que falava a mesma língua, tinha os mesmos costumes e adorava os mesmos deuses. [...] Quando um chefe efique de Velho Calabar vendia a um navio europeu um grupo de cativos ibos, não estava vendendo africanos nem negros, mas ibos, uma gente que, por ser considerada por ele inimiga e bárbara, podia ser escravizada. E, quando negociava um efique condenado por crime, vendia quem, por força de sentença, deixara de pertencer ao grupo. O comércio transatlântico de escravos era controlado pelos grandes da terra, pelos poderosos da Europa, da África e das Américas. Fazia parte de um processo de integração econômica do Atlântico, que envolvia a produção e a comercialização, em grande escala, de açúcar, algodão, tabaco, café e outros bens tropicais, um processo no qual a Europa entrava com o capital, as Américas com a terra e a África com o trabalho, isto é, com a mão de obra cativa.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2012. p. 88-89.

a) Com base no texto, é correto afirmar que africanos escravizavam africanos para vendê-los como escravos? Justifique.
Não, pois eles não se reconheciam como africanos, mas sim como membros de povos diferentes, de uma determinada comunidade, linhagem, grupos linguísticos e histórias diferentes.

b) Em que contexto o autor insere o tráfico atlântico?
Ele o insere dentro do processo de integração econômica do Atlântico, que envolvia a produção e a venda de produtos tropicais, como o açúcar e o café, além de homens, mulheres e crianças para serem usados como mão de obra.

c) **Em dupla**. Reflitam e debatam sobre a seguinte afirmação do autor: "O comércio transatlântico de escravos era controlado pelos grandes da terra [...]". Os alunos devem compreender que o autor está se referindo aos detentores do poder na época, isto é, comerciantes e líderes políticos.

ENCAMINHAMENTO

- Retomar com os alunos o trabalho feito sobre os povos bantos no capítulo 2 deste livro.
- Reforçar que a maioria dos africanos da região congo-angolana entrou no Brasil pelos portos do Rio de Janeiro.
- Retomar e aprofundar a ideia de que os africanos não vieram "espontaneamente"; eles foram trazidos à força para a América para trabalhar nas plantações, minas e habitações de seus senhores.
- Evidenciar, com base no gráfico, a relação estreita entre o aumento da entrada de africanos e os períodos de alta do açúcar, do ouro e do café na economia colonial.

Africanos da região congo-angolana e Moçambique

Os povos da região congo-angolana tinham origem comum, falavam línguas banto e contavam com uma certa unidade cultural. Essa região forneceu a maioria dos africanos entrados no Brasil. Observe a tabela ao lado.

Africanos da região congo-angolana	
ANOS	Para o Brasil
1501 a 1650	95%
1651 a 1725	68%
1726 a 1825	70%
1826 a 1866	88%

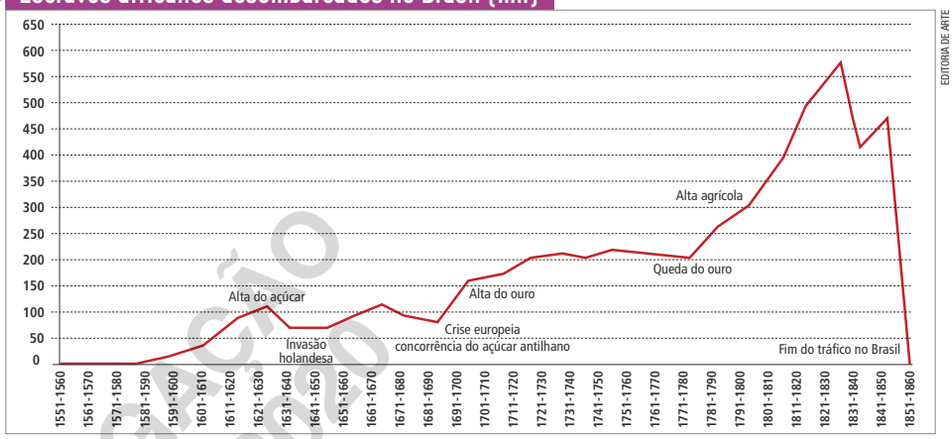
Fonte: SLENES, Robert W. Africanos Centrais. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 64.

A maioria dos africanos da região congo-angolana entrou no Brasil pelos portos do Rio de Janeiro. Enquanto durou o tráfico atlântico, o Rio de Janeiro foi o maior porto de escravos da América. Os falantes das línguas kicongo, kimbundu e umbundu, que continuam sendo faladas hoje em Angola, foram os mais duramente atingidos pelo tráfico. Isso ajuda a explicar por que essas línguas influenciaram fortemente o português falado no Brasil.

Os africanos, independentemente da região de origem, foram trazidos para trabalhar nas plantações, minas e habitações deste lado atlântico.

Observando o gráfico é possível concluir que os períodos de alta do açúcar, do ouro e do café coincidem com um aumento na entrada de africanos no Brasil.

Escravos africanos desembarcados no Brasil (mil)



EDITORIA DE ARTE

Gráfico elaborado com base em: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 63.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

A escravidão no Brasil: do ciclo do café à abolição

Na segunda década do século XVIII, em 1727, o café chegou ao Brasil por meio do sargento-mor Francisco de Melo Palheta (1670-1750). As primeiras sementes eram originárias da Guiana Francesa. No início, o café era plantado nos morros das regiões próximas da cidade do Rio de Janeiro. Após a experiência do plantio, naquele local, expandiu-se até o Vale do Paraíba, onde havia condições mais favoráveis para o seu desenvolvimento. A partir desta região, o plantio do café se estendeu até São Paulo, no oeste paulista, Minas Gerais e Espírito Santo.

Utilizada em grande escala, durante um longo período, a mão de obra escrava era comprada, pelos cafeicultores, por meio do tráfico negreiro, ou adquirida no comércio interno, no qual os escravizados eram originários de engenhos e fazendas em processo decadente no Nordeste após o período do Ciclo do Açúcar.

A rotina dos escravizados, nos cafezais, era limpar o terreno, plantar e colher. Após a colheita, o café era exposto ao Sol. Num segundo momento, quando os grãos já se encontravam secos, eram batidos com vara ou moídos em pilões. Ensacado, o café era levado em mulas que eram conduzidas, por escravizados, até os portos de embarque.

[...] o ciclo da economia brasileira foi representado pela produção do café, considerado o "Ouro Verde". O braço escravo, novamente, foi o sustentáculo desse ciclo da nossa economia. O patriarcalismo, o latifúndio e a escravidão representam o sustentáculo do mando político de uma nova oligarquia que se estabelecia no cenário brasileiro: os barões do café.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. **A escravidão no Brasil**: do ciclo do café à abolição. Geledés, 30 mar. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escravidao-no-brasil-do-ciclo-do-cafe-abolicao/>. Acesso em: 27 set. 2018.

No Brasil, os africanos não eram chamados pelo nome de sua etnia, mas sim pelo do porto ou da região onde tinham sido embarcados. Um africano de etnia bacongo, por exemplo, era chamado aqui de cabinda, se esse fosse o nome do porto africano por onde ele tinha embarcado. Outro exemplo: os diferentes povos embarcados na Costa da Mina (África ocidental) eram chamados simplesmente de minas. No Brasil, "mina" passou a ser sinônimo de oriundo da Costa da Mina.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

À esquerda, vemos um benguela, em representação de 1835; esse era o nome do porto de embarque, e não da etnia. À direita, uma africana mina, ou seja, originária da Costa da Mina, em xilogravura de 1869.

COLEÇÃO PARTICULAR

PARA REFLETIR

A perda do nome

Na hora do embarque para o Brasil, o africano era "batizado", ou seja, perdia seu nome original e passava a ter um nome português. Para certos povos africanos isso era mais doloroso, pois, em alguns lugares da África, o nome dado a uma pessoa tem um significado especial. O nome português, dado no batismo, devia ajudar a apagar da memória do africano todo o seu passado: sua família, seus amigos, sua língua e seu lugar de origem.

- O que você sentiria se trocassem o seu nome, e o(a) levassem para um lugar distante e diferente do seu? Como você reagiria?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Analisar a origem da maior parte dos escravizados que entraram no Brasil.
- Refletir sobre a importância do nome para uma pessoa.
- Explicar que, ao trocar o nome do escravizado, buscava-se apagar-lhe da memória seu passado, seus costumes, sua língua, seu lugar de origem, sua família etc.

Professor: o objetivo aqui é levar o aluno a refletir sobre a dolorosa passagem da condição de pessoa livre à condição de escravo enfrentada pelos africanos daquela época.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- ROTA de escravos. Duração: 8min3s. Disponível em: <http://livro.pro/hryo6p>. Acesso em: 26 set. 2018.

Reportagem da reunião do comitê científico do projeto "A rota do escravo", na Cidade Velha, em Cabo Verde.

- OS AFRICANOS: raízes do Brasil. Episódio 3. Duração: 6min25s. Disponível em: <http://livro.pro/zqg9yt>. Acesso em: 26 set. 2018.

Conheça melhor nossas raízes africanas e seu papel na formação da identidade brasileira.

Texto de apoio

Evangelização e batismo

A justificação da escravidão negra no Império Português na Idade Moderna baseou-se, particularmente, na evangelização cristã de povos designados como gentios e pagãos. A bula papal ***Romanus pontifex*** (1455) tornou-se chave na defesa de tese de que retirar os negros de suas práticas originais e levá-los para o seio da cristandade salvaria suas almas [...]. A entrada dos escravizados nos antigos e novos domínios portugueses fazia-se, então, pela evangelização e recepção do batismo. Recebia-se um novo nome, a água do batismo e o sal como sinal da libertação do pecado original, enquanto na ata batismal anotava-se sua condição de cativo e o nome do seu proprietário. O batismo poderia libertar a alma, porém mantinha o corpo do africano escravizado.

Ao longo dos séculos, milhões de africanos fizeram sua diáspora forçada para os domínios portugueses da América. [...]

[...] o batismo era critério central no processo de feitura do novo escravo. [...] Desde as Ordenações Manuelinas (1521), consta ser dever dos senhores batizar todos os escravos e escravas da Guiné, dentro de seis meses. No caso de terem dez anos ou menos idade, dever-se-ia cumprir dentro de um mês após a chegada do cativo. Às crianças nascidas de pais da Guiné, deveria ser observado o mesmo tempo determinado para o batizado dos filhos dos cristãos, oito dias, contados da data de nascimento, sem questionar a anuência dos pais. [...]

MAIA, Moacir Rodrigo de Castro. Uma nova interpretação da chegada de escravos africanos à América Portuguesa (Minas Gerais, século XVIII). **XVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, p. 1-2, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308192610_ARQUIVO_TextocompletoANPUHjunho2011.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Retomar e consolidar o conceito de tráfico atlântico.
- Propor a análise da imagem da página e estimular os alunos a refletir sobre as condições a que os escravizados eram submetidos.
- Chamar a atenção dos alunos para as condições desumanas da travessia pelo Atlântico.
- Discutir acerca das perdas de vida durante a travessia do Atlântico.
- Comentar com os alunos que escravizados foram trazidos à força para trabalhar no Brasil, não apenas na lavoura, mas também nas mais diferentes áreas da economia.
- Esclarecer que os escravizados também trouxeram para o Brasil contribuições culturais importantes para a formação da nossa sociedade.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A ROTA do escravo: uma visão global. Duração: 11min12s. Disponível em: <http://livro.pro/czzukk>. Acesso em: 26 set. 2018.

A rota do escravo: uma visão global é um documentário educativo e informativo apoiado e produzido pela Unesco. Ele apresenta as várias histórias e heranças decorrentes da tragédia mundial do comércio de escravos e da escravidão. Fornece também um panorama da deportação massiva de populações africanas para diferentes partes do mundo, incluindo as Américas, a Europa, o oceano Índico, o Oriente Médio e a Ásia.

A travessia

Nas fortalezas do litoral africano, homens, mulheres e crianças eram forçados a embarcar em navios conhecidos como **navios negreiros**. A viagem das praias da África Ocidental para o Brasil durava de 30 a 45 dias, conforme o lugar de partida e o de chegada. As condições da viagem eram péssimas, a comida era pouca e de má qualidade. Os negreiros iam superlotados: onde cabiam 100 iam 300 e muitos morriam durante a travessia. Mesmo assim, o lucro dos traficantes era grande: o preço de venda de um lote era, em média, três vezes maior que o de compra.

Além de pessoas escravizadas, a carga incluía roupas e mantimentos. O número de pipas de água era pequeno para não ocupar muito espaço no navio. Com isso, alguns escravizados bebiam água do mar e adoeciam.

Os africanos chegavam ao litoral brasileiro confusos, cansados e sem saber onde estavam. Nos mercados do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís eram examinados, avaliados e comprados. Um homem adulto valia o dobro de uma mulher e, geralmente, três vezes mais do que uma criança ou um idoso.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

[...]

O procedimento de superlotar os navios era um dos exemplos da intenção dos comerciantes de escravos de obter o máximo de lucro transportando o maior número possível de escravos em um número reduzido de viagens. A travessia atlântica exigia custos e uma série de investimentos, como o valor destinado à aquisição ou arrendamento das embarcações, ao abastecimento da tripulação e também ao pagamento dos tributos necessários para a legalização da atividade, os chamados direitos de exportação. De acordo com esse raciocínio, muitos negociantes preferiram correr o risco de transportar mais escravos do que o número permitido, mesmo sabendo que eram atos ilegais de acordo com a legislação portuguesa.

[...]

CARVALHO, Flávia Maria de. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. **Mneme – Revista de Humanidades**, Caicó, v. 11, n. 27, p. 14-24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/835/773>. Acesso em: 25 out. 2018.

O trabalho

Os africanos não vieram para a América por vontade própria; foram trazidos para trabalhar. No Brasil, eles trabalhavam de doze a quinze horas por dia: começavam entre 4 e 5 horas da manhã e iam até o anoitecer. Por vezes, as manhãs dos feriados e domingos eram usadas no conserto de cercas, estradas e em outros serviços. O homem trabalhava como agricultor, carpinteiro, ferreiro, pescador, pedreiro, carregador e em várias outras funções. A mulher cultivava a terra, cuidava dos doentes, colhia e moía a cana, lavava, passava, fazia partos, vendia doces e salgados etc.

Negros transportando carvão e negras vendendo milho. Século XIX. Jean-Baptiste Debret. Note que é uma representação feita por um pintor que viveu no século XIX sobre o que ele viu em sua volta.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Entre os trabalhadores afrodescendentes havia também libertos, nome que se dava àqueles que tinham conseguido a carta de alforria (liberdade) após longos anos de trabalho.

Os africanos aqui desembarcados trouxeram consigo não apenas sua força de trabalho, mas também suas culturas. E, o que é importante dizer, essas culturas africanas marcaram profundamente nosso modo de viver, pensar e sentir.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Camões com dendê

Se as vozes dos quatro milhões de africanos trazidos para o Brasil ao longo de mais de três séculos não fossem abafadas na nossa História, hoje saberíamos que eles, apesar de escravizados, não ficaram mudos. Participaram da configuração do português brasileiro e são responsáveis pelas diferenças que afastaram o português do Brasil do de Portugal.

Aquelas vozes são perceptíveis [...] e se revelam [...] nas centenas de palavras que enriquecem o patrimônio linguístico do português do Brasil.

São palavras portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade brasileira, no âmbito da recreação (**samba**, **capoeira**), dos instrumentos musicais (**berimbau**, **cuíca**, **agogô**), da culinária (**mocotó**, **moqueca**), [...] das doenças (**caxumba**), da flora (**dendê**, **maxixe**, **jiló**), da fauna (**camundongo**, **minhoca**), [...] dos ornamentos (**miçanga**, **balangandã**), [...] da família (**caçula**, **babá**), [...] das relações pessoais de carinho (**xodó**, **dengo**, **cafuné**), [...] do mando (**bamba**, **capanga**), do comércio (**quitanda** [...], **maracutaia**). [...]

O desempenho da mulher negra, ama de leite e criadeira, foi tão marcante no seio da casa senhorial que até hoje chamamos o filho mais jovem pelo termo angolano **caçula** em lugar de "benjamim", como se diz em Portugal. Foi ainda nesse momento que outros termos angolanos deixaram fora de uso no Brasil os seus equivalentes em português (**moringa** em lugar de bilha, **corcunda** por giba, **capenga** por coxo [...], **cochilar** por dormitar [...], **xingar** por insultar [...], **marimbondo** por vespa, **dengo** por mimo [...]).

CASTRO, Yeda Pessoa de. Camões com dendê. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 7, n. 78, 1º mar. 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160415150139/http://rhbn.com.br/secao/dossie-imigracao-italiana/camoes-com-dende>. Acesso em: 27 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar com os alunos que a alimentação oferecida aos escravizados era pobre em proteínas e tinha alto teor calórico.
- Chamar a atenção dos alunos para os problemas de saúde dos escravizados em decorrência das condições inadequadas de alimentação e trabalho às quais eram submetidos.

Texto de apoio

Comida de escravo e culinária africana

Ao desembarcar exaustos [...], os escravos iam recuperar a saúde e, graças a ela, o preço. No Nordeste, os cajuais, ricos em vitamina C, eram remédio certo. No Rio de Janeiro, de onde eram distribuídos para as outras capitanias, faltavam os cajuais, mas a preocupação dos comerciantes do mercado do Valongo era a mesma: recuperar os viajantes. Eram, então, alimentados com farinha de mandioca, feijão e carne-seca, e, como observou o viajante Rugendas, "não lhes faltam frutas refrescantes".

Uma vez adquiridos, a comida de escravo variava com sua função ou atividade. [...] A base era idêntica, [...] e apenas a incidência de alguma carne ou pescado para dar gosto distinguia o regime. Para o Norte, a farinha de mandioca dava o tom do prato. Pelo interior da Bahia na direção Sudeste, predominava o milho, batizado pelo angolês de fubá, nome da farinha em quimbundo, além do mingau mais consistente de angu. Saint-Hilaire observou: "É fazendo cozer o fubá na água, sem acrescentar sal, que se faz essa espécie de polenta grosseira que se chama angu e constitui o principal alimento dos escravos". No Rio, no tempo de Debret, os escravos das fazendas "alimentavam-se com dois punhados de farinha seca, umedecidos na boca pelo sumo de algumas bananas ou laranjas". [...]

Muitas plantas africanas foram, assim, transplantadas para cá, como a palmeira de dendê, vinda de Angola, ou o quiabo. Em tempo de seca, o escravo podia até comprar a liberdade pela venda de cereais guardados e produzidos no "roçadinho". [...] Já se propriedade de senhores pobres, eles tinham que se contentar como foi dito, com farinha e laranjas. Porém, escravo "pedir de comer" noutra casa era desonra para o senhor. Escravo faminto significava vergonha. [...]

Nas cidades [...] os recursos se acresciam pela venda de comida preparada e oferecida pelas negras nas praças e cais: angu, mingau de carimã ou milho, peixe assado, milho cozido em grãos servidos no caldo, mungunzá e iguarias vindas da Bahia, possivelmente acaçá, caruru, moquecas com o peixe enrolado em folhas, farinhas de castanha-de-caju e milho torrado açucaradas, o tão elogiado por todos os viajantes aluá de arroz. E as carnes: seca, afogueada nas brasas ou assada nos braseiros, escaldada em rápida fervura. Para adoçar a boca e a vida, caldo de cana, rapadura, manuês, bolo-preto, pé de moleque, arroz-doce com canela, doce de coco ralado, "tantos engana-fomes inventados pela penúria aproveitadora do material mais próximo" [...].

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**: colônia. Rio de Janeiro: LeYa, 2016. v. 1, p. 253-254.

Alimentação e violência

Nas grandes fazendas a maioria dos escravizados recebia uma cuia de feijão e uma porção de farinha de mandioca ou de milho. Vez por outra, recebia também rapadura e charque (que, conforme a região, tinha o nome de carne-seca, carne-do-sul, carne-do-ceará etc.). De modo geral, a alimentação dos escravizados era insuficiente e pobre em proteínas, o que acarretava sérios problemas de saúde e envelhecimento precoce.

Os escravizados recebiam castigos por qualquer pequena falta. Entre os instrumentos de castigo estavam a palmatória, a gargalheira e a máscara de flandres. A **máscara de flandres**, feita de zinco ou folha de flandres, era um instrumento que permitia à vítima enxergar e respirar, mas a impedia de se alimentar.

XANDO PEREIRA/FOLHAPRESS

À esquerda, integrantes da banda feminina Didá durante uma apresentação no Pelourinho, Salvador (BA), 1998. Note que as percussionistas utilizam réplicas da máscara de flandres. À direita, a mesma banda em apresentação recente, também em Salvador.

FERNANDO VIVAS/AG. A TARDE/FUTURA PRESS

PARA SABER MAIS

A negra Anastácia: mito e religiosidade

Contam que, no século XVIII, teria vivido no interior mineiro uma escrava por nome Anastácia, uma negra de olhos azuis. Por sua rara beleza, Anastácia teria despertado ciúmes na mulher de seu senhor, que, por isso, obrigou-a a usar a máscara de flandres.

Muito tempo depois, em 1968, durante a comemoração dos 90 anos da abolição da escravatura, na igreja do Rosário, no Rio de Janeiro, Anastácia foi homenageada e descrita como santa pelos milagres que teria realizado.

Na verdade, Anastácia é um mito da nossa história; não há provas materiais da sua existência; mas as histórias que se contam sobre ela fazem parte da memória da escravidão e continuam inspirando atitudes de devoção e respeito entre as gentes de Minas Gerais.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Resistência

A escravidão é uma instituição muito antiga e existiu em várias partes do mundo. Mas, onde houve escravidão, houve resistência. No Brasil, não foi diferente. O excesso de trabalho, a disciplina rigorosa, os castigos, o fato de o senhor não cumprir com a palavra quando um escravizado conseguia juntar dinheiro para comprar sua carta de alforria, tudo isso provocou diferentes formas de resistência entre os escravizados. Eles resistiam praticando religiões de origem africana; jogando **capoeira**; promovendo festejos, como o **congado**, o **reisado**, o jongo; e fundando irmandades.

As irmandades eram associações organizadas por leigos e que tinham sede em igrejas católicas. Para que uma irmandade funcionasse era necessário que tivesse seus estatutos aprovados por uma autoridade da Igreja católica. As irmandades promoviam: o culto aos seus santos padroeiros; a cooperação entre seus membros para construir, reformar ou ornamentar uma igreja; a assistência mútua entre seus integrantes. A assistência era de ordem **material** (protegendo suas famílias da pobreza) e **espiritual**, garantindo aos integrantes apoio na hora da morte (missa de corpo presente, sepultamento digno e orações em sua intenção).

Capoeira: dança e luta ao mesmo tempo, a capoeira foi uma forma de diversão e defesa desenvolvida no Brasil pelos africanos e seus descendentes.

Congado: tipo de dança dramática que representa a coroação de um rei (e às vezes de uma rainha) do Congo, constituída de um cortejo com passos e cantos, em que a música acompanha a expressão dramática dos textos, e que se caracteriza pela embaixada, e por lutas simbólicas de espada.

Reisado: festa popular que se realiza na véspera e no dia de Reis. Tipo de auto natalino surgido no final do século XIX, difundindo-se no Norte e Nordeste; é constituído de um figurante acompanhado por um coro cantando peças em sequência.

Jogo de capoeira em frente ao monumento Zumbi dos Palmares, no centro do Rio de Janeiro, durante a comemoração do Dia da Consciência Negra, data da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro (RJ), 20 de novembro de 2013.

FABIO MOTTA/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

DIVULGAÇÃO PNLD FNDE

ENCAMINHAMENTO

- Analisar os tipos de resistência cultural praticados pelos escravizados no Brasil.
- Trabalhar os conceitos de congada, capoeira e reisado e analisar o papel dessas manifestações culturais no fortalecimento da identidade brasileira.
- Comentar que os escravizados encontravam nas danças e na capoeira formas de resistirem às condições às quais eram submetidos.
- Refletir sobre a importância das irmandades entre os escravizados e comentar o papel dessas associações religiosas no cotidiano do escravizado.
- Pedir aos alunos uma pesquisa sobre a Irmandade dos Homens Pretos de Salvador.
- Sugestão de *site* e texto para a pesquisa: IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS. Disponível em: <http://livro.pro/4jn4wt>; e A IRMANDADE do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho: memória e identidade afrocatólica na Bahia. Disponível em: <http://livro.pro/2xbyp4>. Acessos em: 26 set. 2018.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: REISADO. Disponível em: <http://livro.pro/tkzbfq>; e CONGADA une santos católicos e saberes de antigos escravos. Disponível em: <http://livro.pro/mci8hj>. Acessos em: 26 set. 2018.

Dica de leitura

- SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

O livro traz um panorama histórico de diversas sociedades da África e a influência desses povos na formação do Brasil.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- HISTÓRIA da resistência negra no Brasil. Duração: 19min42s. Disponível em: <http://livro.pro/ensij4>. Acesso em: 26 set. 2018.

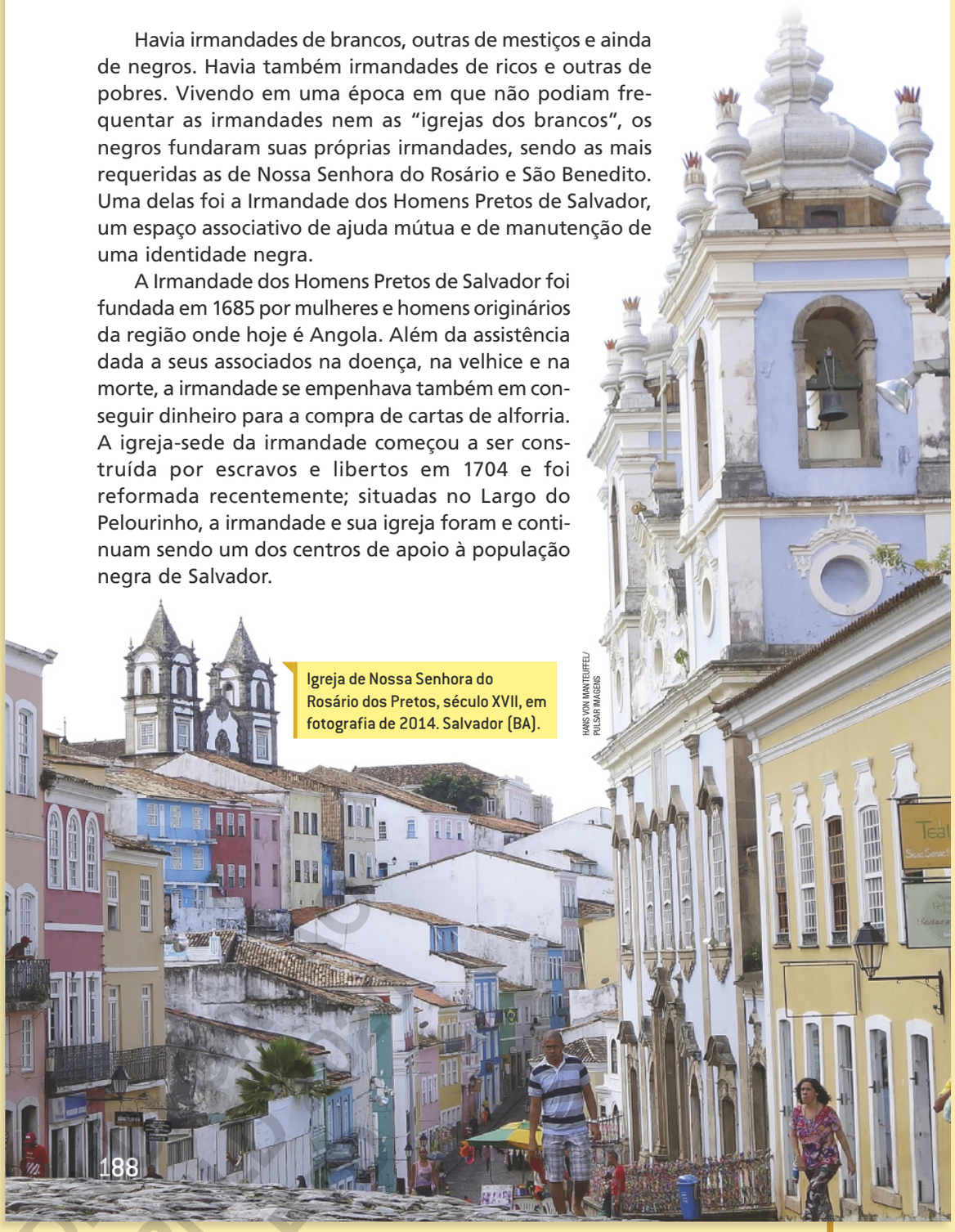
Documentário **História da resistência negra no Brasil**, de José Carlos Asbeg.

- CAPOEIRA: a cultura da ginga. Duração: 23min48s. Disponível em: <http://livro.pro/b6ydi3>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre a capoeira, instrumento de resistência dos negros.

Havia irmandades de brancos, outras de mestiços e ainda de negros. Havia também irmandades de ricos e outras de pobres. Vivendo em uma época em que não podiam frequentar as irmandades nem as "igrejas dos brancos", os negros fundaram suas próprias irmandades, sendo as mais requeridas as de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Uma delas foi a Irmandade dos Homens Pretos de Salvador, um espaço associativo de ajuda mútua e de manutenção de uma identidade negra.

A Irmandade dos Homens Pretos de Salvador foi fundada em 1685 por mulheres e homens originários da região onde hoje é Angola. Além da assistência dada a seus associados na doença, na velhice e na morte, a irmandade se empenhava também em conseguir dinheiro para a compra de cartas de alforria. A igreja-sede da irmandade começou a ser construída por escravos e libertos em 1704 e foi reformada recentemente; situadas no Largo do Pelourinho, a irmandade e sua igreja foram e continuam sendo um dos centros de apoio à população negra de Salvador.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, século XVII, em fotografia de 2014. Salvador (BA).

HANS VON MANTEUFFEL/ PULSAR IMAGENS

Texto de apoio

Irmandades negras

Na América Portuguesa, as irmandades foram fundamentais para a expansão e manutenção do culto católico [...] Desde o início da colonização, entre as muitas fraternidades fundadas, destacam-se aquelas que deveriam agremiar os escravos e seus descendentes libertos e livres. Os mais antigos compromissos conhecidos são das Irmandades do Rosário do Rio de janeiro, de Belém e da Bahia, erguidas, respectivamente, nos anos 1639, 1682 e 1685. [...]

A garantia de uma boa morte, com funeral, tumba, missas, é um tema tratado com grande cuidado nos compromissos das irmandades negras. Os altíssimos custos que envolviam todos esses ritos, além da importância da ancestralidade para os africanos, certamente foi um atrativo ímpar para o ingresso numa fraternidade. [...] A festa do padroeiro constituía um momento singular de mobilização e visibilidade pública da agremiação, quando as irmandades negras poderiam galgar um lugar de distinção na sociedade colonial. Suas festas, além dos atos litúrgicos, permitiam manifestações menos solenes: ocorridas do lado de fora da igreja, com música, dança e comilanças [...] Representavam circunstâncias especiais de demonstrações culturais, como os reinados do Rosário e as coroações de reis e rainhas do Congo, e por isso, também, chances privilegiadas para o reconhecimento de diferenças no interior das comunidades de africanos e crioulos.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 272-273.

Outras formas de resistência

Os africanos e seus descendentes resistiram também desobedecendo, fazendo corpo mole no trabalho, quebrando ferramentas, incendiando plantações, suicidando-se, agredindo feitores e senhores, negociando melhores condições de vida e trabalho, fugindo sozinhos ou com companheiros e formando **quilombos**.

Quilombos: agrupamentos de pessoas fugidas da escravidão.

Os quilombos

Uma das principais formas de luta contra a escravidão foi a formação de quilombos por toda a América escravista.

Quilombos mais conhecidos (séculos XVII a XIX)

Fonte: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidon de Souza (Org.). **Negras imagens**: ensaios sobre a cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp, 1996. p. 26.

Muitos dos quilombos que aparecem no mapa ainda não foram estudados. Existiram quilombos por todo o território nacional, desde o Rio Grande do Sul até a Amazônia. Uns pequenos (20 ou 30 habitantes), outros grandes (com milhares de habitantes). O mais famoso deles foi o Quilombo dos Palmares.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Retomar a ideia de que, onde houve escravidão, houve resistência.
- Chamar a atenção dos alunos para as diferentes formas de resistência dos escravizados, como as fugas, o suicídio e a formação dos quilombos.
- Trabalhar o conceito de quilombo.
- Evidenciar, com base no mapa, que existiram quilombos por todo o território, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.
- Comentar a longevidade do Quilombo dos Palmares, apesar da superioridade militar das autoridades.

+ATIVIDADES

- Leia com atenção o texto a seguir:

> Um dos aspectos fundamentais do protesto por meio das comunidades de fugitivos em várias partes da América foi a tentativa, por parte dos cativos, de forjar uma comunidade camponesa independente. De modo geral, os quilombolas no Brasil procuravam estabelecer-se não muito distante de locais onde pudessem realizar trocas mercantis diversas.
>
> Frequentemente, os quilombos desenvolveram práticas econômicas integradas à economia local e relações sociais complexas que podiam contar com a participação de vários setores sociais envolventes – taberneiros, por exemplo – de uma determinada região. [...]

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 212. p. 455-456.

1. De acordo com o texto, o que os cativos pretendiam com a formação de quilombos?
   Os cativos visavam à formação de comunidades camponesas independentes.
2. Analisando o texto, é possível afirmar que os quilombos eram comunidades totalmente isoladas? Justifique sua resposta.
   Não, pois os quilombos realizavam trocas comerciais com as comunidades próximas.

ENCAMINHAMENTO

- Analisar a importância dos quilombos.
- Comentar a destruição do Quilombo dos Palmares, destacando a resistência dos quilombolas mesmo frente à superioridade militar do governo brasileiro.

O Quilombo dos Palmares

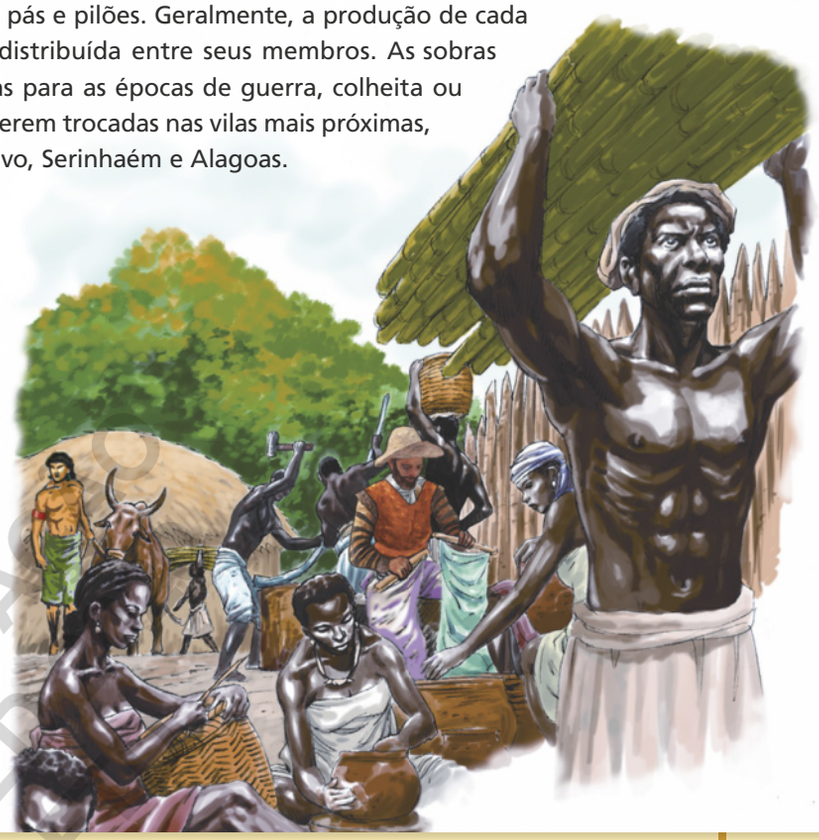
O maior e mais duradouro de todos os quilombos brasileiros foi o dos Palmares. Teve início numa noite de 1597, quando cerca de 40 escravizados fugiram de um engenho do litoral nordestino e se refugiaram na Serra da Barriga, uma região montanhosa situada no atual estado de Alagoas. Como no lugar havia grande quantidade de palmeiras, chamou-se Palmares.

Palmares cresceu rapidamente e, segundo o historiador João José Reis, chegou a ter cerca de quinze mil habitantes. Os africanos e seus descendentes eram maioria, mas em Palmares havia também brancos pobres e indígenas expulsos de suas terras pelos colonos.

Os palmarinos viviam em liberdade e a seu modo num conjunto de povoações chamadas mocambos (de *mukambo*, "esconderijo" em **quimbundo**).

Quimbundo: língua do grupo banto falada em Angola.

Para sobreviver, plantavam milho, feijão, mandioca, batata-doce; criavam porcos e galinhas; caçavam cotias, raposas, tatus; confeccionavam objetos de cerâmica, palha trançada e madeira e faziam vasos, enxadas, pás e pilões. Geralmente, a produção de cada mocambo era distribuída entre seus membros. As sobras eram guardadas para as épocas de guerra, colheita ou festa, ou para serem trocadas nas vilas mais próximas, como Porto Calvo, Serinhaém e Alagoas.



MOZART COUTO

Representação de cena do cotidiano no Quilombo dos Palmares baseada em pesquisa histórica.

DIVULGAÇÃO PNLD

Texto de apoio

A escravidão de africanos nas Américas consumiu cerca de 15 milhões ou mais de homens e mulheres arrancados de suas terras. O tráfico de escravos através do Atlântico foi um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial. A participação do Brasil nessa trágica aventura foi enorme. Para o Brasil, estima-se que vieram perto de 40% dos escravos africanos. [...] Além de movimentarem engenhos, fazendas, minas, cidades, plantações, fábricas, cozinhas e salões, os escravos da África e seus descendentes imprimiram marcas próprias sobre vários outros aspectos da cultura material e espiritual deste país. [...]

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente. Aqui também a lista é longa e conhecida. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão – e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. [...]

A fuga que levava à formação de grupos de escravos fugidos, aos quais frequentemente se associavam outras personagens sociais, aconteceu nas Américas onde se vicejou a escravidão. Tinha nomes diferentes: na América espanhola, ***palenques***, ***cumbes*** etc.; na inglesa, ***maroons***; na francesa ***grand marronage*** (para diferenciar da ***petit marronage***, a fuga individual, em geral temporária). No Brasil esses grupos eram chamados principalmente **quilombos** e **mocambos** e seus membros, **quilombolas**, **calhambolas** ou **mocambeiros**.

A guerra

Palmares era uma ameaça à ordem escravista, por isso sempre tirou o sono dos senhores de engenho e das autoridades portuguesas. Desde cedo, os poderosos enviaram expedições contra o grande quilombo. Várias delas foram derrotadas pelos quilombolas. Durante a guerra, um jovem guerreiro nascido em Palmares começou a se destacar por sua firmeza. Seu nome, **Zumbi**.

As autoridades decidiram, então, contratar o bandeirante Domingos Jorge Velho para destruir o Quilombo dos Palmares. Em troca, ele exigiu um quinto do valor dos quilombolas aprisionados, quinhentos mil réis em panos e roupas, cem mil em dinheiro vivo.

A superioridade militar e um maior conhecimento da Serra da Barriga desequilibraram a luta em favor dos **mercenários**. Depois de vários ataques, Jorge Velho e seus 6 500 homens, armados inclusive com canhões, invadiram e incendiaram a capital palmarina em 6 de fevereiro de 1694. Ferido em combate, Zumbi conseguiu escapar e resistiu por vários meses. Mas depois, traído por um homem de sua confiança, foi morto em 20 de novembro de 1695.

Zumbi: provavelmente está associado a Nzumbi, título que os povos bantos davam a um chefe militar e religioso.

Mercenário: que trabalha sem outro interesse que não o dinheiro.

Em 1978, a comunidade negra brasileira transformou o dia 20 de novembro – aniversário da morte de Zumbi – em Dia Nacional da Consciência Negra. Ou seja, um dia para refletir com profundidade sobre o racismo no Brasil e buscar formas para superá-lo.

CELSO PUPO/FOTOARENA

Homenagem a Zumbi, feita pelo bloco afro Filhos de Gandhi, durante o Dia Nacional da Consciência Negra na cidade do Rio de Janeiro, RJ. 2012.

Texto de apoio

Dia 20 de novembro é o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra

O dia 20 de novembro relembra a morte de Zumbi dos Palmares, que aconteceu em 1695.

[...]

O Brasil tem aproximadamente 1 209 comunidades quilombolas em 143 áreas já tituladas, segundo levantamento da Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura. Elas estão em todos os estados, exceto no Acre, Roraima e Distrito Federal. As maiores populações de quilombolas estão na Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Pará.

A adesão ao feriado ou instituição de ponto facultativo é decisão legal de cada estado ou município. Mais de 700 cidades já adotaram o feriado, quando é comemorado o Dia da Consciência Negra.

A data é considerada como uma ação afirmativa de promoção da igualdade racial e uma referência para a população afrodescendente dedicada à reflexão sobre as consequências do racismo e sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. [...]

PORTAL BRASIL. **Dia 20 de novembro é o dia nacional de Zumbi e da consciência negra**. 8 nov. 2012. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/11/dia-nacional-de-zumbi-e-da-consciencia-negra-e-comemorado-em-20-de-novembro>. Acesso em: 27 set. 2018.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio (continuação)

O fenômeno do aquilombamento tem sido bastante estudado em todo o continente americano, embora a qualidade e a quantidade dos estudos variem de lugar para lugar. Bem estudados estão os quilombos da Jamaica e do Suriname, por exemplo, que conseguiram celebrar tratados de paz com os poderes coloniais, adquirindo uma dose de autonomia que lhes permitiu sobreviver até nossos dias. [...]

Mas, infelizmente, para a maioria dos quilombos nas Américas, e no Brasil em particular, dependemos exclusivamente de relatos escritos por pessoas de fora, amiúde pela pena de membros das forças repressoras. Mas, embora a história contada por essas fontes seja problemática – como bem o demonstrou Richard Price ao comparar documentos dos colonizadores holandeses com a tradição oral ***saramaka*** e verificar divergências e concordâncias –, nem por isso deve o pesquisador desistir de investigar a história dos quilombos. O mais sensato é cumprir o bê-á-bá do historiador, lendo criticamente os documentos, identificando as circunstâncias e as intenções dos escribas, o que se esconde nas entrelinhas, explorando pequenos indícios, tentando mesmo ouvir os silêncios. Enfim, é aconselhável não se render aos documentos da repressão, mas usá-los como armas que podem abrir o caminho para a história dos escravos em fuga.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. Introdução: uma história de liberdade. In: REIS, João José (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 9-10.

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar com os alunos o conceito de remanescente de quilombo.
- Debater com os alunos o artigo 68 da Constituição brasileira de 1988.
- Refletir sobre as dificuldades que os habitantes de remanescentes de quilombos têm tido para documentar a posse da terra.

Dialogando

Resposta pessoal.

+ATIVIDADES

- Leia com atenção o texto a seguir, que trata da educação quilombola.

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC/SEB/Dicei, p. 74, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 27 set. 2018.

- **Em grupo**. Debatam, reflitam e elaborem um texto coletivo sobre o artigo 41 das Diretrizes Curriculares do MEC.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- BRASIL possui mais de cinco mil territórios quilombolas. Duração: 25min14s. Disponível em: <http://livro.pro/33e2vk>. Acesso em: 16 jun. 2018.

Entrevista com o professor da Universidade de Brasília (UnB) Rafael Sanzio sobre a formação dos quilombos.

Remanescentes de quilombos

No Brasil de hoje existem povoações habitadas pelos descendentes dos antigos quilombolas. Espalhadas por todo o território nacional, essas comunidades são chamadas de **remanescentes de quilombos**. São mais de oitenta mil pessoas vivendo de um jeito parecido com o de seus antepassados. Em algumas dessas comunidades, a língua falada conserva termos africanos.

A Constituição brasileira de 1988 reconheceu a propriedade definitiva das terras ocupadas por comunidades quilombolas. O artigo 68 diz:

> Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Art. 68. Título X. Ato das disposições constitucionais transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Mas conseguir documentar a posse da terra não tem sido tarefa fácil. Além da demora do processo, há o fato de que muitas dessas terras são cobiçadas por fazendeiros e, por vezes, estão localizadas em áreas de mananciais e de reservas de extração vegetal e mineral.

DIALOGANDO

Há remanescentes de quilombo no seu estado? Qual? Quais?

Muitos habitantes das atuais comunidades quilombolas vêm travando uma luta árdua para reunir provas de que são descendentes de escravizados e de que as terras em que vivem lhes pertencem.

SERGIO AMARAL/OLHAR IMAGEM

Pai e filhos de uma comunidade remanescente de quilombo. Quilombo Vão de Almas. Cavalcante, GO. 2015.

DIVULGAÇÃO PNLD

192

PARA REFLETIR

O texto a seguir é do **africanista** Alberto da Costa e Silva. Leia-o com atenção.

PURLUIS VERGILIUS/FOLHAPRESS

O africanista Alberto da Costa e Silva em fotografia de 2002.

De que a presença africana em nossa cultura é profunda, talvez o melhor testemunho esteja no português que falamos [...]. As línguas africanas, especialmente o quimbundo (ou idioma dos ambundos), o quicongo (ou língua dos congos), o umbundo (ou idioma dos ovimbundos) e o iorubá, marcaram profundamente não só o vocabulário do português do Brasil, mas também [...] a construção das frases, e [...] a maneira como pronunciamos as palavras. Poucos se dão conta de que os verbos: cochichar, cochilar [...] e zangar, os substantivos bagunça [...], caçula, cafuné [...], fuxico [...], lenga-lenga [...], quitanda [...], os adjetivos [...] dengoso, encabulado e zonzo e numerosíssimos outros termos que usamos no dia a dia são de origem africana.

E o que fazem os portugueses, quando têm de zangar com o caçula dengoso que estava cochilando durante uma lenga-lenga como esta?

Eles [...] se aborrecem com o benjamim manhoso que dormitava durante esta conversa **enfadonha**.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2012. p. 156-157.

Africanista: estudioso dos assuntos africanos.
Enfadonha: cansativa.

a) Segundo o texto, que línguas africanas influenciaram profundamente o português falado no Brasil?

b) Quais são os termos que os portugueses usam para dizer caçula, dengoso e cochilar?

c) Qual é a importância dos conhecimentos transmitidos nesse texto para nós, brasileiros?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) O quimbundo, o quicongo, o umbundo e o iorubá.

b) Eles usam, respectivamente, **benjamim**, **manhoso** e **dormitar**.

c) É ajudar-nos a ter consciência de que muitos termos usados por nós, brasileiros, no dia a dia, se originaram de línguas africanas. **Professor**: comentar também que os africanos influenciaram vários outros aspectos da nossa cultura, como culinária, música, técnicas, entre outros.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- ESSA nossa língua: influência africana no português. Episódio 10. Duração: 5min9s. Disponível em: <http://livro.pro/crfuf9>. Acesso em: 26 set. 2018.

O vídeo aborda a influência africana na língua portuguesa.

Texto de apoio

A presença africana nas palavras que falamos em português

No cotidiano de todo brasileiro podemos visualizar as marcas que constituíram, a partir do século XVI, a presença dos povos africanos [...] no Brasil. Essa presença está nas palavras que falamos, na gestualidade que produzimos e no nosso modo de pronunciar a língua portuguesa falada no Brasil.

Podemos compreender que a entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e, consequentemente, a forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, também podemos visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira. Nesta história, as arestas de como a realidade brasileira era significada são alargadas diante das palavras das babás, amas de leite e mucamas [...], que, com seus fazeres e saberes, marcaram a dinâmica da vida privada dos lares brasileiros. [...]

De uso frequente, as palavras **sunga** e **tanga**, por exemplo, deixaram de ser associadas aos trajes africanos [...] para compor peças do vestuário masculino e feminino brasileiro, o que sinaliza a mudança de costumes com a apropriação dessas peças e consequentemente das palavras que as nomeiam.

[...]

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes, essa é a história da língua portuguesa em solo brasileiro, ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não a impediu de acolher uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporar um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas.

SANTOS, Wilmihara Benevides da Silva Alves dos. **A presença africana nas palavras que falamos em português**. Museu da Língua Portuguesa, 15 mar. 2018. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/presenca-africana-nas-palavras-que-falamos-em-portugues-um-artigo-de-wilmihara-benevides-s-alves-dos-santos/>. Acesso em: 27 set. 2018.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Aponte a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno.

Sobre o comércio de africanos pelo Atlântico:

a) Contribuiu para aumentar as guerras entre os africanos.

b) Era uma atividade da qual participavam europeus, africanos e brasileiros.

c) Envolvia vários produtos, sobretudo armas de fogo e pólvora.

d) Todas as lideranças africanas participaram da obtenção e venda de escravos pelo Atlântico.

e) Contribuiu para uma estreita ligação entre a história da África e a história do Brasil.

2. Observe o mapa com atenção:

Principais portos de embarque de africanos (séculos XVI a XIX)

Fonte: MELLO E SOUZA, Marina de. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. p. 82.

a) Escreva no caderno os nomes das cidades brasileiras, de norte a sul, por onde os africanos entraram no Brasil.

b) Cite dois importantes portos africanos localizados ao sul do Equador.

c) Cite dois importantes portos africanos localizados na Costa da Mina.

d) Qual era a duração da viagem da África Ocidental para o Brasil?

e) Como eram as condições de viagem dos africanos embarcados para o Brasil?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. Alternativa D. Justificativa: Uma parte das lideranças envolveu-se com a obtenção e a venda de escravos; no entanto, outra parte resistiu e denunciou os prejuízos que isso causava às suas comunidades.
2. **a)** Belém, São Luís, Recife, Salvador e Rio de Janeiro.
   b) Luanda e Cabinda. **Professor**: comentar que os povos vindos dessa região eram bantos.
   c) São Jorge da Mina e Lagos. **Professor**: entre os povos saídos por esses portos, destacam-se os jejes e os nagôs.
   d) A viagem das praias da África ocidental para o Brasil durava de 30 a 45 dias, conforme o lugar de partida e o de chegada.
   e) As condições de viagem eram péssimas e a comida era pouca e de má qualidade. As pipas de água também eram poucas, para não ocupar lugar no navio.

Texto de apoio

Entre o Brasil e a África

[...] o Brasil recebeu cerca de 5 milhões de africanos escravizados.

Entre os séculos 16 e 19, este brutal comércio fez prisioneiros de diferentes partes da África. [...]

O Brasil foi o maior receptor desse fluxo forçado, o que deu ao país o título de segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria, na África.

[...]

"Cada um tinha saudade da sua África particular, da sua aldeia, da sua cidade, do seu bairro, da sua gente. Chegaram aqui e encontraram pessoas inteiramente distintas, que formavam novos grupos, novos agrupamentos, traziam uma nova consciência social. No Brasil, os africanos criaram uma espécie de matrimônio múltiplo, com todas essas pessoas que, na África, jamais tinham se visto", disse, em entrevista exclusiva ao UNIC Rio, Alberto da Costa e Silva, que é escritor e o maior africanólogo de língua portuguesa.

Nos primeiros 50 anos do comércio transatlântico de escravos, Alberto lembra que os povos que aqui desembarcaram eram majoritariamente provenientes da região da Alta Guiné, onde hoje estão Senegal, Mali, Guiné-Conacri e Guiné-Bissau, por exemplo. Em seguida, passou a ter preponderância da região onde hoje estão Angola, República do Congo, Gabão e República Democrática do Congo; depois da chamada Costa dos Escravos, que compreendia o território onde estão Nigéria, Camarões, Togo, Benin e Gana.

"Eles eram de diferentes lugares, mas havia grupos maiores de uma região. O navio, por exemplo, chegava a determinado ponto da costa onde havia acontecido uma guerra e recebia 300 escravos todos da mesma língua, com os mesmos modos de viver. [...]" [...].

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Especial**: entre o Brasil e a África houve uma troca forte e poderosa, diz Alberto da Costa e Silva. 24 maio 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/especial-entre-o-brasil-e-a-africa-houve-uma-troca-forte-e-poderosa-alberto-da-costa-e-silva/>. Acesso em: 27 set. 2018.

3. Observe com atenção as fontes 1 e 2 e responda.

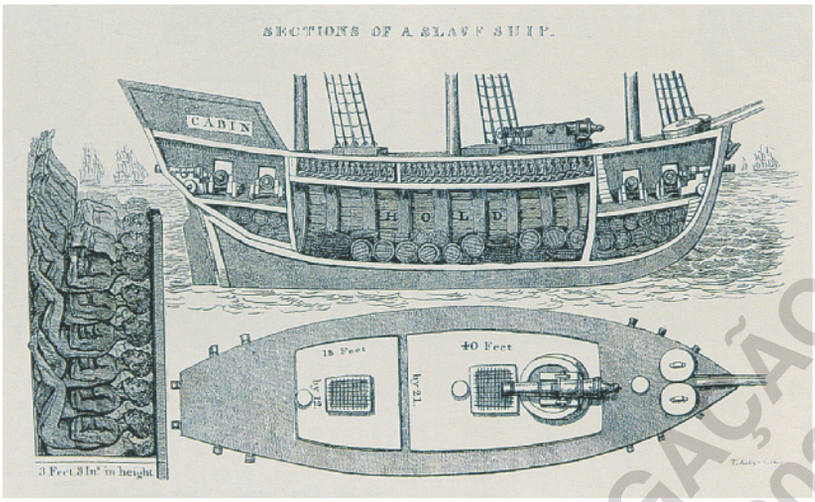
Fonte 1

O texto a seguir foi escrito por Mahommah Gardo Baquaqua, africano nascido onde hoje é o Benin e trazido para Pernambuco como escravo em 1845. Depois de obter a liberdade, ele escreveu um livro do qual se retirou o seguinte trecho:

> Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de um lado, e as mulheres de outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar de pé, éramos obrigados a nos agachar ou nos sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. [...]
>
> [Havia dias em que os escravizados ficavam sem água e sem comida.] Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés, e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu. Suponho que tenha sido jogado ao mar.

O GLOBO. 27 nov. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/historiadores-traduzem-unica-autobiografia-escrita-por-ex-escravo-que-viveu-no-brasil-14671795#ixzz3Kja8UxlC>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Fonte 2



Desenho de 1830 de um navio especializado no tráfico de escravos.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. a) É o tratamento dado aos escravos no navio negreiro, durante a viagem pelo Atlântico.

b) Os escravos eram apinhados no porão do navio negreiro. Em virtude da altura do porão, não era possível permanecer em pé. A comida e a água eram insuficientes, e alguns escravos, considerados indisciplinados, eram lançados ao mar.

c) Resposta pessoal. **Professor**: comentar que esse relato é um documento raro e importante para a compreensão das condições de viagem dos africanos para a América; é uma fonte particularmente interessante, pois Baquaqua escreveu a única biografia de um africano escravizado em terras brasileiras. O trabalho de pesquisa sobre o assunto é do professor pernambucano Bruno Véras.

d) A imagem reforça e ilustra o trecho em que Baquaqua diz: "O porão era tão baixo que não podíamos ficar de pé, éramos obrigados a nos agachar ou nos sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos".

Aprofundar o assunto, acessando o texto: ESCRAVIDÃO, farinha e tráfico atlântico: um novo olhar sobre as relações entre o Rio de Janeiro e Benguela (1790-1830). **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: <http://livro.pro/mnd2ne>. Acesso em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- SAIBA mais sobre a história da escravidão. Duração: 33min38s. Disponível em: <http://livro.pro/gusqic>. Acesso em: 26 set. 2018.

Reportagem especial sobre a escravidão na África.

- RAÍZES: a história do Espírito Santo. Episódio 5: a formação da identidade capixaba. Duração: 10min25s. Disponível em: <http://livro.pro/yq6pdw>. Acesso em: 26 set. 2018.

O vídeo discute a contribuição africana na formação do povo capixaba.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

4. a) Sim. No Brasil colônia, era comum as mulheres venderem doces, salgados, flores e frutas em tabuleiros.
   b) A imagem confirma as informações do texto. As escravas estão vendendo vegetais e animais.
   c) Podemos perceber que as escravas estão com colares e brincos e mais bem trajadas do que as escravas do eito e das minas, por exemplo.

a) Qual é o assunto do texto da página anterior?

b) Segundo o autor, como era o tratamento dispensado aos escravizados no navio negreiro?

c) O fato de o autor do texto ter passado pela experiência de viajar em um navio negreiro como escravo torna seu relato mais confiável? Justifique.

d) Agora observe a imagem (fonte 2); ela reforça ou nega a descrição feita por Baquaqua na fonte 1? Justifique.

4. Em muitas sociedades africanas, cabia às mulheres a venda de frutas, peixes, hortaliças, óleo de dendê, pimenta, fubá e outros gêneros de primeira necessidade. Esse comércio era feito, geralmente, nas "kitandas", palavra de origem africana que significava mercado ou feira. Observe a imagem.

a) Essa tradição se manteve na colônia portuguesa da América? Justifique sua resposta.

b) A imagem, produzida no Brasil do século XVIII, nega ou confirma as informações do texto?

c) Que aspecto da imagem nos leva a acreditar que a condição social das escravas de ganho era melhor do que as que trabalhavam no campo?

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Henry Chamberlain e John Clarke. **Uma banca do mercado**. 1819. Gravura colorida. Domínio público.

DIVULGAÇÃO PNLD 2021 FTD

Texto de apoio

Mulheres comerciantes

Foram as mulheres forras e livres, que se ocupavam no pequeno comércio ambulante, que levaram para as ruas o acarajé, o abará, o vatapá, o caruru, o arroz de hauçá, o acaçá e outras iguarias da culinária afro-brasileira. Muitas compraram a alforria própria ou de familiares com o dinheiro ganho nesse comércio de rua. Nas praças das grandes e pequenas cidades do império, quituteiras negras montavam seus tabuleiros trazendo mocotós, mingaus, canjicas, rolete de cana, queimados e muitas outras receitas, que mais tarde foram incorporadas à cozinha brasileira. Dos africanos a culinária brasileira incorporou o azeite de dendê, a pimenta-malagueta e o quiabo. Os afro-brasileiros fizeram também invenções importantes, a partir das culinárias africanas e europeias, depois incorporadas à culinária nacional. Mulheres negras também ficaram famosas exercendo o ofício de parteiras. No Brasil antigo, foi grande o número de crianças, negras e brancas, que vieram ao mundo nos braços de parteiras negras.

FRAGA, Walter; ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história da cultura afro-brasileira**. São Paulo: Moderna, 2009. p. 41.

5. Onde houve escravidão houve resistência.

a) Cite algumas formas de resistência à escravidão praticadas na colônia portuguesa da América.

b) Você já deve ter visto ou até mesmo participado de um jogo de capoeira. Com base nesse conhecimento, responda: você concorda com a autora do texto a seguir?

HEMIS/ALAMY/FOTOARENA

Capoeira na praia de Uruau (CE), 2014.

> A capoeira é uma luta popular em que a "manha" e a malícia se sobrepõem à força física, posto que o mais forte não é aquele fisicamente mais avantajado, porém o mais malicioso, o mais mandingueiro. [...]
>
> REIS, Letícia V. S. Negro em "terra de branco": a reinvenção da identidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Sousa (Org.). **Negras imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp/Estação Ciências, 1996. p. 37.

6. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno.

a) A escravidão é uma instituição relativamente recente e exclusiva do Brasil.

b) Os escravizados resistiam praticando religiões de origem africana, jogando capoeira, promovendo festejos, como o congado, o reisado e o jongo, e fundando irmandades.

c) O congado é um tipo de dança dramática que representa a coroação de um rei (e às vezes de uma rainha) do Congo. Reisado: festa popular que se realiza na véspera e no dia de Reis.

d) As irmandades eram associações organizadas por leigos e que tinham sede em igrejas católicas. Para que uma irmandade funcionasse era necessário que tivesse seus estatutos aprovados por uma autoridade da Igreja Católica.

e) As irmandades promoviam o culto aos seus santos padroeiros e a cooperação entre seus membros para construir, reformar ou ornamentar uma igreja e a assistência mútua entre seus integrantes.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

5. a) A desobediência, o suicídio, a negociação visando a melhores condições de vida e trabalho, a organização de quilombos, a capoeira, as manifestações religiosas etc.

b) Resposta pessoal. **Professor**: comentar que a ginga e a capacidade de dissimular o golpe que se pretende desfechar estão na base do jogo de capoeira, que é dança e luta ao mesmo tempo.

6. Alternativa A. Justificativa: A escravidão é uma instituição muito antiga e existiu em várias partes do mundo. No entanto, onde houve escravidão, houve resistência.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Reisado

[...] Segundo o pesquisador cearense Oswald Barroso, "O reisado é um folguedo que se desenvolve no Brasil inteiro, com uma variedade imensa e uma importância enorme para as diversas artes. Mapear essa manifestação, para esse processo de registro, seria um desafio enorme, dadas a sua complexidade e diversidade". Juntamente com a capoeira, agora teremos a certeza de que essa bela festa popular será preservada para o deleite de gerações futuras.

O reisado é uma das pantomimas folclóricas mais ricas e mais apreciadas, principalmente no Nordeste. Faz parte do repertório das Festas Jesuínas e é apresentado de 24 de dezembro a 6 de janeiro, isto é, pelo Natal, Ano-Bom e Reis. O reisado é formado por um grupo de foliões e de pastores e pastoras que se reúnem numa espécie de rancho, com o fim de visitar as casas das pessoas [...] hospitaleiras da região, a cantar e a dançar. O reisado apresenta diversas modalidades e compõe-se de várias partes: a) abrição da porta; b) entrada; c) louvação ao Divino; d) chamadas do rei; e) peças de sala; f) danças; g) a guerra; h) as sortes; i) encerramento da função. Tem como principais personagens: o rei, o mestre, o contramestre, Mateus, Catarina, figuras e moleques. [...]

GELEDÉS. **Reisado**. 27 set. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/reisado/>. Acesso em: 27 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

7. a) Agrupamentos de pessoas que fugiam da escravidão e também de brancos pobres e de indígenas expulsos de suas terras.
   b) As invasões holandesas (1624-1654) desorganizavam a vida nos engenhos, e os escravizados aproveitavam para fugir, o que aumentou significativamente a população do quilombo.
   c) Eles plantavam alimentos, criavam animais e confeccionavam objetos artesanais. A produção era dividida entre os membros dos mocambos, e as sobras que eles produziam eram guardadas para épocas de guerra, colheita ou festa, ou para serem trocadas nas vilas mais próximas.
8. a) São povoações habitadas por descendentes dos antigos quilombolas. Em algumas dessas comunidades, a língua falada conserva termos africanos.
   b) Resposta pessoal. **Professor**: evidenciar a importância dessa conquista histórica. Ressaltar que os palmarinos resistiram a várias investidas e que, no caso desse grande quilombo, a superioridade bélica das forças lideradas por Domingos Jorge Velho foi decisiva para o resultado da guerra.
   c) 1: lugar sagrado e de proteção. 2: 253 mil hectares. 3: 56 comunidades. 4: rezas, folias e festas transmitidas de geração em geração.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. Criem um vídeo valorizando os diferentes tipos de beleza do povo brasileiro, seja negro, branco ou indígena.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A PARTICIPAÇÃO dos negros nos movimentos históricos. Duração: 52min30s. Disponível em: <http://livro.pro/8vhx8v>. Acesso em: 26 set. 2018.

Debate sobre a participação dos negros em movimentos históricos no Brasil.

7. Sobre os quilombos, responda em seu caderno:

a) O que eram?

b) Que relação pode ser estabelecida entre a invasão holandesa no Nordeste e o Quilombo dos Palmares?

c) O que os palmarinos faziam para sobreviver?

8. O artigo 68 da Constituição brasileira de 1988 estabelece:

> Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.
>
> BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Art. 68. Título X. Ato das disposições constitucionais transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 ago. 2018.

SERGIO AMARAL/OLHAR IMAGEM

Romaria de Nossa Senhora no Quilombo Vão das Almas. Cavalcante, GO. 2015.

Sobre a resistência negra ontem e hoje, responda em seu caderno:

a) O que são remanescentes de quilombos?

b) Escreva uma frase sobre o artigo e sua importância para a História do Brasil.

c) Um dos maiores quilombos do Brasil se chama Kalunga e está situado no norte do estado de Goiás. Pesquise e escreva sobre ele com base no seguinte roteiro:

1. Significado do nome Kalunga.
2. Tamanho.
3. Número de comunidades existentes no quilombo.
4. Manifestações culturais.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

198

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PASSADO

O documento a seguir são trechos de um tratado de paz proposto por trabalhadores do engenho Santana de Ilhéus, na Bahia, em 1789. Leia-o com atenção.

Proposta de Paz

Meu Senhor, nós queremos paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser nossa paz há de ser nessa conformidade [...].

Em cada semana nos há de dar os dias de sexta-feira e de sábado para trabalharmos para nós não tirando um destes dias por causa de dia santo.

Para podermos viver nos há de dar rede, tarrafa [instrumento de pesca] e canoas. [...]

Os atuais feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação. [...]

Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos, e em qualquer brejo, sem que para isso peçamos licença, e poderemos cada um tirar jacarandás [madeira de lei] ou qualquer pau sem darmos parte para isso. [...]

Poderemos brincar, folgar, e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos empeça e nem seja preciso licença.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 123-124.

Fac-símile de capa da obra **Negociação e conflito**, de João José Reis e Eduardo Silva.

a) Quem são os autores do documento e a quem eles se dirigem?

b) Reflita e opine. Qual das exigências dos trabalhadores você considerou mais importante? Por quê?

c) Pode-se dizer que os rebelados desejavam acabar com a escravidão? Justifique.

d) Esse tratado de paz pode ser considerado um ato de resistência escrava?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Eles são trabalhadores escravizados e se dirigem ao dono do engenho onde trabalham, o Engenho Santana, de Ilhéus, na Bahia.

b) Resposta pessoal. **Professor**: o objetivo aqui foi lançar luz sobre a atuação dos escravos como agentes históricos, capazes de lutar por seus interesses, de formular com clareza suas exigências e de pressionar o regime que os oprimia, forçando-o a realizar mudanças. Não se podem mais ver os escravos como indivíduos sem capacidade de reação, submetidos a "forças estruturais" que teriam por si só o poder de mover a História. O primeiro historiador a divulgar esse documento foi o brasilianista Stuart B. Schwartz.

c) Não; as reivindicações deles apontam para melhores condições de trabalho e de vida no interior do engenho.

d) Sim; o tratado proposto pelos próprios escravos pode ser visto como um importante ato de resistência inscrito na micropolítica do cotidiano. Note-se que, entre as exigências dos rebeldes, estava o direito de "brincar, folgar, e cantar em todos os tempos" que quisessem. Como observou uma historiadora,

> [...] os escravos não protestavam apenas quando se insurgiam individual ou coletivamente [...]. Sua luta passava também pela afirmação de sua autonomia cultural.

REIS, Letícia Vidor de Souza. Negro em "terra de branco": a reinvenção da identidade. In: REIS, Letícia Vidor de Souza; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Negras imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996. p. 34.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: COTIDIANO escravo nos engenhos de açúcar em Sergipe oitocentista: uma análise da historiografia sergipana. Disponível em: <http://livro.pro/xg2r2u>. Acesso em: 26 set. 2018.

VOZES DO PRESENTE

A escravidão antiga, a servidão e a escravidão moderna

Na Roma antiga, os escravizados eram pessoas de diversas origens: europeus, asiáticos e africanos, que trabalhavam em minas, pedreiras, atividades agropastoris, serviços domésticos e ainda como cozinheiros, médicos, músicos, dançarinos e professores dos filhos dos ricos.

Os escravos dos romanos podiam ser vendidos, surrados, queimados com ferro em brasa e até mesmo crucificados. A escravidão romana, no entanto, não se baseava apenas na violência. Um escravo podia obter a liberdade por desejo do seu dono ou por serviços prestados. E, enquanto liberto, podia tornar-se cidadão com direito de votar e ser votado.

DEA/A. DAGLI ORTI / DEAGOSTINI / GETTY IMAGES

Estátua de uma menina escravizada dormindo. Roma, século I a.C. Coleção particular.

A servidão medieval

Na Europa ocidental, durante a Idade Média (séculos V ao XV), também existiram escravos, mas eles eram minoria. Uma grande parte dos trabalhadores era formada por servos da gleba, assim chamados por encontrarem-se presos à terra, ou seja, por não poderem deixar o feudo em que viviam e trabalhavam. Eles recebiam do senhor um lote de terra que deviam cultivar. Em troca do direito de usar essa terra para seu sustento, os servos tinham uma série de obrigações para com o seu senhor, como a **corveia** e a **talha**.

Corveia: obrigação de trabalhar de graça para o senhor dois ou três dias por semana.

Talha: obrigação de dar para o senhor cerca de 30% ou 40% do que produzia no lote que tinha recebido para seu próprio uso.

Escravidão moderna

Na Idade Moderna, que na divisão tradicional da História tem início no século XV, ocorre um grande movimento de expansão marítimo-comercial liderado por Portugal e Espanha. Durante essa expansão, Portugal constituiu um grande império com feitorias e colônias na África, na Ásia e na América. Nesse contexto, a África foi incorporada ao circuito comercial europeu. Navegando e comerciando pela costa africana, durante o século XV os portugueses buscavam obter ouro e escravos. Ouro para acumular; escravos para vender.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O escravo na Roma Antiga

[...] Legalmente, o escravo era uma coisa (*res*). Como qualquer outro bem, podia ser vendido, alugado, disposto em testamento e até mesmo morto pelo senhor. Em uma conhecida passagem, Varrão classificava os "instrumentos" em três tipos: "vocais" (os escravos), "semivocais" (os bois) e "mudos" (os carros) (***Rerum Rusticarum***, 1,17,1). Todavia, o escravismo romano não teria perdurado se as relações entre senhores e escravos tivessem se pautado exclusivamente por esses pressupostos jurídicos. O controle dos escravos era fundado muito mais em estratégias de cooptação que visavam diminuir os atritos do que no uso da coerção, embora esta sempre tenha permanecido como último recurso. Mesmo que, por direito, o escravo não fosse um cidadão, a cidadania era um parâmetro a partir do qual sua situação na casa (*domus*) era concebida. Daí que, de certo modo, se estabeleciam na Roma antiga comparações entre o escravo e o cidadão. A lógica do sistema escravista fazia do escravo na casa o homólogo de seu senhor na cidade. Se, por um lado, era negada ao escravo a *ciuitas* (cidadania), por outro existia como que um direito doméstico que atribuía ao escravo o que a cidade não lhe reconhecia, direito este que guardava analogia com as relações entre cidadão e magistrados. Excluído do *conubium* (casamento legal), o escravo encontrava na casa o *contubernium*; privado do direito de propriedade, tinha o *peculium*, que lhe era concedido pelo senhor, podendo ainda possuir seus próprios escravos, os *uicarii* (Dumont, 1987, p. 106-7).

No século seguinte, o Império português ampliou suas conquistas na África, na Ásia e na América. E, com a expansão das plantações de cana-de-açúcar na América portuguesa, envolveu-se em um negócio lucrativo e duradouro: obter e vender africanos escravizados para a parte da América onde hoje é o Brasil. Teve início, assim, a escravidão moderna.

A seguir vamos conhecer semelhanças e diferenças entre a escravidão antiga, a servidão medieval e a escravidão moderna.

Semelhanças		
	Escravidão antiga (Roma)	**Escravidão moderna (Brasil)**
Condição	Podiam ser vendidos, alugados, surrados e deixados em testamento.	
Direito	O escravo não tinha direito de pessoa, nem de propriedade.	
Trabalho	Não podia escolher seu trabalho.	
Família e honra	Não tinha sua família e nem sua honra reconhecida.	

Diferenças		
	Escravidão antiga (Roma)	**Escravidão moderna (Brasil)**
Origem	Pessoas de diversas origens e cores: gregos, egípcios, macedônicos, sírios, entre outros.	Inicialmente indígenas. A partir do século XVII, africanos.
Ocupações	Podiam ter ocupações de maior prestígio como músicos, dançarinos e professores dos filhos de seus patronos.	Não podiam ter ocupações de maior prestígio, a exemplo dos escravos dos romanos.
A situação do liberto	Aquele que conseguia a liberdade podia tornar-se cidadão com direito de votar, de ser votado e, portanto, de ocupar cargos públicos.	O liberto não obtinha cidadania plena; não podia votar nem ser votado, podendo ser reescravizado a qualquer momento.

Diferenças	
Servidão	**Escravidão moderna**
O servo é preso à terra; quando o senhor concede a outra pessoa a terra (o feudo), vão junto os trabalhadores daquela terra.	O escravo podia ser comprado, vendido, alugado; era visto, portanto, como uma mercadoria que pertencia a quem o comprou.
O servo trabalhava gratuitamente nas terras do seu senhor e recebia o direito de usar um lote para dele retirar seu sustento.	Os escravizados não recebiam uma terra para dela retirar seu próprio sustento.

a) Escreva frases comparando a escravidão antiga à escravidão moderna.

b) Caracterize a servidão medieval.

c) Diferencie a servidão medieval da escravidão moderna.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Resposta pessoal. **Professor**: estimular o aluno a estabelecer diferenças e semelhanças entre a escravidão antiga e a moderna, atento às diferenças e semelhanças, bloco conceitual decisivo em História.

b) Servidão era uma relação de trabalho na qual o trabalhador era dependente, preso à terra; ele não tinha liberdade para deixá-la. Em troca do direito de usar essa terra para seu sustento, os servos tinham uma série de obrigações para com o seu senhor.

c) Na servidão medieval, o trabalhador era preso à terra e recebia um lote para cultivar e dele retirar seu sustento. Já na escravidão moderna, o trabalhador era uma mercadoria: podia ser comprado, vendido, alugado etc.

Texto de apoio (continuação)

A definição da escravidão como um processo, e não como um estado fixo, permite iluminar outra figura comum na Roma antiga: o liberto. O escravo de um cidadão romano, quando libertado, podia tornar-se um cidadão. Havia três formas de manumissão: pelo censo, isto é, inscrevendo-se o escravo entre os cidadãos no momento do recenseamento; por *uindicta*, quando a manumissão era intermediada por um magistrado, geralmente o pretor; e por testamento, quando o testador explicitava o desejo de ver livres os seus escravos após sua morte. O liberto podia casar e ter filhos legítimos, fazer contratos, ter e transmitir propriedades por testamento. Mas a manumissão não o desobriga de manter certos laços com seu ex-senhor, agora o patrono: o *obsequium* compreendida um conjunto de obrigações legais e costumeiras, tais como a de não instaurar um processo jurídico contra o patrono. Em alguns casos, o patrono, ou seus herdeiros, tinha direito à parte dos bens do liberto deixados em testamentos. Que o vínculo escravista não se rompesse definitivamente demonstra-o também o fato de que muitos libertos continuavam trabalhando com seus patronos, como agentes comerciais ou gerindo propriedades. [...]

JOLY, Fábio Duarte. **A escravidão na Roma antiga**: política, economia e cultura. São Paulo: Alameda, 2005. p. 23-34.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) 1ª coluna: períodos; 2ª coluna: quantidade de africanos embarcados para o Brasil; 3ª coluna: quantidade de africanos desembarcados no Brasil.
b) 1 319 africanos.
c) Esse número indica a quantidade de africanos desembarcados no Brasil no período de 1701 a 1725.
d) 3 539 904 africanos foram embarcados para o Brasil. 3 186 666 africanos desembarcaram no Brasil.
e) 353 238 africanos.
f) Essa diferença representa o número de mortos durante a travessia do oceano Atlântico. Isso acontecia pelo fato de os africanos receberem pouca comida, pouca água e por viajarem em um ambiente que favorecia a ocorrência de doenças.

Texto de apoio

Brasil dominou tráfico de escravos no mundo

O mais completo banco de dados já organizado sobre o tráfico de escravos no mundo confirma que o Brasil e os portugueses tiveram um papel central no comércio negreiro durante séculos.

Organizado por historiadores da Universidade de Emory, em Atlanta, nos Estados Unidos, e de Hull, na Inglaterra, o banco de dados reúne quase 35 mil viagens de navios negreiros realizadas entre 1501, quando há registro da primeira leva de escravos, e 1867, quando o tráfico foi abolido. [...]

Mais de 5,2 mil jornadas de navios brasileiros e portugueses foram mapeadas pela primeira vez. Levando em conta todas as nacionalidades, quase 20 mil viagens que já estavam incluídas na primeira edição ganharam novos dados. [...]

Embarcações brasileiras e portuguesas carregaram quase 5,8 milhões de escravos, cerca de 95% deles para o Brasil. Navios britânicos, que o senso comum julga serem os mais ativos no comércio negreiro, levaram cerca de 3,1 milhões. [...]

Estudos conduzidos pelo historiador da UFRJ Manolo Florentino mostraram que três quartos dos mercadores que controlavam o tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro entre 1790 e 1830 eram sediados no Brasil.

Outra informação que o banco de dados contesta é a de que um contingente igual ao dos mais de 10 milhões de escravos que chegaram às Américas morreu na travessia.

O mapeamento indica que 12,5 milhões deixaram a costa africana durante o período da escravatura, ou seja, o número de mortos ficaria em torno de 2,5 milhões.

"Estas estimativas foram feitas em uma época em que se trabalhava com o 'chutômetro'", diz Florentino. "O trabalho de Eltis e Richardson tem o mérito de criar uma padronização, e de aproximar da realidade as estatísticas."

UCHOA, Pablo. Brasil dominou tráfico de escravos no mundo. **BBC Brasil**, Londres, 9 abr. 2007. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070405_escravos_database_pu.shtml>. Acesso em: 27 set. 2018.

III Integrando com Matemática

Tráfico atlântico – 1501-1875		
Períodos	**África (embarcados)**	**Brasil (desembarcados)**
1501-1525	0	0
1526-1550	0	0
1551-1575	388	332
1576-1600	931	823
1601-1625	1 670	1 412
1626-1650	39 981	33 163
1651-1675	8 431	6 959
1676-1700	81 492	71 831
1701-1725	241 128	213 021
1726-1750	424 141	373 614
1751-1775	353 404	322 801
1776-1800	453 519	417 018
1801-1825	1 043 489	942 564
1826-1850	881 532	795 228
1851-1875	9 798	7 900
Total	**3 539 904**	**3 186 666**

Fonte: Banco de dados: Estimativas. 2009. **Viagens**: O Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/voyage/search>. Acesso em: 17 ago. 2018.

a) Nessa tabela, o que cada coluna indica?

b) Quantos africanos foram embarcados para o Brasil no século XVI?

c) Procure na tabela o número 213 021 e explique o que ele indica.

d) No período coberto pela tabela, quantos africanos foram embarcados para o Brasil? E quantos desembarcaram no Brasil?

e) Calcule a diferença entre a quantidade de africanos embarcados e a de desembarcados no Brasil no período coberto pela tabela.

f) O que essa diferença representa? Por que isso acontecia?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IV Você cidadão!

A entrevista a seguir foi concedida por Nathane, uma menina de 14 anos. Leia-a com atenção.

Não tenho vergonha de ser quem eu sou: negra

Meninas Black Power — Como foi que você percebeu que precisava mudar a forma como lidava com seus cabelos?

Nathane — Sempre alisei mas não tinha satisfação. Um dia faltei à aula para ir ao salão alisar o cabelo e soube pelos meus amigos que vocês (Meninas Black Power) tinham ido à escola. Fiquei triste por não ter encontrado vocês, mas fiquei curiosa pra saber do que falavam.

MBP — Qual foi a sua sensação quando viu tantas mulheres crespas juntas?

N — Me senti enganada. Sempre ouvi que meu cabelo era feio e vi em vocês que era mentira. Vi que eu não precisava ter vergonha [...].

MBP — Quais os desafios você acha que vai enfrentar usando seu cabelo natural?

N — Críticas, preconceitos, vou ter que enfrentar as pessoas que acham que eu tenho que ter cachos. Tenho primas que têm cachos, isso é visto com bons olhos, e as pessoas não conseguem entender [...]. Acho que preferem não me ouvir. Não quero relaxar, nem cachinhos feitos no salão, quero meu cabelo natural como ele é.

MENINAS Black Power: Não tenho vergonha de ser quem eu sou: negra. **Geledés**, 24 out. 2014. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/meninas-black-power-nao-tenho-vergonha-de-ser-quem-eu-sou-negra/#axzz3TdYHAQhJ>. Acesso em: 18 ago. 2018.

a) O que Nathane pensava a respeito do próprio cabelo?

b) O que a levou a mudar de ideia?

c) Nathane afirmou: "vou ter que enfrentar as pessoas que acham que eu tenho que ter cachos". O que se pode perceber nessa fala dela?

d) **Em grupo.** Pesquisem sobre o preconceito decorrente de alguma característica física do grupo étnico a que uma pessoa pertence. A seguir, debatam, reflitam e opinem: o que se pode fazer para combater esse tipo de preconceito?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

Professor: o objetivo da seção **Você cidadão!** é propor uma reflexão sobre a questão do preconceito racial no Brasil. A entrevista aqui apresentada permite ao adolescente perceber que a beleza começa com a aceitação de nossa imagem e que se faz necessário rever os nossos conceitos de beleza.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Nathane tinha vergonha do próprio cabelo, achava que era feio.

b) O contato com o grupo Meninas Black Power, formado por jovens negras, orgulhosas de seus cabelos crespos. Essas meninas incentivam as outras meninas de cabelo crespo a se livrarem da ditadura do cabelo alisado.

Professor: discutir o conceito de beleza com os alunos.

Analisar o texto com os alunos e estimular a reflexão sobre os motivos que levavam a jovem da entrevista a sentir vergonha de seu cabelo.

Sugerimos apresentar aos alunos diferentes imagens com pessoas de etnias diferentes, com o objetivo de estimulá-los a falar sobre o seu conceito de beleza.

c) A existência de preconceito contra o cabelo crespo na sociedade brasileira; esse tipo de cabelo é preconceituosamente chamado de "cabelo ruim", "cabelo duro". De modo abreviado, pode-se dizer que o preconceito é a transformação da diferença em desigualdade.

d) Resposta pessoal. **Professor**: comentar que esse tipo de *bullying* rebaixa a autoestima e a autoconfiança da vítima, comprometendo sua capacidade de ser, de interagir e de realizar. Sugestão: incentivar nos alunos a prática do acolhimento.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. Criem um vídeo que valorize os diferentes tipos de beleza do povo brasileiro. Captem pessoas de diferentes origens e cores.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- NEGRA Jhô: cabelo e cultura transatlântica. Duração: 17min25s. Disponível em: <http://livro.pro/uks4ee>. Acesso em: 26 set. 2018.

O vídeo conta a história da Negra Jhô, que destaca a identidade negra por meio da criação de tranças, torços e turbantes.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Organizamos este capítulo visando atender à habilidade **EF07HI13** da BNCC:

– Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico.

Ao longo deste capítulo, nos esforçamos para atender a essa habilidade, facilitando ao aluno a compreensão da complexa trama envolvendo Portugal, Espanha e Holanda em disputa pelo mundo atlântico.

Professor: a letra do samba de Martinho da Vila reedita uma antiga interpretação da história segundo a qual o Brasil "nasceu" nas batalhas de Guararapes, quando as três "raças" – brancos, negros e indígenas – teriam se irmanado para expulsar os holandeses (mito da união das três raças). No imaginário popular, Nassau é visto como um bom homem: as obras realizadas a seu mando em Recife e sua política como governador dos domínios holandeses no Nordeste ajudaram a construir essa imagem idealizada, que hoje povoa o imaginário popular.

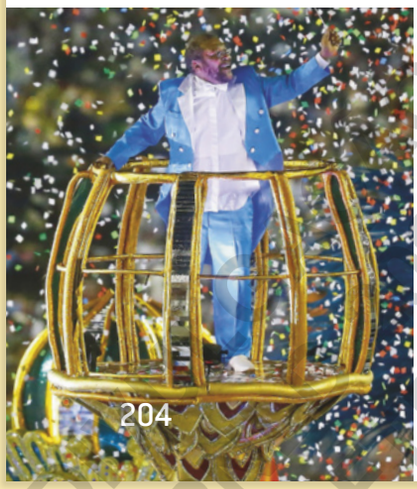
CAPÍTULO

11 EUROPEUS DISPUTAM O MUNDO ATLÂNTICO

O samba abaixo é da autoria do conhecido artista brasileiro Martinho da Vila; leia sua letra com atenção.

Aprendeu-se a liberdade
Combatendo em Guararapes
Entre flechas e tacapes
Facas, fuzis e canhões
Brasileiros irmanados
Sem senhores, sem senzala
E a Senhora dos Prazeres
Transformando pedra em bala
Bom Nassau já foi embora
Fez-se a revolução
E a festa da Pitomba é a
reconstituição
Jangadas ao mar
Pra buscar lagosta
Pra levar pra festa
Em Jaboatão
Vamos preparar
Lindos mamulengos
Pra comemorar a libertação
E lá vem maracatu
Bumba meu boi, vaquejada
Cantorias e fandangos
Maculelê, marujada
Cirandeiro, cirandeiro
Tua hora é chegada
Vem cantar esta ciranda
Pois a roda está formada
Ô cirandeiro
refrão:
Cirandeiro, cirandeiro ó
A pedra do teu anel
Brilha mais do que o sol

MARTINHO DA VILA. Onde o Brasil aprendeu a liberdade. In: _____. **Batuque na cozinha**, 1972. Disponível em: <http://martinhodavila.com.br/js_albums/batuque-na-cozinha/>. Acesso em: 1º ago. 2018.



RICARDO MORAES/S/REUTERS/FOTOARENA

O cantor brasileiro Martinho da Vila desfila com a escola de samba Vila Isabel no Sambódromo do Rio de Janeiro, 2015.

O que será que o sambista quis dizer com: "Aprendeu-se a liberdade combatendo em Guararapes"? Há algum indício na letra da religiosidade brasileira? Você já viu um maracatu? E o bumba meu boi e a vaquejada você conhece? Por que será que o governante holandês no Brasil é chamado de "bom Nassau"? O que você sabe a respeito dele?

Texto de apoio

Companhia das Índias Ocidentais

A Companhia das Índias Ocidentais, que teve como maior realização em toda sua história a conquista temporária de parte do Brasil de 1630 a 1654, o Brasil holandês, que passou a ser conhecido como a Nova Holanda, não foi criada com um objetivo exclusivamente comercial. Ela foi um instrumento da política exterior holandesa para conquistar colônias portuguesas e espanholas nas Américas e na África Ocidental. Para além do continente europeu, no século XVII, portugueses e espanhóis continuavam tentando assegurar o controle da navegação e do comércio no Atlântico. Os ibéricos haviam descoberto, no século XV, o Novo Mundo. Com o Tratado de Tordesilhas, de 1494, Portugal e Espanha, com aprovação papal, haviam dividido o mundo entre si. Os ibéricos sentiam-se legitimados religiosa e politicamente para exercer o monopólio da navegação e do comércio da Europa com as Américas e a África Ocidental. Durante o século XVI, portugueses e espanhóis foram os senhores do Atlântico. Eles praticamente não tiveram rivais, conseguindo colocar em prática sua estratégia expansionista. A hegemonia ibérica começou a ser ameaçada seriamente apenas a partir do século XVII. Aventureiros, comerciantes, navegadores e piratas franceses, holandeses e ingleses passaram a visitar, saquear e invadir as colônias portuguesas e espanholas.

A disputa do mundo atlântico pelos europeus — séculos XVI e XVII

No século XVII, os holandeses invadiram o Nordeste brasileiro duas vezes. Essas invasões estão relacionadas às disputas por poder e riqueza entre Espanha, Portugal e Holanda. Vejamos como isso se deu.

A União Ibérica

No século XVI, o Império espanhol era imenso e possuía colônias em vários continentes, entre elas os **Países Baixos Espanhóis**, região rica e de maioria protestante.

Em 1580, o Império espanhol aumentou ainda mais.

Naquele ano, o rei de Portugal, D. Henrique, morreu sem deixar herdeiros; então, o rei da Espanha, Felipe II, parente do rei morto, se tornou também rei de Portugal. O domínio da Espanha sobre Portugal e suas colônias, entre elas o Brasil, ficou conhecido como **União Ibérica** e durou 60 anos. Durante esse tempo, os adversários da Espanha tornaram-se também inimigos de Portugal. Foi este o caso dos Países Baixos Espanhóis.

Países Baixos Espanhóis: território que corresponde ao que hoje é a Holanda e a Bélgica.

A independência dos Países Baixos

No final do século XVI, o rei Felipe II da Espanha tentou impor o catolicismo nos Países Baixos e passou a cobrar altos impostos de seus habitantes. Estes, então, revoltaram-se e guerrearam contra a Espanha e, em 1581, declaram sua independência, formando um novo país: a Holanda.

MUSEUS HULL, INGLATERRA. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Família holandesa. Jan Olis, 1634. Reino Unido.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que, no início do século XVI, a região onde hoje é a Holanda pertencia ao Império espanhol e fazia parte dos chamados Países Baixos Espanhóis. A região era próspera e se destacava por suas manufaturas, sua indústria naval e sua marinha mercante.
- Compreender as disputas por poder e riqueza entre Espanha, Portugal e Holanda.
- Explicar o que foi a União Ibérica e seus desdobramentos.
- Evidenciar que, com a União Ibérica, os inimigos da Espanha tornaram-se também inimigos de Portugal.
- Descrever e analisar o processo de independência dos Países Baixos.

Texto de apoio (continuação)

O monopólio ibérico da navegação e do comércio da Europa com as Américas e a África Ocidental revelou-se cada vez mais insustentável, um verdadeiro anacronismo. O Brasil não escapou deste cenário de conflito entre as potências europeias. Ele se tornou um dos principais objetos de cobiça para a política exterior holandesa, cada vez mais interessada em suas riquezas.

Para tentar conquistar colônias portuguesas e espanholas nas Américas e na África Ocidental, os holandeses inspiraram-se no modelo bem-sucedido da Companhia das Índias Orientais, fundada em 1602. Dotada do monopólio da navegação e do comércio com a Ásia, esta Companhia pode ser considerada a primeira multinacional do mundo e a primeira sociedade a emitir ações. Da mesma maneira que os Países Baixos queriam excluir, com a Companhia das Índias Orientais, os outros países europeus do comércio com a Ásia, eles pretendiam, com a Companhia das Índias Ocidentais, afastar os outros países europeus do comércio com as Américas e a África Ocidental. [...]

ALBUQUERQUE, Roberto Chacon de. A Companhia das Índias Ocidentais: uma sociedade anônima? **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 105, p. 25-26, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/viewFile/67891/70499>. Acesso em: 27 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Identificar os objetivos da Companhia das Índias Ocidentais em relação ao Brasil e à África.
- Compreender a atuação dos holandeses no Atlântico Sul.
- Localizar as conquistas holandesas no Brasil e na África.
- Trabalhar o significado das guerras de emboscadas.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- GUERRA pelo açúcar: histórias do Brasil. Duração: 26min19s. Disponível em: <http://livro.pro/wgnp36>. Acesso em: 26 set. 2018.

Curta que apresenta a disputa pelo açúcar entre portugueses e holandeses.

Texto de apoio

Holandeses no Brasil

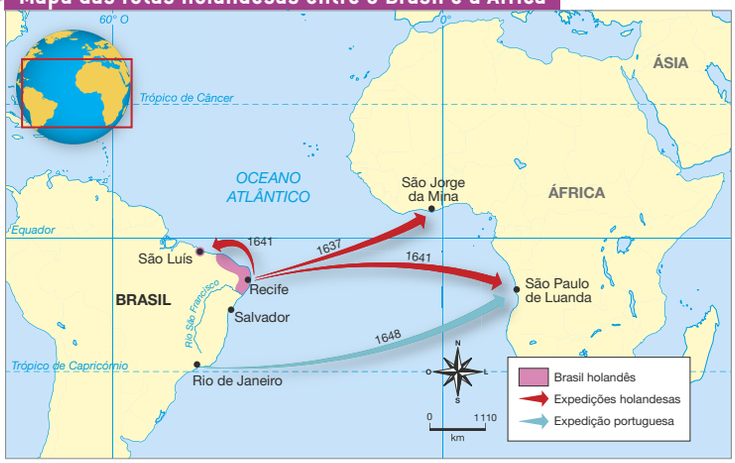
Em 1621, [...] renovou-se o estado de guerra entre Holanda e Espanha. Contribuíram para isso os interesses de comerciantes holandeses envolvidos no refino e comércio do açúcar na Europa. Sentindo-se ameaçados de perder o acesso a sua fonte de abastecimento, resolveram arrebatá-la aos espanhóis, conquistando parte da região produtora do Brasil. Os recursos para isso foram reunidos através de uma companhia de comércio chamada da Companhia das Índias Ocidentais, que se formou em 1621 e recebeu o monopólio do tráfico, do comércio, da navegação e da conquista em todas as terras da costa atlântica situadas, na América, entre a Terra Nova e o estreito de Magalhães, e, na África, do Trópico de Câncer ao cabo da Boa Esperança. Com isso, os holandeses desafiaram a bula papal de 1493, que dividia as terras do Novo Mundo entre Portugal e Espanha.

A guerra por açúcar e escravos

Inconformado com a perda da Holanda, o rei espanhol Felipe II proibiu Portugal e suas colônias de comerciarem com os holandeses. Diante disso, em 1621, os holandeses criaram uma grande empresa, a **Companhia das Índias Ocidentais**, para invadir as colônias portuguesas na América e na África.

Na América, o alvo dos holandeses era o Nordeste brasileiro, que, à época, era o maior produtor de açúcar do mundo. Já na África, os holandeses queriam conseguir africanos escravizados para vendê-los ao Brasil. Assim, os holandeses lucrariam com a venda de açúcar e o comércio de escravos.

Mapa das rotas holandesas entre o Brasil e a África



Em 1637, os holandeses conquistaram São Jorge da Mina e, em 1641, tomaram São Paulo de Luanda, em Angola.

Fonte: PUNTONI, Pedro. **A guerra dos holandeses**. São Paulo: Ática, 1995. p. 21. (Guerra e revoluções brasileiras).

A invasão da Bahia

A primeira invasão holandesa ocorreu na Bahia, capitania com grande número de engenhos de açúcar.

Os holandeses chegaram a Salvador em 1624, com 26 navios, 3 300 homens e 450 canhões, prenderam o governador português e conquistaram a cidade sem muita dificuldade. A população da cidade retirou-se para o interior e de lá organizou a resistência. Uma das táticas dos luso-brasileiros foi a **guerra de emboscadas**: os habitantes da Bahia saíam da mata em pequenos grupos e atacavam os holandeses de surpresa. Os espanhóis, por sua vez, enviaram a Salvador uma esquadra com 52 navios e mais de 12 mil homens para combater os holandeses. Pressionados por mar e por terra, os holandeses se renderam.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

A Companhia das Índias Ocidentais encarregou-se de executar o projeto de conquista do Brasil através da organização de uma esquadra naval com 26 navios, 3 300 homens e 450 canhões, que chegou à Bahia em maio de 1624. O governador da Bahia, Diogo de Mendonça Furtado, sem tropas suficientes para se defender, rendeu-se, enquanto a população fugia espavorida.

Ao saber do acontecido, o rei da Espanha providenciou a organização de uma esquadra naval, composta de 52 navios, 12 566 homens e 1 185 canhões, que, comandada por D. Fradique de Toledo, chegou à Baía de Todos-os-Santos em abril de 1625 e, tendo encontrado a esquadra holandesa desfalcada, derrotou-a facilmente, expulsando os holandeses da Bahia.

Em represália à derrota e para compensar os prejuízos sofridos, os holandeses passaram a realizar atos de pirataria em águas brasileiras. [...]

AVANCINI, Elsa Gonçalves. **Doce inferno**: açúcar, guerra e escravidão no Brasil holandês (1580-1654). São Paulo: Atual, 1991. p. 10.

A invasão de Pernambuco

Dois anos depois de invadirem a Bahia, os holandeses voltaram a Salvador, saquearam suas riquezas e, na volta para a Holanda, prenderam navios espanhóis carregados de prata que seguiam para a Espanha. Essa riqueza ajudou-os a financiar a segunda invasão.

Em 1630, navios e canhões holandeses entraram de novo em águas brasileiras; dessa vez para invadir Pernambuco, o maior produtor mundial de açúcar na época.

Os holandeses conquistaram Olinda e Recife com relativa facilidade. O então governador Matias de Albuquerque retirou-se para o interior com homens e armas e lá fundou o **Arraial do Bom Jesus**, o principal forte da resistência luso-brasileira.

No entanto, com o apoio de alguns moradores, entre eles Domingos Fernandes Calabar, que guiou os holandeses, eles progrediram: conquistaram o Rio Grande do Norte, a Paraíba e o Arraial do Bom Jesus, no interior de Pernambuco. O governador Matias de Albuquerque, então, mandou incendiar os canaviais e se retirou com seus seguidores para Alagoas. Antes, porém, conseguiu prender Calabar e mandou executá-lo.

DIALOGANDO

Por que será que o governador mandou executar Calabar?

BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Detalhe de gravura de Frans Post, de 1643. A imagem mostra habitantes da Colônia sob a bandeira holandesa, o que indica que Calabar não foi o único a adotar tal posição.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

Texto de apoio

A conquista holandesa de Pernambuco

[...] Além de mal fortificado, Pernambuco era grande produtor de açúcar e ainda poderia servir de base para outras conquistas no Nordeste, incluindo nova investida contra a Bahia. A decisão [de atacar Pernambuco] da WIC [*West Indische Compagnie*, ou Companhia das Índias Ocidentais] foi ainda favorecida por um fato circunstancial: o ataque do almirante Peter Heyn à frota espanhola carregada de prata, em 1627, ação que rendeu grande lucro à companhia holandesa. O plano para a nova expedição de ataque ao Brasil foi avaliado com prudência, de modo que, somente em fins de 1628, a WIC iniciou os preparativos para a invasão. O melhor da oficialidade holandesa ou flamenga foi convocado para a expedição. Confiou-se o comando da esquadra ao almirante Hendrik Cornelioszoon Loncq, cabendo ao coronel Jonckheer Diederick van Waerdenburgh o comando das tropas terrestres. Esse último seria, na prática, o primeiro governador do Brasil holandês. [...]

Em 15 de fevereiro de 1630, Loncq conduziu sua esquadra para o Recife, enquanto as tropas de Waerdenburgh desembarcavam na baía de Pau-Amarelo. Matias de Albuquerque não viu opção senão abandonar o Recife, em 16 de fevereiro, reorganizando sua linha de defesa na Várzea do Capibaribe. Recife ainda resistiu até o fim do mês. Olinda, no entanto, caiu no próprio dia 16 de fevereiro, sendo saqueada e arrasada.

A conquista de Recife e Olinda não bastou, porém, para garantir aos holandeses o controle da região, sobretudo do interior. Suas tropas ficaram, na prática, encasteladas no litoral, em torno daquelas duas praças. [...] A conquista do Nordeste pelos holandeses se prolongaria por anos e só foi consolidada por volta de 1635. A Espanha, por sua vez, reagiu com atraso e ineficiência, atolada em sua própria crise financeira. Madri soube da derrota em abril, e Olivares decidiu mandar reforços, comandados pelo general italiano Conde de Bagnuolo, nomeado como adjunto de Matias de Albuquerque no comando da resistência. De nada adiantou. A tardança da reação espanhola acabaria sendo decisiva para a conquista holandesa de Pernambuco, mais tarde estendida ao Rio Grande do Norte, a Itamaracá e à Paraíba.

VAINFAS, Ronaldo. Tempo dos flamengos: a experiência colonial holandesa. In: FRAGOSO, João Luis Ribeiro; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). **O Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 2. p. 231-232.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- BRASIL dos holandeses: expedições. Duração: 25min32s. Disponível em: <http://livro.pro/x52d6p>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário sobre o domínio holandês no Nordeste.

Dialogando

Resposta pessoal.

ENCAMINHAMENTO

- Trabalhar a política de Nassau à frente do Brasil holandês.
- Refletir sobre a intensificação do tráfico atlântico durante o período nassoviano.
- Conhecer a modernização do Recife sob a gestão de João Maurício de Nassau e a sua representação como um "homem bom" legada à posteridade.

Dica de leitura

- MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). **O Brasil holandês**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

Este livro, do ensaísta pernambucano Evaldo Cabral de Mello, apresenta fontes escritas variadas que enriquecem sua interpretação sobre a presença holandesa no Nordeste e o legado de Maurício de Nassau.

EDITORA PENGUIN

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador Evaldo Cabral de Mello, que também transcreve uma carta de Maurício de Nassau.

Nassau no Brasil

Os sete anos de governo de João Maurício de Nassau-Siegen no Brasil (1637-1644) constituíram um interregno de relativa paz entre dois períodos de guerra, tornando-se destarte uma espécie de Idade de Ouro do Brasil holandês. [...]

Nassau fez-se acompanhar ao Brasil de uma comitiva de pintores e cientistas, pagos do seu bolso, com o objetivo de documentar a vida na colônia, suas raças, sua flora e sua fauna: o médico Willem Piso, o paisagista Frans Post e o retratista Albert Eckhout. A eles, se juntaria depois Georg Markgraf. No séquito de Nassau, viajavam também seu irmão mais moço, João Ernesto, e seu primo, Carlos de Nassau, que morrerão aliás no Brasil. Seguiam também os membros do Supremo Conselho que administraria o país, sob a presidência de Nassau. [...] Há poucos dias de desembarcar no Recife, em janeiro de 1637, Nassau escreveu aos Estados Gerais a seguinte carta [...]:

"Para desobrigar-me dum dever quis, pela presente, dar-vos conta do que ocorreu na minha viagem. Como sem dúvida soubestes, fui forçado a demorar-me cinco semanas na Inglaterra por causa do mau tempo e do vento contrário. Tendo me embarcado a 6 de dezembro passado, prossegui na minha dita viagem até aqui, com a possível presteza e sempre com belo tempo e ventos favoráveis [...].

O tempo não me permite agora escrever-vos mais particularmente, porém não deixarei de fazê-lo quando regressar, se Deus quiser. A situação deste país é extremamente vantajosa e forte, e, se Deus nos fizer a graça de podê-lo conquistar inteiramente, não duvidarei que todo o Estado dele tirará uma grande vantagem e serviço. [...]"

MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). **O Brasil holandês (1630-1654)**. São Paulo: Penguin Classics, 2010. p. 162-163.

Nassau no Brasil holandês

A guerra deixou atrás de si um rastro de destruição. Para reerguer e administrar as áreas conquistadas pelos holandeses, a Companhia das Índias Ocidentais enviou ao Brasil o conde João Maurício de Nassau. Como governador do Brasil holandês, Nassau adotou uma política baseada em três pontos:

- **empréstimos** aos senhores de engenho luso-brasileiros para que recuperassem suas lavouras e comprassem escravos.
- **melhoramentos em Recife**: calçamento de ruas, abertura de canais, construção de pontes, jardins e hospitais.
- **tolerância religiosa**, a fim de evitar possíveis conflitos entre os senhores de engenho (católicos) e os holandeses (protestantes).

RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

No governo de Nassau, os judeus também puderam praticar sua religião; no Recife da época havia duas sinagogas (templos onde realizavam seus cultos). Uma delas era a Kahal Zur Israel, primeira sinagoga das Américas, fundada em 1636. O prédio foi restaurado e atualmente abriga o Centro Cultural Judaico de Pernambuco. Acima, vista interna (2007) e, ao lado, vista externa da Sinagoga (2013).

Durante seu governo, Nassau promoveu a conquista de portos de fornecimento de escravos na África e estendeu a dominação holandesa de Sergipe ao Maranhão. No Recife, Nassau também ordenou a construção de uma ponte ligando o antigo porto à ilha de Antônio Vaz e esta ao continente. Nessa ilha criou um jardim botânico, um zoológico e construiu o Palácio de Friburgo, residência do governador e sede do governo. O lugar onde essas obras foram feitas recebeu o nome de Cidade Maurícia (atualmente bairro de Santo Antônio).

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Artistas e cientistas no Brasil holandês

Nassau trouxe consigo para o Nordeste cientistas, como Georg Marcgraf e Willem Piso, e pintores, como Albert Eckhout e Frans Post, o mais conhecido dos pintores vindos com Nassau.

COLEÇÃO PARTICULAR

Detalhe do mapa de Georg Marcgraf e Joan Blaeu mostrando o território brasileiro sob domínio holandês, c. 1647. O trabalho de arte é do pintor e gravurista Frans Post.

Dica!
Maurício de Nassau e os judeus no Brasil. Duração: 5min29s. Disponível em: <http://livro.pro/2opca5>. Acesso em: 26 set. 2018. O vídeo mostra a relação entre Maurício de Nassau e os judeus que saíram da Europa fugindo da Inquisição.

Quando Frans Post chegou ao Brasil, em 1624, tinha 24 anos e já trazia um aprendizado sobre a arte de pintar paisagens. [...]

Seus quadros retratando paisagens brasileiras revelam vários aspectos da vida no Nordeste do século XVII: vegetação, arquitetura, construções, [...] vestimentas, costumes etc. Além disso, eles demonstram o impacto que a natureza tropical teve sobre o artista, acostumado com uma luminosidade e uma paisagem muito diferentes.

Várias de suas obras hoje pertencem a importantes museus brasileiros ou mesmo estrangeiros. Numa época em que a produção artística colonial quase só abordava temas religiosos, a obra de Post permite uma visão mais ampla da realidade brasileira daquela época.

SILVA, Luiz Geraldo. **O Brasil dos holandeses**. São Paulo: Atual, 1997. p. 37.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando os textos: MAURÍCIO de Nassau. Disponível em: <http://livro.pro/5gfsom>; e O BRASIL holandês sob o conde João Maurício de Nassau. Disponível em: <http://livro.pro/7iwxz6>. Acessos em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- HISTÓRIA da arte: Frans Post. Duração: 4min44s. Disponível em: <http://livro.pro/azh2s6>. Acesso em: 26 set. 2018.

Vídeo que apresenta as obras de Frans Post através de uma visita ao Instituto Brennand, em Recife.

Texto de apoio

A luneta no telhado

No período em que o conde [...] Maurício de Nassau administrou Recife e boa parte do Nordeste (1637-1644) como uma possessão holandesa, artistas e naturalistas estiveram por algum tempo no Brasil para descrever paisagens e animais, fazer mapas, conhecer o território e prospectar riquezas. Os mais conhecidos são os pintores Frans Post, Albert Eckhout e Zacharias Wagner, o médico Guilherme Piso e [...] George Marcgrave. Este último foi provavelmente o primeiro naturalista e astrônomo a fazer descrições e estudos científicos no Brasil com uma visão mais moderna, valorizando, no método, a observação e a experimentação. [...]

"Marcgrave foi um polímata às vésperas da emergência da ciência moderna. Ele já não era mais o cientista medieval clássico que procurava o conhecimento apenas no passado", diz Matsuura, professor aposentado do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo [...].

Marcgrave deixou sua cidade natal, Liebstadt, aos 17 anos e peregrinou por pelo menos 10 universidades europeias, onde aprendeu geografia, cartografia, botânica, medicina, matemática e astronomia na Alemanha, França, Polônia, Suíça e Holanda. Na Holanda frequentou a Universidade de Leiden em 1636 e 1637, onde foi aluno do astrônomo Jacob Golius e usuário do observatório, o primeiro de uma instituição acadêmica no mundo. Marcgrave foi um dos primeiros astrônomos a usar luneta para observar o céu de modo sistemático.

ENCAMINHAMENTO

• Aprofundar o assunto acessando o texto: ALBERT Eckhout. Disponível em: <http://livro.pro/q28ks2>. Acesso em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• MAURÍCIO de Nassau: de lá pra cá. Duração: 15min3s. Disponível em: <http://livro.pro/o9snn2>. Acesso em: 26 set. 2018.

No programa da TV Brasil "De lá para cá", são entrevistados diversos intelectuais, dentre os quais Evaldo Cabral de Mello e Ronaldo Vainfas, que conversam sobre o Brasil holandês.

O pintor Albert Eckhout (c. 1610-1665) expressou seu encantamento ao representar paisagens e habitantes do Brasil.

MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA

A imagem acima se chama **Guerreiro negro** e foi pintada no Nordeste, em 1641, pelo artista holandês Albert Eckhout.

MUSEU NACIONAL DE COPENHAGUE, DINAMARCA

Nesse quadro de Albert Eckhout, de 1641, a jovem mameluca está rodeada de elementos da fauna e da flora brasileiras: um pé de mamona (à esquerda), um cajueiro (à direita), algumas flores de maracujá (no cesto) e um preá ou porquinho-da-índia no canto inferior direito, entre outros elementos.

MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA. FOTO: ALBUM/AKG-IMAGES/ALBUM/FOTOARENA

Abacaxi, melancia e outras frutas. Albert Eckhout.

Albert Eckhout, outro artista holandês trazido por Nassau, aqui viveu entre 1637 e 1644. Sua obra se destaca pelos retratos dos tipos humanos brasileiros – índios, negros e mestiços – [...], compondo um interessante painel [...]. Muitos dos seus desenhos, especialmente naturezas-mortas, serviram de base para a execução de grandes peças de tapeçarias, executadas na França, usadas para enfeitar as paredes dos palácios e residências na Europa. Tanto nas obras originais como nessas tapeçarias chamam atenção os elementos exóticos, demonstrando a visão que os europeus tinham do Novo Mundo.

SILVA, Luiz Geraldo. **O Brasil dos holandeses**. São Paulo: Atual, 1997. p. 37.

210

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio (continuação)

De Leiden veio para o Brasil, provavelmente por influência de Johan de Laet, um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, que patrocinava viagens exploratórias pelo mundo. Junto com Piso, integrou a equipe de Nassau, já no Recife. Chegou em 1638, aos 28 anos, e fez expedições, descreveu e desenhou animais e plantas e conheceu índios. Depois da morte aos 34 anos, em Angola, seus relatos foram publicados junto com os de Piso em ***Historia naturalis brasiliae***. Carl Lineu utilizou o trabalho [...] para fazer suas primeiras classificações.

No Recife, Marcgrave morou no mesmo casarão em que já vivia Nassau. "Foi no telhado da casa que ele construiu o primeiro observatório astronômico das Américas, em 1639, em que fez observações com a melhor instrumentação da época, inclusive uma luneta", conta Matsuura. Em seu livro, no prelo, o pesquisador reconstituiu com imagens tridimensionais como seria o observatório com seus instrumentos graças a documentos originais encontrados nos arquivos das cidades de Leiden e de Paris [...].

MARCOLIN, Neldson. A luneta no telhado. **Pesquisa Fapesp**, ed. 177, nov. 2010. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/11/18/a-luneta-no-telhado/>. Acesso em: 27 set. 2018.

A Restauração

Enquanto os holandeses multiplicavam seus lucros no Brasil, os portugueses responsabilizavam a união com a Espanha pela situação crítica em que se encontravam economicamente. Então, pegaram em armas contra a Espanha e, em 1640, conseguiram libertar-se do domínio espanhol. O episódio ficou conhecido como **Restauração**. O rei D. João IV assumiu o trono português e, no ano seguinte, firmou com a Holanda um acordo de paz por dez anos.

A reação luso-brasileira

Enquanto isso, no Brasil, a Companhia das Índias Ocidentais exigia que Nassau cobrasse o dinheiro emprestado aos senhores de engenho e restringisse o crédito dado a eles. Além disso, proibiu a livre prática da religião católica. Vendo-se pressionado pela Companhia, Nassau deixou o Brasil em 1644.

Os holandeses, então, começaram a **confiscar** terras dos senhores de engenho que não conseguiam saldar suas dívidas. Os senhores de engenho reagiram rompendo a aliança com os holandeses e juntando-se à resistência luso-brasileira. Teve início, assim, a **Insurreição Pernambucana** (1645), nome dado à luta pela expulsão dos holandeses. As principais batalhas das tropas luso-brasileiras contra os holandeses foram as **Batalhas dos Guararapes**, uma em 1648 e a outra em 1649, ambas vencidas pelos luso-brasileiros.

Animado pela vitória em Guararapes, o governo português enviou a Pernambuco uma frota de guerra. Atacados por terra e por mar, os holandeses foram vencidos na Campina da Taborda e, em 1654, deixaram o país.

Confiscar: tomar alguma coisa de uma pessoa por força da lei.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Detalhe do painel da Batalha de Guararapes existente no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Obra de autor desconhecido pintada em 1758. Esta imagem faz parte de uma série que busca elevar à condição de heróis os pernambucanos católicos que venceram e expulsaram o invasor protestante.

Texto de apoio

Senhores de engenho *versus* holandeses

Arcando com grandes gastos nas conquistas, a WIC se tornava vulnerável às flutuações do mercado açucareiro. [...] Bamba das pernas, a empresa tornava os investidores arredios. [...] Baque mais sério abala a *Compagnie* a partir de 1640, quando a queda dos preços do açúcar em Amsterdam provoca um refluxo dos capitais investidos em Pernambuco. Sem conseguir neutralizar as manobras especulativas dos capitalistas da Holanda, a diretoria da WIC também não dava conta da gestão dos dois polos escravistas no Atlântico Sul.

De saída, o Conselho dos XIX julgou demasiado longos os prazos de pagamento concedidos por Nassau aos compradores dos engenhos e escravos confiscados. [...]

Entrementes, aumentavam as tensões em Pernambuco, onde senhores de engenho estavam sendo achacados por credores agindo "com a mão do gato", denunciava frei Manuel Calado. O endividamento dos proprietários tinha duas origens. As prestações devidas por aqueles que haviam comprado bens confiscados, e as dívidas contraídas para com atravessadores que revendiam escravos comprados à WIC. [...] Com o aumento dos gastos em Angola, a WIC cai em cima de seus devedores no Brasil. De golpe, os proprietários luso-brasílicos sentem vibrar a veia patriótica e passam a resistir aos ocupantes. Credores extorsivos, os holandeses começam a ser vistos também como heréticos e pérfidos inimigos da Coroa. [...]

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 216-217.

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: ESPECIALISTAS analisam legado deixado pelos holandeses em Pernambuco. Disponível em: <http://livro.pro/fsq8rm>. Acesso em: 26 set. 2018.

Dica de leitura

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

O livro do historiador Luiz Felipe de Alencastro lança um novo olhar sobre a história do território da América portuguesa. Para ele, essa história só pode ser compreendida se levarmos em conta que a formação do Brasil se deu no Atlântico Sul; para ele, a América portuguesa, unida a Angola pelo oceano, integra um só sistema de exploração colonial, cujas marcas na vida social brasileira estão presentes até hoje.

EDITORA COMPANHIA DAS LETRAS

DIGITAL

ENCAMINHAMENTO

- Aprofundar o assunto acessando o texto: IMPÉRIO colonial holandês: parte 3 de impérios coloniais. Disponível em: <http://livro.pro/8vxda7>. Acesso em: 26 set. 2018.

Texto de apoio

A Restauração: o fim da União Ibérica e as consequências para a colônia

Em 1640, chegou ao fim a União Ibérica, graças ao movimento que ficou conhecido como Restauração. Esse movimento significou o retorno da autonomia política de Portugal, agora sob a dinastia dos Bragança, sendo seu primeiro rei D. João IV. A aliança entre os portugueses e a República das Províncias Unidas, sua aliada na luta pela independência contra a Espanha, propiciou uma trégua aos combates, o que foi muito bom para os negócios holandeses na colônia.

No entanto, desde a saída do conde Maurício de Nassau do governo dominado pelos holandeses na América, em 1644, foi-se ampliando um clima de descontentamento entre os colonos, provocado por incompatibilidades com o novo rumo dado à administração da capitania pela Companhia das Índias, considerado prejudicial aos seus negócios. Entre outras coisas, a Companhia passou a cobrar os empréstimos concedidos por Nassau, e, quando estes não eram pagos, os juros aplicados eram extorsivos. E isso numa época de má colheita, provocada por secas e inundações alternadas, e a queda do preço internacional do açúcar em torno de 25%. Além do mais, os holandeses passaram a exercer um controle rigoroso na questão religiosa, perseguindo os católicos. Proibiam a vinda de novos padres para substituir os que morriam ou adoeciam.

Em 1645, teve início um movimento de revolta contra o domínio holandês, que ficou conhecido como Insurreição Pernambucana. Lideraram o movimento os senhores de engenho João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, o índio Filipe Camarão e o negro Henrique Dias. Após violentas lutas, como o combate do Monte das Tabocas (1645) e as duas batalhas dos Guararapes (1648 e 1649), os holandeses foram finalmente derrotados.

Embora expulsos do Brasil, os holandeses somente reconheceram a perda do litoral nordestino em 1661, quando assinaram a Paz de Haia com Portugal, e, em 1669, acertaram o recebimento de uma grande indenização por conta das terras perdidas.

A expulsão dos holandeses do Brasil gerou [...] problemas para a economia da colônia portuguesa na América. Eles passaram a produzir açúcar nas Antilhas, região da América Central, comercializando-o a um preço mais baixo na Europa. [...] A concorrência do açúcar antilhano provocou a queda do preço do açúcar em cerca de 50% e determinou o fim do monopólio português sobre o produto. [...]

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **A Restauração**: o fim da União Ibérica e as consequências para a colônia. Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/historia/modulo01/restauracao.html>. Acesso em: 31 out. 2018.

A concorrência holandesa e a queda nos preços do açúcar

Forçados a deixar o Nordeste brasileiro, os holandeses levaram para as Antilhas as técnicas de produção de açúcar. E como os holandeses possuíam uma grande frota naval e experiência comercial, em pouco tempo o açúcar antilhano passou a disputar com o açúcar brasileiro a liderança no mercado europeu.

Além disso, nos anos entre 1650 e 1700, a Europa vivia uma crise econômica profunda; com isso, a procura pelo açúcar diminuiu e seus preços caíram pela metade.

Mas, mesmo assim, no Brasil a economia canavieira manteve seu dinamismo; os proprietários rurais continuaram acreditando no açúcar; investindo na montagem de engenhos e ampliando as terras destinadas à lavoura da cana.

Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 39.

COLEÇÃO PARTICULAR. FOTO: BRIDGEMAN/FOTOARENA

Moinho para cana-de-açúcar nas Antilhas em uma representação do século XIX.

DIVULGAÇÃO PNLD FTD

ATIVIDADES

I Retomando

1. O texto a seguir é o relatório apresentado pelo holandês Jean de Walbeeck ao parlamento de seu país, em 1633. Leia-o com atenção.

> O Brasil oferece grandes lucros aos portugueses. Em relação ao nosso país, verificar-se-á que esses lucros e vantagens serão maiores para nós. Os açúcares do Brasil, enviados diretamente a nosso país, custarão bem menos do que custam agora, pois que serão libertados dos impostos que sobre eles se cobram em Portugal [...]. Quanto à situação da parte norte do Brasil, verificar-se-á que nenhuma outra aparece situada tão vantajosamente para os nossos Países Baixos, pois é a mais oriental de toda a América meridional [...]. Uma vez de posse desta parte setentrional do Brasil destruiríamos todo o comércio do açúcar português.
>
> SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Coletânea de documentos históricos para o 1º grau**: 5ª a 8ª séries. São Paulo: SE/CENP, 1985. p. 17.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY/SCIENCE SOURCE/GETTY IMAGES

Entreposto da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, século XVII.

a) Segundo o autor do texto, que lucros e vantagens o Brasil traria à Holanda caso o açúcar fosse enviado diretamente para lá? Por quê?

b) Dê o significado das palavras: "oriental"; "meridional"; e "setentrional". A seguir, releia o texto substituindo esses termos pelos sinônimos encontrados.

c) O autor aponta a posição geográfica do Brasil em relação à Holanda como uma vantagem a ser considerada. Explique.

d) Conclua. Pela leitura do documento, é possível compreender o motivo de os holandeses terem invadido o Nordeste? Justifique.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O texto a seguir é do historiador Evaldo Cabral de Mello.

O interesse dos Países Baixos pelo Brasil antedatou de muito a criação da Companhia das Índias Ocidentais (1621) e os ataques à Bahia e a Pernambuco. Há mesmo quem pretenda que a emergência de um mercado internacional do açúcar no século XVI tenha sido uma criação da técnica comercial e financeira dos holandeses, que teriam sido também os principais fornecedores do capital indispensável ao estabelecimento e à expansão, a partir de meados de quinhentos, do sistema brasileiro de produção de açúcar. O que existe de concreto é que navios holandeses, apenas disfarçados em embarcações pertencentes a comerciantes portugueses, assumiram uma proporção substancial do tráfego entre o Brasil e a Europa e que essa participação continuou a crescer, a despeito da união das Coroas portuguesa e espanhola (1580) e dos vários embargos decretados pelos soberanos peninsulares contra navios neerlandeses em portos ibéricos. Após a trégua, hispano-neerlandesa (1609-1621), comerciantes holandeses chegaram a controlar entre a metade e dois terços da navegação entre Portugal e o Brasil. Concluída a trégua em 1621, as autoridades holandesas embarcaram numa política agressiva contra o Império colonial português, visando a substituir o comércio pacífico pela conquista territorial. É naquele mesmo ano que se funda na Holanda a Companhia das Índias Ocidentais, a quem o Estado reconhecia direitos monopolistas no tocante à conquista, comércio e navegação da América e da costa ocidental da África, graças à propaganda colonial de Willem Usselincx e ao ativismo empresarial de um grupo de calvinistas emigrados dos Países Baixos Espanhóis para Amsterdã, a quem se juntaram representantes do patriciado urbano das cidades holandesas.

MELLO, Evaldo Cabral de. Imagens do Brasil holandês 1630-1654. **ARS**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 165-166, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ars/v7n13/arsv7n13a11.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Caso o açúcar brasileiro fosse diretamente para a Holanda, sem ter de pagar impostos em Portugal, chegaria àquele país mais barato e poderia ser vendido com maior lucro.
   b) Oriental: leste; meridional: sul; setentrional: norte.
   c) Ele diz que o norte do Brasil é a parte da América do Sul mais próxima dos Países Baixos; sendo assim, o custo e o tempo de viagem seriam menores. **Professor**: comentar que, quando o autor do texto diz "norte do Brasil", ele está incluindo o Nordeste.
   d) Sim, esse documento de época mostra que o principal motivo das invasões holandesas no Brasil era continuar lucrando com a comercialização do açúcar brasileiro na Europa. **Professor**: comentar que outro argumento usado pelo autor do texto foi que, ao conquistar o Nordeste açucareiro, os holandeses conseguiriam destruir todo o comércio português de açúcar.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

2. Alternativa C. Justificativa: Para evitar possíveis conflitos entre os senhores de engenho (católicos) e os holandeses (protestantes), Nassau adotou a política de tolerância religiosa.
3. V, V, F, V.
4. a) O texto trata do período do domínio holandês no Brasil.
   b) 1) 1630-1637: período marcado pela conquista holandesa e pela resistência luso-brasileira; 2) 1638-1645: considerado um período de paz, associado ao governo nassoviano; 3) 1645-1654: caracterizado pela restauração, na perspectiva luso-brasileira, ou pela repressão, na visão dos holandeses.
   c) É possível afirmar que, durante o domínio holandês, predominou a violência dos dois lados, com raros e curtos períodos de trégua.

Aprofundar o assunto acessando os textos: O TRATADO de Lisboa. Disponível em: <http://livro.pro/gwqhw8>; e TRATADO de paz de 1668 entre Portugal e Espanha. Disponível em: <http://livro.pro/6giuk7>. Acessos em: 26 set. 2018.

Texto de apoio

[...] Como já dissemos anteriormente, a ocupação da América Portuguesa pela Companhia das Índias Ocidentais deve ser compreendida no contexto da disputa entre as várias nações europeias da época. Tal disputa dava-se em torno do controle do comércio do açúcar e do tráfico de escravos. Esses eram indispensáveis à produção açucareira, ao mesmo tempo que o tráfico se constituía em importante elemento de acumulação de capital no comércio do Atlântico, que era controlado pelos europeus.

Além disso, é necessário também considerar as disputas dinásticas travadas na Europa e, principalmente, no caso estudado, a União Ibérica (1580-1640). A restauração do trono português, em 1640, fortaleceu a luta dos luso-brasileiros na América Portuguesa e se constituiu em fator determinante dos rumos da guerra. É importante lembrar que a disputa entre portugueses e neerlandeses ocorreu não apenas no território americano, onde os lusos venceram, mas também na Ásia, onde a vitória foi dos neerlandeses, com a tomada definitiva de importantes colônias portuguesas produtoras de especiarias, e na África, onde ocorreu um empate técnico.

O fato é que, após a restauração, Portugal teve de lutar para reconquistar seu lugar, na política europeia, como estado soberano. Além disso, precisou contar com o apoio de outros estados europeus em sua luta contra a Espanha pela independência, que só foi reconhecida em 1668. Assim, a luta pela restauração, tanto na América quanto na Europa, foi marcada não apenas por batalhas militares, mas também pelas diplomáticas. Em 1661, com a assinatura de um tratado de cooperação com a Grã-Bretanha, que incluiu o casamento da Infanta de Portugal, D. Catarina, com o rei da Inglaterra, os portugueses conseguiram garantir, a um só tempo, a sua independência e a manutenção da unidade territorial de sua colônia na América Portuguesa. [...]

MENEZES, Mozart Vergetti de; GONÇALVES, Regina Célia. **O domínio holandês no Brasil**: 1630-1654. São Paulo: FTD, 2002. p. 51.

2. Identifique a alternativa **INCORRETA** e justifique sua escolha em seu caderno.

a) O governo holandês escolheu o conde João Maurício de Nassau para administrar o Brasil holandês.

b) Nassau forneceu empréstimos aos senhores de engenho luso-brasileiros para que recuperassem suas lavouras e comprassem escravos.

c) Para evitar possíveis conflitos entre os senhores de engenho (protestantes) e os holandeses (católicos), Nassau adotou a política de intolerância religiosa.

d) Entre os melhoramentos realizados pelo governo de Nassau em Recife, podemos citar: calçamento de ruas, abertura de canais, construção de pontes, jardins e hospitais.

3. Em seu caderno, identifique as sentenças verdadeiras e as sentenças falsas.

a) Os holandeses se retiraram do Brasil em 1654, após serem vencidos na Campina da Taborda.

b) Os holandeses levaram para as Antilhas as técnicas de produção de açúcar.

c) A concorrência da produção holandesa nas Antilhas estimulou o aumento da venda do açúcar brasileiro.

d) O açúcar antilhano produzido pelos holandeses passou a disputar o mercado internacional com o açúcar brasileiro.

4. Leia o texto a seguir com atenção.

> [...] Uma fase inicial (1630-1637) de conquista para os holandeses, de resistência para os luso-brasileiros; um período de paz (1638-1645), associado comumente ao governo nassoviano [de Maurício de Nassau]; e uma etapa final de guerra (1645-1654), de restauração na perspectiva luso-brasileira, de repressão [...] na ótica **neerlandesa**. Em 24 anos de domínio holandês, nada menos de 16 [foram] de luta contínua. Mesmo o período intermediário, uma espécie de Idade de Ouro do Brasil holandês, conheceu apenas uma paz relativa, pois, até a trégua luso-holandesa de 1641, sucederam-se as incursões [...] contra o interior do Nordeste, atacando os engenhos, saqueando as povoações e incendiando os canaviais [...].
>
> MELLO, Evaldo Cabral de. Imagens do Brasil holandês 1630-1654. **ARS**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 162-163, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202009000100011>. Acesso em: 16 ago. 2018.

Neerlandesa: holandesa.

a) Qual o assunto do texto?

b) O autor divide o domínio holandês em três períodos. Identifique-os.

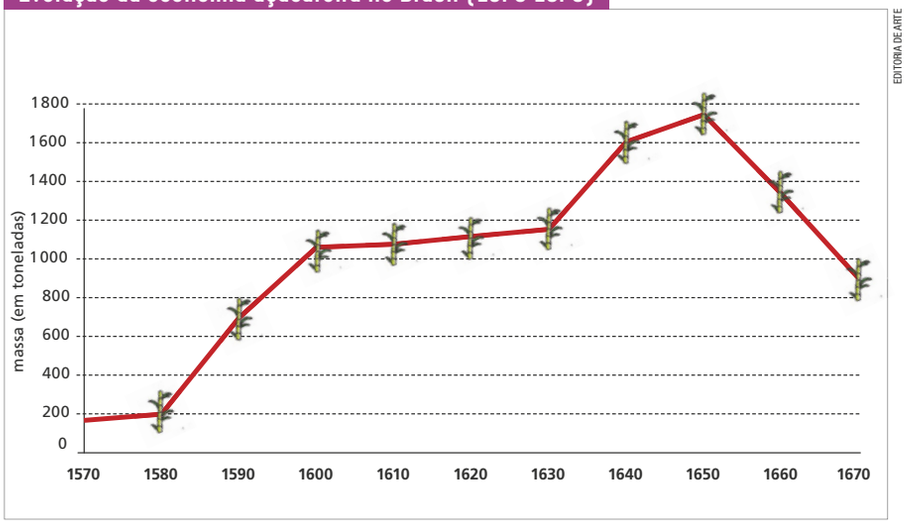
c) De acordo com o texto, o que é possível afirmar sobre os 24 anos de domínio holandês? Justifique.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

II Integrando com Matemática

Observe o gráfico a seguir, elaborado pelo economista Roberto Simonsen.

Evolução da economia açucareira no Brasil (1570-1670)



Fonte: SIMONSEN, Roberto. In: AVANCINI, Elsa Gonçalves. **Doce inferno**: açúcar – guerra e escravidão no Brasil holandês (1580-1654). São Paulo: Atual, 1991. p. 33. (História em documentos).

Com base no gráfico e em seus conhecimentos sobre a presença holandesa no Nordeste, responda:

a) O que o gráfico registra?

b) Identifique, em relação à quantidade de açúcar exportada, os períodos em que é possível perceber:

- crescimento.
- decrescimento.

c) Em que ano ocorreu a maior exportação de açúcar? Quantas toneladas, aproximadamente, foram exportadas nesse ano?

d) A leitura do gráfico permite saber o comportamento da economia açucareira durante a presença holandesa no Nordeste? Justifique.

e) Com o fim do domínio holandês, o que ocorreu com a economia açucareira? Por que isso ocorreu?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Queima na cultura de cana-de-açúcar: uma reflexão histórica

[...] a cultura de cana é a única *commodity* que não é exportada *in natura*, como a soja, o milho e outras mais; 100% do que é exportado sofre algum grau de transformação no país, gerando emprego e renda no entorno das regiões produtoras. Hoje, o Brasil possui dois produtos principais: o açúcar e o álcool, o que possibilita a diversificação da produção em função dos preços praticados no mercado. Especialmente no Brasil, em meados dos anos 70, surgiu o maior programa de biocombustível do mundo, o Pró-Álcool. Este programa, justificado inicialmente pela alta do petróleo no mercado mundial, hoje é uma das alternativas energéticas aplicadas em larga escala mais ecológicas do planeta, uma vez que, além de possibilitar a redução do uso de energia fóssil (a partir de petróleo, etc.), possui, especificamente no Brasil, o balanço energético mais positivo que se conhece para biocombustíveis [...] devido à utilização de bagaço de cana nas caldeiras, gerando energia. Aliás, hoje praticamente toda a energia gasta na fabricação de açúcar e álcool é proveniente dessa fonte, ainda gerando excedentes para serem vendidos no mercado. [...] Nesse sentido, a cana-de-açúcar é, hoje, uma das culturas que mais se destacam do ponto de vista econômico, social e ambiental. No entanto, uma prática, ainda muito comum na cultura, é a queima da palha antes da colheita, visando facilitar o corte.

[...] O volume total de carbono emitido para a atmosfera, considerando a queima em 70% da área plantada no país, é de 17 milhões de toneladas de carbono, 170 mil toneladas de nitrogênio e 113 mil toneladas de enxofre. [...]

Se o fogo instantaneamente limpa o solo, facilitando a marcha dos instrumentos aratórios, também destrói, ao mesmo tempo, a matéria orgânica, que poderia ser transformada em húmus. Dessa queima resultam cinzas alcalinas que agem sobre a vegetação da cana mais prontamente do que se estivessem sob a forma orgânica. Entretanto, o efeito de sua duração é curto. Pela queima, desaparecem as vantagens da cobertura, que mantinha o solo naturalmente fresco.

RESENDE, Alexander Silva de. Queima na cultura de cana-de-açúcar: uma reflexão histórica. **Agrolink**, 12 nov. 2004. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/colunistas/coluna/queima-na-cultura-de-cana-de-acucar---uma-reflexao-historica_383975.html>. Acesso em: 27 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Registra a evolução na exportação do açúcar e, consequentemente, da evolução da economia açucareira entre 1570 e 1670.

b) Crescimento entre 1570 e 1650. Decrescimento entre 1650 e 1670.

c) A maior exportação ocorreu em 1650, quando foram exportadas cerca de 1 700 toneladas.

d) Sim, o pico da exportação de açúcar coincidiu com o período do domínio holandês no Brasil (1630-1650).

e) A economia açucareira apresentou declínio; isso ocorreu por duas razões principais: a concorrência do açúcar produzido nas Antilhas e a crise vivida pela Europa entre 1650 e 1700.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Este capítulo foi elaborado visando atender às habilidades **EF07HI11** e **EF07HI12** da BNCC:

– Analisar a formação histórico-geográfica do território da América portuguesa por meio de mapas históricos.

– Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

CAPÍTULO

12 A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO DA AMÉRICA PORTUGUESA

O avanço da colonização da América portuguesa se deveu à ação dos soldados, dos bandeirantes, dos jesuítas e dos criadores de gado. As duas imagens a seguir representam os bandeirantes. A da esquerda é uma aquarela; a da direita, uma ilustração. Ambas foram feitas por Ivan Washt Rodrigues (1927-2007). Observe-as com atenção.

Fonte 1

Fonte 2

ILUSTRAÇÕES: COLEÇÃO PARTICULAR

a) Descreva o bandeirante representado na fonte 1.

b) Descreva o bandeirante representado na fonte 2.

c) Compare as duas versões e opine: qual delas se parece mais com o bandeirante de carne e osso?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Descalços, violentos e famintos

Altivos, imponentes, longas botas, chapéu e armas vistosas. Esqueça a imagem típica dos bandeirantes [...]. A realidade era bem outra: tropas caminhavam descalças por extensos territórios, sujeitas a todo tipo de desconforto, à mercê dos ataques de índios e de animais, fustigadas pela fome.

Antes de virar herói – invenção da elite no início da República, para enaltecer a capacidade de liderança dos paulistas –, o bandeirante foi o protagonista de uma colonização árdua e violenta, que, durante mais de dois séculos, desenvolveu uma cultura própria, bem distante dos padrões europeus.

Desde o século XVI até as primeiras décadas do XVIII, expedições partiram em busca de metais preciosos e de índios para serem vendidos como escravos nas plantações que abasteciam a colônia. Essas incursões ganharam o nome de "bandeiras" – possivelmente por causa do costume tupiniquim de levantar uma bandeira em sinal de guerra.

O sucesso das empreitadas dependia do "cabo da tropa", ou "capitão do arraial", sertanista experiente que tinha poder absoluto sobre seus subordinados. O cabo reunia na tropa seus filhos (mesmo ainda adolescentes), parentes e agregados como auxiliares no comando, fazendo das bandeiras um negócio eminentemente familiar.

O capelão era outra figura obrigatória, encarregado de dar assistência espiritual à tropa. [...] Mulheres índias ou mestiças (*temericó*) acompanhavam os bandeirantes pelo sertão na condição de escravas.

No entanto, a maioria dos integrantes era constituída de escravos indígenas, geralmente guaranis ou carijós, que formavam tropas auxiliares encarregadas de combater e capturar índios no sertão. Vale dizer que, em meados do século XVII, 83% da população da vila São Paulo era formada por índios. Os mamelucos, descendentes de pai branco e mãe índia, muitas vezes atuavam como guias e intérpretes, pois falavam a "língua-geral" (tupi) e transitavam entre o mundo indígena e o português. Serviam também de "isca" para as capturas: vestidos com batinas pretas e cabelos cortados em tonsuras, passavam-se por jesuítas e, assim, escravizavam os índios sem maiores resistências.

KOK, Glória. No mato sem cachorro. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 3, n. 34, 7 jul. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160416035157/http://rhbn.com.br/secao/capa/no-mato-sem-cachorro>. Acesso em: 27 set. 2018.

Os agentes da expansão territorial

Entre os quatro tipos de agentes da expansão territorial, estavam os soldados, que foram enviados para defender e proteger as costas das terras onde hoje é o Brasil.

Os soldados

Desde o início da colonização, piratas franceses, ingleses e holandeses atacavam o litoral brasileiro para levar o pau-brasil e outras riquezas da terra; muitas vezes eles se aliavam a grupos indígenas inimigos dos portugueses. Na região onde é hoje a Paraíba, por exemplo, os franceses mantinham estreita ligação com os Potiguara.

Durante a **União Ibérica**, a pirataria no litoral brasileiro se intensificou, pois os inimigos da Espanha também passaram a atacar as colônias portuguesas, a exemplo do Brasil. Para combater a pirataria, foram enviados ao litoral do Brasil soldados portugueses e espanhóis. Esses soldados ergueram fortes e povoados que estão na origem de várias **capitais brasileiras**:

- **Forte de Filipeia de Nossa Senhora das Neves**, fundado pelos portugueses em 1585, em torno do qual se formou a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba.
- **Forte dos Reis Magos**. Construído em forma de uma estrela, em 1598, por soldados luso-brasileiros, deu origem a Natal, capital do Rio Grande do Norte.

HANS VON MANTEUFFEL/TYBA

Foto aérea do Forte dos Reis Magos, com a cidade de Natal ao fundo. Natal, RN. 2013.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Identificar os movimentos ocorridos nos séculos XVI e XVII que contribuíram para a ampliação do território da América portuguesa.
- Reconhecer os agentes envolvidos no processo de formação histórico-geográfica da América portuguesa.
- Analisar o papel dos soldados no processo de expansão do território colonial.
- Discutir o papel dos fortes no processo de defesa do território.
- Ressaltar a formação das cidades em torno dos fortes.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: 10 FORTES militares históricos viram ponto turístico, no Brasil. Disponível em: <http://livro.pro/3qhr8y>; e A ARQUITETURA de defesa no Brasil colonial. Disponível em: <http://livro.pro/hi9292>. Acessos em: 26 set. 2018.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- FORTES brasileiros. Duração: 2min36s. Disponível em: <http://livro.pro/svgcwg>. Acesso em: 26 set. 2018.

Vídeo do Iphan sobre os fortes brasileiros.

Texto de apoio

Ameaça pirata na América portuguesa

[...] ao longo de três séculos, viram-se abandonadas à própria sorte, como nos casos do Rio de Janeiro e de Santos, cidades tomadas e aterrorizadas por "cães do mar" em busca de riqueza. [...] especialistas tratam das principais incursões estrangeiras às possessões portuguesas na América, traçam um perfil dos homens que amedrontaram os colonos, analisam as estratégias de defesa de uma população acuada e mostram o que está sendo feito para recuperar a memória de um tempo em que o perigo vinha do mar.

A 12 de setembro de 1711, uma esquadra francesa composta de 18 embarcações fez a entrada mais espetacular de que se tem notícia nas águas de Guanabara. [...] Encobertos por intenso nevoeiro matinal, que favoreceu sua empreitada, em poucas horas os franceses se encontravam defronte da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. [...]

A esquadra invasora era comandada por um dos mais célebres corsários dos tempos de Luís XIV: René Duguay-Trouin (1673-1736). Ao longo de sua carreira, ele capturou mais de trezentas embarcações de comércio e cerca de vinte navios de guerra de potências europeias. Por três anos seguidos, entre 1706 e 1708, tentou interceptar, na altura de Lisboa, a rica frota do ouro proveniente do Brasil, sem obter sucesso. Sua glória, no entanto, seria retumbante no projeto realizado em 1711: a invasão e o saque de uma das mais ricas e prósperas cidades pertencentes ao rei de Portugal na América. [...]

BICALHO, Maria Fernanda. Uma cidade em pânico. **Revista Nossa História**, ano 3, n. 27, p. 15-16, jan. 2006.

IMAGENS EM MOVIMENTO

• BELÉM 400 anos: a influência francesa na capital paraense. Duração: 52min28s. Disponível em: <http://livro.pro/wb3acq>. Acesso em: 26 set. 2018.

O documentário em comemoração aos 400 anos da cidade de Belém analisa a influência francesa na capital paraense.

Texto de apoio

As armas da pirataria

O formato pouco eficiente do casco da nau, navio utilizado desde o século XV, foi decisivo para que o galeão fosse a embarcação dominante no final do século XVI. Entre outras inovações, o casco do galeão aumentava o fluxo de água ao longo da embarcação, reduzindo a resistência hidrodinâmica e aumentando sua maneabilidade. Outra vantagem era seu poder de fogo. Enquanto a nau possuía armamento leve, o galeão, embora para fins comerciais, era projetado como um navio de guerra. Armado com dois andares de canhões, aliava força e agilidade, sendo utilizado até o século XVIII.

Canhão: peça de artilharia que disparava projéteis de ferro com o objetivo principal de danificar e afundar embarcações inimigas. Demorava para ser recarregado e possuía pouca pontaria.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: ROMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

Mosquete: semelhante a uma espingarda, mas com o peso maior, com o cano de 1,5 metro. A pólvora e o projétil eram carregados pela boca e o disparo possuía alcance de até 100 metros.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: ROMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

• **Forte de São Luís** (1612), que está na origem da cidade de São Luís, capital do Maranhão. O forte foi fundado pelos franceses, que ali estabeleceram uma colônia comercial com o objetivo de explorar as riquezas da região. No entanto, três anos depois, eles foram expulsos pelos soldados espanhóis e portugueses.

PALÊ ZUPPANI/PULSAR IMAGENS

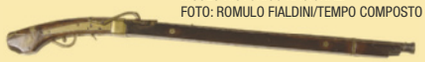
A imagem mostra os muros do forte em torno do qual se formou a cidade de São Luís; atrás, o Palácio dos Leões, sede do governo do Estado do Maranhão. 2017.

• **Forte do Presépio de Santa Maria de Belém**. Fundado por soldados portugueses em 1616. O forte foi erguido para proteger o pequeno povoado português chamado Feliz Lusitânia, que deu origem à cidade de Belém, capital do Pará.

CHICO FERREIRA/PULSAR IMAGENS

Vista de Belém, capital do Pará, a partir do Forte do Presépio de Santa Maria de Belém, fundado por soldados portugueses em 1616. Fotografia de 2017.

Arcabuz: semelhante ao mosquete, porém de tecnologia mais antiga, era disparado acendendo-se um pavio.



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: ROMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

Pistola: pequena arma de mão, era eficiente para assalto em embarcações. Mas, por ser difícil de recarregar, geralmente portava-se mais do que uma.

MUSEU MARIANO PROCÓPIO, JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS. FOTO: ROMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

Sabre: pequena arma de punho, ligeiramente curva e com um só fio.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. FOTO: ROMULO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO

BICALHO, Maria Fernanda. Uma cidade em pânico. **Nossa História**, ano 3, n. 27, p. 19, jan. 2006.

PARA SABER MAIS

O texto a seguir foi escrito para esta coleção pelo historiador Clodomir Freire. Leia-o com atenção.

RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Prédio da 10ª Região Militar do Exército Brasileiro. Fortaleza, CE. Fotografia de 2013.

A polêmica em torno da fundação de Fortaleza

Se você fizer um passeio por Fortaleza acompanhado por um guia turístico, ele provavelmente o(a) levará até a 10ª Região Militar do Exército Brasileiro e a apresentará como o marco inicial da capital cearense. Este é o local de fundação do Forte de Schoonenborch, erguido pelos holandeses, em 1649, na margem esquerda da foz do Riacho do Pajeú. Depois da expulsão dos holandeses, os luso-brasileiros mudaram o nome do forte para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em torno da qual teria se formado a cidade de Fortaleza.

Já o Movimento Marco Zero de Fortaleza, que tem à frente o historiador Adauto Leitão, discorda da data e do local de fundação da capital cearense; afirma que a origem de Fortaleza está na Barra do Ceará, onde Pero Coelho ergueu o Fortim de São Tiago, em 1604. O movimento luta para que isto seja reconhecido oficialmente.

FREIRE, Clodomir. **A polêmica em torno da fundação de Fortaleza**. Texto escrito especialmente para esta coleção.

GENTIL BARREIRA

Fotografia do Marco Zero. Fortaleza, CE. 2017.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- POLÊMICA: qual é a idade de Fortaleza? Duração: 9min26s. Disponível em: <http://livro.pro/mw2dpp>. Acesso em: 26 set. 2018.

Entrevista com os historiadores Adauto Leitão e Evaldo Lima e com o pesquisador Christiano Câmara sobre a data de fundação de Fortaleza.

+ATIVIDADES

- **Em grupo**. Escolham uma das cidades estudadas neste tópico e criem um vídeo contando a história de sua fundação.

Sugestão de *site* para pesquisa: IBGE Cidades. Disponível em: <http://livro.pro/f492h3>. Acesso em: 26 set. 2018.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

O imaginário social da fundação de Fortaleza

[...] para o arqueólogo da Universidade Federal de Pernambuco, Marcos Albuquerque, encontrar com exatidão o lugar da "primeira edificação" de Fortaleza possui um aspecto significativo para a construção da sua identidade urbana:

"Eu acho que Fortaleza precisa buscar sua historicidade, buscar sua história e, consequentemente, se entender de forma processual para, digamos, melhor administrar seu presente e seu futuro, alicerçada no passado [...]. Se uma pesquisa histórica apenas conduz as informações numa direção, a pesquisa arqueológica é extremamente pragmática: ela materializa a história [...]. Se teve ou não fortificação na Barra do Ceará, só a pesquisa arqueológica poderá dizer."

Na opinião da coordenadora de patrimônio histórico da Secretaria de Cultura de Fortaleza, Ivone Cordeiro, diante da possibilidade de a arqueologia certificar-se acerca da existência da fortificação do século XVII, caberá à Barra do Ceará um novo lugar no contexto histórico da cidade de Fortaleza:

"O que está em jogo aqui é a discussão da memória da cidade de Fortaleza. E a primeira coisa para a qual eu queria chamar a atenção é o uso dessa palavra no singular. O que está em jogo são memórias diferenciadas, são possibilidades diferentes que nos colocam diante de uma discussão sobre o que é relevante efetivamente para a memória coletiva do fortalezense. E o que vai dar essa relevância? É aquilo que vai possibilitar uma maior identificação com essa experiência histórica [...]. A carta régia de implantação da cidade de Fortaleza é de 13 de abril de 1726. Quando se fala de municipalidade, essa é a data. [...] A Barra do Ceará vai ter seu lugar nesse processo. Ela vai ter seu lugar na história de Fortaleza muito melhor qualificada. Se não for marco zero o que importa é a experiência humana que construiu essa cidade."

MACIEL, Wellington Ricardo Nogueira. O imaginário social da fundação de Fortaleza: fatos, marcos e personagens. **O público e o privado**, n. 21, p. 180, 2013. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=561>. Acesso em: 27 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Frisar que, na passagem do século XVI para o XVII, São Paulo era uma vila relativamente pobre, que produzia para a subsistência e que não tinha como importar aquilo de que necessitava.
- Identificar os fatores que favoreceram a formação das bandeiras.
- Identificar o objetivo das bandeiras.
- Comentar que a população era, em sua maioria, formada de mestiços de europeu com indígena e assimilara muito da cultura tupi.
- Destacar que os paulistas deslocavam-se a pé ou de canoa (até por volta de 1630, o cavalo ainda não tinha sido introduzido no planalto paulista), andavam descalços, dormiam em redes e falavam o tupi, língua predominante na região até o século XVIII. Além disso, cultivavam seus alimentos, costuravam suas roupas e fabricavam seus artefatos de caça e de pesca.

Os bandeirantes

Em 1600, enquanto a capitania de Pernambuco progredia embalada pela produção de açúcar, a capitania de São Vicente vinha perdendo força. Então, por falta de trabalho, parte da população vicentina subiu a Serra do Mar e, aos poucos, formou um povoado, São Paulo do Campo de Piratininga.

São Paulo, a capital bandeirante

O povoado que mais tarde veio a ser a vila e depois a cidade de São Paulo teve um crescimento lento. Em 1660, São Paulo era um povoado pobre; tinha apenas 150 casas, habitadas por cerca de 1 500 pessoas que plantavam milho e mandioca e criavam porcos e galinhas para sobreviver.

Os paulistas eram homens rudes e acreditavam que a única solução para a pobreza estava no **sertão**. Por isso, decidiram organizar **bandeiras**, ou seja, expedições particulares que partiam geralmente de São Paulo com o objetivo de capturar indígenas e achar ouro e pedras preciosas.

Uma grande bandeira era formada por um ou dois bandeirantes experientes, alguns jovens de origem portuguesa, vários mestiços e centenas de indígenas escravizados, usados como guias, carregadores, guerreiros e cozinheiros.

Sertão: no período colonial, a palavra designava todo o interior inexplorado do território. Atualmente, se refere a uma área específica do Nordeste.

Ilustração feita com base em pesquisa histórica.

Texto de apoio

O cotidiano bandeirante

O dia a dia dos componentes de uma bandeira era exaustivo. Caminhando em fila indiana, eles partiam por volta de 4 ou 5 horas da manhã e, geralmente, só paravam para descansar ao entardecer. A parada acontecia numa prainha, num rancho abandonado ou numa pequena ilha. Chegando a um desses lugares, faziam pequenas fogueiras para espantar os insetos e conversar e, depois, armavam suas redes para dormir.

Andando pelo sertão por mais de dois séculos, os paulistas aprenderam muito sobre a vida na mata. Na época, se dizia que, na selva, eles eram tão habilidosos quanto os próprios animais. Distantes do litoral e, portanto, do contato com os europeus, eles desenvolveram hábitos próprios, muitos deles aprendidos com os índios. Com os nativos, aprenderam, por exemplo, a seguir rastros deixados por animais e outros homens. Quanto ao modo de andar, conta-nos o historiador Sérgio Buarque de Holanda que:

"não levavam calçados, esparramando, como os índios, toda a planta dos pés pelo chão ao andar e virando os dedos dos pés um pouco para dentro, o que diminuía o cansaço e facilitava em muito a marcha"....

SOUZA, Laura de Mello e. **Formas provisórias de existência**. São Paulo: Cia. das Letras,1997. p. 46. (Coleção História da vida privada).

Em relação aos caminhos, os sertanistas usavam muitas vezes as trilhas abertas pelos indígenas. Na falta delas, seguiam pela beira dos córregos e riachos ou então pelos rios, em canoas construídas às pressas. Porém, quando não tinha outro jeito, abriam picadas na mata com seus facões.

Texto do autor.

A caça ao índio

Desde o início, os paulistas prenderam e escravizaram índios. A partir de 1620, porém, com o crescimento das plantações de trigo em São Paulo, aumentou muito a procura por trabalhadores. Então os paulistas organizaram grandes bandeiras de caça ao índio. Para conseguir aprisionar muitos indígenas de uma só vez, atacavam as **missões jesuítas**.

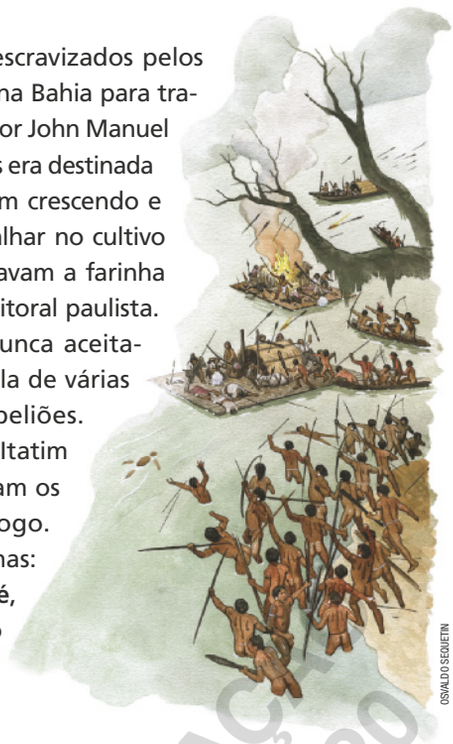
Missões jesuítas: grandes aldeamentos indígenas organizados pelos padres jesuítas.

As principais bandeiras de caça ao índio, chefiadas por Antônio Raposo Tavares, destruíram, em apenas dez anos (1628-1638), as missões de **Guairá** (Paraná), **Itatim** (Mato Grosso do Sul) e **Tape** (Rio Grande do Sul).

A resistência guarani

Acreditava-se que a maioria dos índios escravizados pelos bandeirantes era vendida no Rio de Janeiro e na Bahia para trabalhar nas plantações de açúcar. Mas o historiador John Manuel Monteiro comprovou que a maioria desses índios era destinada às fazendas de trigo de São Paulo, que vinham crescendo e exigindo muitos trabalhadores. Além de trabalhar no cultivo de trigo, eles também produziam e transportavam a farinha de trigo de São Paulo ao porto de Santos, no litoral paulista.

Os indígenas, bem como os africanos, nunca aceitaram a escravidão pacificamente. Reagiam a ela de várias formas: suicídio, fugas para o interior e rebeliões. Depois da destruição das missões de Guairá, Itatim e Tape, por exemplo, os indígenas enfrentaram os bandeirantes, inclusive usando armas de fogo. Nessa luta venceram duas importantes batalhas: a de **Caasapaguaçu**, em 1638, e a de **Mbororé**, em 1641. Após essas derrotas, o bandeirismo de caça ao índio entrou em declínio.



OSVALDO SEQUETIN

Ilustração feita com base em pesquisa histórica.

DIALOGANDO

Algumas rodovias e praças do Brasil têm nomes indígenas. A rodovia Índio Tibiriçá, em São Paulo, por exemplo, é uma delas. Por que será que alguns indígenas foram homenageados e outros, esquecidos?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que os paulistas organizaram grandes bandeiras com o objetivo de aprisionar índios no Sul, onde estavam localizadas as missões – amplos aldeamentos indígenas, relativamente isolados dos núcleos urbanos, administrados pelos jesuítas. Nesses aldeamentos, era grande o número de indígenas da nação Guarani – exímios agricultores e, por isso, muito cobiçados desde o início da colonização.
- Trabalhar o conceito de missões.
- Relacionar a bandeira de caça ao índio com a destruição de missões jesuíticas.
- Chamar a atenção dos alunos para as áreas onde a mão de obra indígena era utilizada em São Paulo.
- Comentar com os alunos que os indígenas resistiram ao processo de escravidão, chegando a vencer os bandeirantes em batalhas, como a de Mbororé.

Dialogando

Professor: os indígenas que ajudaram os portugueses a conquistar o território, como os Tibiriçá, receberam homenagens em estátuas e nomes de ruas. Aqueles que resistiram à dominação portuguesa, como os Cunhambebe, tiveram seus nomes esquecidos.

- Aprofundar o assunto acessando o texto: HISTÓRIA da capitania de São Vicente. Disponível em: <http://livro.pro/d344j8>. Acesso em: 26 set. 2018.

Texto de apoio

Resistência indígena

[...] O receio de os guaranis se armarem e, assim, constituírem ameaça interna, foi superado pela necessidade de defesa contra invasores. [...]

De início, os jesuítas não tinham planos nem estavam preparados para enfrentar inimigos com armas de fogo. Também não intencionavam alimentar os instintos guerreiros dos índios. A organização administrativa, social, econômica visava a fraternidade, o cooperativismo e a paz. Só após os insistentes ataques dos bandeirantes, os missionários se convenceram de que o único modo de se defender dos agressores era desenvolver táticas evasivas, de se exercitar no manejo de armas de fogo e fortificar a missão, que passou a ser guarnecida por um corpo de cavalaria (os guaranis eram exímios na montaria) e um de infantaria.

Em pouco tempo, aperfeiçoando táticas de guerrilha, os guaranis tornaram-se respeitados tanto pelos luso-brasileiros quanto pelos hispânicos de Assunção e Buenos Aires. Houve batalhas em que cerca de 20000 combatentes, procedentes de oito a dez reduções, foram mobilizados. [...]

As batalhas foram terrestres e fluviais. A frota de embarcações disponíveis foi decisiva para a vitória na batalha de Mbororé, afluente do rio Uruguai em que os bandeirantes sobreviventes bateram em retirada (1641).

Por outro lado, a rede fluvial (bacias do Paraná, Uruguai e Paraguai), embora essencial para o transporte de carga e passageiros, tornava as missões vulneráveis, pois facilitava o acesso do inimigo. [...]

NETO, Miranda. **A utopia possível**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. p. 100-101. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/952-Utopia_do_possIvel_A.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que a notícia de que os espanhóis haviam achado prata e ouro em Potosí (atual Bolívia) e Zacatecas (atual México) animou os habitantes da América portuguesa, que reviraram terras e rios em busca de metais preciosos.
- Destacar que o governo português, por sua vez, também incentivou essa busca financiando entradas – expedições que partiam do litoral brasileiro em busca de riquezas no sertão. Mas foi somente no fim do século XVII, depois de várias incursões sertão adentro, que os paulistas encontraram ouro em grandes quantidades.
- Identificar as regiões onde inicialmente foi descoberto o ouro.
- Ressaltar que a população das regiões auríferas passou a demandar produtos para sua sobrevivência. Para suprir essa demanda, os paulistas organizaram as monções – expedições comerciais que seguiam de canoa pelos leitos dos rios para vender alimentos, roupas e instrumentos de trabalho nas regiões mineradoras.
- Trabalhar o conceito de sertanismo de contrato.
- Analisar o mapa das bandeiras e discutir o papel delas na ampliação das fronteiras da América portuguesa.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- A FORMAÇÃO do território brasileiro. Duração: 4min29s. Disponível em: <http://livro.pro/ay5h7g>. Acesso em: 26 set. 2018.

Vídeo que apresenta a expansão do território a partir das bandeiras.

- A CONQUISTA da terra e da gente. Duração: 12min32s. Disponível em: <http://livro.pro/nj25po>. Acesso em: 26 set. 2018.

Quinto episódio da série **Jesuítas no Brasil**, da TV Escola.

A busca de ouro e diamantes

Desde cedo, os bandeirantes encontraram pequenas quantidades de ouro no leito dos rios. No século XVII, uma crise econômica levou o rei de Portugal a escrever aos bandeirantes para que procurassem ouro e pedras preciosas no sertão. Em 1674, Fernão Dias Pais partiu de São Paulo em direção ao sertão e pensou ter encontrado esmeraldas; mas eram turmalinas, pedras verdes sem nenhum valor.

A trilha aberta por Fernão Dias, no entanto, serviu para outras bandeiras, que, seguindo o mesmo caminho, descobriram ouro. Entre elas, cabe destacar as bandeiras de:

- Antônio Rodrigues Arzão, **Sabará** (Minas), por volta de 1693;
- Pascoal Moreira Cabral, **Cuiabá** (Mato Grosso), em 1719;
- Bartolomeu Bueno da Silva, **Vila Boa** (Goiás), por volta de 1725.

Principais bandeiras (séculos XVII e XVIII)

Com a descoberta do ouro, os paulistas organizaram as **monções**, expedições comerciais que seguiam de canoa pelos rios para vender alimentos, roupas e ferramentas nas regiões mineradoras.

Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. **Atlas histórico escolar**. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 24.

O sertanismo de contrato

Nos séculos XVII e XVIII, os bandeirantes foram contratados por fazendeiros e autoridades para combater índios ou negros rebelados contra a escravidão. Esse tipo de "negócio" entre bandeirantes e poderosos era chamado de sertanismo de contrato.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

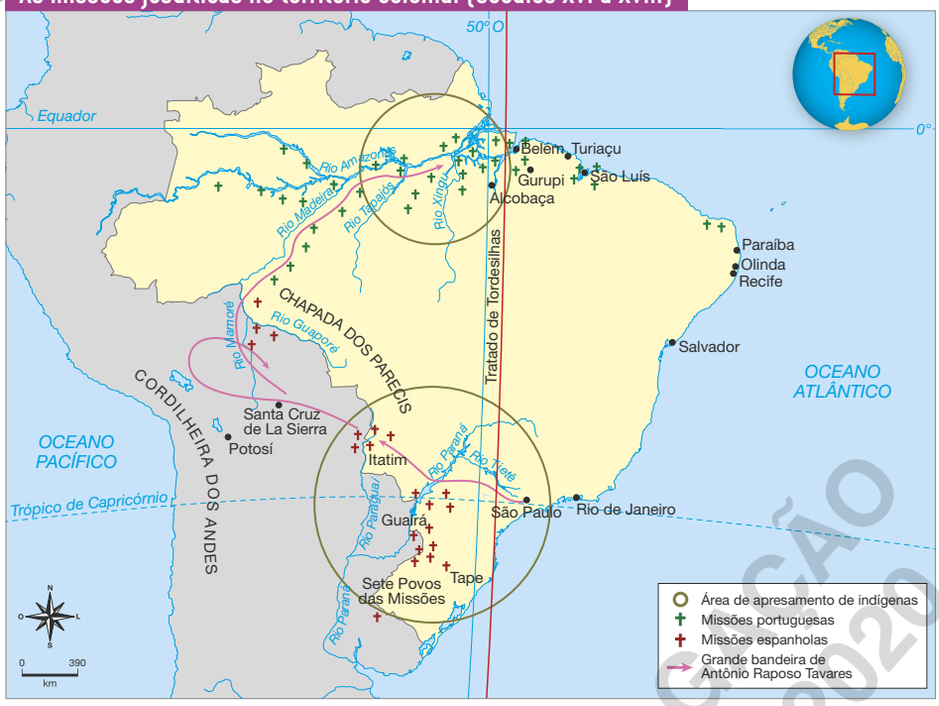
Os jesuítas

Como vimos, a Companhia de Jesus é uma ordem religiosa fundada pelo militar espanhol Inácio de Loyola, em 1534. Os padres jesuítas possuíam uma rigorosa disciplina e elevado nível de instrução e se propunham a divulgar o catolicismo na Ásia, na África e na América.

Os jesuítas vieram para o Brasil em 1549, acompanhando o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, e dedicaram-se ao ensino da religião cristã e à formação de crianças. Para isso, fundaram colégios nas principais vilas e cidades do litoral brasileiro.

No litoral, as doenças e as guerras contra os colonizadores mataram milhares de indígenas; e aqueles que não morreram refugiaram-se no interior. Os jesuítas, então, também foram para o interior e lá criaram missões (grandes aldeamentos indígenas). A maior parte dessas missões localizava-se na Amazônia e na região Sul.

As missões jesuíticas no território colonial (séculos XVI a XVIII)



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. **Atlas histórico escolar**. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 24.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

IMAGENS EM MOVIMENTO

- MISSÕES jesuíticas (Brasil e América Latina): guerreiros da fé. Duração: 59min39s. Disponível em: <http://livro.pro/dwu2ng>. Acesso em: 26 set. 2018.

Documentário da TV Senado com análises de especialistas sobre a influência dos jesuítas na América do Sul, principalmente na região dos Sete Povos das Missões.

Dica de filme

- **A Missão** (Inglaterra, 1986). Direção: Roland Joffé. Duração: 121 min.

Professor: por meio do filme, o aluno poderá formar uma ideia do cotidiano nas missões habitadas pelos guaranis: o modo como esse povo trabalhava na lavoura e nas oficinas (construindo móveis, instrumentos musicais e utensílios); como praticava a música; como guerreava, pintava o corpo e se divertia; enfim, a habilidade que tinha para sobreviver e se movimentar na mata, para cantar, tocar instrumentos e combater. Além disso, poderá saber um pouco mais sobre a atuação e a mentalidade dos membros da Companhia de Jesus, na época.

ENCAMINHAMENTO

- Esclarecer que os jesuítas vieram dispostos a difundir o cristianismo nas terras americanas, converter indígenas e integrá-los à civilização ocidental; para isso, atravessaram o oceano Atlântico.
- Destacar que, nas missões, os jesuítas e os indígenas comunicavam-se pela língua-geral baseada no tupi.
- Relacionar as missões com o processo de expansão do território da América portuguesa.

Por serem contrários à escravização do indígena, os soldados de Cristo entraram em atrito com os colonos em vários pontos do território.

O diretor consegue prender o telespectador à tela, do começo ao fim do filme, por meio de cenas líricas, como a da primeira conversa entre o padre Gabriel e os guaranis, iniciada pelo som de uma flauta, tocada por aquele jesuíta calmo e determinado (ao estilo Gandhi); de cenas fraternais, como a que capta a mão do ex-mercenário Rodrigo Mendoza, depois de sua conversão, acariciando crianças indígenas; e de cenas de ação, como a que mostra os combates encarniçados entre padres e índios, de um lado, e as tropas oficiais, de outro.

Com relação aos fatos históricos, em alguns momentos, o diretor adota uma postura idealista e descolada da realidade. Os guaranis mostrados no filme, por exemplo, são idênticos aos do período pré-colombiano; os que viviam nas missões do Sul cultivavam a erva-mate (não a banana), e sua aparência já não era a mesma de antes do contato com os jesuítas. A cena final (uma canoa com crianças Guarani, que sobreviveram à chacina, navegando livremente) também é fantasiosa, pois, como se sabe, a fúria colonizadora não costumava poupar crianças.

Convém não esquecer, porém, que, em História, não há versões definitivas. Visto como uma das versões da tragédia missioneira, **A Missão** pode e deve servir para estimular e ampliar o debate sobre o tema.

ENCAMINHAMENTO

- Chamar a atenção dos alunos para a estrutura das missões.
- Discutir o papel das missões no processo de proteção aos indígenas.
- Analisar as missões dentro do contexto da União Ibérica.
- Conhecer as atividades desenvolvidas pelos indígenas nas missões.
- Destacar que a vida nas missões era organizada com base em rotinas que envolviam trabalho, oração, estudo e lazer.
- Ressaltar aos alunos o fato de os jesuítas terem sido os primeiros a introduzir a educação escolar no Brasil.

Dialogando

a) 1) igreja; 3) colégio; 7) praça: centro de convivência.

b) 5) oficinas; 9) pomar; 10) horta; 11) curral.

IMAGENS EM MOVIMENTO

- MISSÕES jesuíticas. Duração: 4min48s. Disponível em: <http://livro.pro/oi3b6z>. Acesso em: 26 set. 2018.

Vídeo sobre a missão de São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul.

- MISSÕES: uma história guarani-jesuítica. Duração: 9min21s. Disponível em: <http://livro.pro/waojhn>. Acesso em: 26 set. 2018.

Esse vídeo conta a história dos Guarani dos Sete Povos, localizados no atual Rio Grande do Sul, abordando a Guerra Guaranítica, a desagregação dos povoados e as atuais condições de vida dos Guarani.

Texto de apoio

As missões

Vindos à América do Sul com um projeto claro de reduzir os grupos indígenas que encontrassem, catequizando e politizando-os, os jesuítas foram progressivamente obrigados a negociar com eles.

[...]

Mas de que maneira ganhou sustentação política e material o projeto da Companhia de Jesus de catequizar grupos indígenas no sul da América? Por que meios pôde tornar-se realidade um projeto em que poucas centenas de padres jesuítas seriam responsáveis por convencer centenas de milhares de indivíduos a abandonarem suas crenças e visões de mundo?

GERSON SOBREIRA/ TERRASTOCK

Escultura em madeira policromada feita por indígenas dos Sete Povos das Missões.

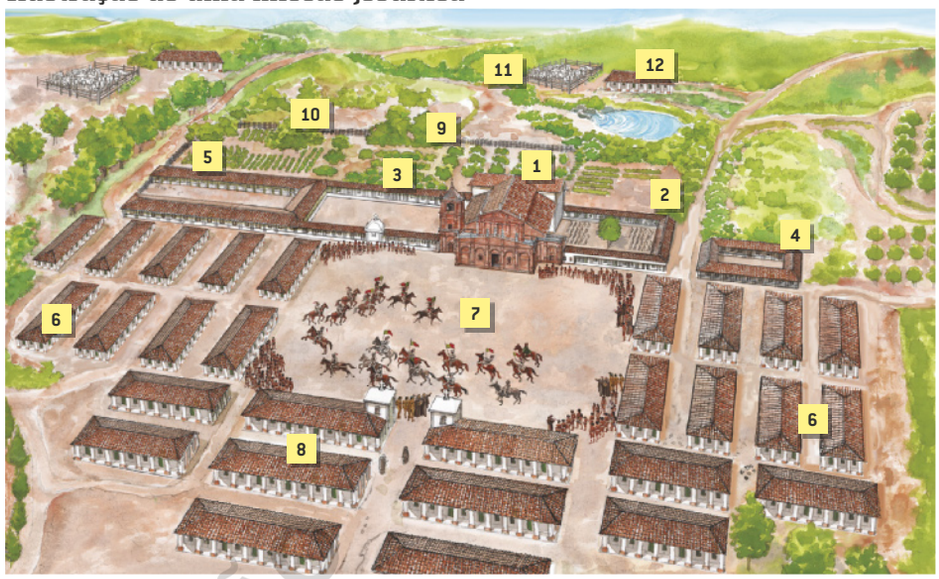
Nas missões, os indígenas cultivavam cereais, frutas e erva-mate; extraíam da floresta cacau, baunilha, guaraná e plantas medicinais; produziam tecidos, mobílias e esculturas de madeira etc. Vários desses produtos eram exportados para a Europa, com grande lucro. E tinham também um tempo reservado ao lazer e ao estudo.

Povoando vários pontos do interior brasileiro, as missões jesuíticas contribuíram para a ampliação e a conquista do território da América portuguesa.

Dica!

Os primeiros tempos. Duração: 9min53s. Disponível em: <http://livro.pro/2oebnh>. Acesso em: 25 set. 2018. Vídeo sobre a trajetória dos jesuítas como missionários e educadores.

Ilustração de uma missão jesuítica



GETULIO DELPHIM

1. Igreja.
2. Cemitério.
3. Colégio.
4. Cotiguaçu: abrigo para idosos, viúvas e órfãos.
5. Oficinas.
6. Moradias.
7. Praça: centro de convivência.
8. Cabildo: local de reunião das lideranças.
9. Pomar.
10. Horta.
11. Curral.
12. Estrebaria.

DIALOGANDO

a) Dentre os locais numerados, quais eram usados pelos jesuítas para reunir e/ou catequizar os índios?
b) Em quais locais os habitantes das missões produziam aquilo de que precisavam para viver?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

[...]

O início das atividades jesuíticas na América portuguesa se dá no ano de 1549. São famosas as cartas dos padres jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, desde meados do século XVI, relatando suas tentativas de conversão dos indígenas na colônia portuguesa. Cada novo projeto no qual se envolviam os jesuítas era uma nova missão dos membros da ordem. Portanto, as missões jesuíticas nasceram muito antes da fundação do primeiro dos Trinta Povos das Missões.

O que caracterizou as missões jesuíticas entre os povos indígenas, majoritariamente Guarani, no sul da América, foi a grandiosidade de sua proposta e uma mais complexa articulação de esforços políticos, institucionais e logísticos, imprescindíveis à sua realização. [...]

BOTELHO, André Amud; VIVIAN, Diego; BRUXEL, Laerson. **Museu das Missões**. Brasília, DF: Ibram, 2015. p. 17-19. (Coleção Museus do Ibram). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/Museu-das-Missoes.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

A criação de gado

A criação de gado foi a atividade mais importante para o povoamento dos sertões do Nordeste e das campinas do Sul, e muito contribuiu para a expansão territorial da América portuguesa.

JOÃO MACHADO/OLHAR IMAGEM

Vaqueiros no povoado de Campo Limpo. Sento-Sé, BA. 2013.

O gado no Nordeste

Introduzido no Nordeste pelo governador-geral Tomé de Sousa, o gado era usado, sobretudo, para mover a moenda dos engenhos e transportar cana. Por isso, inicialmente era criado no próprio engenho.

No entanto, com o crescimento dos rebanhos, os animais passaram a ser vistos como um estorvo, pois pisoteavam as plantações e ocupavam terras úteis ao plantio de cana. Então, senhores de engenho passaram a criar seus rebanhos em áreas vizinhas às suas propriedades. Em 1701, o próprio rei de Portugal proibiu a criação de gado no litoral, pois também tinha interesse em lucrar com o açúcar. Tudo isso contribuiu para o avanço do gado pelo sertão.

Observe no mapa a seguir os caminhos do gado na época.

O gado tinha a vantagem de locomover-se sozinho, sobreviver em regiões áridas, exigir pouca mão de obra e fornecer alimentação nutritiva, além do couro.

A expansão das fazendas de gado acompanhou o curso dos rios nordestinos, com destaque para dois deles: o rio **São Francisco**, chamado "rio dos currais", ou "Velho Chico", e o **Rio Parnaíba**, que facilitou a ocupação do Piauí, estado colonizado do interior para o litoral.

Caminhos do gado (séculos XVI a XVIII)

Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. **Atlas histórico escolar**. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 24.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

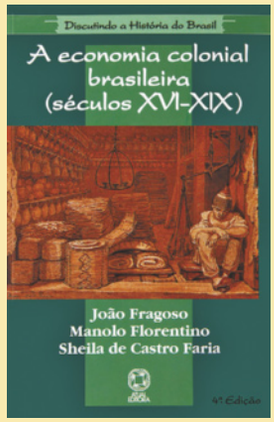
ENCAMINHAMENTO

- Identificar os fatores que contribuíram para a expansão da criação de gado.
- Chamar a atenção para a proibição real à criação de gado no litoral.
- Analisar o papel da criação de gado no cenário da economia colonial.
- Destacar que a expansão do gado pelo sertão foi um processo conflituoso, marcado por lutas sangrentas entre os criadores luso-brasileiros e os indígenas. Com o auxílio dos bandeirantes paulistas, os criadores venceram a resistência indígena e o sertão foi ocupado pelas fazendas de gado.

Dica de leitura

- FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.

Na época em que foi publicada, essa obra significou um marco nos estudos sobre a história e a economia colonial. Seus autores inovaram ao comprovar a relevância do mercado interno na colônia e os vínculos estreitos que manteve não apenas com a Europa, mas também com a África.



EDITORA ATUAL

Texto de apoio

As produções agropecuárias e o mercado interno

A criação de gado, uma das principais atividades econômicas, ligava-se necessariamente ao mercado interno, não sendo os animais destinados somente à alimentação, mas também ao trabalho. Engenhos eram movidos, na maioria dos casos, à força animal; o transporte, quase sempre terrestre, mesmo para o escoamento de artigos de agroexportação, tinha bois e mulas como força motriz; o trabalho nas unidades agrárias tornava imprescindível a utilização de animais de tração.

Em suma, a pecuária era um setor básico para o funcionamento da economia como um todo. Dessa forma, veem-se amplas áreas especializadas nessa atividade, como o sertão do rio São Francisco até os rios Tocantins e Araguaia, amplas áreas do Piauí, do Maranhão, o sertão da Bahia, os campos de Curitiba, o litoral do norte fluminense, a capitania da Paraíba do Sul e a Comarca do Rio das Mortes (atual sul de Minas Gerais). [...]

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1988. p. 58-59.

ENCAMINHAMENTO

- Comentar que, com o advento da mineração no Centro-Sul, os habitantes das minas passaram a comprar animais de carga (cavalos, mulas, jumentos) do Sul. As pastagens da região foram, então, alvo de violentas disputas.
- Ressaltar que, inicialmente, os rebanhos eram reunidos em **invernadas**, pastagens rodeadas de obstáculos naturais onde o gado engordava, aguardando pelo momento de seguir viagem. Com o tempo, as terras foram cercadas e formaram-se as **estâncias**.
- Destacar que, posteriormente, os estancieiros aprenderam a produzir o charque: abatiam o animal e cortavam, salgavam e secavam a carne para que se conservasse por mais tempo. Isso permitiu a venda da carne para várias partes da colônia, bem como para o exterior. A maior parte da produção, contudo, era voltada para o mercado interno.

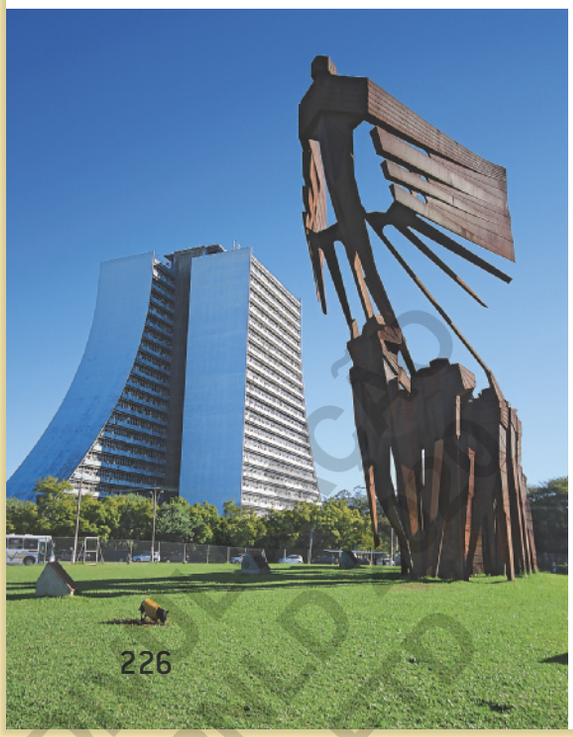
O gado no Sul

Com a destruição das missões jesuíticas de Guairá pelos bandeirantes, o gado das missões espalhou-se pelas campinas do Sul. E como nessa área o pasto é de excelente qualidade, em pouco tempo o número de mulas, cavalos, bois e vacas cresceu rapidamente. Atraídos por esses imensos rebanhos sem dono, moradores de São Paulo, de Desterro (atual Florianópolis) e de Laguna (SC) passaram a disputá-los. Eles caçavam o gado selvagem, consumiam a carne e o leite e exportavam o couro, iniciando assim a ocupação do Sul.

O rei de Portugal também se interessou pelo Sul e mandou erguer um povoado na margem esquerda do rio da Prata – a **Colônia do Sacramento** (1680). A imensa área entre essa colônia, no extremo sul, e Laguna, no litoral catarinense, era considerada "terra de ninguém", onde o gado se reproduzia livremente.

Com a descoberta do ouro nas minas gerais, a população das minas passou a necessitar de animais de carga, pois os carros de bois não conseguiam circular pelas ladeiras acidentadas da região. Então, o Sul passou a fornecer para a região mineira mulas, jumentos, bois, vacas e o valioso charque (carne-seca).

Interessada nas riquezas da região Sul, em 1737, a monarquia portuguesa mandou fundar o Forte do Rio Grande de São Pedro. Três anos depois, para reforçar sua presença no Sul, enviou para a região 4 mil **açorianos** e concedeu a cada família um pequeno lote de terra, armas, instrumentos agrícolas, sementes e animais. Os açorianos ergueram diversas vilas, dentre elas **Porto dos Casais**, atual Porto Alegre, que se tornou a capital do atual Rio Grande do Sul.



GUILHERME ARTIGAS/FOTOARENA

Monumento aos açorianos. Porto Alegre, RS, 2015.

Açoriano: habitante da ilha dos Açores, pertencente a Portugal e localizada no oceano Atlântico.

+ATIVIDADES

- Leia o texto a seguir com atenção. Em seguida, responda ao que se pede.

[...] A alimentação básica da colônia, tanto para homens livres como para escravos, eram o charque e a farinha de mandioca, seguidos da farinha de milho, do trigo, do feijão e dos demais produtos regionais. Em Minas Gerais, por exemplo, era mais comum a farinha de milho que a de mandioca. Mas foi a pecuária, sem dúvida, a produção que gerou investimentos de vulto e se espalhou por diversos pontos coloniais. Assim, vemos essa atividade no sertão da Bahia, nos campos de Curitiba, no litoral norte do Rio de Janeiro, na Comarca do Rio das Mortes (em Minas Gerais) e, principalmente, nas amplas pastagens dos pampas gaúchos. Não era só para alimentação que a pecuária se desenvolvia. Na colônia, muito se fazia com a força animal, desde impulsionar moendas até o transporte de mercadorias. [...]

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia brasileira**: economia e sociedade. São Paulo: Moderna, 2004. p. 72.

a) Segundo a autora, qual era a alimentação básica na colônia?
Era a carne de charque, a farinha de mandioca, a farinha de milho, o trigo, o feijão e os demais produtos regionais.

b) De acordo com a autora, por que a pecuária era considerada mais importante do que a produção de outros gêneros alimentícios, como a farinha, por exemplo?
Porque foi a produção que gerou maiores investimentos e se espalhou por diferentes regiões do país.

c) Analisando o texto, é possível afirmar que a pecuária ficou restrita apenas ao Nordeste? Justifique.
Não, ela esteve presente também em Curitiba, Minas Gerais, Rio de Janeiro, nos pampas gaúchos, entre outros locais.

d) De acordo com o texto, além do seu uso na alimentação, que outras utilidades tinha o gado?
O gado servia de força motriz e como transporte.

DISPONÍVEL

As novas fronteiras da América portuguesa

Como você acabou de ver, os luso-brasileiros avançaram sobre as terras que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertenciam à Espanha. O governo português, então, buscou legalizar os territórios conquistados por meio de uma série de acordos internacionais. Os mais importantes foram:

- **Tratado de Madri** (1750), assinado entre Portugal e Espanha. Estabelecia que a Colônia do Sacramento pertencia à Espanha. Em troca, Portugal recebia a área de **Sete Povos das Missões**, sete grandes aldeamentos organizados pelos jesuítas espanhóis, onde viviam cerca de 30 mil índios da nação guarani. Pelo Tratado de Madri, os jesuítas deveriam abandonar as missões com seus móveis e bagagens, levando consigo os índios. O território das missões e as casas ficariam com os portugueses.

Os Guarani não aceitaram a ideia de ter de se mudar das terras em que viviam. A maioria dos jesuítas também não; eles argumentavam que, além de serem livres, os Guarani eram donos do território e que nem Portugal nem Espanha tinham direito a ele. Incentivados por jesuítas, os indígenas pegaram em armas contra soldados portugueses e espanhóis, impedindo que se cumprisse o acordo. Tinha início, assim, a **Guerra Guaranítica** (1754-1756).

FERNANDO BUENO/PULSAR IMAGENS

Em pouco tempo, a guerra se transformou em um massacre, pois os portugueses e espanhóis montaram um exército numeroso, com armas de pequeno porte e canhões. Os espanhóis, vindos de Buenos Aires e Montevidéu, atacaram pelo sul; os luso-brasileiros, enviados do Rio de Janeiro, avançaram pelo rio Jacuí. Os dois exércitos se juntaram na fronteira com o Uruguai e venceram a resistência indígena ocupando Sete Povos, em maio de 1756.

Sete Povos das Missões: território que abrangia as atuais cidades de São Borja, São Miguel, São Nicolau, Santo Ângelo, São Luís Gonzaga, São Lourenço e São João, situadas no Rio Grande do Sul.

Uma das principais lideranças indígenas na Guerra Guaranítica foi Sepé Tiaraju, que lutou tenazmente em defesa do direito dos Guarani ao território de Sete Povos das Missões. Para o movimento indígena do Brasil, Sepé foi uma das principais lideranças da História do Brasil. São Miguel das Missões (RS), 2017.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

As missões jesuíticas no Sul

[...] Do ponto de vista português, os Trinta Povos das Missões foram historicamente encarados como iniciativas que haviam se adequado às estratégias de ocupação territorial espanhola, em contraposição às intenções portuguesas. Eram vistos, por isso, como um entrave à consolidação portuguesa na região.

Na Europa, os interesses jesuítas eram cada vez mais postos em questão. Muitos, e aí podemos incluir Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro português, acusavam os jesuítas de acumularem riquezas na América do Sul. Segundo seus detratores portugueses e espanhóis, os jesuítas insuflavam os Guarani a resistirem ao conjunto de deveres impostos pelas metrópoles.

O próprio fato de a língua guarani ser aquela adotada pelos indígenas e padres jesuítas nas reduções tornou-se um ponto de discórdia no quadro de tensão que passou a envolver os jesuítas, Espanha e Portugal.

ENCAMINHAMENTO

- Identificar as características do Tratado de Madri.
- Comentar com os alunos que os Guarani e jesuítas resistiram à ideia de abandonar as missões.
- Relacionar a assinatura do Tratado de Madri com a Guerra Guaranítica.
- Analisar as consequências da Guerra Guaranítica.
- Aprofundar o assunto acessando os textos: CARTOGRAFIA da Guerra Guaranítica. Disponível em: <http://livro.pro/uxm2d7>; e TRATADO de Badajoz. Disponível em: <http://livro.pro/g5gnwm>. Acessos em: 26 set. 2018.

A partir da assinatura do Tratado de Madri, em 1750, que inviabilizara a experiência das missões no Brasil, outros atos se somaram até o fim do que tinham sido os Trinta Povos das Missões. Em 1761, o modelo de administração das reduções em território espanhol foi revisto: os jesuítas foram substituídos por representantes da Coroa espanhola. Até o fim da década de 1760, além de terem visto o fim das missões na América do Sul, os jesuítas foram expulsos de Portugal no ano de 1759, da Espanha em 1767 e do continente americano em 1768.

Houve tentativas de resistência indígena ao processo de esvaziamento das reduções. Depois de assinado o Tratado de Madri, parte da população dos povoados recusou-se a deixar suas casas e o modelo de organização social das missões, opondo-se ao processo de demarcação das novas fronteiras estabelecidas pelo acordo. A esse movimento de resistência, Espanha e Portugal respondem com violência e configura-se o que ficou conhecido como as Guerras Guaraníticas. As batalhas duraram do ano de 1754 ao de 1756 e são descritas por estudiosos como uma grande sucessão de massacres de indígenas pelas tropas ibéricas.

BOTELHO, André Amud; VIVIAN, Diego; BRUXEL, Laerson. **Museu das Missões**. Brasília: Ibram, 2015. p. 30-31. (Coleção Museus do Ibram). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/Museu-das-Missoes.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

ENCAMINHAMENTO

- Compreender os Tratados de Santo Ildelfonso e de Badajós.
- Comentar com os alunos que as fronteiras definidas pelo Tratado de Badajós guardam semelhanças com as do Brasil atual.
- Propor a análise do mapa da página, estimulando os alunos a refletirem sobre as mudanças nas fronteiras de 1494 (Tordesilhas) a 1801 (Badajós).

IMAGENS EM MOVIMENTO

- EVOLUÇÃO territorial do Brasil. Duração: 1min18s. Disponível em: <http://livro.pro/r4uboa>. Acesso em: 26 set. 2018.

Animação que mostra a evolução do território brasileiro ao longo do tempo.

- A FORMAÇÃO das fronteiras do Brasil. Duração: 5min13s. Disponível em: <http://livro.pro/3xepwz>. Acesso em: 26 set. 2018.

O vídeo apresenta a formação do território brasileiro, iniciando com a assinatura do Tratado de Tordesilhas e indo até o Tratado de Madri.

AUDIOVISUAL

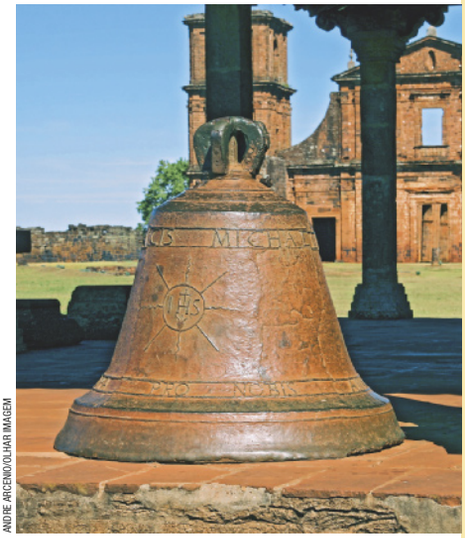
A formação do Brasil e da identidade nacional.

Nesse vídeo, Luiz Carlos Villalta, professor da UFMG, comenta sobre o processo de formação do Brasil e da identidade nacional.

Com o final da Guerra Guaranítica, as tensões entre Portugal e Espanha voltaram a se intensificar.

- **Tratado de Santo Ildefonso** (1777), assinado entre Portugal e Espanha. Os espanhóis obtinham o território de Sete Povos das Missões e da Colônia do Sacramento e devolviam a Portugal algumas terras que haviam ocupado no atual Rio Grande do Sul. Considerando-se prejudicados, os portugueses exigiram da Espanha um novo acordo.
- **Tratado de Badajós** (1801), assinado entre Portugal e Espanha. Os portugueses ficavam com o território de Sete Povos das Missões e a Espanha garantia para si a Colônia do Sacramento.

Como se pode ver no mapa, as fronteiras estabelecidas pelo Tratado de Badajós eram bem parecidas com as fixadas pelo Tratado de Madri. Consolidava-se, assim, a formação histórico-geográfica da América portuguesa.



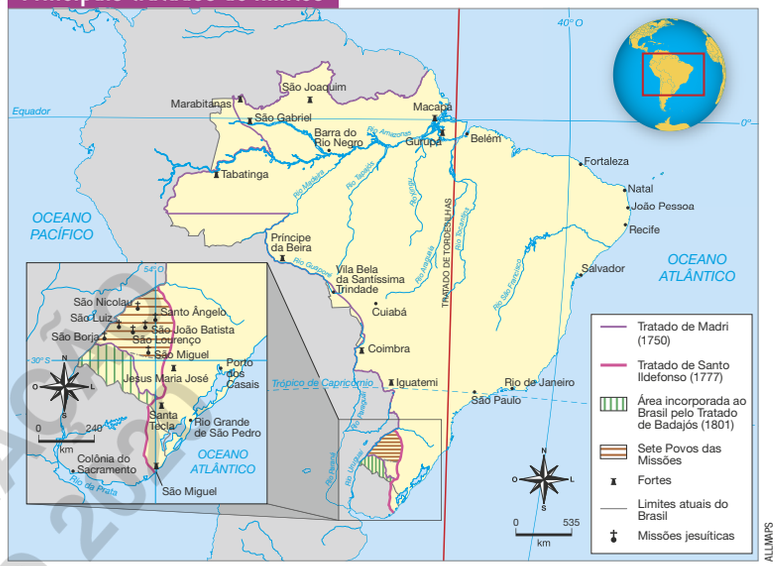
ANDRÉ ARCENIO/OLHAR IMAGEM

Ruínas do Sítio Arqueológico São Miguel das Missões (RS) em uma fotografia de 2011. No ano de 1983, a Unesco declarou essas ruínas patrimônio histórico da humanidade.

Dica!

A formação das fronteiras do Brasil. Duração: 5min13s. Disponível em: <http://livro.pro/3xepwz>. Acesso em: 26 set. 2018. O vídeo apresenta a formação do território brasileiro, iniciando com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, até o Tratado de Madri.

Principais tratados de limites



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de et al. **Atlas histórico escolar**. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 30.

DIVULGAÇÃO PNLD 2021 FTD

+ATIVIDADES

- Complete o quadro a seguir com as informações sobre os tratados e quem os assinou.

Nome do tratado	Ano	Quem assinou	O que definia
Tratado de Madri	1750	Portugal e Espanha	Definia que a Colônia do Sacramento pertencia à Espanha e que Sete Povos das Missões pertencia a Portugal.
Tratado de Santo Ildefonso	1777	Portugal e Espanha	A Espanha ficava com Sete Povos das Missões e com a Colônia do Sacramento e devolvia a Portugal algumas terras do atual Rio Grande do Sul.
Tratado de Badajós	1801	Portugal e Espanha	Os portugueses ficavam com Sete Povos das Missões, e a Espanha recebia a Colônia do Sacramento.

PARA REFLETIR

Brasil: terra de muitos povos

O Brasil absorveu diversos povos e culturas ao longo de sua formação histórica; por isso, é conhecido por ser um país multiétnico e pluricultural. Dentre os povos formadores do Brasil estão, em ordem cronológica, os indígenas, os portugueses e os africanos.

Em 1500, quando os portugueses aqui chegaram, os indígenas eram muitos e possuíam culturas e línguas próprias, que foram e continuaram sendo importantes na nossa formação histórica. Os portugueses, por sua vez, traziam na sua bagagem uma língua rica, uma forma de governo (a Monarquia) e a religião católica, que foram igualmente importantes.

Depois, foi a vez de os africanos entrarem no Brasil. Eles foram trazidos de diferentes pontos da África, a partir do século XVI, para trabalhar e também marcaram profundamente nossos modos de agir, falar, pensar e sentir.

FABIO COLOMBINI

Menina indígena, 2011.

A.R. PHOTO/SHUTTERSTOCK.COM

Mulher portuguesa, 2016.

FILIPE FRAZAO/SHUTTERSTOCK.COM

Mulher afrodescendente, 2016.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio

Brasil: 500 anos de povoamento

[...] Marcado pela unidade da língua e pela manutenção da integridade territorial da antiga América Portuguesa, o Brasil foi capaz de absorver inúmeras nacionalidades e culturas ao longo de sua formação histórica.

[...]

[...] antes de tudo, os três grandes formadores, pela ordem: índios, portugueses, africanos. Mas dizer três é dizer pouco ou quase nada. Porque o mundo dos índios era de extrema diversidade, e a clássica diferenciação entre tupis e tapuias não resolve o assunto. Vários troncos linguísticos, inúmeros idiomas e culturas, assim foi o mundo indígena na Colônia, no Império e mesmo hoje, quando processos de etnogênese permitem recriar culturas que se supunha mortas. Algo de semelhante se pode dizer das africanidades, nagôs, bantos e as inúmeras "nações" que povoaram o Brasil, cativas. Nem por isso deixaram de imprimir poderosa marca cultural, para dizer o mínimo, a ponto de Gilberto Freyre tê-los considerado, aos negros, como os "colonizadores africanos do Brasil". Entre índios e negros, culturalmente diversos, os portugueses despontam como o agente colonizador por excelência. Pois foi de Portugal que vieram as instituições oficiais [...].

O tempo só fez complexificar o imbróglio de nossas nações. E, à guisa de exemplo, incluímos os espanhóis, que já na Colônia imprimiram sua marca, ora nas fronteiras do sul, ora em toda parte, no tempo da dominação filipina (1580-1640). [...] Mas os castelhanos colonizadores de outrora virariam os galegos imigrantes dos séculos XIX e XX, inspirando a República dos Sonhos de Nélida Piñon.

Entre portugueses e castelhano-galegos, despontaram os judeus, cuja presença no Brasil foi extraordinária. Primeiramente sob o rótulo de cristãos-novos, posto que, desde 1497, haviam sido convertidos ao catolicismo por decreto de D. Manuel, o Venturoso. Se os cristãos-novos do Brasil judaizavam ou não em segredo, eis um mistério difícil de resolver. Mas não deixa de ser curioso o fato de que chamavam de cristãos-novos, em Portugal e no Brasil, descendentes de judeus convertidos havia três séculos! Com razão a historiadora Anita Novinsky disse certa vez que o cristão-novo nunca envelhecia: continuava "novo", mesmo que católico há várias gerações. [...] o Brasil receberia novas levas de judeus ao longo do século XIX e sobretudo no XX, migrações inscritas no contexto europeu, de que a ascensão do nazismo seria capítulo crucial.

RESPOSTAS

a) País multiétnico: que abriga uma diversidade de etnias; país pluricultural: que abriga uma diversidade de culturas.
b) Resposta pessoal.
c) Resposta pessoal.

ANTONIO SAIBA/CULTURA EXCLUSIVE/GETTY IMAGES

Senhor italiano, 2015.

No século XIX, entraram no Brasil milhares de europeus, com destaque para os italianos e os alemães, que também fizeram história entre nós. Aqui, esses imigrantes enfrentaram duras condições de trabalho, tanto nos cafezais paulistas quanto no Sul do Brasil. Muitos italianos reagiram aos maus-tratos no campo indo para as cidades em busca de trabalho na indústria, que então se desenvolvia. Já os alemães eram protestantes e vieram para o Brasil para viver em colônias agrícolas, como São Leopoldo (RS) e Blumenau (SC). Os alemães tinham pouco contato com a sociedade brasileira e conservaram por mais tempo a cultura e as visões de mundo trazidas de seu país de origem.

Os japoneses foram considerados distantes em tipo físico, religião e língua. Apesar disso, por se acreditar na importância do trabalho deles para o progresso do Brasil, foram aceitos no país. Começaram a chegar em 1908 e inicialmente foram para o interior de São Paulo, onde introduziram novas técnicas agrícolas e novos plantios.

Posteriormente, para fugir do **nazismo**, entraram no Brasil os judeus, e mais tarde um pouco, em consequência da Segunda Guerra Mundial, vieram os árabes cristãos. Tanto os judeus quanto os árabes preferiam viver em cidades e destacaram-se como mascates, empresários, profissionais liberais e políticos.

As trocas culturais havidas entre todos esses povos ajudam a explicar a intensa mestiçagem cultural presente hoje no território brasileiro.

MARCOS ANDRÉ/OPÇÃO BRASIL IMAGENS

Senhora japonesa, 2013.

a) O texto afirma que o Brasil é um país **multiétnico** e **pluricultural**. Caracterize esses dois termos, usando suas palavras.
b) Observe os alunos de sua escola e responda: todos eles são descendentes de um mesmo grupo humano? Se a resposta for não, de quais grupos eles descendem?
c) E você, de que grupo descende: indígena, europeu, africano ou asiático?

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

Texto de apoio (continuação)

Em nossa seleção das "nações" que povoaram o Brasil, incluímos algumas que, imigrando entre os séculos XIX e XX, deixaram marca profunda em vários aspectos. Duas provenientes da Europa, os italianos e alemães; as outras duas do Oriente, do médio e do extremo: árabes e japoneses.

A história dos italianos é a da imigração de colonos para a cafeicultura paulista, desdobrada depois no trabalho urbano do nascente operariado. Mas é também a história dos Matarazzo, os "*self-made men*" que acumularam bens, entre práticas e lendas, tornando-se empresários de enorme influência em São Paulo e no sul do País. A história dos alemães é parecida, embora mais apegada às colônias agrícolas relativamente autônomas do sul e menos "abrasileiradas" do que a dos imigrantes italianos. Uns e outros passaram pelas agruras da II Guerra, depois de muitos deles terem aderido de coração ao nazifascismo em um país que custou a se decidir de que lado ficaria no conflito mundial.

Entre os imigrantes árabes, predominaram, não os muçulmanos, como alguns supõem, mas cristãos, parte ortodoxa, parte católica. Imigração não estimulada por políticas colonizatórias, como no caso germânico ou italiano, e que se dirigiu sobretudo para as cidades, notadamente São Paulo. Dela saíram "mascates", depois empresários de porte, finalmente políticos de peso. [...]

De todo modo, é caso de insistir: são todos brasileiros, neutralizando a autêntica "Babel cultural" que caracterizou a formação histórica do Brasil, em termos de línguas, costumes e crenças. [...]

IBGE. **Brasil**: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2007. p. 13-15. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

ATIVIDADES

I Retomando

1. Leia o texto com atenção:

> **A origem e a construção**
>
> A história da Fortaleza dos Reis Magos se confunde com a própria história potiguar. Sua construção foi iniciada no dia 6 de janeiro de 1598, quase dois anos antes da fundação da cidade de Natal. Após muitas dificuldades e imprevistos e sob constante ameaça de índios e de invasores franceses, foi considerada concluída em 1628. Projetada nos padrões da época, assemelha-se a uma estrela de cinco pontas. Sua posição estratégica permitia observar o oceano, o rio Potengi e as matas vizinhas. [...]
>
> Potiguar: rio-grandense-do-norte.
>
> **Revista Nossa História**, ano 3, n. 27, p. 28, jan. 2006.

a) O texto que você acabou de ler confirma ou nega o afirmado no capítulo sobre a história do Rio Grande do Norte? Explique.

b) O lugar escolhido para a construção do Forte dos Reis Magos foi estratégico? Explique.

c) Relacionando o texto ao capítulo, explique o que levou os portugueses à decisão de construir a Fortaleza dos Reis Magos.

2. Sobre a ação de piratas e corsários no litoral brasileiro:

a) Como o governo luso-espanhol reagiu?

b) Copie em seu caderno a ficha e preencha-a com os nomes das cidades que se formaram em torno dos fortes.

Nome do forte	Data	Cidade
Forte de Filipeia de Nossa Senhora das Neves	1585	
Forte dos Reis Magos	1598	
Forte de São Luís	1612	
Forte de Schoonenborch	1649	
Forte do Presépio de Santa Maria de Belém	1616	
Forte de São José do Rio Negro	1669	

NÃO ESCREVA NO LIVRO. FAÇA EM SEU CADERNO.

c) Explique a importância desses fortes para a formação histórico-geográfica do território da América portuguesa.

DIVULGAÇÃO PNLD 2019 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Confirma, pois, segundo o texto, a história da Fortaleza dos Reis Magos, que está relacionada à origem de Natal, se confunde com a história "potiguar", isto é, com a história do Rio Grande do Norte.
   b) O lugar escolhido foi estratégico, pois permitia a quem estivesse na fortaleza observar o oceano, o rio Potengi e as matas vizinhas.
   c) Foi a presença constante de piratas nas costas brasileiras, que, como se sabe, são extensas, o que facilitava a ação dos piratas.
2. a) O governo luso-espanhol reagiu enviando expedições e construindo fortes em pontos estratégicos do território colonial.
   b) João Pessoa (capital da Paraíba); Natal (capital do Rio Grande do Norte); São Luís (capital do Maranhão); Fortaleza (capital do Ceará); Belém (capital do Pará); Manaus (capital do Amazonas).
   c) Os fortes coloniais foram importantes no combate à pirataria e para a conquista portuguesa do território colonial.

Texto de apoio

Conjunto de fortificações do Brasil

O conjunto de fortificações implantado pelos europeus no Brasil teve suas origens em um processo de ocupação do território próprio, diferenciado das outras potências coloniais. Baseava-se em um esforço descentralizado, oriundo de ações dos próprios moradores das diferentes capitanias que formariam o Brasil, sem uma maior intervenção da metrópole. Isso resultou na construção de centenas de fortificações, espalhadas por todo o território nacional, edificadas para atender mais a interesses locais do que aos da metrópole.

Marcam não apenas a presença de vilas e cidades de origem lusitana, mas também o contato entre diferentes culturas. Muitas construções defensivas e povoações foram feitas onde existiram populações indígenas, enquanto fortes franceses, ingleses, holandeses e espanhóis foram destruídos não por forças enviadas da metrópole, mas por residentes no Brasil. Estes se mobilizaram sem uma diretiva maior vinda da Europa, marcando a formação de um território com língua e identidade própria, diferentes das de todos os outros existentes no Novo Mundo, e que viria a ter uma extensão geográfica maior do que a do continente europeu.

Devido à própria natureza do esforço descentralizado oriundo de ações de pequenas comunidades, sem maior apoio do governo metropolitano português, o resultado foi uma diversidade de obras, com diferentes traçados, estilos e técnicas construtivas, que servem para demarcar a engenhosidade e criatividade dos habitantes em encontrar soluções únicas para lidar com condições ecológicas e culturais bem diferentes das existentes no Velho Mundo.

Ainda existem dezenas dessas fortificações luso-brasileiras, marcando a ação deles no estabelecimento dessa cultura única. [...]

IPHAN. **Conjunto de fortificações do Brasil**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/821>. Acesso em: 27 set. 2018.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

3. **Bandeiras**: expedições particulares que saíam geralmente de São Paulo com o objetivo de capturar índios e achar ouro e pedras preciosas.
   Sertanismo de contrato: tipo de bandeirismo que era posto em prática quando bandeirantes eram contratados para combater revoltas indígenas e quilombos.
   Missões: grandes aldeamentos indígenas organizados pelos padres jesuítas.
4. a) Pode-se concluir, basicamente, que a São Paulo do final do século XVI era uma vila relativamente pobre.
   Professor: apesar de algumas vozes contrárias, a maioria dos historiadores concorda que, até o início do século XIX, quando se iniciou a produção de café, São Paulo não conheceu nenhuma forma de riqueza estável. Lembre-se aqui de que, a partir de 1620, a cultura do trigo em São Paulo foi importante, apesar de ter durado pouco tempo.
   b) Espera-se que os alunos percebam que a pobreza dos paulistas contribuiu para o movimento bandeirante. Isolados no planalto e carentes de recursos materiais, os paulistas passaram a ver o sertão como um remédio para sua pobreza. Ver a respeito: LOPES, Eliane Cristina. **O revelar do pecado**: os filhos ilegítimos na São Paulo do século XVIII. 2. ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.
5. Nega. Os indígenas nunca aceitaram a escravidão pacificamente. Reagiam a ela por meio de rebeliões, fugas para o interior etc. Depois da destruição das missões de Guaíra, Itatim e Tape, por exemplo, os indígenas enfrentaram os bandeirantes, usando, inclusive, armas de fogo. Nessa luta venceram-nos em duas importantes batalhas: a de Caasapaguaçu, em 1638, e a de M'Bororé, em 1641.
6. Alternativa C.

3. Copie o quadro a seguir em seu caderno e preencha-o com os significados de:

Bandeiras	
Sertanismo de contrato	
Missões	

NÃO ESCREVA NO LIVRO. FAÇA EM SEU CADERNO.

4. Leia o texto com atenção.

> No período inicial de sua existência, ao término do século XVI, São Paulo contava aproximadamente com um mil e quinhentos habitantes e cento e cinquenta residências. O número de ruas era muito pequeno e em seus primórdios as casas eram meras choupanas cobertas por palha, substituídas posteriormente pelas construções de taipa com telhados.
>
> DAVIDOFF, Carlos. **Bandeirantismo**: verso e reverso. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 22.

a) O que se pode concluir com base nesse trecho?

b) Relacione a situação descrita no texto ao bandeirismo.

5. Durante muito tempo, os indígenas foram mostrados como seres passivos, que se renderam aos ataques dos bandeirantes sem reagir. O que você estudou neste capítulo confirma ou nega essa visão sobre os indígenas? Justifique em seu caderno.

6. Copie no seu caderno a alternativa correta: Qual destas definições expressa melhor o que foram as bandeiras?

a) Expedições financiadas pela Coroa, que se propunham exclusivamente a descobrir metais e pedras preciosas.

b) Movimento de fundo catequético, liderado pelos jesuítas, para a formação de uma nação indígena cristã.

c) Expedições particulares que apresavam os índios e procuravam metais e pedras preciosas.

d) Empresas organizadas com o objetivo de conquistar as áreas litorâneas e ribeirinhas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

7. O trecho a seguir diz respeito à sociedade que se formou em torno da pecuária no Nordeste e foi escrito por um historiador cearense. Leia-o com atenção e, a seguir, responda em seu caderno ao que se pede.

> De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó [bolsa de tiracolo] ou alforje [saco] para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para dar milho ao cavalo, a peia [correia] para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, [...] a roupa de entrar no mato, os banguês [equipamentos de transporte] para o curtume ou para apurar o sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couro puxado por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso [...].
>
> ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963. p. 586. (Biblioteca básica brasileira, v. 2).

PAULO ZUPPANI/PULSAR IMAGENS

Vaqueiro com gibão (vestimenta feita de couro). Juazeiro, BA, 2008.

a) Liste, com base no texto, as utilidades que o couro tinha para a sociedade que se formou em torno da pecuária no Nordeste.

b) O que se pode concluir pela leitura do texto?

8. (Enem/MEC) As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, [...] conclui-se que

a) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do rio Amazonas.

b) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.

c) o Tratado de Madri reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.

d) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

7. **a)** O couro servia para fazer portas, leitos ou camas, cordas, bolsas, sacos, mochilas, correias, bainhas e as roupas.
   b) Conclui-se que, no sertão do Nordeste, o couro era um elemento de grande importância na vida de seus habitantes.
8. Alternativa C.

Texto de apoio

A Batalha de M'Bororé (1641)

No ano de 1637, os jesuítas denunciaram a ação destruidora dos bandeirantes e a ameaça que eles representavam para a liberdade dos índios. O padre Montoya pediu ao rei espanhol autorização para usar armas de fogo a fim de defender as reduções dos ataques dos paulistas.

Em 1640, o bandeirante Pedroso de Barros, acompanhado de centenas de paulistas e alguns milhares de índios tupis, desceu até o Rio Grande com o objetivo de aprisionar uma grande quantidade de nativos aldeados. Na região do Tape, ele pretendia surpreender os guaranis, chegando em canoas pelo rio Uruguai. Entretanto, quando os paulistas atingiram o M'Bororé, afluente do rio Uruguai, eles é que foram surpreendidos. Cerca de quatro mil índios guarani os atacaram, usando armas de fogo e peças de artilharia. O combate ocorreu em 1641 e tornou-se um marco na história das reduções. Foi a primeira vitória dos índios contra os bandeirantes.

QUEVEDO, Júlio. **A guerra guaranítica**. São Paulo: Ática, 1996. p. 10.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

a) Ouro, pedras preciosas, terras e indígenas.
b) Os indígenas foram vistos como "invasores", quando, na verdade, eles reagiam à ocupação de suas terras.
c) Muitos deles foram mortos em razão das armas de fogo e das doenças contraídas no contato com os integrantes dessas expedições; além disso, esses grupos perderam a maior parte de seu território.
d) Resposta pessoal.

Professor: comentar com os alunos que os Pataxó, citados no texto, vivem atualmente em diversas aldeias ao longo do norte de Minas Gerais e na região sul da Bahia. Acesse o *site* <http://livro.pro/mzoadn>, para mais informações sobre os Pataxó.

Texto de apoio

Minas Gerais indígena: a resistência dos índios nos sertões

O ápice da violência, que colocou soldados e posseiros contra os índios no sertão mineiro, aconteceu não no início da corrida do ouro, como poderia se imaginar, mas durante a segunda metade do século XVIII na região oriental da capitania. Durante os séculos XVI e XVII, diversos grupos indígenas haviam se retirado para o interior, fugindo da colonização da costa. No século XVIII, a explosão da mineração provocou uma linha consolidada de construção de vilas e lugarejos coloniais a oeste desses grupos, definidos, *grosso modo*, pelo caminho que ia da vila de Matias Barbosa, ao sul, até Rio Pardo, ao norte. O resultado foi a criação de uma zona de refúgio nas florestas a leste da capitania. A conquista sistemática dessa região, conhecida como o sertão do leste (oriental), só foi iniciada após a diminuição da corrida pelas minas. Assim que as descobertas do ouro começaram a rarear, os colonizadores passaram a avançar para dentro das florestas. Alguns procuraram novas fontes de riqueza mineral, enquanto outros tentaram alternativas para a mineração em atividades na agricultura, no pastoreio e no comércio.

[...]

II Leitura e escrita em História

VOZES DO PRESENTE

O texto a seguir foi escrito pela historiadora Maria Leônia Chaves de Resende. Leia o texto com atenção.

Sertão mineiro loteado à força

As entradas [expedições militares] para os sertões de Minas foram movidas por um tripé de interesses: o ouro e as pedras preciosas e, por extensão, a terra (para o plantio de roças e controle sobre passagens e rotas comerciais) e os índios (mão de obra para a lavra mineral, agrícola, ou como trabalhadores domésticos). [...].

Não demorou para que, distorcendo a realidade, os índios fossem tachados de "invasores", o que justificou mais atos de violência. Agiam, na verdade, em defesa própria, reagindo à ocupação de suas terras. Os povos nativos – [...] Botocudo, Kamakã, Pataxó, [...] entre outros – encontraram-se, no fim, em minoria de armas e homens, atacados por doenças e reduzidos a uma pequena área geográfica.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. Invasões bárbaras. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 3, n. 34, p. 37, jul. 2008.

RENATO SOARES/PULSAR IMAGENS

Menina da nação pataxó. Reserva da Jaqueira. Porto Seguro, BA. 2015.

a) Segundo a autora, o que movia as expedições militares às Minas?

b) Como os grupos indígenas foram vistos pelos bandeirantes?

c) De que formas essas expedições afetaram os indígenas?

d) **Em grupo**: Cada grupo, orientado pelo professor, deve pesquisar a situação atual de um dos grupos indígenas do Brasil e, a seguir, apresentar o resultado da pesquisa à classe. Procure saber: quantos são; onde estão; seus meios de sobrevivência; principais problemas; o que os indígenas têm feito para enfrentá-los.

Indicação de *sites* para pesquisa:

- <http://livro.pro/hs8005>, <http://livro.pro/hs8006>, <http://livro.pro/8t6y6b>.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

A apropriação brusca da terra dos nativos do sertão do leste relativiza a alegação dos posseiros e dos oficiais da colônia de que os portugueses entraram na floresta virgem como mensageiros da civilização, forçados a usar a violência em autodefesa quando atacados pelos incorrigíveis "selvagens". Como o governador Luiz Diogo Lobo da Silva (1763-1768) colocou a questão, os soldados portugueses simplesmente procuravam "reduzir" os índios do sertão do leste "à paz e correspondência civil", de acordo com os decretos reais. Somente quando os métodos benevolentes do estado falhavam em moldar esses índios é que os soldados tinham permissão para "os submeter à referida obediência pelo meio da força" [...].

[...]

RESENDE, Maria Leônia Chaves de; LANGFUR, Hal. Minas Gerais indígena: a resistência dos índios nos sertões e nas vilas de El-Rei. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 8-10, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a02>. Acesso em: 27 set. 2018.

BIBLIOGRAFIA

A HISTÓRIA do chocolate. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alimentus/disciplinas/tecnologia-de-alimentos-especiais/chocolates/arquivos-chocolate/historico-do-chocolate>. Acesso em: 30 ago. 2018.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A magia das especiarias**: a busca de especiarias e a expansão marítima. São Paulo: Atual, 1999.

AMADO, Janaína; GARCIA, Franco Ledonias. **Navegar é preciso**. São Paulo: Atual, 1989.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222266>. Acesso em: 15 ago. 2018.

BARBOSA, Rogério Andrade. Os três irmãos (um conto africano). **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 18 nov. 2006. Folhinha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di18110620.htm>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). Art. 68. Título X. Ato das disposições constitucionais transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 ago. 2018.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. **Grandezas do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716)**. São Paulo: Atual, 1996.

CASTRO, Therezinha de. **História documental do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

DAVIDOFF, Carlos. **Bandeirantismo**: verso e reverso. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ESPÍNOLA, Rodolfo. **Vicente Pinzón e a descoberta do Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia brasileira**: economia e diversidade. São Paulo: Moderna, 2004.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro; GOUVÊA, Maria de Fátima. **O Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1.

FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de História**. Lisboa: Plátano, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2003.

GOODY, Jack. **Renascimentos**: um ou muitos? São Paulo: Unesp, 2011.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

GRUZINSKI, Serge. **A passagem do século (1480-1520)**: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GURGEL, Cristina. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 2010.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **O conceito de arte e os índios**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>. Acesso em: 5 jul. 2018.

KARNAL, Leandro. **A conquista do México**. São Paulo: FTD, 1996.

LIMA, Cinthia Almeida. Breves considerações sobre o humanismo de Giovanni Pico della Mirandola e Blaise Pascal. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, PUC-SP, São Paulo, v. 11, n. 20, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/36215>. Acesso em: 30 ago. 2018.

LOPES, Nei. **Kitábu**: o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

MANIFESTAÇÕES socioculturais indígenas. Formas de humanidade: guia temático para professores. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Disponível em: <http://www.vmptbr.mae.usp.br/uploads/TDMDownloads/downloads/downloads_580107ef898b4.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

MATTOS, Regiane A. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, Evaldo Cabral de. Imagens do Brasil holandês (1630-1654). **ARS (São Paulo)**, v. 7, n. 13, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202009000100011>. Acesso em: 30 ago. 2018.

MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). **O Brasil holandês**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MENINAS Black Power: "Não tenho vergonha de ser quem eu sou: negra". **Geledés**, 24 out. 2014. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/meninas-black-power-nao-tenho-vergonha-de-ser-quem-eu-sou-negra/#axzz3TdYHAQhJ>. Acesso em: 25 jul. 2018.

DUPLICAÇÃO PROIBIDA

235

MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2013.
NEVES, Ana Mara Bergamin; HUMBERG, Flavia Ricca. **Os povos da América**: dos primeiros habitantes às primeiras civilizações urbanas. São Paulo: Atual, 1996.
PAIS, Marco Antônio de Oliveira. **O despertar da Europa**: a Baixa Idade Média. São Paulo: Atual, 1992.
PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: FTD, 1992.
PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.
RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**: o império da pimenta e do açúcar. São Paulo: Contexto, 2006.
REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
REVISTA DE HISTÓRIA. São Paulo, n. 137, 1997.
REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, ano 3, n. 34, jul. 2008.
REVISTA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo, ano 3, n. 27, jan. 2006.
SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Os holandeses e o Brasil**. Coletânea de documentos históricos para o 1º grau: 5ª a 8ª séries. São Paulo: Imprensa Oficial, 1985.
SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **O encontro entre culturas**: europeus e indígenas no Brasil. São Paulo: Atual, 1994.
SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Sousa (Org.). **Negras imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp: Estação Ciências, 1996.
SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contrarreforma**: o cristianismo em crise. São Paulo: Atual, 1993.
SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC; Mari: Unesco, 1995.
SILVA, Luiz Geraldo. **O Brasil dos holandeses**. São Paulo: Atual, 1997.
SOUSA, Avanete Pereira. **A Bahia no século XVIII**: poder político e atividades econômicas. São Paulo: Alameda, 2012.
SOUSA, Avanete Pereira. **Salvador, capital da colônia**. São Paulo: Atual, 1995. (A vida no tempo).
SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.
TAVARES, Elaine. O provo Mapuche segue em luta. **IELA**, 5 jan. 2015. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/noticia/o-povo-mapuche-segue-em-luta>. Acesso: 20 jul. 2018.
THEODORO, Janice. **Descobrimentos e Renascimento**. São Paulo: Contexto, 1991.
TORRES, Adriana; PEREIRA, André. Ilustrações de Tibúrcio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
TOUCHARD, Jean. **História das ideias políticas**. Lisboa: Europa-América, 1970. v. 3.
TRADIÇÃO maia se populariza, mas descendentes estão esquecidos. **G1 Natureza**, 20 dez. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2012/12/tradicao-maia-se-populariza-mas-descendentes-estao-esquecidos.html>. Acesso em: 30 ago. 2018.
TUPINAMBÁ, Kaluanã. A história do povo Tupinambá de Olivença que não está nos livros. **Índios *on-line***, 22 ago. 2012. Disponível em: <http://www.indiosonline.net/ha-historia-do-povo-tupinamba-de-olivenca-que-nao-esta-nos-livros/>. Acesso em: 14 ago. 2018.
VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
VIEIRA, Antônio. **Cartas do padre Antônio Vieira coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo**. Tomo 1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4153>. Acesso em: 30 ago. 2018.
VIEIRA, Hugo Colheo; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas (Org.). **Brasil holandês**: história, memória e patrimônio compartilhado. São Paulo: Alameda, 2012.
VIEIRA, Leonardo. Historiadores traduzem única autobiografia escrita por ex-escravo que viveu no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 nov. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/historiadores-traduzem-unica-autobiografia-escrita-por-ex-escravo-que-viveu-no-brasil-14671795#ixzz3Kja8UxlC>. Acesso em: 30 ago. 2018.
WASSERMAN, Claudia (Coord.). **História da América Latina**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA PNLD 2020

236

América (político)

Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 37, 39, 41.

DIVULGAÇÃO PNLD 2020 FTD

237

África (político)

Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 45.

DIVULGAÇÃO FNDE 2023 FTD

238

Europa (político)

DIVULGAÇÃO PNLD 2018 FTD

Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 43.

239

240

Ásia (político)

Fonte: ATLAS geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 47, 49, 51.